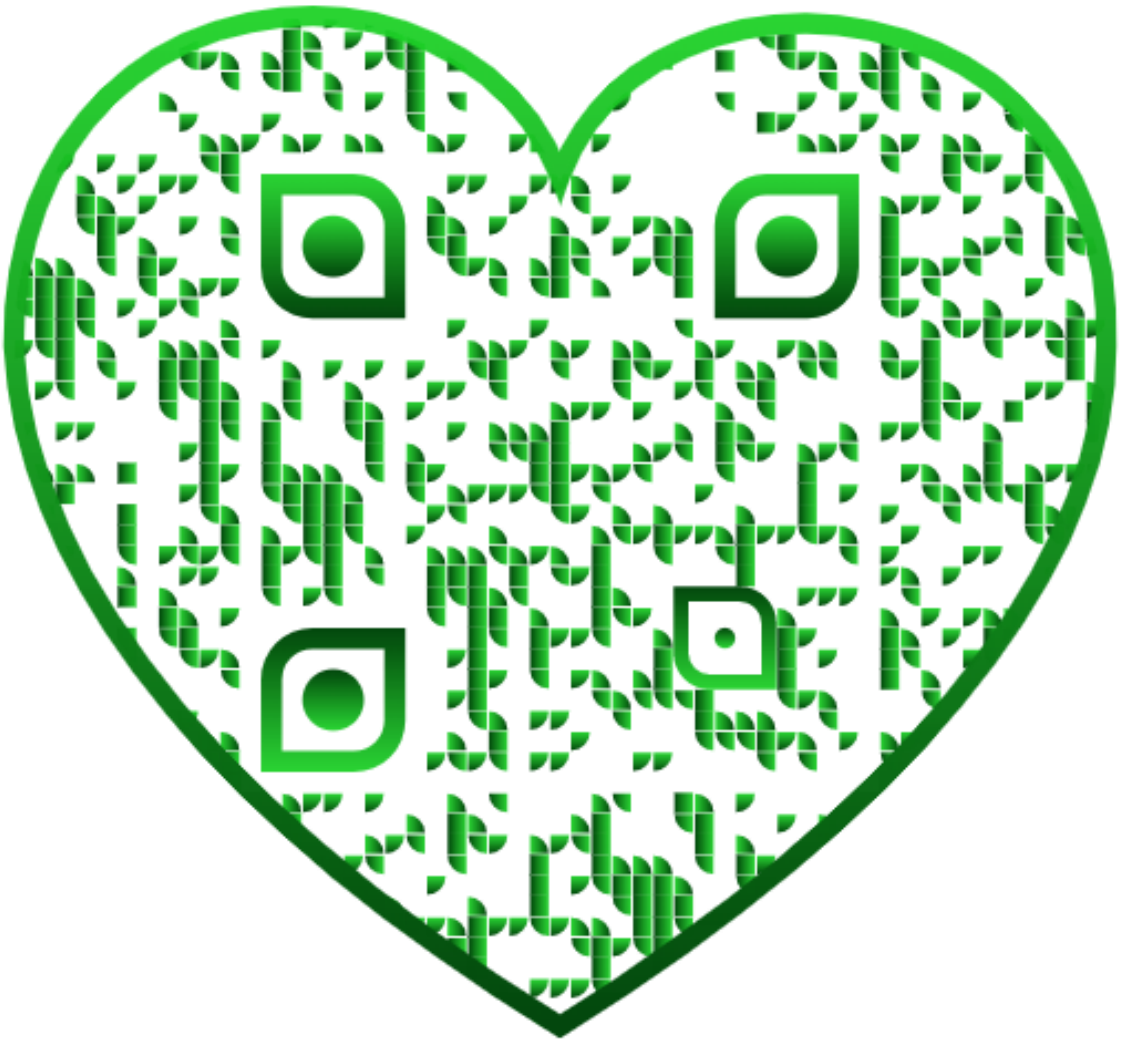
The Rolling Stones

CHRISTOPHER SANDFORD

A biografia definitiva

RECORD



The Rolling Stones

CHRISTOPHER SANDFORD

A biografia definitiva

Tradução de
CATHARINA PINHEIRO

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sandford, Christopher, 1902-1983
S198r The Rolling Stones [recurso eletrônico]: a biografia definitiva / Christopher Sandford; tradução Catharina Dantes de Carvalho Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.
recurso digital: il.

Tradução de: The Rolling Stones: fifty years
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sumário, Agradecimentos, Bibliografia, Nota
ISBN 978-85-01-05677-1 (recurso eletrônico)

1. Rolling Stones (Conjunto musical). 2. Grupos de rock - Inglaterra - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Pinheiro, Catharina Dantes de Carvalho. II. Título.

CDD: 927.8042
CDU: 929:78.067.26

14-14189

Título original em inglês: The Rolling Stones- Fifty Years

Copyright © Christopher Sandford, 2014

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-05677-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Alex Holmes

SUMÁRIO

Agradecimentos

1 Conexão

2 Você Deixaria sua Irmã Sair com um Rolling Stone?

3 A Visita de um Inspetor

4 Sangue e Circo

5 Doença Tropical

6 O Show de Drácula

7 "Queremos Tocar. Você Quer Tocar. Cadê Você?"

8 A Terceira Guerra Mundial

9 Os Velhos Demônios

10 Performance

Bibliografia

Referências e Notas sobre os Capítulos

Índice Remissivo

AGRADECIMENTOS

Depois de terminar as biografias de Mick Jagger e Keith Richards alguns anos atrás, prometi nunca mais escrever outro livro sobre os Rolling Stones. E aqui estou.

Muitas pessoas tornaram o livro possível. Tenho uma dívida de gratidão para com Colin Midson, da Simon and Schuster, e para com minha agente Barbara Levy. Meu velho amigo Vince Lorimer ajudou com a parte mais espontânea da pesquisa relacionada à década de 1970, assim como Pete Barnes, Fred Smith e Phil Oppenheim. O falecido Tom Keylock, que durante seis anos viu os Stones diariamente, foi uma fonte incansável de ótimas histórias sobre eles; minha gratidão a Tom e também à sua esposa, Joan, e suas filhas, Allison e Betty. Também tiro o chapéu para o falecido Frank Thorogood, injustamente estigmatizado como o homem que matou Brian Jones, e para sua família. Mick Jagger permitiu que eu fizesse uma longa entrevista com seus pais anos atrás, o que foi um gesto tão gentil quanto inesperado. Conheci Jagger, Charlie Watts e Keith Richards (referido aqui como "Richards", não "Richard") na casa de Keith na Inglaterra em fevereiro de 1977, e desde então tive a satisfação de receber um ou dois passes VIP dos Stones. Dito isso, devo deixar claro que os membros sobreviventes da banda não colaboraram com o livro, e vários de seus amigos com quem entrei em contato na tentativa de agendar uma entrevista me disseram, depois de "checar", que preferiam não falar. Alguns aproveitaram a oportunidade para abrir o verbo comigo. Assim, esta é uma biografia "não autorizada", de forma que me sinto particularmente grato para com as cerca de trezentas pessoas que conversaram comigo, por telefone ou e-mail, ou nos

vários restaurantes onde os Stones foram discutidos, na maioria das vezes com muito carinho, durante uma refeição — pois é assim que deve ser.

Pelas lembranças, informações ou recomendações, agradeço às seguintes instituições: Abacus, ABC News, à American Clinic (Tarn), ASCAP, *Billboard,* Blue Lena, Bookcase, Bookends, Book Mail, à Biblioteca Britânica, British Newspaper Library, Chapters, Cheltenham College, *Chronicles*, CIA, City of Lausanne, Companies House, à Complete Line, ao *Daily Mail*, ao Conselho Administrativo de Dartford, *Dartford Chronicle*, à Dartford Grammar School, Decca, FBI — Freedom of Information Division, General Register Office, ao Gulf Beach Hotel, Helter Skelter, HM Coroner for West Sussex, HM Prison Service, Inca, LipService, *Loaded*, Main Offender, Morey Management, MultiMap, à Music Box, Orbis, Palgrave Macmillan, Performing Right Society, Producers Guild, Playboy Enterprises International, Public Records Office, à Biblioteca Pública de Renton, Rock and Roll Hall of Fame, Royal Navy Officers Club, à Biblioteca Pública de Seattle, *Seattle Times*, ao *Smoking Gun*, ao *Spectator*, ao Estado da Califórnia, ao *Sunday Times*, *The Times*, à cidade de Toronto, *Toronto Star*, ao UK Family Records Centre, à UK Music, ao Arquivo Nacional do Reino Unido, *Vanity Fair*, Variety.com., Vital Records, *Vogue*.

Profissionalmente: Christina Alder, Dick Allen, Ellie Altschuler, Luciano Amore, Jan Andres, ao falecido Walter Annenberg, Jeffrey Archer, ao falecido Hal Ashby, Bob Beckwith, Ross Benson, Byron Berline, ao falecido Jeffrey Bernard, Chuck Berry, Stanley Booth, Angie Bowie, Jonathan Boyd, Pattie Boyd, Randy Brecker, Ben Brierley, Gary Brooker, Jack Bruce, Bebe Buell, ao falecido William Burroughs, Noel Chelberg, Dan Chernow, Allan Clarke, ao falecido Albert Clinton, Austin Cooper, Lol Creme, Janice Crotch, Sam Cutler, Roger Daltrey, Alan Deane, Rene Defourneaux, Andrew Dellow, Mike Dent, Derek Diamond, ao falecido John Diefenbaker, Manja Dolan, Micky Dolenz, ao falecido Lonnie Donegan, Michael Dorr, David Drinkwater, Alan Edwards, Tony Edwards, Josh Epstein, Alan Etherington, Winifred Etherington, ao falecido Adam Faith, Georgie Fame, Chris Farlowe, Vanetta Fields, Anton Fig, Tom Finn, Judy Flanders, Jan Frances, ao falecido Robert Fraser, Lucy Gentry, Eileen Giles, Tony Gill, ao falecido Charlie Gillett, Lynn Goldsmith, Nick

Gough, Jane Graffey, Freddy Gray, Ryan Grice, Jeff Griffin, Ted Haley, Charles Hannah, Bob Harris, Trudie Harris, Roger Hayes, ao falecido Reg Hayter, Alan Hazen, ao falecido Dick Heckstall-Smith, Gill Hickman, Peter Holland, Barney Hoskins, ao falecido Colin Ingleby-Mackenzie, Walter Isaacs, David Jacobs, Ronnie Jacobson, Bianca Jagger, aos falecidos Joe e Eva Jagger, Tommy James, Lorraine Jerram, Norman Jewison, Paul Jones, Tom Jones, Phil Kaufman, Lenny Kaye, Edith Keep, Alan Kennington, Allison Keylock, Joan Keylock, ao falecido Tom Keylock, Max King, Matthew Kite, ao falecido Alexis Korner, Alan Lane, Donovan Leitch, Juliana Lessa, Barbara Levy, Cecilia Lewis, ao falecido Carlo Little, Nick Lowe, Angie McCartney, Ruth McCartney, Henry McCullough, Mark McEntee, Roger McGough, Ron e Russell Mael, John Major, Harvey Mandel, Dave Mason, Robin Medley, Nancy Meyer, Colin Midson, Nick Miles, Andrew Miller, Judith Miller, Gary Morris, ao falecido Mickie Most, Cecilia Nixon, Mike Oldfield, Andrew Oldham, Hugh O'Neill, Paul Ovenden, Chris Page, May Pang, Graham Parker, Andy Peebles, Peter Perchard, Wayne Perkins, ao falecido Harold Pinter, Ken Pitt, Bill Plummer, P.J. Proby, ao falecido Carl Radle, Terry Reid, Jim Repard, Tim Rice, Cliff Richard, Julia Richards, Mike Richards, Clive Robson, Pytor Sachin, Saran, Ronnie Schneider, Isobel Scott, David Scutts, Neil Sedaka, Norman Seeff, Pete Seeger, Feargal Sharkey, Sandie Shaw, ao falecido Ned Sherrin, Don Short, Ron Simms, Nancy Sinatra, David Sinclair, Grace Slick, James Sliman, G.E. Smith, ao falecido Peter Smith, Tony Smith, Gill Snow, Benny Spangler, Chris Spedding, Bethany Staelens, Winston Stagers, Walter Stern, Eric Stewart, ao falecido Ian Stewart, Robert Stigwood, às Supremes, ao Sweet, Lindsay Symons, Dick Taylor, Don Taylor, George Terry, Irma Thomas, ao falecido Frank Thorogood, Glenn Tillbrook, Peter Tork, Rob Townsend, Charles Vann, aos Villars, Lisbeth Vogl, Rick Wakeman, Graham Walder, David Waldman, Scott Walker, Suzanne Walker, Carol Ward, Steven Ward, Simon Ware, Adele Warlow, Erica Warren, Ernie Watts, Patricia Watts, Alan Weyer, Mark White, Bobby Whitlock, Walton Wilkinson, Mary Wilson, Johnny Winter, Tom Wolfe, Betty Wolstenholme, à falecida Krissy Wood, David Wood, Nanette Workman, Tony Yeo.

Pessoalmente: Adis, Air Canada, Ann Allsop, Arvid Anderson, Rev. Maynard Atik, Sam e Barbara Banner, à falecida Angela Barnes, Pete Barnes, Don Bates, Ann Bevan, Clare Bevan, ao falecido Terry Bland, Bob Bridge, Hilary e Robert Bruce, Cocina, Common Ground, John Cottrell-Dormer, Ken Crabtrey, Richard Cranfield, Roz Cranstoun-Corby, Celia Culpan, Danubius Hotel, Deb K. Das, ao Davenport, Mark Demos, Monty Dennison, à família Dowdall, a John e Barbara Dungee, ao falecido Godfrey Evans, Mary Evans, Malcolm Galfe, Audrey Godwin, Colleen Graffy, ao Grafton on Sunset, James Graham, ao Gay Hussar, Gees, Tom Graveney, Grumbles, Alastair Hignell, Richard Hill, Charles Hillman, à falecida Amy Hofstetter, Alex Holmes, Hotel Vancouver, Sarah Horn, Jon Jackson, Jo Jacobius, aos Jamiesons, ao falecido Johnny Johnson, Lincoln Kamell, Imran Khan, Terry Lambert, Belinda Lawson, Barbara Levy, Cindy Link, Todd Linse, ao falecido Richard Lloyd-Roberts, Antoinette Lorimer, Dominica Lorimer, Vince Lorimer, à falecida Jackie McBride, Les McBride, Macris, Lee Mattson, Teri Mayo, Jim e Rana Meyersahm, Missoula Doubletree, Sheila Mohn, aos Morgans, Colleen Murray, John Murray, National Gallery Sackler Room, Chuck Ogmund, Phil Oppenheim, Valya Page, Robin Parish, Greg Phillips, Chris Pickrell, PNB, Princes Square Hotel, Roman Polanski, à família Prins, ao falecido Prof. John Prins, Don Richardson, Scott P. Richert, Amanda Ripley, ao falecido Malcolm Robinson, Fatima Roque, St Patrick Hospital Missoula, Debbie Saks, Sam, Delia Sandford, meu pai Sefton Sandford, Sue Sandford, Peter Scaramanga, Seattle Cricket Club, John Shepherd, à falecida Cat Sinclair, Fred e Cindy Smith, ao Rev. e à senhora Harry Smith, Spruce Street School, aos Stanleys, Airie Stuart, Andrew Stuart, Thaddeus Stuart, Jack Surendranath, Dave Thomas, the Travel Team, Ben and Mary Tyvand, William Underhill, à Universidade de Montana, à Universidade de Puget Sound, Syra Vahidy, Diana Villar, ao falecido Roger Villar, Tony Vinter, Lisbeth Vogl, John e Mary Wainwright, Chris West, West London Chemists, Richard Wigmore, à falecida Peg Willis Fleming, à família Willis Fleming, Aaron Wolf, Rusty Zainoulline.

E uma reverência, como sempre, a Karen e Nicholas Sandford.

C.S.
2012

"Deus está na estrela, na pedra, na carne, na alma e no torrão de terra"

Robert Browning

"Mijamos onde quisermos, cara"

Frase atribuída aos Rolling Stones, 1965

"De tudo o que vale a pena fazer vale a pena abusar"

Mick Jagger

1

Conexão

Como os Rolling Stones despertam um afeto tão especial em nós? Na verdade, ele parece ficar maior com o tempo. Os 147 concertos que fizeram entre agosto de 2005 e agosto de 2007 — muito apropriadamente chamados *A Bigger Bang* [Um bangue maior (do que o Big Bang)] — renderam-lhes cerca de 560 milhões de dólares, e conquistaram com folga o lugar de turnê de rock mais lucrativa de todos os tempos. Na época, os Stones já estavam na profissão havia 45 anos, o que nos faz refletir sobre como eles devem ter se sentido em 1967, temporada de *Their Satanic Majesties* e das batidas policiais à procura de drogas, quando os recordes em bilheteria ainda pertenciam a Rudy Vallée e a outros crooners da Era do Jazz que cantavam com megafone. Ou, sob uma perspectiva diferente: passaram-se cinquenta anos desde a estreia comercial do grupo em 1962; alguém que olhasse para trás e percorresse o mesmo período de tempo na época provavelmente estaria pensando nas vidas perdidas com o *Titanic*. Há uma linha de pensamento segundo a qual ter voltado para a estrada depois dos 60 anos foi a coisa mais indigna que os Stones já fizeram — algo bem pior do que as histórias sobre a barra de chocolate Mars, cocaína e Margaret Trudeau.[1] Não é apenas que a banda se recuse a envelhecer. Na verdade, eles parecem viver em um túnel do tempo: em uma era na qual os astros de rock mais modernos se vestem como se trabalhassem na [papelaria de luxo] Ryman's e oferecem uma dieta incansável de niilismo idiota e falsas curas, os Stones continuam com suas chamativas camisetas coladas e calças de couro,

perseguindo adolescentes de calcinhas — ou pelo menos oferecendo um rock básico, temperado com letras sobre sexo e carros em seus vídeos.

E essa, sem dúvida, é a principal atração. Gostemos ou não, é impossível não sentir um arrepio ao vermos esses velhos camaradas se comportando mal. Eles são tão insolentes, engraçados e tão surpreendentemente honestos em relação a isso que, com o tempo, conquistaram um status de ralé moral oficialmente tolerada pela classe média. Em um nível fundamental, *precisamos* dos Rolling Stones, nem que seja para nos lembrar que uma das funções principais do rock, em seu início, era sacudir o público do seu marasmo. Queremos ser entretidos por histórias das aventuras deles pelo mundo, batendo seus carros e cheirando cocaína nos enormes seios desnudos de suas tietes. Que tipos tristes vários astros da atualidade são se comparados aos Stones. Mal obtêm sucesso, começam a menosprezar aqueles que os fizeram chegar aonde chegaram — o público e a imprensa. Os Stones amam o som da multidão. Talvez tenham ouvido seu rugido mais vezes do que qualquer homem vivo — até mesmo em locais privilegiados.

Certa vez em Moscou, na Praça Vermelha, em agosto de 1998, cerca de 30 mil pessoas se apertaram em ônibus especiais, lotaram estações de metrô e se acotovelaram pelas ruas até os paralelepípedos em frente ao túmulo de Lenin para participar de um desfile grandioso em homenagem aos visitantes britânicos. Trabalhadores de uma mina de carvão local erguiam cartazes com pit-boys, enquanto os cartazes empunhados por duas mulheres com idade para serem avós exibiam o slogan totalmente desprovido de sarcasmo "ROLLING STONES, AMIGOS DO POVO". Milicianos de coturnos, jovens jornalistas barbados, excitados meninos em idade escolar e uma guarda oficialmente designada pelo governo, composta por soldados "musculosos de preto e carrancudos marchando num ritmo sólido e constante em quatro fileiras como um pelotão de fuzilamento", para citar a revista *Time*, os curiosos e os incomodados, todos enxameavam ao redor dos quatro dignitários, que contemplavam o espetáculo com olhar de espanto. Eles estavam ali para presenciar o que a agência Tass — até seis anos antes o veículo de comunicação do politburo — chamou de "uma força libertadora verdadeiramente heroica para todos os tempos e toda a

humanidade", efusão que parecia ecoar os cartazes erguidos pelas duas idosas e por vários outros presentes. Na sua Rússia, a democracia ainda estava em fase de desenvolvimento, mas ali, bem à frente, estavam os próprios homens que aparentemente haviam servido de inspiração para o grande levante social ocorrido no Ocidente trinta anos antes. De um lado da praça, ao lado do muro do Kremlin, perto dos ossos de Stalin, um enorme cartaz em cores vivas dos Stones, no meio de uma série de outdoors com assustadores avisos e estatísticas do governo, adornava a cena como uma joia na cabeça de um sapo. O ponto em questão não poderia ter sido expresso de forma mais clara. Primeiro na Grã-Bretanha, e depois globalmente, os Stones haviam liderado um movimento que a Tass chamava de "farol para todos os [que] buscavam viver na liberdade pessoal, política e artística. Os Rolling Stones são os libertadores culturais do mundo".

Ou, pelo menos, essa é uma hipótese. Outra explicação para a atração exercida pelos Stones é sua mera longevidade: nós os visitamos da mesma forma que poderíamos visitar uma mansão outrora majestosa, mas ainda historicamente importante, não importa seu estado de deterioração. Os Rolling Stones já estão conosco há tanto tempo que até as piadas sobre sua longa trajetória parecem velhas. De acordo com alguns, a *Melody Maker* foi a primeira a chamá-los de "The Rolling Bones"[2] por volta de 1973, quando parecem também ter tido origem as referências nada lisonjeiras à aparência física do grupo. A velhice e a atmosfera de deterioração que envolve a banda são características que têm seus próprios precursores no show business, com personagens muito estimados postumamente pela atualidade e de quem não consigo lembrar sem deixar de pensar na feliz semelhança. Ao assistirem a um show dos Stones, aqueles com as memórias mais antigas instantaneamente fazem a conexão com outros quatro homens de meia-idade que andavam — provocando o público — de um lado para o outro do palco, movidos a doses de Jack Daniel's e dirigindo olhares convidativos às mulheres. Qualquer semelhança entre a banda e o Rat Pack da era de *11 Homens e Um Segredo* é puramente intencional. Parece muito

apropriada a ideia particular de que o toque de virilidade arrogante de Frank Sinatra e o encantador hábito de Dean Martin de tirar sarro de todo mundo podem ter sido herdados, respectivamente, por Mick Jagger e Keith Richards; já Sammy Davis Jr. continua vivo nos trejeitos exagerados de Ron Wood e em suas pernas compridas e finas. Música, história, marketing — é o bastante para transformar uma banda em uma instituição; e foi o que aconteceu. Mas apenas olhando em retrospecto é que a resistência e o sucesso comercial fenomenais dos Stones parecem inevitáveis. Um dos fatos intrigantes relacionados ao grupo é que longas fases dos últimos cinquenta anos de sua história foram permeadas por uma tensão pessoal e profissional desenfreada, não apenas entre Jagger e Richards, mas também entre suas respectivas mulheres, funcionários e traficantes, com tréguas periódicas devidas apenas à bonança financeira da última turnê. Para dar uma ideia do relacionamento da dupla: quando Jagger lançou seu álbum solo *Goddess in the Doorway* em 2001, muitos na imprensa concordaram com o respeitado crítico da BBC que o descreveu como "uma ousada expressão das habilidades interpretativas cada vez melhores de Mick e do seu uso de técnicas de fraseado sutis para ampliar o escopo até mesmo das letras mais simples". Keith, por sua vez, chamou-o de "merda de cachorro".

Não são muitos os grupos que podem se gabar de ver sua aparência, suas roupas, temperamento, fichas criminais e até mesmo conflitos internos e observações depreciativas sobre as partes íntimas um do outro ocupando as páginas de todo tipo de publicação, da *Vibe* ao *Wall Street Journal*. Abra a seção de finanças do *New York Times*, e é muito provável que encontre um artigo de capa sobre o uso inteligente de fundos depositados na Holanda, que permite aos Stones pagar modestos 1,6% em impostos sobre uma renda anual de mais de 100 milhões de dólares. Passe para o suplemento sobre saúde do *Sunday Telegraph* e verá um item sobre o uso discreto de Jagger de um cilindro de oxigênio no camarim para ajudá-lo a suportar as duras apresentações ao vivo, e ainda outro sobre a batalha de Charlie Watts contra o câncer. Vire as páginas até as colunas de fofocas do *Daily Mail* e lá estarão a aparentemente interminável saga de Ron Wood na reabilitação e a respectiva infelicidade da namorada do momento. No *Guardian*, a entrevista peso pesado é com Keith

Richards, que confessa ter ficado "puto da vida" quando, em 2002, Jagger aceitou receber o título de cavaleiro britânico — honra concedida pelo "Establishment que fez tudo que pôde para nos jogar na prisão e nos matar". E, pairando sobre isso tudo — tema de um artigo de seis páginas na revista *Fortune* — está o "Império plutônico no exterior", que recentemente provou-se mais financeiramente durável que algumas das marcas consolidadas mais antigas do mundo. Após 40 anos, a marca da língua é tão conhecida e quase tão universal quanto o logotipo da Nike.

Agora só nos resta a música dos Stones, na qual pegaram o blues e esgotaram o sofrimento e a tristeza até só restar, na maioria dos casos, um espírito de alegria (ainda que se trate, é preciso admitir, de uma alegria meio demente e sadista) que captura de forma tão excitante o seu tempo. Aqui, está claro, a maioria de nós tem com a banda a mesma relação que ela mantém com as infâncias materialmente austeras, mas essencialmente serenas, dos membros. A palavra-chave aqui é "nostalgia". Ouvir *Satisfaction* mais uma vez, em meio a multidões que aplaudem tanto a música quanto nossa própria capacidade de aplaudir, equivale a voltar por um momento para décadas atrás. Enquanto pudermos curtir os Stones em carne e osso, não estamos velhos. As coisas novas — tudo desde, digamos, os dias de cão do Ministério de Heath — podem parecer um pouco inferiores, mas aqueles riffs e ganchos musicais dos anos 1960, a pancada dilacerante dos acordes de abertura e os vocais rasgados refletiram a metamorfose dos estilos do rock and roll de forma tão brilhante que se tornaram um estilo em si próprios. A perspectiva de testemunhar um pouco de história nos faz voltar, turnê após turnê "de despedida", enquanto os próprios Stones parecem ter escapado da falência artística do trabalho árduo e repetitivo e da perda do orgulho que se abateram, por exemplo, sobre Elvis. Como Keith Richards observou com uma lógica incontestável: "Por que deveríamos parar? É divertido."

É claro que é. Você não gostaria de viajar pelo mundo e ser tratado como o Rei Faruk enquanto recebe cerca de 1 milhão de dólares por cada show de duas horas?

Sem dúvida, nenhuma outra banda poderia suportar uma prova mais dura de sobrevivência do que as prisões recorrentes de seus principais membros por acusações em grande parte falsas relacionadas a drogas e o subsequente afogamento de um dos três em circunstâncias até hoje controversas. E com a pressão sofrida por Jagger e Richards para continuarem se apresentando e produzindo hits, o desafio muitas vezes parecia derrotá-los. O último, particularmente, viria a adquirir um conjunto completo de acessórios de astro do rock, incluindo uma cabana com teto de palha no campo, um consultor financeiro de linhagem nobre da Bavária e um vício a princípio discreto, mas muito antigo, em heroína.

O falecido Tom Keylock, amigo e empregado de Keith na década de 1960, ofereceu uma visão mais nuançada de Richards como uma figura vigorosa vagando ao redor de seu esconderijo verde e levemente careta de West Sussex. Keylock acrescentou que, inesperadamente, quando ele gritou com a mulher ao telefone na casa de Richards certo dia em 1967, "Keith ouviu e me deu uma tremenda bronca — algo como 'Ela é a sua dama' e 'tenha um pouco de respeito'. Admirei-o por isso".

Na época, contudo, talvez Richards já tivesse vivido mais do que a maioria dos proprietários de terras ingleses de 23 anos. Na primeira turnê americana dos Stones, em 1964, o grupo estava sentado no camarim em Omaha, bebendo uísque e Coca-Cola em xícaras pequenas, quando a polícia entrou e disse: "O que tem nessa xícara?". Richards respondeu: "Uísque, senhor." O policial retorquiu: "Você não pode beber isso aqui, é um local público. Jogue fora." Keith disse: "Não." Quando ele voltou a olhar para cima, um revólver carregado estava apontado para a sua cabeça. "Foi tenso", confirmou Tom Keylock.

No meio da multidão pequena, mas animada, que gritava pelos Rolling Stones na sua primeira apresentação em um porão em julho de 1962, quem poderia ter imaginado que seus netos estariam gritando pela mesma banda, ecoando

suas próprias vozes entre latas de bebidas e apresentações pesadas nos maiores estádios esportivos do mundo, mais de quarenta anos depois?

O tempo certamente não foi favorável a nenhuma esperança de longevidade que os Stones possam ter tido para si no início da carreira. Em 1962, até mesmo o tipo de pessoas que iam aos concertos de "música selvagem", como a imprensa a chamava, parecia pertencer a uma ordem social jurássica, com um gosto, em ambos os sexos, por roupas práticas e sem graça, sapatos pesados e grandes óculos de armações quadradas. É notável quantos jovens da geração lembravam Buddy Holly. Para introduzir um contexto histórico, Winston Churchill ainda era membro do parlamento e Harold Macmillan na época personificava as esperanças do Partido Conservador, embora no ano seguinte fosse ser substituído pelo Conde de Home, um latifundiário escocês que fazia seu predecessor parecer Elvis; críticos observaram a autodepreciação cavalheiresca, a leve sugestão de arrogância e o ar geral de alguém nascido para "a incestuosa casa de trocas de direitos adquiridos", como John Osborne descreveu a classe dominante, como um sinal do iminente fim da deferência.

O período na Grã-Bretanha de 1944 a 1960, quando a maior parte do público que compareceu à estreia dos Stones crescia, provavelmente foi o mais difícil do século XX. Até mesmo para um menino relativamente mimado como Mike Jagger, foi uma era caracterizada por noites geladas em salas iluminadas por lâmpadas a gás, inicialmente acompanhadas por ataques de mísseis da Alemanha, gordura de baleia e carne enlatada — ingredientes comicamente desprezíveis de um terrível sacrifício que ele nunca esqueceu. Cupons para roupas e filas para comida por muito tempo foram um estilo de vida; os 14 anos de racionamento terminaram apenas em julho de 1954, e mesmo então produtos de luxo como manteiga e combustível eram difíceis de encontrar. É verdade que, 18 meses depois da estreia dos Rolling Stones, a colorida e genial loja Habitat de Terence Conran havia se tornado uma bandeira da moda, declarando oficialmente o conceito do tradicional terno de três peças como "desprezível" e "sem graça demais". Em vez disso, seus fregueses compravam sofás de Larnaca revestidos com algodão e dois pufes combinando. Outros empreendedores ousados entrariam na competição para tentar introduzir no

Reino Unido conceitos exóticos como frutas frescas e lojas que ficavam abertas depois das cinco horas da tarde. John Stephen e Mary Quant logo mostrariam que não era necessário ir à Savile Row ou à Bond Street para conseguir roupas elegantes; saíam os conservadores de ternos sóbrios, entravam os jovens profissionais "descolados" vestindo cores fortes e minissaias. Por fim, e por uma feliz coincidência, a pronta disponibilidade de anticoncepcionais acompanhou a chegada de outro símbolo definitivo da etiqueta moderna do quarto: o edredom.

Aquele primeiro público de 1962, entretanto, não parecia nem um pouco imbuído dessa possibilidade sexual. Tratava-se de uma multidão em ternos sóbrios de cerca de 80 homens e 30 mulheres em um ambiente dominado pelo cheiro de repolho cozido, que penetrava as jaquetas de lã, e dos onipresentes cigarros. Nenhum presente parecia nem de longe fazer parte de nenhuma revolução nascente contra a Grã-Bretanha de *Hancock's Half Hour*,[3] com sua conformidade opressiva e casas idênticas de tijolos vermelhos decoradas como a casa da vovó. Parece justo dizer que a "música da selva" assumiu seu lugar contra a existência comum tanto para eles quanto para milhões de outros — a existência do críquete, do tricô e da cerâmica no jardim. Uma noite assistindo a *The Sound of Music* com uma bandeja tamanho família do Berni Inn ainda era a maior aspiração da classe média britânica. Os Rolling Stones não estavam exatamente tentando passar por uma porta aberta.

Para a maioria dos jovens britânicos do início dos anos 1960, a vida não era muito diferente da década de 1940 — embora a guerra houvesse chegado ao fim 17 anos antes, havia lembranças por todos os lugares, tanto nas ruas bombardeadas da capital quanto na aparência abatida de muitos de seus cidadãos.

O movimento da moda masculina era glacial, e embora as mulheres pudessem arriscar usar saias apertadas nos quadris, a regra das 6 polegadas de folga ainda vigorava. O observador comum da época não teria dificuldade em fazer uma distinção entre os sexos. Em 1962, mulheres de cabelos curtos e homens de cabelos longos eram associados a um radicalismo perigoso — quando não ao amor livre.

A sociedade britânica também tinha divisões mais rígidas do que hoje em dia. Para aqueles que eram aprovados no exame eleven-plus, o futuro era a grammar school e a perspectiva de fazer uma faculdade, especializar-se em uma profissão ou o serviço público. A alternativa era a secondary modern e uma provável chegada sem qualificação ao mercado aos 15 anos. Assim, um rapaz de 18 anos poderia se dedicar aos estudos para obter um grau acadêmico, como o próprio Jagger, ou apertar tampas de garrafas em uma linha de montagem por um salário de 2 ou 3 libras por dia. Esse ainda não era o mundo da Carnaby Street, da televisão colorida, de Bob Dylan, da pílula, de Neil Armstrong, do movimento flower power, de Abbey Road, de Muhammad Ali, dos gêmeos Kray, da Guerra do Vietnã, de *Dr. Who*, dos direitos dos homossexuais, do valium nem de Charles Manson.

Os Incríveis Anos 1960 ainda estavam por vir.

Os jovens, contudo, já geravam certa consternação. Já não era o romântico violino que dominava as orquestras, e sim o bárbaro saxofone, e ao som de um crooner entusiasmado os casais se balançavam no que o arcebispo de York chamou com reprovação de "abraço sincopado". Talvez inspirados por Hank Marvin, pelos Shadows e sua primeira série de cinco hits só em 1962, os jovens também começavam a voltar sua atenção para a guitarra elétrica. É digno de menção o caso clássico de um aluno da secondary modern[4] com uma história um tanto trágica que morava na suburbana Ripley, em Surrey, que implorou aos avós que o levassem à loja local de instrumentos musicais em seu 17º aniversário, em março, e lhe comprassem o que ele mais tarde chamaria de "a coisa mais legal que eu já vira", exibida na vitrine. O instrumento em questão era uma guitarra Kay "Red Devil"; o adolescente era Eric Clapton.

Havia ainda outros sinais de que uma revolta contra a ordem cultural estabelecida borbulhava. Depois de suportar a árida temporada de *The Music Man*, um jovem poderia se divertir com atrações incomumente interessantes no cinema — *Lawrence da Arábia*, *007 Contra o Satânico Dr. No* e *O Grande Motim*, estrelando Marlon Brando, estavam todos em cartaz no outono

daquele ano — ou comprar a primeira edição de *Laranja Mecânica*, publicada em novembro, por 16 xelins. Enquanto isso, no verão daquele ano, os Beatles haviam assinado com George Martin e o selo Parlophone — até então território do easy listening e de LPs de diálogos cômicos —, mas ainda não haviam lançado seu primeiro compacto. Os figurões da EMI, companhia proprietária da Parlophone, haviam dado uma boa gargalhada quando Martin lhes contou o nome da atração que contratara, presumindo que o produtor de discos como *Songs for Swinging Sellers*, de Peter Sellers, estava atrás de outra piada. Entretanto, eles tinham contra si os 2.471 pontos de entretenimento registrados em Londres para o censo de 1961, dos quais uma estimativa de 300 apresentava, de uma forma ou de outra, aqueles grupos que faziam parte da transição nem sempre uniforme do jazz tradicional para o rhythm and blues americano. Um desses locais era o Marquee Club, que abriu no número 165 da Oxford Street em abril de 1958, e que agora contava com uma série improvisada de apresentações de blues e pop. Foi aqui que os Rolling Stones tocaram pela primeira vez diante de uma plateia.

Eles foram oficialmente chamados na ocasião de "Mick Jagger and the Rollin' Stones", embora o consenso fosse que seu vocalista principal estava longe de ser a personalidade mais interessante do grupo. Jagger, Richards e o autodenominado "Cheltenham Shagger" Brian Jones [algo como "o sedutor de Cheltenham"] (que pouco tempo atrás havia tido a ideia para o nome do grupo) eram os principais. Mick usava suéter e calças de veludo; Keith, um terno preto fúnebre; e Brian é apenas lembrado como "pulando de um lado para outro e dirigindo olhares maliciosos às mulheres". Atrás deles estava a cozinha rítmica, já cômica, que até então era formada pelo amigo da escola de arte de Keith, Dick Taylor, no baixo, e pelo futuro baterista dos Kinks, Mick Avory, que quebrou o galho naquela noite. Um auxiliar de expedição de 23 anos chamado Ian Stewart, ou "Stu", ficava no canto do palco, ocasionalmente comendo um pedaço de torta de carne de porco com uma mão e tocando piano num estilo boogie-woogie rápido com a outra.

O show de 50 minutos que se seguiu teve o ritmo marcado pelo álcool — do scotch e do conhaque que acalmaram os nervos. Dick Taylor lembraria de

algumas vaias iniciais, talvez pela aparente falta de familiaridade da banda com o repertório escolhido do blues americano. (A *Melody Maker* da semana seguinte parecia confirmar a teoria, observando repreensivamente o "afinamento e equilíbrio interno muito suspeitos" dos Stones.) Após três ou quatro "músicas bem-intencionadas, mas intermináveis, sobre meeiros", a apresentação parece ter decolado com a explosão cataclísmica de *Down the Road A Piece*, tocada no estilo de Chuck Berry. Naquele momento, alguns dos jovens em suas jaquetas de lã começaram a dançar. De acordo com o repertório anotado no diário de Stu, a banda espremeu mais nove números nos 30 minutos restantes, finalizando com *Happy Home*, de Elmore James. Mesmo aí, a atmosfera de urgência vinha não do cantor, mas do guitarrista base, com seu rosto de menino e vestido inteiramente de preto, que anunciava o título de cada música e estimulava o baterista, levantando a perna comprida e fina e gritando: "Mais rápido, porra!"

Não era por coincidência que os Stones tinham um ritmo e tanto.

Depois do show, todos foram para o vestíbulo do cinema que havia sobre o clube, andaram pela rua sem serem conhecidos e tomaram um drinque no pub Tottenham, deixando os instrumentos para o amigo de Brian Jones, Dick Hattrell, arrastar escada acima, e depois colocar em um ônibus. Eles dividiram os 30 guinéus da apresentação por seis — o que, de alguma forma, resultou em 6 libras e 10 xelins para Brian e 5 libras para cada um dos outros. O grupo costumava ser otimista, mesmo que ninguém pudesse adivinhar — muito menos algum membro da banda — que os Stones atravessariam o próximo século. Parecia improvável que fossem sobreviver ao Natal.

Mais tarde naquela noite, Brian Jones pegou o metrô da Northern Line de volta para Hendon, onde, na época, dividia um quarto com a namorada intermitente Pat Andrews, a terceira de três mulheres que ele engravidara até então. O filho dos dois, Julian Mark, havia nascido em outubro de 1961. Quando não estava ensaiando com os Rolling Stones, Brian trabalhava na loja de roupas do Serviço Público, onde regularmente complementava o salário

servindo-se na caixa registradora. Keith Richards estava prestes a deixar a casa dos pais em Dartford, isso pouco antes de seu pai, Bert, tomar a mesma decisão. Depois disso, Keith e Brian dividiriam o porão de uma construção na Powis Square, em Londres, até serem visitados por um oficial de justiça que pôs um fim ao acordo. Mick Jagger foi para casa: ele morava com os pais. Teria que acordar cedo na manhã seguinte para pegar o trem e ir assistir às aulas na London School of Economics. Antes de se despedirem, eles tomaram um drinque com um colega de profissão que por acaso estava na plateia do Marquee e depois entrara no pub. Ele achou que os Stones exerciam "uma atração óbvia sobre os garotos que queriam dançar. A aparência da minha banda era uma piada, mas aqueles caras tinham algo. Eles *realmente pareciam* astros do rock." Tratava-se de um elegante artista de 21 anos que trabalhava com layout e tocava bateria nos fins de semana. Sua família o chamava de Chas Boy, mas a banda o conhecia como Charlie Watts.

Lewis Brian Hopkin-Jones, nascido em uma família galesa desalojada em fevereiro de 1942, não foi o tipo de garoto que se preocupa muito com o exame eleven-plus. Depois de passar com facilidade para a Cheltenham Grammar School, Brian parecia um menino inteligente e musicalmente talentoso, capaz de pegar um instrumento casualmente e aprender a tocá-lo de ouvido. "Então, de repente", seu pai Lewis recordar-se-ia, "ele se tornou muito difícil. Começou a se rebelar contra tudo — principalmente contra mim."

A adolescência foi um período conturbado para o sedutor de Cheltenham, mais tarde expulso por roubo, por ter engravidado mais de uma namorada e por tocar um blues barulhento na guitarra. Pelo menos, a música parece ter dado a Jones um pouco de autoconfiança sem invadir sua característica discrição nem envolvê-lo em nenhum tipo de responsabilidade. Com o tempo, ela também lhe deu outra coisa de que precisava: um público. Aos 15 anos, Brian fora um dos primeiros jovens a trocar um instrumento clássico por um saxofone. Seus pais ficaram chocados com a troca, temendo que fosse o ponto inicial de um declínio moral mais amplo. E foi. A princípio, isso significou um

mergulho de cabeça no jazz e no blues, com um amor proporcional pelos músicos. O principal era Charlie Parker, o gênio perturbado, mas inimitável, do sax alto que morrera em 1955, aos 34 anos; logo em seguida, vinham Champion Jack Dupree, Sonny Boy Williamson and Jimmy Reed; Elmore James, cujo nome Brian adotou por algum tempo; Julian Adderley, em homenagem ao qual batizou seus primeiros três filhos; e muitos, muitos outros. Os que haviam conhecido Brian como um garoto com sardas, cheio de vida, o tipo de rostinho bonitinho que aparecia em propagandas dos chocolates da Nestlé, em um ou dois anos viram uma mudança marcante: ele tornou-se mal-humorado e tenso, preferindo a solidão, ou então a companhia das inúmeras moças que parece ter atraído com sua mistura de charmosa voz suave e sadismo latente. "Brian tinha uma crueldade oculta", Mick Jagger mais tarde observaria com admiração, "o que, de certa forma, era muito sensual".

Depois de sua partida prematura da Cheltenham Grammar, Brian viu-se em uma série de empregos sem futuro em Londres. Durante algum tempo, ele gravitou entre um quarto com Pat Andrews e o bebê e o pequeno apartamento, em Bayswater, de um músico de blues boêmio chamado Alexis Korner. No final das contas, a música levou a melhor sobre a vida doméstica. Tocando com Korner em um clube num porão escuro no oeste de Londres, Brian conheceu Mick Jagger e Keith Richards, vindos de Dartford com o amigo Dick Taylor. Na semana seguinte, eles já estavam ensaiando juntos. A maioria dos ensaios tinha lugar em quartos poeirentos no segundo andar de vários pubs de Soho, tais como o White Bear ou (depois que o proprietário do Bear pegou Brian roubando) no Bricklayer's Arms. Era nesses lugares que os músicos relaxavam e tocavam algumas músicas de Muddy Waters — e que Brian, mantendo sua já tradicional política, insistia que cada um lhe pagasse uma "taxa pela sessão". O primeiro a fazer um teste para entrar na banda foi Ian Stewart, um escocês divertido, direto, com uma mandíbula quadrada de Cro-Magnon e um abdômen proeminente de cerveja. Stu estava dentro. Ele juntou-se a Jones, Jagger, Richards, Dick Taylor e a qualquer um que pudessem encontrar para tocar bateria. Brian queria Charlie Watts, mas ele era muito caro.

Jones anunciou que essa seria a formação que "mudaria a cara da música britânica". Depois que todos pararam de rir, Brian também insistiu que se juntassem à Jazz Federation apenas para aumentar suas — (Jones admitiu) modestas — perspectivas de trabalho. Ele entrou com os papéis no Bricklayer's em 2 de julho de 1962. Na linha intitulada "nome do número artístico", Brian, nas palavras de Keith, "olhou para baixo: tem um disco de Muddy Waters, e a primeira música é *Rollin' Stone Blues*". Mais tarde, Stu achou que o nome os fazia parecer "um bando de malditos acrobatas irlandeses".

Seriam necessários muitos anos para que Mick Jagger adquirisse o mesmo senso de direção de Brian. Em julho de 1960, quando fez 17 anos, Jagger ainda era um bom aluno da Dartford Grammar School, onde tinham grandes expectativas para o seu futuro como professor ou funcionário público. Em dezembro, o diretor, um "cara arrogante" chamado Hudson, observou em um boletim:

> Michael Philip Jagger é aluno desta escola desde 1954. Seu histórico geral tem sido satisfatório. Ele se aplicou no sixth form[5] e demonstrou uma determinação intelectual maior do que a esperada. Ele provavelmente se sairá bem na maioria das áreas [profissionais], embora não deva ser brilhante em nenhuma.
>
> Jagger é um rapaz em geral de bom caráter, ainda que venha demorando para amadurecer. A qualidade que tem sido observada ultimamente é a da persistência demonstrada quando ele decide dominar algo. Seus interesses são variados. Ele já integrou várias sociedades, e se destaca na dos Esportes, sendo secretário do nosso clube de basquete, membro do First Cricket Eleven, além de jogar rúgbi para o seu alojamento. Fora da escola, ele participa de atividades como camping, escalada, canoagem, música, e também é membro da Associação Histórica local.

Como resultado dessa recomendação, Jagger ganhou um lugar na London School of Economics. Seu monitor, Walter Stern, achava-o "muito tímido, muito educado e claramente nervoso por estar na universidade... Ele anunciou sua intenção de entrar nos negócios, mas se preocupava com matemática... os números eram seu ponto fraco". Eles tratavam um ao outro respectivamente

por “senhor Jagger” e “Sir”. Embora alguns de seus colegas apresentassem um gosto pela política radical, Jagger parece não ter se interessado: seus boletins acadêmicos continuaram descrevendo-o como respeitoso, gentil e esforçado, ainda que um pouco sem criatividade. Um professor da grammar school chamado Walton Wilkinson lembra-se de ter visto Jagger em outubro de 1961 “de pé na plataforma da estação de Dartford, usando terno cinza e lendo o *Daily Telegraph*. Ele parecia um jovem conservador”.

Entretanto, o que os acadêmicos não sabiam é que Jagger estava levando um tipo de vida dupla. Como Brian Jones, ele também descrevera as melodias excitantemente primitivas do que chamava com admiração de “música selvagem”. Em março de 1958, Jagger e Dick Taylor haviam tomado um ônibus para o Woolwich Granada, onde Des O’Connor, o anfitrião da noite, apresentou um jovem texano de óculos chamado “Buddy” Holly. Taylor lembra-se de como seu amigo pareceu ganhar vida quando Holly tocou *Not Fade Away*, “pulando de um lado para outro com o cabelo cobrindo os olhos”. Pouco depois, Jagger começou seu próprio curso rápido em pop e blues, concentrando-se brevemente na figura local (ou melhor, escocesa) Lonnie Donegan, inspiração para a explosão do skiffle, que empregava utensílios domésticos como instrumentos, e modelo para os jovens britânicos que, como o próprio Donegan, pegavam músicas do Sul americano, tiravam sua poeira e acrescentavam ritmo até torná-las limpas e revigorantes — quando não pesadas — como lençóis lavados. A influência não foi só musical: cada adolescente britânico lera a história de como Donegan levara meia hora para gravar o sucesso *Rock Island Line*, e como seu primeiro cheque trimestral fora de 27 MIL LIBRAS — quantia sempre escrita em letras de forma. Jagger queria sua fatia do fenômeno. Certo dia, em 1960, Dick Taylor perguntou ao amigo o que ele mais queria no mundo. Sem pestanejar, Mike respondeu: “Um Cadillac cor-de-rosa.”

No outono de 1961, Jagger encontrou, em uma estação de Dartford, um amigo de infância que esperava pelo mesmo trem: Keith Richards. O reencontro teve um impacto imediato e intoxicante. Na mesma manhã, Walter Stern lembrou-se de uma aula particular em que um “Jagger atipicamente

excitado passou um bom tempo exaltando a 'cena do jazz'". De acordo com as memórias de Stern acerca da reunião, "o senhor Jagger sentou-se com as botas sobre a mesa de centro que havia entre nós. Aquilo era novo. No que diz respeito à música, ele afirmou esperar 'fazer algo explosivo'" — expressão aforística que proferiu com um sorriso "ao estilo do gato de Cheshire".[6] Uma semana depois, ele reapareceu para informar ao tutor que dali em diante desejava ser chamado de "Mick" em vez de Mike, um nome que não seria automaticamente associado à integridade. Ao longo do inverno, de acordo com Stern, Jagger passou de um "menino escrupulosamente educado" para um "Ted", que "se deitava em todo lugar e fumava durante nossas reuniões". Stern logo passou a vê-lo como duas pessoas distintas: "tímido, educado e inteligente um dia, e um vagabundo arrogante no outro."

Existe uma grande disparidade entre a lenda de Keith Richards ter sido criado por lobos e a realidade, com sua ênfase na obrigação, na divisão de classes e em sólidos valores tradicionais. Os avós paternos de Richards eram respeitados membros da câmara do distrito de Walthamstow, Londres, onde sua avó foi a primeira mulher a assumir a prefeitura. Seu avô materno, Gus Dupree, era um herói da Primeira Guerra Mundial que depois veio a liderar uma banda bastante popular. O pai de Keith, Bert, soldado do Regimento de Bedfordshire & Hertfordshire, estava entre os primeiros a invadirem o litoral da Normandia no Dia D, e foi gravemente ferido. Mais tarde, ele foi homenageado por heroísmo. Demonstrando um toque do tradicionalismo dos anos 1950, o próprio Keith foi um dos poucos escolhidos entre cerca de 3 mil candidatos que se inscreveram para cantar em um coro infantil no concerto que se seguiu à coroação da rainha. Ele era um modelo como escoteiro, além de se destacar em vários esportes. Anos depois, na Jamaica, Mick Jagger desafiaria Richards — agora já na fase de "decadência elegante" — em uma partida de tênis. Sir Mick apareceu vestido para Wimbledon; seu oponente vestia jeans gastos, e passou o jogo com uma guimba de cigarro na boca. Keith venceu por 6 x 1.

É verdade que por volta da década de 1960 Richards embarcaria numa viagem que o desviaria do senso de obrigação e disciplina. Depois de ter abandonado a Dartford Tech, ele estava estudando na Escola de Arte de Sidcup. "Estávamos numa dieta bastante regular de anfetaminas e outras coisas", observou Dick Taylor. "Logo do outro lado da rua havia um pequeno bosque com um aviário, e dentro dele tinha uma cacatua. Keith gostava de ir até lá e lhe dar pílulas de BZP. Quando estava entediado, ele dava outra pílula ao pássaro e ficava olhando o animal bater as asas ao redor do poleiro."

Outro dia, de acordo com Taylor, Keith jogou um fósforo em um recipiente de tinta inflamável. "Quando penso nele em Sidcup, penso em cacatuas e coisas queimando." Na época, as drogas e a piromania (ambas as quais seriam o forte de Richards anos depois) serviram para completar um papel caricaturado de desajustado da escola. Quando a classe de design gráfico de Sidcup saiu da escola para uma aula de campo na Heal's, loja de móveis de Londres, Keith sentou-se em um sofá de couro e derrubou cinzas quentes de cigarro nele — durante meia hora.

O gosto musical de Keith também já estava mais afiado do que o de Jones ou o de Jagger. Não era apenas que sua imaginação fosse mais longe, ou que seu senso de ritmo fosse mais profundo Era algo mais mágico: seus flashes de inspiração na guitarra pareciam vir do nada. Como Gus Dupree, Keith ouvia os sons na cabeça primeiro e aprendia a tocá-los depois. "Ele não era um de nós", recordar-se-ia com carinho um jovem músico de Dartford (e futuro vigário anglicano) chamado Ron Simms. Certa vez, ao visitar Richards, Simms mostrou-lhe *Apache*, dos Shadows, que na época estava prestes a vender seu primeiro milhão de cópias e cuja audição era considerada obrigatória para a maioria dos adolescentes com inclinação para a música. "Uma merda", Keith disse assim que o disco chegou ao fim. "Eles estão só enrolando." Depois, pegou o violão e, nas palavras de Simms, "tocou um belíssimo blues, o mais simples possível". Bem ali, em seu minúsculo quarto da habitação social, Richards começou a improvisar uma música, cantando com uma voz aguda, mas, para Simms, "de arrepiar". Ele incorporava o blues com tanta perfeição que "de repente parecia possível imaginar que você estava a milhares de milhas

de distância, viajando solitário em um trem de carga noite adentro". Ao voltar para a rua, Simms percebeu que estava estranhamente comovido.

"Do jeito que tocava, Keith podia literalmente colocar lágrimas nos seus olhos."

"Ele queria se destacar", acrescenta outro amigo de Dartford. Ao se apresentarem no primeiro dia na escola de arte, os novos alunos foram chamados, um a um, para escrever seus nomes em um dos dois quadros-negros na sala de desenho. Os outros calouros escreveram seus nomes em letras pequenas, e só uma vez; por seis ou sete semanas, sempre que aparecia, Keith ia até o quadro e escrevia seu nome em letras de forma tão grandes que ocupavam não apenas um, mas os dois quadros. Seus colegas de classe até hoje se lembram — cinquenta anos depois — do gigantesco KEITH introdutório no quadro da esquerda e do RICHARDS no quadro da direita.

Três anos depois, na primavera de 1962, Keith deixou a escola de arte com um conhecimento impressionante do blues e como membro de um grupo localmente popular chamado Sidcup Trio (atualmente reduzido a dois membros), mas nenhuma outra qualificação tangível. Com poucas exceções, alunos e professores aprenderam a abrir caminho para ele em vez de parar para conversar. Educadores rígidos recusavam-se a enfrentar a tarefa de ensinar a ele, e colegas de classe empalideciam ao vê-lo se aproximando no corredor "com seu ar perigoso e suas sardas", como lembra um deles, carregando a nova guitarra Hofner. Por insistência de Bert, Keith depois levou seu portfólio para os principais designers de Londres (inclusive para o homem que logo projetaria os títulos de *007 contra Goldfinger*, Robert Brownjohn), mas todos dispensaram seus serviços. (Em 1969, Keith contrataria os serviços de Brownjohn — um dos poucos a terem-no tratado educadamente — para a capa de *Let it Bleed*.) Além de um ou dois hipsters amigáveis que conversaram com ele sobre música, a maioria não conseguia esperar para se livrar do jovem rebelde que mastigava pílulas — pelo menos até quatro ou cinco anos depois, quando alguns de repente se lembraram dele e telefonaram. Como Keith disse, "Um chute no saco daqueles caras — isso era um alô caloroso para os seus padrões". Inevitavelmente, mais tarde ele queimaria o portfólio.

No dia 15 de março de 1962, Keith folheava as intermináveis críticas de jazz da *New Musical Express* quando, subitamente, um pequeno anúncio chamou sua atenção.

Alexis Korner Blues Incorporated
O evento mais emocionante do ano
Estação de Ealing Broadway
Vire à esquerda, atravesse na faixa de pedestres e desça
a escada entre a lanchonete ABC e os joalheiros.
Sábado às 7h30.

Jagger, Richards e outros integrantes do Sidcup Trio iriam até a zona oeste de Londres — foi difícil conseguir um número mínimo de pessoas — no sábado, dia 7 de abril. O clube Ealing não tinha pretensões nem elegância. Um portão de ferro abria-se para 16 degraus fedorentos e gastos que conduziam até um tipo de cripta. Esse buraco escuro balançava sempre que um trem passava por perto, e a água da chuva frequentemente se infiltrava pelos tijolos. Uma cobertura de lona evitava que os músicos fossem eletrocutados.

Às 9h do sábado, seis ou sete homens de meia-idade tocavam blues instrumental e alguns standards "tradicionais". O próprio Korner estava sentado em uma cadeira de escritório dedilhando um violão. Ele parecia arrebatador, com uma aura de cabelos afro, suor e calça xadrez no estilo Rupert, o Urso, um homem exótico de 33 anos cujo entusiasmo excedia sua habilidade. Na verdade, o som de Korner mal podia ser ouvido, e o trabalho pesado ficava para uma figura encurvada ao seu lado chamada Cyril Davies, um galês grandalhão que trabalhava em um ferro-velho e tocava uma gaita no estilo vigoroso de Chicago. Os números mais rápidos eram acompanhados por uma percussão improvisada com os dedos, gemidos amplificados e assobios banais. Fora isso, as contribuições fragmentárias de Korner limitavam-se a alguns versos quase falados no estilo Rex Harrison.

Cerca de meia hora depois, Keith virou-se para Mick com o veredito "Isso é enrolação", quando sua atenção foi chamada para algo que acontecia no palco.

Korner deu alguns passos à frente. “Este” — ele apontou para uma vasta cabeleira loira nas sombras — “é Elmo Lewis. Ele veio de Cheltenham para tocar para vocês.” Nos 10 minutos seguintes, o grupo de Korner tocou como uma Ferrari a toda velocidade. Um medley de Elmore James de *I Believe* e *Dust My Broom*, com uma guitarra slide pungente, terminou com um aplauso estrondoso.

Um chute na virilha não poderia ter afetado mais Keith. Quando Jagger e Richards viram Elmo Lewis — na verdade, Brian Jones, pulando no palco como um chimpanzé excitado — souberam o que era, literalmente, sentir a terra se mover. Acompanhado por uma percussão acelerada, a guitarra de Brian descia e subia nas escalas, varrendo até os últimos vestígios de Dixieland.

“Mas que porra”, sussurrou Keith para os outros rapazes, “esse cara é um *astro.*”

E Mick Jagger, que não apenas lembrava, mas que mais de uma vez teve que recorrer à citação dessas palavras anos mais tarde, aproximou-se para se apresentar.

Notas

[1] Há rumores de que, em uma batida à procura de drogas, os policiais teriam se deparado com Mick Jagger comendo uma barra de chocolate Mars estrategicamente alojada entre as pernas de Marianne Faithful, sua então namorada, que até hoje nega a história. Quanto a Margaret Trudeau, de acordo com a autobiografia de Keith Richards (*Vida*, 2010) e outras fontes, ela não apenas teve um caso amoroso com Ron Wood, mas também com Mick Jagger. [*N. da T.*]

[2] "Os Ossos Rolantes", em vez de "As Pedras Rolantes" [The Rolling Stones]. [*N. da T.*]

[3] Famoso programa da BBC estrelando Tony Hancock no papel de Anthony Aloysius St John Hancock, um comediante trabalhando arduamente para alcançar o sucesso. [*N. da T.*]

[4] Escola que faz parte do sistema educacional público da Inglaterra, destinada aos alunos que ficam abaixo dos 25% mais bem-sucedidos no eleven plus. O sistema foi introduzido em 1944 e perdurou até o início da década de 1970. [*N. da T.*]

[5] Os dois últimos anos do período que no Brasil corresponde ao antigo ginásio. [*N. da T.*]

[6] Personagem de *Alice no País das Maravilhas*, no Brasil também chamado de Gato Risonho. [*N. da T.*]

2

Você deixaria sua irmã sair com um Rolling Stone?

A Dartford onde Jagger e Richards cresceram tinha uma reputação ambígua. A cidade, localizada a cerca de 25 km de Londres, tinha uma longa história de realizações religiosas, industriais e culturais; os romanos construíram estradas, os monges medievais fundaram hospitais e várias fábricas de papel, as indústrias farmacêutica e bélica floresceram de meados do século XIX até a Grande Depressão, oitenta anos depois. Em 1944, quando os dois futuros Stones tinham um ano, a maioria das pessoas consideraria Dartford um lugar maçante e deprimente — para não mencionar perigoso, com o ataque das primeiras V1s de Hitler, as chamadas bombas voadoras. As edições do jornal local *Chronicle* de junho e julho cobrem o horror: "Bombas Voadoras Noite e Dia... Pais, Filha e Cozinheiro Mortos... Antiga Taverna Explodida... Criança Morta Enquanto Corria para Abrigo... Tragédia das Duas Irmãs." À sua maneira, Dartford seguiu uma história clássica entre as comunidades do sudeste inglês: na década de 1930, a Depressão se estabeleceu como uma neblina do Mar do Norte, retirando-se bem a tempo para a chegada da Luftwaffe. Grande parte da antiga cidade-mercado havia sido perdida até 1945. Os urbanistas não tardaram a terminar o trabalho, colocando bairros inteiros de casas pré-fabricadas em locais destruídos pelos bombardeios e campos verdes. A ordem do dia era "limpeza", resultando em uma remodelagem vulgarmente moderna cujas principais características eram intermináveis ruas de mão única, rotatórias e necrotérios. Hoje, ao visitarmos a "Thames

Gateway", encontramos uma monstruosidade stalinista construída com gigantescas cascas de ovo de vidro ao lado de uma antiga igreja normanda, seguida por um edifício-garagem. A incrível combinação visual do passado de madeira de Dartford com uma modernidade vulgar simboliza uma cidade que parece ter perdido a alma na década de 1950, e depois, por décadas, foi forçada a suportar o mau cheiro ácido das fábricas químicas falidas, como um órgão industrial fantasma após uma amputação.

Michael Philip Jagger nasceu aqui, embora não em 26 de julho de 1944. A data, entusiasticamente citada pelo assessor de imprensa dos Rolling Stones, Les Perrin, foi, de forma geral, aceita nos anos de 1960 e 1970, quando o vocalista do grupo dava a impressão de querer parecer mais jovem do que era. Na verdade, Jagger veio ao mundo um ano antes, no Livingstone Hospital, uma ala pequena de tijolos vermelhos anexa a uma estrutura clássica e imponente fundada em 1866 como "Asilo para Lunáticos do Condado de Londres". Seu pai era um professor e entusiasta de educação física de 30 anos com voz suave, chamado Basil Fanshawe Jagger, mas que se apresentava como Joe, tendo me dito que achava o apelido mais "amigável". O pai de Joe também fora professor, e sua família, originária de West Yorkshire, havia morado em vários lugares no país inteiro acompanhando as transferências do pai até chegarem à região Home Counties. Mais tarde, Mick Jagger admitiria ter herdado essa inclinação para educador. Em 1938, Joe passou a ensinar na East Central School, em Dartford, e no ano seguinte conheceu uma morena cheia de energia e segura de si de 26 anos chamada Eva Scutts. Aos 5 anos, Eva emigrara com os pais e quatro irmãos da Austrália a bordo do SS *Rotorua*, um navio que depois seria afundado por submarinos alemães, causando a morte da tripulação inteira e da maioria de seus passageiros. Em Dartford, os Scutts compraram uma casa pequena com terraço na Lowfield Street, uma rua na época de paralelepípedos que começava na praça comercial, onde aos 16 anos Eva começou a trabalhar como cabeleireira. A família tinha talentos musicais; a maioria tocava um instrumento, e todos gostavam de cantar acompanhando as big bands que tocavam no rádio. O rádio era sua única peça de mobília substancial, uma grande caixa feita de uma imitação de teca que poderia muito

bem ter servido de caixão. Joe Jagger me contou que ficara "um pouco intimidado" diante da jovial e autoconfiante Eva, mas insistira. Eles se casaram no dia 7 de dezembro de 1940, na Holy Trinity Church, cujas janelas estavam cobertas por blecaute por causa das bombas alemãs que haviam destruído o County Hospital e causado a morte de 42 pessoas na noite anterior. O primeiro dos dois filhos dos Jagger nasceu cedinho, numa manhã de segunda-feira, quase três anos depois. Joe gostava das iniciais "MP", que ele achava que podiam dar sorte em "algum tipo de carreira política para o rapaz".[1] Eva guarda memórias vívidas de se abrigar debaixo das escadas durante ataques aéreos com o bebê, enquanto "Mike gritava até ficar rouco" de medo.

De forma geral, acredita-se que Jagger cresceu com uma autoconfiança fundamental, proveniente do fato de ser o orgulho dos pais: o primogênito cercado por cuidados e carinho. Está claro que ele herdou as qualidades dos dois lados do clã — a segurança e a inclinação musical dos Scutts, e a aplicação compenetrada dos Jagger. Etimologicamente, o nome de Mick também indicava que o rapaz eventualmente teria as pontas aparadas para se tornar um exemplar mais consistente. Mais tarde, ele se divertiria contando a todos que seu sobrenome paterno vinha do inglês arcaico "jag", que significa cortar em retalhos — embora, para contrabalançar isso, possamos acrescentar que sete ou oito séculos atrás um jovem considerado muito volúvel era chamado de "scutt" — termo originalmente usado para denominar o rabo de uma lebre, particularmente notável quando o animal fugia.

No dia 9 de janeiro de 1951, Mick Jagger foi matriculado na Escola Primária do Condado de Wentworth. Vários colegas da época lembram-se dele tanto pela sua energia intensa, quase maníaca, quanto pelo conjunto em miniatura de química com o qual ele anunciou, com seriedade, que pretendia explodir o mundo. Um amigo chamado Peter Holland lembra-se dele como um menino magro de cabeça grande, cabelos castanhos volumosos e um sorriso encantador, "brilhante como o de uma modelo em uma propaganda de pasta de dentes". Em 1954, os Jagger se mudaram para a área residencial de

Wilmington, onde compraram uma casa independente com quatro quartos chamada Newlands. Era "um pouco elegante", lembrou Joe, que havia se mudado para Londres como professor e instrutor de educação física, além de ter se descrito como um "representante técnico", enquanto Eva tornou-se demonstradora de cosméticos em meio período. Mais tarde naquele ano, Mike passou no exame eleven plus e entrou na Dartford Grammar School, percorrendo a West Hill de bicicleta em seu novo uniforme, com um blazer marrom e boné com bordas douradas.

O retrato de Jagger dado pelos mais próximos entre 1953-1956 pertence a um menino mais movido por trabalho duro e determinação do que por puro intelecto. Até mesmo alguns de seus admiradores posteriores tinham suas dúvidas em relação à genialidade de Jagger, ainda que na escola ninguém que o conhecesse jamais tenha questionado sua perseverança ou sua atenção aos detalhes. De acordo com a maioria, ele foi um dos primeiros meninos de Dartford a contrair em 1955 a epidemia americana chamada rock and roll. Ela chegou à Inglaterra — especificamente ao Rialto, em Dartford — na forma de *Blackboard Jungle* [*Sementes de Violência*], drama adolescente que falava da anarquia estudantil, e que fazia as plateias "aplaudirem e até *dançarem nos corredores*", como colocou o *Chronicle*, criticando o comportamento. Jagger assistiu seis vezes ao filme. A partir daí, o menino de 12 anos começou a ouvir astros como Elvis e Little Richard, flertou com um grupo de skiffle da escola cujo único panfleto promocional a ter sobrevivido a todos esses anos descreve sua participação como "Sons de fundo variados", e começou a encomendar álbuns de rhythm and blues difíceis de conseguir da Chess Records, de Chicago, cuidadosamente anotando o número de matriz dos discos em seu diário a fim de trocá-los com os amigos. "Mick já era organizado na época", lembra-se Dick Taylor.

É fácil esquecer da paranoia que cercava os jovens e sua música nos anos 1950. O *The Times* alertava que a figura corpulenta do fumante de charuto Bill Haley estava "incitando nossos garotos a motins com sua batida primitiva". Em 1957, o Conselho de Dartford baniu exibições locais do filme *Rock Around the Clock* [*Ao Balanço das Horas*] — o que, é claro, só serviu para aumentar sua

popularidade. Mesmo na época, Mike Jagger não estava imune à ebulição incipiente da "cultura jovem" pós-guerra que mais tarde, de certa forma, viria a personificar. Aos 15 anos, ele informou alegremente ao colega de classe Clive Robson que "os Estados Unidos são o lugar" — algo memorável para alguém cuja maior aventura havia sido uma excursão com a família Marbella. Mais tarde, Jagger declararia que sua "primeira trepada" aconteceu por volta dessa época "com dois brotos em uma cabana de jardim" (relato que Robson acha "improvável, para dizer o mínimo"). A vida, contudo, de repente não era Durex e discos de Chuck Berry. Jagger era um atleta, competindo no basquete, no críquete e no futebol. Ele conseguia nadar de uma borda a outra em uma piscina com sete ou oito ondas artificiais, e certa vez apareceu com Joe em um episódio sobre alpinismo da série da ATV *Seeing Sport*, onde ele era visto escalando as High Rocks perto de Tunbridge Wells, tendo feito sua estreia na televisão em um close-up do pé: "Aqui está Michael", diz o narrador, "usando um par de tênis de ginástica."

Dick Taylor lembra-se de certa vez estar saindo pela porta de Newlands com Jagger no exato momento em que seu pai gritou: "Mike, sua musculação." O adolescente obedientemente voltou para dentro e passou meia hora levantando halteres. Jagger, Taylor e dois outros amigos de Dartford logo começaram a tocar algumas músicas de blues juntos, geralmente isolados no jardim de um ou de outro, com a companhia de um ou dois "brotos", mas mesmo essa prática proto-Stones tinha um toque infantil. Tendo sido escolhido para subir em uma macieira certo dia na área de ensaio do grupo "para checar a acústica", o guitarrista Bob Beckwith não conseguiu descer. Os outros meninos tiveram que ir buscar adultos para socorrê-lo. Jagger, que havia sido aprovado com louvor em sete matérias nos exames O Levels, fez seu único protesto conhecido contra o regime da grammar school quando, em novembro de 1959, assinou um requerimento para que o corpo discente recebesse um almoço melhor.[2]

O futuro de Mike foi incerto nos dois anos seguintes, durante os quais parecia provável que ele seguisse carreira na educação ou na indústria. Talvez possamos identificar algum instinto empreendedor no fato de que ele trabalhou

em meio período como vendedor de sorvete na praia, e como vendedor dos cosméticos da mãe no inverno. Quando não estava trabalhando, Eva gostava de se divertir, e dançava gavota muito bem, tendo certa noite de sexta-feira sido observada no Glentworth Club conduzindo o filho de 16 anos, que estava "vestido como Fred Astaire". Mike também tinha talento como mímico, além de gostar de entrar cheio de confiança no pub Rose and Crown, em frente à escola, e fazer seu pedido com um "sotaque adocicado no estilo Terry-Thomas". De acordo com Dick Taylor, o número de Jagger para festas na época era uma "versão primal de 20 minutos de *La Bamba*, berrando verso por verso num *pidgin* espanhol enquanto balançava a cabeça como um touro bravo". As pessoas sabiam por instinto que aquele menino iria longe. Em 1961, Jagger passou nos A Levels em Inglês e História, e, munido de uma bolsa de 350 libras do governo, entrou na universidade em setembro.

Era uma manhã de outono desagradavelmente úmida e fria no dia 17 de outubro. Kent e grande parte da região sudeste estavam cobertas por uma neblina. Os trens estavam atrasados. Em uma plataforma escura com destino ao norte na estação de Dartford, um passageiro solitário, usando sobretudo e um cachecol violeta, preto e dourado, esperava pelo trem atrasado das 8h28 para Londres, onde teria uma aula de História da Economia. Com um exemplar de *One Dozen Berrys* debaixo do braço, Mike Jagger pulava de um lado para outro, em parte pelo frio, em parte por causa da sua energia inquieta. Já havia passado das 9h. Em uma discussão sobre a carreira no início da semana com Walter Stern, Jagger repetira seus planos de se tornar professor, ou, se não conseguisse, talvez "jornalista ou historiador". Seu pai Joe me contou que achava que ele tinha capacidade para ser um grande economista. Stern, por sua vez, já tinha dúvidas em relação à habilidade matemática de Jagger, mas tinha grandes expectativas para uma carreira em propaganda. "Aquele menino sempre tinha alguma campanha, sabe? Sempre tinha algum esquema." Todos concordavam que ele podia fazer quase tudo — menos música.

Quando Jagger olhou em direção à curva na Plataforma 2, aquela opção em particular parecia muito improvável. Bastou um momento, contudo, para que se tornasse inevitável. Emergindo das profundezas da névoa, lá estava Keith Richards com sua guitarra.

Esse momento sísmico para o futuro do rock tivera antecedentes modestos dez anos antes, quando Jagger e Richards haviam sido colegas de shorts cinza na escola primária. Eles também haviam morado no mesmo bairro. Em 1951, os Richards estavam alugando um apartamento em cima de uma mercearia na Chastilian Road, em Dartford, enquanto os Jagger moravam apenas três ruas depois, na Denver Road, em uma casa elegante com acabamento de seixos, gnomos no jardim e uma campainha que tocava *Greensleeves*. Aquelas três ruas do subúrbio eram mundos diferentes. A lembrança que Keith tem desse lugar da infância é de uma casa "escura, fria e fedorenta", com verduras mofadas na mercearia embaixo, e que ficou ainda pior depois de ser atingida por uma bomba voadora alemã em junho de 1944. Um encerado azul-claro passou meses cobrindo o buraco aberto no teto, até quase se soltar, produzindo uma batida constante enquanto balançava ao sabor do vento sobre a cabeça de Keith.

Nascido no Livingstone Hospital em 18 de dezembro de 1943, Richards se mostraria um aluno inteligente na escola, embora já exibisse sinais de uma personalidade voluntariosa e resistente à disciplina do trabalho regular.[3] Seu pai, Herbert William — Bert — Richards era um aprendiz de impressor que se tornou eletricista e supervisor primeiro na General Electric e depois na fábrica de lâmpadas Osram em Hammersmith, região oeste de Londres. A esposa de Bert, Doris, com quem ele se casou em 1938, era filha de um alegre músico semiprofissional de jazz, e era a mais nova de sete irmãs, todas as quais também tocavam um instrumento. Como o pai, Doris não era dada à insegurança. Assim, Richards tinha pais com química semelhante à dos de Jagger: eles eram filhos de homens contidos e mulheres extrovertidas. Para os que acreditam em astrologia, Mick e Keith são, respectivamente, de Leão e Sagitário. Desse

modo, Richards costuma ser descrito como um amante da liberdade, nômade, idealista, sincero, mente aberta, sempre em busca da verdade, expansivo e viril, entre várias outras virtudes. Enquanto Mike passou pela adolescência sem causar muitas preocupações, Keith, fã de western, logo aprendeu a fumar e a girar um revólver como um caubói. Na adolescência, um era focado, enquanto o outro estava quase morto para qualquer coisa que não fosse o mundo da música e do cinema. Jagger nasceu numa manhã de segunda-feira; Richards nasceu numa noite de sábado.

Seria justo dizer que, na adolescência, Keith era mais mentalmente durão do que fisicamente forte. Ron Simms lembra-se dele como "pele e osso", com olheiras e um "rosto raivoso de um garoto de reformatório", cujos traços mais proeminentes eram as orelhas de abano. Quanto aos banhos, "ele não parecia exagerar neles". Durante alguns anos, Keith foi chamado de "Ricky" em casa e de "Monkey" [Macaco] fora dela. Na época, as coisas eram mais simples, em particular na Chastilian Road. Quando Keith chegava em casa da escola, entrava pela mercearia e subia um lance de degraus de concreto até uma sala de estar mal iluminada e lúgubre. O aquecedor elétrico não aquecia mais que uma lâmpada de 60 watts. Se ele quisesse assistir à televisão, descia novamente e ia para a janela de um vizinho chamado senhor Steadman, o único residente local que tinha um aparelho. Não é de surpreender o fato de que Keith "simplesmente adorava" a mãe, que "mimava, elogiava, protegia e fazia tudo para agradar" o único filho, trazendo-lhe um suprimento constante de bolos da padaria onde trabalhava em meio período e encorajando-o tanto a ouvir sua coleção de discos de big bands quanto a juntar-se a ela e às irmãs quando dançavam em frente ao rádio. Keith mais tarde diria que havia crescido em "uma casa barulhenta", ainda que isso ocasionalmente incluísse o som dos pais brigando. Em resumo, ele gostava da infância clássica do astro do rock, com uma mãe musical e indulgente e um pai austero e trabalhador (carinhosamente apelidado de "Adolf") que batia com raiva na parede quando o filho adolescente tocava guitarra a qualquer hora, sem parar. Não se pode dizer que Keith teve sucesso no primário, mas sim que sobreviveu a essa etapa: no início

de 1955, ele foi reprovado no eleven plus, e foi mandado para a Dartford Tech por quatro anos perdidos.

Ao longo do caminho, Keith havia começado a cantar em competições entre escolas no Albert Hall, em Londres, e foi considerado bom o bastante para ser selecionado como um dos três sopranos a cantarem em um coro convidado diante da rainha em um concerto na St. Margaret's Church, Westminster, em maio de 1955. De acordo com ele, aquele foi "seu maior espetáculo de todos os tempos", entre cerca de mil shows feitos até hoje. Outro lado positivo da carreira musical incipiente de Richards foi o fato de suas excursões com o coral terem-no levado a ser liberado das aulas de química (que teriam de ser repostas posteriormente). Aos 10 anos, Keith também entrou para os Escoteiros locais, na 1ª unidade da Patrulha do Castor. Ele é lembrado com carinho por ter distraído as tropas certa noite com uma apresentação cômica de sapateado, executada como se ele estivesse sofrendo de alguma doença dolorosa na parte inferior do corpo. Segundo uma fonte confiável, o clímax do espetáculo veio quando Keith apresentou "um oratório intestinal no qual peidou *em harmonia*. Sensacional. Um dos garotos riu tanto que teve que ser levado para o hospital".

Mais tarde, em 1955, Keith e Mike Jagger se afastaram quando Bert Richards fez um depósito de 80 libras para o número 6 da Spielman Road, parte de um gueto de casas semigeminadas de tijolos vermelhos no novo conjunto habitacional de Temple Hill, região leste de Dartford. Eles foram morar em um lugar geograficamente mais elevado em relação à Chastilian Road, mas a mudança foi descendente em termos de padrões de moradia, levando-os para um bairro mais pobre. Keith logo estaria se metendo em brigas com os residentes criados em condições mais duras da área, e como "era franzino", tornou-se adepto do chute tático na virilha do oponente, seguido por uma fuga relâmpago. A uniformidade e o isolamento do local acabaram cansando até mesmo Bert, que, ao ir para casa tarde da noite andando pela Spielman Road, às vezes acabava batendo à porta errada. "Como é que podemos diferenciar esses depósitos?", ele indagou certa vez. Depois que entrou na Tech, Keith pelo menos encontrou um professor simpático que o

aconselhou a trabalhar servindo chá em um escritório de design gráfico, "o que pode levar a coisas melhores", mas nem esse modesto encorajamento alterou o padrão básico: seus boletins escolares continuaram descrevendo-o como "preguiçoso", "voluntarioso" e "em coma acadêmico".

Então, da noite para o dia, nas palavras do próprio Richards, tudo se transformou: "Zoom! De preto e branco para um tecnicolor glorioso."

Seus ídolos chegaram até ele, como chegaram para milhões, debaixo das cobertas, tremendo sob o cinto de segurança na longa viagem de ônibus até a Tech, ou curvado sobre o rádio da família antes de Bert chegar à noite. Em pouco tempo, com 14 anos, Richards matava aula, esgueirando-se pelos becos até a Woolworth's de Dartford, onde entrava em uma cabine para ouvir as versões "da casa" da Woolies' das músicas americanas até a hora de fechar. "Eu praticamente vivia lá", ele contou. Richards "sentava-se naquele banquinho ouvindo discos de Chuck Berry e Elvis vinte vezes seguidas, pegando os arranjos de ouvido", diz Ron Simms. Mais tarde, Keith chamaria a Woolworth's de "meu curso de música". Não demorou muito para que ele convencesse Doris a investir 7 libras em um violão Rosetti Professional Style. Com o violão e um gramofone barato, também comprado pela mãe, ele começou a tocar, sentado nos degraus da escada que levava ao andar de cima, um lugar com boa acústica, acompanhando as gravações originais. Um momento memorável se deu certo dia em 1958 quando Keith tocava uma adaptação para blues do sucesso da época *Malaguena*, de Ernesto Lecuona, e Doris gritou lá de cima: "É você? Achei que fosse o rádio." Agora, o já aflito Bert tinha mais uma preocupação. "Toda noite, quando o pobre coitado chegava", disse Keith, "me encontrava sentado lá com meu violão, tocando e batendo na parede para ter alguma percussão."

No início de 1959, irritada com as faltas de Keith, a Tech expulsou-o. Ele acabou conseguindo se matricular na escola de arte, descendo na terceira parada da linha de Sidcup, vizinha a Dartford, mas completamente desprovida da energia crua, da vida noturna e das perspectivas revigorantes da vizinha. Ele

parece ter passado a maior parte do tempo trancado nos banheiros da escola, vestindo calças skinny e meias de um roxo vibrante, praticando no violão. No inverno de 1960, ele e outro estudante chamado Michael Ross — os principais membros do Sidcup Trio — fizeram sua primeira apresentação semiprofissional em um baile realizado em uma sede dos escoteiros em Eltham. As instalações eram básicas. Havia um misto de supervisor e MC (o vigário local), um abajur e dois rádios com defeito (que mais de uma vez ressoaram a interferência do Light Programme da BBC durante a performance) servindo de amplificadores. O vigário pulou no palco depois do último número a fim de pedir que todos deixassem o local com calma, mas não houve problemas — a maior parte da plateia já havia saído. Depois dessa estreia pouco promissora, Keith perdeu o último trem para casa e passou "a noite tremendo em uma parada de ônibus com uma prostituta local. Essa foi a minha estreia no show business".

Richards encarava um futuro profissional incerto quando o destino levou-o a um encontro com Mike Jagger. Se sua carreira no rock and roll não tivesse dado certo, "uma alternativa muito provável" era uma vida como "um tipo de eterno delinquente juvenil" — o que, para sermos honestos, não seria muito diferente. Nas semanas seguintes, Keith e Mick (como ele passara a se apresentar) travaram uma amizade baseada no amor por Chuck Berry e Muddy Waters, e, com objeções paternais, começaram a ensaiar juntos na casa de Dick Taylor, em Bexleyheath, não muito longe. Quando os Richards tiraram raras férias familiares no inverno daquele ano em uma viagem a Devon, Jagger acompanhou-os. Os dois adolescentes fizeram uma apresentação em um pub local, cantando algumas músicas juntos sentados em banquinhos. Keith e Mick impressionaram um homem chamado Ted Haley, que anotou em seu diário que eles eram "como os Everly Brothers ingleses", ainda que não tão melodiosos. Depois da apresentação, Keith observou que eles "realmente precisavam de um empresário". Já Mick comentou apenas que não havia "brotos" o bastante na plateia para o seu gosto. Eles voltaram para casa no velho Vauxhall da família, e a mãe de Mick esperava na porta quando o deixaram em Wilmington — não seria a última vez que um Jagger reclamaria da pontualidade de um Richards.

Três meses depois, eles conheceram Brian Jones no porão do Ealing, experiência que Keith compararia ao momento em que Crusoé encontrou as pegadas de Sexta-Feira. Depois disso, os três começaram a tocar regularmente com Alexis Korner, embora isso pareça ter causado um debate entre os cantores com barbicha de bode que se apresentavam no Ealing. O saxofonista de Korner, Dick Heckstall-Smith, mais tarde admitiria que Richards, por exemplo, parecia "um carcamano". De forma geral, o público, amante do jazz, preferia Jagger, que se mostrou capaz de vender a música de homens velhos para uma plateia jovem — "balançando a cabeça como um tricófilo". Korner mais tarde diria que os Rolling Stones haviam ganhado forma "bem ali naquele depósito subterrâneo que mais parecia o bunker de Hitler". Suas memórias, porém, não são inteiramente comprovadas por outros relatos, e essa afirmação parece um pouco prematura, pois Mick, Keith e Brian ainda não haviam descoberto o que fazer musicalmente na ausência de instrumentistas mais experientes. Eles aprenderiam isso no Marquee Club em 12 de julho.

O jovem que tocava guitarra slide no clube de jazz Ealing era um Brian Jones diferente da figura provocativa que mais tarde capturaria a imaginação mundial e provocaria anos de manchetes indignadas. Além do seu talento musical, pouco nele parecia extraordinário a Mick e Keith (ao menos até conhecerem seu alter ego Cheltenham Shagger). Embora mais velho que eles, Brian era um jovem franzino, de apenas 1,68 m, ombros estreitos e pernas curtas, o que lhe dava um andar escorregadio. Talvez seus traços mais fortes fossem seus olhos verdes distantes e sua boca de lábios grossos com um toque insolente. Os cabelos loiros cheios que se tornariam tão conhecidos no final de sua vida tinham uma franja curta. Internamente, Jones também era mais o ex-corista de Cheltenham com voz suave e ritmada do que o roqueiro boca-suja que mais tarde se tornaria. Cinco anos depois daquela primeira noite em Ealing, um psiquiatra apontado pela corte diria a um juiz, que deveria decidir mandar ou não Brian para a cadeia, que ele era inteligente, mas "emocionalmente instável,

com tendências neuróticas". O psiquiatra concluiu: "Esse indivíduo oscila entre uma criança passiva, pateticamente frágil, e um ídolo pop."

Quando Jones desceu do palco para seu histórico primeiro encontro com Mick e Keith, o baixista de Korner tropeçou bêbado sobre a bateria, que despencou com um baque surdo.

"Cacete, lá se vai sua cozinha rítmica", Brian disse a Korner. Sua língua tinha o mesmo dom da de Mick; quando se virou para Jagger e Richards, voltou ao seu lado suave. "Uma banda nova?", perguntou. "Vamos conversar lá em cima. O ar daqui me dá asfixia."

Brian também teve o tipo de criação que parece um presságio para o surgimento de um astro do rock. Era o mais velho de três filhos, dos quais uma menina, Pamela, morreu de leucemia quando ele tinha quatro anos. Mais tarde, ele se lembraria de ter passado anos pensando que os pais a haviam abandonado, e com medo de que o mesmo pudesse lhe acontecer. A mãe de Jones, Louisa, era professora de piano, e encorajou sua carreira musical até que, aos 15 anos, ele deu o clarinete como parte do pagamento pelo que ela chamava de sax alto "de preto". O pai de Brian, Lewis, que também tocava piano e órgão na igreja local, à primeira vista não transmitia uma imagem de simpatia. Galês austero e puritano que trabalhava como engenheiro na indústria aeronáutica de Cheltenham, ao conversarmos com os ex-sócios do senhor Jones, ouvimos com frequência a palavra "amor"; eles dizem que ele era muito econômico nesse quesito. Não há muitas evidências de que ele alguma vez tenha usado de violência física ou tenha sido "abusivo" no sentido moderno, mas podemos afirmar que, como muitos pais da sua geração, ele não demonstrava seus sentimentos. Na infância, o centro do mundo de Brian era seu gato de estimação e uma sucessão de ferrovias de brinquedo, uma das duas paixões que o acompanharam até o fim da vida. Embora adepto da maioria dos esportes, ele tinha asma e vários outros problemas respiratórios, terminando muitas sessões com o sax sugando desesperadamente o inalador que carregava no bolso.

Brian se saiu bem o bastante na escola, embora demonstrasse uma aversão latente a todas as formas de autoridade e a ter que usar um uniforme em

particular. A transferência para a grammar school local, porém, provou-se desastrosa. Como se lembraria, Brian "detestava" obedecer às regras de lá, e não o fazia na maior parte do tempo. Sempre que tinha vontade, Brian pedia licença para sair da classe e ia à procura de um gole de brown ale,[4] que preferia a leite. Brian tampouco negligenciava a presença de cerca de seiscentas alunas da mesma idade da Cheltenham Ladies' College, logo ao lado — das quais uma estimativa de 2 a 3% se juntariam a ele em várias demonstrações de abandono mútuo. Muitos dos que conheceram Jones na época descrevem-no como uma personalidade incomumente fluida. Quando não arrebatado por um ataque de raiva, ele parece ter sido uma companhia encantadora, com uma ternura natural e uma inteligência travessa que vinha com a explosão de uma felicidade pagã. "Nunca se sabia que Brian encontraríamos", contou-me uma mulher.

O fato de Brian ter engravidado uma moça de 15 anos em 1959 rendeu-lhe sua primeira cobertura da imprensa sob a manchete "Vigário 'Chocado' com a Adolescência da Atualidade" no *Sunday People*. Outra namorada menor de idade lhe deu seu segundo bebê, uma menina, em agosto de 1960. Apesar de resultados impressionantes nos exames, Brian, uma afronta para a imagem imaculada de Cheltenham, pouco depois deixou a escola e em seguida a casa da família. Durante algum tempo, ele morou com o amigo Dick Hattrell em acomodações próximas à escola de arte da cidade, quando passou por uma série de empregos de curto prazo. No inverno de 1960-61, Jones foi carvoeiro, vendedor e operário de fábrica, até que um acidente com a van do trabalho representou o fim do último emprego. Um curto período no departamento de arquitetura do Conselho do Condado de Gloucestershire também não acabou bem, em parte pelo fato de Brian não cumprir horários, em parte pelo fato de se sentir à vontade para se servir de todo o troco no escritório. Ele continuou tocando sax e guitarra, e encontrou um lugar para morar com um grupo local chamado Ramrods — até que o vocalista morreu engasgado enquanto comia um saco de batatas chips.

Pouco depois, Brian assistiu a uma apresentação de Alexis Korner na Prefeitura de Cheltenham, depois da qual comprou uma bebida para Korner

no pub, quando trocaram os números de telefones. A troca ocorreu no mesmo mês em que Jagger viu Richards aproximando-se dele ao emergir da névoa na estação de Dartford, e foi igualmente crucial para a formação dos Rolling Stones. Brian se mudou para Londres, onde, de alguma forma, evitou o casamento com Pat Andrews — mãe do seu terceiro filho — como lhe prometera. Lewis Jones se esforçou para induzir o filho a pensar a sério sobre seu futuro, e até mesmo pagou-lhe um curso na Faculdade de Ótica Aplicada de Londres, que também acabou prematuramente. Depois disso, os pais de Brian só voltariam a saber do seu paradeiro quando ele estivesse nos jornais como um dos cinco homens mais notórios da Grã-Bretanha.

O verão de 1962 foi um período incerto para os Rollin' Stones, como ainda se chamavam. Uma das incertezas dizia respeito a quem estava no comando. Mick Jagger, não muito diferente do aluno com calças de veludo e suéter de gola rolê da LSE, podia ao menos argumentar pretensões acadêmicas mais ambiciosas do que as de Keith ou Brian. Ian Stewart — Stu — não tinha ambições além de tocar seu amado piano boogie-woogie e tomar um número improvável de cervejas. Ele também gostava de jogar uma partida de golfe. Stu durante o dia tinha um emprego respeitável como agente de pedidos da Imperial Chemical Industries, e não tinha razões para acreditar que o bando de beatniks do qual se tornara membro duraria mais do que algumas apresentações mal pagas. Dick Taylor e o rodízio de bateristas da banda — na maioria das vezes Mick Avory ou Tony Chapman, que também tocava em uma banda de Penge que fazia covers de Jerry Lee Lewis — eram, nas palavras de Taylor, "perdedores talentosos". Ele acrescentou ainda que havia ficado "um pouco assustado" com a possibilidade de se tornar profissional.

Brian Jones, é evidente, tinha a beleza mais convencional dos Stones, o que ainda contava um pouco na cultura pop da época, e não ajudava muito nenhum outro membro da banda. No curto intervalo entre sua mudança para Londres e seu encontro com Jagger e Richards, Brian conhecera um rapaz de 20 anos chamado Paul Jones (nenhum parentesco) e perguntara se ele estava

interessado em entrar para uma banda que pensava em formar. Paul, na época graduando em Oxford, recusou a oferta. Dias depois, ele convidou Brian para entrar em seu próprio grupo, "e Brian respondeu de forma incisiva que não queria integrar uma banda a não ser que fosse o líder". Essa convicção acompanharia Brian nos próximos sete anos, causando muitos conflitos internos aos Stones. Com o tempo, a autoconfiança messiânica de Brian seria subjugada pelo talento criativo de Jagger e Richards, além de outros fatores mais autodestrutivos, mas ele nunca abandonou inteiramente a ideia de que sua bagagem de talento musical, carisma e beleza física o elevavam acima da matilha. Foi isso que ele quis dizer quando, logo que a banda começou a fazer sucesso, declarou com a cara mais lavada para um entrevistador da *Jazz News*: "Nossa banda pode ser resumida em duas palavras — Brian Jones."

É verdade que Brian insistia em fazer o máximo possível de ensaios — cujo número em 1962 superou o das apresentações pagas da banda. Enquanto Jagger pegava o trem para o LSE todas as manhãs e voltava para Dartford à noite, Jones e Richards durante pouco tempo dividiram um pardieiro em Notting Hill, Londres. Isso durou até a chegada — como sempre acontecia quando Brian estava envolvido — dos oficiais de justiça. Os dois colegas de banda, então, bateram em retirada para um quarto em Brackley Road, Beckenham, onde, como conta Keith, costumavam "ficar à toa, ler a *Billboard* e tocar o dia inteiro, Brian com sua Gibson e eu com a minha Hofner": o choro do nascimento dos Rolling Stones. Quando foram despejados outra vez, Mick, Keith e Brian se mudaram de volta para Londres, onde passaram a morar em um apartamento no segundo andar localizado, muito apropriadamente, no World's End [Fim do mundo], Chelsea.

O número 102 da Edith Grove era um lugar que, nas palavras de Richards, fazia até a Spielman Road "parecer a porra do Balmoral".[5] Era outro pardieiro, de dois quartos, com um medidor de gás, lâmpadas à mostra e alguma mobília básica. A única poltrona era reservada a visitantes importantes como Korner, tendo caído várias vezes com ele sentado, derrubando-o no chão de cimento.

As paredes que tinham o luxo de serem pintadas estavam descascando, e foram gradativamente adornadas com pichações feitas para serem indeléveis com fumaça de vela. A higiene não era prioridade em Edith Grove. "Quando entrei lá pela primeira vez", disse Stu, que não era das criaturas mais delicadas, "o cheiro quase me fez desmaiar. Havia comida mofada e pontas velhas de cigarro por todos os lados, roupas sujas jogadas no meio daquele cheiro nojento, como repolhos apodrecendo". Limpar a casa para os rapazes significava jogar louça, talheres e utensílios domésticos pela janela da cozinha no jardim de uso comum lá embaixo. Não demorou muito para que Richards começasse a pensar em voz alta na possibilidade de comprar um revólver para atirar nos ratos que dividiam o lugar com eles.

Enquanto Jagger — o locatário oficial do apartamento — ainda pegava diariamente o ônibus para a faculdade, Keith e Brian se isolavam em World's End, ouvindo discos cujos riffs crus e rápidos acompanhavam nas guitarras. A ideia de Mick cuidar dos negócios enquanto seus colegas sonolentos rolavam na cama se tornaria uma imagem duradoura para os Rolling Stones. O hobby favorito dos dois guitarristas era tocar Muddy ou Howlin' Wolf e tirar de ouvido riffs gravados em Chicago vinte anos antes. Ian Stewart observou a competição e a tensão entre Mick, de um lado, e Keith e Brian, do outro, embora de vez em quando se formassem novas facções. Bastava balançar o caleidoscópio para que "aqueles vagabundos mudassem de lado". Stu presenciou um episódio dessa inconstância certa noite quando levava os três para casa em Edith Grove depois de uma festa. Brian insistira em sentar apertado entre Mick e Keith, e ficava murmurando intrigas nos ouvidos de um e de outro. De repente, de acordo com Stu, "todos começaram a gritar uns com os outros... Brian socou Keith, e Keith revidou. Parei e disse que eles caíssem fora e não me envolvessem naquilo... Havia algum tipo de triângulo entre aqueles três." Anos depois, Jagger contou à *Rolling Stone*: "Eu não estava completamente comprometido [com a música]. Era uma coisa legal, divertida, mas Keith e Brian iam além. Eles queriam tocar *o tempo todo*."

Em outubro de 1962, os Stones fizeram quatro shows; em novembro, seis. Havia vários dias, como Richards lembraria, em que "não nos dávamos ao trabalho nem de sair da cama. Nada para fazer". Uma apresentação no Ealing acabou mal quando o amigo de Korner, Cyril Davies, expulsou os Stones do palco. As perspectivas não melhoraram quando, durante um retorno ao clube, o empresário do Marquee, Harold Pendleton, sussurrou a palavra "vagabundos" quando o grupo entrou malvestido. Keith retaliou tentando acertar a cabeça de Pendleton com a guitarra. Depois disso, levaria oito anos para que os Stones voltassem a tocar no Marquee. Keith também tentou acertar Pendleton nessa última ocasião.

Brian Jones, vale repetir, estava, claramente, à frente dos outros, reverenciado como fundador do grupo, tratado (pelo menos por si mesmo) como um astro, escritor incansável de comunicados à imprensa não publicados e cartas um tanto honestas demais para a *Jazz News* (afirmando, por exemplo, que "O rhythm and blues dificilmente pode ser considerado um tipo de jazz. Não é baseado na improvisação como o último... O impacto é, e só pode ser, emocional"), e, mesmo na época, considerado um símbolo sexual. As jovens já jogavam as calcinhas para Brian em uma demonstração de total perda de controle quando ele subia nos palcos raquíticos do Flamingo Club de Londres ou do Woodstock Hotel, em North Cheam. Brian recompensava a si mesmo pelo sucesso com 50% a mais da parte que lhe cabia na renda do grupo. Isso significava que, confessadamente, ele embolsava 7 libras e 10 xelins, enquanto Mick, Keith, Stu e os dois membros da cozinha rítmica ficavam com 5 libras cada, o que não ajudava a harmonia entre o grupo. A bolsa da universidade de Jagger praticamente pagava o aluguel, e Stu, antecipando seu futuro papel na banda, já os levava para as apresentações em sua acabada van Transit.

No final de outubro, quando a Crise dos Mísseis Cubanos se estendia através do Atlântico, os Rolling Stones — como já se chamavam oficialmente — entraram em um estúdio de gravação pela primeira vez. Jones pagou 4 libras, enquanto Jagger e Richards pagaram 6 cada, pela gravação de uma demo com três músicas, que Brian mandou para um contato da EMI chamado Neville Skrimshire. Levou um minuto inteiro para que Skrimshire os rejeitasse.

Frustrado, Dick Taylor deixou a banda. Nevava muito na noite em que seu substituto fez um teste para o grupo no Wetherby Arms, pub de Edith Grove. Era um ex-agente de apostas de 26 anos que usava Brylcreem, chamado Bill Perks, mas que havia acabado de mudar o nome para Wyman. A impressão que ele causou na banda não poderia ter sido pior. Wyman chegou pontualmente, bem-vestido como sempre, e ficou passando a mão nas abotoaduras de pérola enquanto Keith e Brian o ignoravam. Stu ficou surpreso com a tranquilidade indiferente demonstrada por Bill diante da rejeição coletiva. O gelo foi quebrado quando Wyman trouxe dois amplificadores Vox enormes para o palco e com a descoberta, logo em seguida, de que ele tocava muito bem. Para selar o acordo, Bill depois pagou uma rodada de bebidas e ofereceu cigarros a todos, "que foram aceitos de imediato como se fossem alimentos distribuídos para os famintos".

Wyman, então, entrou, mas com algumas reservas. Para a sensibilidade delicada de Bill, os Stones eram — com seus rostos magros, sua música negroide agitada e um buraco fétido sem aquecimento que chamavam de apartamento — "repugnantes... beatniks esquálidos". Nascido em 24 de outubro de 1936 (ou em 1941, de acordo com o kit para a imprensa de Les Perrin), Wyman era filho de um pedreiro esporadicamente empregado e — sim — uma mãe musical e carinhosa. Não havia trivialidades na casa da família, na Miall Road, Lower Sydenham. Era uma casa com terraço, e, de acordo com Bill, "um jardim pequeno na frente com uma sebe, luz a gás, sem banheiro ou água quente, e um vaso sanitário no quintal". Ele era o mais velho de seis filhos, cada um dos quais era brevemente mergulhado em uma banheira de zinco no chão da cozinha nas noites de sábado. Bill tinha um péssimo desempenho na escola, tinha pedras atiradas nele porque andava pelas ruas de Penge de blazer e boné, foi evacuado depois da Blitz, e mais tarde levaria muitas surras do pai quando começou a tocar piano boogie-woogie em vez de se concentrar na tarefa de casa. Aos 18 anos, Bill foi convocado para o serviço militar na RAF, onde ouvia rock and roll na British Forces Network e se apropriou do sobrenome de um camarada chamado Lee Wyman. Liberado em 1957, ele trabalhava como assistente de um agente de apostas, importador de

carne em East Ham e como gerente de uma das lojas de uma companhia de motores a diesel em Streatham. Como era de se esperar, os Rolling Stones atraíram a atenção de psiquiatras, e vários estudos foram publicados sobre a relação criativa instável de Jagger e Richards. É possível, contudo, que o mais interessante e negligenciado estudo de caso seja a evolução de Bill Wyman de menino pobre, sem atrativos físicos e "idiota do sul de Londres" para o inteligente administrador de finanças que acumulou uma fortuna, um sósia degenerado do rei Carlos que adquiriria a fama de uma máquina sexual incansável.

No seu aniversário de 23 anos, em 1959, Wyman casou-se com uma moça chamada Diane Cory, teve sua lua de mel em Smethwick, perto de Birmingham, e depois foi morar com ela em um quarto sobre uma garagem de Sydenham. O filho deles, Stephen, nasceu em março de 1962. Tendo abandonado o piano e a guitarra solo por ter mãos pequenas, Bill começou a tocar baixo em vários grupos semiprofissionais, incluindo os Cliftons, banda principal de um dos bateristas que passaram pelos Stones, Tony Chapman. Chapman apresentou Wyman, e foi assim que ele acabou entrando com os amplificadores Vox pelos fundos de um pub de Chelsea naquela noite dickensiana de dezembro de 1962. "Para músicos", ele diz, "a aparência deles me surpreendeu: eles tinham cabelos até as orelhas e pareciam muito sujos. No mundo pop de onde eu vinha, a elegância era automática." Mais velho e casado, Bill, com seu penteado estilo Tony Curtis, era claramente diferente dos Stones, conforme seria observado por várias pessoas a intervalos regulares nos próximos trinta anos.

Se você fosse lançar uma banda pop britânica com inclinação para o R&B, as primeiras semanas de 1963 provavelmente seriam um período tão bom quanto qualquer outro para isso. Os "bons tempos" anunciados pelo parlamentar Harold Macmillan nem sempre penetravam tão fundo, mas a mera pressão dos números (com a taxa de natalidade anual do Reino Unido alcançando por volta de 900 mil em 1947) inevitavelmente introduzia um aparato amigável à

juventude no início da década. Acadêmicos debatem até hoje o dilema de quem veio primeiro: o gosto do público composto pelos baby-boomers por inovações na música pop, na moda, na arte e na fotografia; ou um súbito despertar por parte dos empreendedores e investidores que as tornaram comercialmente possíveis. A resposta, pelo menos no que diz respeito ao rock and roll, é um pouco dos dois.

Em um exemplo de particular interesse para os Stones, Brian Epstein, de 27 anos, pouco tempo atrás saíra da chuva para entrar em uma loja da HMV na Oxford Street, Londres, segurando duas pesadas fitas de rolo com testes de uma banda desconhecida fora do Merseyside: os Beatles. No primeiro andar da loja ficava um pequeno estúdio onde os clientes podiam gravar seus próprios discos, o que pareceu um bom plano para Epstein. Enquanto fazia a transferência, o engenheiro de serviço percebeu que a banda não era ruim. No último andar ficava o escritório de Syd Coleman, responsável pela Ardmore and Beechwood, que fazia a divulgação dos lançamentos da EMI. Coleman ouviu a demo e perguntou a Epstein se ele estava interessado em conversar com alguém da EMI. Epstein respondeu que estava muito interessado. Três meses depois, os Beatles estavam trabalhando no estúdio Abbey Road, quando, por volta das 7h da noite, uma composição original chamada *Love Me Do* levou o produtor a chamar o chefe, George Martin. No dia 5 de outubro de 1962, enquanto os Rolling Stones oscilavam entre a música, a faculdade e a sordidez sufocante de Edith Grove, o compacto de estreia dos Beatles foi lançado, seguido em fevereiro de 1963 por uma turnê nacional. A banda não apenas seria conhecida por milhões de adolescentes do mundo inteiro, como também convenceu até mesmo os homens de meia-idade que administravam a indústria fonográfica britânica de que era hora de sair do passado e entrar na Era de Aquário, cuja ênfase seria, dali em diante, dar ao público o que ele queria em vez de lições morais.

De volta a World's End, é compreensível que Mick, Keith e Brian ainda não tivessem reconhecido que estavam à beira do sucesso comercial. Após 29 anos juntos, 24 dos quais casados, Doris Richards acabara de deixar o marido por outro homem (também chamado Richards), e agora ia com frequência a

Londres para lavar a roupa dos rapazes e tentar cozinhar alguma coisa com o que havia no apartamento. Ela lembraria das condições de Edith Grove como piores do que a época da guerra. "Era um lugar terrível, com mofo e copos e pratos quebrados por todos os lados... como se uma bomba tivesse explodido." Ian Stewart acrescentaria que as relações entre os três principais residentes do apartamento eram igualmente voláteis, com o acordo comum sendo o de quaisquer dois membros da família periodicamente se unirem para "botar pra foder" com o terceiro. Stu lembrava-se que certa noite a frase "FODA-SE MICK, SEU IMBECIL" apareceu misteriosamente pichada de cima a baixo na parede suja da "latrina". De manhã, as duas últimas palavras haviam sido apagadas por um residente desconhecido que, era evidente, ainda concordava com a tese principal. "Tudo muito estranho", confirmou Stu. "Acho que Jagger estava começando a se sentir excluído. Mick não tinha muito com que contribuir, mas tinha muita ambição e vaidade, e era inteligente pra cacete, e eu podia vê-lo dirigindo um olhar ameaçador a Brian. Já na época eu podia ver o desejo de Mick de afastar Keith de Brian... De vez em quando eu pensava que eram todos uns malucos."

Para Richards, 21 de dezembro de 1962 provavelmente foi a gota d'água: ao chegarem à "Festa do Ano" do Piccadilly Jazz Club, os Stones encontraram exatamente seis pessoas esperando por eles. Com a ajuda de uma garrafa de vinho Hirondelle,[6] Keith acabou caindo do palco. O valor do pagamento pela apresentação da banda gerou uma longa discussão. Na manhã seguinte, Keith foi contratado como carteiro-reserva para zonas rurais do centro de distribuição de St. Stephens, mas foi pego dormindo no emprego, o que significou o fim da sua carreira nos correios. No Dia de Natal, os canos de Edith Grove congelaram, os moradores estavam sobrevivendo à base de pão velho e batatas, e até a tranquilidade habitual de Mick parecia estar desaparecendo. "Quero alguém com quem possa dividir tudo, alguém para respeitar, e não alguém só para dormir comigo", ele escreveu para uma colegial de 17 anos chamada Cleo Sylvester, que havia conhecido no Marquee. "Por favor, me faça feliz, é a única coisa que está faltando na minha vida agora." (Uma das várias namoradas de Brian Jones ouviu algo parecido dele naquele Natal. "Ele me disse que meu

cabelo era como seda e que meu sorriso era uma pintura feita com estrelas no céu. Tudo para tirar a minha calcinha.") Ao contrário de Mick, Brian — que, diante dessa austeridade, de alguma forma ainda conseguia lavar e secar o cabelo com secador duas vezes por dia — continuaria otimista em relação às perspectivas da banda. Seu otimismo incansável levou-o, durante uma rápida entrevista para a *Jazz News*, a identificar o ingrediente necessário para transformar os desvalidos Stones em um sucesso semelhante ao dos Beatles. "Tudo que queremos", insistiu Brian, adotando com facilidade a linguagem preferida da revista, "é um gato legal na bateria. Depois é só esperar pra ver!"

A resposta às orações de Jones veio na segunda semana de janeiro de 1963, quando Brian procurou um "gato legal" que tocava com um estilo jazzy e relaxado, mas cuja batida, não obstante, podia fazer o palco pular. Charlie Watts era o baterista que acompanhava a banda de Alexis Korner na noite decisiva de abril em que Jones olhou para a plateia e viu Jagger e Richards fitando-o. Charlie, que gostava de manter seu estilo simples, havia ficado um pouco preocupado quando Korner aparecera em Ealing com um pequeno amplificador portátil e o pendurou na parede logo atrás da bateria. "Quando toquei [lá] pela primeira vez, pensei 'O que diabos está acontecendo?'", lembraria Watts, que até então nunca havia trabalhado com instrumentos elétricos. "Era uma banda incrível", ele acrescentou, "mas uma cacofonia total. Numa noite boa, era uma fusão entre R&B e Charlie Mingus, que era o que Alexis queria." Antes mesmo de descerem as escadas até aquele compartimento malcheiroso, as pessoas já podiam sentir Watts fazendo seu trabalho. "O que me impressionou foi a batida dele", Keith Richards recordar-se-ia trinta anos depois. "Você a ouvia antes de ver a banda."

Uma trajetória curiosa levaria o impecavelmente polido Watts a entrar em um grupo que seria descrito como "idiotas" por um juiz da Suprema Corte, e que leria relatos de jornais citando suas "APARÊNCIAS FEIAS! DISCURSO FEIO! MODOS FEIOS!", entre outras características pouco atrativas. Charlie, nascido a 2 de junho de 1941, cresceu em Islington e arredores, no norte de Londres, em

uma época na qual a área ainda era sinônimo de decadência urbana, e não lar espiritual da inteligência da esquerda britânica. Seu pai, cujo nome também era Charles, era caminhoneiro na precursora da British Rail, e sua mãe, Lilian, fora faxineira em uma fábrica. Dono de uma organização irreprochável mesmo na época, Charlie não teve dificuldades na escola e foi admitido na Escola de Arte de Harrow sob o pretexto de ser "esquisito". Ele passaria anos se esforçando para aperfeiçoar a escrita, que mais parecia uma neblina leve sobre uma paisagem turva. Na maioria das vezes, preferia se comunicar por meio de uma série de desenhos inteligentes em vez de usar a tradicional carta. Watts mais tarde observaria: "Um dos meus problemas é que nunca fui um adolescente. Eu ficava num canto falando sobre Kierkegaard. Sempre levei tudo muito a sério, e para mim Buddy Holly não passava de uma grande piada." É verdade que havia um toque de melancolia no menino com o rosto comprido de Buster Keaton, que só queria ler sobre caubóis e tocar bateria. Ele ganhou a primeira no Natal de 1955, depois de pelo menos um ano praticando sem parar com as panelas da mãe. Aos 15 anos, Watts só tinha uma ambição: entrar no [famoso clube de jazz] Birdland, em Nova York, com um terno elegante e se sentar atrás de pessoas como John Coltrane, Stan Getz ou Miles Davis — ambição difícil de alcançar da Tylers Croft Secondary Modern, embora anos depois Charlie tenha publicado um livro chamado *Ode to a High-Flying Bird*, que contava a história de Charlie Parker em uma série de desenhos parecidos com insetos.

No final de 1962, Watts tocava bateria em um desdobramento de Korner chamado Blues by Six à noite e trabalhava como artista trainee na agência de propaganda Gray's durante o dia. A formação de Korner era fluida, permitindo uma interação com os Rolling Stones. Entre outras coisas, os membros da banda vinham admirar a postura de Charlie quando ele tocava bateria, permanecendo quase imóvel até mesmo durante os números mais rápidos, e o truque em que ele levantava a baqueta em duas das quatro batidas padrão, o que significava que tocava apenas metade do baterista de rock and roll convencional. O estilo econômico de Watts era o equivalente percussivo à guitarra de Keith Richards. Durante algum tempo, Brian andou com o número do telefone de Charlie rabiscado em um maço vazio de cigarro no bolso, e os

dois se encontraram em uma noite de sábado no inverno daquele ano na estação de metrô da Leicester Square, quando Brian estava a caminho de um show e Charlie desmontava cuidadosamente a bateria a fim de guardá-la no depósito de bagagem para o final de semana. Mick e Keith de vez em quando também apareciam na organizada casa do senhor e da senhora Watts no norte de Londres com o intuito de verificar a disponibilidade profissional do seu filho. Charlie gostava dos Stones, e falou que eles precisavam de "um baterista bom pra cacete", mas, por modéstia, nunca achou que se encaixasse nessa descrição. "Ele sempre foi incrivelmente educado", disse Carlo Little, outro baterista a ter feito uma experiência com os Stones, que via Charlie frequentemente entre 1962-63. "A família havia se mudado para uma habitação social em Brent, da qual tinham muito orgulho. Quartos pequenos imaculadamente organizados, com paninhos de crochê em todas as poltronas. De vez em quando, eu ia lá para o chá, e os três faziam fila para apertar minha mão quando eu entrava. Ali estava eu, vestido todo de couro como Elvis, e tudo que fazíamos era sentar na sala de estar e conversar sobre críquete. Seus pais eram pessoas muito simples. Não tinham o nariz empinado; eram muito tímidos, reservados, e obviamente tinham muito orgulho de quem eram. Eu gostava mais dele por causa de sua mãe e seu pai."

Os Stones toleraram Tony Chapman por mais alguns shows, até uma apresentação insatisfatória em uma noite de sábado no pub Red Lion, em Sutton. "Desculpe", Brian disse-lhe quando Stu os levava de volta à cidade, "mas você vai ter que cair fora". Ainda trabalhando na agência de propaganda durante o dia, Charlie começara a suspeitar que podia haver uma forma mais interessante e lucrativa de ganhar a vida quando os Beatles, pouco tempo antes, haviam começado a apresentar seu novo sucesso, *Please Please Me*, na televisão britânica. Quando Lennon e McCartney cantavam o "Whoa yeah" em falsete, todos os quatro, inclusive Ringo, sentado na bateria, balançavam os cabelos cortados em forma de cuia. Precisamente nesse momento, o barulho predominante da plateia sempre mudava de um aplauso educado para gritos frenéticos. Assim, quando os Stones o visitaram outra vez, encontraram Watts muito mais receptivo. Mesmo então ele admitiu cheio de cautela apenas que

estava “interessado”, e mais tarde telefonou para Korner e sua esposa em busca de uma opinião. Eles lhe disseram que fizesse uma experiência com os Stones, e pouco depois Ian Stewart estava na porta de Watts em sua van. Mais tarde, Stu diria: “Eu disse a Charlie ‘Olha só, você está na banda. É isso.’ E Charlie respondeu ‘É, então tá bom, mas não sei o que minha mãe vai dizer.’”

Visualmente, os Stones agora eram duas bandas. Havia o espetáculo perturbador da comissão de frente, três gárgulas jovens que lembravam os Beatles de ressaca, e atrás deles o trio comparativamente normal de Stewart, Wyman e a figura de uma impassibilidade cômica de camisa e gravata, batendo com incongruência na bateria. A nova formação se apresentou pela primeira vez no Flamingo Club, em Piccadilly, no dia 14 de janeiro de 1963. Brian Jones literalmente parou e olhou para trás quando ouviu Charlie iniciar sua parte em *Back in the USA*, de Chuck Berry. Logo, Brian dizia a todos que eles tinham o baterista mais legal de Londres, enquanto em particular dizia a Charlie para tirar a gravata e deixar o cabelo crescer. Ian Stewart também sabia exatamente o que estava acontecendo. Depois do Flamingo, ele escreveu em seu diário: “Melhor show dos Stones de todos os tempos.”

As seis semanas seguintes foram as mais frias já registradas. No dia seguinte, a neblina cobria tudo, deixando ruas e casas cobertas por geada. À noite, o mar congelou. Na maior parte do tempo, Keith e Brian nem sequer levantavam da cama em Edith Grove, e logo Mick começou a usar um maçarico para descongelar os canos do depósito nos fundos aonde ele ia ler Keynes ou praticar gaita. Dividindo a sala de estar — onde ficavam também um berço (nunca usado) para o bebê de Brian, diversas guitarras e peças de bateria, e um amplificador sobressalente de Bill Wyman —, os Stones agora realizavam o sonho de se tornar músicos profissionais em Londres. Uma adolescente da vizinhança chamada Eileen Giles, cuja mãe conhecia os Jagger, de vez em quando vinha tentar limpar o apartamento. Passados quarenta anos, ela ainda podia se lembrar com precisão da cozinha, cômodo onde Brian Jones aparentemente conduzia um experimento biológico desastroso, e onde os

residentes se comunicavam pichando as paredes com uma solução de catarro e goma de mascar. Mesmo na época, Giles conseguia fazer uma distinção exata entre Richards e Jones — "uns relaxados" — e Jagger, que "parecia estar vivendo lá porque se divertia com a situação". Brian, em particular, já era "uma combinação esquisita de caras diferentes" que podiam "aparecer de um segundo para outro", "não era confiável", "nunca esquecia um insulto" e "nunca perdoava ninguém que cometesse um erro". Keith, falando ansiosamente sobre ficar milionário enquanto andava se espreguiçando pelo apartamento sem aquecimento, era "sempre charmoso quando lhe convinha". Quando Giles se distraiu enquanto passava roupas certa tarde e fez um buraco na camiseta roxa que era a favorita de Keith, ele "pensou por um minuto, e então chegou à conclusão de que eu deveria tirar minha camiseta e dar a ele para compensar" — oferta que, no final das contas, ela aceitou. Pouco depois, "Keith me fez sentar e tocou a música mais linda para mim. Era incrível ver como [ele e Jones] trabalhavam".

O que Giles ouvia, em meio às roupas queimadas e aos pratos com restos de comida apodrecendo, era o nascimento dos Rolling Stones. A alquimia se resume, como Keith costuma dizer, "à combinação entre duas guitarras". O som que ele e Brian buscavam se tornou um misto formado igualmente por R&B, com uma rica influência do country and western — muito popular na Grã-Bretanha em 1962 — e elementos de Elvis e Buddy Holly. Os dois colegas de quarto escreveram pelo menos uma música juntos em Edith Grove, mas ela era delicada e banal — "uma merda", na avaliação sem rodeios de Keith. "Parecia um musical dos anos 1920... era impossível trabalhar com Brian. Ele queria dominar tudo em que se envolvia — você simplesmente não podia sugerir nada." Um dos maiores problemas das composições de Jones é que elas pareciam vir dos livros de JRR Tolkien. Quando o primeiro empresário dos Stones entrou em cena, ele não tardou a identificar "exatamente quem tinha o toque de virtuoso e quem tinha a sensibilidade pop". Brian, que todos concordavam ter um talento inato na guitarra, "criativamente viajava". "Não havia criatividade ali", Keith confirmaria 33 anos depois. "[Jones] era um

músico talentoso, mas não tinha talento para compor. Ele queria, porque viu de onde vinha o dinheiro. Ficou louco quando percebeu isso."

Jones conseguiu algumas apresentações mal pagas para os Stones nos arredores dos Home Counties, incluindo apresentações regulares no Ricky Tick Club, Windsor. Talvez imprudentemente, na primeira vez que tocaram lá a banda deixou Brian dirigir. Nevava muito. "Por fim estacionamos no lugar e começamos a sair para entrar", lembraria Stu. "O problema foi que o senhor Jones esqueceu de puxar o freio, e a van desceu em direção a umas motocicletas que eram daqueles tipos rocker durões. Brian começou a balbuciar alguma coisa tentando se desculpar com aqueles caras, e depois tomou o volante de novo e imediatamente perdeu o controle outra vez no gelo. Ele bateu no meio-fio e assustou todo mundo. Lembro-me de ter olhado para Mick, que estava de pé na porta da frente, mais branco do que um lençol." Quando entraram, o dono do clube, John Mansfield, levou algum tempo para absorver a aparência da banda. "Eles pareciam um pouco com a Família Buscapé", ele lembra, "e depois os levei a um restaurante perto do castelo porque eles estavam famintos. Eles estavam fazendo baderna, jogando coisas uns nos outros. Um cara estava sentado atrás de nós com suas filhas, duas adolescentes gêmeas, e depois de algum tempo ele se levantou com um braço ao redor de cada uma, de forma protetora, e proferiu a frase imortal: 'Eu não deixaria a *minha* filha sair com um Rolling Stone.'"

No meio do que agora era oficialmente o pior inverno em duzentos anos, Jones conheceu outro abastado fanático pelo blues, que se tornou uma figura paterna. Era um emigrado russo chamado Giorgio Gomelsky, e o convenceu a marcar uma apresentação para os Stones nos fundos do Station Hotel, em Richmond, sul de Londres, no que Gomelsky havia chamado de um nome um pouco esquisito: o Crawdaddy Club.[7] "Eu tinha os Stones se apresentando em outro lugar", ele diz, "e Brian entrou, com muito da aparência que ficou nas nossas memórias, de preto, com aquele andar esquisito com as pernas de alicate, e então começou a dizer a todo mundo o que fazer." Apesar de ter

achado seu som péssimo aquela noite pré-Charlie, Gomelsky perseverou com os Stones, ainda que por insistência de Jones, que "ficava ceceando para mim: 'Pleathe, *pleathe*, [por favor] Giorgio, arranje alguns shows para nós'". Para marcar a apresentação, Gomelsky telefonou para Ian Stewart no depósito da ICI, e Ian saiu para contar a Mick, Keith e Brian na Edith Grove. Gomelsky ofereceu à banda 7 libras, que Jones achou conveniente dividir entre os seis músicos de forma a ficar com o dobro da parte de cada um. Os outros descobriram, e não ficaram satisfeitos. A intervenção de Gomelsky na carreira da banda provavelmente salvou o dia. Antes de pegarem a District Line para Richmond, os Stones haviam feito outro concerto para vinte clientes em um pub de Londres, o que já era deprimente antes de o som dos instrumentos terem diminuído pela metade devido à ação de eletricistas em greve. Após outra apresentação subsequente naquele mês, houvera um incidente preocupante quando Keith Richards deixara o local perseguido por uma pequena, mas animada, multidão de moças. Ian Stewart percebera a gravidade da situação e estacionara a van na porta dos fundos do clube, que dava direto para os bastidores. Quando Keith pegou o puxador para abrir a porta da van, ele saiu na sua mão, deixando-o à mercê de suas admiradoras. O organizador do concerto achou-se no direito de não pagar aos Stones, usando como argumento o prejuízo causado no local pelas fãs da banda. Assim, diante das circunstâncias, o tipo de apresentação bem estruturada e paga que Gomelsky parecia prometer aos Stones deve ter se assemelhado a um presente de Deus.

A primeira impressão que Stu — com mais de 20 anos — teve ao entrar no Crawdaddy foi a de estar aumentando a idade média dos presentes em uns 19 anos. "Era como ter caído num pântano", ele disse. O clube lotado, cuja clientela aumentou de uma dúzia dos curiosos ou obcecados para uma estimativa de mais de quatrocentos, com os rapazes carregando as namoradas para dentro do pequeno recinto nos ombros, logo se tornou um compromisso semanal para os Stones, que passaram a se apresentar lá todo domingo à noite. Eles podiam não ser os melhores músicos do mundo, o que alguns presentes percebiam, mas tornavam algumas apresentações mais interessantes quando largavam os instrumentos e começavam a brigar entre si, um acusando o outro

em voz alta de "enrolar" durante uma música. Esse toque cru da banda, contudo, só servia para enfatizar o ritmo tribal de Chuck Berry e Bo Diddley, que usavam para dar vida às apresentações. Logo nos primeiros compassos de' *Talkin' 'Bout You*, o som sujo da guitarra de Keith, com riffs agudos, já chamava a atenção, Bill e Charlie carregando o ritmo como uma locomotiva logo atrás dele, então "os garotos", como Stu dizia, "olhavam um para o outro — nunca haviam ouvido nada parecido — e enlouqueciam". Plateias acompanhando músicas em peso nos pubs suburbanos britânicos ainda eram novidade em 1963. Os comentários logo se espalharam, e multidões começaram a se formar do lado de fora na Kew Road todos os domingos à tarde.

Eram grandes multidões. Aquelas noites barulhentas, lotadas, em Richmond, onde o ar era tomado por um vapor quente, as garotas subiam correndo no palco — Mick aprendeu a dançar logo — adquiriram uma vitalidade típica de quadrinhos à medida que os personagens apresentavam um nocaute após outro; era quase possível ver "POU!" e "KATAPLOF" em letras garrafais em balões pontiagudos. Uma das jovens que "quase enlouqueceu" na ocasião foi uma secretária em treinamento chamada Chrissie Shrimpton, de 17 anos. Ela já conhecera os Stones no Ricky Tick, onde, com uma exibição pioneira ao ser carregada pela multidão, subiu nos ombros da plateia e rastejou até o palco, tendo plantado um beijo no vocalista principal "esquisito e atraente" da banda. Não demorou para que Jagger esquecesse a namorada Cleo Sylvester e suas ambições platônicas em relação a ela, e ele e Shrimpton tornaram-se um casal. "Era tudo primitivo", diz Cecilia Nixon, outra namorada da época de Mick. "Os Stones já eram fantásticos no palco em meados de 1963. Havia a batida e o drama visual do cantor pulando de um lado para outro com maracas entre dois guitarristas com olhares malignos. Coisa muito básica. Víamos garotos brigando. Garotas se tocando em lugares inapropriados. Lembro de entrar naquele primeiro concerto de Richmond, uma jovem muito alinhada, e quando eles pararam de tocar eu estava pulando e não conseguia parar de gritar. *Isso* é o que quero dizer com 'primitivo'."

Inteligentes, arrogantes e com uma técnica despojada, os Stones agora davam ao R&B negro clássico uma nova cara sem suavizar nada.

No dia 7 de abril de 1963, um ano depois de Mick e Keith terem conhecido "Elmo Lewis" em Ealing, a banda fez um show para uma plateia de 425 pessoas — nada mal para um lugar com capacidade para 150. Enquanto Jagger pegava o ônibus para a faculdade na manhã seguinte, Richards, Jones e Gomelsky, agora empresário do grupo, pintaram anúncios — "R&B com os Inimitáveis, Incomparáveis, Arrebatadores Rollin' Stones" — na região oeste de Londres misturando a tinta na banheira de Edith Grove (aparentemente, a única função que lhe deram). No dia 13 de abril, a banda foi citada, para a emoção dos integrantes, no *Richmond and Twickenham Times*. Na noite seguinte, os Beatles e seu empresário vieram prestigiá-los no Crawdaddy.

Eles ficaram logo na frente, em seus casacos de couro alemães e boinas de camurça, poucos metros separando-os dos Stones. Mick Jagger lembraria de ter pensado: "Cacete! Eu quero um daqueles casacos!" — um momento crucial para a sua decisão de abandonar o blues e colocar a banda na parada de sucessos. Logo depois de deixar o palco naquela noite, Mick telefonou excitado para a mãe a fim de lhe dizer quem acabara de assistir à sua apresentação, e que agora estava a caminho do sucesso como astro pop. "Que bom, Michael", ela respondeu. Na festa improvisada que se seguiu ao show, Mick foi visto chamando Brian Epstein de lado e passando um bom tempo perguntando especificamente sobre direitos autorais. Por volta da meia-noite, Brian Jones chegou a Edith Grove com os novos amigos Lennon e McCartney, ainda cheios de adrenalina. Anos mais tarde, Brian lembraria de como quase perdeu o equilíbrio ao abrir a porta: Mick e Keith estavam deitados juntos na cama — para se aquecer, é claro — escrevendo uma música.

Na quinta-feira, os Beatles retribuíram o favor e convidaram os Stones para irem aos bastidores do seu concerto no Albert Hall. Quando entrava no prédio, Jones foi agarrado por várias adolescentes que o confundiram com um dos Moptops — erro que não fez questão de corrigir imediatamente. Bill Wyman

ficou do lado de fora, inspecionando os vários números de telefone anotados com batom nas janelas da van dos Beatles, que anotou em um caderninho preto. Enquanto isso, Brian, Mick e Keith encaminhavam-se para o camarim, observando cheios de admiração enquanto os Beatles calmamente aplicavam sua maquiagem e provocavam um motim ao entrarem no palco. Não demorou muito para que os holofotes estivessem cobertos com sutiãs e calcinhas. Paul McCartney disse que quando voltou a ver os Rolling Stones, "Mick estava maquiado como uma mulher".

A vida dos Stones como banda começou de fato em 28 de abril, quando ouviram falar sobre um divulgador de gravações e cantor pop frustrado (que se apresentava sob o nome de Sandy Beach) chamado Andrew Loog Oldham. Oldham foi vê-los em Richmond naquela noite. Brian Jones, do alto de sua autoridade, achou-o "muito esforçado". Mais novo até que os Stones, Oldham nasceu em janeiro de 1944. Sua mãe era inglesa e seu pai era um americano descendente de holandeses que fora morto na guerra. Dos empreendedores baby-boomers cuja escada rolante dos anos 1960 conduziu da base para o topo da vida britânica, "Loog", o arrivista consumado, era um tipo clássico: com uma tática brilhante, flexibilidade estratégica e sem falsa modéstia. Ian Stewart acreditava que Oldham também tinha certa "feminilidade", qualidade que mais tarde lhe permitiria "pensar do ponto de vista das garotas" para tornar os Stones mais atraentes para o público feminino. Havia "algo de Hayley Mills em Andrew", concorda seu sócio, Eric Easton. Oldham tinha uma compleição delgada, traços delicados, e, como muitos outros rapazes educados em instituições privadas inglesas, mais de uma vez usara vestido nos musicais da escola. A ideia de que Loog era sexualmente ambíguo logo serviu para alimentar as fofocas sobre ele, mas, na época, Oldham tinha o tradicional desprezo por "veadinhos". (Não obstante, em 1965 ele e Mick Jagger fariam um dueto memorável, cantando *I Got You, Babe* no *Ready Steady Go!* enquanto acariciavam os cabelos um do outro.)

Em abril de 1963, Oldham, já ex-funcionário de Mary Quant e Brian Epstein, entre outros, era aquela mistura presunçosa entre o médico eduardiano e o monstro beatnik movido a anfetaminas, andando pelo Soho

com elegantes roupas pretas como se estivesse permanentemente fazendo um teste para o papel de *Expresso Bongo* (ele viu o filme nove vezes). Já adquirira dois terços de sua ambição ardente de tornar-se um "magnata adolescente". Ao visitar um amigo certa tarde no *Record Mirror*, Oldham ouviu falar sobre o novo grupo que fazia uma apresentação por semana nos fundos do abafado pub vitoriano em Richmond. Ele apareceu lá no domingo seguinte, trazendo consigo o sócio careca de meia-idade Eric Easton, que já fora organista de cinema e que estava irritado por perder seu programa favorito de televisão, o show de variedades *Sunday Night at the London Palladium*. Depois da apresentação, Oldham foi até o palco e perguntou a Charlie Watts quem era o líder do grupo. Charlie apontou com a baqueta para o esfregão loiro que era o cabelo do rapaz que já conversava animadamente com vários fãs e disse: "é Brian".

Jones, que nunca foi de travar relacionamentos duradouros, logo se desentendeu com Oldham, com quem talvez tivesse muito em comum para qualquer outro resultado: os dois eram irritadiços, carismáticos, donos de um sadismo intermitente, algo muito próximo de incríveis, criados e destruídos por si mesmos. Entretanto, logo no início, Brian admitiu: "[Foi] a ousadia de Andy que colocou os Stones no mapa." Oldham "tinha uma forma de se portar como se fosse um astro do rock", acrescentou Ian Stewart sem demonstrar muito afeto. "Ele marcava compromissos com você em horários precisos, como se sua agenda fosse muito apertada, em vez de simplesmente aparecer, mesmo apesar de ser um preguiçoso. A arrogância do cara era incomum." Um chapéu de pajem costumava adornar a cabeça de Oldham, colocado de forma casual sobre seus cabelos cor de areia, e em geral ele projetava a confiança e a petulância um tanto maníacas de um Coronel Parker moderno. Antes dele, o showbiz britânico ainda era dominado por homens de meia-idade com perucas feias que costumavam conduzir os negócios de acordo com as velhas regras. Oldham mudou isso tudo. Passadas 24 horas depois de terem conhecido os Stones, ele e Easton levaram Jones até seu escritório alugado na Regent Street e lhe apresentaram um contrato empresarial de três anos para a banda, que Brian

concordou em assinar, contanto que, secretamente, recebesse por semana 5 libras a mais que os outros músicos.

Oldham estava dentro. Os Stones esperaram Gomelsky voltar do funeral de seu pai, e então o demitiram.

Andrew logo colocou a banda em jeans pretos apertados, suéteres pretos e botas no estilo das dos Beatles, e pediu a todos que deixassem os cabelos crescerem. Em seguida, na mudança de nome mais sutil do pop, Keith Richards tornou-se o "mais *A Laranja Mecânica*" Keith Richard. Uma série de outros ajustes estilísticos foram feitos. Eric Easton aproveitou a oportunidade para expressar reservas em relação à qualidade técnica do vocal de Mick Jagger, entre outras coisas porque "a BBC" — aqui a voz de Easton tornou-se quase um murmúrio reverencial — "não vai gostar dele". A resposta magistral de Oldham foi que era precisamente esse fato que lhes renderia uma fortuna. Depois, lançou uma bomba ao dizer a Brian, Mick e Keith que a Ian Stewart — já lutando com seu uniforme apertado de boy-band — teria que sair. Os outros sempre haviam admirado Stu, não apenas pela sua habilidade, mas porque ele era o único membro do grupo que, fora Charlie, era normal e não estava nem aí para competição. Infelizmente, foi exatamente essa qualidade que provocou sua queda. Parecer normal, de acordo com Andrew, era errado para a banda, sobre a qual ele já espalhava calúnias para uma série de publicações, inclusive revistas como *Sixteen*, embora tenha tido a generosidade de permitir que Stewart ficasse como roadie. Após 18 anos, o geralmente amável Stu expressou a opinião de que "Se Loog Oldham estivesse sendo consumido pelo fogo, eu nem sequer mijaria nele". Uma fonte próxima da banda lembraria que Bill Wyman, sete anos mais velho que Jagger e Richards, quase não foi mantido na banda por razões semelhantes, mas Eric Easton interveio em seu favor.

Os Stones assinaram formalmente com Oldham e Easton no dia 6 de maio de 1963. Brian fez a negociação para a banda (abrindo mão de uma fatia de 25% do seu lucro bruto) e passou os detalhes para Mick e Keith, que esperavam em um Wimpy Bar[8] na esquina. Stu recordar-se-ia de que os três começaram imediatamente a conversar cheios de excitação sobre ficarem milionários e "comprar mansões em Hollywood". Na mesma semana, os pais

de todos, exceto Easton e Wyman, tiveram também que assinar o contrato, já que ainda eram legalmente menores de idade (a maioridade no Reino Unido na época era atingida aos 21 anos). O acordo final deu aos Stones 6% em direitos autorais divididos por cinco sobre futuras vendas de discos. Apesar das promessas de Brian do contrário, Stu nunca foi incluído nesse acordo.

Oldham vendeu rapidamente a banda para Dick Rowe, o responsável pelo departamento de Artistas e Repertório da Decca que ficou famoso por dispensar, em 1962, um grupo que havia feito um teste com interpretações liverpoolianas ininteligíveis e — pelo menos pareceu na época — completamente anticomerciais de *Your Feet's Too Big* e *Besame Mucho*. Estigmatizado como O Homem que Recusou os Beatles, Rowe aceitou os Stones de imediato com um aceno positivo de cabeça, um sopro excitado de fumaça de cigarro e a palavra, proferida num tom agudo, "Fabuloso". A banda assinou com a Decca em 16 de maio.

Mick Jagger tomou providências para tirar o que chamou de "licença" da LSE. Ele havia acabado de fazer o exame da primeira etapa para tornar-se bacharel em Ciência com bons resultados — C em todas as cinco matérias. Se o "lance musical" não desse certo, ele disse que voltaria para concluir o curso de três anos. Walter Stern lembrou-se de ter pensado que era mais provável que o ex-estudante "desaparecesse em algum cargo em vendas ou marketing, com uma mente mais capacitada para o logro e o empreendedorismo do que brilhante". Vale a pena mergulharmos nas proezas acadêmicas de Jagger por um momento, nem que seja apenas para mostrar que ele nem sempre foi o colosso mental mais tarde celebrado na indústria do entretenimento. Mick, contudo, era ao mesmo tempo ambicioso e capaz de se adaptar. Ele deu um salto maior ao apostar no rock and roll do que Keith e Brian, que tinham poucas opções profissionais. Ao contrário do pai e do avô, Mick não passaria a vida na profissão de professor.

Com a Decca agora pedindo um produto, Oldham e "a gangue", como ele dizia, começaram a pensar em qual poderia ser o primeiro compacto da banda. Os Stones ensaiaram vários clássicos do blues, cantados por Brian e Mick, com Keith acrescentando uma segunda voz apreensiva. Dick Rowe e seus colegas

ouviram educadamente a declaração de Oldham de que os membros da banda poderiam ser capazes de escrever seu próprio material. Depois de ouvir a fita demo da última tentativa de Jones, Rowe só pôde observar que mesmo uma edição de 3 minutos do lânguido blues, pontuado por uma série de erupções vocais ásperas, por mais interessante que fosse, poderia não parecer uma estreia comercial para a BBC. No final, todos concordaram com uma composição obscura de Chuck Berry para a introdução dos Stones. Lançado em 7 de junho, *Come On* teve a batida de rumba substituída por um ritmo punk; o produto final quebrou a barreira dos dois minutos. Mick Jagger achou melhor substituir "stupid jerk" [idiota estúpido] por "stupid guy" [cara estúpido]. Em outro desvio estilístico, Mick cantou o refrão em falsete. *Come On* alcançou a 21ª posição das paradas, estreia modesta que, não obstante, deixou os Stones animados. Eileen Giles lembra de Jagger e Richards "correndo de volta para Edith Grove, balançando um disco. Mick o colocou na vitrola e gritou: 'Tá aí!' e 'Agora somos profissionais!'. Aquilo era muito importante para ele".[9]

No dia 7 de julho, Oldham conseguiu 143 libras para os Stones e providenciou roupas combinando na Carnaby Street para a sua estreia na TV, no programa *Thank Your Lucky Stars*. Mesmo vestidos com esmero em seus paletós de pied-de-poule, calças pretas e novas botas Beatles, o mestre de cerimônias Pete Murray os tratou como uma doença. E eram sempre seguidos pelo som de fãs gritando, mestres de cerimônias pedindo ordem com severidade e chefes de polícia murmurando "Deplorável!". As manchetes não poderiam ser diferentes: "MARGINAIS... HOMENS DAS CAVERNAS... MACACOS" era o consenso, que minou a campanha de relações-públicas de Andrew entre as revistas para adolescentes. Depois de ofender a moral de vários comitês rurais ao longo do verão, os Stones deram início à sua primeira turnê pelo país no dia 29 de setembro, quando abriram os shows dos Everly Brothers. Todos congelaram por um momento quando a cortina vermelha subiu na noite de abertura, no New Victoria Theatre, Londres, com assentos para setecentas pessoas. Antes disso, Keith observou, "poucas vezes havíamos tocado em lugares maiores que um apartamento. Quando olhamos por sobre os holofotes

pela primeira vez, pensamos que estávamos no Superdome. De repente, tínhamos *todo aquele espaço*!"

Mick se recuperou primeiro, celebrando a nova latitude rodopiando e balançando seu traseiro magro durante os 30 minutos de concerto. Ele também andava com afetação, inclinava-se e pulava, mantendo uma expressão de tédio o tempo todo — na verdade, havia longos trechos em diversas músicas nos quais ele não fazia muito mais que isso. O clássico visual dos Stones começava a ganhar vida. Havia o espetáculo cômico, com Jagger fazendo beicinho e balançando o traseiro, pavoneando-se quando não estava ocupado olhando para o chão; a impassibilidade absurda da cozinha rítmica; olhando atravessado para a fileira da frente, Brian Jones, vestindo casaca, mais parecia um rapaz despudorado da era da Regência Britânica conferindo o talento local do que um guitarrista pop; Keith Richards atraía exatamente porque ficava parado como uma estátua perto da bateria na tentativa de ouvir a batida com todos os gritos. De vez em quando, ele se agachava em posição de combate em busca de uma acústica melhor. "Era uma luta", Keith confirmaria mais tarde, mas a música "meio que se mantinha por si só" dentro da encenação.

No início de outubro, enquanto os Stones viajavam de um lado para outro tentando se segurar em algo na traseira do seu novo miniônibus da Volkswagen, passando por paisagens idênticas com cinemas provincianos de tijolos vermelhos, os shows se tornavam um estudo de caso tanto das possibilidades quanto das limitações das turnês de 1963. O lado negativo incluía o cachê de ínfimas 35 libras por cada um dos 61 shows esgotados, do qual os Stones mal viam 2 libras cada um; uma sucessão de diretores de teatro com brilhantina expressando sua desaprovação em coro, dizendo a todos que cortassem os cabelos; lanches de estrada devorados às pressas; hotéis vagabundos; e uma paisagem provinciana tão desolada que, como observou Ian Stewart, a bússola que ele levava no bolso das calças jeans era tão importante quanto as fitas isolantes de tecido que se tornaram a marca registrada dos roadies. Sobre a dinâmica interna da banda, Stu disse: "Você vê realmente o pior de alguém quando passa o dia na traseira de uma van com o rosto enfiado no sovaco dele." Uma verdade irrefutável.

Musicalmente, ao menos, os Stones eram à prova de balas. Após uma apresentação particularmente bem recebida, havia alguns "bons momentos", observou Stu "Era como uma turnê de rúgbi — nos divertíamos muito." Isso, tipicamente, envolvia "beber todas as bebidas alcoólicas nos bastidores", e depois "procurar mais". Enquanto Stu carregava o equipamento, um ou outro colega podia "dar uma rapidinha" com uma fã local. "O padrão básico foi esse por uns dois anos", disse Stu. Apesar desses modestos benefícios, a linha de frente da banda continuava, ele acrescentou, "botando pra foder uns com os outros" periodicamente. A rivalidade já latente entre Jagger e Jones ganhara uma nova camada de complexidade quando Mick voltara para Edith Grove certa noite e, ao encontrar Pat Adams, ex-namorada de Brian, "transou com ela". Depois disso, os dois membros principais dos Stones passaram a se tratar com frieza. Também não levaria muito tempo para que Mick e os outros descobrissem a verdade sobre os acordos financeiros de Brian. Um amigo chamado Dave Thomson lembraria de ter ido assistir a uma apresentação da banda em Glasgow, e, depois do concerto, encontrar Brian com o ouvido pressionado contra a porta de uma sala enquanto Oldham conversava com os outros Stones. "Estão todos aí dentro", murmurou Jones. "Estão tentando se livrar de mim." E isso não era apenas paranoia de Brian. "Já havia virado rotina depois de um show dizermos 'Vamos cair fora e deixar ele aí'", disse Stu. "Mais de uma vez, Brian precisou pegar um táxi."

No dia 3 de outubro, Keith Richards foi pessoalmente pegar um frango que havia deixado para o jantar nos bastidores do Southend Odeon. Quando voltou minutos depois de uma sala ao lado "com uma groupie conhecida", de acordo com ele, só encontrou a pele e os ossos do frango.

— Quem comeu meu frango? — perguntou Keith.

— Brian comeu — respondeu Bill.

"E justo naquele momento", disse Keith, "o diretor de teatro coloca a cabeça na porta e grita: 'Está na hora!' Pegamos, então, as guitarras e nos dirigimos para o palco, e quando estamos descendo as escadas Brian passa por mim e eu digo 'Seu filho da mãe, você comeu o meu frango!', e dou um soco

no olho dele. Subimos no palco, e, enquanto tocamos, o rosto de Brian começa a inchar e a mudar de cor."

O lado positivo foi que esses concertos de meia hora feitos às pressas também ensinaram os Stones a "dar" não apenas uma música, mas a si mesmos. Andando preguiçosamente pelo palco sem transmitir nenhum entusiasmo, o cantor do grupo costumava olhar para a plateia em alguns momentos, enquanto seus colegas faziam uma inspeção rápida dos instrumentos. Muitas vezes, um ou outro arrotava alto como forma de anunciar o primeiro número. O que se seguia era um pacote de R&B percussivo e movimentos de dança antivirtuosos, mais arrebatador ainda em virtude da aparente indiferença inicial dos Stones. A linha de frente frenética dos Stones e sua retaguarda completamente entediada logo se tornaram um arquétipo pop e um modelo para os novatos dessa excitante área profissional em desenvolvimento: um ajudante de eletricista de Bromley chamado Dave Jones, mais tarde relançado como Bowie, e Gordon Summer (também conhecido como Sting), então com 12 anos, estavam no meio das multidões dos Gaumonts e Odeons para conferir o andar no estilo Tiller Girl[10] de Mick, uma batida cheia de luxúria e Brian Jones avançando e retrocedendo em uma série de saltos maliciosos, dirigindo cantadas vulgares para as moças da plateia. A reação das últimas, como é de se compreender, eram demonstrações expansivas. Enquanto isso, Pete Townshend, com 18 anos, nos bastidores do St. Mary's Hall, Putney, viu Keith Richards rodar o braço direito como um moinho de vento acima da cabeça quando a cortina subiu, pronto para tocar o primeiro acorde de *Poison Ivy*, de Leiber e Stoller. Townshend adotou o gesto como uma marca própria. Keith mais tarde lembraria da turnê como o seu "ensino superior", tendo aprendido a tocar em meio à orgia do público. Ele estava na melhor companhia para isso. Na segunda semana de outubro, os Stones tocaram logo após os Everlys, Little Richard e Bo Diddley; uma escultura sonora da história completa do pop.

No dia 11 de setembro de 1963, Oldham e Easton formaram a companhia 00821988, também conhecida como Nanker Phelge, em homenagem a um jovem amigo da banda que de vez em quando animava as coisas em Edith Grove andando com a cueca na cabeça. Seu escopo era amplo: "cuidar dos

negócios de escritores, compositores, interpretadores, distribuidores, editores e fornecedores de programas de rádio e televisão, filmes cinematográficos, peças, dramas, ópera, pantomima, teatro de revista, canções, esquetes e produções de qualquer tipo." (A estreia, uma gravação da Stax na qual Jagger falava "Stoned... Stoned... Stoned outta mah mind" [Doidão... Doidão... Doidão, fora de mim] dava uma ideia de que o produto principal seria algo diferente do entretenimento para toda a família.) Na mesma semana, Oldham andava pelo Soho certa tarde, preocupado com o compacto seguinte da banda, quando John Lennon e Paul McCartney pararam em um táxi e disseram que tinham a solução para o problema — uma música hard rock com um ritmo moderno no estilo Bo Diddley que chamavam *I Wanna Be Your Man*. Tenha a música sido apresentada pela primeira vez no banco de trás do táxi ou — as memórias são vagas, mesmo pelos padrões dos anos 1960 — no porão do Studio 51, levou apenas 30 ou 40 minutos para compô-la, e mais uma hora para os Stones aprenderem a tocá-la. Lançada como compacto no dia 1º de novembro, ela chegou à 12ª posição. Andrew, Mick e Keith ficaram impressionados com o hit feito na hora e que ganhou corpo com a guitarra slide de Brian, considerada por toda a imprensa "absolutamente, completamente maravilhosa". A *Disc* deu cinco estrelas à interpretação, e Lennon e McCartney gostaram tanto de *I Wanna Be Your Man* que gravaram uma versão cantada por Ringo.

Jagger e Richards deixaram Edith Grove naquele mês, tendo se mudado para outro apartamento no número 33 da Mapesbury Road, Kilburn, onde Oldham se juntou a eles. Não é de surpreender que, depois do incidente com o frango do Southend, Brian Jones tenha tido que seguir um caminho diferente; no final das contas, ele foi morar com a nova namorada, Linda Lawrence, que tinha 16 anos, fazia um curso de cabeleireira e morava com os pais em uma pequena casa semigeminada na esquina do clube Ricky Tick, em Windsor. Brian trouxera Linda para casa tarde certa noite após o jantar, e o senhor e a senhora Lawrence, demonstrando uma mente aberta, sugeriram que ele passasse a noite com eles. Não demorou para que Linda ficasse grávida — algo que seus pais não receberam bem. Apesar de conversas iniciais sobre casamento, Brian acabou resistindo à atração de uma vida em família. Em

julho, Linda deu à luz o filho de Brian, que ele chamou de Julian — o mesmo nome do outro filho que tinha com Pat Andrews; seria sua última contribuição para o bem-estar do menino. Enquanto isso, Charlie ia e voltava da casa dos pais, uma habitação social em Brent, até ter ficado em um quarto vago no novo escritório de Oldham em Ivor Court, Marylebone. Bill ainda morava com a esposa e o filho em cima da garagem em Sydenham.

O presente de Lennon e McCartney para os Stones deixara uma "marca importante", confirmou Keith Richards, e não apenas no ponto de vista de Oldham sobre o retorno financeiro do compacto de sucesso composto pelo próprio intérprete. Assim que chegaram em Mapesbury Road, Andrew notoriamente "trancou [Mick e Keith] na cozinha durante um dia e disse: 'Não vou deixar vocês saírem até terem uma música'". Os primeiros frutos foram um caos indescritível, logo seguido por dramas como *My Only Girl* e *It Should Be You*, empurradas para o protegido de Easton, o crooner George Bean. O segundo resultado representou o rebaixamento de Brian Jones, que se mostrou terrivelmente incapaz de encarar a vida de compositor. Quando se tratava do contrato entre um astro e seu público, parecia que Mick e Keith haviam lido as letras pequenas, e Brian não. "Bastou sentir o cheiro do sucesso que ele ficou louco", observou Stu sobre o homem que tanto o havia contratado quanto demitido. Brian causava sensação no bairro residencial de Windsor, onde continuou morando com a família Lawrence no inverno de 1963-64. A visão periódica que os vizinhos tinham dos Rolling Stones na sua van provavelmente era o principal assunto do lugar, embora a visão de Brian passeando calmamente pela rua com um bode branco pela coleira também tenha deixado uma impressão forte. Enquanto Jones se tornava o protótipo do ídolo pop pervertido dos anos 1960, Jagger e Richards avançavam compondo meia dúzia de baladas cada vez mais confiantes e lucrativas. Dentro de um ano, eles abalariam o pop britânico de uma forma que nem os Beatles conseguiriam igualar.[11]

Porém, em primeiro lugar estava a preocupação a respeito do contrato que Easton acabara de assinar para fornecer jingles para a Kellogg's. Os dois jovens criaram um jingle com uma letra que dizia:

Wake up in the morning,
There's a pop that really says,
'Rice Krispies for you and you and you!'

[Acordo de manhã,
Tem um pai que diz,
Rice Krispies para você e você e você!]

Quando Keith Richards fez uma releitura de *Not Fade Away*, transformando-a em um misto estilístico entre Buddy Holly e Bo Diddley, inventou o que seria o som dos Stones pelos próximos quarenta anos. Esse momento crucial veio tanto do trabalho árduo quanto da inspiração criativa: Keith e a banda gravaram 18 tomadas da música antes de criarem algo que acharam cru e absolutamente espontâneo. Lançada em fevereiro de 1964, *Not Fade Away* chegou ao 3º lugar das paradas na mesma semana que os Stones tocaram como atração principal no Woolwich Granada, onde, na adolescência, apenas seis anos antes, Jagger pulara do assento quando o próprio Holly tocara a música.

A essa altura, o grupo tinha um fã-clube organizado, e Easton, livrando Brian Jones da obrigação, havia se tornado o responsável por dar a cada um seu pagamento semanal de cerca de 40 libras — aproximadamente o que Bert Richards levava para casa como pagamento mensal da Osram. O fato de que nem todos estavam animados com o sucesso que a banda parecia ter alcançado da noite para o dia veio ao seu conhecimento por meio de incidentes públicos: no dia 7 de janeiro, os Stones saboreavam uma refeição tarde da noite no aeroporto de Heathrow quando um grupo de três ou quatro americanos de meia-idade começou a insultá-los, chamando-os de "Veados!", o que provocou uma breve briga com socos do tipo que a banda estava acostumada a ver no palco. "Era como se estivessem travando a Batalha da Crimeia", Keith Richards diria sobre essa última turnê. "As pessoas arfando, tetas balançando à mostra... Você arriscava a vida só andando no meio daquilo. Fui estrangulado duas vezes... Subíamos em telhados, descíamos escadas de incêndio, por passagens

de lavanderia, entrando em vans de padaria. Era uma loucura. Acabamos nos tornando como os Monkees sem nem termos percebido."

Certa noite em Mapesbury Road, Keith começou a passar o tempo tocando um teclado infantil e acabou compondo um riff que deu a Mick Jagger. Horas depois, Mick voltara com um refrão e o título *Shang A Doo Lang*. No dia 17 de março, eles a venderam para a cantora e futura atriz de *Carry On*[12] Adrienne Posta na sua festa de aniversário de 16 anos. Presentes estavam também Paul McCartney, seu amigo John Dunbar, e a "garota" de Dunbar, uma moça magra de dentes muito brancos que parecia algo saído de um romance de Scott Fitzgerald: Marianne Faithfull. Ao ver os cabelos loiros de Faithfull, Oldham teve a visão súbita de "um anjo com peitões" e assinou um contrato com ela ali mesmo. Mick, que observava tudo de lado, logo se aproximou e se apresentou depois de derramar sua taça de vinho de propósito no vestido de Faithfull. Depois, foi a vez de Keith, que fez uma pergunta superficial sobre a voz de Faithfull e depois voltou a Mapesbury Road para escrever a melodia de *As Tears Go By*, que no verão estaria entre as dez primeiras. A música impressionou particularmente Brian Jones, que não só observaria que "levou exatamente 3 minutos para que Keith compusesse uma melodia de 3 minutos" mas também, como resultado, abreviaria suas ambições como compositor. Também era o início da carreira de Marianne Faithfull, que passou o resto dos anos 1960 como uma celebridade sem portfólio.

17 de abril de 1964: o primeiro álbum dos Stones é lançado na Grã-Bretanha. Um sinal de que aquele poderia ser o início de algo incomum veio com a capa, que trocou os sorrisos comerciais dos Beatles por cinco perfis desconfiados, sem nenhum nome que os identificasse nem título. Na capa, o gracejo imortal de Oldham: "Os Rolling Stones não são apenas um grupo, mas um modo de vida." As 12 músicas contidas no álbum haviam sido gravadas com o zelo da instrumentação ao vivo — o que também pode ser explicado pelo dinheiro curto para a gravação de várias tomadas. Há apenas uma música original: *Tell Me*, com seu vocal ondulado e modulado. Entretanto, a crueza do álbum —

com Watts e Wyman bombeando o ritmo numa época em que a tecnologia do estúdio fazia o som parecer uma liga frágil — oferece uma prova viva de que rapazes brancos de Cheltenham e Dartford podem alcançar um público amplo e multirracial. Tudo se mistura com um senso de energia frenética, primal e paixão que ia além de um mero tributo. O resultado foi uma celebração brilhante e espontânea do R&B — uma última chance de conhecer os Stones em seu nível primitivo antes de se tornarem uma instituição.

De forma geral, ele continua sendo um dos dois ou três grandes LPs de estreia do rock. Dos 60 mil fãs que o compraram da noite para o dia, uma porcentagem considerável se sentiu encorajada a buscar coisas melhores. Entre eles estaria um adolescente ousado de Freehold, Nova Jersey, que logo depois do lançamento encomendou o disco pelo correio, ouviu-o "30 ou 40" vezes numa rápida sucessão, e imediatamente depois começou a insistir que o pai, um agente penitenciário chamado Doug Springsteen, lhe desse uma guitarra.

Dentro de uma semana, The Rolling Stones alcançaria o 1º lugar das paradas, destronando os Beatles.

O que aconteceu com o vinil se refletiu nos indivíduos envolvidos. No dia 30 de março, os Stones alcançaram um recorde de público (o que rendeu 318 libras e 10 xelins) na atmosfera intoxicante do Plaza Ballroom, Guildford. Os fãs já faziam fila do lado de fora às 7 da manhã. "A maioria dos garotos não são atraídos pela indiferença", Oldham repetia para a banda, mas o desprezo sempre funcionava. Quando os Stones finalmente subiram ao palco de Guildford uma hora e meia depois do horário marcado, eles não se desculparam nem demonstraram nenhuma animação em estar ali. Depois de dar uma olhada no lugar, Keith Richards fez a contagem para a introdução de sirene de *Talkin' 'Bout You*. O lugar imediatamente explodiu. Seguiu-se uma festa, da qual uns saíram de maca e outros presos. Mick estava em sua melhor forma motivacional. "Agora, gostaríamos de tocar *Roll Over Beethoven*, o grande sucesso composto pelos Beatles", ele anunciou em um raro intervalo entre os números. A multidão não disse nada. "Vocês são mais estúpidos do

que pensei", Mick completou. "Chuck Berry compôs a música." Brian soltou uma gargalhada maníaca, e Charlie completou com um *ba-boom*. As provocações do palco só levavam a multidão a níveis mais elevados de prazer. O show foi encerrado com Brian sendo puxado para o chão por várias jovens, uma experiência que não parecia desagradá-lo muito.

No dia 16 de abril, os Stones foram no miniônibus de Stu para o recém-inaugurado Cubi-Klub em Rochdale, Lancashire. Não demorou muito para que o lugar ficasse parecido com uma pintura do inferno de Hieronymus Bosch, com ondas de garotas passando pelos holofotes para agarrar até mesmo os membros da banda de abertura. A polícia se recusou a deixar os Stones continuarem; em vez disso lhes deu uma escolta relâmpago até a A58 com destino a Manchester. Duas noites depois, em uma casa de espetáculos no norte, uma pianista, a senhora Olivia Dunn, aqueceu a plateia com uma seleção de números de musicais. Quando os Stones apareceram, a plateia se levantou de uma vez só e correu para o palco, passando por cima da senhora Dunn e seu piano.

No dia 30 de abril, o Majestic Ballroom, Birkenhead, balançava ao som de gritos vigorosos de "Mick! Brian!" que já havia ultrapassado o limiar da dor muitas horas antes de os Stones chegarem. Quando Keith abriu o show com a guitarra rápida de *Not Fade Away*, "de repente, havia quinhentos garotos no palco — foi como o Dia D", ele me contou, relembrando a confusão com afeto trinta anos depois. Abandonando seus instrumentos, a banda saiu rapidamente. Olhando por uma brecha por trás da cortina de veludo, eles observaram enquanto Ian Stewart abria caminho em meio à multidão no palco, balbuciando "Com licença", para tentar recuperar o que conseguisse do equipamento. Graças à intervenção de Oldham, os Stones receberam o cachê integral — agora 385 libras e 15 xelins — pela performance de 10 segundos. O *Daily Express* considerou o incidente "Chocante!", e os próprios Stones o viram como "a causa de uma preocupação cada vez maior". Eles não eram apenas um grupo pop; eles eram notícia.

O primeiro contato dos Stones com a América do Norte, ocorrido no final da primavera, veio como um choque mútuo. A princípio, houve sinais encorajadores em Nova York, onde o grupo pousou na tarde nublada de 1º de junho de 1964 no aeroporto recém-batizado John F. Kennedy. De acordo com o *New York Times*, "os jovens com cabelos até os ombros foram recebidos por mais de quinhentas adolescentes. Cerca de cinquenta policiais da Autoridade Portuária e Nova York estavam presentes para manter a ordem". (Isso teria sido uma chegada ainda mais promissora se não fosse pelo fato de Oldham e Easton terem pagado para que um ônibus levasse as meninas.) Outro lado positivo foi o fato de a subsidiária americana da Decca, a London Records, ter levado em conta o que acontecera com os Beatles e produzido uma turnê extremamente bem equipada; se 1963 fora o ano em que o grande público descobriu os Stones, 1964 seria o ano em que os Stones descobririam o marketing de massa. Além da campanha de líderes de torcida promovida pelo seu empresário, haveria kits de imprensa, fotos, bótons, pôsteres, livretos e "brindes exclusivos" — tudo, de meias a bonés. Qualquer coisa que um adolescente usasse, Mick, Brian e os rapazes estariam nela.

Pelo lado negativo, o selo também contratou Murray "the K" Kaufman, um DJ hiperativo de Manhattan que se autoproclamara o Quinto Beatle, para escoltar os Stones. O acompanhante fez um bom trabalho, tanto para promovê-los quanto para promover a si mesmo; se recebeu os Stones no seu programa, onde Kaufman convenceu-os a gravar *It's All Over Now*, dos Valentinos — versão notável pelo solo feroz, ainda que um pouco monótono, de Keith Richards —, ele insistiu que usassem camisetas da Radio WINS e várias outras indignidades promocionais. Keith chamaria Murray the K de "Murray the Kunt".[13]

A primeira grande aparição na TV dos Stones dois dias depois, no antigo *Hollywood Palace Show*, com Dean Martin como mestre de cerimônias, teve uma recepção igualmente dividida. Martin e os Stones se detestaram. O choque de gerações começou no momento em que eles chegaram e continuou ao longo da rápida performance de *I Just Wanna Make Love to You*, durante a qual Brian parecia dar o dedo do meio enquanto tocava gaita. Aproximando-se

do microfone em formato tradicional, Dino depois fez seu monólogo sobre os Stones terem "testas pequenas e sobrancelhas elevadas" antes de apresentar um acrobata como "o pai da banda — ele vem tentando se suicidar desde então". Enquanto metade da imprensa americana ficou louca pelos Stones, a outra metade mostrou-se irritada, adotando como motivo de honra a demonstração da sua independência através de críticas. Um comediante anunciou na Radio WNEW que *I Wanna Be Your Man* deveria mudar de nome para *We Wanna Hold Our Noses* [Queremos apertar o nariz]. O *World Herald* de Nebraska disse que os Stones "pertenciam a um filme de ficção científica. Eles emergiram meio que agachados [e] olharam para a plateia com olhos furtivos, quase hostis" — comentário leve se comparado aos críticos anônimos da banda, que se ofereciam para cobri-los com piche e penas — quando não para afundar seus malditos crânios. Keith Richards, que teve seu primeiro conflito com a lei quando saboreava um drinque no camarim em Omaha, mais tarde observaria como tantas pessoas na América (onde "ninguém lê livros" — ele acrescentou) pareciam tão tensas. Apesar do seu tamanho e influência, não havia "nada de tão moderno" em uma sociedade cuja eleição para presidente estava entre Lyndon Johnson e Barry Goldwater.

No dia 5 de junho, os Stones fizeram seu primeiro concerto no Swing Auditorium, San Bernardino. Graças, em grande parte, ao fato de o nome da cidade ter sido citado no número de abertura, *Route 66*, a banda provocou alvoroço. O ruído era tão grande que ninguém no palco percebeu quando um adolescente saiu de si, tomou a arma de um policial e deu um tiro no compensado a poucos metros de onde Mick Jagger dançava com suas maracas. Quatro shows de forma geral menos bem recebidos foram feitos no Texas, onde os Stones pareciam apenas ser o pano de fundo para fardos de palha e cocô de cavalo na Feira Estadual de San Antonio. O show foi aberto por um tanque de focas treinadas, e logo depois foi a vez de um macaco se apresentar — ao contrário da banda, o macaco foi chamado para um bis. Depois que Keith Richards entrou numa briga com empurrões com um cliente irritado nos bastidores, ele e Bill Wyman foram até o centro da cidade e compraram

pistolas automáticas Browning por 35 dólares cada. Keith nunca mais deixaria de andar com sua arma em turnês pela América.

South Michigan Avenue, 2120, Chicago. A banda tomou um choque de realidade quando estacionaram no meio-fio em frente a um sombrio bunker dos anos 1950 onde se lia Chess Studios. "Aquele garoto vai ajudá-los", o motorista disse. "Ele trabalha aqui."

Os Stones olharam em direção à entrada e viram um negro amarrotado de cerca de 50 anos, vestindo macacão, entrando pela porta. Era Muddy Waters.

Keith: "Ele estava pintando o maldito telhado. Não estava vendendo discos na época, e era assim que era tratado. Meu primeiro encontro com Muddy Waters foi em meio a pincéis, tinta, coberto de sujeira. Estou *morrendo*, certo? Vou conhecer O Cara — porra, ele é um Deus pra mim — e ele está sem trabalho." Os Stones ficaram chocados, mas também foram inteligentes o bastante para absorver a lição óbvia para a sua própria carreira.[14]

Em Detroit, Mo Schulman, da London Records, levou a banda a uma loja de discos e disse que pegassem o que quisessem. Jones pegou 55 álbuns, Wyman pegou oito e Jagger pegou um. Bill também já havia dormido com um número considerável de mulheres, cada uma das quais tratava com um respeito exemplar nas poucas horas que durava o relacionamento. Se algum dos membros da banda por acaso dissesse algum palavrão, Bill invariavelmente se virava para a moça e dizia "Desculpe, amor". Enquanto estavam em Detroit, Schulman convidou Charlie Watts para um drinque na sua suíte no hotel, com muito champanhe, caviar e uma variedade impressionante de drogas recreativas. Quando Schulman recebeu um telefonema para um compromisso urgente de negócios, disse ao convidado que se servisse à vontade. "Qualquer coisa que você quiser", ressaltou. Charlie levou uma garrafa de cerveja, deixando uma nota de 5 dólares e um bilhete agradecendo no bar.

De volta a Nova York, os Stones encerraram a turnê com dois concertos tumultuados no Carnegie Hall. Foram 47 prisões e 120 desmaios. No show da tarde, Murray the K subiu ao palco para perguntar à plateia: "Vocês querem ver

Charlie?" (gritos), "Bill?" (gritos), "Keith?" (gritos), "Mick?" (gritos), "Brian?" (tumulto). A partir daí, os Stones se divertiram gritando de volta para o motim por 30 minutos. No show da noite, Kaufman resumiu: "Senhoras e senhores, os Rolling Stones. Hora de arrasar!" Não faria diferença se ele tivesse recitado o manifesto do Partido Republicano, pois as palavras se perderam no cíclotron de descarga hormonal.

Em 15 dias, eles fizeram 12 shows, oito aparições na TV meticulosamente mal-humoradas e gravaram material o bastante para o resto do ano. Não ficaram totalmente satisfeitos com a experiência. Mick ficou particularmente desiludido com os outros shows em Detroit, onde cantou para uma plateia de 371 cabeças no Olympia Stadium, que tinha capacidade para 14 mil pessoas. "Achamos que aprendemos a lição aqui", ele observou durante uma coletiva de imprensa na véspera da partida. "Nunca voltaremos a fazer esse tipo de turnê."

Os Stones tinham apenas 20 e poucos anos, e já estavam no auge como músicos. Apesar de alguns comentários irônicos de quem pensava o contrário, eles eram excelentes instrumentistas. Ao contrário de guitarristas virtuosos como Jimi Hendrix, Eric Clapton e Jeff Beck, Keith Richards já desenvolvera a técnica que seria sua marca registrada — um fraseado percussivo e pontiagudo — que se tornaria a espinha dorsal de uma obra inteira de clássicos do pop. Brian Jones era quem tinha o talento musical mais inato do grupo, mas começava a mostrar sinais de que estava perdendo o foco. Muitas vezes, Brian preferia deixar a guitarra de lado no palco para agitar a plateia balançando um pandeiro. Charlie e Bill assumiram uma atitude preguiçosa e enganosa, sempre parecendo entediados com o trabalho de marcar a batida de alguns dos melhores rocks da história. Como Keith observou, tudo que eles podiam fazer por enquanto era "ensaiar a arte da fuga — não havia tempo para mais nada".

A banda, contudo, estava se tornando uma marca comercialmente muito mais valiosa do que os indivíduos que se abrigavam sob ela. Um sinal óbvio da direção que as coisas tomavam foi a capa da primavera de 1964 da *Melody Maker*. Depois de ouvir algumas das coisas que a imprensa disse sobre eles na

América, Andrew Oldham pôde sugerir a manchete clássica "VOCÊ DEIXARIA SUA IRMÃ SAIR COM UM ROLLING STONE?" A pergunta ecoava os sentimentos não apenas do homem que se sentara perto dos Rolling Stones numa lanchonete de Windsor naquele ano, mas de um número cada vez maior de pais dos dois lados do Atlântico. Os Beatles, de acordo com a teoria geral, queriam segurar a sua mão, enquanto o objetivo dos Stones era outra coisa. Seria uma imagem duradoura, e, no caso de Mick Jagger, eterna, embora a caricatura criada por Oldham da banda como sedutores fálicos talvez tenha sido um pouco exagerada. Os arquivos do FBI sobre a primeira turnê pela América caracterizam os cinco Stones como "liberais" [sic] que aparentemente "anunciaram sua intenção de apoiar financeiramente o doutor Martin Luther King", mas, até onde se sabia, "não haviam se relacionado com nenhuma mulher de moral duvidosa". Como Bill Wyman esperava, essa abnegação ainda era a regra para os Stones na metade de 1964. Estava sendo um desenvolvimento gradual.

Mas eles pegaram o jeito. Mick Jagger agora estava vendo com mais frequência Chrissie Shrimpton, a adolescente precoce que subira no palco com a ajuda da plateia para beijá-lo e que estava no aeroporto para recebê-lo quando eles voltaram dos Estados Unidos. Embora tivesse apenas 18 anos, ela refletiria que mesmo na época sabia que "Mick gostava de uma festa, e gostava de mulheres jovens. Ele satisfazia essa preferência quando viajava — e tinha que viajar muito". Enquanto isso, fazia pouco tempo que Keith Richards começara a sair com uma modelo glamourosa de olhos pretos chamada Linda Keith. Quando ele e os Stones estavam no avião que saíra de Nova York para levá-los de volta, ela sofreu um acidente quando dirigia para casa depois de uma festa que celebrara o Solstício de Verão em Stonehenge, e foi arremessada pela janela do carro. "Meu rosto ficou tão deformado que minha família não me reconheceu", ela lembrar-se-ia, "e Keith veio até o hospital, se abaixou e me deu um beijo no rosto, e me mostrou que eu não era um monstro, que eu não causava repulsa. E *aquele* era Keith."

Recebemos de Bill Wyman a informação de que Jagger, Richards e ele tiveram 30, 6 e 278 mulheres, respectivamente, nos seus dois primeiros anos de fama. Meticulosamente organizado nessa questão, Bill mantinha uma lista de suas conquistas. "As pessoas faziam suposições erradas de quem era sexualmente ativo", o baixista observaria com orgulho. Quanto a Jones, a espiral descendente continuava: ele "se embebedava, usava drogas quando elas ainda eram novidade, saía muito, ficava acordado até de madrugada", diria Mick Jagger. "Ele começou a perder o talento." A dualidade de Brian de vez em quando era vista — por exemplo, quando se cansava da ferrovia que mantinha montada no chão do quarto, ele jogava fluido de isqueiro nos vagões de brinquedo e os queimava. Cheltenham Shagger tampouco parece ter sido um pai modelo. Pat Andrews recentemente passara a visitar o escritório luxuoso dos Stones em Londres, onde em seis ocasiões entre fevereiro de 1963 e maio de 1964 aproveitou a oportunidade para sugerir que o pai de seu filho contribuísse com a sua criação. Andrew Oldham e Eric Easton negaram saber qualquer coisa sobre a questão.

Brian, por sua vez, dividia o tempo entre Linda Lawrence e uma nova namorada chamada Dawn Molloy, que não tardou a engravidar. O filho deles, chamado John, nasceu em março de 1965 e foi dado para adoção. Enquanto isso, Charlie Watts estava num relacionamento sério com uma graduanda de 23 anos da escola de arte de Hornsey chamada Shirley Shepherd. Ele ainda dormia na casa dos pais, a habitação social de Brent, quase todas as noites. A senhora Watts ficou perplexa ao ler nos jornais que seu filho estava envolvido em um grupo de reputação tão duvidosa. "Ele sempre foi um bom menino", disse. "Nunca nenhum policial veio bater na porta, ou qualquer coisa assim. E ele sempre foi extremamente gentil com idosos. Sempre se vestiu bem. É por isso que fico confusa quando o chamam de feio e sujo. Quando ele está em casa, não conseguimos tirá-lo do banheiro." O senhor Watts estava igualmente estupefato, especialmente porque Charlie (que nunca aprendeu a dirigir) vinha para casa no metrô toda sexta-feira que podia "com um delicioso bolo quentinho para mim e a mãe".

O intervalo de cerca de cem dias, contando de 22 de junho de 1964 — quando, ainda sob efeito da mudança de fuso horário, os Stones honraram um compromisso com uma apresentação no Magdalen Ball, em Oxford, por um cachê de 12 libras — até seu retorno à América, dessa vez triunfante, provavelmente foi o mais difícil de sua carreira: o início tanto do estrelato quanto dos "Anos 60". A imagem mais chocante do ano, e a primeira que a classe média britânica teve do grupo, foi a transmissão de 4 de julho de *Juke Box Jury*, o popular painel da BBC em que celebridades julgavam discos recentes, prevendo o que seria um "sucesso" ou um "fracasso", vereditos acompanhados pelos devidos efeitos de som. A convenção era que houvesse uma cota mínima de "sucessos" para cada transmissão, e até os Beatles haviam-na seguido em sua participação no programa meses atrás aprovando cinco das nove músicas selecionadas. Quando chegou a sua vez, os Stones deram a todas as músicas um veredito enfático de "fracasso". O crítico Fergus Cashin, do *Daily Sketch*, não ficou impressionado: "Um grupo de jovens imbecis chamado Rolling Stones foram os jurados... Foi um julgamento ridículo, em que os jurados de péssimos modos, mascando chiclete, indicaram seu veredito com resmungos encatarrados que um ouvido treinado na escola iletrada dos jovens de vez em quando conseguia distinguir como 'Bem, errr, aí, quer dizer, tipo, bem, é, ha-ha, péssimo então. Não, definitivamente não, né?'" O *Daily Mail* foi direto ao ponto: "Os Rolling Stones escandalizaram pais de todo o país com seu comportamento na televisão." Desde que estreara em 1959, *Juke Box Jury* costumava atrair uma audiência de 10 a 11 milhões. Na noite em que os Stones participaram do programa como jurados, ele foi acompanhado por 18,7 milhões de britânicos, um recorde em sua trajetória de oito anos, e não muito longe do total alcançado por um grande evento de estado como o casamento da princesa Margaret em 1960.

Duas semanas depois, os Stones se apresentaram no Empress Ballroom, Blackpool. Era um final de semana e um feriado escocês, então o salão estava cheio de turistas de Glasgow ("a maioria", observou Ian Stewart, "bêbados"). O primeiro a se apresentar foi Tom Jones, de 24 anos, que gritou seu compacto de estreia *Chills and Fever*. Quase cinquenta anos depois, um fã chamado

Matthew Kite conseguia lembrar que estava tão quente lá dentro que o bombeiro de plantão nos bastidores começou a jogar baldes de água tanto nos artistas quanto nas primeiras fileiras da plateia. (Mick Jagger empregaria a mesma tática mais tarde.) Metaforicamente abanando as chamas, Jones rebolava e balançava a pélvis em direção à multidão durante o set vociferante, dando início a uma longa tradição: em meio aos gritos, seus primeiros pares de lingerie atravessaram os holofotes em direção ao palco.

Em seguida, vieram os Rolling Stones. Excitado pelo potencial óbvio para o caos, Brian Jones imediatamente começou a provocar os rapazes da plateia enquanto cortejava as mulheres com cantadas vulgares. Os Stones, portanto, não tocaram em meio a sutiãs e calcinhas, mas em meio a insultos e punhos agitados no ar. Como era típico, Mick Jagger manteve distância, enquanto Keith Richards foi para o centro da ação e xingou o líder do grupo de exaltados. Minutos depois, a introdução de *Not Fade Away* foi interrompida por uma cusparada no rosto do guitarrista.

Os que presenciaram a fúria de Keith não esqueceriam a cena por um bom tempo, falando dela como lobos do mar narrariam um furacão histórico: "Seu escocês idiota", ele gritou. Depois disso, Keith deu um passo à frente, olhou para baixo, e chutou o rosto do agressor, enfiando o bico de ferro da bota nos seus dentes.

No caos que se seguiu, equipamentos musicais no valor de aproximadamente 2 mil libras foram destruídos, as cortinas vermelhas e douradas do teatro foram reduzidas a trapos, e uma garrafa de cerveja bem mirada provocou a queda de um lustre. Minutos depois, um grupo de espectadores pagantes insatisfeitos conseguiu jogar um piano de cauda Steinway da extremidade do palco no chão de concreto logo abaixo, onde ele "explodiu como uma bomba", nas palavras de Ian Stewart. "Pressentindo problema", como contaria mais tarde, Stu imediatamente gritou para a banda "pelo amor do cacete, corram", embora uma jovem chamada Jane Graffey insista que pelo menos um dos músicos encontrou tempo para abrir a calça e "fazer xixi em toda a fotografia do prefeito que havia na parede". Depois, os Stones foram tirados às pressas do prédio pelo telhado e colocados em uma van

da polícia que os deixou a quilômetros de distância. De acordo com os relatos, a banda deixou para trás 10 mil libras em danos, 35 prisões e sessenta feridos. Só 44 anos depois a Câmara Municipal de Blackpool revogaria a proibição de apresentações dos Stones na cidade.

Por mais impressionante que esse incidente pareça, ele foi ofuscado pelo que aconteceu duas semanas depois no teatro Kurhaus, em Haia. Fãs superexcitados puxaram os fios dos microfones no primeiro número, levando Mick e Charlie a fazerem um dueto com bateria, pandeiro e maracas. Não demorou, contudo, para que esse show tivesse um fim abrupto com uma invasão em massa ao palco. Keith acrescentaria que pensara que aquela não parecia uma das típicas demonstrações de paz e amor dos anos 1960. "Caí fora o mais rápido que pude", ele disse. Os danos causados ao teatro foram consideráveis, com Bill tendo contado que "Havia cadeiras penduradas em lustres [e] tapeçarias foram arrancadas das paredes". Mas isso seria apenas um prelúdio para uma noite de roubos e vandalismos que tomaram conta da cidade inteira. "Chamas iluminavam o céu", foi a descrição feita sobre a cena na publicação semanal de *Haagsche Courant*. "Tiros foram ouvidos vindo da [área do teatro], e a polícia de choque avançou em direção à multidão... A onda de espectadores fanáticos logo se espalhou pela cidade, onde entre 6 e 7 mil adolescentes cantando participaram do tumulto, muitos dos quais com cartazes e bandeiras, enquanto alguns desfilavam nus."

De forma geral, os Stones viviam frugalmente. O cantor dos Hollies, Allan Clarke, lembra-se deles em seu primeiro encontro em meados de 1964 como "cinco figuras pálidas vampirescas saindo cambaleando da traseira de uma van cheia de fumaça", onde "se alongaram, arrotaram um pouco e saíram para uma sessão antes do concerto no pub". Enquanto os Beatles estavam ocupados fazendo experiências com camisas com estampa paisley e cigarros com sabor de ervas, os Stones costumavam andar de jeans e suéter e bebiam cerveja e tomavam anfetaminas para sobreviver a até 15 shows por semana. Também não se importavam com o que comiam. Esse estilo de vida rigoroso vinha, em

parte, da necessidade; de 11 a 18 de julho de 1964, os Stones fizeram oito shows esgotados, tocaram em três programas em cadeia nacional e continuaram dividindo a sociedade depois da participação no *Juke Box Jury*: naquela noite de domingo, Eric Easton presenteou cada membro da banda com um cheque de 7 libras e 10 xelins. A essa altura, Brian Jones ainda era o único usuário recreativo de drogas da banda, especificamente LSD. Keith Richards estava mais interessado em ouvir e compor músicas; Charlie Watts ficava com a família; Bill Wyman geralmente estava explorando os limites dos votos matrimoniais.

É verdade que Mick Jagger já não levava uma vida de sobriedade monástica. Em suas noites livres, Mick começara a se aventurar nos clubes modernos de Londres, como o Ad Lib ou o UFO, que de alguma forma conseguiam comportar 400 ou 500 pessoas, "pulando, suando, dançando a conga e sentando nos colos de estranhos", nas palavras de Allan Clarke. O fotógrafo David Bailey contou ter jantado com Jagger e Richards no requintado Casserole, em Chelsea. "Mick colocou uma gorjeta de 10 xelins no prato", ele diz, "mas quando colocávamos nossos casacos, observei sua mão discretamente colocar os 10 xelins de volta no bolso."

Depois, eles geralmente iam para Mapesbury Road, ou para o novo apartamento dos Stones em Holly Hill, Hampstead, onde Keith podia sugerir que compusessem uma música às 5 da manhã. Mick na maioria das vezes aceitava o convite. Um provérbio que ele agora adotara, de acordo com Stu, era: "As coisas não acontecem, nós as fazemos acontecer." O sucesso significava controlar eventos, enfrentar obstáculos e remover o que quer que estivesse no caminho. Alguns achavam que já havia um "Mick para o dia" e um "Mick para a noite". O primeiro era esforçado, inteligente, um tanto austero e um artista determinado que gostava de seguir uma agenda rígida. O segundo era um poço de educação ou grosseria conforme o humor ditasse. Stu conta que era fácil identificar que Jagger estava no controle a qualquer momento. Bastava observar se ele falava com sua voz normal ou "naquele tenebroso sotaque cockney falso".

Em geral, as pessoas se lembram dos Rolling Stones do início da carreira como um bando de neandertais de cabelos compridos viciados em sexo e com uma higiene duvidosa. É uma caricatura que atravessou gerações. Na verdade, de acordo com Mick, a maioria das manchetes da época eram "lixo na melhor das hipóteses", variações de "Você Deixaria sua Irmã Sair com um Rolling Stone?", ou algum outro conto sobre o desprezo do grupo pelo protocolo da indústria do entretenimento. O promotor de eventos Robert Stigwood; por exemplo, supostamente defraudou a banda em 12 mil libras durante sua turnê de 72 shows pela Grã-Bretanha no outono daquele ano. No auge da controvérsia, houve relatos pouco prováveis de que Keith Richards encontrara Stigwood em um clube noturno de Londres e, de acordo com o jornalista (e futuro relações-públicas dos Stones) Keith Altham, "começara a dar uma surra nele. Sempre que Stigwood tentava se levantar, Keith derrubava-o de novo. 'Keith', eu disse, 'por que você não para de bater nele?'. 'Porque ele não para de se levantar', ele disse".

Já segundo Stigwood, isso não passou de invenção.

"Não aconteceu. Não houve surra, seja qual for [a] lenda. Não houve violência." A realidade era uma máquina de divulgação que produzia manchetes de "Brutalidade!" e "Imbecilidade!" mais rápido do que o *Daily Mail* era capaz de publicá-las.

É claro que a boa vontade interna ao próprio grupo também não ajudava. Keith Richards, por exemplo, soltava um risinho abafado sempre que ouvia comentários ligando Jagger a Andrew Oldham. Brian Jones, por sua vez, estava se tornando conhecido, e não afetuosamente, como "senhor Shampoo" ou "cabeça de bagre", depois de passar a irritar a banda faltando a várias sessões de estúdio sob o pretexto de misteriosas "alergias". Quando Jones, cuja aptidão para execuções muito intensas era limitada pela sua inabilidade de dedilhar, chegou ao Regent Sound para gravar o quinto compacto britânico da banda, *Little Red Rooster*, encontrou um bilhete de Jagger dizendo que a faixa já havia sido gravada e que ele apenas "dublasse alguma coisa". Brian, por sua vez, gostava de ridicularizar Bill, que já tinha quase 30 anos, como um velho pervertido. Este observou que o humor coletivo dos Stones de vez em quando

era “um pouco doentio”, tendo como alvo não só “os espásticos” que iam aos seus concertos em cadeiras de rodas, mas qualquer um vagamente suspeito de cultivar ambições burguesas. Até mesmo o genial Charlie foi durante um breve período transformado em “Dimwatts” [algo como “Watts débil mental”] quando, em 14 de outubro, admitiu timidamente ter se casado com Shirley Shepherd. A cerimônia foi realizada no cartório de Bradford, com uma recepção no pub local. Quando Andrew Oldham fez um comentário sarcástico sobre o casamento no noticiário, Charlie levantou-se da cadeira, deu um soco na mandíbula de Oldham, arrancou os punhos do seu terno e voltou a sentar.

Mais tarde na mesma semana, os Stones estavam na França. Nos bastidores do Paris Olympia (lar do cancã), eles conheceram Robert Fraser, ex-aluno de Eton e ex-oficial do exército de 27 anos que agora era um marchand viciado “que zombava das leis contra drogas... passava cada noite com um conhecido do sexo masculino em seu quarto de hotel... tendo relações sexuais [com eles] em diversas ocasiões”, ou era o que diria a futura sinopse do FBI sobre suas atividades. Keith Richards logo apelidou o protótipo do swinger dos anos 1960 de “Groovy Bob”. Fraser, por sua vez, apresentou os Stones ao cinegrafista Donald Cammell e ao designer Christopher Gibbs; por intermédio de Gibbs, Mick e Keith conheceram o fotógrafo de eventos sociais Cecil Beaton, que trouxe o “Príncipe” Stanislas Klossowski de Rola, também conhecido como Stash, que já tocara pandeiro e era filho do pintor Balthus, dando um início a uma longa, ainda que conturbada, amizade entre ele e a banda. Isso desencadeou um tipo de efeito em cadeia para os elementos mais extravagantes da aristocracia; por mais confuso que possa parecer, essas pessoas começaram a sair com os Stones em vez de denunciá-los para a imprensa. Em pouco tempo, Fraser tornou-se um fornecedor generoso de drogas e outros favores, usando suas conexões para garantir que os membros da banda fossem atendidos de acordo com suas preferências individuais. “Pelo que lembro”, ele contaria, “Brian gostava de gêmeas, mas se isso não fosse possível, se contentava com duas outras damas obsequiosas quaisquer”, enquanto na época “um cigarro era o bastante” para os outros. “Mick de vez em quando queria ir a restaurantes requintados, mas Keith não dava a mínima — salsichas com purê de batatas

era sua ideia de prato fino, e ele sempre dirigia até Dartford para visitar a mãe." Quando Fraser teve sérios problemas de saúde e dinheiro no final dos anos 1980, observaria que, dos amigos que tinha entre as celebridades, "só Paul McCartney" mostrou-se prontamente disponível para atender às suas ligações.

O retorno da banda a Nova York em 23 de outubro desencadeou uma batalha acirrada entre grupos pró e anti-Stones no aeroporto. Quatro meses de turnê e gravações incansáveis — inclusive do cover definitivo de *Time Is on My Side*, de Irma Thomas — haviam feito maravilhas para o potencial em bilheteria da América. A campanha perversa de relações-públicas de Andrew Oldham também teve seu papel. "Os Rolling Stones, que não tomam banho há uma semana, chegaram aqui hoje", noticiavam vários jornais depois de receber sem questionar a colaboração publicitária de Loog. Na fotografia que acompanhava a matéria, Mick Jagger era visto se coçando, enquanto Keith Richards examinava o interior das calças. Até as revistas para adolescentes entraram na dança, transmitindo relatos do seu posto avançado incansavelmente em uma sociedade já ocupada com a controversa Guerra do Vietnã. "Houve motins e pandemônio quando os Rolling Stones chegaram a Manhattan", anunciou a *Disc*. "Centenas de fãs aos gritos com cartazes sobre os rapazes ou o presidente Johnson lotaram a rua e o salão de entrada do hotel. Do lado de dentro, era ainda pior. Muitas pessoas foram feridas na confusão." Avaliando a orgia dos rostos que gritavam elogios nas janelas do carro quando eles iam para o seu primeiro concerto, Keith teria se virado para Bill Wyman e dito: "Um pouco diferente desta vez, né?"

Na tarde de 25 de outubro, 60 milhões de americanos apareceram, como faziam havia 16 anos, no *Ed Sullivan Show*. Embora tanto Elvis quanto os Beatles já tivessem dado as graças no programa, na maior parte do tempo Sullivan — cujo andar robótico e a postura de derrotado deixaram a imagem de um coveiro nas memórias de muitos — na maior parte do tempo preferira atrações para a família. Dessa vez, era diferente. Em meio a gritos de estourar os tímpanos na plateia do estúdio, os Stones tocaram *Around and Around* e

depois voltaram para *Time Is on My Side*, um pacote meticulosamente coreografado de guitarras altas, letras cantadas entre dentes e cortes de cabelo dignos do Homem de Piltdown. As linhas telefônicas da CBS (companhia que mais tarde compraria os direitos para quatro álbuns dos Stones por 6 milhões de dólares cada) ficaram imediatamente congestionadas com reclamações de pais. Na manhã seguinte, um Sullivan meio perturbado garantia à imprensa: "Eles nunca mais vão aparecer. Nunca. Nunca. Não teremos mais apresentações de grupos de rock and roll e proibiremos a entrada de adolescentes no teatro." Seis meses depois, ele imploraria aos Stones que fossem a atração principal do programa.

Jagger e Richards subiram até o telhado do hotel Astor na Times Square naquela noite com Tom Jones e alguns membros do Herman's Hermits, que também estavam nos Estados Unidos. "Centenas de garotos" gritavam por eles lá embaixo. Os músicos, que cerca de um ano atrás estavam sem dinheiro e vivendo com as mães, sorriram um para o outro. Àquela altura, Mick já proporcionara a cena inesquecível da turnê. Ele estava no palco na Academy of Music de Nova York quando o escritor do "novo jornalismo", Tom Wolfe, entrou. Wolfe se superara no artigo que publicara no *Herald Tribune* daquela semana. "As meninas têm Sua Experiência", ele escreveu. "Ficam de pé nos assentos. Ululam, até mesmo entre uma música e outra. Os olhares em seus rostos! Uma agonia arrebatadora! Logo à frente, lá em cima, sob os holofotes sulfurosos, lá estão *eles*. Deus, eles estão bem ali! Mick Jagger pega o microfone com as mãos frágeis e coloca a cabeça enorme em frente a ele, abre os lábios viscerais e começa a cantar..."

Depois disso, os Stones se apresentaram como atração principal do festival Teen-Age Music International (TAMI), em Santa Monica, que também contou com a participação de Chuck Berry, Marvin Gaye, das Supremes, dos Beach Boys, Smokey Robinson e mais meia dúzia de nomes famosos. Mas foi a performance intensa de James Brown, então com 31 anos, que ficou marcada na memória de todos. Seria difícil para qualquer um superar aquela apresentação. Enquanto sua banda, os JBs, improvisava em *I'll Go Crazy*, Brown, vestindo um manto de rei, foi conduzido para fora do palco por

roadies apenas para se livrar deles, tirar o manto dos ombros e voltar correndo para o palco, repetindo a fantástica performance seis vezes. No final, Brown estava agachado, de quatro, gritando e batendo no palco com o cinto de estrasse no ritmo da música. Keith Richards observou, com razão, que "nos apresentar depois dele parecia o maior erro das nossas vidas". Não obstante, Mick Jagger fez o melhor que pôde, apostando tudo com uma performance física de arrepiar, que era parte atlética, parte balé e parte dança de guerra tribal. É como se ele estivesse testando todos os limites do corpo. Mary Wilson, das Supremes, me contou que nenhum outro artista presente sabia o que pensar dos Stones até então, mas que naquele momento eles identificaram a atração que exerciam. "Alguém ouviu James Brown dizer 'Como eles puderam fechar o show depois de mim?' Foi uma piada nos bastidores. James fez a maior performance de todos os tempos para garantir que os Stones tivessem que se esforçar para superá-la. E eles conseguiram."

Algum tempo depois, Jagger adotaria grande parte da performance dramática de Brown, com uma série de convulsões pélvicas e sequências burlescas, com um repertório cada vez mais amplo de investidas, corridas, recuos, desfiles e — a marca registrada dos Stones — imobilidade com expressões ameaçadoras. Antes disso, como até mesmo os outros artistas que participaram do TAMI provaram, cantores pop colocavam uma jaqueta de lamê dourado antes de subir ao palco, sorriam para os fotógrafos e eram humildes com a imprensa. Não mais. "Foi aí que nasceu o Mick Jagger que conhecemos", diz Giorgio Gomelsky. "Depois daquela segunda viagem à América. Quando Mick saiu do avião em Londres, ele estava deslizando como James Brown." Mais tarde, Mick e Keith compuseram seu primeiro grande sucesso usando a mesma rotina de súplica de Brown no final de *The Last Time*.

Os tumultos agora familiares: Cleveland, Fort Wayne, Dayton... depois de algum tempo os nomes tendiam a se misturar e se perder. Durante o trajeto, manteve-se a imagem cuidadosamente orquestrada dos Stones como vagabundos sujos que não cortavam o cabelo e queriam atear fogo à sua cidade

e roubar suas mulheres; é claro que essa imagem era só em parte verdadeira, mas serviu para dividir as opiniões. Em Providence, Rhode Island, o show foi interrompido quando a metade frontal da área de recreação despencou sob o peso da banda. Mick, Keith e Brian conseguiram fugir do palco, Charlie foi cercado pela multidão e Bill permaneceu impassível tocando baixo. Depois, os Stones fizeram quatro apresentações no Meio-Oeste como um quarteto. Enquanto Jagger e Richards iam ao estúdio e faziam pausas para beber champanhe com James Brown, Jones deu entrada no hospital Passavant, em Chicago, sofrendo de "estresse" e "exaustão extrema". Quando o estado de Brian piorou, ele começou a delirar e teve que receber alimentação via intravenosa. Tanto os membros da banda quanto o público ficaram desapontados com a mudança na formação clássica. Quando o mestre de cerimônias deixou o palco em Dayton após anunciar que os Stones estavam sem Brian, muitas adolescentes também foram para casa. Um aplauso respeitoso recebeu os músicos (discretamente complementados por Stu), que reduziram o nível da apresentação com arranjos mais melódicos e riffs menos ousados. "Não se pode esperar o que se quer dos Stones com uma única guitarra", diria Keith Richards, em parte fazendo referência às críticas que fazia internamente a Cheltenham Shagger. Nos cinco dias e noites que ele passou no hospital, Wyman e Watts foram os únicos que se deram ao trabalho de visitar o companheiro de banda.

No dia 16 de novembro, Jones, ainda pálido, voltou para Londres. Ao chegar, descobriu que *Little Red Rooster*, a música gravada em grande parte pelas suas costas, foi direto para o topo das paradas de sucesso. Stu resumiu o estado de espírito do grupo quando disse: "O erro de Brian foi agir de forma tão estúpida. Ele não precisava agir o tempo todo como se não desse importância a nada. Fazia isso porque achava que era assim que astros do rock 'n' roll deviam se comportar." Para ilustrar a opinião de Stu, Brian disse ao repórter de Nova York Al Aronowitz que "tinha transado com 64 garotas" em sua estada de 19 dias no hospital na América do Norte, ofuscando até mesmo o recorde de Bill. Charlie, por sua vez, passava o tempo livre anonimamente sentado nos fundos em concertos de jazz ("Demais!", ele exclamou para o

único jornalista a identificá-lo) e colecionando suvenires da Guerra Civil Americana. Mick e Keith davam entrevistas e compunham.

No dia 20 de novembro, a banda foi direto do aeroporto de Londres para os estúdios do *Ready Steady Go!*, tocaram *Little Red Rooster*, e depois atravessaram o tumulto da multidão na porta que dava para os bastidores antes de atravessarem a cidade em alta velocidade para tocar no Empire Pool, Wembley. Logo após o show, Keith Richards desmaiou depois de cinco noites sem dormir. O médico que foi chamado recomendou descanso — o que não era possível. Às 10 horas da manhã seguinte, Jagger e Richards estavam de volta ao seu apartamento em Holly Hill com uma Epiphone e um gravador. Sentados lado a lado, Keith tocava velhos riffs da Chess ou da Stax, e Mick cantarolava, combinando letras e músicas para encontrar novas canções. Levou "mais ou menos duas horas" nessa postura para que eles encontrassem o fraseado de quatro notas de *The Last Time*, mais tarde o suficiente até mesmo para quebrar a pose de reserva crítica do *The Times*. "Um clássico miado", observou sobre o novo compacto dos Stones, que alcançou a primeira posição na primavera.

Entretanto, apesar de toda a atenção, dos concertos esgotados, do dinheiro (a London Records logo enviaria um cheque de 16 mil dólares para a dupla de compositores), da fama e do frenesi que acompanhava cada passo que dava, só um ano depois Keith Richards perceberia que era um dos maiores astros pop do mundo. A revelação veio quando ele fazia tranquilamente suas compras de Natal na rua principal local e uma mulher histérica que fazia o tipo Dame Edna[15] ficou furiosa, censurando-o por "cantar lixo". Em pouco tempo, um debate acirrado tivera início. Quando se deu conta, a crítica de Keith ameaçava-o com sua bolsa, e uma multidão havia se formado ao redor para assistir ao choque de gerações nas ruas de Hampstead. Os dois continuaram gritando um com o outro até que a multidão iniciou um tumulto, e alguém foi jogado contra a vitrine de uma loja no meio da confusão. Nesse momento, a palavra "polícia" foi mencionada. Um fotógrafo capturou uma imagem de Keith quando este aproveitou a oportunidade para pedir que um táxi que passava pelo local parasse, os olhos esbugalhados pelo choque, a camiseta listrada de presidiário caindo nos ombros.

Era 18 de dezembro; ele tinha 21 anos.

Notas

[1] MP, em inglês, são as iniciais de "Member of Parliament" (Membro do Parlamento). [*N. da T.*]

[2] Os O Levels (ou "Ordinary Levels" — Níveis Ordinários) integravam o GCE (General Certificate of Education — Certificado Geral de Educação) juntamente aos A Levels ("Advanced Levels" — Níveis Avançados). Os O Levels eram prestados quando o aluno tinha cerca de 15 anos, e significavam o fim da educação obrigatória. Aqueles que quisessem fazer um curso acadêmico prestariam os A Levels. Atualmente, esse sistema de ensino foi substituído pelo GCSE, que considera também o histórico escolar dos alunos. [*N. da T.*]

[3] É uma coincidência pouco notada o fato de Albert Hoffman, cientista suíço, ter descoberto as propriedades alucinógenas do LSD ao engolir a substância acidentalmente, no mesmo dia em que Keith Richards nasceu.

[4] Cerveja de origem britânica de cor escura e sabor adocicado. [*N. da T.*]

[5] Hotel cinco estrelas de Edimburgo. [*N. da T.*]

[6] Vinho de mesa barato popular na Inglaterra até a década de 1970. [*N. da T.*]

[7] Algo como Clube do Lagostim, mas a adição do sufixo "dy" à palavra original [crawdad] a transforma em um diminutivo de lagostim, daí a estranheza do nome. [*N. da T.*]

[8] Cadeia de fast-food do Reino Unido. [*N. da T.*]

[9] Berry estava na prisão federal na época, condenado por fazer sexo com uma adolescente branca de 14 anos, mas ainda assim recebeu o devido pagamento por direitos autorais.

[10] As Tiller Girls foram uma das mais populares trupes de dança dos anos 1900, formada por John Tiller em Manchester, Inglaterra, em 1890. [*N. da T.*]

[11] É possível que Oldham estivesse falando metaforicamente sobre ter confinado Jagger e Richards na cozinha de Mapesbury Road. Embora um tipo de explosão criativa intensa sem dúvida tenha ocorrido na casa, a cozinha era um cômodo compacto, de 1,8 x 2,5m, sem tranca na porta, aparentemente não muito propícia para uma sessão de composição prolongada. É uma questão simples, mas talvez outro exemplo de como certas anedotas sobre os Stones se tornaram mais divertidas — ou dramáticas — ao longo dos anos.

[12] Sequência de 31 filmes britânicos de comédia de baixo orçamento produzidos entre 1958 e 1992. [*N. da T.*]

[13] Trocadilho com "*cunt*", palavra vulgar que, além de sinônimo para o órgão sexual feminino, também significa "idiota". [*N. da T.*]

[14] Keith Richards já falou em diversas ocasiões sobre o seu primeiro encontro com Muddy Waters. Vale, contudo, acrescentar que várias pessoas que conheciam bem Waters não estão certas a respeito dos

detalhes da história, mas — detalhe talvez importante — se lembram de uma grande quantidade de uísque ter sido bebida no dia histórico em questão. O que é certo é que os Stones gravaram seu compacto seguinte, e a maior parte tanto de um segundo EP quanto da sequência para o primeiro LP, na Chess em uma sessão de 24h que viu uma grande explosão de criatividade, e que quando partiram tanto Waters quanto Chuck Berry — o qual correu para o estúdio depois de ser avisado de que "uns ingleses magricelas estavam lá embaixo gravando minhas músicas" — fizeram questão de apertar suas mãos.

15 Personagem do comediante australiano Barry Humphries, que vem fazendo filmes, programas de televisão, séries, entre outros, desde os anos 1950. [*N. da T.*]

3

A VISITA DE UM INSPETOR

Nos cinco primeiros meses de 1965, a imagem que os pais tinham dos Rolling Stones, que já não era boa, alcançou o pior nível possível. As manchetes não paravam, e geralmente estavam do lado das críticas. Durante uma turnê pela Australásia no início do ano, a banda ofereceu uma seleção dos piores exemplos de mau comportamento, que incluíam brigas com fotógrafos, a destruição de um camarim após outro, soltar copos de uísque da varanda do hotel no estacionamento cinco andares abaixo, e, no caso de Brian Jones, contrabandear garotas para dentro escondidas no carrinho do serviço de quarto. O *Morning Herald*, de Sydney, não gostou muito, e declarou que os Stones eram "um bando selvagem" que tinha que ser banido. "Eles chocam. Aparências feias! Discurso feio! Modos feios!", observava o jornal.

Depois, Mick Jagger ainda conseguiu piorar a relação entre o Reino Unido e a Nova Zelândia quando a banda foi para Invercargill, que ele descreveu como "o cu do mundo", acrescentando que o país inteiro era "um lixo". Para passar o tempo, Bill Wyman comprou uma Polaroid e depois pediu à equipe da turnê que trouxesse groupies em turnos para o seu quarto — o único detalhe era que a palavra "groupie" ainda não existia, então Bill deu uma série de códigos aparentemente inofensivos às suas atividades, casualmente perguntando, por exemplo, ao empresário de turnê da banda: "Você já tomou providências para lavar minhas roupas?" Keith Richards se limitou a se envolver em uma briga com dois fãs adolescentes que o perseguiram e o

atacaram quando, em uma combinação improvável, ele se distraía certa tarde em uma baía aparentemente tranquila de Sydney em um barco a remo com uma cesta de piquenique e alguns livros. As mesmas qualidades que tornam Keith eficaz em entrevistas entraram em cena quando ele procurou as palavras que tivessem mais efeito: "Vão se foder", ele gritou. Charlie Watts estava tão chateado por estar longe da esposa pouco depois de casar que, ao chegar ao aeroporto, onde ela deveria esperar por ele, pulou sobre a barreira da alfândega sem esperar ser liberado, agarrou o executivo de uma gravadora que reconheceu e indagou ofegante: "Onde está Shirl?"

Enquanto isso, todos deram gargalhadas quando, na última noite da turnê, em Wellington, Jagger desafiou Roy Orbison, que abriu para a banda, a cantar "o pior disco que você já gravou". "De acordo", respondeu Orbison, e então cantou seu sucesso de 1955 *Ooby Dooby* (refrão: "Ooby dooby, ooby dooby/Ooby dooby, dooby dooby/Dooby dooby do wah do wah do wah"). Já os Stones tocaram... o repertório de costume. "Era brincadeira", disse Mick.

Em março de 1965, a imagem dos Rolling Stones chegara ao ponto de a banda ser descrita como "rude" por Ed Sullivan e "escória" pelo *News of the World*. Enquanto outros grupos pop podiam atrair críticas do vigário local, os Stones eram condenados pelo arcebispo de Canterbury. A atmosfera geral de devassidão que acompanhava suas turnês não era suavizada pelas suas gravações. A primeira coisa que se percebeu no segundo LP dos Stones, depois do close-up perturbador do rosto cheio de espinhas de Keith Richards na capa, era como os títulos soavam furiosos: *Grown Up Wrong* [Cresceu errado], *I Can't Be Satisfied* [Nada me satisfaz], *Pain in My Heart* [Dor no meu coração]. O mesmo pode ser dito da música. Quase todas as faixas eram introduzidas por um resmungo da guitarra de Keith, seguido pela ruidosa entrada do acompanhamento com batida R&B e interjeições vocais improvisadas e os floreios ondulantes de Brian. Não se sabe quantos consumidores aceitaram o conselho dado nas notas do encarte de Oldham, que sugeria que roubassem um cego para comprar o disco. Em fevereiro, a London Records lançou *The Rolling Stones, Now!* na América — uma seleção com um título não muito bem escolhido de compactos ingleses não lançados nos Estados Unidos e

regravações anteriores que também ganharam disco de platina. Com o compacto mais vendido na Grã-Bretanha (*The Last Time*) e também os LPs mais vendidos nos dois lados do Atlântico, os Stones emergiam como donos impenitentes de uma moral negligente e artistas zelosos com a sua arte. Incrédulo, o *Daily Express* foi forçado a informar que "Muitos dos melhores críticos estão inclinados a pensar que é possível que Jagger e companhia tenham chegado para ficar".

Tudo isso levou aos eventos infelizes de 18 de março de 1965, quando os Stones fizeram uma turnê de 28 apresentações em duas semanas nos antigos cinemas Art Deco britânicos, com uma performance explosiva no ABC, Romford. Era o primeiro concerto de rock da cidade: a notícia foi publicada no *Havering Post* da semana seguinte, ao lado de palavras como TUMULTO e ANIMAIS.

Por volta das 11h da noite, Ian Stewart levava a banda no novo Daimler preto de Mick Jagger pela A118 para a região central de Londres. Stu encostou o carro no posto de gasolina da Francis, onde, de acordo com o frentista — Charles Keeley, de 41 anos — "um monstro de cabelos despenteados e óculos escuros" perguntou: "Onde é que a gente pode dar uma mijada aqui?"

Ao que parece ofendido pela abordagem, o senhor Keeley pediu aos Stones que fossem embora. O que se seguiu foi uma discussão acalorada, na qual Mick Jagger supostamente teria dito: "Mijamos onde quisermos, cara", frase adotada também por Keith e Brian, que passaram a repeti-la como "um tipo de cântico", conforme foi dito mais tarde na corte. Bill Wyman aproveitou a oportunidade para se aliviar em um muro ali perto. Uma pequena multidão começou a se reunir, e alguns gritavam encorajando Bill, enquanto Keeley gritava do outro lado e Brian pulava de um lado para outro fazendo a careta "Nanker" dos Stones. Uma exceção digna de nota ao furor crescente era Charlie, que permanecia sentado no carro, supostamente lendo o jornal matutino. Não é muito difícil entender a posição do frentista de meia-idade, cujo local de trabalho havia sido transformado em questão de minutos de um posto de gasolina suburbano tranquilo na cena de um ritual pagão. Pouco tempo depois, um rapaz barbado chamado de Goatboy se aproximou para

pedir educadamente o autógrafo de Wyman, que ainda estava ocupado, e Bill, por sua vez, perguntou com o que assinaria. Mick, então, repetiu seu mantra. Brian continuou pulando, puxando os olhos e enfiando os dedos nas narinas. Isso continuou até Bill retornar ao carro, que depois partiu acelerado, um dos passageiros — que se acreditava ser Keith Richards — tendo "se despedido com um gesto que exibia dois dedos".

Intimados por danos morais, Jagger, Jones e Wyman foram multados cada um em 5 libras, mais custos, quando o caso chegou à corte magistrada de East Ham no dia 22 de julho. Keith Richards, em sua primeira aparição no banco das testemunhas, afirmou que não tinha visto "nada acontecer" no posto de gasolina.

A terceira turnê americana dos Stones em um ano, com estreia em 29 de abril em Albany, Nova York, trouxe consigo vários desafios, como quando o sistema de som explodiu certa noite. Algumas noites depois, na Filadélfia, Jagger teve uma discussão com Peter Noone, o vocalista de rostinho bonito do Herman's Hermits. A discussão foi sobre quem ficaria com o maior camarim. "Herman [sic] é um cara legal", Mick disse diplomaticamente à imprensa, embora anos mais tarde tenha acrescentado: "a pior coisa em 1965 era sair para comer um hambúrguer, e um cara vinha e dizia 'Vocês são os Herman's Hermits?' Isso *matava* a gente! Dizíamos 'Cai fora! Eles são uma *merda*!'"

De volta a Manhattan, a banda gravou sua segunda participação para Sullivan, encontrou James Brown, e, por isso, recebeu ameaças de morte da Ku Klux Klan por consorciar-se com "pretos". O Klan quase conseguiu o que queria quando, uma semana depois, os Stones voaram para Atlanta. Os freios do avião falharam, e eles tiveram que descer escorregando nos tobogãs de emergência através de nuvens de fumaça e fogo.

Os Stones ao vivo eram uma atração e tanto, mesmo com as restrições locais do Código de Conduta, lido para eles por um secretário da prefeitura que vinha aos bastidores antes de cada show. Em Birmingham, Alabama, por exemplo, "mensagens obscenas ou sugestivas", nas letras ou na forma musical,

eram proibidas. Essa era apenas uma das várias restrições impostas à performance de Mick Jagger na cidade: ele também não podia usar roupas chamativas e deveria executar o mínimo possível de movimentos abdominais. Dos dois guitarristas, o mais extravagante era Brian, sorrindo e piscando, e de vez em quando mostrando o dedo para a multidão como forma de ilustrar uma letra, enquanto Keith Richards geralmente se limitava a executar o ritmo. Quando críticos do pop discutiram em peso o estilo de tocar de Bill Wyman (o baixo erguido quase na vertical, omitindo parcialmente seu rosto), poucos poderiam imaginar que havia uma motivação por trás disso que não era musical. "Era para eu poder ver as gatinhas lá embaixo", o baixista revelaria mais tarde.

No dia 6 de maio, os Stones haviam tocado quatro músicas no estádio de beisebol Jack Russell, em Clearwater, Flórida, quando cerca de 2 mil fãs invadiram o palco, interrompendo o show. Quando o Cadillac da banda saiu, a polícia estava ocupada "arremessando garotos como se fossem sacos de batatas", de acordo com o *Miami Herald*. No meio da confusão, houve 65 prisões e, de acordo com relatos, trinta ficaram feridos, um dos quais uma adolescente que, soluçando, soltou o carro do grupo e caiu na estrada. "Eu amo vocês!", ela gritou, ficando para trás.

De volta ao motel de madeira compensada Gulf. Uma noite tranquila, com Charlie sentado sozinho à beira da pequena piscina, e Jagger, Jones e Wyman *in delicto*. Brian bateu na garota que estava com ele, e Mike Dorsey, um dos roadies, arremeteu contra ele, quebrando duas costelas de Jones. Bill observa que a iniciativa de Dorsey foi bem recebida pelos outros membros da banda. (Em Londres, Eric Easton naquela semana negociava um acordo sigiloso com Dawn Molloy, mãe do último filho de Brian. Ela recebeu 700 libras, e o menino foi dado para adoção.)

Keith Richards foi até o quarto nº 3 (havia apenas 17 no motel), assistiu ao *Tonight Show* e caiu no sono. De madrugada, ele acordou com um riff — três notas, com uma terceira menor de si para ré, ou, foneticamente, *dum dum, da-da-da* — se repetindo na cabeça. Keith, que tinha o hábito de manter um gravador ao lado da cama para capturar momentos como esse, pegou sua nova

Gibson Firebird, gravou o lick, e depois voltou a dormir. De manhã, ele havia se esquecido do incidente, colocou a fita cassete no bolso, onde ela quase foi lavada com o jeans, e, mais tarde, já estava prestes a apagá-la com outra gravação quando esbarrou no riff. Keith ouviu uma vez e tocou a famosa introdução de oito compassos para Mick Jagger, em seguida dizendo: "O nome dessa música é *Satisfaction*."

Levou dois dias para chegar ao resultado final no estúdio, onde várias tentativas de gravá-la como um número ousado para dançar, no estilo Stax, foram abortadas. Analisando o riff principal, Ian Stewart mantinha todos concentrados repetindo-o no piano e pedindo que sugerissem arranjos ou um ritmo para a música. Entretanto, eles logo perderam o interesse, e Stu teve que assumir seu papel de roadie, tendo que ir até a loja de instrumentos local para depois voltar com um Gibson Maestro Distortion Unit, ou fuzzbox, para a guitarra de Keith. Foi o bastante. O resultado final, gravado na RCA, Hollywood, de 12 a 13 de maio, contava com uma letra reprimida e, cortesia de Charlie Watts, um impulso de trem-bala que grita "hino do rock". Alguns observadores, contudo, ainda assim puderam identificar as raízes frustradas na Motown: a pegada básica ecoava *Dancing in the Street*, enquanto Jagger transformou os brados de Wilson Pickett numa interpretação arguta de versos sobre as aflições do estrelato — exatamente o que um cantor negro de R&B poderia ter feito se ao menos tivesse chegado ao estrelato. Foi misturar a batida 4/4 rigorosa de Charlie, a linha de baixo borrachuda de Bill e a introdução mais famosa do rock para fazer história.

Lançada em junho de 1965, *(I Can't Get No) Satisfaction* mudou a música pop da noite para o dia. Ela também se tornou um clássico que penetrou o subconsciente do público, influenciando várias outras composições e deixando para trás um rastro de relançamentos e versões cover, até deixar de ser um sucesso para se tornar uma indústria — um dos principais fatores a terem transformado a década de 1960 nos "Anos 60". Em ordem cronológica, ela alcançou o primeiro lugar tanto nas paradas americanas quanto nas britânicas, tornou-se ingrediente obrigatório do verão, tanto em bares de adultos quanto nas salas comunais das universidades, sobreviveu a regravações que vão de Otis

Redding a Joe Loss, ganhou roupagem nova para se tornar jingle de um comercial de chocolate e foi votada "a melhor música de rock de todos os tempos" — seguida por *Respect* e *Stairway to Heaven* — por especialistas em música da VH1, antes de ser descoberta por tipos como Britney Spears. Anos mais tarde, certos críticos eruditos de rock, como Robert Palmer, do *New York Times*, descreveriam *Satisfaction* como "um ataque quase marxista contra o consumismo", enquanto, para outros, o título parecia mais uma reflexão sobre masturbação. Seja qual for a sua opinião sobre ela, é justo dizer que o sonho de Keith Richards foi responsável pela esfera mais comercial da angústia adolescente até Kurt Cobain criar sua própria assinatura do rock caótico em *Nevermind*, um quarto de século depois.

Ironicamente, é provável que a única pessoa com menos de 30 anos que não ficou feliz com o sucesso da música tenha sido um membro dos Rolling Stones. Brian Jones "detestava" *Satisfaction*, embora não haja certeza de que sua objeção era artística ou se devia ao fato de que a música foi o golpe de misericórdia para quaisquer esperanças que ele ainda pudesse ter de compor para a banda. Um incidente desagradável também marcou sua relação com a música quando, com algum entusiasmo inicial, Brian tocou a gravação para os pais, em Cheltenham, por telefone. "Muito bom, filho", o senhor Jones disse. "Mas já temos americanismos demais. Vocês não poderiam cantar *(I Can't Get Any) Satisfaction*?" Segundo outra teoria, oferecida pelo baixista de Jimi Hendrix, Noel Redding, "Foi Brian que criou o riff e tocou para [os Stones]. Aí os caras disseram 'Ok, certo, obrigado', e o pegaram" — um ato de pirataria sem precedentes, caso essa versão dos fatos seja verdadeira, embora não esteja de acordo com nenhum outro relato contemporâneo dos eventos ocorridos em Clearwater. Ian Stewart me disse: "Keith tocou a melodia básica naquela manhã [de sexta-feira], Mick escreveu a letra à beira da piscina, todos resmungaram alguma coisa, e pegamos o avião", e que o processo criativo parara por aí até os detalhes serem acertados no estúdio na Califórnia. Seja qual fosse a causa, a insatisfação expressa de Jones em relação à música o afastou ainda mais da banda que supostamente formara. Nos concertos, Brian de vez em quando expressava suas reservas em relação a *Satisfaction* tocando *Eu sou o*

Marinheiro Popeye como contramelodia, e com isso incentivando mais ainda a banda a querer demiti-lo.

O resto da turnê pela América foi um tumulto contínuo. Houve um tumulto em grande escala em Chicago e São Francisco. Em Long Beach, fãs dançaram sobre o carro dos Stones, quase esmagando os ídolos como sardinhas em lata. Com ataduras e vestindo um robe de chambre parecido com os usados por fumantes na era vitoriana, Jones mancava à procura de "gatinhas". Enquanto Jagger e Richards se ocupavam compondo, a prioridade de Brian continuava sendo suas aventuras sexuais. No dia 20 de maio, os Stones tocaram *Satisfaction* no programa da ABC Television *Shindig!*. A pedido da banda, Howlin' Wolf fechou o show — sua estreia na TV. Uma demonstração de respeito de Mick e Keith para com Wolf foi o fato de terem aberto mão das guimbas de cigarro que tinham sempre na boca quando não estavam cantando.

Com os tumultos, problemas com a polícia, e agora o dinheiro, a vida para os Stones ficou ainda mais insana em 1965. Assim, na primavera daquele ano, a banda contratou Tom Keylock para tomar conta deles. Nascido em 1926, Keylock era um cockney rude que já havia sido motorista de caminhão, segurança de parque de diversões, soldado paraquedista e coproprietário de uma agência de táxis por agendamento. Ele fora ferido em Arnhem, tendo sofrido queimaduras tão graves que, nas suas palavras, "enxertaram a maior parte da minha bunda na minha cara". ("Então é por isso que você fala tanta merda", Mick Jagger respondeu de pronto.) Um grandalhão de óculos, como um Michael Caine moreno, Keylock tinha cabelos pretos grossos como lã de fios de ferro e um rosto que parecia ter sido forjado numa fundição. O mais importante, ele era tão direto quanto o dia era longo, e todos os Stones o amavam. De forma geral, o sentimento era mútuo. Mick e Keith, Keylock logo concluiu, eram essencialmente "kosher" e "admiravam caras que os enfrentavam". Charlie e Bill não eram "problema", mesmo que o último "comesse a Grã-Bretanha inteira" quando a mulher não estava na mesma cidade — e às vezes nem isso o impedia. Quanto a Brian, "ele podia

enlouquecer você, o filho da mãe, mas também tinha outro lado. Vi o cara várias vezes tratar animais e crianças com carinho, e quando ele não estava fora de si, agindo como um astro de rock esnobe, costumava deitar no chão da minha casa e passar horas a fio brincando com seus trenzinhos de brinquedo. Ele era muito educado com a minha esposa, o Brian. Às vezes, dava pra sentir muita pena dele".

No verão de 1965, os Stones deram início a outra turnê, desta vez pela Grã-Bretanha e Europa. Ao amanhecer do dia 24 de junho, eles cruzavam o asfalto do aeroporto de Oslo, cercado por um cordão de isolamento. Mesmo àquela hora, havia centenas de meninas gritando para lhes dar as boas-vindas. Sem aviso, a banda e suas admiradoras foram atingidas por um canhão de água disparado pela polícia de choque norueguesa, liderada por um oficial montado empunhando um sabre. O canhão não espantou todas as fãs, mas assustou os Stones, que conversaram entre si por um momento, e depois chamaram os policiais de idiotas. No concerto daquela noite, foram feitas duzentas prisões. No dia seguinte, a banda tocou ao ar livre para 20 mil pessoas em uma praia finlandesa. Viajando, Brian tocou uma vigorosa *Popeye* enquanto o resto dos Stones tocava *Satisfaction*, o que levou a uma troca sincera de pontos de vista quando voltaram ao hotel. A disputa pelo poder dentro da banda continuaria pelos próximos 18 meses, na maioria das vezes com Jagger, Richards e os empresários de um lado, e Jones do outro. Embora Brian estivesse experimentando cada vez mais drogas, seu talento básico foi que o manteve na banda durante esse período.

Enquanto isso, o álbum *Out of Our Heads* foi lançado na América e na Grã-Bretanha, em datas e formatos diferentes. Curiosamente, havia algumas faixas lamentáveis: *Gotta Get Away* era um misto de folk e blues, mas um misto muito malsucedido, e alguns dos intermináveis covers da Stax careciam de um pulso mais firme da produção, especialmente no que diz respeito ao exagero de Mick nos gritos. *Heads*, portanto, não passava de uma coleção de pretensas baladas soul cafonas. Entretanto, uma análise mais atenta revela uma sensibilidade pop tão acurada quanto a do seu principal concorrente, *Beatles For Sale*, com guitarras muito mais ruidosas; *Heart of Stone* explorava os limites

dos agudos sujos mais do que qualquer outra banda da Invasão Britânica, e contribuiu para um LP que, depois de ouvido algumas vezes, pode ser considerado o principal da segunda divisão dos Stones. No mesmo mês, foi lançado um EP britânico chamado *Got Live If You Want It*. Gravado por meio de um microfone pendurado em um teatro, as limitações vocais identificadas podem ser justificadas pelo fato de que Mick tinha que cantar vários dos números com garotas penduradas no seu pescoço.

A comparação com os Beatles parece justa, não apenas do ponto de vista artístico, mas porque eles e os Stones agora combinavam os respectivos lançamentos. A ideia era lançar seus álbuns e compactos em datas estratégicas para que uma banda não atrapalhasse a outra. Várias das reuniões entre os dois grupos ocorreram ao redor de mesas em cantos reservados do Ad Lib, embora Keylock tenha se lembrado de uma festa no verão de 1965 na casa de Lionel Bart (*Oliver!*) onde "todo mundo se embebedou, enquanto Mick Jagger e Paul McCartney permaneciam sentados em um canto como gerentes de banco. Depois, Mick passou a viagem de volta para casa com a cabeça enterrada em um tipo de arquivo ou diário... Quando ficava sozinho com alguém, ele nos perguntava o que achávamos da economia e da situação da libra e coisas assim, enquanto com Keith era mais algo do tipo: 'Tom, onde é a porra do show desta noite?' Mas os dois costumavam falar sobre não competir com os garotos de Liverpool. A Decca também. Lembro disso." Mesmo em 1965, a indústria musical começara a passar pela sua mudança inspirada no pop de um clube de cavalheiros para um negócio empresarial com foco no lucro.

Como o subgrupo criativo dos Stones, Jagger e Richards vinham recebendo muito pouco, apenas 5 libras por semana cada até o lançamento de *Satisfaction*, e "muito felizes com isso", como observou Keylock. Eles logo começaram a superar sua timidez financeira com a ajuda de um advogado, e a partir daí foi um passo para o mundo das casas de campo e jovens voluntárias para servi-los nas traseiras de Rolls-Royces. Depois de deixar Hampstead, Mick primeiro se mudou para um quarto no London Hilton, e depois para um apartamento alugado em Marble Arch, que Chrissie Shrimpton o ajudou a decorar — "como o Casbah", observou Keylock. Sob a superfície, algumas fendas haviam

começado a se abrir no relacionamento de três anos que a imprensa chamava de "belo duo". Embora Mick aproveitasse a turnê para se divertir com as garotas que tinha à disposição, ele não era o único a ser infiel; sua namorada cada vez mais confiante, agora a jornalista londrina que escrevia para a revista adolescente americana *Mod*, tirara vantagem da sua ausência para se divertir com o exuberante cantor P.J. Proby. Passados quarenta anos, Proby recordar-se-ia: "Houve uma festa no escritório de Loog Oldham. Todos os Stones estavam lá com suas garotas. Na verdade, estavam pintando o lugar. Um cara que não reconheci começou a provocar [Shrimpton]. Só Deus sabe por quê. A coisa estava ficando feia. Então, eu o vi dar um tapa nela. Começou a sair sangue do nariz dela. Ninguém fez nada, então me aproximei, deixei o cara inconsciente e saí. Bem, Mick ficou louco. 'Seus texanos de merda! Caiam fora!', ele gritava. Chrissie foi para casa comigo naquela noite. Tudo correu às mil maravilhas até a época do Natal, quando encontrei Jagger nos bastidores de *Top of the Pops*. Ele estava com o anel que eu tinha dado a Chrissie no dedo. Ele olhou para mim, eu olhei para ele. Depois, Chrissie passou, e eu a vi sair com Mick em direção a um Mini que depois descobri que ele havia comprado para ela. Eles entraram e saíram. Foi a última vez que eu vi os dois."

Nos últimos dois anos, Eric Easton vinha prudentemente depositando dinheiro em contas separadas para Jagger e Richards no Bradford and Bingley para compensar futuros impostos devidos. (Por um engano grave, esses fundos não compensaram os "lucros inesperados" que todos os membros logo teriam com vendas de discos na América do Norte e concertos.) Mais uma vez graças a Easton, os dois tinham crédito em várias lojas de Londres, onde podiam fazer longas contas, que abanavam alegremente. Keith Richards aproveitou a oportunidade surgida com os lucros pelos direitos autorais de *Satisfaction* para comprar um Austin 1100 para a mãe e levar a namorada, Linda Keith, para passar férias na Grécia. Quando o casal voltou, alugou o apartamento de luxo de um juiz da Suprema Corte em St. John's Wood — embora, de acordo com Keylock, ele tenha rapidamente caído para o nível de Edith Grove em termos de decoração. Os dois Keiths "viviam [entre] uma quantidade enorme de roupas sujas, fumaça de cigarro velho e louça suja. O lugar inteiro fedia como

uma lata de lixo." Tendo ganhado mais com seu "ataque quase marxista contra o consumismo", Richards comprou um Bentley S3 Continental, que primeiro pintou de turquesa (apelidando-o de "Blue Lena" [Lena Azul]), e depois o equipou com uma grande bandeira confederada. Quando isso não afastou a guarda rodoviária, Keith a substituiu primeiro por uma bandeira da Turquia e depois pela insígnia do governo chinês. A imagem de formalidade mandarim acabou indo por água abaixo com o som de *Satisfaction* explodindo nas caixas de som externas do carro, que pelo menos rendeu gargalhadas do lado de dentro do vidro fosco quando as pessoas olhavam espantadas. À sua própria maneira, Charlie Watts também se tornara ousado na estrada, tendo contratado um chofer uniformizado e comprado um Mini de segunda mão.

Tanto Charlie quanto, como era de se esperar, Brian Jones foram visitados pela paternidade no verão. O primeiro não teve problemas, mas o mesmo não pode ser dito de Brian, que Pat Andrews e Linda Lawrence agora processavam por não pagar pensão, como se não bastasse o fato de o uso de ácido estar fazendo Jones ver cobras rastejando por todo o seu corpo. Charlie gastou 8.850 libras em um solar Tudor em Lewes, Sussex, comprado de Hartley Shawcross, ex-procurador-geral do Partido Trabalhista que fora o promotor no julgamento por crimes de guerra em Nuremberg. Embora a elite britânica em sua maioria tivesse uma péssima opinião da banda, poucos parecem ter demonstrado reservas em vender suas propriedades aos membros. Em seu tempo livre, o baterista dos Rolling Stones não estava interessado em experimentar drogas, mas em organizar sua coleção de uniformes militares americanos do século XIX, soldados de brinquedo e discos de jazz. Quando a mãe de Charlie visitou a propriedade, ela disse à imprensa que ela era muito bonita, mas que teria preferido que ele escolhesse algo "um pouco mais moderno". Bill Wyman comprou uma casa modesta em Keston, Kent, onde morava intermitentemente com a mulher e o filhinho. Como Chrissie Shrimpton, Diane Wyman, já sofrendo havia tanto tempo, tivera um rápido caso durante a turnê mais recente dos Stones. Um momento delicado se deu quando a terceira parte envolvida apareceu à porta certa noite, mas Bill foi magnânimo. "Eu disse a ela

que entrasse em contato com ele e lhe dissesse para não aparecer mais, e depois o incidente foi esquecido."

Mas mesmo enquanto os Stones enriqueciam graças à robusta técnica de negociação de seu empresário e ao seu inegável talento como relações-públicas, eles estavam cada vez mais preocupados com as excentricidades pessoais de Andrew Oldham. Loog parecia estar lutando contra um caso não diagnosticado tanto de dependência de anfetaminas quanto de distúrbio bipolar, e durante os períodos mais difíceis ia para um convento, onde passava dias relaxando. Ao emergir desses períodos cada vez mais frequentes de exílio voluntário, Oldham era conduzido pelas ruas de Londres em um Chevrolet Impala verde-limão por uma figura conhecida como Reg the Butcher [Reg, o Açougueiro], outra exótica, ainda que breve, adição à equipe de turnê dos Stones, que já fazia a de Elvis parecer o Grupo de Bloomsbury.[1] Reg não apenas estava presente durante as inúmeras reuniões de negócios do seu chefe; ele era onipresente. De acordo com o escritor Philip Norman, "A ideia era que Andrew, sempre que se sentisse contrariado, dissesse 'Dá uma surra naquele cara, Reg', e Reg surrava o cara." Depois de se automedicar por vários anos, Oldham, no final das contas, recorreu a um programa para o tratamento do abuso de drogas chamado Narconon, parte de um grupo associado à Igreja da Cientologia. "O cara era brilhante", diz Tom Keylock, "mas estava passando por problemas. Se você o conheceu quando ele começou a subir na vida, Andy era um filho da mãe arrogante de má índole. Sacanear deficientes e coisas assim era uma piada para ele — foi daí que os Stones tiraram isso. É engraçado o fato de Brian e ele se odiarem, porque, na verdade, eles eram muito parecidos."

Oldham parece ter se cansado rapidamente do dia a dia da mecânica do empresariado, pois em julho de 1965 apresentou a banda a um "cara da vizinhança" de Nova Jersey, fumante de cachimbo, de 33 anos, que já fora e voltaria a ser um magnata de Hollywood, além de genial: Allen Klein. Klein era incrível. "Esquisito", "asqueroso", "inelegante", "ineloquente", "sem charme", "sinistro" e "extremamente grosseiro" de acordo com diversos relatos

contemporâneos, talvez ele tenha sido o executivo mais repulsivo do meio empresarial do rock, mesmo naquela era dourada. Atarracado, de olhos pequenos e com a compleição de um saco de ferramentas, invariavelmente vestido com um jeans apertado e um suéter engordurado que servia de abrigo para pedaços de comida, ele e seu guarda-roupas desafiavam a noção de ridículo. Klein fez nome graças ao estilo de negociação de uma agressividade titânica com o qual conduzia tudo nos seus termos, desprovidos de qualquer verniz, usando um arsenal quase cômico de gírias de rua temperadas com insultos diretos. "O estilo de negociação de Al teria provocado choque até num covil da máfia", diz um amigo. Vendo a si mesmo como um Robin Hood da Tin Pan Alley, atacando os barões ladrões da indústria musical, Klein garantia de forma convincente a seus clientes que era "alguém que sabe como dar a esses caras um gostinho da sua própria merda".

Tanto a indústria quanto a imprensa viriam a tratá-lo com um respeito intimidado adequado. "O GÊNIO MAIS DURÃO DA SELVA DO POP", dizia uma manchete de um jornal de distribuição nacional, embora as análises particulares de muitos jornalistas fossem mais incisivas. Em pouco tempo, Klein receberia dez acusações por sonegação de impostos nos Estados Unidos, entraria em desacordo com a Comissão de Títulos e Câmbio dos Estados Unidos, que suspendeu a venda de ações da sua empresa Cameo-Parkway Inc (uma antiga gravadora falida da década de 1950 que ele comprara e transformara em sua sede em Nova York) e se tornaria praticamente sócio do sistema legal de Manhattan. Deixando de lado leis e acusações, Klein também gostava de processos legais. Era como um escorpião, que quando acuado pica a si mesmo, e processaria até o próprio advogado caso achasse que ele não havia trabalhado direito em um processo contra alguém.

Nascido em dezembro de 1931, Klein era filho de imigrantes judeus de Budapeste. Seu pai era açougueiro de profissão, e sua mãe morrera antes de Klein completar um ano. Criado na maior parte do tempo em um orfanato, ele era muito bom em aritmética na escola, e acabou se matriculando em um curso de contabilidade em Upsala College e se especializando no mercado do entretenimento. Sua imagem como um "garoto gordo de Jersey" camuflava o

enorme cuidado com que ele atendia os clientes. Klein era famoso, com razão, por ter descoberto a sonegação de direitos autorais, às vezes em centenas de milhares, de artistas como Bobby Darin e Sam Cooke. Certa vez, ele entregou ao cantor Bobby Vinton (*Blue Velvet*) um cheque de seis dígitos em "cachês recuperados". Depois de ter oferecido seus serviços sem sucesso aos Beatles na primeira turnê americana da banda em 1964, Klein havia passado para o outro supergrupo britânico da época. "Andrew descreveu-o para nós como uma figura gângster, alguém de fora da elite", contou Mick Jagger. "Achamos isso muito interessante." No dia 26 de julho, Klein foi contratado como gerente de negócios da banda. Por enquanto, Oldham reteria o controle sobre os discos e a publicidade do tipo "Mijamos onde quisermos". Eric Easton foi demitido.

A primeira ação de Klein tornou-se lendária. Ele pediu aos Stones que se vestissem de preto, colocassem óculos escuros e o acompanhassem para um confronto na Decca. Lá, eles encontraram Sir Edward Lewis, o presidente da companhia, de tez avermelhada e dono de uma respeitabilidade a toda prova, que abandonara a carreira de corretor da bolsa para em 1929 fundar a gravadora, com o objetivo principal de torná-la um canal de divulgação para músicas religiosas.

— Ed, você tá fodendo com a gente! — Klein gritou. — Não é mesmo?

O momento seguinte foi excitante. Os Stones desviaram o olhar, e Lewis, que abominava palavras de baixo calão na sala da diretoria, ficou ainda mais vermelho, embora tenha mantido o controle.

— Posso garantir...

De repente mudando o tom, Klein interrompeu-o suavemente.

— Não, ouça. Você quer os Rolling Stones. O sentimento é mútuo. Vamos conversar abertamente.

Os membros da banda saíram uma hora depois, um milhão de libras mais ricos. Mick, Keith, Brian, Charlie e Bill receberiam, cada um, uma garantia anual, a ser paga pela London Records, de 7.500 dólares pelos dez anos seguintes, não importava se vendessem um único disco nesse período. (Na verdade, os membros originais da banda ainda estariam recebendo uma anuidade pelo chamado "Retorno da Decca" quase cinquenta anos depois.)

Klein também conseguiu um cachê melhor por direitos autorais para eles, 9,25%, o que era maior até do que o recebido pelos Beatles. Talvez o local estivesse muito escuro para que os Stones lessem as letras miúdas, que apontavam a Nanker Phelge Music USA, uma companhia controlada por Allen Klein, como recipiente de todos os pagamentos.

Por que Jagger, treinado na LSE, e o resto da banda colocaram tanto poder nas mãos de um único homem? Ninguém na época percebeu até onde ia a ambição de Klein ou pensou no acúmulo de responsabilidades por ele nesses termos; havia tarefas a serem cumpridas que ninguém queria encarar, mas ele sim. Mick, Brian e Charlie parecem ter ficado felizes em aceitar o que para eles eram apenas ajustes administrativos internos. Keith, por sua vez, achava Klein (que fazia aniversário no mesmo dia que ele) "fantástico", a passagem dos Stones "para longe da pindaíba", enquanto apenas Bill demonstrou temer que o "Gorducho" pudesse, pelo contrário, acabar custando-lhes muito. No final das contas, os dois estariam certos. Enquanto isso, o arcabouço clássico dos anos 1960 dos Stones estava quase completo, e outra parte essencial seria encaixada dali a apenas cinco semanas.

"Senti muito pelo modo com que Keith e Brian passaram a se relacionar", Tom Keylock me contou certo dia. "Foi bem ruim. Keith achava que Brian estava fora de si, e Brian achava que Keith havia se juntado a Mick para dominar sua banda." Então, Keylock sorriu e apontou exatamente para o problema. "E, de certa forma", continuou, "os dois estavam certos".

No dia 13 de setembro de 1965, os Stones fizeram duas apresentações tumultuadas em Hamburg, onde uma força armada da SWAT rapidamente dispersou cerca de oitocentos fãs sem ingresso no átrio do teatro. Keith Richards respondeu a essa amostra de eficiência alemã pegando uma garrafa de uísque que estava pela metade, urinando dentro dela, sacudindo e oferecendo aos policiais que vieram aos bastidores relaxar. Os Stones, em particular Keith, estavam às gargalhadas quando os policiais brindaram à saúde dos rapazes e tomaram um bom gole. Depois, todos voltaram para o Hotel Lilienhof, onde

Bill Wyman afirma que os lustres sobre a mesa onde a banda jantava de repente se inclinaram para o lado, embora não esteja claro se por alguma manifestação sobrenatural ou alguma outra interferência experimentada apenas pelos Stones. O show da noite seguinte, em Munique, foi prejudicado por Brian Jones, que repetiu seu riff de *Popeye* em *Satisfaction*, levando a mais discussões murmuradas sobre seu papel no grupo. O consenso era que Brian não merecia mais nenhuma consideração, tendo abandonado todos os seus vários filhos — até mesmo os Stones têm limites — e não fazendo nada pela banda, exceto por transmitir uma aparência de dândi decadente. Oldham mais uma vez planejava demiti-lo.

Então, para a surpresa de todos, Jones apareceu com uma garota fascinante nos braços — mais fascinante, mais estonteante que qualquer um já tivesse visto. Realmente linda. Magra, mas cheia de contornos, os cabelos loiros volumosos com uma franja e vestindo uma saia preta minúscula; seu rosto era pálido como o de um cadáver, exceto pelos olhos negros como carvão, que lhe davam um ar de languidez embriagada. Os Stones ainda não sabiam, mas ela já estrelara filmes e fora capa de revistas de moda por toda a Europa. Aos 22 anos, ela era veterana tanto nos círculos da *dolce vita* romana quanto na Factory de Andy Warhol, em Nova York, conhecendo "todo mundo" do showbiz. Ela falava seis idiomas. E, o melhor de tudo, não dava a mínima para os Stones, que considerava "colegiais". O resultado disso foi que eles ficaram loucos por ela. Não havia ninguém como ela.

Anita Pallenberg.

De acordo com amigos, Brian naquela noite parecia fascinado pela história interessante que era a criação de Anita como filha de um agente de viagens italiano, Arnaldo Pallenberg, que na verdade era um "compositor frustrado" e pintor surrealista, e sua esposa Paula, funcionária de baixo escalão nazista. A primeira filha dos Pallenbergs se desfigurou depois de ter colocado um plugue elétrico na boca, e Anita, que veio dois anos depois, cresceu em uma "atmosfera sombria... muito pobre, mas com ilusões de riqueza". Ali estavam alguns dos ingredientes que fizeram parte da juventude de Brian. Na adolescência, Anita fora para uma escola interna alemã, mas foi expulsa, e durante algum tempo

estudou restauração de obras de arte antes de abandonar os estudos para conhecer várias capitais europeias, e, no final das contas, subir a bordo de uma embarcação para Nova York. Uma agência de modelos de Manhattan assinou um contrato com ela e a mandou para um trabalho em Munique. Ao saber que os Stones estavam na cidade, "Procurei Brian imediatamente", lembraria Anita. "Era nele que eu estava interessada. Bati no ombro dele e tinha um grande sorriso pronto quando ele se virou. Mal pude acreditar, mas ele estava chateado, prestes a chorar, e, de alguma forma, achei que fosse minha culpa... Ele estava triste porque Mick e Keith haviam se unido contra ele, e senti pena dele. Ele estava num estado deplorável. Passou a noite chorando nos meus braços. Não foi nada sexual. Ele só queria alguém ao seu lado. Tivemos uma aventura rápida. Foi assim que o conheci."

Na manhã seguinte, os Stones pegaram o trem para Berlim Oriental, mas duas semanas depois Anita pegou um avião para se juntar a eles em Londres. Não demorou muito para que as colunas de fofoca da *Nova* e da *Queen* fizessem ressoar os tambores. Brian Jones iria se casar com sua bela fraulein! Anita foi vista em uma loja de vestidos de noiva! Bob Dylan seria o padrinho!

Nada disso realmente aconteceu, mas, pela primeira vez em dois anos, Brian estava sorrindo outra vez. Os Stones puseram a casa abaixo em Berlim, entre outras coisas porque Mick decidiu passar o solo de *Satisfaction* marchando a passo de ganso pelo palco e esticando o braço com firmeza em clara saudação nazista. Seguiram-se 149 prisões. O órgão do Partido Comunista da Alemanha Oriental, *Neues Deutschland*, publicou um comentário sobre o concerto em um editorial de primeira página. "Essa conduta escandalosa", disse, "nos dá um novo olhar sobre a perigosa extensão do crime na Berlim Oriental e a degeneração da sua arte." Após o show, os Stones atravessaram antigos túneis de proteção contra ataques aéreos da Segunda Guerra Mundial para seus carros, e depois deixaram a cidade com uma escolta policial "e todos os cruzamentos bloqueados por mais policiais", lembra-se Wyman. Um fotógrafo capturou uma imagem da banda quando subiam a bordo do seu voo fretado para Viena. Os cinco parecem bichos-pau, enquanto Stu veste um par de lederhosen.[2]

O crescente afastamento de Brian Jones dos outros Stones continuou na turnê seguinte pela Grã-Bretanha. O único músico reconhecidamente virtuoso da banda a essa altura abandonara a guitarra; no palco, ele quase nunca tocava nenhum instrumento musical audível, e quando tocava não acrescentava em nada. Nas suas melhores noites, Brian complementava os golpes rítmicos de Keith com um piano energético. Quanto à sua competência, nem o crítico de rock mais exigente poderia ter nenhuma ideia, dado o barulho predominante de gritos frenéticos. Brian dizia a quem quisesse ouvir que achava as novas composições de Jagger-Richards uma droga, mas que estava preparado para esperar o curto período de tempo necessário antes que lhe pedissem composições para "os filmes de Anita".

Jones, porém, continuava gostando do trabalho de divertir os fãs dos Stones. Ele amava provocar o público, e não precisou de muito esforço para em 16 de outubro transformar a multidão presente na ABC, em Northampton, em um coro ruidoso. Durante o segundo número, alguém jogou a perna de uma cadeira de metal no palco e atingiu Keith Richards, que apagou. Ele caiu duro aos pés de Jagger. Enquanto Mick largava o microfone para ajudar o colega, Brian levantou a cabeça sob o holofote, e, ao que pareceu para muitos, deu uma gargalhada. Depois de alguns minutos nos bastidores, Keith se recuperou e eles deram continuidade ao show.

Mais tarde, os Stones passariam a gostar de retratar-se como, se não exatamente os idiotas da vila, os "cinco idiotas ingleses", nas palavras de Keith, cujo sucesso fenomenal nos Estados Unidos se deu como um tipo de acaso feliz. Até Jagger, que tinha um bom entendimento do mercado, disse a um jornalista apenas que, depois do fiasco da primeira turnê da banda pelo país, "Nós voltamos e as coisas começaram a acontecer para nós." "Então por que começaram a acontecer?", o jornalista indagou. "Realmente não sei", Mick respondeu, dando de ombros. "Algum... tipo de reação química... parece, de alguma forma, ter acontecido." O mesmo repórter mais tarde se aventuraria com um microfone para medir a reação de 700 ou 800 garotas gritando na recepção da banda no

aeroporto JFK. "A recepcionista Debbie Guest, 25" e "suas duas amigas, em idade universitária" pararam rapidamente para uma entrevista.

— Acho que os Rolling Stones têm mais apelo sexual do que os Beatles... Quando os Stones estão tocando no palco, produzem uma excitação muito maior.

— Er... E você?

— Acho que eles são os maiores, se vestem diferente e são a melhor coisa que já aconteceu nos Estados Unidos.

— Por que *você* gosta dos Rolling Stones?

— Porque... Keith é lindo... e eles são tão feios que são atraentes.

Mas se o fator sociológico foi um componente marcante nas primeiras turnês americanas dos Stones, logo foi combinado a considerações comerciais mais aguçadas. Quando o grupo cruzou o Atlântico outra vez em outubro de 1965, seu compacto *Get Off of My Cloud*, uma versão frenética dos Isley Brothers, chegou à 1ª posição. Enquanto isso, Allen Klein providenciou um outdoor iluminado com um close-up dos rostos dos rapazes, ousadamente dominando a icônica Times Square, em Nova York. Uma semana antes, a revista *Time* informou que a turnê arrecadaria uma estimativa de 1,5 milhão de dólares, "que os bad-boys britânicos anunciaram que talvez deem aos Panteras Negras, ou qualquer outro grupo radical com o qual simpatizem". Um membro da câmara municipal de Nova York, Art Neely, também foi citado: "Tranquem suas filhas."

Abrindo em Montreal, os Stones foram descritos pelo chefe de polícia como "a coisa mais selvagem que o Canadá já viu — e não queremos outra coisa como eles". A primeira causa de preocupação foi a descoberta de que Keith Richards havia perdido outra vez seu passaporte; sem hesitar, os membros cabeludos da banda passaram pela Imigração tão rápido, pulando um sobre o outro como num jogo de copos, que nenhuma autoridade percebeu. Em Nova York, durante a coletiva de imprensa, os repórteres começaram a gritar observações sobre a aparência de Cro-Magnon da banda, e Andrew Oldham foi

forçado a exigir que o entrevistador de uma rádio destruísse sua fita "porque estava fazendo perguntas estúpidas". "O empresário advertia a imprensa o tempo todo", comentou um repórter da NBC, "Jagger e companhia não pararam de fumar e beber um minuto, na maior parte do tempo ignorando o resto da sala, rejeitando algumas perguntas com acenos, apagando cigarro após cigarro em cinzeiros, ou, mais de uma vez, na toalha da mesa, e fazendo sinal para serem reabastecidos por um assistente que ficava atrás deles de óculos escuros."

Banidos do hotel Warwick, os Stones se mudaram para o despretensioso City Square Motor Lodge. Um jovem fotógrafo inglês chamado Gered Mankowitz acompanhou-os, e se lembra de "uma multidão enorme de menininhas bloqueando o caminho... Eu nunca vira nada como aquilo, mas a banda achava tudo natural. Mesmo quando o peso das meninas sobre o carro começou a fazer o teto ceder, forçando Mick, Keith e eu a literalmente o segurarmos com as mãos, Bill continuava tentando conversar com as mais bonitas pela janela".

No palco de Boston ou Newark ou Tulsa, os Stones geralmente faziam um set de nove números, por 30 mil dólares, cujo clímax era uma ruidosa *Satisfaction*. Na turnê, o politicamente cauteloso e até então discreto Mick Jagger agora passava a ser visto como "um misto de agitador e atleta sexy", de acordo com a *Time*, inspirando, Stu acrescentou, "um fenômeno completamente novo... [fazendo] a garota querer transar o mais rápido possível". Mankowitz também se lembra de "um número interminável de bilhetes, geralmente presos a sutiãs e calcinhas, com números de telefone, poemas de amor chocantes e ofertas muito explícitas, mensagens complicadas como 'Mamãe e Papai estão viajando — telefone antes das 11h'". Ao contrário da maioria dos cantores ingleses da época, Jagger não usava mais os membros inferiores apenas para ficar de pé: provocando o que foi chamado de "histeria da calcinha molhada", os giros de galo-sob-o-efeito-de-ácido de Mick combinavam perfeitamente com os guitarristas de olhar macabro a cada lado e com o dueto lacônico mastigando chiclete atrás.

Ninguém podia segurar os Stones agora. Manchetes sobre "amá-los ou deixá-los" atravessavam uma nação violentamente polarizada por questões sobre a Lei dos Direitos Civis e a Guerra do Vietnã: HEY! YOU! GET OFFA MY CLOUD! [título de uma música — algo como EI! VOCÊ! PARE DE PEGAR NO MEU PÉ!]... MONSTROS... DEMÔNIOS... CONCERTO DOS ROLLING STONES SUCESSO ESTRONDOSO... JOVENS SE SATISFAZEM... RUDES E LIBERTINOS STONES LEVAM 20 MIL À LOUCURA... e assim por diante; uma imagem forjada pela habilidade de Andrew Oldham. Na maioria das vezes, as coletivas de imprensa não passavam de escaramuças sociais unilaterais em que a banda mal se dava ao trabalho de falar. Suas roupas demonstravam o mesmo desdém pelas convenções — botas cubanas gastas, jeans apertados e camisas quadriculadas ou de pied-de-poule chamativas largas na cintura. De vez em quando, contudo, ao sair para explorar a cidade, Brian aparecia com um colete afegão que levou um jornalista a cunhar a expressão "elegância das cavernas". Com seu guarda-roupa ambulante de ternos roxos, camisas cor-de-rosa e abotoaduras com a suástica, suas ondas de cabelos loiros, cachecóis bordados e botas pretas, o único dândi incontestável dos Stones era um misto de anjo de Botticelli, Beau Brummell e um candidato a recruta das SS. Brian saiu com Bob Dylan certa noite, e os dois foram a uma espelunca em Manhattan chamada Phone Booth. Lá, não demorou muito para que tivessem uma discussão sobre uma garota com outro cliente e acabassem rolando com o homem no chão do banheiro. Um segurança dos Stones arrastou Brian pela porta lateral e de volta ao hotel, onde ele passou os dois dias seguintes "doidão e paranoico", achando que a polícia viria prendê-lo. Em vez de se meterem em confusões públicas, Mick e Keith estavam ocupados com projetos mais discretos, compondo para o álbum seguinte, procurando oportunidades de investimento para os lucros da turnê e brigando com Andrew Oldham quando este expressou certas preocupações mostrando uma arma no quarto de hotel de Keith em Chicago.

No dia 19 de novembro, Anita Pallenberg pegou um avião em Paris para se juntar aos Stones em Miami. Bill conta, com certa discrição, que ela e Brian "passavam a maior parte do tempo sozinhos", enquanto Stu disse que, quando apareciam, o casal de aparência quase idêntica brigava como "criancinhas",

trocando socos fraquinhos e tapinhas. As fotos mostram Brian no hotel da banda usando uma blusa de Anita, ou, aparentemente, esfregando a cabeça em seus generosos seios. Mais tarde, o consenso seria que a violência era apenas superficial. O amigo de Brian Dave Thomson ficou hospedado no novo apartamento à prova de som do casal em Elm Park Lane, Chelsea, onde observou a natureza essencialmente cíclica do relacionamento. Jones usava os punhos com Anita, que "vi entrando no quarto deles com um chicote com sangue. Pude ouvi-la chicoteando-o". A própria Anita falaria sobre o relacionamento: "Brian tomava ácido o tempo todo... Quando tomava, via criaturas saindo do chão, das paredes, do assoalho. Ele procurava pessoas nos armários: 'Onde elas estão?'. Foi quando me pediu: 'Me faça ficar parecido com Françoise Hardy.' Passei pó nele e o vesti como uma garota."

Em sua euforia, Jones dizia às pessoas que havia passado para um nível mais elevado, mas na verdade era um trampolim: eram altos maníacos e baixos suicidas.

Dia 3 de dezembro, Memorial Auditorium, Sacramento. Três versos da primeira estrofe de *The Last Time*, Keith Richards correu até o microfone para fazer a segunda voz do refrão, encostando no microfone, que não estava aterrado, com a guitarra. O choque produziu um raio chamejante, com um guincho ruidoso, e em seguida Keith caiu no chão. O cheiro de queimado era terrível. Richards ficou no chão tanto tempo — por 7 minutos, na maioria das estimativas — que as pessoas começaram a entrar em pânico. Primeiro, houve alguns gritos, seguidos por um silêncio mortal. Policiais e médicos o cercavam. Então, de repente, Keith abriu os olhos, e distraidamente coçou o queixo e disse: "Ei, o que não faço por um bis?" Depois de alguns minutos nos bastidores, onde descobriram que três cordas da guitarra de Keith haviam queimado, os Stones voltaram para terminar o show. Três anos depois, Stu lembrou que, quando voltaram, o som da voz de Richards foi um "momento definitivo" na carreira da banda. Todos reconheceram nele o verdadeiro espírito do roqueiro. Em comparação a Keith, qualquer outra pessoa era só um músico.

Embora a turnê tenha formalmente acabado naquela semana, ela teve uma sequência sombria que acabou no álbum *December's Children*, lançado no final

do mês. Em sua maior parte, o álbum é apenas uma mistura de faixas rejeitadas, versões alternativas e o que Brian chamou mordazmente de "um monte de merda que sobrou no estúdio". Por outro lado, *December's Children* continha tanto *Get Off of My Cloud* quanto a versão definitiva de *Route 66*. *Children* terminava com *Blue Turns to Grey*, um pouco sem graça — o que pode ser explicado pelo fato de que soa como *Yesterday* sem o quarteto de cordas —, e *I'm Movin' On*, uma das favoritas do velho Sidcup Trio, que já caíra no gosto da banda anos atrás, aqui revigorada pela steel guitar de Brian.

Esse álbum também vendeu um milhão, passando 36 semanas nas paradas americanas.

Financeiramente, portanto, Klein e sua organização haviam deixado os Stones orgulhosos. Durante as seis semanas de turnês, a banda tocara para 275 mil fãs a uma média de quatro dólares cada: pouco mais de um milhão de dólares, sem contar com merchandising. Aqui, o grupo ganhou 542.589 dólares, menos os 10% que foram para a agência William Morris (embora, o que talvez seja relevante se considerarmos futuros eventos, nada tenha sido destinado aos impostos no Reino Unido). Cada Stone, bem como Oldham e Klein, portanto, levou para casa cerca de 70 mil dólares. Tendo iniciado a turnê no final de outubro e terminado na primeira semana de dezembro, Mick, Keith, Brian, Charlie e Bill ganharam 1.855 dólares por dia, 13.200 por semana, ou, para fazer uma comparação, 687 mil dólares em um ano — na época duzentas vezes mais do que um operário britânico. Embora estivessem se saindo consideravelmente melhor do que seus pais jamais se sairiam, os Stones não obstante enfrentariam alguns problemas em termos de fluxo de caixa nos anos seguintes, em particular quando veio à tona que Klein achara meios legais para segurar seu dinheiro e repassá-lo em pequenas parcelas, que mais pareciam esmolas, o que levou até Keith a observar que botar as mãos no dinheiro era "um parto".

No dia 7 de dezembro, os Stones fizeram seu 244º e último show do ano, e depois foram direto para o estúdio RCA, em Hollywood, com uma atmosfera

sem janelas no estilo de um cassino de Vegas. Foi lá que Keith Richards tocou pela primeira vez os acordes de *19th Nervous Breakdown* e a banda gravou metade do que se tornaria *Aftermath*. No primeiro dia no estúdio, Mick Jagger fez um intervalo na gravação de seus ataques vigorosos contra a tradicional vida em família inglesa e outros elementos sociais para mandar um telegrama parabenizando os pais em Dartford pelas suas bodas de prata. Depois da intensa explosão de criatividade, todos relaxaram à sua própria maneira. Mick ficou em um hotel em Beverly Hills com Chrissie Shrimpton; Keith foi passar alguns dias cavalgando na Cordilheira McDowell, no Arizona; Brian e Bill deram uma festa à qual compareceram Dylan, os Beach Boys, várias dançarinas com pouquíssimas roupas, e, de acordo com relatos, um pato branco que passou a noite andando pelo lugar e observando a ação; Charlie, por sua vez, foi para a casa de um amigo, o baterista de estúdio Hal Blaine, tendo passado a maior parte do tempo brincando com o controle remoto da garagem de Blaine. De acordo com este, "Charlie ia o tempo todo lá fora com a engenhoca, abria a porta, fechava e voltava para dentro, só para repetir a mesma coisa minutos depois. Ele estava como uma criança no Natal." No ano-novo, Brian estava nas Ilhas Virgens com Anita e uma doença tropical. Mick disse ao sobrinho de Keith, Ronnie Schneider, que estava pensando em se casar com Chrissie Shrimpton, e Schneider aconselhou-o a não casar na Califórnia — "a pensão alimentícia vai matar você". Bill e Charlie voltaram para as esposas, e Keith passou os dias de folga com a mãe.

"Basta dar uma olhada na programação", Mick Jagger disse em 2006, refletindo sobre os eventos de quarenta anos antes. "É turnê, turnê, turnê, turnê, estúdio, estúdio, turnê, turnê, turnê, estúdio, estúdio. O trabalho era absolutamente contínuo"; e a banda já estava de volta à estrada em 1966, mais uma vez escandalizando a Austrália, onde Bill Wyman bateu o recorde total de 13 groupies em oito noites. A essa altura, os Stones viviam como numa guerra: concertos de 30 minutos, pegar o dinheiro e correr, 24 horas em Nova York para o *Ed Sullivan Show* (a primeira transmissão em cores da rede de televisão

americana), onde, em uma cena desconcertante, Keith Richards jogou um cinzeiro em um puxa-saco de Sullivan por não tê-lo reconhecido, e Ed pediu que a referência, em *Satisfaction*, a "tryin' to make some girl" [tentando levar uma garota pra cama] de Mick fosse disfarçada por um bipe. *19th Nervous Breakdown*, com sua pegada Bo Diddley e letra sarcástica sobre o tipo de garota que se conhece "at certain dismal, dull affairs" [em certas ocasiões deprimentes, maçantes] (Chrissie Shrimpton, de acordo com a maioria) estava prestes a ganhar disco de ouro, e a banda lançou a primeira de muitas coleções de sucessos, *High Tide and Green Grass*. Enquanto isso, Keith Richards colocou o nome em um dos LPs de música clássica mais estranhos de todos os tempos, *Today's Pop Symphony*, que pelo menos serviu para provar que Keith e a Filarmônica de Londres tinham ideias diferentes quando o assunto era ritmo.

No dia 6 de março, os Stones voltaram para Hollywood e para a RCA. Em 72 horas, eles gravaram 18 músicas, inclusive o resto de *Aftermath* e três futuros compactos de sucesso. Na segunda noite, já tarde, os engenheiros de som anunciaram uma pausa ao identificar um zumbido vindo de algum lugar na sala que estava interferindo no processo de gravação. No final das contas, o culpado era Brian Jones, que havia adormecido a um canto com a guitarra slide encostada a um amplificador ligado. Para Andrew Oldham, o momento em que puxaram o cabo da guitarra de Jones foi simbólico, como se representasse o próprio Jones sendo cortado do grupo.

Depois, voltaram para a Europa, onde a chegada dos Stones a Paris foi recebida por mais um tumulto, algo já familiar, com Brian exigindo "Acelere! Quero vê-lo arremessado!" quando um fã se agarrou ao carro da banda. Na noite seguinte, eles tocaram um set de 11 músicas no Olympia — 82 prisões. Depois do show, Brigitte Bardot apareceu nos bastidores. Mais tarde, Stu contaria que Mick Jagger rejeitara a oferta de Bardot de um papel no seu próximo filme, mas depois "deu umazinha como consolação" no armário para vassoura anexo ao camarim. Em Marselha, Mick foi ferido quando uma cadeira jogada pela multidão atingiu-o no olho, e precisou de seis pontos. "Levou 30 minutos para encontrar a ala de emergência", ele contaria mais tarde. "Depois, vi uma coisa incrível correndo pelo corredor do hospital... Um rato enorme!"

Na noite seguinte, Mick fez duas apresentações com os olhos bem fechados. No dia 1º de maio, todos se reuniram para tocar no concerto dos eleitos para a tradicional lista de fim de ano da *NME*, em Wembley, que contou com sets de 15 minutos de bandas como os Yardbirds, os Small Faces, os Walker Brothers, Cliff Richard and the Shadows, e Roy Orbison — todas apenas apresentações de abertura. As três últimas bandas a subirem ao palco foram o Who, os Stones e os Beatles.

Na semana seguinte, *Paint It, Black*. Este foi um dos pontos altos de Brian, tendo a música contado com uma de suas típicas colaborações na forma de peculiaridades acrescentadas, aparentemente, ao acaso — desta vez, uma cítara, que deu à música sua clássica atmosfera. A letra de Mick era um psicodrama joyceano em compasso 4/4 para balançar o esqueleto, e levou a morte ao *Top of the Pops* trinta anos antes de Marilyn Manson. Nos Estados Unidos, a London Records lançou *Mother's Little Helper*, "um disco muito estranho", Mick admitiu, "como um número de teatro de variedades, com uma guitarra de 12 cordas que lhe deu um som distintivo". O certo é que não havia nada parecido na rádio americana. O Lado B de *Helper* era *Lady Jane*, uma balada satirizando a era Tudor que, embora não fosse do tipo que não deixa os vizinhos dormirem, ainda assim provocou um animado debate de fanzine: alguns interpretaram o título como uma referência a drogas, enquanto para os mais voltados para a literatura era uma alusão a O *Amante de Lady Chatterley*, em que *Lady Jane* era um código para "vagina".

Mas a principal ocupação dos Stones naquela primavera foi a gravação, o lançamento e a divulgação de *Aftermath.* Um ciclo musical bem trabalhado de originais de Jagger–Richards, ele consolidou a dupla de compositores em um nível muito próximo do de Lennon–McCartney, e, graças aos rosnados de vendedor de rua de Mick, deram peso à ideia de "falta de classe", da qual a televisão, os palcos e o cinema britânicos cada vez mais passavam a depender. (Não obstante, de acordo com a *Disc*, "os vocais de Jagger aqui soam como se tivessem sido gravados no fundo de um poço" — contudo, com versos como "The way she powders her nose/Her vanity shows and it shows/She's the worst thing in the world/Well, look at that stupid girl" [Pela forma como coloca pó

no nariz/Sua vaidade se revela e mostra/Ela é a pior coisa do mundo/Veja só aquela garota estúpida], talvez fosse inteligente turvar um pouco as coisas.) Entre os destaques do álbum (nas duas versões diferentes) estão *Paint It, Black*, com Brian adornando a fundação sólida de rock de Keith; *I Am Waiting*, com um saltério digno de incluí-la em um compacto de Natal de Mantovani; a Beatle-esca *Out of Time*; e *Under My Thumb*, com uma cadência excêntrica dada pela bateria e pelo xilofone (e que mais tarde seria alvo da ira feminista). Tudo intoxicante, com uma boa dose evocativa de guitarra distorcida.

Pelo lado negativo, a longa introdução de piano de *Flight 505* parecia mais um ensaio bêbado em um pub incluído por engano; *High and Dry* tem uma letra medíocre e uma melodia chata no estilo das músicas country sobre corações partidos; ao passo em que *Goin' Home* pede uma edição que pudesse reduzi-la a uma faixa decente de 3 minutos. Também houve um erro de pontuação da parte da Decca. O álbum (que a princípio se chamaria *Could You Walk on the Water?*) teve o título alternadamente escrito *After-Math*, *AfterMath* ou *Aftermath* em diferentes prensagens, enquanto o uso ou não de vírgula em *Paint It, Black* ainda rende debates na internet.

Enquanto a decadência e a perda eram temas recorrentes em *Aftermath*, um velho amigo desaparecido e declarado morto desde a época de Chuck Berry apareceu vivo e muito bem de saúde: o blues comercial. Keith Richards, famoso no círculo íntimo dos Stones por avaliar a acústica de um ambiente com um mero estalar de dedos, provou que havia vida para o gênero nos Top Dez, voltando a atenção para intrincadas execuções enraizadas no blues que agradaram não apenas os fãs. "Pou! Que explosão!", foi o veredito da *NME*. *Aftermath* foi um sucesso instantâneo tanto na Grã-Bretanha quanto na América.

Apesar disso, os Stones ainda não haviam se livrado de uma vez por todas de preocupações financeiras. Se qualquer membro da banda precisava de dinheiro, de acordo com Bill Wyman, Klein lhe emprestava o que era seu de direito com juros. Com frequência, não conseguiam nem isso, e Mick, Keith ou Brian recorria a telegramas como "Que porra está acontecendo?" e "O telefone e a eletricidade vão ser cortados amanhã... Se mexe, Al". Enquanto

faziam turnê pela América, conta Bill, "Klein fizera um estardalhaço ao nos dar aquelas cadernetas de cheque estilo empresarial com capas duras para as nossas contas de Nova York, enfatizando que elas eram particulares." Esses eram os fundos teoricamente fornecidos aos Stones, abastecidos pelo "Retorno da Decca". Os membros da banda acreditaram nisso, e começaram a passar cheques para várias compras pequenas. "Allen explodiu, dizendo que não podíamos pagar pelas coisas daquela forma."

De acordo com Tom Keylock, parte da euforia inicial da guerrilha de Klein contra a Decca já começara a se desvanecer. "Keith Richards me contou que estava de saco cheio do empresário. Ele percebeu que toda aquela bobagem de 'Você quer — você recebe' era só teatro. A verdade é que eles tinham que implorar por dinheiro." A entrada de Richards para a sua casa de campo inglesa só poderia ser tirada de Klein por meio de uma cirurgia, e em uma transação feita um ano depois, Keylock pegou um avião para Nova York, onde tomou um táxi para o escritório da Cameo-Parkway, na Broadway, pulou por sobre um guichê e anunciou para a perplexa recepcionista que não sairia sem "o dinheiro de Keith".

Ainda assim, os Stones continuavam com um bom crédito. Todos estavam em uma situação material muito melhor do que a de antes de Klein entrar em cena. Brian Jones tirou vantagem da nova condição financeira e deu seu Humber Snipe como parte do pagamento por um Rolls-Royce Silver Cloud branco, que vinha equipado com uma almofada no banco do motorista para que Brian conseguisse ver acima da direção e com a placa DD 666 — na interpretação de alguns fãs, uma homenagem satânica. Tanto Charlie Watts quanto Bill Wyman estavam morando confortavelmente na zona rural inglesa. Mick Jagger continuava no centro da cidade, tendo se mudado de sua residência de Marble Arch para o número 52 da Harley House, parte de um bloco de mansões de muros cinza na tonalidade dos navios de guerra, que parecia atracado à extremidade sul de Regent's Park. O apartamento em si tinha uma atmosfera de vida no mar, com sua tinta branca descascada, longos corredores e janelas ovais, aos quais Mick acrescentou uma variedade de bugigangas sofisticadas, inclusive alguns espelhos horizontais. Tom Keylock

achava que a vida doméstica de Jagger estava começando a parecer "algo saído de P.G. Wodehouse combinado a um filme de *Carry On*". Suas amantes desse período — que mais tarde, em épocas mais moderadas, forneceram uma boa quantidade de detalhes interessantes — concordam que Mick se destacava pela sua franqueza energética, sua virilidade impressionante, suas técnicas às vezes robustas, bem como em sua lábia. Passados 45 anos, uma jovem companheira lembraria de como "ele sentava na sala de estar [de] Harley House, com todos os jarros de palmeiras e estofados em veludo, como um cavalheiro vitoriano, e me contava como as palavras eram sua experiência e a música era sua alma. Tudo por uma transa".

Um perfil escrito por Keith Altham, jornalista pioneiro especializado em rock e futuro assessor de imprensa dos Stones, fornece um retrato vívido de Andrew Oldham em ação naquela primavera.

> O Loog estava no meio de uma mudança. "Estou atrasado, é claro", ele disse, empilhando documentos legais relacionados ao processo contra a Radio Caroline e a revista *Queen* pela inclusão de Mick Jagger em uma propaganda da estação pirata. Em seguida, ele esbarrou em uma caixa de chá no chão e rasgou o que vestira para sair. "Eles não deveriam deixar essas caixas de madeira por aí", resmungou, e fez sua tentativa para a glória da Copa Mundial com um chute na caixa. Sua bela secretária ficou pálida com os palavrões que acompanharam o chute, mas permaneceu firme, até que o sócio de Andrew, Tony Calder, e o chofer chegaram para levá-lo.

Antes de 1966, os Stones tinham usado drogas apenas para aguentar o ritmo na estrada ou nas sessões de estúdio, onde Keith Richards gostava de tocar as músicas algumas vezes (no caso de *Satisfaction*, 32) antes de gravá-la. À medida que sua renda e seu status de celebridade cresciam, eles passavam para narcóticos mais fortes. "Estávamos usando algumas substâncias químicas", Keith confessa. "A ideia por trás disso era muito pura. Todos na época estavam preparados para servir de laboratório... Era muito idealista e destrutivo ao mesmo tempo para muitas pessoas." Mike Gruber, um dos assistentes dos Stones para turnês americanas, falaria sobre o mesmo fenômeno ao dizer: "Íamos para um hotel e eu ligava para a farmácia... Pedia pasta de dentes,

creme de barbear, desodorante e cem caixas de amil-nitrato. Eu perguntava quantos havia em estoque, já que era legal e cada caixa só custava 10 dólares. Comprávamos todas."

Uma foto dos Stones desse período foi tirada numa noite quente no May at Dolly's Club, em Mayfair. Keith Richards e Brian Jones encontraram Bob Dylan, que estava em turnê pela Grã-Bretanha, e sendo "cuidado", com a bênção de Keith, por Tom Keylock. Os dois Stones já haviam fumado um baseado, duas doses de LSD Blue Cheer e vários coquetéis no carro. "Todo mundo exagerou", conta Keylock. Outra viagem ou duas ao bar do Dolly's, mais uma ao banheiro masculino, e Keith, em particular, estava viajando. Não se sabe como, teve início uma discussão sobre *Like a Rolling Stone* em que Keith acusou Dylan de ter usado o nome da banda indevidamente, e Bob retorquiu: "Eu poderia ter composto *Satisfaction*, mas vocês não poderiam ter composto *Tambourine Man*."

Dylan com certeza não conhecia o outro roqueiro o bastante para reconhecer os sinais de alerta. A reação de Keith foi dar um soco com força na mesa que separava um do outro.

— Vá se foder, cara.

— Vá se foder você, cara.

Neste momento, Keylock interveio. "Eu disse a Keith que caísse fora, que naquela noite eu estava trabalhando para Dylan, e que se [Richards] quisesse brigar, teria que passar por mim. Com isso, agarrei Bob, empurrei-o até o carro e parti para o hotel. Depois, olhei pelo retrovisor, e bem atrás de mim estavam Keith e Brian no Rolls-Royce de Brian. Eles estão fora de si, o carro está a uns 130, costurando no trânsito. Podíamos ver Brian dando gargalhadas. Ele era um péssimo motorista na melhor das hipóteses. Cheguei ao hotel e empurrei Dylan para dentro, e neste momento vi o Rolls subir no meio-fio e quase bater na porta da frente."

Mick Jagger, por sua vez, parecia estar comprovando o perfil que Walter Stern fizera dele quando Jagger estava na LSE como "tímido, educado e inteligente um dia, e um vagabundo arrogante no outro", com a diferença de estar ganhando mais. "Ele era um vagabundo engraçado", Tom Keylock

recordar-se-ia do líder dos Stones, não muito afetuosamente. "Assisti à transformação de Mick em uma figura pública por volta de 1966. Ele foi jantar na minha casa em Wood Green, e apareceu usando um tipo de roupa de balé com uma tonelada de joias. Era uma fantasia, e dali em diante aquela passou a ser a sua imagem, a sua aparência. Ele sempre aparecia no meu apartamento usando suéteres, jeans — roupas, e não trajes de palco. Minha esposa deu uma olhada e disse 'Por que você não tira um pouco desse batom com água e volta para jantar?' Ele obedeceu."

Naquela primavera, Mick também estava sofrendo um tipo de problema físico ou nervoso. No dia 3 de junho, ele foi examinado por um médico de Harley Street chamado Samuel Weinstock, que o mandou de volta para casa em Harley House para o que foi descrito como "duas semanas de isolamento total... Ele estava completamente incapaz de trabalhar". Nessa época, Mick trabalhava "18 ou 20 horas por dia", ele lembrou, uma montanha-russa de "compor, gravar, produzir e tocar constantemente". Havia muitos dias que ele também tinha que fazer várias aparições oficiais, dar autógrafos e entrevistas, sendo chamado invariavelmente para "explicar" suas últimas letras — "Significa pintar de preto... 'Não consigo me satisfazer' quer dizer que 'Não consigo me satisfazer'" — para um público cheio de expectativas. Talvez não seja de surpreender que ele tivesse problemas para manter uma agenda tão incansável. Felizmente, Mick se recuperou a tempo de se juntar aos outros Stones para a sua turnê mais lucrativa pela América do Norte até então, que teve início com um concerto para 15 mil fãs espremidos na chuva em Lynn, Massachusetts. Mick rasgou a camisa e dançou hula-hula em *Satisfaction*, levando centenas de espectadores a passarem pelo cordão de isolamento policial e tentarem se juntar a ele no palco. O que se seguiu foi uma orgia autêntica, da qual a banda escapou com punhos batendo no teto do carro (o que não foi o pior) e bombas de gás lacrimogêneo explodindo na multidão. Não haveria mais concertos de rock em Lynn até 1985.

Depois, Allen Klein alugou um iate, o SS *Sea Panther*, e ofereceu uma coletiva de imprensa a bordo para os Stones enquanto navegavam pelo Porto de Nova York numa tarde quente. Uma recepcionista de 24 anos e aspirante a

fotógrafa, na época chamada de Lin Eastman, subiu a bordo com sua câmera. Suas imagens frontais espontâneas de vários dos membros das bandas recostados em seus assentos, bocejando, as pernas levantadas, a colocaram no mapa do rock and roll. Ao menos a princípio, Eastman parecia particularmente atraída por Brian Jones, cujo diafragma fotografou em vários close-ups. Brian, seu apetite pela apreciação feminina acariciado, mas longe de estar satisfeito, afastou-se para se deitar com duas convidadas de biquíni no convés. De acordo com Bill Wyman, a fotógrafa passou a noite com Mick Jagger. Antes desse encontro, Mick não estava de bom humor. "Eu quero fazer um filme sobre a realidade de ser um Rolling Stone", anunciara uma repórter. "A realidade de ser eu? Hoje em dia, é uma merda", Mick respondeu. Outro convidado a bordo do *Sea Panther* falaria sobre o evento dizendo "A impressão que eles transmitem é 'Não me toque, sou um Rolling Stone.' Até mesmo o empresário deles é tão cheio de si que chega a ser inacreditável... Mick Jagger é um hippie no verdadeiro sentido da palavra. Quando alguém diz algo honesto, ele fica pálido."

De volta a Londres, Mick teria uma última briga com Chrissie Shrimpton, e disse que estava "muito entediado" e que não queria mais vê-la. Quando ela teve uma overdose quase fatal de soníferos e mandou a conta do hospital para Mick, ele se recusou a pagar. Lin Eastman se tornou Linda McCartney.[3]

No dia 2 de julho, os Stones tocaram para um público de 9.400 fãs e 375 policiais no Forest Hills Tennis Stadium, Queens, sob o duro escrutínio do crítico de arte do *New York Times:*

> Durante o último número do grupo, *Satisfaction*, várias garotas pareciam chorar incontrolavelmente. Cerca de 12 jovens conseguiram passar pelos cordões policiais... O grupo saiu do palco imediatamente, e em questão de segundos as luzes do parque se acenderam e o helicóptero dos Rolling Stones levantou voo noite adentro.

Keith Richards e Linda Keith foram direto para o Café Wha?, em Greenwich Village, para conferir a atração da semana: um jovem e inovador guitarrista de Seattle que se apresentava com o nome de Jimmy James. Os dois Keiths

ficaram impressionados ao verem o cigano com roupas psicodélicas andando de um lado para outro no palco enquanto tocava um medley de Dylan no volume máximo, temperado com o retorno estridente de sua guitarra. Em pouco tempo, Linda passaria a namorar James, que se mudou para Londres e se tornou Jimi Hendrix. Richards encontrou consolo com uma das groupies de Bill Wyman, que o descreveu como "um cara tímido e adorável", mas também como uma das melhores transas de todos os tempos. "Aquela língua!" Infelizmente, tudo acabou mal para os companheiros de banda, que acabaram tendo que fazer um tratamento com penicilina.

Os 32 concertos da turnê estão entre os mais eletrizantes da carreira dos Stones. Sob a influência de alucinógenos como peiote e LSD, o conceito básico começou a mudar para algo um pouco mais radical, vagamente político, com um marcante senso de moda. Brian Jones passou a apresentar-se com um blazer azul e verde-limão, no estilo da Henley,[4] com listras cor-de-rosa — embora os competidores provavelmente não tivessem gostado da blusa floral e das calças de veludo apertadas que completavam o traje. Afetado por uma terrível falta de coordenação, Brian com frequência precisava fazer várias tentativas para conseguir ligar a guitarra ao amplificador. Se às vezes era musicalmente brilhante, outras ele parecia operar em uma zona de cabarés psicodélicos que era o extremo da sua imagem como purista do blues e do jazz. No palco, a divisão do trabalho funcionava cada vez pior. Embora Brian se dividisse entre guitarra, teclado e harpa, para Mick sobrava todo o trabalho de levar os fãs ao delírio, o que fazia com uma energia e uma desenvoltura incansáveis. Ele merecia um prêmio por inovação Queen's Awards for Enterprise. No dia 26 de julho, seu aniversário de 23 anos, Mick pulava em frente a centenas de pessoas em São Francisco, enquanto um jovem hirsuto escalava um poste para jogar panfletos no palco:

> Agradecemos aos ROLLING STONES... Eles são nossos companheiros na luta desesperada contra os loucos que detêm o poder. Lutamos em grupos de guerrilha contra o invasor imperial na Ásia e na América do Sul... Amigos, vocês voltarão a esta terra quando ela estiver livre da tirania do estado e tocarão sua música maravilhosa nas fábricas que serão lideradas

> por trabalhadores entre um milhão de bandeiras vermelhas tremulando sobre uma comunidade anárquica. ROLLING STONES, os jovens da Califórnia ouvem sua mensagem — Vida longa à revolução!

Em Harley House, naquela semana, Tom Keylock comprava uma banheira estilo Regência e de uma cama com dossel para seu mestre.

Duas noites depois, no Hawaii, as coisas ficaram tensas quando Mick Jagger apresentou *Satisfaction*, imitando o sotaque do sul com uma fala arrastada. "Não tenho palavras para dizer quão maravilhoso é estar aqui. É realmente incrível, o melhor público... que já tivemos... e o último show... que jamais faremos." Os Stones saíram. No mês anterior, eles haviam lucrado 720 mil dólares, com um salário de 80 mil dólares cada — embora, mais uma vez, sem pagar o imposto de renda britânico. Eles já sabiam que era o fim de algo, a última das turnês anárquicas ao "estilo Batalha da Crimeia". Na verdade, eles só fariam outra turnê pela América três anos depois. Como se para celebrar, Anita foi se juntar a Brian; os dois passearam de barco e depois foram para o Marrocos, onde Jones disparou um soco contra Anita, mas acabou acertando a parede e passando um mês com a mão engessada. Mick e Keith foram para Acapulco compor, e Charlie levou a esposa para explorar as montanhas da Califórnia a cavalo. Bill Wyman voltou para Londres depois de ter conseguido levar duas belas irmãs para a cama na sua última noite no Hawaii. "Como ninguém do grupo havia conseguido ficar com nenhuma garota nessa visita", conta Bill, "ficaram todos impressionados por eu ter ficado com duas".

Antes de desaparecerem para suas férias de verão, os Stones haviam se reunido na RCA para gravar mais 12 músicas, incluindo *Have You Seen Your Mother Baby?*, cuja letra ousada até hoje é admirada por críticos eruditos pela sua heterodoxia inteligente e moderna ("uma declinação Rimbaudesca do mundo obscuro da sexualidade ilícita", na avaliação de um autor) ancorada não apenas a uma guitarra distorcida, mas a um efeito de distorção extra que leva o ouvinte

a checar a agulha da vitrola à procura de poeira. "Maníaca" é a palavra. O novo compacto dos Stones foi mal gravado, mal mixado e (ao menos se comparado aos outros) vendeu mal, tendo alcançado apenas a 9ª posição na Grã-Bretanha — mas possui a capa mais comentada na história da arte pop.

Em retrospecto, a foto dos rapazes completamente travestidos, tirada pelo diretor de fotografia de Nova York Jerry Schatzberg, mas coreografada por Andrew Oldham, provavelmente foi apenas uma ideia interessante. Essa ideia parece ter surgido quando certo dia Brian Jones saiu de uma butique em Manhattan com um vestido de festa cheio de lantejoulas do tipo que fora popular na década de 1920. De volta ao hotel, Anita acrescentara vários acessórios da época, incluindo colares de pérolas, brincos e até uma tiara de bijuteria. Mais tarde naquela noite, Brian aparecera usando o novo traje em uma recepção em homenagem aos Stones no Waldorf Astoria. O vestido caiu como uma luva. Schatzberg imediatamente dissera a Oldham: "Esses caras ficariam ótimos travestidos." A imagem resultante era tão pavorosa, tão incôngrua, que a esposa do diretor da Decca vomitou sobre sua cópia adiantada — embora tenha sido poupada da filmagem de Brian se divertindo energeticamente debaixo da saia, que acabou no chão da sala de edição (para depois ser resgatada por Mick Jagger, que mais tarde a usaria para entreter convidados em seu castelo francês). Para outros, o elemento mais perturbador da fotografia era a figura triste de "Millicent" Watts no que mais parece pele de rato, lembrando uma assustadora Miss Havisham[5] do rock. Depois da sessão de fotos, os membros da banda entraram tranquilamente em um bar ainda disfarçados, tomaram uma cerveja e fumaram — e, como estavam na parte baixa de Manhattan, ninguém disse nada.

Na noite seguinte, os Stones estavam de volta ao Ed Sullivan Show. Como Brian não podia tocar por causa da mão, eles cantaram sobre faixas básicas gravadas com antecedência, embora o som tenha se perdido em meio a um mar de gritos. Imediatamente após a filmagem, a banda pulou em táxis e foram para uma festa no estúdio de Schatzberg, no centro da cidade, onde se recusaram a repetir o ato drag. Em vez disso, vestiram-se de nazistas.

Quando a revista *Time* passou a chamar Londres oficialmente de Capital do Estilo da Europa, concentraram-se em poucas locações fotogênicas e novidades atraentes como a minissaia e a transformação da metade da carreira dos Beatles. É tema de discussão a extensão da revolução cultural mais geral contrária à Grã-Bretanha da razão, da deferência e das repressões a coisas insignificantes. Cada geração produz sua definição de comportamento transgressor, e a coisa fundamental para uma bem-sucedida contracultura é certamente ser desaprovado pela opinião convencional. Conjurar um espírito de revolta era uma tarefa relativamente fácil, considerando o quadro geral da época do lançamento de *Aftermath*. Às vezes, esquecemos que Lorde Chamberlain ainda censurava peças até 1968, e esquecemos dos ataques do Esquadrão de Ética a galerias como a de Robert Fraser, onde os policiais confiscaram uma variedade de cartões-postais e esculturas eróticas — componentes ainda comuns na cena artística britânica.

Assim, de certa forma, os Stones e outros artistas parecem ter estado à frente de um golpe organizado e brilhantemente bem-sucedido contra uma ordem social que permanecia quase inalterada desde a época de seus avós. A maioria das retrospectivas costuma interpretar o Verão do Amor (período definido pela maioria entre a vitória da Inglaterra na Copa do Mundo em julho de 1966 até o malfadado retiro dos Beatles com Maharishi Yogi, quando da morte de seu empresário Brian Epstein) em seus próprios termos. "A sociedade teve suas fundações abaladas", bradou um documentário recente da BBC sobre o assunto. "Todas as regras ruíram, todos os freios foram soltos... as comportas se abriram... um terremoto jovem atingiu a Grã-Bretanha", e assim por diante. Para a maioria das pessoas, isso parece ter se resumido apenas a camisetas bobas, móveis melhores e a um pequeno aumento no uso de drogas leves. O anticoncepcional também permitiu que mais mulheres jovens passassem a noite com os namorados.

Ian Stewart, por exemplo, se mostrou mais inclinado à visão empírica da Swinging London e da Geração Paz e Amor ao se referir a ambas como "um monte de besteira". Para o sempre prático Stu, "Ninguém nos Rolling Stones estava tramando para governar o governo ou colocar LSD na rede de

abastecimento de água. Tudo que podíamos fazer era gravar discos e passar para a próxima maldita turnê. Se você está falando de um plano, éramos tão revolucionários quanto a minha vovozinha."

No dia 23 de setembro, oito semanas depois de Mick Jagger ter anunciado o "último show que jamais" fariam, os Stones estavam de volta à estrada para uma turnê de 24 apresentações pela Grã-Bretanha. A noite de abertura foi no Royal Albert Hall de Londres. Muito antes do aquecimento, uma apresentação de Terry Reid, o lugar balançava ao som do canto coletivo de "Mick! Keef!", que crescia à medida que a hora do show se aproximava, e depois se transformou em mais um tumulto. Não demorou muito para que Reid estivesse examinando o lugar à procura de uma saída de emergência à qual pudesse recorrer em caso de problemas, enquanto pedia "calma". Apesar dos seus apelos, "era um caos infernal", ele lembra. "Os Stones por fim apareceram, Keith Richards começa *Paint It, Black*, e boa noite. Havia uns mil garotos no meio do tumulto." Abandonando seus postos, Mick, Brian, Charlie e Bill se refugiaram no fosso da orquestra. Olhando de trás de uma cortina, Reid e os quatro Stones assistiram à cena bizarra de Keith Richards ao que parecia sendo rasgado pelo público. "Ele finalmente chegou cambaleando, cercado por um bando de organizadores, aos bastidores. 'Seus filhos da mãe! Obrigado por terem me deixado!' A estratégia de Keith fora salvar sua amada guitarra da destruição, a qualquer custo, o que despertou minha admiração. Quero dizer, o resto deles *correu*."

Naquela noite, eles também contavam com o novo assessor de imprensa dos Stones, um repórter de 46 anos, calvo e vestido de forma conservadora que trabalhara para o *Daily Mirror* chamado Les Perrin. No meio da confusão, Perrin foi visto mordendo um lenço branco enrolado na mão como se fosse um kombolói. "Minha primeira aparição pública com os Stones quase foi a minha última", ele disse. "Alguns shows não rendiam nem o bastante para comprar uma torta de porco. Os garotos destruíam o salão, e o organizador descontava os danos do cachê." Depois disso, Perrin passaria grande parte do seu tempo

apagando incêndios, negando todos os rumores de que a banda havia se separado, enquanto ao mesmo tempo provocava excitação em relação ao título do novo álbum. Toda semana, ele mandava uma pasta recheada de recortes para Mick Jagger rotulada "Pensamentos Aleatórios e Cultura Inútil do Melhor da Fleet Street".[6]

A conclusão de Mick foi que os rumores eram malignos, especialmente os que comentavam a previsão de Klein de que os Stones teriam lucros de 20 milhões de dólares fora do país no ano seguinte. Essa cifra mais tarde seria citada para a banda pelo departamento responsável pela coleta do imposto de renda na Grã-Bretanha, a Inland Revenue.

Durante a turnê, Mick começou a passar grande parte do seu tempo livre com os membros da Ike & Tina Turner Revue (em particular, com suas cantoras de apoio e suas minissaias), que também faziam parte da turnê. Embora mais próximo de uma "Ikette" chamada Pat Arnold, Mick parece ter se sentido atraído pelo grupo por seu misto característico de disciplina profissional e ambição de autoaperfeiçoamento. Tina Turner recordar-se-ia de Jagger "querendo aprender uma dança que eu fazia com as minhas garotas, o pony. Eu sabia que ele nos observava toda noite das coxias. Ele fez uma tentativa, e eu disse 'Olha o ritmo desse cara! Deus, Mick, dá um tempo!' Nós ríamos, porque Mick era sério — ele queria entender. Não se importava que ríssemos dele. No final das contas, ele conseguiu... à sua própria maneira". Tom Keylock também lembraria que Mick e Tina tiveram uma aula mais pessoal pouco antes de um show no Colston Hall, em Bristol. "Peguei os dois com as roupas nos tornozelos nos bastidores."

Socialmente, Jagger continuava em transição: um grande astro, mas não grande o bastante para se preocupar com a intromissão da imprensa na sua vida privada. Depois de um show em Londres, ele de vez em quando ia com a Ikette com quem fizera amizade a restaurantes como o Savoy Grill ou o Ritz, onde havia uma chance razoável de ser visto. O casal costumava fazer carícias em público que outros restaurantes poderiam ter achado inconvenientes, e as câmeras com frequência capturavam uma expressão infantil de alegria no rosto de Mick. Embora ainda morasse em Harley House, ele estava procurando um

lugar maior. Enquanto isso, Keith Richards havia acabado de deixar seu apartamento em St. John's Wood depois de um desentendimento com o proprietário. A desagradável supervisão pela qual ele teve que passar antes de se mudar revelou vários itens avariados ou em falta, mensagens escritas com fumaça nas paredes e manchas de ponta de cigarro em todo lugar. Com a exceção necessária de hotéis, Keith jamais voltaria a viver em um local alugado. No outono de 1966, ele se mudou para Redlands, uma cabana de madeira de cerca de 300 anos, perto do mar, em West Wittering, Sussex. A propriedade era cercada por um fosso vazio e árvores "que já estavam aqui quando Shakespeare se divertia por aí". Keith levou para a cabana uma fonte de cobre, cortinas e tapetes exóticos do Marrocos e Ratbag [Saco de Ratos], um cachorro de origens desconhecidas que mais tarde teria a companhia de outro vira-lata chamado Syphilis [Sífilis]. Em pouco tempo, Redlands também ganhou uma estufa pequena, mas bem estocada.

Com o passar dos anos, Richards reuniu uma coleção impressionante de discos e livros, que apreciava esparramado em frente à sua lareira aristocrática. No sentido mais comum, havia poucos móveis, pois Keith preferia blocos de pedra, tapetes de pele de lobo e pufes de cores vivas ao mundo sórdido e convencional de mesas, cadeiras e camas. No interior, a tampa do vaso sanitário do andar térreo era uma colagem de fotos de Mick e da banda. Entre o ambiente rústico e o interior decorado com arte pop de Redlands, a vibração geral era uma atmosfera anos 1960 combinada ao charme da Velha Inglaterra. Fãs mais atentos haviam percebido que Keith aparecera na última apresentação dos Stones no Ed Sullivan Show vestindo uma túnica cáqui estilo Panzerkorps, que o agradava. Ao longo dos anos, ele aproveitaria todas as oportunidades para exibir sua coleção de trajes nazistas (comprados em uma loja chamada Hollywood Military Hobbies), às vezes andando por West Wittering com sobretudo de couro completo com acessórios. Mas Keith também era "um tipo de rebelde muito inglês", nas palavras de Tom Keylock, "e nada do Errante da Meia-Noite [*Midnight Rambler*] que viraria lenda mais tarde". Pouco depois do fim da turnê americana, ele estava preocupado o suficiente com Linda Keith para telefonar para os pais dela com um "relato aterrorizante" (mencionando,

entre outras coisas, drogas), ruim o bastante para que eles pegassem o avião para Nova York a fim de resgatá-la. Depois disso, o relacionamento entre Richards e a ex-namorada ganhou um toque de frieza. Amigos de Keith também se lembram que ele era distraído e tinha uma natureza generosa extravagante, todos traços que tornavam sua vida imensamente complicada — não apenas para o próprio Keith, mas para Keylock, que precisava administrar um verdadeiro departamento de achados e perdidos para ele, entre outras coisas. "Keith fez seu exame de direção três vezes, e foi reprovado em todas. Na quarta vez que fui até lá, disse-lhes que era ele, e passei. Foi assim que ele conseguiu tirar sua licença."

Bill Wyman, por sua vez, rompera com a esposa de sete anos, e não se divertia mais com outras mulheres quando estava em turnê — agora, ele fazia isso o tempo todo. Certa noite, Wyman estava ao volante da sua Mercedes com duas garotas no assento traseiro quando bateu o carro em meio à neblina em uma rodovia no norte. Ninguém se machucou, e Bill acabaria encontrando uma válvula de escape para a frustração em suas tentativas de composição e em suas ambições empresariais com uma variedade de outras bandas. "The End, particularmente, teve sucesso com um compacto que produzi, alcançando o 4º lugar na Espanha", ele conta. Charlie Watts retornou à vida familiar na zona rural de Sussex. Embora agora bigodudo, "Fui o único astro do rock a não usar barba", refletiria Charlie. "Eu gostaria de ter usado, mas nunca achei que ficava bem."

Bill podia ser o que saía com mais mulheres, mas não era o único membro da formação principal a pular a cerca. Brian Jones e Anita Pallenberg agora dividiam um ninho no nº 1 da Courtfield Road, South Kensington. Para Jones, o relacionamento ainda parecia ter benefícios. Entre outras coisas, ele estava compondo a trilha sonora para o filme de Volker Schlöndorff *A Degree of Murder*, no qual Anita era injustamente culpada como uma assassina sexualmente precoce. O convite parece ter feito milagres para a autoconfiança frágil de Brian. O corista excêntrico havia desaparecido e dado lugar a um pop star arrogante. Assumindo o estilo do colega de banda, Brian agora concordava em posar para uma série de fotografias que o mostravam em um uniforme

preto da SS com o salto da bota sobre uma boneca. Isso era demais até para os editores da *Rolling Stone Monthly*, suspensa pouco depois, após cerca de quarenta edições.

A ruína do grupo como atração adolescente fora ser associado a uma imagem sado-nazista "completamente incompatível com os requisitos do entretenimento para a família", como colocou o *Daily Mail*. Com sua sala de estar em dois níveis, galeria de menestrel e iluminação "psicodélica" especialmente instalada, Courtfield Road logo se tornou um lugar para a banda se divertir, e, enquanto Redlands era decorada, Keith Richards era encontrado lá com frequência. A combinação do haxixe de boa qualidade com o *Blonde on Blonde* de Dylan (na interpretação de alguns, um tributo aos principais residentes de Courtfield Road) colaborava com esse protótipo dos anos 1960 de esconderijo de astros do rock.

Em pouco tempo, a antiga protegida de Andrew Oldham também começaria a aparecer em Courtfield Road. Tentando esconder sua imagem de ingênua do mundo pop com rabo de cavalo e um busto generoso pulando para fora do uniforme escolar, Marianne Faithfull agora era uma mãe e esposa de 20 anos com a carreira enguiçada. Algum tempo antes, Robert Fraser lhe dera sua primeira linha "montanhosa" de cocaína, que ela inspirou de uma vez só. Faithfull vomitara muito, mas não desistira.

Marianne era filha de um casamento improvável entre Glynn Faithfull, filólogo inglês e espião durante a guerra, e Eva Sacher-Masoch, Baronesa Erisso, descendente do romancista que emprestou o nome à atração pela dor como forma de prazer sexual. Quando seus pais se separaram, ela foi viver com a mãe, que na infância fora vítima de incesto, em Reading, antes de ser mandada para "aperfeiçoar-se" em um convento. Lá, ela tinha que usar um jaleco durante o banho a fim de esconder a própria nudez. A carreira de Marianne como noviça foi curta. Em 1965, ela casou-se com o graduando de Cambridge e aspirante a artista pop John Dunbar, com quem teve um filho. O relacionamento também não durou muito, e Faithfull primeiro depositou suas apostas em Brian Jones ("se inclinando sobre mim como um deus asmático") e depois em Keith Richards, uma experiência que descreve como "a melhor noite

da minha vida". (Durante anos, Keith manteve um silêncio tático sobre o assunto, embora tenha saído do seu código de cavalheirismo quando, na autobiografia de 2010, escreveu sobre deitar a cabeça "entre os dois belos seios [de Marianne]").

Bob Dylan, Andrew Oldham e Allen Klein foram apenas três das várias figuras da indústria a terem se apaixonado por essa figura voluptuosa, mas de alguma forma dona de uma aparência virginal. Um ou dois dias depois, Keith faria a confirmação altruísta do que Faithfull já sabia.

"Mick é louco por você. Vá em frente, amor, ligue para ele. Ele não é tão ruim."

Depois disso, Marianne telefonaria para Jagger, "aquele cara poderoso que me prometia a lua", e chegaria ao fim dos anos 1960 estigmatizada, ainda que com certa dureza, como "vagabunda do rock". Sua primeira noite com Mick foi em um hotel em Bristol, poucas horas após o concerto onde ele tivera um momento particular nos bastidores com Tina Turner. Talvez movida por ressentimento, Faithfull mais tarde observaria que Jagger era "a última pessoa no mundo com quem eu discutiria qualquer coisa... Nunca conversamos sobre nada pessoal, nada que importasse... A não ser no início, Mick nunca estava muito interessado em fazer sexo. Sempre achei que, se Mick tinha alguma libido, ele a esgotava no palco, e sobrava pouco para a sua vida pessoal... Mesmo quando nos deitávamos em nossa cama com dossel, Mick só estava interessado em ler um livro". Ela e Keith esconderiam um desejo mútuo por anos. "Durante todo o tempo que passei com Mick", diz Faithfull, "eu pensava em Keith."

Nas semanas seguintes, os Stones praticamente viveram no estúdio Olympic de Londres, uma sala grande e desorganizada — construída para a gravação de trilhas sonoras — subdividida por placas para dar a cada artista seu abrigo semiprivado, onde a banda tinha seu incomum ritmo de trabalho. A rotina costumava ser do amanhecer até de madrugada. A luz do dia era bloqueada pelas pesadas persianas de madeira e pelo metal laminado, que também

bloqueava as luzes da vida noturna da Barnes High Street. Tom Keylock logo se acostumou ao mundo do crepúsculo das gravações dos Stones e de seu engenheiro de som, Glyn Johns. Se não fosse pelo brilho constante das pontas de cigarro e pelas luzes coloridas que piscavam na sala de controle, era possível pensar que estavam em uma tumba.

Naquele Natal, Marianne Faithfull foi morar com Mick, que as agências de notícias começaram a anunciar que estava morto. Na ocasião, Les Perrin emitiu um comunicado de imprensa magistral: "O senhor Jagger deseja negar que tenha falecido, e diz que os rumores foram exagerados. Uma retratação faz-se necessária." Para classificar os jornalistas do período, basta examinar como tratavam Jagger: aqueles que o chamavam de "Mick" — ou, no caso das revistas para adolescentes, "Magic Mick" — tendiam a ser autoridades da música ou profissionais que acompanhavam as últimas tendências; aqueles que reviravam os olhos diante dessa impressão de intimidade e deferência geralmente trabalhavam na Fleet Street. Na verdade, o cliente de Perrin estava apenas se recuperando de alguns cortes e escoriações — além de estar pagando a conta pelos danos causados — resultantes de um incidente ocorrido tarde da noite, quando ele bateu com seu novo Aston Martin no carro da Condessa de Carlisle.

Certa manhã de dezembro, logo cedo, os Stones foram direto de uma noitada no Olympic para Primrose Hill, norte de Londres, a fim de tirar a foto para a capa do seu novo álbum. A atmosfera era desagradável, pois Jagger e Richards não estavam conseguindo se entender em relação à mixagem das músicas e Brian Jones não estava falando com o resto da banda. Depois de 16 horas no estúdio, Bill e Charlie pareciam ter sido exumados. Quando as fotos foram tiradas, Brian, de olhos vermelhos, afundou a cabeça no casaco e fez diversas caretas "Nanker". Era o seu velho truque para festas de Edith Grove, só que agora ninguém ria — Mick mandou o colega se ferrar, e Les Perrin fez uma reclamação mais formal: "Particularmente, para mim aquilo era deplorável."

O incidente foi sucedido por uma trégua, considerando que depois Keith, Brian e Anita Pallenberg foram passar o Natal juntos em Paris. Entre suas 38 peças de bagagem encontrava-se um acetato do seu novo álbum — ao qual, em um momento a la Ringo, Charlie dera o título de *Between the Buttons*.[7] Foi outra obra de arte injustiçada. Apenas três anos depois de ter composto o jingle de Rice Krispies, Jagger e Richards agora compunham clássicos pop do século XXI, como as duas músicas que haviam levado para o Olympic em duas noites de inverno consecutivas. O resto dos Stones havia ouvido num silêncio extasiado. *Title 8*, que se tornou *Ruby Tuesday*, havia sido inteiramente composta por Keith, uma balada delicada sobre Linda. Traçando uma fusão habilidosa num campo minado de folk-blues distorcido e madrigal para violoncelo, essa era o tipo de obra exuberante com que Paul McCartney podia sonhar, e, portanto, talvez não um compacto convencional para os Stones. Como ficaria provado mais tarde, poucos astros do rock podiam expressar a resiliência de um coração partido, da amargura e da lamentação como Keith, que também emprestou suavidade e melancolia ao seu retrato do amor que perdeu o brilho. Enquanto isso, Mick Jagger escreveu a letra para o frenético pop ao piano de *Let's Spend the Night Together*, sua ode a Marianne Faithfull. Se *Ruby Tuesday* parecia uma música capaz de curar, a referência ao sexo oral de Mick — "I'm goin' red/and my mouth's getting tired" [Estou ficando vermelho/E minha boca, cansada] — marcou o nascimento do botão fálico que floresceria em Jagger. Essa imagem meticulosamente estruturada, que a própria Marianne considerava bastante exagerada, continua lendária 45 anos depois.

No dia 17 de dezembro, o amigo dos Stones Tara Browne, herdeiro da fortuna dos Guinness e que logo seria o tema de *A Day in the Life*, dos Beatles, morreu ao bater com seu Lotus Elan na traseira de uma van estacionada no início da manhã no oeste de Londres. Ele tinha 21 anos. Brian Jones era o que estava mais envolvido no "grupo de Tara", formado por jovens ricos da Swinging London que o convidavam a ir a suas casas e lhe ofereciam LSD e cocaína da melhor qualidade. A morte de Browne "arrasou Brian", disse Anita Pallenberg. "Foi como se revelasse que tudo não passava de uma mentira."

Viajando na suíte da banda no hotel George V uma semana depois, Keith virou-se para o colega de banda e disse casualmente: "Você não chega aos 30, cara." "Eu sei", disse Brian, numa das raras vezes em que falou a sério. Ele disse que não pretendia terminar a vida com a escória do rock and roll, "tocando *Satisfaction* em algum salão de baile de Las Vegas".

Há duas coisas que podiam ser ditas sem sombra de dúvida sobre os álbuns dos Stones. Eles tinham cerca de 35 minutos, e a capa mostrava a banda com olhar furioso. Seu último trabalho, contudo, era mais longo e mais leve. Ainda que variasse em qualidade, os destaques de *Between the Buttons* eram rápidos e artificiais, contando com os mesmos clássicos psicodélicos e as mesmas extravagâncias ao estilo do teatro de variedades eduardiano que *Kink Kontroversy*. De acordo com Keith Richards, grande parte da atmosfera do álbum pode ser atribuída aos vários "agentes psicotrópicos" disponíveis no Olympic. Os narcóticos podem não ter ajudado os Stones a recuperar a magia de fazer hits, mas parecem ter feito maravilhas para a sua proeza técnica. Brian Jones continuou acrescentando cores variadas à banda, contribuindo com o Mellotron em *Please Go Home* e com os metais em *Something Happened to Me Yesterday*, enquanto Keith mantinha tudo em um ritmo consistente e cheio de sentimento. Mick Jagger não tentou os gritos e rosnados pontuais, nem a calistenia melismática da Motown, mas seus vocais arrastados, estridentes e resignados pareciam certos para o material. Charlie esteve em sua melhor forma durante todo o álbum, enquanto Bill o acompanhava com entusiasmo, pronto para dar um empurrãozinho sempre que necessário. O pior que poderia ser dito de *Buttons* é que algumas músicas deliberadamente não possuíam gancho nenhum, e estavam inclinadas para o trivial (*Please Go Home*; *Cool, Calm and Collected*) ou para o sentimentalismo água com açúcar (*She Smiled Sweetly*). Havia até uma valsa chamada *Back Street Girl*, complementada por Brian com um acordeão no estilo musette da década de 1870. Mick mais tarde diria achar que algumas das músicas de *Between the Buttons* haviam sido "perdidas" no processo de gravação. Na maior parte do álbum, os Stones

parecem campeões de arremesso de peso que sem querer acabaram indo parar em uma quadra de badminton. *Buttons* alcançou a 2ª posição dos dois lados do Atlântico.

Incluída na versão americana, *Ruby Tuesday* incluía Keith e Bill no violoncelo, e Brian na flauta doce e em belas — sim, belas — harmonias. *Let's Spend the Night Together* representou o maior salto pop, na época incendiária, e, mesmo hoje, também ótima para fazer ginástica. Fato pouco comentado é o de que a música apresenta algumas das implicações mais óbvias da letra por meio do aumento gradual de velocidade após uma repentina e rápida queda na cadência para um clímax de celebração vocal, enquanto um órgão zumbe, cresce e acelera para ressaltar o estado de espírito geral. (A ponte melódica também é revigorada por alguns segundos de leves batidas que Oldham insiste terem sido produzidas por dois policiais batendo os cassetetes um no outro na sua direção. Depois de uma batida ao estúdio à procura de drogas, eles acabaram ficando para contribuir com a percussão.) Lançadas como um compacto de duplo lado A, as duas músicas completaram um ciclo de dez clássicos em três anos.

15 de janeiro de 1967. De volta a Nova York para divulgar *Night*, que estava sendo tocada com bipes ou banida pelos DJs de costa a costa. O carro dos Stones levou-os para a porta reservada aos artistas no Ed Sullivan Theater — que, infelizmente, estava trancada. As portas da frente eram de vidro, e também estavam trancadas. Havia dúzias e dúzias de fãs gritando ali. Um tumulto teve início, e, no final das contas, a banda quebrou uma porta de vidro para entrar. Mick Jagger cortou a mão. Keith Richards socou o porteiro de Sullivan para expressar sua insatisfação com a organização, e depois teve um desentendimento com o próprio Ed sobre a política deste último em relação à porta que dava para os bastidores. Entretanto, a principal questão foi, mais uma vez, o título da música. "Ou ele some", exigiu Sullivan, "ou vocês somem." No final das contas, Mick cedeu, trocando "the night" por "some time", enquanto rolava os olhos para registrar seu protesto.[8]

Três dias depois, a *Melody Maker* publicou a bazófia de Allen Klein de que os Stones poderiam ganhar "até 20 milhões de dólares, ou 7 milhões de libras",

em 1967. “Até lá, todos os membros da banda serão milionários”, ele completou. Para os músicos, a realidade do dia a dia continuava menos luxuosa. No mesmo dia, Stan Blackbourn, o contador da Rolling Stones Promotions, mandou uma mensagem por telex para Klein implorando “763 libras e 13 xelins para necessidades gerais, necessários até as 11 da manhã no nosso fuso horário. O banco recusou mais crédito”. Nos dois anos e meio seguintes, haveria um fluxo constante de telegramas transatlânticos exigindo transferências “urgentes” — às vezes “urgentes, porra” — de dinheiro para uma ou mais contas da banda. De acordo com Keylock, tanto Jagger quanto Richards “frequentemente exigiam que eu fizesse alguma coisa, pois estávamos duros”, embora Keith ao menos “ainda tivesse contas frequentes de carros, comida e drogas”. Na semana em que *Between the Buttons* foi lançado, a conta de Bill Wyman tinha um saldo de 26 libras. Um faxineiro empregado por Brian e Anita por 4 libras por semana estava processando os Stones por não ter sido pago. A Inland Revenue abriu uma investigação sobre os lucros obtidos pela banda no exterior; sempre que uma das previsões multimilionárias de Klein era impressa, ou uma nova música alcançava as paradas de sucesso, a última colheita financeira era meticulosamente registrada pelas autoridades.

No dia 22 de janeiro, os Stones deram continuidade à sua recente rodada de controvérsia televisiva com uma apresentação no *Sunday Night at the London Palladium*. O show era um ritual amado pelos britânicos, com atrações para toda a família, de Nureyev e Fontaine a Sooty and Sweep. A tradição mandava que, ao final do show, todos os participantes se reunissem em um palco giratório para se despedir e jogar beijos para a plateia. Isso era demais. De jeito nenhum, concordaram os Stones: eles não iam rodar. O produtor do show, Albert Locke, disse à banda que eles estavam insultando tudo que o Palladium e “séculos de show business” representavam. Mick mandou Locke se ferrar. Keith, também bruscamente, acrescentou que era “exatamente contra esse tipo de merda” que eles vinham lutando havia cinco anos. Andrew Oldham, que tinha uma veia artística talvez maior do que qualquer um podia supor, ficou do

lado do produtor, e chamou o comportamento dos Stones de "atroz". Jagger e Richards, por sua vez, gritaram com Oldham, que saiu.

Assim, os Stones dublaram quatro músicas e saíram do Palladium com um cheque de 1.500 libras. O fato de terem se recusado a se submeter logo lhes rendeu mais do que isso — a cobertura da imprensa durou semanas. Tanto o *The Times* quanto o *Daily Express* disseram aos leitores que a banda tornara-se incorrigível, e o arcebispo de Canterbury chamou-os de decadentes. Como se para celebrar, *Let's Spend the Night Together* ganhou disco de ouro. Keith, Brian e Anita aproveitaram a oportunidade para irem a Munique visitar o set de *A Degree of Murder*. Tom Keylock, que os levou ao aeroporto, contaria que estavam "completamente drogados" e que eles tiveram a sorte de viver numa época anterior à tomografia computadorizada de corpo inteiro. Dando continuidade à sua transformação de cantora de baladas angelical para concubina dos Rolling Stones, Marianne Faithfull anunciou na BBC que "A maconha é perfeitamente segura... E algo como o LSD é tão importante quanto o cristianismo. *Mais* importante... Eu gostaria de ver toda a estrutura da sociedade ruir." Mais uma vez, a Fleet Street publicou as manchetes mais escandalizadas. "Havia alguma artilharia no ar", Les Perrin observaria mais tarde.

Para confirmar seu temor, no dia 5 de fevereiro, um domingo, o *News of the World* acusou Mick Jagger de ser dependente de pílulas. Jagger supostamente chocara os investigadores disfarçados do jornal ao se sentar em um clube e "falar sobre seis comprimidos de benzedrina... Mais tarde, ele mostrou a um amigo e duas garotas uma pequena quantidade de haxixe (maconha) e os convidou para irem 'dar uma fumadinha' no seu apartamento". Mick afirmou que a história não passava de mentira e que pretendia "tomar providências", não apenas por si próprio, mas por outras pessoas que estavam sob o escrutínio público. No dia 7 de fevereiro, seu advogado deu início aos procedimentos. Keith e Brian voltaram da Alemanha viajando com ácido.

Quatro noites depois, Jagger, Richards e Faithfull foram passar o fim de semana em Redlands. Estavam também presentes Christopher Gibbs, o fotógrafo Michael Cooper, "Groovy Bob" Fraser, o criado marroquino de

Fraser, Ali Mohammed, George e Pattie Harrison acompanhados de dois parasitas de aparência suspeita, David Schneidermann e Nicky Kramer. De acordo com Keylock, Kramer era "um maluco hippie de cabelos encaracolados", que passava a maior parte do tempo "andando pela King's Road fumando erva", enquanto Schneidermann era do tipo mais empreendedor; os Stones haviam-no conhecido quando ele aparecera no hotel em Nova York da banda em julho de 1966 com uma pasta cheia de LSD, o suficiente para que Keith o convidasse para passar na sua casa quando estivesse na Inglaterra.

A memória popular do que aconteceu depois é que "o Establishment" conspirou para denunciar ao recém-formado esquadrão antidrogas de Chichester que uma orgia de drogas, sexo e pop — talvez tudo simultaneamente — estava prestes a engolir West Wittering, e que a reação da lei foi invadir a casa de Keith Richards. Isso não passa de sensacionalismo, ainda que possa conter um fundo de verdade. Uma coalizão improvável de executivos nervosos da ITV, editores de jornais e políticos ambiciosos teve sua parte na perseguição que se seguiu ao desprezo e a arrogância demonstrados pelos Stones primeiro contra Sullivan, e depois contra os "séculos de show business" do Palladium, isso para não mencionar o aparente desdém da banda para com as leis antidrogas da Grã-Bretanha. Na primeira semana de fevereiro, a imprensa fez várias referências depreciativas em particular a Mick e Keith como uma "escória rica" (nas palavras do *Daily Mirror*) cujo comportamento recente ia muito além da insolência Beatle. Parece justo dizer que havia uma predisposição a se pensar que as autoridades precisavam agir. Mas a verdadeira motivação para a batida foi um telefonema mais específico feito para o *News of the World* em 9 de fevereiro pelo que os arquivos do jornal chamam de um "funcionário perturbado" do grupo. O editor do jornal, Stafford Somerfield, por sua vez, se viu na obrigação moral de notificar a polícia.

Tom Keylock conta que "alguém próximo dos Stones" depois lhe pedira para "dar uma surra naquele afeminado do Nicky Kramer", considerado o traidor mais provável. Keylock não fez isso, então o trabalho coube a um aspirante a artista do leste de Londres, que já trabalhara para os irmãos Kray,

chamado David Litvinoff. Litvinoff deu uma surra em Kramer que o deixou com três costelas quebradas, mas que não foi o bastante para extrair uma confissão. Isso não surpreendeu muito, já que Keylock, entre outros, acreditava que Litvinoff estava do lado errado da surra. "Tenho certeza de que foi Dave Litvinoff que telefonou para a imprensa", ele me contou. "O cara era louco. Lembro que ele morava em um quartinho na mesma casa que Eric Clapton, e só Deus sabe o que faria por dinheiro. Ele parecia uma cobra gorda. Olhinhos pequenos e brilhantes e uma cicatriz de orelha a orelha causada quando Ronnie Kray enfiou uma espada na boca dele. Uma figura e tanto." David Litvinoff cometeu suicídio enquanto hospedado na casa de Christopher Gibbs, tendo engolido um frasco de soníferos com detergente.

12 de fevereiro de 1967. Todos os presentes em Redlands viajavam com o LSD de alta qualidade de David Schneidermann. Era um belíssimo domingo, de um equilíbrio perfeito entre o antigo cenário e esse sinal vertiginoso dos tempos, com pessoas perambulando sob o efeito de drogas. A maioria mais tarde saiu para uma caminhada, atravessando o fosso antes de seguirem para os campos ao redor e a praia de cascalho ao sul de Redlands. Era uma típica festa Rolling Stone — grande, barulhenta, alegre, com gargalhadas irônicas e convidados tontos vestindo pele de carneiro. Keith Richards mais tarde observaria que até ali aquele fora um dos melhores dias da sua vida. Quando ele entrou e se acomodou para almoçar por volta das 19h, o telefone "secreto" da casa, Birdham 513508, começou a tocar. Sempre que Keith atendia, quem estava do outro lado da linha desligava.

Uma hora depois, um comboio de viaturas policiais apareceu na alameda de Redlands. Quatro vans, um total de 19 policiais. Depois de tirar um colega caído no fosso, eles saíram numa missão de reconhecimento da propriedade. A seguir, o relatório oficial diz que os visitantes se reagruparam em frente a uma porta lateral, perto da estufa, e bateram. Robert Fraser se lembraria de ter visto um rosto turvo olhando por uma janela, e, em sua confusão, ter chegado à conclusão de que era um "anão vestido de azul". A princípio, ninguém se preocupou. Keith Richards disse que eram "provavelmente crianças", e que ele e Mick falariam com eles. Levantando-se do seu lugar em frente à lareira, ele

abriu a porta. Deparou-se não com fãs dos Rolling Stones, mas com o esquadrão do inspetor-chefe Gordon Dineley, da polícia de West Sussex. "Tenho um mandado", ele anunciou, "de acordo com o Dangerous Drugs Act [Lei Contra Drogas Perigosas]".

Keith fez uma careta ao ver a lei. Além dessa breve e mal perceptível contração do nariz e dos lábios, ele não cumprimentou os policiais. Entretanto, permaneceu ali.

Em seguida, Keith virou-se para Mick e os outros, e anunciou com calma: "Estamos sendo presos" — piscando um estroboscópio para dar um efeito dramático ao anúncio.

Os eventos que se seguiram podem ser rapidamente relembrados: a polícia entrando na sala de estar com galeria de menestrel, enfeitada com tapeçarias e sedas, sibilando incenso e fumaça; Marianne Faithfull mais tarde diria sob juramento que estava "de bom humor e vagamente despreocupada" ao ser levada para o segundo andar a fim de ser revistada — ou, como ela estava coberta apenas por um tapete de pele, que de pronto jogou no chão, admirada —; os oito restantes (os Harrisons haviam partido) sendo revistados; a aceitação instantânea da coleção de ácido de Schneidermann como "filme não exposto"; a descoberta de 24 sachês de heroína ("para diabetes", ele explicou) com Fraser, e de quatro pílulas de anfetamina em um casaco de veludo de Jagger; a remoção dessas e outras coisas, canos, tigelas, e até mesmo sachês de sopa e ketchup; o brilho surreal do estroboscópio; o alerta dado a Richards de que, se fossem identificadas drogas perigosas sem prova específica de posse, ele, como dono da casa, seria responsabilizado. Ele entendia?

"Sim", Keith respondeu, o rosto sem nenhuma expressão. "Vão me culpar por tudo."

Como era a Inglaterra, o inspetor-chefe Dineley apertou as mãos de todos e garantiu que não estavam necessariamente sendo acusados. Depois disso, retirou-se. Quando o comboio saiu, Keith Richards passou a noite tocando *Rainy Day Women*, de Dylan, e seu insistente lamento "Everybody must get stoned!" [Todo mundo tem que ficar doidão!].

A batida em Redlands, no final das contas, foi um daqueles eventos cujo sucesso — quatro pílulas encontradas com Jagger, nada com Richards — foi o fator menos importante para a recepção pública. De agora em diante, dividiriam opiniões da mesma forma que os assaltantes do trem pagador: marginais desprezíveis ou bodes expiatórios corajosos. Na Inglaterra de 1967, ou você amava Mick 'n' Keith, ou os odiava. Poucas pessoas simplesmente os ignoravam. Talvez não surpreenda o fato de o *News of the World* ter publicado um relatório da batida no dia 19 de fevereiro, e de ela ter sido coberta pela maior parte dos jornais na semana seguinte. Um mês depois, o *Daily Mirror* confirmou que Jagger, Richards, Robert Fraser e Schneidermann (que deixou o país para não ser mais visto) seriam processados e julgados. Representantes dos Stones tentaram subornar a polícia com 7 mil libras, mas o dinheiro foi oferecido ao homem errado. Na época, a batida de Redlands ganhou um status quase iconográfico, uma "cena" dos anos 1960 que se tornaria lenda — e que a lei jamais negou — havia acontecido em meio a uma orgia satanista, com magia negra ou coisa pior. O rumor de que Mick fora encontrado numa combinação incomum com Marianne Faithfull e uma barra de chocolate Mars só viria à tona depois. Aliás, "nunca aconteceu", de acordo com Keylock. "Keith gostava de doces — havia uma verdadeira fábrica de chocolates em Redlands. Isso é tudo, dúzias de barras de chocolate e um policial muito criativo." Cerca de quarenta anos depois, o proprietário da Old Candies Tuck Shop, em West Wittering, abriria a loja certa manhã para deparar-se com Keith Richards aguardando na escada, pedindo "uma tonelada" de balas e outras coisas.

A primeira reação dos Stones à visita do inspetor Dineley a Redlands foi convocar Allen Klein, que em 20 de fevereiro compareceu a uma reunião no London Hilton. A chegada agitada de Klein ajudou a melhorar o moral da banda, particularmente quando ele contratou os melhores advogados criminais para seus clientes, entre os quais Michael Havers, Conselheiro da Rainha e futuro procurador geral. A equipe de defesa ouviu cheia de simpatia enquanto

Keith e Mick (vestido para o encontro com um terno de linho branco e um quepe de iatismo) acusavam a imprensa de perseguição. Havia uma suspeita de que os telefones haviam sido grampeados, e Keith afirmou estar sendo seguido. Com um mês para matar tempo antes do início da próxima turnê, todos acharam que seria melhor deixar o país enquanto manchetes como "Stones Acusados por Posse de Drogas" dominavam os jornais. Eles foram para o Marrocos.

Na opinião de Klein, Jagger, em particular, era a imagem do remorso durante a reunião, "parecendo um garotinho que havia sido pego com a mão na tigela de biscoitos". Como Klein diria depois, em um gesto de arrependimento quase infantil, Mick parou antes de sair da sala e "colocou a cabeça no meu ombro". Isso fez seu quepe cair no chão. Para Tom Keylock, a entrevista foi "bizarra". Apenas minutos depois da chegada, Michael Havers informara a todos que, no pior dos casos, os acusados poderiam passar até três anos na prisão. Antes de fazer as malas para a viagem, Mick e Keith escreveram cartas dizendo aos pais que não se preocupassem, embora Bert Richards, que havia tido um desentendimento com Keith e não falava com o filho já havia quatro anos, não tenha respondido.

Keith também aproveitou a oportunidade para aumentar a segurança de Redlands. Keylock contratou um vizinho do norte de Londres e colega de escola chamado Frank Thorogood, que inicialmente planejava construir um muro de 2 metros ao redor da casa. Por ordem de Richards, o muro construído foi de 3 metros. Depois disso, "Redlands parecia a porra do Álamo", recordar-se-ia Thorogood.

Tom Keylock dirigiu o Blue Lena até Paris, onde a ele se juntaram Keith, Brian, Anita e uma beleza de parar o trânsito chamada Deborah Dixon, que passara um bom tempo ao lado do cineasta Donald Cammell. Houve um desentendimento no hotel George V sobre a conta do grupo. O francês de Keylock mal se mostrou adequado ao desafio, e, no final, eles ouviram sussurros de "Caiam fora, criadores de caso" enquanto se dirigiam para o carro.

Richards tolerou o lapso administrativo mantendo a compostura. Estava de bom humor. Segundo Keylock, já havia uma certa dose de entusiasmo sexual, entre outras coisas porque as duas mulheres recentemente haviam participado de um *ménage à trois* com Donald Cammell enquanto os três estavam em uma clínica de reabilitação em Londres, a Bowden House. "Assim, havia um clima de namoro." Keith de olho em Dixon, Brian de olho em Anita e Keylock supervisionando os quatro passageiros "como um maldito Johnny Morris".[9] O Bentley virou na Quai d'Austerlitz, dirigindo-se para o sul.

Era um dia incomumente quente para a estação, e o carro tinha um bar com coquetéis, flores frescas, a melhor comida, drogas e um toca-fitas tocando no último volume o disco de pré-lançamento de *Strawberry Fields*, dos Beatles. Nenhuma viagem com Brian Jones poderia ser inteiramente tranquila, e em Limoges, depois de um dia inteiro bebendo uísque e se divertindo no banco de trás, ele queixou-se de "uma tontura estranha". Em Bordeaux, Jones estava ficando azul. Na clínica americana de Tarn, perto de Toulouse, Brian recebeu a notícia de que tinha cardiomegalia, esteatose em estado avançado e sangue nos pulmões. Sem problemas, ele disse: os quatro deveriam ir para Tânger, e ele os encontraria lá. Jones passou o 25º aniversário sozinho no hospital.

Deborah Dixon partiu na manhã seguinte, afirmando estar prevendo "vibrações negativas" à frente para Keylock. "Isso está ficando estranho", ela disse. "Só Deus sabe como vai acabar."

Keylock passou as 24 horas seguintes olhando as montanhas cobertas de neve e os rios fustigados pelo vento da Catalunha, ou pelo retrovisor, observando enquanto Keith e Anita faziam amor. Em um bar de Valencia, outra confusão com o cartão de crédito. Logo, o gerente começou a gritar com Keith, que se virou para Keylock e lhe disse para "resolver"; os espanhóis respeitariam um cara grande com um sotaque inglês como ele. "Oi doutit", respondeu Tom, e pouco depois eles estavam discutindo na delegacia. Quando todos saíram, um telegrama esperava por eles, ordenando que Pallenberg retornasse a Toulouse a fim de pegar Brian. Anita rasgou-o. Quando eles estacionaram em um hotel para passar a noite, Richards disse a Keylock que só precisariam de dois quartos.

Por fim, cruzaram o Rochedo de Gibraltar, e chegaram a Tânger em 5 de março; Richards e Keylock subiram para o 10º andar do Hotel Minzah, onde, de acordo com o último, "Mick Jagger já estava instalado como um jovem lorde, deitado em uma cama enorme e perguntando o que diabos havia para fazerem em um lugar como aquele." Tom tinha a resposta, e foi até a praça comercial para comprar um pouco de haxixe. Também estavam presentes "Groovy Bob" Fraser e Michael Cooper. Anita fez um retorno atrasado a Toulouse para pegar Brian.

Ao longo da semana, ao menos a princípio, a hospitalidade local fluiu. Era uma cena para fazer os Anos 60 balançarem.

Tom Keylock: "Ficamos no último andar do melhor hotel. Keith está deitado com a guitarra, Mick fazendo dancinhas. Muitas carícias à luz da lua. Eu soube que Brian chegara ao ouvir o som da sua voz vindo de um quarto no corredor. Ele estava gritando com Anita. O veadinho sabia que algo havia acontecido... Brian começou a beber. Depois, pegou duas prostitutas bérberes, cheias de tatuagens, e foi para o quarto de Anita. Brian achava que a convenceria a se divertir com as duas garotas. Era algo típico do cara."[10]

Muitos roqueiros combinam características conflitantes, mas a maioria tem um equilíbrio maior do que Jones, que defendia o decoro em certas circunstâncias, mas não via problema em propor à namorada "Tire tudo!". Anita declinou da oferta, e Brian enlouqueceu, descontando a raiva tanto no quarto quanto nela.

Foi o bastante para Keith. Ele e Keylock inventaram uma história sobre um avião cheio de repórteres do *News of the World* pousando em Marrakesh, afugentando Jones com seu amigo Brion Gysin, que saíram para o souq. Assim que Brian saiu, Keith e Anita colocaram as 18 peças de bagagem dela no Bentley. "E Brian?", perguntou Keylock. "Foda-se", respondeu Keith. "Vamos deixar o filho da mãe aqui, e você vai dirigir." Mick e Marianne Faithfull, o primeiro ainda se queixando da sua conta do hotel, também partiram. A polícia espanhola submeteu o Bentley e seus três passageiros a uma revista meticulosa no terminal das barcas. Tom mais uma vez salvou a pele de todos, escondendo a maconha no tanque de gasolina do carro.

Quando Brian voltou do souq, com um cachimbo de haxixe que não pôde resistir a comprar, encontrou apenas algumas coisas de Pallenberg, esquecidas na pressa, e um bilhete curto dizendo o que havia acontecido. Ele não ficou satisfeito com a notícia. De acordo com Gysin, "Sua cor se tornou um vermelho quente, e seu rosto ficou irreconhecível... Depois de um acesso, Brian entrou num estupor. Um médico veio lhe dar uma injeção, e fiquei por tempo o bastante para vê-la fazer efeito. Eu não queria que ele pulasse do décimo andar na piscina." No dia seguinte, Jones pegou um avião para Paris, onde ficou hospedado no apartamento do amigo Donald Cammell. De acordo com Cammell, Brian chegou à sua porta "num estado terrível", parecendo mais um mendigo do que um astro do pop endinheirado, e completamente quebrado, de forma que eu tive que pagar seu táxi. "Eles me deixaram", Brian não parava de resmungar para o anfitrião. "Eles simplesmente caíram fora e me deixaram!"

Ao voltar para Londres, a primeira ideia de Jones foi se vingar, e houve uma cena cheia de fúria quando ele encontrou o casal fugitivo no hotel. Foi uma briga violenta, que deixou abalados e exauridos todos que a testemunharam — até mesmo os que a ouviram fora do quarto. Ele gritava ter sido traído. Até mesmo seu melhor amigo fora injusto com ele. Brian queria que Anita deixasse Keith, o qual estava "indo para a prisão", e lhe desse outra chance. Era uma proposta muito ambiciosa para uma mulher que ainda tinha hematomas causados pelos punhos de Brian. Quando Anita se recusou, ele se transformou. A rejeição era o sinal de uma das súbitas alterações de comportamento que constituíam o padrão básico da vida de Jones. "Foda-se!", ele rosnou. "Sou um roqueiro! Posso ter a mulher que eu quiser."

Brian começou imediatamente a sair com Linda Keith.

No dia 25 de março, os Stones deram início a uma breve, mas tempestuosa, turnê pela Europa. Talvez não fosse o momento ideal para que Keith e Brian viajassem juntos, principalmente depois que Anita juntou-se ao grupo em Paris. "A mudança [afetiva] dela foi um marco", observa Bill Wyman, diminuindo a importância das circunstâncias, como era típico dele. "Brian ficou completamente isolado... Ele começou a recorrer cada vez mais ao álcool, ao LSD e à maconha para conseguir suportar; estava claramente arrasado."

Ninguém na banda estava falando com ele. Em algumas cidades, Jones e os colegas achavam melhor ficar em hotéis diferentes. As fotos de Keylock dos Stones na maioria das vezes mostram Brian e Keith olhando em direções diferentes do palco, esticando o fio das guitarras para uma separação máxima. A atmosfera geral não melhorou com a recepção na estrada, que, logo após a batida de Redlands, geralmente não era nada agradável.

"A coisa foi feia", Keylock observou. "Perdi a conta do número de voos que precisamos reservar mais de uma vez, ou dos hotéis que perderam misteriosamente nossas reservas. Éramos tratados como leprosos." Nos aeroportos, os Stones eram frequentemente recebidos não pelos gritos dos fãs, mas por latidos de cachorros e o som de luvas de borracha batendo. Em Malmö, Mick Jagger e Bill Wyman foram levados para o que Bill descreve como revistas "intensas". Um oficial da alfândega francesa depois socaria Keith Richards quando eles chegaram a Le Bourget durante outra confusão relacionada aos passaportes. Keith revidou de pronto, e os dois ainda brigavam quando Keylock interveio. Mick usou um vestido longo de cetim para divertir a multidão do Olympia de Paris naquela noite, e no final do show jogou tulipas para os fãs.

Enquanto os Stones se apresentavam, alguém que estava ciente da sua agenda entrou em seus quartos no hotel George V e roubou cerca de 20 mil libras (o que na atualidade seria o equivalente a aproximadamente 125 mil libras) em dinheiro e joias. O valor roubado nunca foi recuperado, e a banda jamais voltaria a se hospedar no hotel em seus compromissos. Deixando a perda para trás, Keith e Anita deram uma festa em um restaurante no Champs-Élysées, onde Mick e Marianne, Charlie, Bill e Ian Stewart, já há um bom tempo insatisfeito com a situação, causaram mais alguns danos ao cartão de crédito do grupo. Keylock lembra de Brian, cheio de ácido, ter feito "os dois shows seguintes sem sequer saber que havia tocado... O cara pulava dos equipamentos como uma bola de pinball." Uma reviravolta pequena, mas cruel, deu-se quando o escritório dos Stones mandou um carro com chofer para pegar Keith e Anita em Heathrow. Devido a um erro da contabilidade, a viagem foi cobrada na conta de Jones.

No dia 13 de abril, os Stones tocaram no Palácio da Cultura de Varsóvia, sua primeira visita a cruzar a Cortina de Ferro, onde a maior parte dos 2 mil assentos foram reservados a representantes do Partido Comunista e suas famílias — uma presença significativa em uma sala com capacidade para 2.700 pessoas. "Olhei para baixo, e tudo que pude ver foram fileiras após fileiras de homens, mulheres e crianças vestidos de cinza, sentados com os dedos no ouvido", disse Keylock. Depois de três músicas, quando eles se esforçavam para animar as coisas com *Paint It, Black*, houve uma intervenção repentina da esquerda do palco. Apontando furiosamente detrás de sua guitarra, Keith Richards gritou para que Charlie Watts parasse de tocar. Mick Jagger tentou continuar cantando, mas Keith continuou apontando e gritando: "Filhos da mãe, saiam e deixem os caras aí atrás..."

"Er — *I see a red door*...", começou Jagger outra vez.

"Deixem os garotos em paz", gritou Keith, agora erguendo a guitarra. As fileiras atrás deles continuaram gritando *Icantgetno! Icantgetno!* por *Satisfaction*, e Keith continuava gritando com a polícia, que atacava a plateia com cassetetes. Do lado de fora, o exército dispersava uma multidão de três a quatro mil fãs sem ingresso com balas de borracha e gás lacrimogêneo. Esse seria o último show de rock and roll na Polônia por trinta anos. Notícias do dia seguinte: "BLOQUEIO ORIENTAL PLANEJA BANIR COMPLETAMENTE STONES 'INACEITÁVEIS'."

Após um interlúdio mais tranquilo na Suíça e na Holanda, o ponto mais tenso da turnê foi no estádio nacional de futebol de Atenas. Sendo aquela a véspera de um golpe de Estado, a Grécia não estava em condições para lidar com um tumulto provocado pelos Rolling Stones (ou "Cabeças de Cogumelo", como eram conhecidos localmente). A atenção estava voltada mais para a maciça e ameaçadora presença militar do que para a música. Ao final de um set abreviado, Mick Jagger correu até onde Tom Keylock se encontrava nas coxias, e jogou um buquê de cravos em suas mãos. Mick disse que deveria jogá-lo para "as gatinhas" no tradicional clímax da noite. Enquanto Tom fazia o que Mick pedira, recebendo a retaliação de um jato de água da polícia, deu-se conta de que estava sozinho no palco; a banda abandonara os instrumentos e fugira.

Era 17 de abril de 1967, aquele que seria o último concerto público dos Stones pelos próximos dois anos e meio, e o último da banda original. Mick, Brian e Charlie pegaram o primeiro avião para Londres; Bill ficou para uma folga na Grécia, interrompida pelo golpe dos Coronéis, e Keith voou para Roma, onde Anita se saía bem em um teste para o papel da vampira lésbica, a Rainha Negra, em *Barbarella*, de Roger Vadim. Indagada pelos produtores do filme em relação a uma especialidade técnica em particular que poderia emprestar ao papel, Anita foi sucinta: "Sexo."

Duas semanas depois, Richards e Pallenberg estavam em Cannes para a estreia de *A Degree of Murder*. Após uma exibição aclamada do filme, Brian Jones chegou ao hotel tarde da noite e conseguiu uma conversa particular com Anita. Eles conversaram durante algum tempo no quarto dele, e depois Brian a espancou outra vez. Em pouco tempo, o gerente do hotel apareceu para reclamar com Jones do barulho tão tarde da noite. Brian de pronto disse ao gerente que calasse a boca e saísse. Com isso, o gerente abandonou toda civilidade e chamou Brian de veado inglês tampinha. Brian investiu contra o gerente, acertando-o. O gerente revidou. Aproveitando a confusão, Anita fugiu de volta para o quarto de Keith, no final do corredor.

Brian pegou um voo para casa de manhãzinha. "Foi o último prego no caixão", diz Keith. "Depois daquilo, ele nunca me perdoou. Não o culpo." De volta a Londres, Mick anunciou que a banda perderia todo o adiantamento da Decca caso se separasse, e convocou uma reunião no Olympic a fim de impressionar a todos com a seriedade da situação. "Os Rolling Stones estão tirando o melhor da vida, e planejam passar muitos, muitos anos juntos", Les Perrin transmitiu em uma declaração escrita.

Em 9 de maio de 1967, Mick, Keith e Robert Fraser almoçaram em um clube para cavalheiros de Londres, passaram a tarde no campo de críquete do Lord's, e depois dirigiram até Chichester para enfrentarem as acusações de ameaça à sociedade.

Na audiência da manhã seguinte, os dois Stones usavam ternos escuros sóbrios e exibiam expressões de surpresa; eles esperavam uma fiança. Mick sentou-se no banco dos réus primeiro para ouvir sua descrição como um "vocalista popular" e depois para ser acusado pela "posse de quatro tabletes de sulfato de anfetamina e hidrocloreto de metanfetamina". Em seguida, foi a vez de Keith, acusado de "permitir que [Redlands] fosse usada para o propósito de fumar substâncias controladas", frutos dos inúmeros cinzeiros e tigelas removidos pelo inspetor Dineley e seus homens. Cada um em seguida confirmou afavelmente seu nome e seu endereço legal (o escritório de Les Perrin, na Oxford Street) com um aceno de cabeça antes de se declarar inocente. Os três acusados escolheram julgamento por um júri no supremo tribunal. Foram avisados para comparecer às Sessões Trimestrais de West Sussex no dia 27 de junho.

No momento em que seus colegas eram condenados, um Brian Jones sob o efeito de pílulas respondia a uma batida estrondosa na sua porta da frente, na Courtfield Road, Londres. Era o esquadrão antidrogas. A cena que encontraram foi como uma amostra da degeneração de um viciado: os 14 policiais levaram cachimbos, narguilés, bongs, colheres, cinzeiros, pontas de cigarro e um frasco com resquícios de pó branco. Vestindo um quimono japonês, Brian estava no meio de um dos pesadelos com cobras que costumava ter quando sob o efeito de ácido. "Eu fumo", ele supostamente teria dito aos oficiais, "mas não sou viciado". Jones foi escoltado até o carro e levado até a delegacia de Kensington. Dúzias de jornalistas já esperavam por ele, nem todos amigáveis. Brian foi acusado de posse de drogas e passou os seis meses seguintes sob fiança. Ele mais tarde afirmaria que havia sido convidado a pagar mil libras para que a lei "perdesse" as provas. Depois de fotografado e de ter as impressões digitais recolhidas na delegacia, Brian telefonou para Les Perrin, gritando: "Mas que merda. Estou pagando, e você não pode nem vir aqui e pagar minha fiança?". Na manhã seguinte, Jones fez uma aparição rápida na corte da Great Marlborough Street, onde escolheu ser julgado por um júri e pagou uma caução de 250 libras fornecidas pelo escritório de Klein. Enquanto a imprensa ocupava-se com as familiares manchetes "Stone preso", Brian mandou um

telegrama para a família em Cheltenham. Ele dizia: "Por favor, não se preocupem. Não se precipitem com conclusões maldosas. E não sejam muito duros ao me julgarem."

A coincidência no fato de que as autoridades detiveram a linha de frente inteira dos Stones no mesmo dia levou alguns a considerarem a possibilidade de o Establishment realmente estar investindo numa perseguição à banda. Formalizando seu afastamento, os advogados de Brian o aconselharam a não ter nenhum tipo de contato com Mick e Keith antes dos seus respectivos julgamentos. Tom Keylock levou a banda para o Olympic certa noite durante esse período — provavelmente para gravar o compacto com influência da estada em Marrocos, *We Love You* — e lembraria de uma "atmosfera muito pesada" no estúdio. Nas horas seguintes, um Keith "puto da vida" ficou contente em se esconder nas sombras atacando um riff como se fosse a última coisa da sua vida, enquanto Mick se posicionava na sala de controle para uma série de entrevistas para a imprensa. Brian não estava em lugar algum. Bill e Charlie ficaram sentados bocejando e comendo peixe com fritas.

"Entusiasmado demais com o infernal WIRELESS"[11] foi o veredito emitido para um tenente da guerra pelo oficial de comando do seu navio, Leslie Kenneth Block. Oito anos depois, agora Oficial de Navegação da Frota, Block deu entrada em um pedido ao Real Clube Naval de Portsmouth por "SILÊNCIO na biblioteca". Ele era um homem que gostava muito de escrever em letras garrafais, com uma aversão igualmente pronunciada à música moderna e a todos os tipos de músicos; Block "desprezava [e] desdenhava a todos como membros degenerados e improdutivos da sociedade", escreveu sem rodeios em uma edição de 1961 do *Navy News* (ao mesmo tempo que reconhecia o papel das "canções e árias tradicionais" ao longo dos anos), e mais tarde entreteve o banquete anual da Sociedade de Aragem e Agricultura de Horsham com a sugestão de que as palavras "estrume" e "Beatles" "na verdade estão muito próximas". Depois da guerra, Block voltou aos tribunais como juiz das cortes do Prefeito e da Cidade de Londres, comissário da Corte Criminal Central, e,

mais tarde, Presidente das Cortes de Assizes Trimestrais de West Sussex. Foi nessa posição que ele apareceu no dia 27 de junho de 1967, um latifundiário de 61 anos e trajetória naval, e talvez a última pessoa que os rapazes de camisas bufantes no assento dos réus desejariam confrontar. "Mick e Keith", disse Keylock, "se chocaram com a parede de tijolos da realidade".

Embora o julgamento que se seguiu tenha tido muitas reviravoltas, uma imagem dominou os procedimentos desde o início: a referência da Coroa à "jovem dama usando não mais que um tapete que, de tempos em tempos, permitia cair, expondo seu *corpo nu*". Ao serem pronunciadas as duas últimas palavras, a galeria pública, onde Marianne Faithfull sentava-se, a discrição em pessoa, emitiu um *frisson* audível. As manchetes da "garota nua" logo se provaram irresistíveis, ocupando as primeiras páginas por dias, acompanhando os rumores chocantes impublicáveis sobre as barras de chocolate Mars e outras práticas domésticas incomuns. Um jurado mais tarde disse ao *International Times* que o caso inteiro "girou em torno desse eixo... estávamos julgando as morais das pessoas, não é mesmo?" Era um julgamento que tinha tudo: drogas, rock and roll e o cheiro intoxicante de sexo. De acordo com o testemunho de abertura do sargento John Challon, que a corte cumprimentou com um silêncio chocado, "A dama em questão foi levada para o andar de cima, e, quando entrou pela porta do quarto, deixou o tapete cair. Ela não estava vestindo nada. A mulher emitiu uma risadinha e eu ouvi o riso de dois homens no quarto."

Após uma defesa vaga e superficial, limitando-se a dizer que já servira seu país na emergência Quênia Mau-Mau, o júri levou seis minutos para declarar Robert Fraser culpado. Meia hora depois, voltou com o mesmo veredito para Mick Jagger.

O outro destaque dos procedimentos, que acabou se prolongando por três dias, foi o interrogatório de Keith Richards. Richards calmamente informou Malcolm Morris, o advogado de acusação, de que nem ele nem seus amigos fumaram haxixe, e que se quaisquer outras drogas tivessem sido encontradas em Redlands, provavelmente estavam plantadas lá. Com certa inevitabilidade, a Coroa, então, perguntou a Keith sobre a mulher envolvida no tapete de pele.

MM: Você concordaria que, no curso comum dos eventos, era de se esperar que uma jovem dama se mostrasse constrangida se não estivesse vestindo nada na frente de vários homens?

KR: De forma alguma. Não somos homens velhos, e não nos preocupamos com noções insignificantes de moral. [Aplausos intensos da galeria]

MM: Você não se surpreendeu com o fato de ela estar preparada para descer as escadas ainda usando apenas um tapete na frente de vinte policiais?

KR: Achei que o tapete fosse grande o bastante para cobrir três mulheres. Não havia nenhuma impropriedade no seu uso.

MM: Eu não estava falando de impropriedade, mas de constrangimento.

KR: Ela não se constrange com facilidade. Nem eu.

Em sua conclusão, o juiz Block disse ao júri que desconsiderasse qualquer preconceito que pudesse ter em relação à aparência, às roupas, aos hábitos, ao estilo de vida ou ao ponto de vista sobre "noções insignificantes de moral" de Richards. Eles deveriam desconsiderar o testemunho que descrevia o interior da sua casa como uma cena de decadência esfumaçada tirada de algum filme erótico árabe censurado, ignorar tudo que haviam lido e ouvido sobre a garota nua deitada em frente à lareira de Redlands completamente à mostra para oito homens, e, acima de tudo, não deixar seu estranho comportamento influenciar de forma alguma o veredito. O júri considerou Keith culpado. Jagger e Fraser foram, então, trazidos das celas, e receberam três e seis meses, respectivamente, o último produzindo uma saudação irônica com uma batida dos calcanhares. O juiz sentenciou Richards a um ano, e ordenou que ele pagasse 500 libras em custas. Seguiram-se gritos histéricos de "Não!" da galeria, tomada pelos jovens fãs dos Stones. Keith deu de ombros, ergueu o olhar para o teto, e não disse nada.

Os três acusados foram escoltados com algemas, Richards e Fraser a serem levados para a notória Wormwood Scrubs, de Londres, e Jagger para a mais convidativa Prisão de Brixton. Os dois Stones foram fotografados e submetidos a uma verificação da existência de piolhos, trocando seus casacos de veludo por blusões azuis e sapatos pretos padronizados. Contudo, não tiveram os cabelos cortados — foi a única humilhação de que foram poupados. Cada um se adaptou à sua maneira: Mick começou a trabalhar na letra para uma música

chamada *2000 Light Years from Home*; Keith costurou algumas mochilas de carteiro, escreveu para a mãe e logo fez amizade com outros presos, vários dos quais lhe ofereceram ótimas drogas a preços baixos.

Enquanto isso, Michael Havers virava noites a fim de obter permissão para que Jagger e Richards fizessem sua apelação em liberdade. No dia 30 de junho, três juízes da Suprema Corte concederam-lhes soltura sob a fiança de 5 mil libras cada, depois que Havers fora chamado de lado por Malcolm Morris, advogado da acusação, e ouvira que o último tinha "instruções diretas" para não se opor ao pedido. Às 17h, Keylock estacionou o Bentley "nos portões do xilindró, de onde Mick saiu para depois cair no assento traseiro do carro. A primeira coisa que ele disse foi 'Preciso de um drinque'". Uma hora depois, após pegarem Keith em Wormwood Scrubs, eles estavam no pub Feathers, na Fleet Street, onde Les Perrin reuniu uma coletiva de imprensa às pressas.

É difícil saber o quanto do giro de 180º apresentado por vários jornais se deveu à formidável demonstração de poder de persuasão de Perrin e o quanto foi devido a uma sensação geral de que os Stones haviam sido tratados com muita dureza. Sejam quais forem os motivos, inúmeros jornais rapidamente mudaram de ponto de vista em relação aos eventos recentes. "Para muitas centenas de milhares de jovens, é uma questão perturbadora", admitiu o *Daily Mail*. "Adolescentes perguntam por que pessoas que bebem muito não sofrem nenhum estigma, enquanto fumar maconha, que consideram muito menos prejudicial, é proibido."

Algo muito curioso se desenrolava na Fleet Street. Um jornal realmente populista como o *News of the World*, com imagens de jogadores de futebol e modelos com biquinho na primeira página, exigia a prisão dos Stones. Os velhos quadros de avisos dos Establishment, por outro lado, pregavam o perdão. Novas linhas eram traçadas, mais notoriamente pelo *The Times*, com seu editorial "Who Breaks a Butterfly" [Aquele que Destrói Uma Borboleta], de 1º de julho:

> Não é crime encontrar-se no mesmo prédio ou na companhia de pessoas de posse ou até mesmo usando drogas, nem a razão dita que seja crime... Precisamos nos perguntar,

> portanto, como esse crime técnico, tão distinto dos crimes de outros, pôde ser considerado motivo para pena de prisão...
>
> Se devemos escolher algum caso como símbolo do conflito entre os sólidos valores tradicionais da Grã Bretanha e o novo hedonismo, devemos estar cientes de que os sólidos valores tradicionais incluem a tolerância e a igualdade. Deveria ser uma qualidade particular da Grã-Bretanha uma justiça capaz de garantir que o senhor Jagger seja tratado exatamente como qualquer outra pessoa, nem melhor nem pior. Nesse caso, devemos conservar a suspeita de que o senhor Jagger recebeu uma sentença mais severa do que seria considerado apropriado para qualquer jovem inteiramente anônimo.

Eva Jagger me disse que ela e o marido haviam sido despertados em sua casa no subúrbio de Dartford por um telefonema logo cedo.

"Era Mike", ela disse, "lendo a primeira página do *The Times*. Ele nos disse que tudo ficaria bem".

No dia 31 de julho, Jagger e Richards se apresentaram para uma apelação presidida pessoalmente pelo juiz Hubert Lister Parker, Presidente da Suprema Corte Britânica. Embora uma figura de malignidade menos óbvia que seu predecessor, Lorde Goddard, ele não era necessariamente um homem que qualquer um poderia desejar encontrar pelo caminho: apenas três anos antes, Parker abalara a Fleet Street com a prisão de vários jornalistas que se recusaram a revelar suas fontes durante o julgamento do caso de espionagem Vassall, e sentenciara o espião George Blake a 42 anos de prisão, até então a sentença mais longa já imposta por uma corte inglesa. Foi por uma boa causa, portanto, que Michael Havers avisou aos dois clientes que não tivessem muitas esperanças. Mick, embonecado em um terno cáqui, sentou-se primeiro no banco dos réus. Segundo lhe disseram, a corte "apoiava completamente" sua condenação, mas reduziria sua pena de 12 meses para um mês de liberdade condicional, incluindo as despesas. "Queira ou não, você é o ídolo de um grande número de jovens neste país", o Presidente da Suprema Corte acrescentou, de certa forma desviando do argumento do *The Times*. "Ao ocupar essa posição, você tem sérias responsabilidades. Se vier a ser punido, é apenas natural que essas responsabilidades acarretem em penas maiores." Algum tempo depois, o *News of the World* publicou um pequeno anúncio afirmando

que o processo por calúnia e difamação de Mick contra o jornal fora resolvido por "consentimento mútuo".

Keith Richards não estava fisicamente presente no banco dos réus para ouvir a própria apelação, ainda que, encostando o ouvido no teto, pudesse ouvir os ocasionais gritos e aplausos vindos da sala do tribunal logo acima. Essa situação incomum foi necessária porque Keith havia pegado catapora depois de ser libertado da prisão, e, assim, foi colocado em uma cela abaixo da sala para não contaminar o juiz mais importante da nação. Duas horas depois, um oficial foi informá-lo de que tanto sua condenação quanto sua sentença haviam sido anuladas. O Presidente da Suprema Corte concluiu que toda a sessão da "garota nua" do primeiro julgamento havia sido inadmissível. Seguiram-se gritos de congratulações fora do tribunal, bem como uma comemoração no Hyde Park.

Mick Jagger trocou de roupa às pressas, vestindo uma camisa de seda, tomou um valium e foi levado em um helicóptero para um debate sobre o julgamento na televisão com um painel de políticos e bispos, a primeira de dúzias de aparições desse tipo, além de editoriais e pronunciamentos no intuito de dar algum tipo de "significado" à saga. Keith, ao contrário, parecia absorver os eventos surreais do último mês como o tipo de revés temporário que inevitavelmente acomete figuras do showbiz, e admitiria ter se sentido apenas "instável". Na mesma tarde, ele pegou um voo para Roma a fim de se juntar a Anita, agora completamente mergulhada na persona lésbica de *Barbarella*. Não havia nenhum repórter presente quando Robert Fraser perdeu em sua apelação e voltou a Wormwood Scrubs para cumprir sua sentença inteira.

A essa altura, um tipo de pânico começou a se espalhar pelo que sobrara do Establishment britânico. Como os eventos recentes haviam confirmado, Mick e Keith — e, por extensão, Brian, Bill e Charlie — eram, ao contrário dos Beatles, muito mais do que os sucessores pop de artistas do teatro de variedades como Billy "Quase um Cavalheiro" Bennett, George Formby e Ken Dodd. Depois de 31 de julho de 1967, os Stones eram "a gangue mais notória viva",

diz Wyman, e não do tipo que se deixaria impressionar com facilidade, tendo com efeito enfrentado até mesmo a lei. Além dos processos criminosos, das manchetes pavorosas e das consortes pervertidas, havia a questão do corte de cabelo eriçado — um detalhe dos astros de rock do período por si só — com o qual Keith voltou de Roma. Tudo isso parecia evidenciar que esses cinco rapazes da classe média dos Home Counties queriam literalmente incendiar sua cidade. O incidente contra os Stones incluía todos os possíveis crimes do calendário dos tabloides, do uso de drogas a efeitos adversos causados à taxa de câmbio ao causarem "uma má impressão no exterior". Eles poderiam ter conquistado os corações mais moles da Fleet Street, mas, de acordo com Bill, "Mick e Keith ainda não conseguiam encontrar um táxi em nenhum lugar de Londres disposto a transportá-los."

Na verdade, os Stones eram menos radicais do que os Beatles. Ao entrevistar Mick Jagger logo depois de sua apelação, o editor do *The Times*, William Rees-Mogg, ficou surpreso ao descobrir "um libertário da direita" que insistia: "Na verdade, não quero produzir um novo código de vida, um novo código de conduta." ("Ninguém está *me* recrutando para nada", Mick mais tarde confirmou para Tom Keylock.) Com o passar dos anos, Brian, Bill e Charlie mostraram-se igualmente reticentes em relação à possibilidade de alteração dos limites da conduta regular. Ninguém entendia muito bem qual era a posição de Keith Richards na época, mas, com base na sua queda por torta de batata e por velhos filmes de guerra como *The Cockleshell Heroes*, com Trevor Howard, ela incluía uma forte veia de tradicionalismo inglês. Se os Stones eram sequer um pouco "políticos", era apenas no senso mortífero da palavra.

No final do Verão do Amor, Brian não falava com Keith, Jagger, Stu nem Anita. Anita evitava Keylock, que não suportava nem ela nem o traficante em domicílio de Keith, "Spanish Tony" Sanchez. Sanchez se desentendeu com Mick e Keith por causa de Brian. Bill estava irritado por causa de questões financeiras, em particular por causa de Allen Klein, que continuava se esquivando a assinar cheques. Todos estavam fartos de Andrew Oldham, que sofrera um tipo de surto psicótico depois da batida de Redlands e se internara em uma clínica. Charlie apenas tocava bateria.

No dia 18 de junho de 1967, Brian Jones, sob o efeito de tranquilizantes de porco e vestindo um casaco de peles afegão decorado com joias bérberes e uma suástica de cristal, flutuou sobre o palco para anunciar, com um sussurro, seu amigo Jimi Hendrix, o "artista mais excitante que já vi" para a plateia de 70 mil pessoas do Monterey International Pop Festival. As palavras impressas talvez não transmitam a impressão de drogado transmitida por Brian naquele momento. Embora ele não tenha tocado uma única nota, as pessoas ainda comentam sobre essa aparição no Monterey. Em um momento caprichoso, Jones e seu discurso arfante haviam dado à multidão um vislumbre do homem que ao mesmo tempo fascinava e exasperava seus colegas.

O que não viera a público era que Brian também passava parte de seu tempo em liberdade condicional fazendo duas visitas por semana a um psiquiatra da Harley Street com o nome improvável de Lenny Henry. O doutor Henry acabou providenciando a internação de seu paciente em uma clínica de repouso no sul de Londres, aonde Brian chegou em seu Rolls-Royce, exigindo imperiosamente uma suíte para a namorada atual e para ele, bem como "um quarto para o meu camarada Tom [Keylock]". Uma vez refutada a ideia de que havia se hospedado em um hotel de luxo, ele foi prontamente levado até um cubículo com pouca mobília, onde o colocaram para dormir por dois dias. Jones, de acordo com o diretor da clínica Anthony Flood, era "ansioso, deprimido e até suicida... sem muita autoconfiança... Ainda tentando amadurecer de muitas formas". Brian estava particularmente chateado por ter tomado conhecimento de que alguns jovens de Cheltenham haviam ofendido sua mãe na rua após sua prisão. Foi "outro golpe avassalador", informou o doutor Flood.

De volta ao Olympic, os Stones, reduzidos a um grupo de quatro membros, arrastavam-se no desenvolvimento do seu novo álbum, uma tolice psicodélica então chamada simplesmente *Satanic Majesties*. O trabalho não foi caracterizado pelo seu costumeiro senso de foco artístico ou urgência. "Eles ficavam tocando bongôs", recordar-se-ia Tom Keylock. "Ninguém dava a mínima... Lembro que Mick estava excitado por ter comprado um sintetizador novinho, uma das primeiras pessoas na Inglaterra a terem um, e quando o levei

para o estúdio, ele não conseguia extrair uma única nota dele. Ele acabou sendo vendido como sucata para um cara que eu conhecia em Camden Town." No vácuo criativo, Bill Wyman eventualmente se saiu com um número chamado *Acid in the Grass*. Jagger declarou-o uma porcaria e se recusou a cantá-lo, enquanto Richards deu seu veredito sobre a música deixando o estúdio. Passado mais um tempo nesse estado de espírito, Wyman cantou ele mesmo, abafando-o com um vibrato cansativo, e então os Stones gravaram *In Another Land*, como ela acabou sendo chamada, lançando-a em compacto nos Estados Unidos; ela chegou à 89ª posição na *Billboard*. Para tirar um sarro, Jagger e Richards mais tarde acrescentariam um fragmento com o som do ronco de Bill ao final da versão do álbum da faixa.

Dez anos depois, Mick confessou para a mãe que vinha "pegando pesado" ao longo da experiência de *Satanic Majesties*, e que a letra da música *Jumpin' Jack Flash*, lançada um ano depois, foi sua forma codificada de expressar o alívio de ter se recomposto e saído daquela fase. Eva lembrava-se de ter lhe dito que estava orgulhosa dele.

Depois da visita do inspetor e que Anita começou a se relacionar com Keith, as coisas jamais voltariam a ser as mesmas para os Stones. Além do desafio profissional de manter a banda unida na escuridão da cadeia, havia comoções pela frente entre mulheres que faziam *Dallas* parecer o jardim da infância. Durante uma turnê pela Alemanha Oriental, Keith conhecera uma linda modelo loira e ativista da esquerda chamada Uschi Obermaier. Uschi já tinha status de celebridade quando completou 18 anos, depois de ter aparecido nua na revista *Stern* enrolando um baseado. Apesar de ter tido uma aventura com Mick Jagger e de falar inglês muito mal, ela e Keith haviam começado um rápido, mas intenso, caso que seria retomado seis anos depois. A fim de tomar as providências necessárias para as acomodações da banda durante sua estada em Colônia, Keith enviara um memorando a Tom Keylock sobre a necessidade de ser discreto, dada a "outra realidade" que se desenrolava em sua vida doméstica. Evidentemente escrito tarde da noite, o resto do bilhete trai a

discrição costumeira de Keith: "Eu a amo [Anita] muito mais do que toda a besteira das contas e sinos", ao mesmo tempo uma declaração de suas intenções e um comentário mordaz sobre o Verão do Amor. Richards e Pallenberg estavam juntos outra vez uma semana depois.

Enquanto isso, depois de ter se cansado de Linda Keith, que teve uma overdose de soníferos no seu apartamento, Brian Jones começou a sair com Tina e Nicky, um par de go-go dancers lésbicas quase idênticas que passaram semanas em Courtfield Road, muito para a felicidade do restante da banda. Keith sugeriu que o *ménage à trois* poderia tirar proveito de sua visita a Roma para passar um final de semana bucólico em Redlands.

"Brian foi para lá", contou Tom Keylock, "e em pouco tempo ficou puto e desafiou as garotas para um mergulho à meia-noite. Todo mundo estava doidão, mas isso não impediu que se despissem, entrassem na água e dessem a volta ao fosso. Cerca de um minuto depois, percebi que Brian havia sumido de vista. Tudo que eu podia ver era um tufo do seu cabelo flutuando na superfície como algas. Entrei para pegá-lo. O fosso só tinha mais ou menos um metro de profundidade, e Brian só estava fingindo. Agarrei-o pelos cabelos e o arrastei para fora. Todo mundo estava rindo, mas um ano depois recebi um telefonema sobre Brian que não parecia tão engraçado."

Em junho de 1967, Tina e Nicky deixaram Courtfield Road, substituídas por uma sósia estonteante de Anita chamada Suki Potier. Ela fora noiva de Tara Browne, tendo sobrevivido ao acidente de carro que o matara em frente ao apartamento de Jones meses antes. "Brian me deu um ombro para chorar", ela disse. "Ele me consolou e me fez sentir uma mulher outra vez." Suki Potier morreria em um acidente de carro em Portugal em junho de 1981; ela tinha 33 anos.

No início de 1967, Bill Wyman, então com 30 anos, curtira uma noitada no apartamento do amigo Chas Chandler, onde conheceu a colegial sueca e aspirante a modelo de 17 anos Astrid Lundstrom. "Havia umas vinte pessoas lá, muitas fumando maconha abertamente", observa Bill. "Aquele não era o meu ambiente, nem o de Astrid, mas bebemos muito, e quando ela quis ir

embora, fomos para o meu carro. Ela entrou. De repente, me senti muito mal e saí, e passei um bom tempo vomitando ali perto."

Apesar de um primeiro encontro pouco promissor, Bill e Astrid passariam os 17 anos seguintes juntos, embora na maior parte deles Bill tenha continuado "comendo a Grã-Bretanha inteira", como Tom Keylock disse alegremente. Chegando à casa de Wyman, no subúrbio de Keston, certa vez, por volta das 9 horas da manhã, Keylock encontrou uma jovem morena vestindo o que parecia ser uma malha, "sentada docilmente em uma cadeira no corredor, [como] uma candidata a um emprego". Bill logo apareceu, descendo a "grande escadaria com uma camisa de seda vermelha aberta para exibir uma variedade de medalhões" com uma "loira encantadora" atrás de si. Outro visitante costumeiro da casa confirma que o relacionamento de Bill e Astrid não era exclusivo. "Bill costumava convidar qualquer rostinho bonito que conhecesse para ir para a cama com ele, e uma a uma elas aceitavam."

Se os relacionamentos domésticos dos Stones estavam longe do ideal tradicional de monogamia, Charlie Watts era a honrosa exceção à regra. Mesmo trabalhando até tarde no estúdio, o baterista lacônico e sempre brilhante da banda depois entrava no Mini dirigido por seu chofer e voltava para casa, na zona rural de Sussex, para preparar o jantar com a mulher. A única filha dos Watts, Serafina, nasceu em março de 1968. À sua própria maneira tranquila, Charlie também era um ávido esportista inglês, devotado com paixão ao hipismo, ao futebol e ao críquete. Como para se distrair do seu trabalho diário, ele ia a todo concerto de jazz que conseguia e passava quase todos os finais de semana livres com a esposa ouvindo discos de Thelonious Monk ou Charlie Parker em um recanto à prova de som na garagem da sua casa, antes a residência de verão do arcebispo de Canterbury.

Mick Jagger também gozava de alguns elementos da vida doméstica, particularmente depois de ter pagado 40 mil libras pelo número 48 da Cheyne Walk, uma mansão estilo Rainha Ana às margens do Tâmisa, perto da Albert Bridge. Mick, Marianne Faithfull e o filho de três anos dela, Nicholas, mudaram-se no mesmo verão. A vida semiconjugal do casal logo se tornou um assunto de muitas rodas de conversa da Swinging London, principalmente

depois que Marianne anunciou que teria um filho de Mick. Jagger foi ao *David Frost Show* para defender o direito do casal de trazer uma criança ao mundo sem "um pedaço de papel estúpido" (ou certidão de casamento) e teve um debate acalorado com Mary Whitehouse, de 59 anos, da austera Associação Nacional de Telespectadores e Ouvintes. Jagger preferiu não mencionar que já pedira Marianne em casamento diversas vezes e ela não aceitara.

A inconstância de Mick, contudo, não era segredo, mesmo apesar de ele não alcançar nem de longe a quantidade de mulheres que se envolviam com Brian e Bill. De acordo com o sempre presente Robert Fraser, Jagger era um gastrônomo cujo amor por uma boa refeição "refletia sua libido". Assim como nenhum jantar estava completo com menos de três pratos, "algumas noites de Mick eram como um cardápio, com uma entrada, um prato de carne e uma sobremesa" na forma de uma loira, uma morena e uma ruiva. O que é ainda mais surpreendente é que ao longo dos anos Mick também encontrou tempo para se dar bem com várias das amantes de seu colega, de Pat Andrews (Brian), passando por Uschi Obermaier (Keith) e Astrid Lundstrom (Bill), até Suki Potier (Brian, outra vez). O veredito sobre Mick e Anita Pallenberg ainda é um assunto badalado, embora o cuidado com as cenas dos dois no filme *Performance* tenha sido tal que um trecho de dez minutos foi incluído em um festival de filmes eróticos holandês, no qual ganhou o prêmio Golden Dong. Fraser considerava essa tendência em particular "uma viagem controlada" para Mick, permitindo-lhe "fazer pouco de todos os homens [e] fazer sexo com todas as fêmeas." A primeira esposa de Jagger também comentaria sarcasticamente sobre esse lado "lobo alfa" da sua personalidade.

"As pessoas dizem que Mick era ou um grande romântico ou uma máquina sexual", refletiria Fraser anos depois. "Bem, acho que ele era provavelmente um pouco dos dois."

Notas

[1] Grupo composto por artistas e escritores britânicos, nascido em 1905 e extinto na Segunda Guerra Mundial. [*N. da T.*]

[2] Típico traje alemão, que consiste em bermuda de couro com suspensórios. [*N. da T.*]

[3] Um agente da William Morris chamado Steve Leber foi encarregado de acompanhar os Stones pela América, um trabalho muitas vezes exasperante. "Eu trabalhava [para eles] nas turnês", ele contou. "Eu tinha que ficar com Mick Jagger o tempo todo e puxar seu saco. 'Do que você precisa, Mick? Qual vai ser a desta semana?'" Mais tarde, Leber se tornaria mais filosófico, lembrando que isso fora apenas um dia de trabalho, e que Jagger também era "um cavalheiro".

[4] Referência às cores usadas pelos competidores da tradicional competição de regata da cidade de Henley-on-Thames. [*N. da T.*]

[5] Personagem do livro de Charles Dickens *Grandes Esperanças*, uma solteirona descrita por Dickens como "a bruxa do lugar". [*N. da T.*]

[6] Rua na Cidade de Londres que abrigou os jornais de circulação nacional e as agências de notícias tradicionais da Grã-Bretanha até a década de 1980. Até hoje, seu nome é usado como sinônimo para publicações da imprensa. [*N. da T.*]

[7] Ringo, também baterista dos Beatles, apesar de não participar do processo de composição, costumava dar ideias para títulos (ainda que por acidente) — como no caso de *A Hard Day's Night e Tomorrow Never Knows.* [*N. da T.*]

[8] Assim, em vez de "Let's spend the night together" [Vamos passar a noite juntos], Mick cantou "Let's spend some time together" [Vamos passar algum tempo juntos]. [*N. da T.*]

[9] Apresentador de programa infantil galês. [*N. da T.*]

[10] Um incidente curioso ajudou a piorar o mau humor de Brian Jones quando ele e Anita, acompanhados por Marianne Faithfull, estavam em Gibraltar a caminho de Tânger. Para se divertir, Jones começara a tocar uma gravação caseira de suas músicas para um macaco, que ficou louco, gritando com Brian e tentando saltar o muro entre eles. Um guarda precisou intervir para restaurar a ordem.

[11] Termo britânico obsoleto usado como sinônimo para "rádio". [*N. da T.*]

4

Sangue e circo

Andrew Oldham saiu no outono. Como de costume em demissões dos Stones, o fim foi duro, rápido e um pouco oblíquo. "Em algum ponto, eles perceberam que as ideias de Andy sobre produção eram apenas ideias que ele havia tirado deles mesmos", disse Stu, cuja desavença com Oldham era de proporções de Birnam Wood. "Deve ter tido algum tipo de briga, porque de repente eles queriam se livrar dele... Simplesmente tocamos um punhado de números de blues da pior forma que pudemos. O Loog apenas saiu. Na época, não entendi o que estava acontecendo." No dia 29 de setembro, Les Perrin anunciou que a banda havia "deixado nosso produtor musical, pois os Stones estão assumindo cada vez mais a produção da sua música... O próprio Andrew expressou o desejo de se envolver em produções cinematográficas e teatrais". (Isso era novidade para Oldham.) Outros pensaram que o principal erro de Andrew fora desaparecer instantaneamente da batida de Redlands para depois aparecer para ajudar a London Records a lançar uma antologia dos Stones chamada *Flowers*, a última do cinismo corporativo. Já Oldham acredita que: "Foi muito simples... foi tipo 'Temos que ser práticos, vamos deixar Allen Klein resolver.' Foi na época de *Satanic Majesties*, e não acho que eles precisavam de um empresário como eu vinha sendo para eles. Isso em retrospecto. Na época, foi apenas confuso."

A partida de Oldham não era a única mudança nas mentes dos Stones enquanto os rapazes decidiam se queriam se tornar vítimas do ácido nos

tabloides ou uma banda de blues. No final de 1967, o grupo inaugurou uma loja no número 46 da Maddox Street, Mayfair (atualmente, uma loja de antiguidades), administrada por uma jovem californiana chamada Jo Bergman, que recebia ordens — para o desprazer expresso de Bill Wyman — de Mick e Keith. Além dessa estratégia de eficiência corporativa, os Stones logo encomendariam a montagem de um estúdio de gravação móvel que puxavam pelo país na traseira de um caminhão da British Leyland; como ele ainda era alugado trinta anos depois, o estúdio mostrou-se um dos melhores investimentos que o grupo fez na época. Para equilibrar o papel recentemente descoberto como jovens empreendedores, eles tinham a presença cada vez mais frequente de "Spanish Tony" Sanchez, o traficante negro do Soho que fornecia drogas para Mick, Keith e Brian, como parte do que Tom Keylock chamava de "extremidade duvidosa" do cortejo que se formou na ausência de Oldham. "Tony era submisso à banda, mas intimidava todos os outros", Keylock refletiria. "Ou pelo menos achava que intimidava. 'Basta me avisar se alguém incomodá-los e vou tomar conta disso', ele disse a Mick e Keith. Eles adoravam aquele tipo de bobagem Al Capone. Quero dizer, o cara tinha 1,5 m — o que ele poderia fazer com alguém que os 'incomodasse'?" Keylock também se lembrava afetuosamente de ter tirado Mick Jagger do Olympic carregado em um sofá certa noite depois que este exagerou nos produtos fornecidos por Sanchez (bebida, e não drogas, para que fique claro), e de Stu mais tarde ter observado que não ficaria surpreso se "a banda não chegasse a 68". Graças a Klein e à Decca, pelo menos, os sucessos continuavam vindo conforme a agenda: *We Love You*, *Dandelion* e o opus de Bill, *In Another Land*, todos evidências de que toneladas de haxixe estavam sendo fumadas no estúdio.

Nova York, quarta-feira, 13 de setembro. Keith Richards juntou-se ao resto da banda para uma reunião de negócios e para fazer a fotografia de capa do novo álbum. Ele foi recebido pela Imigração americana com uma revista de todas as cavidades. Naturalmente, Richards não estava entrando com nenhuma droga na América: ele as conseguia localmente. Keith passou grande parte do dia seguinte no estúdio de Michael Cooper, no subúrbio de Mount Vernon, fora de si sob o efeito de ácido. No final das contas, todos começaram a contar

as próprias histórias de sua recepção no aeroporto. Brian Jones chegou com um quimono de motivos florais, um par de leggings e botas de cano curto, atraindo olhares de lado de Mick. Brian, então, saiu para vestir seus "trajes psicodélicos". Bill e Charlie andavam ao redor parecendo deslocados em suas capas pretas, com maquiagem e glitter no rosto. "Não sei não", ouviu-se o último resmungar, talvez pensando nas ruas de Neasden. Quando chegou a hora, os Stones estavam prontos. Ocupando seu lugar com dois sucessos recentes na manga, Keith, em particular, parecia um trovador drogado. Nas quatro horas seguintes, a banda fotografou em várias poses, acrescentando toques decorativos próprios com latas de spray, a sala preenchida pelo aroma de cravo.

"Estávamos o tempo todo sob o efeito de ácido", relembrar-se-ia Mick Jagger. "Estávamos sob o efeito de ácido quando tiramos a foto para a capa. Era como se estivéssemos na escola, com pedaços de papel brilhante e outras coisas ao redor." Num tipo de rompimento, a foto escolhida depois foi processada em um 3D multicolorido e recebeu um pano de fundo psicodélico com montanhas e planetas. O resultado foi o equivalente do rock a uma versão de William Blake de Além da Imaginação combinada a um acabamento alucinógeno de Salvador Dalí. Até então, a política da Decca fora fazer uma fotografia rápida para as fotos de capa de seus álbuns a um custo de 40 ou 50 libras. Incluindo todas as providências de viagem e hospedagem, esta custou 17 mil libras. O resultado final foi ao mesmo tempo uma fatia representativa da arte pop dos anos 1960, e, não por coincidência, um clone da capa de Cooper para *Sergeant Pepper*.

Embora todos os Stones gostassem de um baseado ou um drinque de vez em quando, com frequência os dois, estava claro que o consumo de Brian Jones havia ultrapassado a fronteira que separa o uso recreativo da dependência. No final de 1967, parecia que a separação de Anita fora o gatilho para algo além do desentendimento entre dois colegas de banda. Brian estava em queda livre. Primeiro, a polícia arrombou a porta de Courtfield Road depois que uma pessoa telefonara para dizer que alguém lá dentro havia tido uma overdose —

alarme falso. Semanas depois, Brian celebrou a obtenção de liberdade condicional pela acusação de posse de drogas engolindo um frasco de pílulas que o levou a ser internado no St George's Hospital por "exaustão". Depois disso, ele se mudou de Courtfield Road para Chesham Street, perto da Sloane Square. Depois de outra visita à emergência do hospital, o dono do apartamento despejou Brian, jogando todos os seus pertences na rua. Mick Jagger estava preocupado com as possíveis implicações para o lucro dos Stones no exterior. "Temos uma turnê se aproximando, e estamos com dificuldades óbvias com Brian, que não pode deixar o país", Mick disse em uma coletiva de imprensa, referindo-se às questões relacionadas à autorização de trabalho do colega. Todos aparentemente queriam tocar no Japão, "exceto Brian, outra vez, que não pode entrar em Tóquio, porque é um viciado".

"Brian estava extremamente infeliz", confirmou Janie, esposa de Les Perrin. "Certa vez, ele me telefonou do Dorchester Hotel e disse que se jogaria da janela. Eu lhe disse que descesse alguns andares antes disso, assim não faria tanto estrago no calçamento." Depois disso, Brian parece ter se acalmado um pouco, e até participou de algumas sessões no Olympic, acrescentando um Mellotron com som especial (brilhantemente executado) que casou muito bem com *2000 Light Years from Home*, de Mick. Mas ele detestava o tipo de "merda de drogado" encontrado no álbum como um todo, e depois disso não se dava mais ao trabalho sequer de ir muito ao estúdio. A pedido da banda, os Keylock e os Perrin levaram-no para suas casas a fim de tentar controlá-lo durante algum tempo. A geração mais velha gostava de Brian; ele era um garoto legal, como se fosse um filho adotado tentando entender a si mesmo.

"Mas ele era um cara carente", disse Tom Keylock. "Se você fosse amigo de Brian, tinha que estar à disposição dele 24 horas por dia. Receberia telefonemas às 4 horas da manhã: 'Tom, houve meio que um acidente aqui. Não sei o que aconteceu. Você pode vir?' Você ia até lá e Suki estava deitada no chão com um olho roxo."

Em outubro de 1967, Jones parecia ter "encolhido fisicamente", nas palavras de Keylock, vivendo agora à base de uma dieta de uísque, tranquilizantes veterinários e LSD. "Ele tinha 25 anos, e parecia vinte anos

mais velho." Para Jones, a intoxicação era cada vez mais a regra, e a consciência prolongada, a exceção. Os amigos tinham que lhe lembrar de comer. Brian era uma figura conhecida na King's Road, arrastando-se até a loja de bebidas para comprar cigarros e álcool, arqueado em seu casaco afegão, os dedos manchados de nicotina, os olhos inchados e vidrados. Depois da última viagem ao Olympic, ele raramente emprestava seus pequenos sobressaltos de alegria e fúria aos Stones, tendo passado a viajar cada vez mais — foram nove viagens em 1967, incluindo a malfadada de Marrocos. No final, Mick e Keith telefonaram para o mentor da banda, Alexis Korner, para dizer que estavam preocupados com Jones, e o próprio Brian ligava tarde da noite para Korner chorando, dizendo que os Stones estavam prestes a demiti-lo e a contratar Eric Clapton para substituí-lo.

Certa vez, enquanto estava em liberdade condicional, Jones dirigia um carro alugado por Marbella com Suki Potier quando alguém os cortou. Ao parar num sinal, Brian saiu, foi até o outro carro, abriu a porta do motorista, socou o cara, voltou, entrou e o ultrapassou. Na manhã seguinte, houve mais problemas quando Brian tentou mandar a conta do casal no hotel para que Allen Klein pagasse. De acordo com Wyman, Klein demorou a responder, e Jones "pegou o dinheiro emprestado de um certo major Dawson no hotel... Dias depois de Brian ter voltado a Londres, um telegrama do major para o escritório dos Stones dizia que o dinheiro não havia chegado de Nova York, e que ele (o major Dawson) 'o exigia o mais rápido possível'". Brian foi obrigado a mandar três telex sucessivos para Klein, todos em vão. A quarta mensagem enviada dizia: "Por favor! Há alguma chance de uma resposta imediata?" Por fim, uma resposta. Ela dizia: "Não." Enquanto os Stones ganhavam vários discos de platina e mudavam a cara do rock, o fundador da banda sentava-se a um canto da Maddox Street preocupado com despesas básicas. Uma parte dele estava sempre nervosa, e passava o tempo engolindo ácido e fazendo sexo — muito como a lenda diz. A outra era um rapaz sentimental e de uma timidez cativante que amava a mãe. Cada metade tentava controlar a outra; as duas eram Brian. Apesar de tudo, Keylock ainda gostava dele, e analisava as coisas com mais clareza. O problema estava no tratamento que Jones recebera desde o

início. “Quando ele era um garoto em Cheltenham, sua única diversão era ficar sentado sozinho no quarto com seu toca-discos. Depois, foi uma gravidez atrás da outra, escândalos e a expulsão de casa. Eles jogaram o cara na rua!”

O golpe final na moral de Jones veio em 30 de outubro, quando ele foi julgado por posse de drogas. Brian imediatamente se declarou culpado, e ouviu o terapeuta Anthony Flood descrevê-lo como “um rapaz muito doente”, “profundamente perturbado” e “paranoico”.

O juiz perguntou: “Um suicida em potencial?”

Doutor Flood: “Sem dúvida.”

Brian recebeu nove meses. Como acontecera a Keith, ele passou um dia e uma noite em Wormwood Scrubs enquanto os advogados trabalhavam em sua apelação. Por ordem de Mick Jagger, Keylock foi enviado para pegá-lo na tarde seguinte. “Depois de esperar uma hora, vi Brian sendo escoltado pelo pátio... Ele estava com os maiores policiais que já vi na minha vida, algemado a um de cada lado, os dois arrastando-o. Era uma visão triste. Ele podia enlouquecer você, o filho da mãe, mas senti uma pena terrível dele naquele dia.” Na audiência de apelação de Jones, em 12 de dezembro, um psiquiatra independente apontado falou sobre seu “estado extremamente precário de julgamento emocional” e “sua frágil compreensão da realidade”. O Presidente da Suprema Corte, observando que aquilo era “um gesto de piedade... e não uma liberação”, mais uma vez anulou a sentença, substituindo-a por liberdade condicional. Logo cedo na manhã seguinte, Brian foi encontrado inconsciente no chão do seu apartamento. Depois de sair do hospital por conta própria, ele deveria ir a Maddox Street para uma reunião com o resto da banda. Brian não apareceu. Contudo, usou o cartão de crédito que o escritório lhe deu. No Natal, Brian foi ao Ceilão (atual Sri Lanka), e depois anunciou que retornaria ao Marrocos para gravar os tambores da tribo G’naoua. De uma forma ou de outra, os Stones viam seu principal guitarrista cada vez menos.

Enquanto Brian se afastava, Keith Richards aproveitou a oportunidade para “ouvir milhares de velhos discos que eu havia comprado, mas nunca tivera tempo”, aprendendo alguns riffs e se aperfeiçoando como instrumentista. Em pouco tempo, Keith brincava com afinações de country e aprendeu sozinho a

tocar guitarra slide. Grande parte desse desenvolvimento teve lugar em uma cabana de madeira para empregados que ficava do outro lado do campo em Redlands. Frank Thorogood derrubou as paredes para criar uma sala de música cavernosa mobiliada com um bar bem estocado a uma extremidade e uma estátua de Buda na outra, com tapetes marroquinos espalhados por todos os lados e lenços pintados no estilo tie-dye sobre as lâmpadas para criar a atmosfera. Dois amigos com conhecimentos técnicos instalaram o sistema de som. Muitos começaram a frequentar Redlands para jam sessions, e de vez em quando os Stones iam todos ensaiar lá. Certa tarde de primavera, Keylock lembra que todos estavam "deitados em almofadas tocando uma música chamada *Sister Morphine* que Marianne Faithfull falava em gravar. A música teve tempo para amadurecer, e em algum momento o arranjador da banda, Jack Nitzsche, trouxe Ry Cooder para participar. Cooder havia acabado de completar 20 anos e estava ganhando reputação como jovem guitarrista de apoio em Los Angeles. Em pouco tempo, ele estava arrasando, e Keith se inclinou e disse: 'Isso é incrível, o que você está tocando; como você faz? Você afina as cordas Mi em Ré, ok, e aí consegue um som maneiro, é, é muito legal', e Cooder mostrou-lhe como fazer. Nesse momento, a sala já ressoava o zumbido do riff de abertura e uma sequência de acordes encorpados de *Honky Tonk Women*. É claro que não há questão quanto a nenhum tipo de roubo da parte de Keith, mas, como muitos compositores já haviam feito antes dele, ele sabia identificar algo bom. Logo, ele estaria fundindo suas habilidosas homenagens a Chuck Berry a um som seguro estruturado que arrancaria a tinta das paredes das arenas."

Cooder explodiu mais ou menos um ano depois e acusou os Stones publicamente de terem roubado seus melhores licks. "Eles são *sanguessugas*, cara." Enquanto isso, passemos a *Their Satanic Majesties Request*, LP que supostamente cravou uma estaca no coração da carreira no blues da banda. Ninguém que tivesse acesso a um aparelho estereofônico e a um bong no final dos anos 1960 jamais o esquecerá. *Satanic Majesties* era como uma sombra de *Sergeant Pepper*, que parodiava descaradamente: os dois tinham números de abertura que depois eram reprisados; ambos incluíam conversas de fundo,

estática e loops no silêncio geralmente sacrossanto entre os sons de música; ambos tinham capas psicodélicas de Michael Cooper. Por outro lado, enquanto *Pepper* continha músicas no real sentido da palavra, *Majesties* optou por "estilos instrumentais amorfos e sem propósito... Temos osciladores e aspiradores de pó, borrões patéticos a guitarra, sons distorcidos que não acabam mais e somos obrigados a ouvir oito minutos de pura loucura", na crítica tipicamente negativa da *Rolling Stone*. Jagger também não economizou no estilo vocal camaleônico; Wilson Pickett e Nancy Sinatra eram apenas duas referências entre várias, enquanto em *Gomper* Mick parece ter gravado do fundo de uma mina. Sacudidelas, batidas, pancadas e acompanhamentos percussivos em geral deram vida a várias faixas, embora quando Charlie aproveita a oportunidade para agitar as coisas com sua velha batida, como fez em *Citadel*, "você de repente se dá conta do que o levou a gostar da banda", para citar, mais uma vez, a *Rolling Stone*.

Outros momentos que compensam incluem *The Lantern*, em que Keith Richards deixa de lado toda a pirotecnia para apenas tocar guitarra como só ele sabe. *She's a Rainbow* é uma canção romântica e reflexiva em que os Stones se aventuram fora da sua zona de conforto de riffs sólidos com floreios de piano a la Mozart e uma letra que poderia ter sido influenciada por Marianne Faithfull. Brian tirou a poeira do Mellotron para um ótimo efeito em *2000 Light Years*. Contudo, o que restava era um produto retrô beatle-esco que soa mais como uma festa à base de maconha do que como um álbum.

A lealdade dos fãs rendeu um disco de ouro ao LP, que entrou na *Billboard* no dia do lançamento. A London Records enviou um telegrama cheio de excitação para Sir Edward Lewis na Decca: "Não é um hit, é uma epidemia!" Les Perrin não hesitou em repassar isso para a imprensa, permitindo que a Inland Revenue acrescentasse mais um dado aos seus arquivos. *Satanic Majesties* renderia aos Stones os maiores lucros em direitos autorais e as piores críticas de toda a sua carreira até então.

Na semana do lançamento do álbum, Keith e Anita voaram para Paris e se juntaram a "Groovy Bob" Fraser, recém-liberto, para passar o Natal em Marrakesh. Assim que chegaram, Keith foi procurar seu velho amigo, Achmed,

traficante de haxixe. Achmed classificava seu produto em 10-, 12- ou — para clientes exigentes — 18-denier, de acordo com a pureza. Nas quatro noites seguintes, todos fumaram uma boa quantidade de 18-denier. Para acrescentar um toque extra de diversão, Richards enrolava seus baseados no papel-cartão oficial de prisão — lembrancinhas de Wormwood Scrubs. Fraser se lembraria de ter ouvido Keith tocar guitarra deitado à luz da lua perto da piscina e pensado que aquilo era melhor do que o novo álbum. Algumas das canções em que ele estava começando a trabalhar apareceram um ano depois em *Beggar's Banquet*. No ano-novo, todos foram para Paris, onde, de repente, Richards decidiu comprar um apartamento na Rue du Faubourg St Honore. Ele começou a decorá-lo no clássico estilo Keith, com tapeçarias marroquinas e muita pele de lobo, mas ao longo dos dez anos seguintes acabou passando poucas noites no lugar.

Seu verdadeiro lar era Redlands, onde Richards passava seus dias com Pallenberg e uma lista de convidados constantemente atualizada que às vezes incluía Jones e Suki Potier: uma rotina do tipo "sempre haverá uma Inglaterra" que durou seis meses — até Brian ser preso outra vez. A casa "era como sair do planeta", disse Frank Thorogood, ainda ocupado com medidas de segurança contra outra visita do inspetor Dineley. "Você entrava em uma zona sem a luz do dia onde havia lugares para nos jogarmos espalhados pelo chão, com narguilés e utensílios para [o uso de] drogas e música constante, e uns malditos cachorros malvados enormes andando ao redor e cagando em todo lugar."

West Wittering nunca vira nada parecido. Até 1966, o lugar fora um tranquilo paraíso para observadores de pássaros, com duas igrejas, uma área de camping e um pub. Depois que Keith se mudou, e mais particularmente depois de fevereiro de 1967, era como o cenário de um dos filmes de Roger Corman em que povoados pacatos são invadidos por Hell's Angels. Logo, a sordidez decadente de Redlands foi enriquecida pelo cineasta underground americano de 40 anos Kenneth Anger, que na época procurava locações para o seu curta seminal *Invocation of my Demon Brother*. Anger passou vários finais de semana na casa, pois gostava da atmosfera de liberdade, e mais tarde sugeriu a Keith e Anita um ritual de casamento pagão que ele mesmo oficializaria.

Anita ficou supostamente animada. Anger chegou a pintar a porta da frente de Redlands de dourado, como manda a tradição, embora não se saiba se ele também forneceu as roupas druídicas e o carneiro de chifres longos para o abate, tudo isso necessário para o ritual. No final das contas, Keith deu para trás, ao que parece por preocupação em relação ao que sua mãe diria, se não por outros fatores. Amigos do casal ainda não conseguiam prever os momentos em que seu relacionamento saía de controle, uma ou duas vezes de forma violenta.

O pobre Stu era o responsável pela maior parte das providências de viagem dos Stones. Como parte das suas atribuições (pelas quais recebia 1.872 libras por ano, ou cerca de 2% do que os outros membros fundadores da banda ganhavam), ele mantinha uma lista de companhias aéreas que aceitavam transportá-los. No final de 1967, de acordo com Stu, já havia duas ou três companhias importantes que não estavam dispostas a servir Keith. Por exemplo, ele foi banido da Alitalia, "por ter passado o voo de Roma a Londres no banheiro socando aquela maluca da Anita."

Mick e Marianne Faithfull passaram as festas de fim de ano de forma mais tradicional, decorando sua nova casa em Chelsea (6 mil libras pelo candelabro da sala de jantar) e comprando uma mansão no campo, perto de Newbury, Berkshire, que tinha o nome implausível de Stargroves, antes de uma longa viagem de férias que passou pelo Rio, Barbados e Tânger. O hotel onde ficaram hospedados no Marrocos tinha um carregador de uma perna só que também era o leão de chácara de um bordel localizado nas proximidades. Logo, Mick e Marianne se divertiam em um animado sexo a três com uma das garotas de véu locais. De volta a Londres, a jornalista do *Sunday Telegraph* Gina Richardson entrevistou o casal, cuja aparência franzina lhes dava "o ar de crianças deixadas no comando na ausência dos adultos". Marianne, tomamos conhecimento, estava apresentando seu parceiro ao balé e à ópera, bem como apresentando "literalmente centenas" de livros, entre os quais *Almoço Nu*, de William Burroughs, ao bibliófilo Mick. Os pais de Mick recordar-se-iam de que o filho fora-da-lei dirigia até Dartford sempre que podia, e sempre cumprimentava as

crianças que o esperavam à porta com "bom humor e carinho", nas palavras de Eva Jagger.

De acordo com Peter Swales, um jovem publicitário que trabalhou para os Stones, em 1968 "Brian Jones estava destruído. Ele estava a um passo da obesidade, tanto no rosto quanto no corpo, embora seu cabelo escondesse isso um pouco. Ele transpirava o tempo todo e cheirava a uísque". A impressão geral da banda era a de que, embora Brian pudesse mudar de uma persona para outra, sendo charmoso e engraçado quando queria, ele não era um bêbado divertido. Christopher Gibbs lembra que quando Jones voltou ao Marrocos com Suki Potier, houve uma cena desagradável no hotel onde todos se hospedaram. "Ela quase morreu lá", Gibbs conta. "Cortou os pulsos com um espelho e estava sangrando muito. E em vez de chamar um médico ou o recepcionista, ele *me* telefonou. 'Você pode vir até aqui e resolver isso para mim? Pode ligar para o médico? Pode conversar com o gerente? Pode limpar o sangue? Você sabe como fazer um torniquete?'" Para um homem que estava à frente de seu tempo, Jones não conseguia manter a agenda em dia. Os membros da tribo G'naoua e seus tambores ficaram esperando por ele nas montanhas, e no final Brian adiou as sessões indefinidamente ao experimentar dificuldades técnicas com seu gravador de fita.

Enquanto isso, Bill Wyman foi para a Suécia a fim de conhecer a família da nova namorada, deslocando as costas ao tirar neve da entrada com a pá, e Charlie Watts ficou em casa para desenhar o cartão de Natal dos Stones para os fãs, que garantia que estavam "vivos e bem".

Em 17 de março de 1968, Mick Jagger participou de uma manifestação organizada pela Campanha Solidária Britânica ao Vietnã, marchando pela Park Lane, em Londres, com cerca de 10 mil manifestantes para uma reunião em frente à "fortaleza imperialista", como chamavam a embaixada americana. A escolha do momento para a manifestação era irônica, pois foi exatamente quando os Estados Unidos e seus aliados faziam uma defesa desesperada contra

uma série de ofensivas vietcongues espetaculares iniciadas no feriado Tet, do Ano Novo vietnamita, em janeiro. Apesar de no final terem sido derrotados nos campos de batalha durante o Tet, os comunistas ganharam a guerra nas mentes e corações dos civis, principalmente daqueles que desenvolviam um novo apetite pela desordem. Até Mick flertou por algum tempo com uma atitude revolucionária, declarando-se tanto contra os "bacanas" quanto contra a propriedade particular (antes de entrar para a Associação dos Cavalheiros do Campo) e socando o ar quando Vanessa Redgrave disse aos manifestantes londrinos: "Uma vitória vietcongue é o único caminho para a paz." Jagger, contudo, não participou do saque generalizado que se seguiu: ele fora lá apenas para sentir o "amor" fluir da multidão, como disse mais tarde — e, além disso, estava em liberdade condicional.

Pouco depois, Mick foi para Redlands ouvir Keith tocar uma nova música chamada *Primo Grande*. Depois de trabalhar nela a noite toda, Jagger lhe deu o título de *Everybody Pays Their Dues*, que no final se tornou *Street Fighting Man*. De volta ao Olympic, os Stones trabalharam no riff, um vigoroso ataque no violão reforçado pelo kit de bateria de Charlie (pequeno o bastante para guardar em uma maleta) e com o próprio Keith fazendo um overdub do baixo. A maioria dos críticos não identificou a ironia do lamento central de Mick sobre a impotência da ação direta: ele lamentava que tudo que podia fazer era cantar em uma banda de rock 'n' roll. A faixa é um dos maiores momentos em que Keith deixa sua zona de conforto da guitarra elétrica estridente. Lançada em compacto nos Estados Unidos, foi imediatamente banida em meio aos tumultos, assassinatos e à carnificina política do longo e escaldante verão de 1968.

Keith, por sua vez, "não estava nem aí" para alcançar a mente de ninguém, mas apenas suas entranhas. A energia que colocou em *Street Fighting Man* poderia alimentar uma cidade pequena, imagine uma música.

O principal ponto de referência política dos Stones naquele ano, entretanto, não foi o Vietnã, mas sim um ministro dissidente do Partido Trabalhista de 62 anos e boa forma física, ex-colunista social, agente duplo fanfarrão da época da guerra e ocultista em seu tempo livre chamado Tom Driberg. Driberg,

homossexual, conhecera Mick em Harley House, onde ele lançou um olhar demorado sobre o anfitrião, concentrando-se principalmente no seu dorso, para depois observar: "Meu Deus, que mala *grande* você tem" — o que quebrou o gelo e levou a muitas gargalhadas. Depois que investidas mais amigáveis foram declinadas, Driberg assumiu o papel de mentor político de Mick, propondo uma moção em favor dos Stones na Câmara dos Comuns, e mais tarde assinando uma carta no *The Times* para pedir a legalização de drogas leves logo após o julgamento de Mick e Keith. No ano seguinte, Jagger e Driberg encontraram-se regularmente, e mais apropriadamente no Gay Hussar, um restaurante pequeno acolchoado no Soho — que mais parecia um vagão-restaurante de um trem real — onde discutiam o que o ministro chamava de "proletarização" da música dos Stones. Apesar de títulos evocativos como *Street Fighting Man*, *Salt of the Earth* e *Factory Girl*, qualquer efeito de longo prazo que o misto de slogans utópico-socialistas tenha tido sobre o principal letrista da banda é questionável. O charme encantador de Mick muitas vezes mascarava sua falta de comprometimento mais profundo. Quando Driberg sugeriu que Jagger apoiasse o conselho local, ou mesmo o parlamento, o último "literalmente se mijou de tanto rir", segundo Keylock. "Não o veríamos socializando com o Establishment — pelo menos, não ainda." Quando Driberg apareceu para uma refeição em Cheyne Walk dias depois, soube de Faithfull que Mick havia sido "inesperadamente detido". Albert Clinton, gerente do Gay Hussar na época, lembra-se do "cavalheiro idoso sempre falando enquanto o jovem comia".

Enquanto Mick flertava com Driberg, Keith dava continuidade à sua educação musical passando tempo com os Byrds em sua primeira turnê britânica no verão — "muito maneiro", ele diria. Enquanto outras bandas estavam ocupadas fazendo experiências com Moogs e pedais wah-wah, os Byrds se refugiaram em um bar country com portas de vaivém com suas steel guitars agudas, violinos bluegrass e pianos de armário. Eles botaram a casa abaixo: membros dos Stones e dos Beatles batiam nos corrimãos dos camarins e críticos entediados sorriam de orelha a orelha depois da sua estreia triunfante em Londres, no Albert Hall. Nascia o country rock. Keith logo ficou amigo do

gênio que liderava os Byrds, Gram Parsons, um músico de 22 anos e uma agilidade provocativa que, por acaso, também era dono de um fundo fiduciário milionário e conhecedor das melhores drogas. Quando os Byrds foram para a África do Sul, Parsons expressou seu desprezo pelo Apartheid deixando a banda, preferindo ficar para trás e tocar músicas country e fumar haxixe em Redlands. Os passatempos de Keith na época incluíam brincar com armas de fogo e facas, descansar em uma rede, fumar cachimbo e observar a estranha presença de "luzes esquisitas" sobre as South Downs. Talvez não seja tão surpreendente o fato de Les Perrin ter parado de providenciar visitas de revistas como a *Teen* e a *Valentine*. Mais tarde no mesmo ano, Perrin e Tom Keylock ajudariam Richards a entrar no Lena, percorrer a A3, passar pela Imigração em Heathrow, entrar em um avião, e, sete horas depois, pousar a salvo em Nova York. Keith passou o tempo todo dormindo. Contudo, é justo dizer que ele também usava seu tempo livre para bons fins profissionais, desenvolvendo uma linha de ataque nova em folha na guitarra: afinações abertas, muitas vezes com um toque distinto de Nashville, muita guitarra acústica, e a autoconfiança necessária para tocar *menos*. Como Keith gostava de resumir sua arte: "Cinco cordas, três acordes, dois dedos, um babaca, e é isso aí."

Aparentemente, Mick Jagger não ficou tão encantado com Gram Parsons. Apenas um ano depois, os Stones e seu círculo íntimo se mudaram para uma casa de Peter Tork, dos Monkees, em Hollywood Hills. Em pouco tempo, a casa passou por uma grande transformação. A cozinha de Tork teve que ser temporariamente fechada após um episódio desastroso com seu liquidificador, e a sala de estar impecável, antes completamente branca e bege exceto pelos discos de ouro na parede, tornara-se um covil com brocados e drogas por todos os lados, groupies, longas echarpes, tigelas transbordando de comida e um piano de bar onde Keith e seu novo melhor amigo gostavam de martelar músicas de Hank Williams e Jimmie Rodgers, não importava a que horas. Ao observar a cena certa noite, Mick virou-se para Parsons e disse irritado: "Você tem que manter esse lugar *organizado*, cara."

Ele "não estava de brincadeira", de acordo com uma fonte muito bem posicionada que viajou com os Stones. "Mick insistia em administrar todos os

aspectos da vida da banda — de como se vestiam até como fumavam ou bebiam, o peso de suas mulheres, seus cabelos e sua maquiagem. 'Estamos comendo bem, não é?', ele disse a uma garota." Se essas dicas não tivessem o resultado desejado, Mick podia ser mais direto — às vezes excluindo Parsons da sala, para o aborrecimento de Keith, enquanto os Stones falavam sobre negócios; ou "com muita frequência", insistindo que Gram e sua noiva, Gretchen, se comportassem e também limpassem a casa, que "Mick sempre queria que parecesse menos um covil de drogas e mais um museu de arte moderna".

Por sorte, a tensão mútua entre o time criativo dos Stones também foi uma fonte de inspiração. Os frutos dessa colaboração seriam ouvidos nos quatro álbuns seguintes da banda, embora seu retorno pós-*Satanic Majesties* realmente tenha começado quando Bill Wyman tocou o riff da sua vida certa noite em um piano empoeirado numa sala de ensaio. Jagger e Richards ouviram a dádiva casual de Bill, murmuraram alguma coisa e voltaram rapidamente para Redlands.

Keith: "Eram mais ou menos 6 horas da manhã, e havíamos passado a noite acordados. O céu estava começando a ficar cinzento, e estava mijando chuva. Comecei a brincar, cantando, e Mick entra. E de repente tínhamos essa bela frase. Então, acordamos e a terminamos."

Trabalhando a partir do lick de Bill, Richards primeiro chegou a uma progressão de acordes II-V-I, e depois a um gancho tenso de três notas — Mi, Fá Sustenido e Lá — que fazia uma inteligente, e talvez oportunista, homenagem ao passado. Enterrado lá no fundo estava o riff atemporal de *Satisfaction* tocado de trás para a frente na afinação de Nashville. Mick rapidamente acrescentou à letra algo sobre ter tido "dificuldades e ter se recuperado... uma metáfora para todos os lances com o ácido." O título era uma piada interna sobre o pé enorme do jardineiro de Keith (tamanho 47), Jack Dyer, que mal distinguiam na chuva, andando melancólico em torno do fosso de Redlands.

Jumpin' Jack [Jack Pulador] *Flash.*

A fantástica introdução sincopada, que mais tarde inspiraria números como *Honky Tonk Women* e *Start Me Up*, logo se tornou uma marca registrada dos Stones. Em segundos, a banda recuperara sua música de dúzias de grupos de "rock de raiz" que haviam tirado vantagem do seu recente desvio psicodélico. Críticos lúcidos compararam *Jumpin' Jack Flash* à 5ª de Beethoven, embora Keith tenha sido mais modesto, chamando-a apenas de "minha maldita favorita de toda a merda que fizemos". Ela foi direto para a 1ª posição das paradas nos dois lados do Atlântico, e provavelmente salvou a carreira da banda. A música não apenas soava bem no rádio, mas causou um choque considerável com o clipe promocional: tinta de camuflagem, calças apertadas e guitarras penduradas baixo, para não mencionar o microfone de Jagger — usado de forma tão sugestiva quanto num comercial das barras de chocolate Flake, da Cardbury[1] — só para começar. Keith Richards, com óculos escuros de armação verde selva e a pele pintada da mesma cor, um dente de tubarão pendurado, transformou-se naquele instante no Riff Humano. Quem disse que a televisão não inova?

Talvez o único a não ter ficado satisfeito com o sucesso de *Jumpin' Jack Flash* seja Bill Wyman, o criador do riff principal. Passados 45 anos, Bill ainda não recebeu nada em direitos autorais pela contribuição.

Pouco depois da sua sessão noite adentro em Redlands, Mick apareceu certa tarde de primavera na casa de Charlie, na zona rural de Sussex, sentou-se no gramado, pegou um violão e começou a tocar uma "música folk muito parecida com *Blowin' in the Wind*". A letra tinha alguma inspiração do romance traduzido recentemente para o inglês de Mikhail Bulgakov *The Master and The Margarita* [*O Mestre e a Margarida*, na versão brasileira], que Marianne Faithfull deixara jogado em Cheyne Walk. Além de ter um humor mordaz, o livro mantém a posição de sátira definitiva sobre o velho sistema soviético, com o regime de Stalin comparado ao de Pôncio Pilatos, e personagens dramáticos que incluem uma bruxa nua numa vassoura e um gato preto que fuma charuto. Foi daí que veio *Sympathy for the Devil*. Tom Keylock presenciou as duas noites no Olympic em que Keith "trocou o violão estilo Dylan por uma batida de samba e Charlie introduziu a percussão de vudu",

enquanto Tom, por mais implausível que pareça, ajudou com os vocais de fundo em falsete. "Foi brilhante como rearranjaram a coisa toda", ele disse, ainda sorrindo ao lembrar de algo que aconteceu 25 anos antes. "Além do mais, acho que ninguém precisou dizer a ninguém o que fazer. Talvez ouvíssemos Mick ou Keith resmungar alguma coisa um para o outro de vez em quando — 'isso é besteira' ou 'isso é maneiro' —, mas, basicamente, eles apenas tocaram até ter algo completamente diferente daquilo com o que haviam começado." Sempre houvera um cheiro de enxofre em torno dos Stones, mas com *Sympathy* eles estavam fazendo história — "*totalmente* maligno", na expressão cheia de admiração da *Billboard*.

Em suma, eles passavam por uma era de ouro no Olympic, onde as sessões de verão logo ganharam a atmosfera energética e focada de um grande retorno. A banda colocava qualquer batida com potencial para o rádio de que dispusessem nesses novos hinos, e conseguiu algumas grandes performances — em especial de Jimmy Miller, um baterista bigodudo de estúdio de 26 anos nova-iorquino, e, o mais importante, um produtor genial. "Jimmy era incrível", admitiu até mesmo Allen Klein. "Ele agendava o estúdio e conduzia as sessões, conseguia os artistas, providenciava carros e hotéis — tudo." O currículo de Miller incluía a produção do Spencer Davis Group e do seu primeiro sucesso, *Gimme Some Lovin'*, o malfadado Blind Faith e mais um grupo de Steve Winwood, o Traffic. Keith Richards chamava Miller de "o grande músico dos botões", embora no final das contas tenha demitido o "grande músico" quando seu relacionamento com a banda se deteriorou na década de 1970. Há relatos de que Mick Jagger compôs *You Can't Always Get What You Want*, que cita um "Mr. Jimmy", ao menos em parte como resposta a um pedido de aumento do produtor.

Miller deixou suas impressões digitais nos melhores trabalhos da metade da carreira dos Stones, além de tocar bateria sempre que Charlie não estava disponível. Uma amostra inicial do seu credo profissional sem rodeios veio quando Mick e Keith sentaram-se em frente a ele com violões para tocar a miserável versão original de *Sympathy for the Devil* e Miller perguntou: "Cadê a pegada?" Ninguém além de Stu jamais havia falado assim com eles. Porém, os

problemas começaram quando "Fui me envolvendo cada vez mais, e à medida que isso acontecia, comecei a adotar seu estilo de vida", disse Miller. Cinco anos depois, ele estava esgotado. "Jimmy entrou um leão e saiu um cordeiro", de acordo com Keith Richards. "Nós o esgotamos completamente. Jimmy era ótimo, mas, quanto mais sucesso obtinha, mais parecido com Brian se tornava. Ele acabou passando três meses entalhando suásticas na mesa de controle de madeira do estúdio da Island." A parceria entre Miller e os Stones acabou logo depois. Passados vinte anos, a banda deu 50 mil dólares a Miller quando ele e a mulher foram diagnosticados, respectivamente, com uma doença hepática e câncer; ele morreu em outubro de 1994, aos 52 anos.

Os Stones também fizeram uso de alguns grandes músicos de apoio, incluindo o pianista Nicky Hopkins (Jeff Beck Group, The Who) e o multi-instrumentista Ric Grech, do Family — ambos os quais, coincidentemente, também teriam mortes prematuras devido a problemas hepáticos. Dave Mason, do Traffic, chegou ao estúdio do segundo andar no Olympic certo dia. "Os Stones estavam lá sentados, cercados por uma pilha de instrumentos africanos que Brian Jones trouxera de suas viagens. Lembro que havia alguns enormes tambores marroquinos espalhados, um bumbo coberto com pele de cabra, cítaras, talvez algumas flautas e sinos. Brian, porém, não estava lá, e ninguém parecia saber exatamente o que fazer com todo esse equipamento. De qualquer forma, me chamaram para participar. Havia um shehnai [oboé tribal] no canto, então toquei a última parte do que se tornou *Street Fighting Man*. Todos foram muito legais. Não, não recebi nada."

No dia 12 de maio, os Stones concordaram em tocar no concerto dos ganhadores da votação da *NME* em Wembley. A banda fez uma breve aparição em meio a um caos quase nostálgico: organizadores brigavam com fãs enquanto Keith tocava os power chords de *Jumpin' Jack Flash*. Mick jogou suas sapatilhas de balé prateadas para a multidão. Foi a última apresentação ao vivo de Brian Jones.

Nove dias depois, a divisão de narcóticos deu uma batida no novo apartamento de Brian, Royal Avenue House, King's Road. Enquanto um destacamento de policiais batia com força na porta da frente, outro entrava

pela passagem de descarte de lixo do apartamento. Depois de um interrogatório, eles levaram Brian com um carretel de fita onde ele escondera um maço de haxixe. Ele disse que não era dele, e que ele "nunca usava o bagulho [porque] me deixa paranoico". Jo Bergman pagou a fiança antes do julgamento.

Nas oito semanas seguintes, os Stones continuaram trabalhando em sua obra-prima. Algumas jam sessions de Redlands acabaram entrando no álbum, enquanto outras foram deixadas em banho-maria por anos: *Two Trains Running* se tornou *Midnight Rambler*, e *Meet Me at the Station* se tornou *No Expectations*, enquanto a anódina *Blues 1* acabou se transformando em *Gimme Shelter*. Keith Richards compôs o número de belíssimas texturas *You Got the Silver* para Anita, ao qual Brian adicionou alguns acordes melancólicos na auto-harpa. Em junho, Keylock levou todos para um castelo em ruínas, onde simularam um jogo de críquete para a imprensa. O cineasta Jean-Luc Godard chegou ao Olympic para filmar as sessões e encontrou Keith gravando o ritmo hipnótico de *Sympathy for the Devil*. Mick ligou para Aretha Franklin e perguntou se ela gostaria de gravar a música no seu próximo compacto, mas a diva do gospel se viu obrigada a declinar da oferta. ("Eu não cantaria aquilo nem no banheiro", Franklin teria dito, o que se for verdade não reflete o respeito mútuo que havia entre ela e os Stones.) Mais tarde na mesma noite, os holofotes de Godard provocaram um foco de incêndio no teto do estúdio. Enquanto Mick, Keith e Charlie fugiam para salvar suas vidas, Bill e Jimmy Miller voltaram tranquilamente para resgatar as fitas. A fiança de Brian foi renovada. Depois da audiência, ele escreveu outra vez para acalmar os pais. Agora, Jones acrescentava, ele tinha planos mais importantes: gravar comunidades tribais inteiras e coros de negros americanos, algo que encantaria e inspiraria qualquer um que os ouvisse. Para Brian, *mais importante* significava um sonho.

No início de julho, Jagger e Richards foram para Hollywood mixar o novo álbum. Gram Parsons estava tendo problemas com seu fundo fiduciário, então Keith o convidou para acompanhá-los, todos tendo conseguido drogas da melhor qualidade com Phil Kaufman — um traficante local afetuosamente

chamado de "King Con"[2] — e depois voltaram com a foto de uma parede suja de banheiro para a capa do álbum. Os Stones nunca haviam tido problemas para abalar a estrutura da Decca, mas isso já era demais. Ao longo dos quatro meses seguintes, a banda e o selo, que dizia que o retrato era "lascivo" e que "provavelmente deixará [os acionistas] ofendidos", entraram num debate público acalorado sobre censura. A data de lançamento do LP foi adiada do final de julho para o início de dezembro. Mick dizia a todos que os Stones deixariam a Decca no momento em que seu contrato permitisse. Keith dizia que a banda nunca havia sido mais do que uma maneira de conseguir abatimento fiscal para os engravatados, e que sua prioridade continuava sendo vender armas para o Departamento de Guerra. Eric Easton estava processando Andrew Oldham, a Decca e a Nanker Phelge Music, alegando que, juntos, eles lhe deviam 84.140 libras e 15 xelins pelos seus dois anos e meio de associação profissional. Já fazia algum tempo que ninguém tinha notícias de Allen Klein.

Brian Jones voltou a Tânger com Suki Potier para gravar os músicos jajouka em cavernas locais, apresentando um comportamento impecável até voltar ao Hotel Minzah. "Ele espancou Suki logo em seguida", conta George Chkiantz, engenheiro que acompanhou o casal. "Horas depois, Brian estava destruído, de pé na sacada insultando os árabes logo abaixo na rua. Fui até lá acalmá-lo, e ele simplesmente apagou, caiu e bateu a cabeça no corrimão de ferro. Ele parecia morto, e entrei em pânico. 'O que fazemos agora?' 'Nada', respondeu Suki. 'Isso acontece o tempo todo.'"

Enquanto isso, Mick assinava um contrato para interpretar um astro pop entediado no filme *Performance*, e Keith dava uma entrevista na qual falou sobre ter visto Ovnis sobrevoando Redlands e se queixou de estar "totalmente duro". Bill tinha 47 dólares na sua conta bancária, e pediu ao escritório que mandasse o típico telex solicitando dinheiro para Nova York. Depois de ter demitido seu chofer, Charlie estava preocupado com o custo de pegar um táxi para o estúdio. De qualquer forma, as coisas esquentaram, e alguns punhos socaram mesas, quando todos se reuniram no final de julho na Maddox Street — embora Brian, deitado com o rosto para baixo na mesa de reuniões, tenha permanecido imperturbável.

A filmagem de *Performance*, de Donald Cammell e Nic Roeg, começou nos arredores de Londres naquele verão. Mick Jagger interpretaria um vocalista de rock and roll aposentado com duas namoradas bissexuais e um bom estoque de cogumelos mágicos — como costumam ser. Um gângster fugitivo (James Fox), introduzido numa cena em que raspa ritualisticamente a cabeça de um chofer amarrado, junta-se ao triângulo amoroso para resultados perturbadores para ambas as partes. Depois de um aborto, Anita Pallenberg ganhou o papel de amante principal de Mick, personagem que iniciaria os outros membros do elenco em banhos coletivos, voyeurismo e outros rituais. Concorreu com ela para o papel Mia Farrow, recém-saída de uma gravidez do demônio em *O Bebê de Rosemary*. Anita levou a melhor. "Foi logo depois do fim da filmagem de *Performance* que o uso de drogas dentro do nosso círculo íntimo deu um salto quântico", diz Marianne Faithfull. "Anita passou anos fora de si. No fundo do poço." A própria Marianne perdeu o bebê que gestou quase até o fim da gravidez. Mais tarde, ela diria que o médico aproximou-se de sua cama, pegou seu pulso esquerdo e virou-o lenta e silenciosamente, deixando a parte interna do braço voltada para cima. "A mensagem era que eu [abortei] porque era uma viciada." Marianne nunca esqueceu essa censura devastadora. Se o bebê tivesse nascido, teria sido uma menina chamada Carina.

No dia 26 de setembro, Brian Jones estava de volta a Londres para enfrentar o julgamento por posse ilegal. Mick, Keith e Tom Keylock estavam na galeria reservada ao público para ouvir o juiz lembrar ao júri de que o ônus da prova cabia não a Jones (que insistia, muito plausivelmente, que desta vez haviam "armado" para ele), mas à polícia, "que tem um caso circunstancial. Não foram encontradas provas de que ele usou cânabis... Se vocês acham que a promotoria provou sem sombra de dúvida que o acusado sabia que a droga estava no seu apartamento, podem considerá-lo culpado. Do contrário, ele é inocente".

"Excelente!", disse Mick.

Do lado de fora do tribunal, ele e Keith deram autógrafos. Um Keylock radiante cronometrou o tempo que levou para o júri deliberar: 47 minutos. "Pela primeira vez na vida de Brian, o pobre filho da mãe dizia a verdade", ele disse. "Os policiais haviam plantado aquilo; é quase ridículo, tão óbvio."

Quando o representante dos jurados anunciou o veredito "culpado", Brian desmoronou em sua cadeira, segurando a cabeça com as mãos. Suki Potier começou a gritar, e Keith socou o corrimão à sua frente. O juiz disse: "Acho que isso foi um erro, e não quero interferir na ordem de liberdade condicional já aplicada a este homem. Vou multá-lo de acordo com as suas condições [50 libras com 100 guinéus de custas]. Você deve ficar longe dessas coisas. Pelo Amor de Deus, não se meta em problemas outra vez."

Lá fora, Jagger e Jones dançaram para as câmeras.

Seis semanas depois, os Stones gravaram *You Can't Always Get What You Want* com Brian Jones esparramado a um canto, fumando e lendo uma revista. À medida que a sessão progredia, vários membros da equipe técnica deram sugestões criativas a Brian pelo Tannoy da casa, enquanto Tom Keylock optou pelo velho método de "marchar até lá e gritar no ouvido daquele veado. Não adiantou nada. Ele se fora". Foi uma sessão estranha, até mesmo para os padrões dos Stones: Mick apareceu com um casaco de pele felpudo e Keith estava sentado no chão de pernas cruzadas usando um chapéu de tweed com uma pena enfiada nele. Pela primeira vez, Charlie não conseguia encontrar o ritmo, então Jimmy Miller fez as honras na bateria. Keylock lembraria que a noite acabou virando uma maratona de bebedeira. Na noite seguinte, na Radio One, Mick Jagger revelou que a banda "definitivamente quer fazer uma turnê pela América, [mas] temos grandes problemas com os vistos".

No final das contas, Mick desistiu da briga pela capa do novo álbum, optando por uma capa completamente branca, como a escolhida pelos Beatles para o *Álbum Branco*. Ele continuou expressando insatisfação em relação ao tratamento dispensado ao grupo pela Decca, em particular depois que a companhia cometeu um erro na prensagem do disco. As músicas saíram ligeiramente mais lentas e em um tom diferente do que na gravação original. Os responsáveis eram "velhos" e "estúpidos", esbravejava Jagger. Keylock mais tarde explicaria que a verdadeira razão para que Mick atacasse o selo com tanta agressividade era que "ele ficava puto pelo fato de eles sempre o tratarem com

condescendência. Mick via a banda como um negócio lucrativo, e a Decca os via como pirralhos mimados". "Desde o início do nosso relacionamento", escreveu Jagger para Sir Edward Lewis em novembro, "pedimos especificamente a exclusão dos discos dos Rolling Stones da 'Propaganda em Massa'. Assim, estamos profundamente decepcionados ao ver *Beggar's Banquet* incluído entre vários outros LPs da Decca [*We're the Banana Splits*, *Thoroughly Modern Millie* etc.] na *Record Retailer*... *Por favor, certifiquem-se de que isso não volte mais a acontecer — jamais.*"

No mesmo mês, Brian Jones comprou Cotchford Farm, a propriedade em Sussex onde A. A. Milne escreveu *O Ursinho Pooh*. Jones gostava particularmente de se sentar na varanda dos fundos que dava para a piscina de Milne, e, mais além, um vasto campo decorado com plantas em forma de urso. Keylock enviou Frank Thorogood de Redlands para ajudar Brian a redecorar o lugar.

No dia 5 de dezembro, os Stones finalmente lançaram *Beggar's Banquet* no salão elisabetano do hotel Gore, onde os convidados saborearam um banquete de sete pratos de cabeça de javali e almôndegas, com uma longa carta de vinhos. Mais tarde, garçonetes distribuíram tortas de creme. Les Perrin saiu de si e atacou Brian com duas tortas, cada uma de um lado da sua cabeça, de forma que ele parecia estar com protetores de ouvido fofos. De acordo com Keylock, houve dificuldades na organização do evento — originalmente planejado para ser realizado na Torre de Londres. O problema não era a merecida reputação dos Stones por libertinagem e tumulto, mas pela questão mais específica do traje que Brian escolhera para a noite, que ele insistia depender apenas de sua própria aprovação, e não da de Mick. "Ele acabou vestindo um traje muito esquisito criado [por ele e por Suki]", contou Keylock. "Brian passou um batom vermelho beterraba e usou um terno de strass que parecia o tipo de terno que Elvis usaria mais tarde em Vegas. Depois, acabou mudando para uma cartola e um par de meias-calças. Tive que convencê-lo a acrescentar uma braguilha do tamanho de uma bola de rúgbi." Bill e Charlie sentaram cada um a um lado de seu extravagante colega, os rostos impassíveis. De alguma forma, Keith se perdeu e passou a maior parte da noite dirigindo

por Londres no Lena, mas depois disse a um repórter que estava "orgulhoso" do álbum, que tinha certeza que irritaria a Decca e seria banido pela BBC. O futuro parecia promissor.

Na verdade, *Banquet* era uma trama brilhante de simplicidade bluesy e letras diretas, e foi um sucesso tanto no rádio quanto na maioria dos campus universitários. Guitarras energéticas, com andamento moderado, refrãos cantados em coro e efeitos de fundo inteligentes eram os principais ingredientes, com a habilidade de Jimmy Miller na mesa de mixagem aqui e ali mascarando a pobreza das melodias. Passados mais ou menos sete anos, os Stones mostraram que continuavam firmes, dando uma nova roupagem à sua fusão de blues, soul e R&B americanos. "Parachute woman, will you blow me out? Parachute woman, will you blow me out? Well my heavy throbber's itchin', Just to lay a solid rhythm down" [Mulher de paraquedas, você vai me apagar? Mulher de paraquedas, você vai me apagar? Minha pesada pulsação está coçando, Só para produzir um ritmo sólido], cantava Jagger em *Parachute Woman* — e não há dúvidas de que, se o mesmo não podia ser dito da pulsação de Mick, Bill e Charlie estavam em sua melhor forma.

A primeira faixa, *Sympathy for the Devil*, era uma amostra perfeita da releitura de Jagger de *O Mestre e a Margarida,* reunindo uma lúgubre coleção de histórias sobre Anastácia, o blitzkrieg e os Kennedys falecidos. *Prodigal Son* era um retorno aos dias em que Keith e Brian passavam o tempo todo em Edith Grove, com uma arrogância travessa, e não precisava de eletricidade para ser ouvida — "a energia vinha de dentro", como disse Stu. No mais, as músicas de *Banquet* fluíam naturalmente com licks de blues clássicos em vez de piadas musicais internas "inteligentes" como as de *Satanic Majesties*. As letras psicodélicas e a influência do country rock eram sugestões, respectivamente, de Dylan e Gram Parsons. *Stray Cat Blues*, que soava um misto de Mick com Lou Reed, era sombria, mas ao mesmo tempo grudava no ouvido. Acima de tudo, *Street Fighting Man* equilibrava uma tecnologia de baixa fidelidade e guitarras

acústicas com um riff ao fundo tão sólido que merecia seu próprio código de DST.

Beggar's Banquet foi lançado um ano depois de *Satanic Majesties*. No rock, um álbum "de raiz" na maioria das vezes não passa de um objeto cênico, e não um trampolim para o amadurecimento artístico. Ao arriscarem tudo, os Stones haviam conseguido salvar sua carreira.

De 10 a 12 de dezembro, os Stones alugaram os velhos estúdios do *Ready Steady Go!*, em Wembley, para um especial de Natal chamado *The Rock and Roll Circus*, com uma plateia convidada. O espetáculo foi inteiramente organizado com acordos verbais (algo que os advogados dos inúmeros artistas convidados discutiriam em várias ocasiões até 1996), tendo Bill observado que ele foi "concebido por Mick, financiado por nós". Allen Klein não se dera ao trabalho de responder aos telegramas da banda implorando por capital de investimento. Além de apresentações do Who, do Jethro Tull, do Taj Mahal e de outros músicos, havia diversos toques vagos do final dos anos 1960, como um engolidor de fogo, fantasias de circo para os astros do rock e chapéus bobos para os fãs, além do arrebatador espetáculo de uma trapezista pendurada de cabeça para baixo enquanto o filósofo-pianista Julius Katchen, em estágio terminal, tocava Brahms. Um caubói montado a cavalo finalmente anunciou os Stones, cujo set, apresentado de madrugada, tinha como clímax seis tomadas diferentes de *Sympathy*, ao final das quais a plateia mal estava consciente. Como atração paralela, a banda depois desfilou fantasiada: Jagger, como apresentador; Richards parecendo um dos dândis de *Sergeant Pepper* depois de uma noite difícil; e Brian apenas assumiu sua própria personalidade franzina, delicada e drogada. Mais tarde, Keith tirou Bill Wyman de cena para tocar baixo em um "supergrupo" formado por John Lennon, Eric Clapton e Mitch Mitchell. Depois de tocar *Yer Blues*, de Lennon, eles foram sucedidos por Yoko Ono, com Keith acompanhando seus gritos agudos. Os aspectos surrealistas de *Circus* foram reforçados pela presença de Elsa Smith, uma das professoras de Jagger da Maypole Infant, que não parava de importunar a plateia com

histórias do "jovem Mike" e seus supostos hábitos pessoais de anos antes. Tom Keylock foi incumbido de retirá-la discretamente do local. Os Stones parecem ter tido opiniões divididas sobre sua performance, e Keylock lembraria de ter levado Mick e Keith para casa, "ambos putos porque tinham entrado tão tarde e cansados, e o Who os ofuscara". O filme e o álbum de *The Rock and Roll Circus* ficariam engavetados pelos próximos 28 anos, tornando-se os Manuscritos do Mar Morto dos documentários da década de 1960.

A filmagem de *Performance* também chegou ao fim naquele inverno sem grandes expectativas após uma recepção definitivamente dividida em uma exibição privada para o conselho diretor da Warner Brothers, que financiava o projeto. Já nos créditos de abertura, que tinham como fundo cenas perturbadoras de sadismo homoerótico (introduzindo a fluidez de gêneros sexuais e decadência do rock das sequências posteriores do filme), ficou claro que aquela não era exatamente a "versão dos Stones de *A Hard Day's Night*", como dizia um memorando inicial do estúdio. Há relatos de que um executivo idoso sentiu-se fisicamente mal na pré-estreia, enquanto os outros membros da plateia "fugiram nauseados". Retratado como um deus do rock andrógino e sexualmente desenfreado, a atuação de Mick foi impressionante. As cenas de amor entre ele e Anita eram tão intensas que Keith Richards se recusou a se envolver na trilha sonora, que Mick e Jack Nitzsche tiveram que gravar usando músicos de estúdio americanos. (Keith, porém, mais tarde observaria que preencheu o vazio causado pela ausência de Anita "traçando Marianne" outra vez, e que havia sido forçado a sair correndo por uma janela do segundo andar de Cheyne Walk certa noite em que Mick chegou mais cedo das filmagens sem ser esperado.) De acordo com Donald Cammell, Jagger caiu em prantos quando o primeiro expressou reservas em relação à trilha sonora. "'Sinto muito', ele disse, 'Estraguei tudo.' Dali em diante, depois de toda a indecisão, as decisões foram tomadas como *relâmpagos*." Tom Keylock apontou que, enquanto Keith esperava dinheiro para comprar uma propriedade em Londres, ficava frequentemente hospedado na casa de Robert Fraser, na Mount Street. "Como você pode imaginar, ele não estava muito contente pelo fato de sua namorada e seu melhor amigo estarem fora, transando em um estúdio

cinematográfico a milhas de distância. Era uma reprise do triângulo amoroso do Marrocos, e Keith não gostou nem um pouco. Eu o levava até o set de vez em quando e ele nem saía do carro. Voltávamos para a casa de Bob e o escutávamos resmungar sobre Mick, Anitae Donald Cammell, que ele achava um idiota." Sentado entre os amuletos de vudu e a coleção de caveiras tibetanas de Bob numa noite chuvosa, Keith compôs a letra e a melodia de *Gimme Shelter*.

Mesmo depois de muitos cortes, *Performance* continuava sendo tão repugnante para a Warner Brothers quanto para Keith, e o filme "morreu na lata"; ele passou mais de dois anos na gaveta, tendo finalmente estreado no Public Theater de Nova York, um orfanato para filmes perdidos, em janeiro de 1971. Ele nunca teve um lançamento geral. A colagem de cortes rápidos, câmeras vertiginosas, drogas, sadomasoquismo e close-ups perturbadores do geralmente agradável James Fox transformou *Performance* em um clássico cult. Exibições noturnas do filme sofreram uma ou duas batidas. A controvérsia se arrastou por meses, com Mick tendo certa vez mandado um telegrama para os Warner, insistindo que eles o lançassem "ou o vendessem rápido, e chega de besteira", com alguns resultados trágicos ocasionais. Assim como aconteceu ao filme, muitos do elenco tiveram destinos infelizes, macabros, obscuros. A carreira de Fox sofreu um declínio vertiginoso no início dos anos 1970, depois do que ele deu um intervalo de dez anos em seu trabalho como ator para se juntar a uma seita religiosa chamada Navigators. O codiretor de *Performance*, Donald Cammell, e seu assistente técnico, David Litvinoff, que de vez em quando também cuidava dos Stones, cometeram suicídio. O objeto de atração lésbica de Anita no filme, Michelle Breton, uma jovem francesa mignon com cabelos curtos e seios desproporcionais tornou-se traficante de heroína e desapareceu no submundo de Marselha. Dada como morta por muito tempo, o escritor Mick Brown acabou por encontrá-la vivendo em Berlim. "Não fiz nada da minha vida", ela lhe disse. "Onde tudo começou a dar errado? Não me lembro. Foi algo como destino." O coadjuvante de Breton, John Bindon, foi julgado por assassinato; inocentado, ele morreria na pobreza. Mick Jagger nunca voltou a atuar tão bem. Como Fox, Jagger passou grande parte de

Performance usando cosméticos femininos e se preparando para as cenas fumando DMT, droga tão alucinógena que causa pequenas hemorragias em torno do cérebro. Tenha sido apesar dessa técnica, ou justamente devido a ela, a performance de Mick continua sendo o retrato definitivo da realeza do rock dos anos 1960, aqui capturado em âmbar, no auge da fama. Enquanto isso, para Keith Richards, o legado mais duradouro do filme está no fato de que, como ele disse a Keylock quando se dirigiam para pegar Anita Pallenberg no último dia de filmagem, "Eu amo aquela cadela, e não vou perdê-la." Em um mês, Anita estaria grávida outra vez.

No dia 18 de dezembro, 25º aniversário de Keith, ele, Mick, Anita e Marianne Faithfull pegaram um voo para Lisboa, e de lá navegaram para o Peru.[3] Os dois casais brigavam. Entre uma visita e outra ao cirurgião do navio para injeções de morfina, Anita provocava Keith sobre a paternidade do bebê que estava esperando. Embora tenha sofrido uma hemorragia grave, ela teve o bebê. Mick se misturou com os passageiros na sala comum da primeira classe com uma blusa transparente, uma apertada calça de vaqueiro vermelha e um quepe do exército boliviano. Depois de ofender também as normas de vestuário no venerável Hotel Crillon, de Lima, todos se mudaram para uma casa de praia no Rio de Janeiro, onde se juntou a eles o filho de três anos de Marianne, Nicholas, e dúzias de paparazzi. Dias depois, a unidade criativa dos Stones passava um Natal cercada das respectivas parceiras, tendo cada qual já passado a noite com ambos, uma grávida de um dos dois e a outra se recuperando de um aborto que teria sido induzido pelo uso de drogas enquanto o filho de seu ex-marido brincava aos seus pés. Astros do rock são diferentes de pessoas como você e eu.

A imprensa do Rio, regulada pelas leis contra calúnia e difamação mais frouxas do mundo, logo informava que os degenerados *turistas* instalados na cidade estavam mergulhados em drogas, sexo livre e satanismo. "Esperamos conhecer esse mago", observou Keith um tanto enigmaticamente.

Eles foram para o interior do país, tendo passado um final de semana em uma fazenda de gado onde Richards casualmente pegou a guitarra e tocou para Jagger os acordes e melodias de *Let It Bleed*. As férias da família dos Stones começavam a incorporar um tema sanguinário. Dias depois, Keith brincava com uma afinação aberta em sol e encontrou o riff de *Honky Tonk Woman*. Mick andava ao redor e começou a bater o pé, transformando a balada country em um rock dançante e ousado sobre ter transado com uma mulher divorciada em Nova York e outras aventuras românticas. De volta a Londres, eles tocaram a faixa para Gram Parsons, que disse ainda ouvir um ótimo country nela, e que deveriam chamar seu amigo, o violinista Byron Berline, no momento em que este fosse liberado do serviço obrigatório no Exército americano. Seis meses depois, Jimmy Miller gravou Berline tocando no estacionamento do estúdio Elektra, em Hollywood, onde Miller pediu a um associado que tocasse a buzina de um carro para dar mais atmosfera. Berline lembra de ter feito sete tomadas perfeitas "até que o arco escorregou e cometi um erro, e foi essa a tomada que usaram". *Country Honk*, como o número foi chamado, era ao mesmo tempo rústica e gostosa de ouvir, tão lânguida que mal parece consciente, e completamente diferente de qualquer coisa já arranjada pelos Stones. Ela foi creditada a Jagger-Richards.

O amigo dos Stones Christopher Gibbs acompanhou Mick e Marianne quando eles foram ver Stargroves pela primeira vez, "parando em vários albergues ao longo do caminho para uma afinação — um baseado aqui, uma carreira ali — e chegaram à casa para conhecer o proprietário, um sujeito pouco amigável chamado Sir Henry Garden". Embora Mick tenha adorado a fachada gótica da mansão e a propriedade imensa, ele parece não ter gostado tanto do ar geral de dilapidação. Logo, Frank Thorogood passaria muitas horas em Stargroves, fazendo reparos para "arrumá-la para revenda, e também derrubando o corredor central para poderem gravar lá". Ao longo dos anos, as vigas da mansão do século XVI seriam balançadas regularmente por músicos como The Who, Led Zeppelin e os próprios Stones — enquanto subindo o

passeio de cascalho ficava uma caravana de trailers administrada por Sir Mark Palmer, baronete e ex-pajem da Rainha que agora liderava um bando abastado de viajantes da Nova Era. Mick tolerava o uso dos fundos da propriedade como área para camping, e os moradores da vila se acostumaram à visão dos acólitos de Palmer usando túnicas de druidas na loja local para comprar papel de cigarro ou uma revista astrológica. À noite, fogueiras podiam ser vistas à distância. "Na verdade, era um lugar sinistro", lembra-se Palmer, "e Mick nunca teve a intenção de restaurá-lo e morar lá... Ela tinha grandes estábulos e todo tipo de coisa, então quando o inverno vinha e não conseguíamos mais alimentar os cavalos, nos transferíamos para dentro. Fizemos isso durante alguns invernos... Grandes massas de pessoas vindas de Londres para se juntarem a nós... Fazíamos refeições coletivas, e à noite ouvíamos música juntos e fumávamos drogas... Todos observando as estrelas, se tocando... se abraçando... sexo... A vida como deveria ser vivida. Não acho que Mick se sentia tão à vontade com isso quanto tentava parecer; Marianne sim."

O aborto de Faithfull e as várias decepções que se seguiram provocaram o início de uma grave dependência de drogas que era o oposto à sua imagem virginal do início dos anos 1960. Em pouco tempo, enquanto Jagger estava no estúdio trabalhando no novo álbum dos Stones (que também seria chamado *Let it Bleed*), Marianne fazia sexo com "Spanish Tony" Sanchez em troca de um suprimento constante de cocaína, e depois heroína. A partir daí, as coisas se deterioraram rapidamente. "Minha mãe me colocou em um hospício assim que lhe disse que eu estava me injetando", contou Marianne. "Um lugar muito barra pesada. Mick veio e me tirou de lá."

Enquanto isso, Keith Richards e Anita Pallenberg continuavam instalados no apartamento de Robert Fraser, que os produtores de *Performance* alugaram para eles muito depois de a filmagem ter sido encerrada. Em março de 1969, Keith finalmente conseguiu dinheiro o bastante de Allen Klein para dar entrada no número 3 de Cheyne Walk, uma mansão estilo Rainha Ana vizinha à casa em que o romancista George Eliot viveu e morreu — e, principalmente, na mesma rua de Mick. O proprietário era um ex-subsecretário de Estado do Partido Conservador chamado Sir Anthony Nutting, outro caso de venda do

Establishment para os Stones. Como acontecera a Redlands, a propriedade logo passou por uma reforma considerável. Enquanto Keith trabalhava em *Let it Bleed,* Anita redecorou a casa de uma forma a causar aversão até a um ministro tory. Quando Anthony Nutting passou lá casualmente para pegar suas correspondências cerca de um mês depois, teve que se sentar depois de ver o que haviam feito ao saguão de entrada. A casa onde Nutting recebera Winston Churchill para um jantar agora estava decorada como o epítome da mansão de um astro do rock, da bola espelhada no teto aos candelabros pretos e hieróglifos esotéricos pintados na grandiosa sala de recepção do segundo andar. Anita convertera a biblioteca com painéis de carvalho em uma miniatura do Casbah, com almofadas marroquinas e incensos por todos os lados. O gabinete onde representantes do governo haviam debatido a Crise de Suez em 1956 agora era ocupado por um enorme narguilé. Um zelador corcunda chamado Luigi descia e subia as escadas pintadas com motivos psicodélicos com um espelho antigo que agora era usado para cheirar cocaína, como se fosse um mordomo com uma bandeja de chá. Quando Keith e Anita estavam em casa, compartilhavam a cama da era da Regência Britânica em que ela filmara as cenas de sexo de *Performance.*

A ideia por trás da compra da casa era facilitar a colaboração criativa entre Keith e Mick Jagger, que agora morava a apenas 360 metros dali. Essa distância separava seus dois mundos. A casa de Mick tinha toques exóticos que incluíam um altar dedicado a Buda no gabinete do segundo andar, que dava para o Tâmisa, mas também cortinas de renda amarelas nas janelas, um estofado florido e revistas meticulosamente organizadas na mesa de centro. Para Tom Keylock, "O mais chocante era o quão normal ela era. A casa de Keith, em comparação, era como o set de um filme da Hammer."[4]

Bill Wyman preferiu um ambiente mais convencional, assumindo um financiamento imobiliário de 40 mil libras em Gedding Hall, uma mansão com fosso e gravura oficial perto de Bury St Edmunds, em Suffolk. Embora sua construção original date do século XIII, o refúgio rural de Wyman teve uma história moderna agitada. Bill comprou a propriedade de um homem associado aos gêmeos Kray, que fugiram para lá na noite em que mataram Jack "the Hat"

McVitie, em outubro de 1967. Havia também rumores de que o lugar era assombrado pelo fantasma de uma atriz da era vitoriana que se isolara lá quando sua carreira fracassara, e ela acabara se enforcando no quarto principal. Ao tomar posse, Bill tornou-se oficialmente Senhor da Mansão de Gedding e Thornwood. Cinco anos antes, ele ainda vivia em um quarto em cima de uma garagem de Sydenham. Enquanto isso, Brian Jones estava em Cotchford Farm, embora de vez em quando também se hospedasse em Cheyne Walk, onde Christopher Gibbs tinha um apartamento. "Era um pesadelo", lembraria Gibbs, que gostava muito de Jones. "Brian aparecia e criava um verdadeiro caos, fazendo buracos com fogo nos lençóis. Eu ficava ansioso por me livrar dele." Charlie Watts continuava na zona rural de Sussex com a esposa e a filha pequena. Mais tarde naquela primavera, o magnata do cinema Carlo Ponti, ainda colhendo os frutos do seu provocante estudo da década de 1960 *Blow-Up — Depois Daquele Beijo*, chegou a Londres com um roteiro "psicodélico" de ficção científica chamado *Maxigasm*, para o qual queria escalar Mick, Keith e Brian, os quais contracenariam com uma colônia de "pessoas do céu" hermafroditas, com quem fariam música e teriam vigorosas relações sexuais interplanetárias. "É claro que Charlie e eu fomos considerados heterossexuais demais para o projeto", foi o comentário de Bill. "Felizmente para nós, não era um investimento da banda."

Na verdade, nada unia mais os Stones do que suas frustrações financeiras coletivas. O ponto central de suas reclamações era que Allen Klein estava explorando-os, fazendo com que precisassem implorar por seu próprio dinheiro. No final de 1968, a euforia inicial do "Você quer — você recebe" havia desaparecido, e as relações com o "Gorducho" de Nova York viraram inimizade aberta. Há relatos de que Mick Jagger teria ficado "desesperado" quando seu irmão mais novo Chris ficou preso em Catmandu pelo não recebimento do dinheiro que deveria ter sido enviado por Klein. Mick fez uma paródia do seu empresário em uma cena apagada de *The Rock and Roll Circus*. Não muito depois, os Stones seriam regularmente ameaçados de despejo do seu escritório e do estúdio que usavam para ensaios, e também tinham problemas para descontar cheques. Enquanto álbuns como *Beggar's Banquet* e *Let It Bleed*

revolucionavam o rock, os autores das músicas subiam as escadas de Maddox Street preocupados com as contas de gás, telefone e eletricidade. Jagger e Richards assinaram um telex que dizia: "A energia será cortada amanhã. O aluguel também está atrasado. Estamos tendo que administrar o escritório contra os seus desejos. Se quiser, por favor resolva isso." Nem esse apelo foi o bastante para convencer a presença remota de Nova York, e os Stones tiveram que recorrer a um empréstimo no seu banco da High Street. Em um memorando para a banda, Jo Bergman acrescentou: "O lance com Klein é mais que uma droga. Somos marionetes. Como vocês, ou o escritório, podem trabalhar se têm que desperdiçar tanto tempo implorando por pão? Isso nunca vai mudar até a situação ser resolvida."

Para piorar, Klein, Oldham e Eric Easton estavam numa batalha na corte por direitos de lançamento, e o juiz congelara cerca de 400 mil libras dos Stones até que um acordo fosse alcançado. Consequentemente, conseguir dinheiro estava ainda mais difícil do que de costume. Mick era forçado a continuar fazendo pressão para obter fundos para a reforma de Stargroves: Klein ignorou pelo menos oito dos seus telegramas entre o final de agosto e o início de novembro, e no final das contas, o contador dos Stones, Fred Trowbridge, teve que escrever: "Allen, que porra está acontecendo? Onde estão os cheques de Mick? Além disso, a Berger Oliver [consultores jurídicos] está gritando pelo saldo do dinheiro de Bill... E as 6 mil libras de Brian?" Depois, veio à tona que o 1 milhão de libras que Klein tirara da Decca em julho de 1965 não havia sido depositado em uma conta do grupo, como todos haviam presumido, mas em uma companhia fora do país, da qual ele era presidente e único acionista. Logo, Andrew Oldham declararia em juízo que ela havia sido usada como "um veículo para o desvio de ativos e renda" tanto dele quanto dos Stones. O juiz pareceu concordar, menosprezando o testemunho de Klein como "tagarelice de um comerciante de segunda classe". Enquanto isso, os contadores da banda haviam mandado uma carta registrada para Nova York, datada de 28 de outubro de 1968: "Temos um problema recorrente com as informações pendentes necessárias para concluir as Declarações particulares do Imposto de Renda e das Contas Conjuntas dos Stones até a presente data.

Allen, os interesses dos nossos clientes estão sendo prejudicados... Caso você não tome providências, esse problema pode ser desastroso para todos os envolvidos."

Em março de 1969, enquanto estudantes ocupavam a sede da antiga universidade de Mick para expressar sua desaprovação em relação à Guerra do Vietnã, os Stones estavam de volta ao Olympic para gravar *Let it Bleed*. A presença de Brian era esporádica. Tom Keylock presenciou uma das sessões em que o homem que chama de "gênio estúpido" da banda tocou tambores africanos em *Midnight Rambler*. "Ele levou uma eternidade", contou Keylock, que registraria a ordem precisa dos eventos em seu diário. "Primeiro, tudo foi interrompido porque Brian foi bater nos tambores, errou e caiu de costas em um amplificador, que derrubou o vizinho como numa coluna de dominós. Ninguém piscou. 'Que azar', murmurou Charlie um momento depois. 'São as cobras de novo, cara?' Na tomada seguinte, Brian derrubou uma ponta de cigarro na camisa, tropeçou no cabo de uma guitarra e bateu a cabeça em uma pilastra, o que parou tudo outra vez com um guincho." No total, foram 14 tomadas antes de Keith dizer "Foda-se" e sair batendo os pés com força para o seu Bentley. Peter Swales lembraria de Jagger ter reclamado: "Não podemos mais lidar com isso. Se Brian não tocar nada esta noite, ele está fora da banda", ultimato que o próprio Swales fez "pelo menos seis vezes".

No final, Jones se internou outra vez em uma clínica de reabilitação, agora em Priory, e acompanhado não por Suki Potier, mas por uma estudante sueca de 19 anos aspirante a dançarina profissional de discoteca chamada Anna Wohlin. Os amigos sorriam ao ver que as parceiras de Brian haviam se tornado, como bonecas russas, versões menores, ou ao menos mais jovens, do mesmo tipo básico — "todas eram idênticas a Anita", escreveu Tom Keylock em seu diário. Keylock achava que Wohlin, dotada de um espírito livre, mas veementemente contrária ao uso de drogas, seria uma presença positiva na vida de Brian, e que "Mick e Keith também faziam todas as vontades dele". Foi considerada a possibilidade de trazer Phil Kaufman da Califórnia para cuidar

de Jones em tempo integral, mas o plano não deu certo devido a vários problemas com visto e dinheiro. Keith parece ter ficado particularmente triste com os últimos eventos, e disse a Keylock que providenciasse rosas da Floricultura Chivers "sempre que Brian parecer triste". Nos meses seguintes, Keylock acumularia uma dívida enorme na Chivers.

Já Mick Jagger começava a se perguntar se ser um astro do rock era tudo que a vida tinha a oferecer. Ainda naquela primavera, ele investiu 10 mil libras numa edição britânica da *Rolling Stone*, cujo título fora escolhido por Jann Wenner em homenagem à sua banda favorita. Em 21 de março, Mick registrou o nome Trans-Oceanic Comic Company para o projeto, com sede na Hanover Square. Embora o empreendimento tenha fracassado quando Allen Klein retirou seu apoio, estava claro que Mick desejava investir em outros setores. No mesmo mês, ele se inscreveu para um teste para o papel principal no filme sobre o fora da lei *Ned Kelly*, e havia rumores de que ele seguiria Marianne Faithfull nos palcos, talvez até em uma produção de *Hamlet*. Mick também era a força motriz por trás do Rolling Stones' Mobile, com frequência consultando um livro de contabilidade em que, de acordo com Keylock, "ele mantinha um registro detalhado de cada milha rodada pelo caminhão e cada hora de uso do seu equipamento".

A percepção de que a vida como cantor de rock talvez não fosse o bastante para satisfazer suas ambições representou um divisor de águas definitivo na carreira de Jagger. Em meados de 1969, ele exercia praticamente total controle sobre as despesas corporativas dos Stones (letras com apelos de grupos políticos radicais, em particular, eram "imediatamente jogadas na lata de lixo", nas palavras de Keylock) e em breve travou relações com "Prince" Rupert Loewenstein, aristocrata bávaro amante de Mozart e presidente do banco mercantil londrino Leopold Joseph que passaria os próximos quarenta anos como consultor financeiro da banda. Loewenstein nunca ouvira uma música dos Rolling Stones quando assumiu essa posição, embora já houvesse lido — com "muita desaprovação" — o editorial do *The Times* apoiando Mick e Keith na época do seu julgamento por posse de drogas. Jagger também mantinha rédeas curtas sobre os próprios gastos. A ideia geral parecia ser a de que o

dinheiro podia acabar tão rápido quanto era ganho. “Mick”, contaria Ian Stewart, “sempre podia sentar para jantar e três horas depois lembrar de quem havia comido lagostim e quem havia comido pitu com curry”, enquanto no final dos anos 1960 Marianne Faithfull ganhava uma mesada de apenas 25 libras por semana.

Não se sabe ao certo o quanto a administração cada vez mais rigorosa dos Stones por Jagger refletia sua própria natureza e sua formação na LSE, ou até que ponto ela foi uma reação aos eventos que se desdobravam ao seu redor. Além das frustrações corporativas tanto com Klein quanto com a Decca, e da delicada situação do visto da banda, resultado dos seus problemas legais, Keith Richards agora expandia seu uso de drogas para algo que começava a se aproximar do padrão exibido na década de 1970. “Talvez o ritmo frenético da vida tenha tido alguma relação com isso”, Keith refletiria mais tarde sobre sua rotina matutina da época. “Eu tomava um barbitúrico para acordar, algum estimulante recreativo do gênero da heroína, embora tão perigoso quanto o primeiro à sua própria maneira. Esse era o café da manhã. Tuinal injetável para fazer efeito mais rápido. E depois uma xícara quente de chá, para então decidir levantar ou não. Mais tarde, talvez Mandrax ou Quaalude, [e em seguida] calmantes para aguentar o tranco... Eu usava drogas como mecanismos — [elas] facilitavam meu dia.” Não demoraria para ele se tornar dependente de heroína. Keith resolveu seu problema de abastecimento acomodando um casal de usuários registrados — e, assim, detentores do direito de uma dose regular patrocinada pelo estado — no quarto de hóspedes da sua cabana. Uma ou duas vezes por semana, o casal pegava o ônibus até Boots, em Chichester, e voltava com um saco de pílulas de heroína que, num acordo conveniente para as duas partes, dividiam com seu senhorio como pagamento pelo aluguel. Keith se encontrava em um estado tão deplorável em *Rock and Roll Circus* que deixou até Brian Jones preocupado. Brian mais tarde diria à amiga Helen Spittal que “nunca vira Keith tão drogado quanto naquele dia. E ele ficou preocupado. Ficou genuinamente preocupado. Acho que, pela própria experiência, ele via o futuro que Keith poderia ter se não tivesse cuidado”.

Keith visitou Redlands muitas vezes na primavera de 1969. Depois de três anos, o lugar por fim havia ganhado mobília completa, as pesadas cortinas marroquinas escondendo as cenas de uso de drogas e libertinagem sexual — inapropriadas para West Wittering. Keith passava horas em frente à lareira ou na varanda dos fundos, a camisa aberta como se fosse fazer uma cirurgia cardíaca, um baseado e, como de costume, uma guitarra à mão. Keylock lembraria de um dia ensolarado em que "Brian apareceu... Ele, Mick e Keith estavam lá dentro bebendo e conversando sobre tentar voltar à estrada. Não demorou muito para a conversa virar uma briga entre Mick e Brian, e em seguida Brian corria a todo vapor pelo campo gritando que ia se matar. Então, pulou no fosso. 'Foda-se', disse Keith, e ligou a televisão. No final, Mick teve que entrar na água para procurá-lo e resgatá-lo. O que ele não sabia, mas Keith e eu sim, era que Brian estava agachado em meio metro de água. Ele não poderia ter se afogado nem se quisesse. Mick não gostou. Lembro que ouvimos um bocado de 'Seu filho da mãe de merda' e 'Veja como ficou a porra da minha calça de veludo'. Ele ficou muito irritado."

As relações entre o proprietário de olhar cansado de Redlands e a comunidade local de vez em quando também eram difíceis. Um morador chamado Nick Gough, que viu o Blue Lena partindo em direção a Londres, lembra de tê-lo observado com grande interesse, entre outras coisas porque o carro era do mesmo modelo que o usado pelo Lorde Tenente de Sussex, que acabara de fazer uma visita à região. Gough se esforçava para enxergar através do vidro fosco quando Anita colocou a cabeça para fora da janela e gritou "Cai fora!" antes de acrescentar o que Charles Keelei teria chamado de "um gesto de despedida com dois dedos". De repente, ocorreu a Gough que talvez o Bentley, afinal de contas, não estivesse em serviço oficial, mas ele não guarda nenhuma mágoa de Keith e Anita. Passados 25 anos, um dos melhores amigos de Gough escreveria uma carta em nome do Conselho de West Sussex pedindo financiamento para salvar o museu da vila. O comitê perguntava se cada residente local podia ajudar com a doação de 30 libras. Sem problemas, disse Keith, e fez um cheque de 30 mil libras.

Ry Cooder voltou a gravar com os Stones em maio de 1969. Mais tarde, ele reclamaria que a banda "não estava se saindo bem, mas só fazendo besteira no estúdio. Havia algumas pessoas muito estranhas no local, mas a música não ia a lugar algum. Quando os ensaios eram interrompidos, eu começava a tocar minha guitarra. Keith Richards saía e não voltava, [mas] as fitas continuavam gravando" — o que mais tarde rendeu o álbum cult *Jamming with Edward*. Durante algum tempo, pelo menos, Cooder foi considerado para substituir Brian Jones, e Tom Keylock mais tarde ouviu "Mick, de sua forma indireta, perguntar a Eric Clapton se ele tinha algum plano." Por acaso, Clapton na época estava formando o Blind Faith, e declinou da oferta. (Depois, Mick telefonou para um jovem guitarrista boa-vida chamado Ron Wood, do Faces. O baixista da banda, Ronnie Land, atendeu ao telefone e recusou a oferta educadamente em nome de Woody.) Keith voltou no momento em que Cooder saiu, produzindo ondas de energia no restante das sessões de *Let it Bleed*. Os Stones gravaram as faixas básicas de *Monkey Man* e *Jiving Sister Fanny* (que acabou sendo deixada de fora) em uma tomada. Em seguida, veio uma versão fluida brilhante de *Love in Vain*, de Robert Johnson, estranhamente creditada como "Canção Tradicional". A guitarra de Keith foi derrotada e partida ao meio no clímax de *Gimme Shelter*. O restante da música foi bem, embora os problemas na produção e as alterações na equipe de músicos tenham mantido a banda no Olympic até a metade de junho. Na última noite, num momento Cinderela no estúdio deserto depois que o álbum básico havia sido concluído e o equipamento estava sendo recolhido, Keith virou-se para Ian Stewart no momento em que este levantava um amplificador nos ombros largos. "Isso foi muito maneiro, cara", ele riu. A resposta de Stu é um clássico da cortesia e do tato. "É, estou feliz por ter participado do show."

Enquanto isso, Mick dividia seu tempo entre organizar as finanças dos Stones e se estabelecer no topo da lista "A" para festas e pré-estreias. Jack Nitzsche lembraria de "Jagger aparece[ndo] na Royal Opera House no assento traseiro de um carro esportivo conversível amarelo dirigido por um acompanhante, cigarro em uma mão e um drinque sem nenhuma gota derramada na outra... Mais tarde, todos foram para um restaurante, e Mick

imediatamente partiu. Acho que ele só queria fazer uma grande entrada." Mas um dos objetivos de Jagger não foi alcançado quando a Decca lançou e depois retirou de circulação o compacto de Marianne Faithfull *Sister Morphine*, ao que parece chocada depois de descobrir que a música era sobre drogas. Ainda chateado com a longa e infrutífera saga sobre a arte de capa do *Beggar's Banquet*, Mick ficou furioso com a última demonstração de censura corporativa, garantindo que ela representava o fim da associação dos Stones ao selo. Ele permaneceria sinceramente leal a Faithfull e suas ambições musicais até o fim do seu relacionamento de quatro anos. Talvez Mick não tenha se submetido ao ideal monogâmico, mas "ninguém sabotaria a carreira de Marianne enquanto ele estivesse por perto", observou Keylock.

Com o tempo, vários projetos extracurriculares dos Stones chegariam ao fim com frustrações semelhantes. Bill Wyman foi forçado a mandar um telegrama para Klein dizendo "The End está cheio de aguardar o lançamento do seu disco e as promessas que você fez a eles", enquanto até o cordial Charlie queixava-se da demora para o lançamento de um álbum de jazz que produzira para a People Band. O próprio Charlie nunca recorreu a ameaças, mas Peter Swales mandou um telex a Klein em seu nome: "Ele me pediu para fazer o que pudesse para conseguir que [o álbum] seja lançado... Charlie não recebeu nenhuma satisfação... A esta altura, ele ficaria feliz só em receber os custos de volta. Ele não espera, honestamente, nenhum número de vendas considerável. Na verdade, as pessoas podem até dizer que é uma porcaria. Mas se lembre de que há um grande mercado para esse tipo de coisa na Alemanha." Jo Bergman, por sua vez, mandava mensagens diárias perguntando sobre a gravação de Brian Jones dos músicos Jajouka. "Elektra quer o álbum de Brian. O que está acontecendo? Brian histérico."

Em pouco tempo, os vários problemas de saúde de Brian o convenceram de que ele podia morrer antes do lançamento do disco. Quando um de seus heróis, o saxofonista americano de jazz Coleman Hawkins, se foi prematuramente em maio daquele ano, Brian disse a amigos como os Korner e os Perrin que o fim estava próximo, e começou a se preparar e à família para isso. "Estou organizando tudo para vocês", ele informou calmamente aos pais

quando eles passaram o final de semana de 24-25 de maio em Cotchford Farm, enquanto espalhava sua coleção gigantesca de fotografias, recortes de jornal, lembranças de turnês, contratos e cartas de fãs, com coisas datadas até de 1961, sobre a mesa de café da manhã de carvalho. Ele passou o final do inverno e o início da primavera tentando discretamente convencer Lewis e Louisa Jones a se mudarem para um apartamento reservado a funcionários na propriedade, oferta que os dois recusaram educadamente. Frank Thorogood recordar-se-ia de como os pais de Brian haviam examinado a exposição de suas coisas sobre a mesa da cozinha com um misto de orgulho e apreensão crescente, e de como mais tarde Brian diria que eles "não fazem ideia". Jones também começou a planejar seu funeral em detalhes, dizendo várias vezes a Thorogood e Tom Keylock que queria ser "enterrado, não cremado", e especificando um canto tranquilo no jardim de Cotchford, perto de uma das estátuas do Ursinho Pooh, para o enterro. Keylock lembrou que ele havia até mesmo falado sobre o caixão ("o forro tinha que ser ou de cetim ou de seda num tom preciso de azul") que queria para a ocasião, pois havia "se apaixonado por" aquele estilo em particular ao passar por uma funerária em Nova York anos antes. Aos 27, Brian não achava nada disso mórbido.

Dois dias depois de ter visto os pais pela última vez, Brian fez sua última contribuição gravada para os Stones. Sentado a um canto sozinho, ele gravou alguns acordes pungentes em *You Got the Silver*, a bela música de Keith para Anita. "É justo dizer que Brian estava muito deprimido", refletiria Thorogood. "Para um homem tão arrogante, ele tinha inseguranças e medos tremendos. Ao mesmo tempo que era um grande astro do rock, ele também era um bom garoto de Cheltenham, e apesar de tudo que você possa ter lido mais tarde, eu gostava muito dele. Quando você estava sozinho com Brian, com uma garrafa de vinho, ele era só um garoto tímido que tinha a língua presa. Sempre perguntando sobre a sua família. 'Ah, Frank, você devia trazer sua filha aqui', esse tipo de coisa. Lembrava do aniversário de todo mundo. Uns pedreiros durões do sul de Londres vieram preparados para odiá-lo, e todos foram embora achando que ele era o cara mais legal do mundo": não parecem as

palavras de alguém que seria capaz de, semanas depois, atacar Brian com uma ira homicida.

No dia 28 de maio, Mick Jagger e Marianne Faithfull foram visitados em Cheyne Walk pelo Sargento Detetive Robin Constable e meia dúzia de colegas. Constable era o mesmo policial que havia dado uma batida na casa de Brian um ano antes. Os relatos sobre o que aconteceu em seguida variam. "Não tive chance de dizer nada", queixou-se Jagger. "Um dos policiais colocou a mão na minha boca, outro colocou o pé na porta, e os outros foram invadindo" — embora em um depoimento posterior no tribunal Mick tenha dito ter "visto a polícia na rua e entrado em casa por uma janela gritando 'Marianne, Marianne, não abra a porta! Estão atrás da erva!'." Mas o pessoal do departamento de narcóticos entrou mesmo assim, empurrou Mick para a sala de jantar e, minutos depois, voltou com uma caixa pequena de um Cartier, que antes continha uma coleção de conchas da praia de Margate, mas agora continha pó branco. Mick e Marianne foram levados para a delegacia de Chelsea, acusados por posse de drogas e liberados sob uma fiança de 50 libras cada. Mick mais tarde diria em uma entrevista que havia sido convidado a pagar "umas mil" para que as provas fossem perdidas. O Sargento Constable entrou com um processo por calúnia e difamação, mas acabou retirando-o.

Mais tarde, trinta anos depois, o Arquivo Nacional Britânico liberou detalhes da investigação interna da Polícia Metropolitana sobre a ocasião. Embora não revelem exatamente quem estava dizendo a verdade, eles oferecem um vislumbre do choque de culturas do final dos anos 1960. De acordo com os arquivos, "tanto o senhor Constable quanto o senhor Jagger examinaram o pó quando da sua descoberta. O último tocou-o com o dedo, que lambeu. 'Eu não saberia dizer qual é a aparência da heroína', ele disse, 'mas, para mim, isso parece talco.'" Robert Huntley, comandante da unidade de queixas da Polícia Metropolitana, resumiu o caso da seguinte forma: "Os particulares entrevistados durante o curso deste inquérito representam dois lados extremos da sociedade. De um, respeitados oficiais responsáveis pela lei e figuras públicas, enquanto do outro está a escória da sociedade. É interessante observar que aqueles que se dispõem a fornecer provas em primeira mão a favor das

alegações [de Jagger] pertencem à parte mais baixa da escala, sendo usuários de drogas ou astros do pop." (Em uma das cópias do relatório, alguém não identificado fez uma correção nesse trecho, acrescentando: "Qual é a diferença?".) Apesar das "evidências muito convincentes de que o senhor Constable agiu de forma apropriada no caso", chegou-se à conclusão de que seria melhor transferi-lo para a Polícia de Surrey, tirando-o para sempre do caminho dos Rolling Stones.

Duas noites depois, um jovem guitarrista vegetariano e abstêmio chamado Mick Taylor recebeu um telefonema de Keith Richards. O telefonema foi surpreendente de várias formas diferentes. Nascido e criado em Hertfordshire, Taylor era filho de um montador de uma indústria de aeronaves, e, assim, mais da "classe trabalhadora" do que qualquer um dos Stones, talvez com exceção de Charlie Watts. Ele nunca estivera no exterior. Mal estivera em Londres. Porém, tocava guitarra desde que tinha 8 anos. Em 1965, aos 16, Taylor assistira a um concerto dos Bluesbreakers de John Mayall perto de sua casa em Welwyn Garden City. Como o guitarrista de apoio de Mayall, Eric Clapton, não apareceu (ele seria encontrado em uma praia na Grécia), Taylor timidamente ofereceu seus serviços para a noite. Dali a 18 meses, ele era um integrante oficial da banda de Mayall e atraía a atenção de todos pela sua execução melódica enraizada no blues, que podia ser tanto breve e econômica quanto se aventurar em instrumentais de jazz prolongados. Em pouco tempo, Mayall foi altruísta o bastante para recomendá-lo aos Stones. Taylor era apenas um colegial de 13 anos quando a banda estreara no Marquee, e tinha só 14 anos quando eles alcançaram seus primeiros sucessos. Ele nunca havia comprado sequer um disco dos Stones nem assistido a um show da banda; preferia os Beatles. Mesmo agora, com 20 anos, Taylor parecia quase jovem demais, espreitando as pessoas com olhos azuis penetrantes de uma aura de penugem loira.

Tom Keylock estava presente para testemunhar a chegada tarde da noite do guitarrista ao Olympic. "Já havia uns seis músicos de estúdio fazendo o teste. O problema era que todos esses outros caras estavam tentando tocar como achavam que os Rolling Stones tocavam, e não o que eles mesmos tocavam.

Assim, depois que todos os clones de Keith haviam saído, Taylor ligou a guitarra e imediatamente começou a arrasar com uns solos latinos selvagens que soavam totalmente diferentes de qualquer um dos Stones, inclusive Brian. Olhei para Jagger, e ele estava de boca aberta. Quero dizer, ele estava *extasiado*." O primeiro trabalho de Taylor foi fornecer fills lentos e delicados para os golpes em staccato de guitarra de Keith em *Live with Me*, que gravou com leves pancadas de seus dedos ossudos e delicados. Ninguém nunca havia esculpido sons como aqueles com tanta facilidade em um disco dos Rolling Stones. Era irresistível.[5] "Achei que todos eles eram um pouco vaidosos e cheios de si", lembra-se Taylor sobre sua primeira sessão com os Stones. "Eu disse a Mick e Keith 'Se vocês vão ficar aí sentados fazendo bobagem vou para casa. Tenho mais o que fazer.' Disse-lhes que me telefonassem se quisessem fazer alguma outra coisa."

Na noite seguinte, os Stones mandaram um carro com chofer para buscar Taylor. "Não fiquei nada impressionado com tudo aquilo, e acho que eles meio que gostaram da minha atitude." Quando chegou ao Olympic, Taylor se deparou com uma cena representativa do grupo: Ian Stewart encostado no equipamento, Bill e Charlie sentados com os respectivos instrumentos, trocando escores de críquete preguiçosamente, e Mick a um canto dando uma entrevista ao *International Times*. Enquanto a banda relaxava, carreiras inteiras começavam e chegavam ao fim. Keith chegou horas atrasado. Com os olhos visivelmente pesados, pegou sua Fender, exalou uma nuvem de fumaça e, depois que Stu refrescou sua memória ao piano, tocou o riff de *Honky Tonk Women*. Charlie iniciou um padrão de bateria (uma fração fora de sincronia, e melhor ainda por isso) e Jimmy Miller pegou a batida com um cowbell. Os vocais cheios de ruído de Jagger, depois metais e mais guitarra aguda. Como todos os verdadeiros originais, *Honky Tonk Women* tinha um passado do qual se despedia, mas que também homenageava. Suas raízes eram uma fusão das novas afinações country de Richards com uma releitura de *I Heard it through the Grapevine*, feita em torno de uma pegada James Brown. Keith e Charlie são os responsáveis pelo sincopado ágil e por um ouvido igualmente inteligente para um gancho infalível, conduzindo a música a um final gritado e orgástico.

Mick Taylor estava lá, e achou que aquele era o melhor compacto já gravado. *Honky Tonk Women* era o paraíso do rádio, uma colagem de ideias clássicas do pop compactadas em exatos três minutos.

No dia seguinte, Mick e Keith ofereceram um emprego a Taylor.

7 de junho de 1969: Keith Richards arruinou sua Mercedes conversível personalizada (um tanque nazista remodelado) ao fazer uma curva fechada saindo de Redlands a 110 km/h. O carro rodopiou no ar duas vezes, lançando Keith para fora. Ele saiu ileso. Grávida, Anita quebrou a clavícula e ficou com cortes e hematomas. Fora isso, ela e o bebê estavam bem. Spanish Tony Sanchez ajudou Keith a remover "sacos de heroína, cocaína, maconha e ópio" do porta-luvas, escondendo-os nos galhos de um carvalho ali perto, e foram para o hospital de Chichester. O esquadrão antidrogas esperava-os quando eles foram liberados. Vários Stones e respectivas mulheres já começavam a se tornar íntimos dos responsáveis locais pela lei. O primeiro policial a entrar na sala de interrogatório de Chichester, depois de dirigir um olhar pouco amigável a Richards e Pallenberg, ambos ainda cobertos por sangue, disse: "Conheço vocês — fiz a batida na sua espelunca." Uma "revista nas cavidades" encontrou três seringas descartáveis e meia dúzia de frascos nas roupas de baixo de Anita. Ela não conseguiu convencer os tiras de que eles continham apenas "vitaminas". Mais tarde, Keith e Tony Sanchez removeram discretamente as drogas do carvalho.

No dia seguinte, Keith ficou das 14h às 19h mixando *Honky Tonk Women*, e depois, juntamente a Mick e Charlie, foi até Cotchford Farm. Brian vinha bebendo a noite toda e esperava por eles. Alexis Korner o visitara no início da semana, e ficara chocado com a aparência do famoso dândi: Brian havia engordado, e Korner lembraria dele sentado depois de uma refeição com seu violão, esparramado na sala de jantar "como um queijo envelhecido." Brian falava dos Stones e de Anita constantemente.

Keith Richards: "Tivemos que ir até lá e dizer a ele diretamente 'Ei, meu velho, você está despedido.' Porque não tinha jeito de irmos para a estrada com

Brian. O fato de que ele já esperava por isso facilitou as coisas. Ele não ficou surpreso. Não acho que ele sequer tenha entendido direito. Ele já estava na estratosfera. Falou algo do tipo: 'Tudo bem, cara.'" Jones ainda estava consciente o bastante para lembrar aos visitantes que fora ele quem tivera a ideia para o nome "Rolling Stones", mas depois de dizer isso concordou com um argumento sobre "diferenças musicais", eufemismo popular na época para a atmosfera de desprezo mútuo que caracterizou muitas separações de grupos do pop. "Aceito o que quer que vocês queiram fazer", Brian acrescentou. Ele recusou-se, porém, a compartilhar um baseado para selar uma separação sem ressentimentos com os velhos companheiros, insistindo que queria "ficar limpo". Ao fim da reunião, Frank Thorogood desceu do apartamento no topo da casa. Ele se lembraria para sempre de Jones de pé na porta da frente, despedindo-se alegremente dos Stones, sorrindo e acenando até terem desaparecido na esquina antes de caminhar lentamente até a varanda que dava para a piscina. A princípio, Brian parecia "quase sorridente", como se tivesse achado a visita engraçada. "Mick ficava falando de como outro julgamento poderia acabar com as nossas chances de voltar aos Estados Unidos... Não fui só *eu* quem foi preso", ele observou com razão. Mas Thorogood aprendera a se ajustar às mudanças de humor do patrão. Depois de mais alguns uísques, Jones parecia ter entrado numa espécie de pânico. Ele passou um tempo sentado em silêncio, observando a água desaparecer na noite. Depois, seus lábios se moveram de forma quase imperceptível, e ele falou tão baixo que Thorogood teve que se esforçar para ouvi-lo a menos de um metro de distância.

"Filhos da mãe", ele disse.

Na sexta-feira, 13 de junho, os primeiros de duzentos jornalistas estacionaram ao lado de uma área cercada por cordas na extremidade sudeste de Hyde Park. Lá, encontraram um caloroso Jagger e um drogado Richards, que anunciaram tanto o nome do seu novo integrante quanto a data — sábado, 5 de julho — do maior concerto já realizado. Os Stones estavam de volta: era oficial.

Os dois Micks, Keith, Bill e Charlie se prepararam para o evento em uma semana de ensaios noite adentro no estúdio que os Beatles agora tinham no porão do seu escritório em Savile Row. "Eu não conseguia acreditar", diz Taylor, cuja desilusão profissional veio sem demora, "porque havia uma diferença tão grande entre como os Stones soavam nos álbuns e como eles soavam ali. Tudo estava desafinado, sujo... A magia se devia em sua maior parte aos responsáveis pela produção. Tínhamos Jimmy Miller e músicos excelentes, como Nicky Hopkins e Billy Preston". Sem isso, eles soavam como qualquer velha banda de blues de Camden Town." Mick Jagger, e depois também Marianne Faithfull, preparavam-se para seus papéis em *Ned Kelly*, que seria filmado na Austrália. Bill estava preocupado com a reforma de sua casa, e Charlie chateado tanto com a saída de Brian quanto com as últimas manchetes "Stone Preso", que haviam levado seu pai e sua mãe a lhe telefonarem, e falava em sair dos Stones para se juntar a uma banda de jazz. Como sempre, todos estavam com problemas financeiros. Brian recebera a oferta de um acordo que lhe renderia 20 mil libras por ano enquanto os Stones durassem. Mick Taylor estava recebendo 120 libras por semana, o que era melhor do que o auxílio desemprego, mas ainda assim o equivalente ao salário de um professor da zona rural, e Keith estava ocupado enviando um telex para o escritório de Allen Klein em Nova York: "Me prometeram 55 mil libras, e quero recebê-las no máximo na terça-feira. Dê um jeito. Nenhuma, repito, *nenhuma* justificativa será aceita por qualquer demora." "Também vou receber as 72 mil libras para os reparos da minha casa de campo?", Mick queixou-se em um pós-escrito.

Quarta-feira, 2 de julho. De volta a Cotchford, Brian Jones passou a tarde e a noite com dificuldade para respirar por causa de uma crise de asma, se automedicando com seu inalador e várias garrafas de vinho Blue Nun. Frank Thorogood e sua namorada, Janet Lawson, enfermeira, passariam a noite no apartamento no topo da casa. Por volta das 21 horas, Brian bateu na porta e perguntou se eles gostariam de se juntar a ele e Anna Wohlin para um drinque à beira da piscina. Ao contrário do que seria reportado, não havia mais pedreiros, ex-funcionários irritados ou misteriosos matadores de aluguel escondidos no local. Se Jones e Thorogood discutiram, como foi argumentado,

nem Lawson nem Wohlin na época se lembraram de mencionar isso em seus longos interrogatórios. É verdade que Brian muitas vezes era um misto de elegância e caos, mas ninguém que o tenha visto naquela noite quente de verão disse que seu estado ia além de uma leve embriaguez. Anos depois — 21, para ser preciso — Thorogood me contou que relatos de que Jones acabara de demiti-lo e/ou lhe devia dinheiro, o que contribuíra para tornar as relações entre os dois mais tensas e o levara a afogar Brian, não passavam de "Besteira... Em primeiro lugar, eu estava recebendo diretamente do escritório dos Stones, e não do bolso de Brian, então nunca tive nenhum problema em relação a isso. E, em segundo, eu estava trabalhando [para Brian] no máximo dois dias por semana, além de restaurar a casa de David Bailey em Regent's Park e fazer mais uma dúzia de outros trabalhos. Naquela época, eu tinha mais trabalho do que precisava. Por mais que eu gostasse de Brian, ele era só mais um cliente de meio período."

O que Thorogood mencionou, entretanto, foi que na manhã de 2 de julho ele havia ajustado o termostato da piscina de Jones para "algo entre uns 25 e 30 e poucos graus" — a polícia averiguaria que havia sido 33 ºC — "depois que Brian havia reclamado que 'estava frio pra cacete' na noite anterior". Assim, a temperatura da água estava próxima da de um banho quente. É verdade que, em circunstâncias normais, Jones nadava muito bem, e certa vez impressionara os colegas de banda ao se aventurar em meio às ondas gigantescas de Fiji enquanto os outros Stones observavam nervosos da praia. Todavia, devemos levar em conta que Brian vinha bebendo vinho constantemente, em seguida tendo tomado algumas doses duplas de uísque, o que lhe rendera um nível de álcool no sangue equivalente a 2,2 mg por ml, ou três vezes o atual limite para dirigir no Reino Unido, além de ter tomado Mandrax e Tuinal no final da tarde e no início da noite de 2 de julho. Parece também justo dizer que sua condição física de modo geral havia se deteriorado consideravelmente desde que, sete anos antes, ele pegara o telefone com a *Jazz News* na linha e casualmente escolhera o nome da sua nova banda. Como dizia o relatório do legista, Jones agora sofria de "disfunção hepática devido à esteatose em estado avançado", além de estar com o coração muito grande, princípio de pleurisia e

asma — o que não era o melhor estado de saúde para dar um mergulho numa piscina de água quente tarde da noite. Apesar de todos os rumores sobre a morte de Brian, que continua alimentando a imprensa e vendedores de teorias da conspiração até hoje, o veredito mais plausível continua sendo o oficial: um acidente, como tanto o inquérito do legista quanto a investigação particular dos Stones concluíram na época.

Seja qual for a verdade sobre o envolvimento de Frank Thorogood, se é que ele teve algum, é difícil pensar em como ele poderia lucrar com os eventos daquela noite de verão; o escritório dos Stones dispensou seus serviços uma semana depois, e à medida que todos os seus outros trabalhos evaporavam com os rumores insistentes sobre o seu papel na morte de Brian, Thorogood se endividava e tinha a saúde cada vez mais prejudicada. Ele morreu aos 67 anos em outubro de 1993.

Depois do seu sexto ou sétimo uísque da noite, Jones — "parecendo ansioso para se ocupar com alguma coisa", segundo Janet Lawson se lembraria — sugeriu um mergulho. Com base nos sons de uma luta transmitida pela televisão que podiam ser ouvidos através das portas francesas, acredita-se que isso ocorreu por volta das 23 horas. Todos concordam que Brian andou cambaleando até a ponta da plataforma de mergulho e se atirou na água. Seus dois cães de caça afegãos, o principal sistema de segurança da casa, começaram imediatamente a latir como se para avisar que algo estava errado. Frank Thorogood parou no meio do processo de trocar de roupa para vestir uma sunga e "meio que correu, meio que pulou" até a beira da piscina. Mas quando Brian voltou à tona para respirar, ele estava rindo, e, nas palavras de Janet Lawson, como citado no relatório policial, "começou a nadar alegremente". Thorogood juntou-se a ele na água e as duas mulheres voltaram para casa, levando os cachorros consigo. Um minuto depois, a televisão foi desligada. Lawson também observou, em sua opinião médica, que "Frank e Brian não estavam em condição de nadar... Quis me afastar [d]eles". O próprio Thorogood lembraria de ter ouvido Brian murmurar baixinho "Amo este lugar"

— suas últimas palavras — e depois se virar para flutuar silenciosamente no lado mais fundo. Naquela hora, o jardim estava em total silêncio, coberto por uma névoa, as nuvens tocando a piscina como um líquido, a superfície da água lhes servindo de filtro. Ao seu redor, as estátuas do Ursinho Pooh desapareciam rapidamente. Os dois começaram a boiar sem conversar, e assim passaram cerca de 20 minutos. Thorogood recordar-se-ia de como a cena foi gradualmente assumindo uma tonalidade sinistra, como se tudo ao redor dos dois tivesse desaparecido, deixando apenas um trecho iluminado de água. Quando ele anunciou que estava entrando, Brian mal murmurou alguma coisa. Era meia-noite.

Cinco minutos se passaram até que Thorogood tivesse percorrido os 18 metros até a casa, se secado e acendido um cigarro. Neste momento, o telefone tocou, o que não era uma ocorrência incomum àquela hora em Cotchford, e Janet Lawson desceu as escadas para perguntar onde Brian estava. Sem esperar por resposta, ela passou por Thorogood, que parecia "suado" — ou, talvez, apenas ainda estivesse molhado — e correu até o jardim. Os que estavam dentro da casa ouviram um grito. Então, Thorogood e Wohlin correram para a varanda que dava para a piscina. Brian boiava com o rosto para baixo, os braços e pernas esticados, formando uma cruz, os cabelos flutuando como algas. Na terceira tentativa, Thorogood conseguiu tirá-lo da água e colocá-lo deitado de costas na grama. Anos mais tarde, Wohlin lembrava de como Brian pareceu apertar sua mão quando ela examinou seu pulso. Entretanto, ele não recobraria mais a consciência. Meia hora depois, ele foi declarado morto no local pela polícia.

Os Stones estavam no Olympic, brincando com uma música de Stevie Wonder chamada *I Don't Know Why*, quando o telefone tocou.

Keith Richards: "Estávamos em uma sessão e alguém nos telefonou à meia-noite e disse 'Brian está morto'. O que diabos está acontecendo? Não sei, cara, não sei o que aconteceu naquela noite. Se era para alguém matar Brian, esse alguém era eu." Richards depois observaria que ficou mais chocado do que

surpreso com a notícia. Em 2002, quando a *Rolling Stone* perguntou a Keith de quem ele sentia mais falta entre os amigos e colegas que haviam morrido ao longo dos anos, ele não mencionou Brian.

Mick Jagger convocou imediatamente Frank Thorogood para perguntar exatamente o que havia acontecido naquela noite, e, ao menos a princípio, parecia inclinado a acreditar na teoria de que Brian estava deprimido e havia se suicidado de alguma forma, como já ameaçara tantas vezes antes. Charlie Watts descartou todas as teorias de conspiração antes mesmo de começarem a surgir. "Acho que ele teve uma overdose. Ele tomava muitos calmantes, era disso que gostava, e bebia, e acho que a piscina estava quente demais." Anos depois, Mick pareceu ter chegado à mesma conclusão quando disse: "Brian se afogou na piscina dele. O resto são pessoas tentando ganhar dinheiro."

Depois que receberam a notícia, passadas 12 horas, os Rolling Stones tocavam *Honky Tonk Women* no *Top of the Pops*. Nos bastidores, um repórter da BBC com uma equipe de filmagem se apresentou com a observação provocativa: "Com licença, senhor Richards. Como você pode continuar diante das circunstâncias?" Keith supostamente teria agarrado o homem pela gravata, depois o teria erguido e jogado contra uma parede. O novo compacto foi lançado no dia seguinte: o riff irregular de Keith e a batida clássica de Charlie fizeram dele o maior sucesso dos Stones até então. Mick Taylor estava na banda havia apenas um mês, e já passava por mais dramas do que em seus três anos anteriores como músico. Observando Bill e Charlie andarem de um lado para outro no escritório da Maddox Street, gritando palavrões e chorando, Taylor teria "uma sensação de inevitabilidade, como se todos meio que já estivessem esperando acontecer."

Dois dias depois, Taylor fez sua primeira apresentação ao vivo com os Stones, um concerto para 300 mil pessoas no Hyde Park. O palco era dominado por um cartaz enorme de Brian Jones com um olhar embriagado. Mick Jagger se apresentou com um vestido branco, jogou beijos das pontas dos dedos e se dirigiu à multidão: "É isso aéééé... Ok, agora ouçam... Vocês podem se *acalmar* por um momento?... Porque eu gostaria de dizer algo sobre Brian... E eu ficaria feliz se vocês prestassem atenção ao que vou dizer. Na verdade, não

sei como fazer isso" — uma conclusão à qual a maioria já havia chegado — "mas vou tentar... Espero que vocês possam apenas se acalmar antes de começarmos... Eu realmente ficaria feliz se pudesse dizer apenas algumas palavras sobre o que sinto em relação a Brian... e tenho certeza que vocês também... o que sentimos sobre ele ter simplesmente *partido*" — aqui, a mão de Jagger flutuou no ar — "quando não esperávamos... ok?"

Então, Mick pegou um livro e leu algumas linhas de *Adonai*, de Shelley. Em um concerto de retorno de rock, que já parecia estar saindo fora de controle, ele começou a levantar e baixar o pé nos últimos versos. Ao fim do recital, Tom Keylock e sua equipe apareceram com caixas de papelão na lateral e soltaram 2 mil borboletas, enquanto outras centenas caíam no chão depois de terem perecido no confinamento. Com isso, Mick gritou, pulou, e, o que significava uma das rápidas mudanças de humor que compõem o tema recorrente de sua carreira, balançou-se energeticamente diante da plateia antes dos primeiros acordes de *I'm Yours, She's Mine*, de Johnny Winter. Keith produziu alguns fills serpeantes no estilo Nashville, mas o anticlímax veio rápido: na metade do número de abertura, todos estavam desafinados. Jagger cantou a música seguinte agachado, o microfone entre as coxas — forma estranha de homenagear um colega morto. Depois, um grupo que o comunicado à imprensa de Les Perrin chamou de "dançarinos e guerreiros tribais especialmente trazidos da África do Sul" se juntou aos Stones para uma versão estendida de *Sympathy for the Devil*, até que Mick passou o dedo pela garganta da forma tradicional, e os Zulus saíram para esperar pacientemente que Tom Keylock os levasse para casa em Brixton.

Durante o concerto, 425 desmaiaram por causa do calor. Não houve tumultos públicos significativos. Após uma hora, os Stones se retiraram para uma festa combinada a uma reunião de negócios com Allen Klein no hotel localizado nas proximidades, Londonderry House. Sem o conhecimento de Klein, Jagger já estava negociando com o polido banqueiro de 36 anos Rupert Loewenstein para que este assumisse o controle das finanças dos Stones. O contrato original de sete anos da banda com a Decca expiraria em maio de 1970, e depois de ter se cansado da lentidão da contabilidade do "Gorducho",

Mick agora queria lucrar com isso. Antes do concerto, Tom Keylock viu-se sozinho no elevador do hotel com Allen e aproveitou a oportunidade para lhe dizer: "Você deixou essa banda apodrecer." "É um negócio podre", respondeu Klein, ao que parece nem um pouco abalado pela acusação. Keylock depois descreveria os últimos empresários dos Stones respectivamente como "um campeão da Crufts[6] e um pit-bull."

Cinco dias depois, Brian Jones foi enterrado em Cheltenham. Keylock tomou todas as providências, perdendo no debate sobre o local de descanso de Brian para os seus pais, mas tendo conseguido trazer o caixão de forro de seda azul de Nova York. Mais de seiscentas pessoas se reuniram do lado de fora da paróquia onde Jones cantara quando criança. Entre os presentes, Charlie, Bill, Stu, Frank Thorogood e várias ex-amantes com filhos de Brian. Entre os que não compareceram, Keith Richards, Anita Pallenberg e Andrew Oldham.

Mick Jagger e Marianne Faithfull já estavam em Sydney se preparando para seus papéis em *Ned Kelly*. Nos seis meses anteriores, Mick passara cada vez mais tempo tanto gravando com os Stones quanto se encontrando com a cantora negra americana de 22 anos Marsha Hunt, que ele apelidou carinhosamente de "Fuzzy-Wuzzy",[7] enquanto em Cheyne Walk sua "senhora" sucumbia gradualmente à dependência de heroína. Jagger e Hunt tiveram uma filha em novembro de 1970. Depois de refletir durante o voo para a Austrália, Marianne deitou ao lado de Mick, que dormia, na suíte do casal no hotel, e tomou 150 calmantes Tuinal, quase quatro vezes a dose fatal mínima. Ele a salvou. Seis dias depois, ela acordou no hospital e disse a Mick: "Eu estava em um lugar cinza, parado, de clima incerto. E Brian Jones estava lá."

De volta a Cheltenham, o cônego Hugh Hopkins fez uma prece pela recuperação de Marianne antes de dizer à congregação: "Brian não tinha muita paciência com a autoridade, as convenções e a tradição. Com isso, ele era como muitos da sua geração que passaram a ver os Stones como uma expressão da sua atitude diante da vida. Grande parte do que essa igreja antiga defende há novecentos anos é irrelevante para eles." Então, o cônego citou a parábola do Filho Pródigo, de Lucas, capítulo 15, e o telegrama que Brian mandou para os

pais quando da sua primeira prisão por porte de drogas: “Por favor, não sejam muito duros ao me julgarem.”

Quando o caixão de Brian foi baixado no túmulo (a 3 metros de profundidade, para desanimar caçadores de relíquias), uma mulher não identificada jogou uma única rosa amarela sobre ele. Vários fotógrafos se aproximaram para as últimas fotos. De todas as lembranças que Tom Keylock guardou daquele dia, nenhuma o perseguiu por mais tempo do que a de um “policial grandalhão que, no momento em que os coveiros começaram a jogar areia sobre Brian, olhou para baixo e, de repente, ficou em posição de sentido. Depois, o saudou”.

Notas

[1] Criadas nos anos 1920, essas barras de chocolate ganharam fama pelos comerciais sensuais com belas modelos. Em 2008, a cantora Joss Stone tornou-se a garota Flake. [*N. da T.*]

[2] Phil Kaufman ainda lembra de quando foi apresentado aos Stones. "Às 9 horas da manhã, saí da Prisão de Los Angeles, onde havia passado algum tempo por causa de drogas. Um amigo me pegou e disse 'Mick Jagger e Marianne Faithfull estão chegando. Eles precisam de alguém para cuidar deles'. Eu não tinha dinheiro. Por isso, não tinha sapatos. No final, fui de carona até Hollywood e bati numa porta. Jimmy Miller estava lá, com um ar muito profissional. Ele me deu uma tabela de horários datilografada. Marianne estava deitada nua em um sofá, recebendo uma massagem. Mick foi simpático. Havia um Cadillac conversível novinho em folha na entrada. Logo depois, estávamos indo para a Sunset Sound, onde saí e toquei a campainha. 'Estou com os Rolling Stones aqui', digo. 'Abram.' Eles abrem. Resolvi tudo no estúdio. Por volta das 4 horas da manhã, Mick encerrou e saiu em uma limusine para algum lugar. Ele passou por mim no corredor. Eu ainda não tinha comido desde que tinha saído da prisão, embora agora pelo menos já tivesse sapatos. Mick me olhou de cima a baixo. 'Obrigado, cara', ele disse, e me deu todo o dinheiro que tinha no bolso — uns 1.500 dólares — e as chaves para o Caddy. 'Até amanhã.' Acordei na prisão e fui dormir em uma mansão alugada pelos Rolling Stones. Esse foi o meu primeiro dia no show business."

[3] Foi durante esse cruzeiro festivo que uma passageira americana idosa que apelidaram de "Mulher Aranha" olhou para Mick e Keith com os olhos semicerrados, e disse: "Vocês são *alguém*, não são? Me deem alguma luz [*glimmer*]." A palavra pegou, e eles de vez em quando se chamariam de Glimmer Twins [Gêmeos Luz] nos próximos quarenta anos.

[4] Companhia cinematográfica britânica especializada em filmes de terror, que na década de 1960 chegou ao auge do seu sucesso com filmes como *O Fantasma da Ópera*, *O Cão dos Baskervilles* e *A Múmia*. [*N. da T.*]

[5] Seis meses depois, Bobby Keys, o saxofonista texano que passou a acompanhar os Stones desde então, entrou no estúdio Elektra em Los Angeles para gravar um solo para a mesma música, que com isso foi elevada em seu nível de rock furioso.

[6] ompetição internacional de cães realizada no Reino Unido. [*N. da T.*]

[7] Referência à sua cor e ao seu cabelo afro. [*N. da T.*]

5

Doença tropical

Cinco dias depois do funeral de Brian Jones, Mick Jagger deu ordens para a primeira turnê pela América do Norte dos Rolling Stones em mais de três anos. Allen Klein estava ocupado lidando com a separação de seu outro grande grupo inglês, os Beatles, além de estar tentando comprar uma participação majoritária na MGM, deixando grande parte das negociações para a turnê nas mãos do seu sobrinho contador de 25 anos, Ronnie Schneider. Schneider dirigira para a banda e transportara sua bagagem pelo país quando eles haviam tocado pela última vez nos Estados Unidos. Sam Cutler, mestre de cerimônias do Hyde Park que depois seria contratado em tempo integral, lembra-se de ter ido com Keith Richards até o centro de operações de Klein para uma conversa sobre a logística da turnê. Parece que a conversa não foi agradável, pois Klein finalizou a reunião gritando com os dois visitantes para que deixassem seu escritório, lembrando-lhes que portava uma arma — mas Keith também portava a sua, cravando um canivete na mesa de Klein antes de sair. Schneider presentearia os organizadores americanos com um contrato de 52 páginas que dava aos Stones um generoso cachê de 60/40 dos lucros brutos obtidos com os concertos, além de especificar que tipo de comida, bebidas e outras amenidades a banda toleraria nos camarins. Com ingressos a preços na época exorbitantes de 6,50 e 8,50 dólares, os cinco músicos e sua equipe de turnê arrecadariam cerca de 2 milhões de dólares — na atualidade o equivalente a aproximadamente 11 milhões — com sua turnê de 23 shows e 15 cidades. O dinheiro seria

depositado não na conta de Klein, mas na companhia offshore recém-fundada do próprio grupo. Pela primeira vez, os Stones também viajaram com seu próprio diretor de palco e uma equipe completa, além de terem selecionado os artistas que abririam os shows para a banda — Ike and Tina Turner, Chuck Berry, Terry Reid e B.B. King, o que já era um rol de estrelas. Cerca de cinco meses depois, Schneider se viraria para Mick Jagger em um helicóptero que atravessava uma tempestade tropical sobre um tumultuado concerto na Flórida e anunciaria: "Acredito que cada um de vocês vai levar para casa uns 100 mil mangos." "Noventa e cinco", foi a resposta imediata de Mick.

Na verdade, Jagger acabara por assumir um papel secundário durante as negociações pré-turnê, pois estava preocupado com sua atuação em *Ned Kelly*. Desde o início, as coisas não haviam ido bem para ele no sertão australiano. A produção começara com o pé esquerdo quando Mick fora recebido por uma multidão de manifestantes no aeroporto de Sydney, indignados pelo fato de que o herói fora da lei da nação seria retratado por, como diziam os cartazes, "um veadinho inglês". Depois disso, veio a overdose de Marianne Faithfull, que mais uma vez reunia as palavras "Stones" e "drogas" nas manchetes dos tabloides do mundo inteiro. Tony Richardson tirou Marianne do elenco de *Ned Kelly*, que agraciaria todas as listas de "Piores Filmes da História" depois do seu lançamento limitado em junho de 1970. Para piorar, Mick se machucou quando, em uma das locações de filmagem, uma pistola cênica explodiu na sua mão. A enfermeira do pronto-socorro onde ele foi atendido disse-lhe para ficar com a mão direita imobilizada. Preferindo não seguir recomendações, Jagger pegou uma guitarra certa noite e tocou um fraseado de dois compassos ao redor dos acordes Dó, Sol e Fá, para depois escrever uma letra fantasiosa sobre escravidão. A feliz combinação entre tédio e terapia física seria a melhor coisa a resultar de *Ned Kelly*. De volta a Londres, Mick e Keith trabalharam rapidamente no riff para chegar a *Brown Sugar*.

Enquanto isso, o primeiro filho de Anita e Keith nasceu em Londres, no dia 10 de agosto de 1969. Robert Fraser, agora com uma séria dependência de LSD, produziu um belíssimo berço pintado à mão com motivos psicodélicos para a ocasião. Por acaso, o nascimento aconteceu no mesmo dia em que

Sharon Tate e quatro amigos foram assassinados em Los Angeles pelo clã de Manson, e uma semana antes de meio milhão de fãs do rock terem se reunido na fazenda de Max Yasgur, em Bethel, Nova York, para o início de um festival de três dias que ficaria conhecido como Woodstock. "Tempos emocionantes", observou Fraser. Keith e Anita, agora exibindo brincos de ossos (e dentes podres) combinando, chamaram o filho de Marlon Leon Sundeep — o que talvez seja a prova de que Groovy Bob não estava cheirando uma carreira sozinho. Para mais notícias sobre a vida doméstica dos Stones, Bill Wyman finalmente se divorciou da esposa, permitindo que a imprensa publicasse alegremente sua idade real, 33 anos, enquanto Charlie Watts parecia contente em passar os intervalos entre suas apresentações com o grupo de rock mais famoso do mundo em caminhadas ao redor de sua mansão em Sussex com a esposa, a filha, seis cachorros, três gatos e um burro de estimação. Charlie também tinha uma grande biblioteca de livros sobre a Guerra Civil Americana, cada um dos quais protegia com papel-envelope.

Em setembro, pouco antes de saírem em turnê, os Stones lançaram sua última coletânea de sucessos, *Through the Past, Darkly*, no qual inseriram a dedicatória: "Brian Jones (1943—1969). When this you see, remember me/and bear me in your mind/Let all the world say what they may/speak of me as you find." [Quando vires isto, lembra-te de mim/e me guarda em tua mente/Deixa que o mundo diga o que quiser/fala de mim conforme te pareça conveniente.] Tanto o excerto de Gertrude Stein quanto a data do nascimento de Brian estavam errados.

A turnê dos Stones agora continha um cortejo de vinte pessoas, incluindo Stu, Jo Bergman, Gram Parsons e vários escritores, cineastas e fotógrafos. Refugiados na mansão de Hollywood de Stephen Stills para duas semanas de ensaios e gravações ilícitas, juntou-se outra vez a eles Phil Kaufman, o roadie bigodudo de cabelos tingidos que carregara suas malas quando eles estavam no país 18 meses antes para a mixagem de *Beggar's Banquet*. Na verdade, Stills alugara a casa de Peter Tork, e Kaufman lembra da alegria com que os Stones se

serviram sem reservas do "monte de peças de colecionador dos Monkees que havia no sótão — Keith Richards passou a semana seguinte perambulando com um boneco de plástico de Davy Jones e uma lancheira". Keith também encontrou algum consolo para a separação de Anita e seu filho recém-nascido nos braços de uma exótica cantora negra chamada Emeretta Marks, como Marsha Hunt outra veterana com peruca afro do musical de rock *Hair*. Mick Jagger teve vários casos rápidos de turnê com nomes como Miss Mercy, Susie Suck, as Plaster Casters, Suzie Creamcheese e Kathy Kleevage — de "Kathy and Mary, the Dynamic Duo" — tendo deixado Marianne Faithfull em casa em Londres.

Mick Taylor, por sua vez, logo cresceu em seu novo papel. "Havia muito sexo", ele confirmou. A vida na estrada com os Rolling Stones também não desencorajava o uso de drogas. "Mick já tinha começado a experimentar coisas pesadas", contou Bill Wyman. Em pouco tempo, acrescenta Bill, começaram a temer que "até sua vida estivesse em risco". Depois de entrar nos Stones como um abstêmio entusiasta da boa forma física, Taylor no final das contas deixaria a banda como um usuário de heroína profissionalmente amargurado. "Uma das razões pelas quais não me importo de fazer discos sozinho é porque não fui pago por alguns dos discos mais vendidos de todos os tempos", ele mais tarde diria. "Francamente, fui roubado."

Certa noite, os Stones foram até o estúdio da Elektra para gravar overdubs para *Let it Bleed*. O violinista Byron Berline estava lá para acrescentar sua contribuição a *Country Honk*. "Enquanto tocava minha parte na calçada, lembro-me de ter visto esse cara mexicano mal-encarado trabalhando em um trator, fazendo algum tipo de trabalho de construção na estrada. Obviamente, não podíamos gravar com ele fazendo todo aquele barulho. Então, depois de algum tempo, Mick Jagger saiu de terno cor-de-rosa e maquiagem, foi até o cara e pediu que ele parasse. Era de se esperar que o cara o mandasse cair fora, mas na verdade ele desligou o motor e esperou educadamente por nós. Este era o charme de Mick. O cara sabia como conversar com os Kennedys e com

qualquer mexicano durão. Quando penso na sessão de *Let it Bleed*, penso em estacionamentos e tratores."

No aniversário de Wyman, final de outubro, Phil Kaufman tentou deixar a atmosfera da casa mais leve assando um bolo de haxixe de três camadas. Infelizmente, o gesto bem-intencionado de Kaufman teve o resultado oposto. "Bill ficou tão doidão que teve um tipo de ataque de pânico e caiu de costas na mesa do buffet", conta Kaufman. "Os Stones cancelaram a sessão da noite." Considerando o grau de uso de drogas de forma geral, já é impressionante o fato de eles terem conseguido ir para o centro da cidade fazer os poucos ensaios assistemáticos que fizeram. Como de costume, Keith chegava horas atrasado, Charlie se distraía lendo um livro sentado diante da bateria, e parecia irritar Mick o fato de que, após sete anos juntos no palco, ele e seu baixista ainda eram estranhos quando o assunto era o andamento das músicas. "Ele fica se virando e olhando para mim como se eu estivesse tocando as notas erradas ou desafinando", Bill queixou-se. "Não estou."

Phil Kaufman meio que administrava a casa de Tork quando, às nove horas certa manhã, ouviu uma batida forte na porta da frente. Era Allen Klein. Depois de uma longa discussão com muitos gritos, ele pôde entrar na casa. A visita ocorreu em meio à letargia decorrente do efeito do uso de drogas que costumava prevalecer naquela hora do dia. Kaufman observou Klein tirar as calças e exigir que fossem consertadas, para em seguida dar várias ordens, e então telefonar para a estação local de rádio e perguntar por que não estavam tocando nenhum dos sucessos de *Through the Past, Darkly*. "Allen já estava puto porque estava sendo excluído pelos Stones", diz Kaufman. "Quando estava no telefone, sua voz parecia a buzina de um caminhão. 'Fodam-se! Façam o que eu mando, toquem-nas!' Tinha gente literalmente escondendo-se atrás dos móveis. Ele estava tão furioso que começou a andar agitado pela sala só de cueca."

No dia 3 de novembro, pela primeira vez, Richard Nixon fez uma aparição pública para pedir à "grande maioria silenciosa dos americanos" que apoiassem

o recrutamento para a guerra do Vietnã. Logo em seguida, manifestações tiveram início em Washington DC e outros lugares. Quatro dias depois, os Stones abriram sua turnê na Universidade Estadual de Fort Collins, Colorado. Na mesma semana, veio a notícia do massacre de civis sul-vietnamitas em My Lai, enquanto Nixon insistia que os manifestantes "não haviam criticado atrocidades piores dos vietcongues". Enquanto isso, grande parte do sul da Califórnia, se não a nação inteira, permanecia mergulhada no que mais tarde seria chamado de "febre Manson." Havia alguém à solta que havia sido o responsável não apenas por cinco, mas por até 30 ou 40 homicídios cruéis não resolvidos, e deveria atacar outra vez. Para resumir, as coisas estavam "barra pesada", como confirmou Mick Jagger, não apenas para os Stones, mas para a comunidade como um todo. Em 1966, muitos dos fãs de Mick eram meninas de 11 e 12 anos delirantes para quem a música pop era um tipo de ginástica hormonal. Elas cultuavam os Stones, e escreviam cartas apaixonadas para os gerentes dos hotéis onde a banda se hospedara. Sua maior ambição era poder olhar com reverência para a roupa de cama de seus heróis, pedido que vários hotéis atenderam picotando os lençóis dos rapazes e vendendo os pedaços como suvenires. Em 1969, pelo menos metade dos que pagavam 8,50 dólares por um ingresso queria queimar a Casa Branca.

A primeira visão que a maioria das audiências americanas tinha dos novos Rolling Stones era a de Keith Richards tocando os power chords de *Jumpin' Jack Flash* inclinado sobre a guitarra e vestindo o traje de costume: botas desgastadas de pele de cobra, calças de caubói apertadas salpicadas de contas prateadas e uma camisa vermelha brilhante aberta até a cintura. Depois desse assalto estridente — meio música, meio sirene — Mick Jagger emergia de cartola e uma longa echarpe, correndo pelo palco e gritando, dançando furiosamente, fazendo beicinho, instantaneamente fazendo a arena encolher para se tornar um clube noturno e dominando sem esforço um palco que também incluía Charlie e Mick Taylor, impecavelmente vestidos como homens de negócios, e no baixo a persona mortiça de Bill Wyman. Os Stones receberam críticas entusiásticas, em particular pela interpretação violenta de *Midnight Rambler*, embora tenha havido problemas nos bastidores com o

organizador Bill Graham na sua próxima parada, em Oakland. O que aconteceu, em suma, foi que os Stones consideravam Graham muito preso a detalhes contratuais, enquanto Graham achava que os Stones eram "idiotas completos" por seu desprezo pelo público. Levando em conta que a banda subiu ao palco para o segundo set às 3h15 da manhã, cinco horas depois do que havia sido acertado, podemos dizer que ele tinha seus motivos.

Terry Reid, um ótimo cantor de blues que ficou famoso por ter dispensado a chance de entrar para o Led Zeppelin, viajou no rolo compressor dos Stones, e, portanto, teve a chance de observar os dois lados da personalidade mais curiosa da banda, Keith Richards. Em uma parada num hotel do Meio-Oeste, Richards podia ser visto "caído no chão do banheiro com um braço levantado, com 12 ou 15 pessoas que ele não conhecia ao seu redor pedindo a adição de mais comida e bebida à sua conta". A suíte não lembrava muito o padrão do Holiday Inn, parecendo mais um tributo às raízes de Dartford do seu ocupante combinado a uma cova moura de haxixe: um mundo de cinzeiros, garrafas de Molho HP e jogos de dardos, com mantas de veludo e lenços de batique sobre os abajures, geralmente com Ottis Redding tocando ao fundo. Reid também achava que Keith era "absolutamente o cara mais legal da turnê... Era ele quem se preocupava em saber se suas roupas estavam sendo lavadas e se a comida era boa".

Certa noite, depois de deixar o palco em Los Angeles já bastante tarde, Richards caiu no hotel onde estava hospedado. Isso não era novo. Como o advogado de Keith revelaria mais tarde em um julgamento por posse de drogas, "Meu cliente começou a cheirar heroína em 1969 porque estava exausto, e logo consumia 2,5g por dia só para se manter normal." Em turnê, Keith também gostava de beber Jack Daniel's e cerveja, com frequência no mesmo copo, e muitas vezes ficava inconsciente em momentos inapropriados, como no meio de uma conversa com um dos contadores da banda. Dessa vez, porém, quando Richards caiu de costas, cortou a mão direita, responsável pelos riffs, e a unha do polegar de imediato ficou azul. A equipe de turnê produzia sons aterrorizados ao calcular as prováveis implicações de adiar ou cancelar os shows restantes. Mas, um momento depois, Keith se levantou e se recompôs. "Achei

que conseguiria", ele disse calmamente. Stu lembraria de seu amigo depois ter subido as escadas "para passar as próximas duas horas num telefonema para sua casa... Anita colocou Marlon ao telefone, e Keith se *iluminou.*" Talvez ele fosse um príncipe da escuridão; mas um príncipe é sempre um príncipe.

De acordo com o memorando de campo do FBI de 19 de novembro de 1969, "Esse grupo [os Stones] é uma afronta aos princípios morais aceitos, com uma grande ênfase à incitação, [e] são considerados pelo nosso gabinete de Los Angeles como parte da vanguarda dos levantes estudantis aqui ocorridos": uma situação claramente provocativa para todos os envolvidos. A Agência também não estava sozinha ao pensar que esses "cinco idiotas com guitarras", como Keith Richards os denominara, de fato eram capazes de subverter o estilo de vida americano. À medida que os Stones cruzavam a Califórnia de limusine, as placas e anúncios em neon iam ficando para trás e revelando o drama visual do país do final de 1969: o nome da banda ao lado dos escritos desbotados de "BOMBA NUCLEAR EM HANÓI" ou de "PAZ". O fato de que a banda era essencialmente tradicional, ainda que não conservadora, composta por proprietários de terras ingleses, e não agitadores, parece não ter ocorrido a vários da imaculada esquerda ideológica. Embora muitos proeminentes ativistas da causa contra a guerra, como Abbie Hoffman, continuassem tentando fazer dos Stones um ponto de convergência para a revolução social, os músicos não demonstravam interesse. Quando Hoffman conseguiu acesso aos bastidores em Chicago e pediu dinheiro para o seu julgamento por acusações de conspiração, Jagger recusou-se a contribuir. "Tenho meus próprios julgamentos, cara", Mick disse-lhe.

Apesar da sua apatia política, duas coisas podem ser seguramente ditas sobre os Stones quando em turnê. Eles estendiam os shows por horas com versões animadas dos seus dois últimos álbuns. No dia 18 de novembro, gravaram sua sexta e última participação no *Ed Sullivan Show*. Abandonando sua posição anterior em relação à banda, Sullivan levou a produção inteira para passar a semana em Los Angeles com o único objetivo de acomodá-los. Os Stones

chegaram usando couro preto e maquiagem — incluindo, no caso de Mick, um batom vermelho-escuro. Até no meio do rock era difícil encontrar uma visão mais estranha do que a transmissão de um apresentador de 68 anos usando terno cinza olhando para a câmera e anunciando *Gimme Shelter*. Enquanto isso, Sam Cutler adquirira o hábito de anunciar as apresentações ao vivo gritando pelos alto-falantes: "Agora... A maior banda de rock 'n' roll do mundo... os ROLLING STONES!" Se ele queria incitar as plateias, isso funcionava. Com raras exceções, os shows realizados pelos Stones ao longo daquele mês estariam à altura da introdução. Na verdade, durante a turnê em questão, eles fizeram alguns dos melhores shows da sua carreira.

Antes de os Stones deixarem Chicago, um repórter com uma conexão em Londres puxou Mick Jagger de lado e disse que Marianne Faithfull o deixara e pegara um voo para Roma com um ex de Anita, o pintor Mario Schifano. É possível que ele não tenha ficado tão chocado, mas sim se sentido humilhado. Quando os tabloides publicaram a história no dia 20 de novembro, inesperadamente colocaram o sedutor mais celebrado da música pop no papel de traído. Embora o sofrimento de Mick fosse claro, ele logo seria consolado por Claudia Linnear, outra integrante das exuberantes Ikettes. Enquanto isso, Keith aceitou o convite de Ike, que também gostava de andar armado com uma pistola, para aprender seu "novo lance" com afinações abertas. Até que ponto Mick foi fiel a Marianne é uma questão controversa até hoje. De acordo com Ronnie Schneider: "Meninas adolescentes nos seguiam por toda a América. Um grande grupo delas agarrou Jagger certa vez quando corríamos em direção a um avião, cena que ele obviamente já enfrentara, e me lembro de ele ter girado nos pés, como Bruce Lee, para se colocar numa posição de karatê" — mas esse recurso, como as ocasionais tentativas de Mick de se disfarçar durante turnês, não era sempre um sucesso. A tentativa de despistar as groupies reunidas do lado de fora do seu hotel em Nova York vestindo-se como "um homem de negócios comum", com um terno de lapelas largas e óculos escuros rosados no estilo Garbo, provou-se contraproducente. Às vezes, Mick não se importava, e apenas deixava a natureza seguir seu curso. Ian Stewart certa vez assistiu a uma conversa no camarim em que Jagger perguntou a

Charlie Watts como este conseguia se contentar com "apenas uma mulher". "Podia-se ver uma neblina densa nos olhos de Mick", disse Stu, um entusiasta da ciência, "como se ele estivesse pedindo a Charlie que explicasse a teoria quântica de Einstein".

Perto do final da turnê, um repórter perguntou a Mick durante uma coletiva de imprensa em Nova York se ele e os Stones estavam mais "satisfeitos" agora.

— Você quer dizer sexual ou filosoficamente?

— As duas coisas.

— Sexualmente, mais satisfeito — respondeu Mick, gerando uma gargalhada geral. — Financeiramente, insatisfeito. — Klein estava de pé logo ao lado dele. — Filosoficamente, tentando.

Na noite seguinte, os Stones subiram ao palco para o primeiro de três shows com ingressos esgotados no Madison Square Garden. Keith Richards, particularmente cheio de insolência, deu início aos procedimentos com versões econômicas, mas reluzentes, de *Jumpin' Jack Flash* e *Carol*, de Chuck Berry, e continuaria com execuções cruas. Solos estonteantes de Mick Taylor sobre uma batida vudu em *Sympathy*. As duas primeiras músicas da noite vieram com uma onda violenta de barulho. Depois, para fazer todo mundo dançar, *I'm Free*, com Mick saltando no refrão. Depois disso, Mick corre pelo palco em *Stray Cat Blues*, e depois vem um interlúdio acústico com uma versão mais rápida de *Under My Thumb*, que os Stones conduzem a um grande final como se fosse um trem de carga desgovernado. O destaque do show mais uma vez é *Midnight Rambler*, com seus falsos pontos altos acompanhados por movimentos de luz vermelha, Mick batendo com o cinto no pedestal para ilustrar o solo que representa o momento do estupro na música. Tudo termina com uma onda de acordes de Keith — I'll stick my knife right down your *throat!* [Enfiarei minha faca na sua garganta!] — e uma batida ressoante nos pratos. Mick brinca: "Charlie está bem esta noite, não é?" Keith Richards relembraria que naquela noite, do palco, pôde ver as arquibancadas e camarotes de concreto da arena balançarem. "Você via o lugar literalmente balançando. Isso é que é vibrante. Quando a multidão decide *participar*. Isso é que deixa você louco."

Na sua última noite em Nova York, os Stones foram celebrar com Jimi Hendrix o 27º e último aniversário dele. Mick Jagger esnobou Hendrix, mas roubou sua namorada, Devon Wilson. Keith Richards saiu cedo e passou a maior parte da noite com Charlie Watts, Mick Taylor e amigos em um clube de jazz do Greenwich Village. De madrugada, Keith voltou para seu quarto de hotel com o escritor Stanley Booth, abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou uma cápsula cheia de pó branco. "Isso é heroína", anunciou, talvez desnecessariamente. No dia 30 de novembro, durante um voo atrasado para o último concerto oficial na Flórida, Ronnie Schneider admitiu que "talvez devêssemos cancelar — mas fizemos o cara que está promovendo pagar tudo adiantado; já ganhamos o bastante". Keith olhou para ele e disse: "Bem, vamos sobrevoar e jogar o dinheiro para a multidão." O guitarrista de blues Johnny Winter também se apresentaria naquela noite. "Era um dia escuro e frio pra cacete", ele conta, "e o que mais lembro é de Mick Jagger ter xingado o clima e ter começado a pular de um lado para outro com um canto indiano esquisito nos bastidores para chamar a atenção do deus sol. Não funcionou." O show ocorreu debaixo de uma chuva semitropical, em um circuito de drag car dilapidado cheio de casais fazendo sexo, barracas improvisadas, traficantes de drogas fazendo seu trabalho, pessoas drogadas com LSD, mães jovens amamentando, fogueiras, banhos desinibidos, acomodações tribais, conflitos periódicos com as autoridades e outras vinhetas do estilo de vida hippie dos anos 1960, um prenúncio do que aconteceria seis noites depois sob a luz da lua em uma área destinada ao despejo de restos de demolição em Altamont, Califórnia.

Nos dias 3 e 4 de dezembro, os Rolling Stones foram para o estúdio Muscle Shoals, outrora uma fábrica da caixões saindo da Rodovia 43 no norte do Alabama. Embora não fosse um lugar facilmente associado à criação de grandes números de rock and roll, por dois dias o local abrigou a equipe de apoio dos Stones, incluindo Jimmy Miller, Ian Stewart e Stanley Booth, amigo e futuro biógrafo de Keith Richards, demonstrando sua lealdade pelo uso do corte de

cabelo de Keith, além de grande parte da equipe técnica de Aretha Franklin, Wilson Pickett e outras lendas do soul. Como a banda queria ficar com as novas gravações, e não entregá-las a Allen Klein, o esquema para as sessões foi mais complexo do que de costume. Os Stones se hospedaram no Holiday Inn localizado ali perto com pseudônimos, subiram as escadas, e, em um momento combinado, por volta das 22h, apagaram as luzes dos quartos como se, ainda que fosse claramente impossível, estivessem indo dormir. Após 30 minutos, em cenas que teriam lembrado *Missão Impossível*, um carro estacionou em frente ao hotel para desviar as atenções enquanto a banda descia pelas escadas, passava pela cozinha e deixava o local pela saída de serviço. Depois de atravessar o cemitério da cidade em alta velocidade e percorrer a Jackson Highway, uma van com janelas de vidro fumê deixou-os na porta dos fundos do estúdio, que foi trancada logo depois que passaram. Como achavam que Klein poderia tentar pegar as fitas à força se soubesse que seus clientes estavam lá, todos se abaixavam sempre que passavam por uma das janelas da frente.

É justo dizer que havia um método nessa aparente loucura. Mick e Keith acreditavam que seriam disputados por seus serviços quando o contrato com a Decca expirasse em 1970, e que também teriam a oportunidade de, finalmente, mudar de empresário. A banda já dera dicas da direção que desejava tomar ao entregar as fitas do concerto de Hyde Park a Peter Swales, com o alerta de que sob nenhuma circunstância as fitas deveriam ser entregues ao "Gorducho". Swales havia feito o melhor que pudera, mas acabou cedendo quando Klein chegou ao escritório de Maddox Street e pegou as fitas depois de chutar a porta do armário onde se encontravam. Assim, naquele 3 de dezembro os Stones foram trabalhar no Muscle Shoals tendo em mente que sofriam um cerco. Eles começaram com uma tomada do clássico spiritual de Fred (*I Don't Play no Rock 'n' roll*) McDowell *You Gotta Move*, na qual usaram um microfone posicionado sobre o vaso sanitário no banheiro para aquele "som sujo", como Keith colocaria com admiração. Em seguida, *Brown Sugar*. O exercício de recuperação de Mick na Austrália saiu como uma corrida de stock-car envolvendo Elvis, Bo Diddley e Marc Bolan, com um bumbo proeminente saído de *Tallahassee Lassie*, sucesso de 1959 de Freddy Cannon, e o solo áspero

de sax tenor de Bobby Keys. O novo número dos Stones logo fazia sua estreia em meio ao sangue e à sordidez de uma cena de assassinato.

Para encerrar, *Wild Horses*, que Keith escreveu "porque eu estava bem em casa com minha senhora... e dei a Mick, e Marianne foi embora com esse cara, e ele mudou tudo. Mas ainda é bonita." (Faithfull deixaria Mario Schifano e voltaria para Jagger assim que ouvisse a música.) Stu não queria saber de nenhuma "merda chinesa", como chamou músicas com acordes em tom menor, então o piano ficou a cargo do bluesman de Memphis Jim Dickinson, que por acaso estava presente. A música finalmente ficou pronta às 5h da manhã, quando Mick desmoronou em uma cabine mínima iluminada por uma luz azulada para gravar o vocal, com os dois guitarristas sentados em cadeiras cobertas por plástico diante do pedestal de porcelana do microfone e um suprimento da melhor cocaína de Gram Parsons para manter todos artisticamente concentrados. Depois disso, os Stones deixaram a cidade tão rápido quanto haviam chegado. Eles não deixariam nenhum rastro das gravações nem um endereço para o envio de correspondência quando Allen Klein veio perguntar pela banda 24 horas depois.

Enquanto isso, *Let it Bleed*. O novo álbum dos Stones foi lançado um ano depois de *Beggar's Banquet*, que sucedera *Satanic Majesties* também um ano depois deste. Entretanto, se *Banquet* parecia mais motivado por uma retirada tática para o blues do que por um espírito aventureiro, *Bleed* foi um grande salto. Começando com o lamento sinistro de *Gimme Shelter*, a partir daí a banda executou num fluxo livre um misto eclético de folk elegantemente improvisado, soul, country e rock and roll, com um equilíbrio consistente de guitarras irregulares combinadas a melodias intensas e letras anunciando o apocalipse. Entre os destaques: a faixa-título, em que a perturbação emocional de Mick Jagger foi revelada com um efeito comovente — sua namorada lhe oferece uma vaga no seu estacionamento, mas acaba esfaqueando-o em seu porão imundo. (Apesar do golpe, Mick se oferece para que ela o "cubra de creme".) *Midnight Rambler*, uma das poucas faixas mais lentas do que um carro em fuga, combinava uma pegada clássica de blues com uma mudança de tempo fantástica e uma manchete tirada das páginas do *Chicago Sun-Times* de

22 de outubro de 1968; ainda que mais discreta do que a versão ao vivo, os pontos-chave de referência da música — estupro, facas, mulheres mutiladas — não deixavam de ser mórbidos. Ela continua sendo um dos poucos hinos do rock sobre o Estrangulador de Boston a terem atravessado todos esses anos. Na ebriamente despojada *You Got the Silver*, o riff postumamente lançado de Brian Jones servia de base para a voz nasal e sedutora de Keith Richards cantar os encantos de Anita Pallenberg. *Monkey Man*, por sua vez, começava suave e terminava com um som desconcertante que lembrava Captain Beefheart vomitando. A coisa toda depois era ampliada em um clímax em *You Can't Always Get What You Want*, que, no mínimo, provava que os Stones ainda eram capazes de produzir ganchos pop concisos na presença de uma trompa e um coro.

Acompanhado de uma capa que exibia um relógio surreal, um pneu e uma escultura de comida de Robert Brownjohn (com um bolo da então principiante escritora de livros de culinária Delia Smith), *Let it Bleed* navegou até o topo das paradas de sucesso britânicas, que costumavam ser dominadas por artistas como Simon and Garfunkel, Elvis tocando cabaré e Lee Marvin e o resto do elenco do musical da Broadway *Paint Your Wagon* cantando *Wand' rin' Star*. O álbum depôs *Abbey Road* da primeira posição, e até então era a melhor combinação dos elementos que tornaram os Stones em vinil intocáveis por dez anos. Nenhum álbum conseguiu capturar, ou mesmo definir, a sensação de dissolução e decadência moral típica do fim de uma era. No final das contas, *Let it Bleed* trazia um título inteligente demais para o seu próprio bem.

Como há cerca de 25 livros — para não mencionar 43 anos de artigos de especialistas, manchetes de jornais e uma acalorada discussão contínua na internet entre fãs e detratores dos Stones — disponíveis sobre o assunto, talvez seja melhor sermos breves no que diz respeito à participação da banda no Altamont Speedway Free Festival em 6 de dezembro de 1969, um domingo já muitas vezes chamado de o pior dia da história do rock.

A ideia surgiu como uma resposta bem-intencionada às reclamações feitas na *Rolling Stone* e em outros lugares sobre os preços dos ingressos da turnê, e parecia uma oportunidade de ouro para outra demonstração no estilo Woodstock de "congregação". "Esperávamos todos em São Francisco... porque eles eram tão suaves, e simpáticos e organizados que seria tudo isso", Mick Jagger relembraria vinte anos depois. A vibração era positiva quando Mick e Keith foram dar uma olhada no local na noite anterior e encontraram cerca de um quarto de milhão de fãs já acampados esperando pela apresentação. Uma inspeção mais minuciosa, porém, poderia ter revelado certos problemas na administração das instalações que as próximas 24 horas de vinho tinto barato, LSD em abundância e interações periódicas com os Hell's Angels, que deveriam cuidar da segurança do evento, só exacerbariam. Para começar, o local do concerto, um terreno de 83 acres, era totalmente independente — ou, para colocar de outra forma, isolado. Ninguém jamais esqueceria a primeira visão do lugar. Como Stu disse sobre a manhã do show: "Parecia mais um acampamento de férias para drogados do que um evento de rock and roll organizado." Uma única estrada cinzenta atravessava um planalto elevado, seguindo, subindo e descendo, através de montes cobertos por árvores, dando a volta ao redor de uma floresta num terreno inclinado até um declive onde, de repente, estava a multidão e uma "equipe" alarmantemente pequena vestindo camisetas vermelho-claras e percorrendo o local entre as peças ainda desmontadas do equipamento de som e iluminação como um cardume de peixes tropicais. O palco tinha apenas um metro de altura.

À meia-noite do dia 5 de dezembro, a estrada de duas mãos que saía de São Francisco em direção aos montes onde o show ocorreria parecia Dunquerque,[1] e logo teria 15 ou 20 quilômetros de engarrafamento em ambas as direções. Por todos os lados, Altamont estava tomada por barracas, trailers, fogueiras, sacos de lixo e restos do consumo de drogas. Hell's Angels drogados passavam com suas motocicletas em meio aos hippies nus. O comboio motorizado levantava nuvens densas de poeira, enquanto uma lúgubre lua crescente se erguia por trás das Montanhas Diablo. Grupos de aparência obscura podiam ser vistos procurando cogumelos. O ar era dominado por um cheiro forte de maconha.

Ninguém precisaria de uma imaginação poderosa nem de uma consulta com uma cartomante — aliás, havia muitas presentes — para prever que isso era prenúncio de comportamentos difíceis de controlar. Keith Richards se identificou imediatamente com a cena, declarando-a incrível, e decidiu abandonar sua suíte no bem equipado Huntingdon Hotel, no centro da cidade, para passar o resto da noite andando por Altamont.

Agora, só restava o festival, que não acabou bem.

Por volta das 14h do sábado, o helicóptero dos Stones passou entre penhascos e montes que logo se dissolveram em um close-up impressionante de uma multidão agora estimada em cerca de 450 mil. A aeronave sobrevoou a multidão para flutuar sobre a área dos bastidores, coberta por uma tenda. Olhando para os fãs lá embaixo, suas cabeças esticadas para cima, Charlie Watts disse: "Este é o nosso negócio."

Essas provavelmente foram as últimas palavras alegres do dia, pelo menos faladas por qualquer um dos que ocupariam o palco. A primeira indicação de violência veio poucos momentos depois, quando Mick Jagger desceu do helicóptero e um adolescente correu até ele e socou seu rosto, gritando: "Odeio você, odeio você!" Àquela altura, o Jefferson Airplane já deixara o lugar. Seu set havia sido interrompido quando Hell's Angels atacaram o cantor Marty Balin com porretes, deixando-o inconsciente. Seguiu-se um longo intervalo, com Sam Cutler implorando por calma no sistema de alto-falantes, e em seguida se apresentaram Crosby, Stills and Nash, agarrados furiosamente a seus instrumentos como se estivessem atrasados para um compromisso. O Grateful Dead chegou aos bastidores, deu uma olhada na multidão, cada vez mais anárquica, voltou para o helicóptero e partiu sem se apresentar. É provável que os Stones também tenham observado a cena, pensando que ao menos tocariam à luz do dia. O problema era que Bill Wyman havia perdido sua carona de São Francisco, e, pela primeira vez, era a banda que esperava por ele, e não o contrário. Na verdade, eram os próprios Angels, alguns atravessando a multidão com as ferramentas da sua profissão, que seriam o próximo ato. Por uma hora, eles bateram, brigaram, arrotaram, cuspiram e vomitaram. A maioria usava tacos de sinuca afiados nas cinturas como sua forma preferida

para controlar a multidão. Logo, grupos de Angels subiram no palco, os punhos atravessando o ar, até que, se é que alguém ainda se importava, Cutler explicou: "Ainda não começamos porque ninguém pode se mexer... Fiz tudo que pude." Mais sussurros, e então veio a dissuasão nuclear: "Os Stones não virão até todos saírem. *Todos*."

A escuridão se abateu sobre o local. Bill Wyman chegou de seu hotel em São Francisco.

Quando os Stones finalmente subiram ao palco, iluminados por um canal de luz vermelho sangue, foram acompanhados por 25 a 30 Angels, e ao menos um enorme pastor-alemão sem coleira farejando ameaçadoramente as pernas dos guitarristas. "Camaradas", Mick Jagger murmurava. "Vocês vão me dar algum espaço? Podem se afastar, *por favor*?" Tanto o sistema de alto-falantes quanto as luzes do palco falhavam aqui e ali, o céu cortado por faixas verdes, roxas, vermelhas. De alguma forma, conseguiram tocar dois números. "Whoo, whoo! Ah, yeah!" Jagger tomou um gole de uma garrafa de Jack Daniel's que se encontrava sobre o amplificador. O lugar todo borbulhando, Mick balançando seu cinto de stripper, e Keith tocando sua guitarra rascante em *Sympathy*. Enquanto Jagger cantava sobre "Jesus and His moment of doubt and pain" [Jesus e seu momento de dúvida e dor], houve uma explosão, e um buraco se abriu em meio à multidão. "H-e-e-e-e-ey... Keith — Keith — *Keith!*", sua voz se ergueu como contraponto à música, provando que não era fácil fazer Keith parar quando ele estava tocando um bom riff. "Você pode esfriar aí? Tenho que tentar parar isso." Richards parou de tocar. "Irmãs", disse Jagger. "Irmãos e irmãs... Por favor... Quero dizer, todo mundo tem que se *acalmar*. Fiquem calmos agora, por favor..."

"A motocicleta de alguém explodiu, cara."

"Eu sei. Tô por dentro. Todo mundo, calma, agora, vamos lá... Todo mundo pode... Não sei o que aconteceu, não vi... Calma, todo mundo... Alguém se machucou?... Bom... Podemos tocar... Algo muito engraçado acontece quando começamos esse número."

Em seguida, uma moça nua de uns 90 quilos iluminada pelos holofotes vermelhos e verdes tentou subir ao palco, e foi recebida por meia dúzia de

Hell's Angels. Eles logo se jogaram sobre ela como vermes sobre um cadáver. "Amigos", Jagger disse, "Acho que basta *um* de vocês para dar conta disso, né?" Um indivíduo vestindo brim deixou a garota inconsciente com seu taco de sinuca. Keith continuou tocando guitarra e Mick mais uma vez cantou sobre ser Lúcifer "in need of some restraint" [precisando de limites]. Pouco depois, um rapaz de cabelos longos subiu ao palco para se juntar à banda numa demonstração equivocada de harmonia, apenas para também ser derrubado com uma série de golpes que mais lembrava um desenho animado. Mick Jagger, talvez por não estar acostumado a ser interrompido durante o solo de *Sympathy* por um Hell's Angel com a cabeça cheia de ácido e um sombreiro preto sussurrando em seu ouvido, parece ter ignorado o evento. Mais cenas de violência sucederam-se até a música finalmente parar. Jagger ficou parado por um momento, parecendo deslocado em sua capa de seda laranja e preta, agarrando-se com todos os dentes ao que restava de sua boa vontade hippie. "Quem... quem... Quero dizer, tipo, gente, quem está brigando, e por quê? Ei, gente... Quero dizer, quem está brigando, e por quê? Por que estamos brigando? Quero dizer, tipo... todo o resto tem sido legal... Tipo, temos..."

"Ou esses caras se acalmam", disse, nervoso, Keith Richards. "Ou não tocamos."

Todos olharam para Keith e ficaram em silêncio. Aproveitando o momento, Stu, como sempre a voz da razão, pegou o microfone e pediu ajuda. "Vocês podem deixar o médico passar, por favor... Também temos... perdida aqui na frente uma menininha de 5 anos." As cenas diante dos Stones agora eram mais repletas de ameaça e violência do que qualquer coisa que já tivessem passado, com a diferença de que agora não tinham os reconfortantes policiais britânicos à disposição. "Toquem alguma coisa calma", Keith disse a Charlie e Bill. Após um interlúdio de blues, a banda voltou com *Under my Thumb*, e a multidão de repente voltou a se agitar logo à frente do palco. A 6 metros de onde Mick cantava, um rapaz negro e alto com um terno verde-limão apontava uma arma para cima. Ele pareceu congelar por um momento antes de cair sob um ataque dos Angels. Alguém gritou. As pessoas começaram a acenar com as mãos ensanguentadas para os Stones, e a música terminou com um assobio agudo.

Jagger colocou a mão em forma de concha em um ouvido e protegeu os olhos, pedindo: "Agora precisamos de uma coisa... Sam, uma ambulância... um médico ali perto daquele andaime Se houver um médico que possa ir até lá. Ok, vamos, vamos... Não sei o que merda vamos fazer. Todo mundo tem que sentar. Se acalmem. Relaxem... fiquem legais... Vamos lá... Podemos resolver isso. Vamos lá."

O homem de terno verde, Meredith Hunter, morreria mais tarde por causa de vários ferimentos causados por uma faca. Ele tinha 18 anos. De acordo com uma testemunha ocular, Paul Cox: "Um Angel ficava olhando para mim, e tentei ignorá-lo, porque... ele ficava tentando puxar briga... Em seguida, ele está brigando com esse rapaz negro... O rapaz puxou uma arma, e quando ele puxou uma arma, a próxima coisa que vi foi ele voando no ar em direção ao chão... Ele mexia os pés, recuando e tentando correr dos Angels... e sua namorada estava gritando para que ele não atirasse, porque ele puxou uma arma... E depois um Angel pulou da direita, do meio da multidão, e saltou e enfiou uma faca nas costas dele."

De acordo com Paul Cox, as últimas palavras ouvidas de Hunter foram: "Eu não ia atirar em você."

Os Stones terminaram *Under My Thumb*, e depois estrearam seu novo número dançante sobre drogas e sexo, *Brown Sugar*. O resto do set se passou sem mais incidentes: os que assistiram ao show do relativo conforto da encosta a cerca de um quilômetro de distância insistem que se divertiram. Em *Honky Tonk Women*, Jagger havia voltado ao seu estado normal, e agitava outra vez. "Bem, tivemos algumas interrupções... sim... mas, de forma geral... quero dizer, vocês foram incríveis... muito legais." Ele começou *Street Fighting Man* virado de costas para a multidão, e depois se virou, gritando: "Everywhere I hear the sound of marching, charging feeeet, boy" [Em todos os lugares ouço o som de pés marchando e prontos para o ataque, cara]. Na escuridão, abaixados ao lado de uma fileira de postes elétricos, os jovens dançavam, e Jagger ditava o ritmo, a pélvis rodopiando, batendo palmas de um lado e de outro do rosto, pulando para frente e para trás em sincronia com a batida. "Vamos nos despedir com um beijo", Mick disse. "Bye-bye. Bye-by-y-y-y-e-bye." Última batida da

bateria, e os Stones saíram correndo para o helicóptero, como se ao fim de uma invasão. Em pouco tempo, havia 15 passageiros apertados em uma cabine feita para oito pessoas. Com uma nuvem de fumaça, a aeronave sobrevoou mais uma vez os penhascos e montanhas, seguindo lentamente para São Francisco. Ele se inclinou sobre o local do concerto, logo acima do palco, agora banhado por um brilho sulfuroso, parecendo mais a cena de uma cervejada dos Hell's Angels. Olhando para baixo, Keith Richards se virou, lívido, e começou a xingar.

"Eles são doentes, cara. Algumas pessoas simplesmente não estão prontas."

"Eu preferia ter tido policiais", disse Mick Jagger.

Os Stones em breve encarariam críticas severas por seu papel em Altamont. Grande parte da imprensa mostrou-se hostil, e, com um artigo do tamanho de um livro, a *Rolling Stone* culpou seus homônimos. David Crosby: "O grande erro foi pegar o que era essencialmente uma festa e transformá-la em um jogo de astros... [Os Stones] estão numa viagem grotesca e negativa de ego, em especial os dois líderes." A apresentação inteira foi filmada e depois lançada como *Gimme Shelter*. Os diretores David e Al Maysles deram ao filme uma atmosfera escura e deprimente, e o efeito acabou sendo mais reflexivo e surreal do que desolador e sangrento. Algumas das melhores cenas foram filmadas por George Lucas, que mais tarde ficaria famoso por *Guerra nas Estrelas.*

Stu, sempre o núcleo prudente do grupo dos Stones, foi a coisa mais próxima de uma figura de autoridade em Altamont, e um dos poucos com mais de 30 anos. Mick e Keith tendiam a manter distância de qualquer pessoa uniformizada desde fevereiro de 1967, e ambos tomaram parte na desastrosa decisão de cuidarem eles mesmos da segurança — embora, ao contrário do que entrou para a lenda, os Stones nunca tenham "contratado" os Hell's Angels em troca de 500 dólares em cerveja. Altamont não teve nenhum sistema de segurança organizado; apenas roadies gritando "saiam da porra do palco" e motociclistas com tacos de sinuca atacando os fãs. Mais de trezentas pessoas ficaram feridas ou tiveram graves overdoses: um (Hunter) foi linchado, dois foram atropelados por um carro enquanto cochilavam em sacos de dormir, um se afogou no esgoto. (Ao contrário de outro mito, ninguém deu à luz.)

Os processos tiveram início quase de imediato, e se arrastariam por anos. Na turnê seguinte dos Stones pela América em 1972, houve cenas feias nos bastidores quando oficiais de justiça tentavam entregar ordens judiciais à porta do camarim da banda. Em abril de 1975, os Stones tocavam com seu novo guitarrista, Ron Wood, em um ensaio numa propriedade costeira remota arranjada por Andy Warhol em Montauk, Nova York. Woody soube que havia alcançado o estrelato supremo quando viu dois seguranças da banda cercando a praia particular com arame farpado. Havia rumores de que Hell's Angels locais queriam matar Mick e Keith, e talvez tentassem atacar pela praia. De acordo com Mark Young, agente do FBI que trabalhou no caso, "Os Angels queriam vingança. Sabemos que saíram do Estuário de Long Island, armados até os dentes, mas o barco foi atingido por uma tempestade. Os motociclistas foram jogados ao mar. Eles nunca voltaram para tentar prosseguir com o plano."

Dez anos antes, Mick, Keith, Brian e Charlie haviam todos chegado aos anos 1960 morando com os pais nos subúrbios ingleses — ou, no caso de Bill, em um quarto sobre uma garagem. Agora, eles eram os astros do rock mais famosos do mundo, e um deles estava no cemitério. No dia 7 de dezembro, Mick tomou um voo para depositar o dinheiro recebido pela banda na turnê em uma conta na Suíça, e depois voltou para Londres, onde teve uma chorosa reconciliação com Marianne Faithfull. A primeira aparição pública do casal foi uma audiência no tribunal para renovar a fiança depois de terem sido pegos com drogas em maio. Mick logo seria declarado culpado de posse e teria de pagar uma multa de 200 libras, o bastante para que o Departamento de Justiça americano o eximisse de passar os dezoito meses seguintes trabalhando na zona rural. Enquanto isso, o Tesouro Britânico mandou para cada um dos Stones uma cobrança de 83% dos recentes ganhos adquiridos na América em impostos, mais 15% adicionais pelos investimentos que haviam feito com sua renda. Um tema recorrente nas turnês a serem realizadas pela banda no final da década de 1960 e ao longo dos anos 1970 seria quantas delas haviam sido

determinadas não por inspiração artística ou demanda do público, mas por juízes e autoridades da imigração.

Enquanto isso, Keith Richards tinha problemas familiares: Anita, Marlon e vários jornalistas esperavam por ele quando ele pousou em Heathrow dois dias depois de Altamont. Os tabloides diziam que o Ministério do Interior podia deportar Pallenberg, uma cidadã italiana, a não ser que ela e Keith se casassem. Anita não perdeu a chance de oferecer uma boa cena dramática aos fotógrafos, erguendo o bebê em sua direção e gritando: "Keith! Keith! Vão me expulsar do país!"

Enquanto Jagger e Richards começavam a pesar as inúmeras vantagens de uma vida fora da Inglaterra, os Stones se reuniram para quatro concertos tranquilos em teatros londrinos. Depois do último show, Mick disse a um repórter do *Guardian*: "Ninguém na banda está pensando em partir num exílio fiscal." Essa declaração era tão verdadeira quanto dizer que *Let it Bleed* era diversão para toda a família.

Nenhum dos Stones ou de seus representantes estava presente quando, no dia 10 de dezembro, Meredith Hunter foi enterrado por familiares íntimos e quatro colegas do ensino médio em uma pequena igreja do subúrbio de São Francisco de Vallejo. Ele foi enterrado em uma sepultura anônima. A mãe de Hunter, Altha, mais tarde processaria os Stones em 500 mil dólares, mas descobriria que eles eram oponentes esquivos e determinados. Em 1972, o advogado de Altha presenteou o juiz do caso com a declaração de um oficial de justiça que perseguira Mick Jagger no salão do hotel Miyako, em São Francisco, batendo em Jagger com os documentos enquanto ele fugia pela porta em direção a um carro que o esperava. No final das contas, os Stones entraram num acordo com a família Hunter, conforme relatos, de 10 mil dólares. Em janeiro de 1971, um júri do Condado de Alameda, Califórnia, considerou um Hell's Angel chamado Alan Passaro inocente do assassinato de Meredith Hunter sob o argumento de autodefesa. Durante o julgamento foi dito que o rapaz morto estava sob o efeito de anfetaminas no momento da morte, e havia sido "desrespeitoso" depois de ter sido várias vezes requisitado a se afastar do palco por "pessoal devidamente autorizado". Mais tarde, passados

14 anos, Passaro seria encontrado boiando com o rosto para baixo em um lago nas proximidades com uma bolsa à prova de balas nas costas. Ela continha 10 mil dólares. O Departamento do Xerife de Alameda continua mantendo o episódio na lista de casos não resolvidos.

A mansão campestre de Mick Jagger, Stargroves, vinha sendo uma fonte ao mesmo tempo de prazer e de problemas desde que ele investira 37 mil libras ganhas com o suor do seu trabalho para comprar a propriedade em ruínas em dezembro de 1967. Pelo lado negativo, o lugar precisou quase de reparos contínuos durante os 12 anos que esteve em posse de Jagger. Se ele se hospedava na casa, era apenas por uma ou duas semanas na cabana para hóspedes ao fim da estrada de acesso. Várias vezes, os pais de Mick, seu irmão e até Maldwyn Thomas, sua cabeleireira de Londres, assumiram o papel de caseiros, convivendo com a equipe de Frank Thorogood (ou seus sucessores), que andava pela casa elisabetana com latas de tinta e macacões desgastados de brim. Stargroves, no entanto, oferecia uma oportunidade muito necessária para Mick e sua principal namorada fugirem de suas responsabilidades mais onerosas em Londres. A vida lá era lenta e tranquila. Só os fãs mais determinados dos Stones apareciam à porta, e tanto a casa quanto a zona rural ao redor tinham a distinta vantagem de estar fora do radar do esquadrão de drogas da Polícia Metropolitana. Era um dos poucos lugares do mundo onde Jagger podia relaxar — assim como o filho de quatro anos de Marianne Faithfull, Nicholas, era uma das poucas pessoas do mundo com quem ele se sentia completamente à vontade. Apenas em Stargroves Mick podia andar até as lojas locais sem ser incomodado. Ele gostava principalmente de andar de mãos dadas com Nicholas pelas ruas estreitas de East Woodhay, cujo idoso gerente da agência de correio, Alan Deane, lembraria dos dois comendo sacos de batatas fritas, biscoitos McVities e sorvete.

No entanto, em março de 1970, Mick Jagger, vocalista principal dos Rolling Stones, descobriu que esses simples prazeres humanos não lhe eram mais permitidos. No início daquele mês, a banda e sua equipe se instalaram na

propriedade para seis semanas de gravações, roadies instalaram dúzias de cabos no salão da frente, e todos ligaram seus instrumentos tendo ao fundo candelabros empoeirados e um brasão baronial. Logo, a velha casa balançava ao som de *Bitch*, um dos vários números com metais explosivos que agraciariam álbuns como *Sticky Fingers* e *Exile on Main Street*. Outras músicas gravadas em Stargroves incluem *Good Time Woman*, *Sway* e *Cocksucker Blues*. Músicos de estúdio como o saxofonista Bobby Keys e Jim Price muitas vezes gravavam sua parte nas faixas sozinhos, visto que Keith Richards com frequência já não os supervisionava, entregando-se cada vez mais ao que mais tarde chamaria de "tempo para se drogar". Se uma sessão era marcada para as 22 horas, Keith podia chegar às 3 horas da manhã. Havia discussões frequentes e outras ausências. Muitos colegas observaram que até o sempre profissional Mick Jagger abaixava as ferramentas, ainda que a frase não pareça muito apropriada, sempre que Marsha Hunter ou outra de suas amigas favoritas aparecia em Stargroves. "De repente", disse Stu, "havia dias em que Mick desaparecia no andar de cima."

Não que tudo fosse diversão para os rapazes. Todos se reuniram para uma rara performance da banda completa para a gloriosamente excêntrica *Can't You Hear Me Knocking*, um número rock-guitar que no meio do caminho se tornava uma jam session mariachi. Mas uma experiência mais típica exemplifica-se na noite em que Keith tocou pela primeira vez os acordes melancólicos de *The Japanese Thing*, que no final se tornaria *Moonlight Mile*. A princípio, havia algo como uma formação esqueleto presente para a música, com apenas Charlie Watts na bateria e Jim Price ao piano. Mick Jagger encontrava-se em seu boudoir, Bill Wyman também havia se retirado, e ninguém sabia exatamente onde se encontrava Mick Taylor depois que o outro guitarrista da banda lhe dissera: "Não precisa tocar nessa. Você toca alto demais." Seis meses depois, Keith estava drogado demais para participar da última sessão para *Moonlight Mile*, que os dois Micks finalizaram no Olympic. Mesmo quando todos estavam fisicamente presentes na mesma sala, uma discussão crescente agora ocupava os principais compositores dos Stones sobre que som, exatamente, a maior banda de rock and roll do mundo deveria

produzir nos anos 1970. Bill Wyman mais tarde caracterizaria o problema criativo da maioria dos discos dos Stones da época como: "Mick queria sucessos, e Keith não estava nem aí."

Enquanto isso, Jagger, Richards e seu coprodutor Glyn Johns haviam editado as fitas dos concertos de Nova York relutantemente — depois de um último conflito com a Decca — sem as contribuições de B. B. King e Ike and Tina Turner para os três shows. As expectativas causadas por *Get Yer Ya-Ya's Out!* eram grandes. Era um retorno aos dias em que os Stones eram uma banda informal, com Keith tocando os velhos riffs e Mick Taylor fornecendo solos fluidos. O baixo superamplificado de Bill nos remete a um longo choque elétrico, enquanto a batida econômica de Charlie acrescenta sinais de exclamação pontuais. O que foi capturado foi o auge extravagante de Mick em sua performance de palco e a hábil combinação da banda de rock de arena e atitude punk.

O significado de "ya-yas" (aparentemente, um canto vudu) nunca foi explicado, mas a música fervia como asfalto no verão. Foi direto para a primeira posição nas paradas de sucesso.

Quando Rupert Loewenstein chamou todos os Stones em setembro de 1970 para explicar as vantagens de passar uma pequena parte do ano na França, enquanto o dinheiro que viessem a receber com gravações e turnês seria canalizado para uma matriz na Holanda, pagando impostos modestos de 1,5%, os membros da banda reagiram de formas variadas. Depois de ouvir a apresentação de Loewenstein, Charlie Watts logo em seguida comprou uma casa na zona rural de Provença e tomou providências para que sua filha de dois anos iniciasse sua educação formal na Riviera. Tendo viajado para o exterior pela primeira vez apenas em outubro de 1969, Mick Taylor parece ter resistido a deixar o país com a namorada Rose, grávida de cinco meses, particularmente depois de saber que após menos de um ano e meio com a banda ele já devia 22 mil libras à Inland Revenue.

Bill Wyman ficou menos feliz ainda. Loewenstein conseguira extrair os registros financeiros dos Stones de Nova York apenas depois de uma longa discussão, e a paciência se esgotava à medida que ele e a banda esperavam por

uma resposta. Os arquivos que Klein forneceu não eram de fácil leitura. Embora o Departamento do Tesouro americano na maioria das vezes tivesse tirado sua fatia dos ganhos dos Stones diretamente na fonte, ninguém pensara em cuidar das exigências das autoridades britânicas, que agora escreviam indagando sobre o que lhes era devido. "Dizer a Bill que ele devia cem mil em impostos era como deixar um fósforo cair dentro de um tanque de petróleo", nas palavras de Tom Keylock. O que se seguiu foi "uma grande explosão de raiva". Depois de passar um bom tempo xingando Klein, Wyman parece ter passado de um estado de fúria para desespero, observando que se vira forçado a trabalhar e conviver com colegas com os quais não tinha "nada em comum" — veredito que pelo menos um deles teria confirmado. Keith Richards mais tarde refletiria que, além de trocar jargões musicais estritamente profissionais, ele e o baixista passariam os próximos dez anos sem dizer uma palavra um ao outro. Wyman só se animou quando chegou ao sul da França e descobriu que estava no lugar certo para praticar seu hobby de fotografar mulheres de topless. Mais de uma vez, Bill sentou-se em um barco ancorado na praia de nudismo de Saint-Tropez apontando a câmera para as banhistas, embora essa técnica muitas vezes nem sequer fosse necessária. De acordo com o jornalista Robert Greenfield, que visitou os Stones em seu exílio, Bill "simplesmente pedia às mulheres mais atraentes que estivessem jantando que entrassem por um momento em um cômodo e tirassem suas blusas para que ele pudesse tirar uma foto rápida para a sua coleção".

Para Keith Richards, por outro lado, o inverno de 1970-71 trouxe um desafio mais pessoal, quando ele e Anita embarcaram numa montanha-russa de alcoolismo e dependência de drogas, parando apenas para se recuperarem em várias e discretas clínicas de reabilitação. Nick Gough lembra de um incidente por volta do Natal de 1970 em que Keith, um entusiasta sério de suvenires militares, apareceu, um tanto inesperadamente, com alguns amigos em uma renovação do memorial de guerra de West Wittering, a 1,5 ou 3 quilômetros de Redlands. Quando *Last Post* tocou, uma onda de patriotismo tomou conta do grupo de Keith, que fez uma tentativa desconcertante de homenagear os soldados mortos ficando em posição de sentido. Nem todos conseguiram ficar

eretos. O escritor Stanley Booth, que se hospedou em Redlands por algumas semanas, conta que a rotina básica era: "Levantávamos de manhã e nos drogávamos. Como Keith ainda estava alugando a cabana para o casal de drogados registrados no sistema de saúde pública que tinha prescrições de heroína, o suprimento não era problema. Na verdade, tínhamos drogas até *demais*." O próprio Keith no futuro diria ser "muito seletivo" em seu consumo, usando "cocaína farmacêutica, a melhor heroína [e o melhor] ácido", mas não aceitando "merdas mexicanas". No final das contas, ele instalou uma enfermeira escocesa conhecida como Smitty para ajudá-lo a passar por um período doloroso de abstinência, mas relativamente curto, ao que parece com o intuito de lhe possibilitar um recomeço na Riviera. No início, Keith fez a mudança insatisfeito, vendo-a como outro ato de vingança do "Establishment", mas, com o passar do tempo, acabou aceitando uma vida familiar com sol, mar e palmeiras.

Quando chegou a hora de viajar, contudo, Keith e Marlon voariam para a França sem Anita, que passava pela sua própria desintoxicação em Bowden House, uma clínica particular localizada em frente à Harrow School, no norte de Londres. Para dar algum crédito a Keith, ele dirigiu até a clínica para uma visita a Anita pouco antes de pegar o voo para Nice. Infelizmente, Gram Parsons chegara da Califórnia mais cedo naquela tarde, aproveitando a oportunidade para apresentar seu anfitrião ao speedball, uma mistura de heroína com cocaína. Esse lapso do regime de Smitty levou Keith a cochilar no volante do Bentley, jogando o agora Pink Lena [Lena cor-de-rosa] contra uma cerca de ferro, e ele acabou entrando em uma rotatória em Neasden. A frente do carro foi destruída, com fumaça saindo do radiador danificado — contudo, mesmo depois de Richards tê-lo empurrado até um muro, o sistema de som continuou tocando *Brown Sugar* a todo volume pelas caixas externas do carro. Quando Keith começou a cavar freneticamente um buraco para esconder as drogas que tinha consigo, viu o pianista dos Stones Nicky Hopkins observando-o. Hopkins morava ali perto, então convidou Keith educadamente para uma xícara de chá. Quando Keith telefonou para Anita a fim de avisar que poderia se atrasar, ela gritou em resposta: "Basta me trazer um pouco de

heroína e saio daqui. Agora!" Esse não era um casal muito preocupado com as implicações de longo prazo das leis tributárias, mas sim com os desafios mais urgentes de suas vidas diárias.

Mick Jagger, sim, estava preocupado com dinheiro. No verão de 1970, o ex-aluno da LSE gastou mais de seu tempo em salas de reunião com o distinto Rupert Loewenstein e seus colegas do Leopold Joseph do que na cama com sua última groupie. O acordo final foi alcançado em outubro com a ajuda de um advogado de Paris, Maitre Michard-Pellisier. Os Stones gastariam juntos entre 150 e 200 mil libras, ou cerca de 600 mil dólares, para cada ano do seu exílio na França, e o governo francês abriria mão de qualquer direito que tivesse a impostos cobrados sobre os lucros coletivos da banda.

Os arranjos alternativos de Rupert logo se mostraram bastante lucrativos: no período fiscal até abril de 2007, de acordo com detalhes revelados pelo Handelsregister, o registro mercantil da Holanda, os membros fundadores dos Stones pagariam um total de apenas 7,2 milhões de dólares sobre uma renda acumulada de mais ou menos 500 milhões de dólares, muito menos do que as taxas tributárias britânicas e americanas de cerca de 40% (ou até 93% na década de 1970). Parte dos ativos da banda localizados em Amsterdã seria canalizada pelas Antilhas Holandesas, um protetorado alemão e um popular paraíso fiscal caribenho, tornando-se uma das cerca de 20 mil dessas "companhias de correio", de acordo com um relatório de 2009 do Centro de Pesquisa de Corporações Multinacionais. Foi uma estratégia de longo prazo muito eficaz, mesmo que tenha levantado certas questões no que diz respeito a uma banda ainda associada por alguns a brigas de rua, anarquia e revolução. Ao aproximar-se de seu 30º aniversário, Mick também tinha uma preocupação mais específica, genética. "Seu grande medo era perder o cabelo como o pai", Eva Jagger me contou certa vez.

Ainda que tenha sido poupado da calvície, Mick tinha outras preocupações pessoais — por exemplo, problemas com a namorada, visto que sua tentativa a princípio bem-sucedida de reconquistar Marianne Faithfull acabou não dando certo. Marianne havia desenvolvido uma dependência de heroína tão grave quanto a de Anita; ela mais de uma vez desmaiou com o rosto na sopa quando

Mick a levou para jantar com amigos abastados como Rupert Loewenstein ou Jonathan Guinness. Depois de ter ouvido Ahmet Ertegun, dono da nova gravadora dos Stones, descrevê-la como um passivo corporativo, Marianne pegou o filho e algumas roupas em Cheyne Walk e partiu para não mais voltar. "Não levei mais nada por orgulho", ela conta. "Eu tinha algo a provar para Mick, pois ele realmente acha que mulheres são criaturas ambiciosas terríveis." Mais tarde, Marianne diria que sofreu um tipo de colapso nervoso durante esse período, embora sua memória por sorte seja vaga. Antes de uma psicoterapia intensa, tudo que ela lembrava era de ir regularmente a um beco da Great Windmill Street, em Londres, para pegar drogas, e de, após ter lido sobre o casamento de Mick no jornal da noite, ter entrado em um restaurante indiano, desmaiado em cima do curry e passado a noite na delegacia local. Marianne passou alguns anos parecendo uma causa perdida até ressurgir em 1979 com a extraordinária música composta por ela mesma sobre luta e redenção *Broken English*, seguida por uma série de álbuns aclamados pela crítica e ocasionais participações em filmes. Quando se recuperava de uma operação por causa de um câncer em 2006, ela atendeu ao telefone em uma clínica de Paris para ouvir uma voz familiar dizendo: "Olá, querida. Como você está?" Era a primeira vez que Mick Jagger ligava para ela em 36 anos. "Ele teve muito trabalho para conseguir o meu número no hospital", ela diz hoje. "Isso que é um cara de classe."

Outras partidas do cortejo dos Stones no início dos anos 1970 incluíram os leais serviços de Tom Keylock, cujo papel de assistente indispensável da banda foi transferido para seu amigo Alan Dunn. Outros deveres de Tom foram assumidos por "Spanish Tony" Sanchez, um homem que Marianne Faithfull descreve como "pavoroso... Você precisaria vê-lo comer para saber como era abominável. Ele era um marginal, um parasita sem valor, mas ao mesmo tempo um homem muito fraco". (E ela dormiu com ele.) Essa transição em particular não ajudou muito na manutenção de nenhuma estabilidade ou ordem. Quando Keith Richards ficava nervoso, ele de vez em quando despejava tudo em cima de Sanchez, que a princípio ouvia calado. Com o passar dos anos, porém, a balança do poder mudou. Sanchez não apenas passou a responder ao

chefe, como também, de vez em quando, tomava a iniciativa e gritava primeiro. Em março de 1971, Spanish Tony teve uma crise de laringite antes de se juntar a Keith e aos Stones na Riviera. Eles tiveram alguns dias de silêncio em vez dos "foda-se" mútuos.

No dia 2 de setembro de 1970, os Stones abriram uma turnê pela Europa em Helsinque. Com a apresentação marcada, pela precisão escandinava, para as 20h05, eles finalmente subiram ao palco à 1h45 da manhã. Keith Richards levou a família consigo em toda a turnê, então os Stones acompanhavam tanto o "tempo para se drogar" quanto a agenda de Marlon, de um ano de idade. Keith também aproveitou a oportunidade para conhecer melhor o amigo texano Bobby Keys, que compartilhava seu amor pelo lado recreativo do rock and roll. Uma certa ingenuidade 007 e uma caneta oca com 2 gramas de cocaína eram componentes indispensáveis para turnês de uma era que chegou ao fim. Também havia uma lata falsa de espuma para barbear, a misteriosa tecla branca adicional do piano de Nicky Hopkins e o fundo falso do amplificador de Keith. Quando o suprimento de drogas diminuía, os Stones pediam ao organizador local que arranjasse um pouco mais.

Paris, 22 de setembro de 1970. A Decca, aparentemente ainda preocupada com o negócio com os Stones, cometeu a imprudência de se oferecer para pagar a conta de uma noite da banda em um hotel que, graças ao generoso serviço de quarto e outros adicionais, totalizou 16.275 francos, ou o que atualmente equivaleria a cerca de 35 mil libras, para os cinco músicos e seus convidados. Mais tarde, Mick Jagger saiu com uma bela mulher de pele morena e maçãs do rosto proeminentes chamada Bianca Perez-Mora Macias, que para alguns era uma versão feminina e mais arrogante do próprio Mick. Bianca tinha 25 anos, mas dizia ter 21, e não era muito fã de rock and roll. Mas recebeu uma calorosa recepção de cocaína à turnê, e Mick a levaria de volta a Londres com ele. Em Heathrow, Bianca garantiu aos repórteres que o casal era apenas "bons amigos", acrescentando: "Não 'enho nome. Não fala inglês" — o que não era bem verdade, já que nos oito anos seguintes à partida

da sua terra natal, a Nicarágua, ela fora uma frequentadora assídua do circuito de clubes de Londres e tivera um noivado informal com o ator Michael Caine. Os outros Stones tiveram reações variadas. Bill e Charlie foram educados; o pequeno Mick — que não era mais um recém-chegado — foi amigável; e Keith guardou a própria opinião para si. "No início, pensei que Bianca fosse só uma piranha", ele admitiria. "Mas, à medida que a fui conhecendo melhor, descobri que ela é inteligente [e] forte... tem uma personalidade muito forte. O único ponto negativo é que ela nunca teve muito bom humor." (Anos depois, Bianca admitiria para o amigo Ross Benson: "Detesto sorrir — me faz parecer tão burra.") Já a opinião de Anita Pallenberg sobre a nova integrante do círculo íntimo dos Stones foi definitiva: ela odiou "a puta arrogante" desde o início. De acordo com Tony Sanchez, Anita estava obcecada pela ideia de que ninguém (exceto Mick Jagger) vira Bianca sem roupas, o que provava que ela tinha "peitos caídos", ou "na verdade era um homem que havia feito uma operação para mudar de sexo". Mick estava tão embevecido que dispensou suas outras amigas de reserva, inclusive a grávida Marsha Hunt. "Tivemos um bebê de propósito", Hunt disse à imprensa depois de dar à luz a filha do casal, Karis, em novembro. "Agora, ele não está mais envolvido conosco."

No Natal de 1970, os Stones tornaram formal seu desprezo por Allen Klein processando-o na suprema corte do Estado de Nova York em 29,2 milhões de dólares. A queixa da banda observava que o empresário nos últimos cinco anos havia usado "sua posição... apenas para seus próprios lucros e vantagens pessoais". A Decca também foi demitida na mesma semana. Os Stones agora se encontravam na agradável posição de avaliar ofertas pelos seus serviços, e a certa altura quase se juntaram a Elvis na RCA. No último momento, uma firma fraudulenta chamada Kinney Group, que supostamente envolvia a Máfia, com uma divisão de estacionamentos e uma divisão mortuária, e proprietária da Atlantic de Ahmet Ertegun, ofereceu à banda um contrato de distribuição mundial de 5,7 milhões de dólares. (Na verdade, os álbuns seriam lançados pela Rolling Stones Records, um selo financiado pela própria banda que se mostraria curiosamente inerte quando o assunto era a contratação de "talentos jovens" prometida no comunicado inicial à imprensa.) O novo acordo teve

início com a contratação pela banda de Marshall Chess, de 29 anos — o homem que dez anos antes enviara a Mick Jagger seus amados discos de Chuck Berry diretamente de Chicago — para ser o primeiro presidente do selo. Mick e Keith criaram o famoso logotipo, inspirado na deusa Kali, cultuada pela sociedade secreta ambulante de ladrões e assassinos dos Thugs, e desenhado pelo jovem aluno da Royal College of Art John Pasche.[2] Pasche recebeu a quantia padrão que cobrava pelo seu trabalho: 50 guinéus. O desenho da língua, que parece pedir por sexo oral, logo seria imediatamente reconhecido por milhões de pessoas do mundo inteiro, mesmo que nunca tenham comprado um disco de rock ou ido a um concerto. Como ato final de ruptura com o regime da Decca, Mick também decidiu dar a todos os discos lançados pela banda a partir de então números de série com as letras COC. Esse seria o padrão até 1978, quando ele optou por CUN.[3]

No dia 4 de março de 1971, os Stones deram início a uma turnê pré-exílio pela Grã-Bretanha. Ela se deu com uma atmosfera estranha, com frequência sombria. Muitos críticos foram hostis, e até o *Daily Telegraph* criticou a banda para a qual a "vantagem tributária pessoal" parecia ser a única prioridade. Vários jornais disseram que as músicas dos Stones haviam lhes rendido 83 milhões de libras em sete anos, e Jagger e Richards usaram um anúncio de página inteira para declarar que estavam quase falidos. (Na verdade, cada compositor da banda recebera um cheque de 805,629 dólares no início daquela semana.) O tempo para as drogas ainda prevalecia, e na maioria das noites havia vaias enquanto os fãs da banda os esperavam. Em 12 de março, Keith Richards perdeu o trem de Londres para uma apresentação em Liverpool. Um jatinho particular fretado às pressas para ele no Heathrow apresentou problemas na pista de decolagem. Um segundo avião requisitado teve o mesmo destino. Keith, Anita, Marlon e seu cachorrinho Boogie chegaram ao teatro cinco horas depois da hora marcada para a entrada da banda. Os shows eram medíocres na melhor das hipóteses, ainda que apresentassem um charme áspero, no estilo Faces, em particular na versão prolongada de *Brown Sugar* com finalização Chuck Berry. Os pais de todos os membros da banda vieram aos shows finais no Roundhouse, em Londres. O senhor e a senhora Watts

sentaram-se impecáveis na primeira fileira com suas melhores roupas, e Doris Richards distribuiu biscoitos. “Foi estranho balançar minha bunda na frente da minha mãe”, Mick Jagger admitiu. “Um lance meio incestuoso.”

Em 26 de março, os Stones fizeram uma apresentação televisionada no Marquee Club. Era o mesmo lugar onde eles haviam estreado em 1962, com o mesmo gerente, Harold Pendleton, sussurrando “Continuam uma merda” pelas suas costas. A história se repetiu com Keith Richards tentando bater com a guitarra na cabeça de Pendleton e sendo arrastado enquanto esperneava por Mick e Charlie. Seguiram-se discussões acaloradas. Keith gritou um pouco mais, e Mick exigiu aos brados que o clube se explicasse antes do início do show. “The Rolling Stones Farewell Special” nunca foi transmitido comercialmente. Estava claro que a partida da banda estava causando tensão. Quatro dias depois, foi a vez de Mick, quando os Stones deram uma festa para seus amigos no Skindles Hotel, em Maidenhead. De acordo com Kenneth Anger, “todo mundo estava relaxando por volta das 2 horas da manhã, quando o sistema de som parou... Mick perguntou por que isso acontecera, e lhe disseram que a lei da vila proibia música após aquela hora. Mick prontamente pegou a mesa e jogou em uma enorme janela de vidro laminado que dava para o Tâmisa. O preço do vidro devia ser umas 20 mil libras... Essa era a demonstração do que ele sentia por ter a música desligada”.

A última visão que a maioria dos britânicos pensou que teria dos Rolling Stones foi da banda tocando *Brown Sugar* no *Top of the Pops*. Mick Jagger usou um terno de cetim cor-de-rosa, a guitarra ruidosa de Keith levou a plateia adolescente a um boogie sincronizado, e o resto da banda seguiu-o da melhor forma que pôde. Quando o clipe foi exibido na noite de 15 de abril, os Stones já estavam seguros no seu esconderijo na Riviera. A gravidade da sua situação finalmente ficara clara quando eles descobriram que nem Allen Klein nem qualquer outra pessoa agindo em seu interesse havia pagado um centavo dos juros e multas que se acumulavam sobre os impostos devidos, deixando Mick e

Keith atrasados em cerca de 240 mil libras. O resultado desse atraso seria um longo período vivendo em vilas pomposas na Costa Azul, embora Keith, em particular, passasse um bom tempo se lamentando pelo fato de que "o Establishment — um bando de juízes e políticos do cacete — nos expulsou do nosso próprio país", mesmo que sua ira devesse ser dirigida aos empresários muito bem pagos dos Stones, os verdadeiros responsáveis pela situação. Seja qual tenha sido a causa, o resultado foi um ressentimento mútuo em relação ao Establishment. Quando os Stones finalmente se preparavam para partir, "os velhos da Decca", como Keith caracterizava seus ex-chefes, informaram que, de acordo com os termos do seu contrato original, eles ainda deviam mais um compacto ao selo. Sempre perfeccionista nos detalhes, Mick foi até a Decca House pela última vez a fim de entregar pessoalmente uma fita com um número espirituoso chamado *Cocksucker Blues*.[4]

A irritação inicial de Keith por ter de deixar a Grã-Bretanha foi um pouco abrandada quando ele viu a casa escolhida para seu exílio. Com um par de portas de ferro forjado de 6 metros de altura, um salão imenso, uma imensa escadaria, oito quartos, piso de cerâmica e afrescos no teto, a Villa Nellcote ficava sobre um penhasco com vista para o belíssimo Cap Ferrat. Por várias razões ocultas, o proprietário original da casa, um almirante britânico aposentado, se jogara da varanda dos fundos para a morte. Ao menos um biógrafo renomado do rock já disse que Nellcote foi usada pela Gestapo como centro de interrogatórios "durante cinco anos de domínio nazista ao longo da guerra", ainda que essa afirmação possa ser modificada pelo fato de os alemães terem ocupado essa parte da França somente de março de 1943 até julho de 1944. (Tampouco havia "manchas de sangue seco" ou "algemas sinistras" no porão da casa.) Ian Stewart, uma fonte mais confiável, lembraria de Nellcote como "uma viagem de Scott Fitzgerald, com dez pessoas para o almoço... 15 para o jantar". Também havia jardins que mais pareciam florestas, onde palmeiras, figueiras e alfazemas almiscaradas floresciam à brisa do mar. Além de um Jaguar E-type, Keith logo comprou uma potente lancha Riva que chamou de *Mandrax*. Enquanto isso, Bill Wyman e Mick Taylor, agora pai de uma menininha chamada Chloe, instalaram-se em vilas alugadas em Grasse, a 50

quilômetros em direção ao interior; Charlie tinha sua casa rural, e Mick Jagger se hospedou com Bianca na suíte presidencial do Hotel Byblos, em Saint Tropez. De forma geral, foi um exílio muito generoso.

No dia 6 de abril de 1971, os Rolling Stones fizeram um cruzeiro até Cannes em um iate fretado com uma bandeira do seu logotipo para assinar formalmente seu novo contrato de gravação de quatro anos com a Kinney-Atlantic. Ao menos no que diz respeito à longevidade, o grande debate Beatles vs Stones agora estava resolvido a favor dos últimos. Houve uma celebração naquela noite no hotel Carlton. Convidados com pouca roupa logo pulavam na plataforma onde a banda tocava, tirando as partes de cima e se esfregando uns nos outros. Bill Wyman estava com sua câmera. Uma adolescente pulava sobre o palco balançando os braços numa homenagem à famosa dança "galo sob o efeito de ácido" de Mick Jagger, que este dançara pela primeira vez quando ela ainda estava no primário. O próprio Mick era importunado por fotógrafos atraídos pelo seu terno cor-de-rosa e pela provocativa blusa tomara que caia de Bianca.

Keith Richards saiu cedo. "Tenho que encontrar meu cachorro", ele disse. "Ele é o meu único amigo na festa, cara."

Sticky Fingers. Mesmo sem o membro saliente na capa e o título obsceno, esses 45 minutos capturariam a essência degenerada dos Stones em toda a sua glória perturbada dos anos 1970. O álbum está mergulhado em sexo, drogas e rock and roll. Mas a banda também pulou algumas restrições, com números suaves de country e soul, para não mencionar uma homenagem a Carlos Santana entre os golpes mais sujos de guitarra. Analogamente, *Fingers* ultrapassou todas as barreiras em termos de letras: tudo era permitido, de comentários sociais às drogas — "cocaine eyes" [olhos de cocaína], "speed freak jive" [dança de um viciado em anfetaminas], "head full of snow" [com a cabeça cheia de neve — gíria para cocaína], "needle and a spoon" [agulha e uma colher] — que iam além do lamento angustiante de *Sister Morphine*, banida pela BBC pelo uso ousado da palavra "score" [gíria que quer dizer injetar heroína]. Do ritmo borbulhante com afinação aberta em Sol de *Brown Sugar* ao final soporífero de *Moonlight Mile*, a arrogância contagiante e a amplitude

panorâmica do álbum o fizeram ocupar durante anos a posição de melhor obra de blues-rock já produzida — desde *Let it Bleed*. Talvez muito refinado para os mais conservadores, mas uma obra de arte para todos os outros.

Na metade do verão, *Sticky Fingers* estava na primeira posição na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e em 14 outros mercados.

Mick Jagger e Bianca Macias subiram ao altar numa quarta-feira, 12 de maio, na pequena capela branca de Saint Anne, num monte em Saint Tropez. O noivo usou um terno de três peças, e a noiva um chapéu de abas largas e um tailleur Yves Saint Laurent branco aberto no busto proeminente. Uma cerimônia civil caótica havia sido realizada naquela manhã, com Bianca visivelmente furiosa depois que Mick lhe apresentara um acordo pré-nupcial de 28 páginas, e metade da imprensa do entretenimento, já presente para o festival de Cannes, que começara na mesma semana, na prefeitura local. Mick havia dito a todos que queria um casamento discreto, para o qual escolheu a Riviera no primeiro dia da temporada de verão, além de ter fretado um avião para trazer 75 roqueiros convidados e suas famílias. Entre os presentes se encontravam Paul e Ringo (que estavam processando um ao outro e não estavam se falando), Eric Clapton, Keith Moon, Ron Wood e a atriz Nathalie Delon, cujo último amante havia acabado de ser encontrado numa lata de lixo em Paris com duas balas na cabeça, e que agora começava um caso com o músico de estúdio dos Stones Bobby Keys. Entre os que declinaram do convite estavam William Burroughs, que me disse que precisaria pagar 50 libras em tarifa aérea, o que seria "caro demais sob as circunstâncias". Os pais de Mick foram e "detestaram", de acordo com Eva Jagger. "A imprensa era como algo saído de um filme ruim, e depois passei dois dias com uma dor de cabeça terrível. Aquelas pessoas pavorosas do rock ficavam arrastando Mick para um canto. Nem conseguimos lhe entregar seu presente." Em uma reunião tensa da família na véspera do casamento no Byblos, a velha senhora Jagger passara o tempo todo em silêncio avaliando o uso exagerado de maquiagem pela nora, sua blusa de seda e sua minissaia transparentes. "Ela era bonita demais." Keith Richards foi o único Stone convidado para a cerimônia em si. Ele chegou tarde, discutindo furiosamente com Anita, e não conseguiu passar pela

multidão de fãs, manifestantes e fotógrafos do *Paris Match* que se acotovelavam na porta. Pallenberg podia dizer que poucos segundos compartilhando um espaço confinado com a choldra era insuportável para o frágil senso de relações-públicas do parceiro. Quando Keith por fim conseguiu entrar, jogou um cinzeiro no bedel. A noiva depois foi conduzida pelo primo da Rainha, Lorde Lichfield. A pedido de Bianca, o organista combinou trechos intermitentes da *Marcha Nupcial* de Bach ao tema de *Love Story*.

Mais tarde, de volta ao Hotel Byblos, Terry Reid e outras celebridades convidadas por Mick se trocavam para a recepção.

"Em pouco tempo, começamos a ouvir um som cada vez mais alto de batidas se aproximando pelo corredor em nossa direção. Na época, o Byblos tinha chão de madeira, então podíamos ouvi-lo ecoando, chegando cada vez mais perto. Batendo e chacoalhando; muito estranho. De repente, parou do lado de fora. A porta se abriu, e todos ficaram chocados. Havia um homem parado no solado da porta. Ele estava com um uniforme nazista completo. Parecia estar em posição de sentido, com casaco da SS e uma Cruz de Ferro pendurada no pescoço e coturnos pretos. Era Keith."

"Oi pessoal", ele disse.

A festa foi realizada em um teatro particular do Café des Arts. Celebridades se abraçavam animadas ao se encontrarem enquanto Terry Reid cantava. Keith, ainda uniformizado, e depois de encontrar um simpático traficante de cocaína entre os cavalheiros do Byblos, apagou em um canto. Bianca, de turbante, dançou com Joe Jagger, então com 60 anos, e saiu sozinha. Mas sua noite ainda não havia terminado. Horas mais tarde, ela acordou para encontrar Keith Moon completamente nu entrando pela janela do seu quarto no 60º andar. A única coisa que Moon usava eram óculos escuros de brinquedo com olhos balançando com molas e calcinhas na cabeça. Anos depois, Bianca diria que seu casamento havia acabado no dia da cerimônia.

Depois disso, havia pouco a ser feito além de passar o verão em Nellcote com Gram Parsons e um grupo de amigos, músicos e traficantes que se renovava constantemente. Os salões formais da casa eram decorados com cadeiras antigas com brocado, os assoalhos incrustados com cerâmica roxa e

branca, com espelhos com molduras douradas nas paredes e no teto superior. Cortinas de seda branca balançavam nas janelas altas, que ofereciam uma vista fantástica dos montes tão cheios de buganvílias que chegava a ser obsceno. Descendo a escada em caracol ao fundo chegava-se a uma praia particular. Keith raramente ia até lá; preferia ficar deitado nos cômodos na penumbra, fumando maconha e ouvindo os discos de Chuck Berry no volume máximo. Um chef cordon bleu chamado Jacques ou "Jack, o Gordo" servia refeições requintadas a qualquer hora do dia ou da noite. Keith o deixava louco pedindo *bangers and mash* com muito molho escuro.[5]

De forma geral, os Stones haviam gostado de trabalhar em Stargroves, e dada a falta de qualidade dos estúdios locais — Stu caracterizou os poucos estúdios disponíveis na Riviera como "uma porcaria... a descarga nos banheiros sempre voltava e sentíamos cheiro de esgoto" — a banda acabou decidindo gravar o álbum seguinte no porão da casa de Keith. Apesar de algumas faixas iniciais terem sido gravadas no Olympic e de o produto final ter sido mixado em Los Angeles, *Exile on Main Street* tornou-se o melhor e mais lucrativo rock and roll já saído de um porão. Como se tornou notório, o trabalho se deu em meio a muitos conflitos domésticos. Graças à sua enfermeira escocesa, Keith chegara à Riviera relativamente "limpo" — ou seja, ele estava usando cocaína, LSD, pílulas e maconha, mas não heroína, o que para os padrões dos Stones era o mesmo que estar em abstinência. Infelizmente, Keith conseguiu cair de um kart quando corria em uma pista local, ficando quase com as costas inteiras sem pele. Um motorista ocasional de Grand Prix de 33 anos da alta sociedade e traficante de drogas chamado Tommy Weber fizera amizade com os Stones antes do seu exílio em Londres. O relacionamento sobreviveu à sedução da adorável e frágil esposa de Weber, Susan, ou "Puss", por Anita Pallenberg na Bowden House. Em maio de 1971, Puss se hospedaria em um hotel de Londres e se suicidaria com um coquetel de champanhe e soníferos. Nas palavras de Tommy Weber, "Keith e Anita foram maravilhosos e insistiram que eu ficasse em Nellcote" — embora, como o "casal de drogados" de Redlands, ele logo fosse descobrir que a hospitalidade de Richards tinha um preço. "Pouco depois do incidente com o kart", lembra Weber, "Keith olhou para

mim e disse: 'Ok, Tommy, acho que chegou a hora de você ir ao médico e conseguir um pouco de você sabe o que para nós', que era o que todo mundo estava evitando. E aquele foi o início de tudo. O incidente com o kart nos levou aos narcóticos."

O que se seguiu era inevitável. Hospedando 25 ou 30 músicos e seus amigos drogados, Nellcote logo se tornou o equivalente da Riviera a Graceland, com conexões internas como Tommy Weber e Tony Sanchez, e procissões regulares de visitantes noturnos vindo de Marselha que chegavam usando óculos escuros e trazendo pastas pretas idênticas presas aos pulsos.

"Todo mundo estava fora de si", Mick Jagger confirmaria. "E os engenheiros, os produtores — todas as pessoas que deveriam ser organizadas — estavam piores do que todo mundo." Em pouco tempo, o outrora austero Jimmy Miller andava de um lado para outro com a mão direita tatuada segurando uma caneca de tequila, e mais de uma vez interrompeu o trabalho vomitando violentamente na mesa de mixagem. "Vocês querem morrer?", Miller gritou certa noite sem razão aparente. "Quero ver se vocês querem morrer, seus filhos da puta!" Com isso, ele tentou encostar um fósforo a um lenço que molhou sobre o seu drinque, ao que parece tentando produzir um coquetel Molotov, mas o dia foi salvo pela rápida intervenção de Stu com a ajuda de um taco de golfe. Um contador dos Stones posteriormente testemunharia no tribunal que Nellcote custara a Richards mais ou menos 4 mil libras por semana: 500 libras em comida e bebida, 1.200 libras com o aluguel e 1.800 libras em "cotton candy", ou heroína tailandesa pura. Keith teria dificuldades para atender à exigência do governo de que ele investisse cerca de 30 mil libras para cada ano que passasse no país.

Além das drogas, havia a logística. Concordar em trabalhar em uma das suas próprias casas não era garantia de que os Stones estariam todos presentes ao mesmo tempo. Mick Jagger particularmente detestava a atmosfera coletiva — "você não sabia se [estava] gravando ou jantando", ele queixou-se — e também tinha que se preocupar com a esposa, que estava com uma gravidez avançada e não omitia sua insatisfação. Não demorou muito para que Bianca fosse para Paris, forçando Mick a viajar pela França pelo resto das sessões. Mais

de uma vez, ela ameaçou deixá-lo definitivamente. A banda às vezes a chamava de "Bianca the Wanker" [Bianca Imbecil] pelas costas. Mick também decidira adotar uma postura mais *chic*, vestindo-se como um francês, com boina e sobretudo, o que também era o assunto de muitos comentários irritados em Nellcote na sua ausência. Jimmy Miller recordar-se-ia de "várias vezes de manhã, depois de noites incríveis gravando, ter ido almoçar com Keith e, poucos minutos depois de vê-lo, ter percebido que algo estava errado. Ele dizia 'Jagger caiu fora para Paris outra vez'. Vi que ele estava ressentido, pois sentia que começava a produzir algo, e quando Mick voltasse a mágica poderia ter passado". Ainda naquele verão, quando Anita engravidou, espalhou o boato obviamente falso de que o bebê era de Mick. De acordo com Marshall Chess, "discutia-se de quem o bebê era. [Anita] pensava que era de Jagger. Houve muitos problemas entre Mick e Keith por causa disso". Entrementes, Bill e Mick Taylor constantemente ficavam esperando no porão de Nellcote enquanto Keith "colocava Marlon para dormir" no andar de cima, exercício que com frequência levava horas. Charlie, por sua vez, viajava 200 quilômetros com um chofer entre Provença e Nellcote, chegando pontualmente toda segunda às 9 horas da manhã e partindo de volta toda sexta exatamente às 5 horas. Ele dormia em um pequeno quarto de hóspedes no segundo andar, e passava seu amplo tempo livre admirando os desenhos de flores e pássaros de Nellcote. Se Keith tivesse uma inspiração repentina e quisesse gravar alguma coisa no final de semana, como aconteceu com *Happy*, ele mesmo ou Jimmy Miller tocava bateria.

Em retrospecto, talvez a Vila Nellcote ficasse perto demais de Marselha para o bem do próprio Keith. Enquanto seus colegas de banda suavam no porão, às vezes produzindo um pouco de música com muita dificuldade, ele organizava uma cadeia de fornecimento de heroína com a máfia corsa, apelidada de *les cowboys*, arranjo que logo chamou a atenção da delegacia de narcóticos da prefeitura de Toulon. Na metade do verão, Jack, o Gordo, chef de Nellcote, também fazia denúncias a *les flics*, depois de Anita Pallenberg supostamente ter apresentado sua filha adolescente à heroína. Jack tentou chantagear Keith, que o mandou se ferrar. Os gendarmes chegaram na manhã seguinte, tomaram

depoimentos e perguntaram por que traficantes de drogas internacionalmente conhecidos haviam sido vistos perto da propriedade. Richards disse-lhes que eles faziam parte da equipe técnica do novo álbum. Stu acreditava que a polícia depois disso plantara um informante pago em Nellcote. Keith estava convencido de ter ouvido alguém respirando ao telefone. Talvez não fosse o momento certo para que Eric Clapton, na época também tentando se curar da dependência de drogas, se convidasse para passar um final de semana tranquilo em Nellcote. No final, ele passou a maior parte do tempo no banheiro do porão desmaiado com uma agulha no braço. Depois disso, Eric passaria dois anos completamente isolado na sua mansão em Surrey. A visita seguinte foi a de John Lennon, acompanhado de Yoko. Contudo, ele partiu rapidamente depois de ter vomitado no chão de mármore. A tensão de ter que mobilizar os Stones e ao mesmo tempo cuidar do filho de dois anos às vezes era demais para Keith. "Estou com você até o nariz", ele diria a Gram Parsons, embora o mesmo pudesse ser dito de outras substâncias. Parsons passou semanas em Nellcote consumindo muita cocaína e irritando Anita. Por fim, Keith expulsou o melhor amigo e transferiu esse papel para Bobby Keys.

Exile ganhou forma ao longo do verão mais quente da história escrita da Provença até o início do outono. Foi o último álbum que os Stones gravariam sem ar-condicionado, e mesmo à noite a temperatura da cripta de Keith, onde os músicos gravavam de cuecas banhados por uma luz azul cavernosa, chegava a 38ºC. Em pouco tempo, as sessões ganharam o título provisório de *Tropical Disease* [Doença Tropical]. Não é de surpreender que as músicas resultantes muitas vezes pareçam sujas, caóticas, e que os músicos pareçam cansados. Foi o melhor momento dos Stones, com músicas como *Rocks Off*, *All Down the Line* e *Sweet Virginia* emergindo da abordagem de trabalho de campo com a qual a banda costumava trabalhar, tocando no espírito de uma jam session ao longo de até 12 horas de blues das quais a equipe mais tarde extraía porções de três ou quatro minutos. Certa noite, Mick e Keith tiraram os baseados da boca por tempo o bastante para gravar os vocais de *Tumbling Dice*, que se acredita ter levado 117 tomadas para ficar pronta depois de a governanta de Nellcote, frequentadora dos cassinos locais, ter ajudado com a letra. Executada com

maestria e com um título apropriado, *Ventilator Blues* também foi uma criação desse ambiente úmido. Como de costume, Bill Wyman se irritava por não estar se dedicando a seus outros interesses, e de vez em quando ouviam-no observar que seria ótimo saber em que música eles estavam de fato trabalhando. Para acelerar as coisas, a banda inteira se mudou para Nellcote nas últimas sessões. Certa tarde, Keith despachou uma secretária para o quarto de todos os Stones com uma conta de 100 libras pelas acomodações e pelas refeições para cada um. Wyman ficou tão furioso que quebrou seu voto de silêncio: "Isso é uma piada, não é?", perguntou durante o jantar naquela noite.

"Não", respondeu Keith, colocando um pouco de veneno na voz. "Não é. Você paga isso por acomodações baratas, e quem não gostar pode cair fora."

Os Stones pagaram.

As relações entre os principais moradores de Nellcote e a comunidade mais ampla de vez em quando eram difíceis. Outra tarde, Keith Richards e "Spanish Tony" Sanchez se envolveram em um acidente na cidade vizinha de Beaulieu. O capitão do porto, um certo Jacques Raymond, deixou seu escritório para investigar o acidente, e Keith se dirigiu a ele como "maldito sapo". Desse ponto em diante, a situação piorou rapidamente. Keith sacou um revólver de brinquedo que pertencia a Marlon, e o senhor Raymond puxou sua própria arma — esta, por sua vez, de verdade — antes de chamar as autoridades. Spanish Tony achou melhor voltar para a Inglaterra naquela noite, deixando para Keith a tarefa de enfrentar uma investigação judicial que no final foi esquecida depois que o prefeito local foi recebido para jantar em Nellcote e saiu de lá com alguns álbuns autografados. Em Londres, Sanchez teve a consideração de comprar 30 gramas de cocaína farmacêutica, que escondeu em um piano de madeira enviado a Marlon. Richards e Pallenberg quebraram o presente assim que ele chegou e devoraram o conteúdo.

De acordo com documentos obtidos do FBI, "autoridades locais [agora] colocaram a casa sob vigilância diária", alertadas não apenas pelas idas e vindas de *les cowboys*, mas porque "um indivíduo identif[icado] como Mick Jagger foi visto entrar na propriedade numa motocicleta acompanhado por uma passageira que não era sua esposa". Aparentemente, os encarregados da

investigação ainda não se encontravam a postos certa manhã de segunda-feira quando ladrões arrombaram a casa e roubaram 11 guitarras de Keith.

Na verdade, muitas das melhores faixas de *Exile* estão ligadas à atmosfera caótica e cada vez mais paranoica de Nellcote. *Rip this Joint* sem dúvida era a música mais rápida que os Stones já haviam gravado, soando como se estivessem em uma corrida coletiva para concluí-la antes que a polícia arrombasse a porta. Quando chegaram a *Casino Boogie*, "Mick e eu estávamos exaustos", conta Keith, então recorreram à técnica de versos abreviados de William Burroughs, o que talvez explique versos como: "Sky diver inside her, skip rope, stunt flyer/wounded lover, got no time on hand" [Paraquedista dentro dela, pula corda, acrobata aéreo/amante ferido, sem tempo disponível]. Os amigos quase conseguiam ouvir o banido Gram Parsons em *Sweet Virginia*, como um membro musical fantasma depois de uma amputação. Da mesma forma, *Soul Survivor* fervia com sua energia subversiva e um riff que continuaria ressoando muito depois de ela ter sido gravada. De acordo com Anita, a etapa final da gravação de *Exile* foi realizada com energia elétrica desviada do sistema ferroviário francês. Na maior parte do álbum, contudo, a energia vinha de uma fonte interior: a tensão entre Mick e Keith.

A filha dos Jagger nasceu em uma clínica em Paris a 21 de outubro de 1971. Depois de longas discussões, ela foi batizada com o nome de Jade, "pois", de acordo com Mick, "o nome é adequado. Ela é preciosa e perfeita; parece um pouco com Bianca e muito comigo". (A menina tinha três nomes, sendo o segundo e o terceiro, respectivamente, "Sheena" e "Jezebel".) Mick telefonou a Keith tarde naquela noite para avisar que não voltaria a Nellcote. A banda deveria terminar as faixas básicas, e ele acrescentaria seu vocal quando *Exile* fosse mixado em Hollywood. Keith não ficou feliz. Fazia dez anos desde que os velhos amigos haviam se encontrado na plataforma da estação de Dartford, e com a notável exceção da música que produziam, eles não tinham mais muito em comum.

Com a lei agora ocupando uma van disfarçada estacionada sob a sombra de palmeiras baixas em frente ao portão de Nellcote, Richards e Pallenberg acharam que seria melhor se mudarem para um pequeno quarto de hóspedes

nos fundos da casa. Stu, por sua vez, estacionava o Mobile logo abaixo da janela, de forma que, caso houvesse uma batida, Keith e Anita pudessem pular em cima dele e fugir. Ninguém nunca explicou como um estúdio de gravação móvel de quatro toneladas escaparia da polícia na estrada sinuosa descendo a estrada do penhasco onde ficava a casa, mas Keith não era muito de dar atenção a detalhes. No início de novembro, quando as gravações de *Exile* chegavam ao fim, Nellcote estava cercada por todos os lados. Os oficiais do departamento de narcóticos estavam tornando sua investigação mais óbvia à luz do dia. As guitarras que Keith havia comprado depois do primeiro roubo também foram levadas por ladrões. Drogada, Anita conseguiu atear fogo à cama do casal. Dave, o chofer, arrombou a porta para encontrá-los apagados com o colchão em chamas ao redor. Esse incidente seria um alerta crítico: 24 horas depois, no dia 30 de novembro, Keith, Anita, Marlon, Charlie Watts e a maior parte da equipe pegaram um voo à meia-noite de Nice para Paris e depois para Los Angeles, onde os outros integrantes logo se juntaram a eles. Na pressa de partirem, eles abandonaram a maior parte da coleção de discos de Keith, seus dois barcos e seu Jaguar E-type. Há dúvidas em relação à verdadeira natureza da fuga em peso. De acordo com uma versão, as autoridades francesas haviam deixado Keith partir apenas sob a condição de que ele continuasse alugando a casa mesmo se encontrando no exterior, como prova de que retornaria. Outro relato popular diz que a polícia local não sabia que sua presa debilitada havia se mudado. De qualquer forma, nem Keith nem nenhum outro Stone voltaria a ver Nellcote.

Exatamente duas semanas depois, em 14 de dezembro, um esquadrão de 12 policiais arrombou o portão e invadiu Nellcote pelas portas e janelas. Segundo o que foi publicado, eles encontraram heroína, cocaína e haxixe o bastante para prender Keith e Anita. Uma empregada informou que todos haviam partido de repente certa noite, levando consigo suas misteriosas latas de fita.

Como em Muscle Shoals, nenhum vestígio das gravações dos Stones seria deixado para trás, e muito menos um endereço.

Mick, Keith e os engenheiros de som passaram grande parte do inverno de 1971-72 nos estúdios Sunset Sound, em Hollywood, transformando *Tropical Disease* em *Exile*. Metais e toques de gritos pop-gospel caracterizariam *Tumbling Dice*; *Shine a Light* recebeu um tratamento completo do órgão de Billy Preston, enquanto Dr. John e cantoras de soul acrescentariam vocais de fundo a *Let it Loose*. Wyman aparentemente se negou a gravar overdubs, e seria creditado apenas em 18 das faixas definitivas de *Exile*. Em sua ausência, foi o pioneiro de Indo-jazz Bill Plummer que gravou contrabaixo vertical. "Os Stones não eram exatamente o Coro do Tabernáculo Mórmon", revela Plummer. "Havia muita bebida, e é claro que é sempre uma alegria ser convidado para tocar em uma música chamada *Turd on the Run* [Cocô em fuga]. Mas eles também sabiam exatamente o que queriam. Gravei quatro faixas em umas duas horas, apertei as mãos de todos e voltei para casa. Lembro que havia uma multidão na porta dos fundos, e as pessoas estavam preocupadas que fossem os Hell's Angels. Mick e Keith estavam sendo perseguidos por eles." O baixo vigoroso de Bill Plummer ajudou a tornar *Exile* um grande sucesso tanto na Grã-Bretanha quanto na América. Ele recebeu a taxa padrão que costumava cobrar pela sessão, "200 mangos". Venetta Fields, ex-Ikette, também passou vários dias com os Stones no estúdio, e podia ser ouvida no novo compacto *Tumbling Dice*, entre outros números. "Todos os dias que eu ia cantar lá, passava pela vitrine de uma loja e via um casaco de peles de segunda mão. Eu não tinha condições de comprá-lo. Estava congelando naquele inverno. Achei que morreria de tanto frio. [*Exile*] pode ter sido sobre sexo, fama e drogas para alguns, mas para mim foi um emprego. Trabalho duro. No final das contas, porém, consegui comprar aquele casaco."

Enquanto estava em Los Angeles, Mick alugou a velha mansão de William Randolph Hearst em Beverly Hills. Keith e Anita se instalaram em acomodações opulentas, no estilo Nellcote, em Bel Air, e o resto da banda se espalhou por Hollywood. Charlie, sempre o guru em estilo dos Stones, chamou o cineasta suíço Robert Frank para fazer a capa do álbum e produzir um documentário da turnê americana seguinte da banda, decisão de que se arrependeriam. O ex-jogador sul-africano e médico que acabou se tornando

fotógrafo Norman Seeff foi o responsável pela arte interna de *Exile*. "Mick", conta, "teve a ideia de imitar as fotos do Balé Russo descendo do avião ao pousar na França depois de fugir da Rússia para Mônaco. É claro que ele se identificava com aquilo. A sessão começou à meia-noite, que era quando o dia começava para os Stones. Havia muitas mulheres e galões de vinho tinto barato, mas no final tudo saiu bem". Menos agradável foi a noite em que Mick e Keith foram expulsos do palco em um concerto local de Chuck Berry. Um dos empresários de Berry havia convidado os dois a subirem ao palco, e Keith começou a tocar em *Sweet Little Sixteen* a todo volume, acompanhado por uma dança marcial alucinada de Mick. A plateia enlouqueceu. Keith diz: "Tudo acabou com um lance mesquinho de ego... as pessoas estavam prestando mais atenção na banda de Chuck do que nele." A versão de Berry é ainda mais estranha: "Eu não sabia quem diabos eles eram."

O relacionamento de ódio e amor de Mick e Keith com Brian Jones também encontrou sua voz mais pública naquele inverno com o lançamento do LP póstumo de Jones *Jajouka* pela Rolling Stones Records. Gravado em agosto de 1968, o álbum viu Brian colocar de lado sua persona de roqueiro perturbado e assumir o papel de pai do movimento da World Music: *Jajouka* cobria um território que ia da amplidão meditativa à loucura total, muitas vezes na mesma música. Stu se lembraria de todos os Stones sentados certa noite em Hollywood para ouvi-lo e diria: "Todos estavam doidões, o filho da puta havia conseguido. Eles estavam genuinamente impressionados."

Maio de 1972, trinta anos antes do grunge, lá estava *Exile on Main Street*. O legado do álbum atravessará gerações como parte da lenda dos Stones e também da história do rock and roll como um todo, com décadas de tributos de baixa qualidade e paródias. *Rocks Off* anunciava as intenções de *Exile* — o riff de Keith acelerado pela batida certeira de Charlie — e depois concluía a mensagem a ser transmitida com buzinas de sax, um ritmo potente e interjeições vocais gemidas. (Com versos como "Ten liddle nigga/Sittin' on de wall" [Dez crioulinhos/Sentados no muro] em outras faixas de *Exile*, Mick provavelmente foi sábio ao ouvir o conselho de Fats Domino: "Nunca os deixe ouvir as letras.") Jagger e Richards voltaram a exercitar sua técnica vocal numa

dobradinha em *Rip this Joint*, cantada a duas vozes guturais e roucas, e aparentemente acompanhada por um aspirador de pó. *Just Wanna See His Face* era a mais refinada e excêntrica no tocante à letra, com Mick dando preferência a uma abordagem resmungada e periodicamente saindo do tom e se afastando do microfone, quando estranhos ooohs femininos assumiam. A guitarra aguda de Keith em *All Down the Line* era igualmente deslocada, soando ao mesmo tempo improvisada e perfeita para a música — uma guitarra "muito *azeda*", como ele colocou com aprovação. *Shine a Light* começava com uma faixa de piano que parecia ter saído de uma igreja, e depois ganhava força gradualmente com o solo incendiário de Mick T, alcançando o clímax com um coro maciço que, em outra ruptura sônica, dá a impressão de ter sido gravado debaixo d'água. Embora o tempo tenha sido gentil com *Exile*, um daqueles álbuns duplos oficiais do rock clássico — como *Blonde on Blonde* — cuja reputação é selada em um âmbar eterno de estatísticas de posições nas paradas de sucesso e vendas, a princípio ele atraiu muitas das mesmas críticas confusas geradas pelo mais acessível *Sticky Fingers*, com os críticos coçando as cabeças em vez de balançá-las em aprovação.

Escrevendo para *Rolling Stone*, o jornalista e futuro guitarrista de Patti Smith, Lenny Kaye, disse: "Algumas músicas são melhores, algumas são piores, algumas acabarão entre as favoritas, e em outras você provavelmente levantará a agulha... Você pode ouvir o álbum inteiro e ainda se sentir vagamente insatisfeito, não alcançando os picos que essa banda das bandas sempre nos deu como prêmio especial no passado." Outras avaliações críticas foram que *Exile* era "uma hora de tumulto bluesy", soando como se houvesse sido "gravado em um buraco" (o que não está muito longe da verdade), com uma "atmosfera geral [como a de] uma briga de gangues dentro de uma lata de lixo enferrujada", enquanto a velha antagonista de Mick, Mary Whitehouse, apresentou reservas mais específicas em relação ao título e ao conteúdo de músicas como *Turd on the Run*. O álbum foi o número 1 do verão, e passou seis meses nas paradas antes de retornar a elas com o seu relançamento 38 anos mais tarde. *Let it Bleed* pode ter sido mais orgânico, mas *Exile* foi uma obra de arte prolixa e irregular, o último grande trabalho extremo feito pelos Stones.

Depois de três meses em Los Angeles, Keith Richards se mudou outra vez, hospedando-se no mesmo hotel de Montreux que Vladimir Nabokov, autor de *Lolita*, o que significa que dois dos talentos criativos mais exóticos do século XXI ficaram sob o mesmo teto suíço — ou logo estariam: na verdade, Keith passou a primeira semana desse novo exílio na discreta Clínica De Nantes, do doutor Denber, na cidade vizinha de Vevey, para outra desintoxicação. Como ele desmaiou quando chegou ao aeroporto, ficou verde e foi levado a toda velocidade em uma ambulância, essa última intervenção parece ter chegado bem a tempo. Anita estava com uma barriga enorme de grávida, e ainda injetava três vezes por dia, de forma que também foi colocada sob os cuidados do doutor Denber. Os outros Stones logo chegaram a esse lugar de belos vinhedos, com tetos pontiagudos e bruma azul marítima que era Montreux, e que se tornou uma improvável comuna quando a banda se reuniu para ensaiar para a próxima turnê. Mick Jagger nunca se esqueceu de como foi tratado na Suíça, onde podia passear às margens do lago local com a mulher e a filhinha sem ser perturbado. A isenção fiscal também foi bem-vinda.

Dandelion Richards nasceu com lábio leporino, mas fora isso perfeitamente saudável, no dia 17 de abril de 1972. A mãe de Keith, Doris, que assumiu a maioria das responsabilidades diárias da criação da neta, logo mudou seu nome para Angela. "Eu era um pouco imprevisível naquela época", Richards admitiria mais tarde ao refletir sobre a sua família. "É muito difícil viver com a sua velha, que também é uma drogada, até mais do que você. A única coisa que Anita me disse foi 'Ela chegou?'" Seis meses depois, Keith comporia a melodia e a letra para *Angie* em homenagem à filha.

Enquanto isso, Anita e o bebê se instalaram numa suíte em um novo hotel perto de Genebra.

Spanish Tony: "Keith e eu levávamos as crianças para passeios, [enquanto] Anita languescia em seu esplendor solitário, fumando seus baseados, injetando agulhas na bunda... Três semanas depois... havia garrafas vazias por todos os lados, queimaduras de cigarro na maioria dos móveis imitação de Luís XIV, e os lençóis apresentavam uma cor cinzenta pouco convidativa. As arrumadeiras

às quais cabia a terrível tarefa de limpar a suíte insistiam em fazer uma fumigação."

No dia 22 de maio, os cinco Stones receberam autorizações de trabalho na embaixada dos Estados Unidos, em Londres, e os cinco perderam o avião para Los Angeles. Os ensaios começaram em um estúdio da Warner Brothers, "muito descontraído" (Stu), num estilo "é só rock 'n' roll" pós-moderno. Mick vestia um macacão justo com strass, um cinto cor-de-rosa e sininhos prateados nos sapatos.

Os Stones entraram num acordo de 2 milhões de dólares com Allen Klein em vez de receber os cerca de 30 milhões que afirmavam que ele lhes devia. Bill Wyman ficou furioso; depois dos custos legais, ele e Charlie receberam cada um por volta de 170 mil dólares por seus serviços como artistas musicais dos últimos seis anos, sete ou oito vezes a mais do que ganhava um operário experiente, mas nada perto dos 3 ou 4 milhões que Bill tinha em mente. Até essa soma relativamente modesta se diluiria depois das negociações de Rupert Loewenstein com a Inland Revenue. Klein, por sua vez, saiu do acordo detendo os direitos sobre todo o catálogo dos Stones até 1970, e mais tarde foi bem-sucedido em um processo pelo direito sobre duas outras músicas, *Wild Horses* e *Angie*, respectivamente de 1971 e 73. Mesmo pelos padrões do rock dos anos 1970, foi um triunfo esmagador para o empresariado. Embora não "completamente quebrados", como Mick Jagger insistia, os Stones claramente precisariam continuar gravando álbuns e turnês ou deixar de lado o estilo de vida babilônico que haviam passado a admirar ao longo dos anos. "A banda resolveu todas as dificuldades remanescentes com seu ex-empresário", Les Perrin anunciou em uma declaração tipicamente nobre no final de maio. "As partes envolvidas esperam cooperar no futuro para interesses mútuos." O veredito particular de Mick sobre o "caso com o Gordo" foi bem mais pungente. "O acordo", disse, "é que Klein não tem mais nenhuma relação conosco."

Para uma geração, a turnê americana de 1972 dos Stones até hoje é a obra definitiva do glam rock: a única que pode se gabar de todo o sexo e todas as drogas a que tinha direito mais um documentário chamado *Cocksucker Blues*. Um crítico escreveu que "durante anos por vir, todo jovem — homem ou mulher — em todos os refeitórios de todas as escolas queria se parecer com Keith Richards". Além da música, havia o avião particular dos Stones, o DC-7 — o Lapping Tongue — um *Satyricon* de belas groupies e aeromoças incomumente obsequiosas servindo um fluxo contínuo de tequila sunrises; um séquito permanente que incluía o próprio médico e o próprio farmacêutico da banda, bem como visitas como a do autor Truman Capote e sua acompanhante, a princesa Lee Radziwill (irmã de Jackie Kennedy); cenas totêmicas dos Stones, como Keith Richards jogando uma televisão do seu quarto de hotel no 10º andar, expulsando uma oficial de justiça do avião da banda, e mais tarde sendo preso por agredir um fotógrafo; invasões frequentes ao palco, tumultos nas ruas e outras demonstrações de desordem pública; quatro ameaças de bomba; uma explosão de verdade; e uma festa para marcar o auge da turnê em uma cobertura em Nova York onde a banda se viu posando para fotos com pessoas como Zsa Zsa Gabor ao som de Muddy Waters, tocando especialmente para eles.

Stevie Wonder obteve um grande sucesso abrindo os shows dos Stones, mas se sentiu excluído por Jagger e Richards "porque eu não ficava doidão com eles". Quando Wonder recusou-se a abrir um show depois que seu baterista sofreu um colapso nervoso e se internou em um hospital psiquiátrico, Keith reagiu socando um armário de ferro. A partir daí, as coisas começaram a piorar, com Richards gritando: "Aquela maldita cadela! Foda-se aquela cadela do Stevie. Ele é uma cadela!", e vários assistentes tentando proteger sua mão. Mais tarde, Wonder observaria em particular: "nunca entendi os Stones".

Noite de abertura, Vancouver: 38 policiais canadenses de prontidão depois de conflitos com fãs desordeiros. Aquela era a pré-estreia, que deveria ser tranquila. O set dos Stones foi uma maravilha de alta tecnologia que lembrava algo saído de um ataque militar equipado por Albert Speer. Banhados por holofotes brancos, com um espelho de 12 x 5 m acima de suas cabeças para

refletir a banda de todos os ângulos ("igual à casa de Mick", observou Stu), todas as noites a banda executava um misto de 90 minutos de batidas, calças justas e refrãos acompanhados pela plateia. O palco era lavado com uma solução de água quente e 7-Up para torná-lo mais apto à performance de Mick, e desde a primeira música — *Brown Sugar* — ele corria, pulando de um lado para outro em seu macacão. Depois de um medley prolongado de *Exile* e do clímax à la Marat-Sade em *Midnight Rambler*, Keith pesava a mão no tempero para a sessão de despedida de *Honky Tonk Women*, *Bye Bye Johnny* e *Jumpin' Jack Flash*, com uma abundância de solos fumegantes. O galope frenético de *Street Fighting Man* encerrava o show com uma tempestade de power chords, a guitarra vigorosa de Mick Taylor camuflando sua aparência deslocada, e Bill e Charlie entrando num frenesi sincronizado, mesmo com os rostos completamente inexpressivos. Uma turnê sem uma marca registrada como *Satisfaction* não era uma opção que qualquer outra banda com a sorte de tê-la em seu arsenal faria, mas ninguém parece ter sentido falta dela. Enquanto Mick Jagger jogava pétalas de rosas, os 20 mil fãs geralmente estavam ocupados batendo os pés com toda a força. Certa noite nos bastidores, em um estúdio de gravação móvel, Ian Stewart abriu a porta e colocou a cabeça para fora a fim de ver o que estava acontecendo. Mick cantava os versos sobre "marching, charging feet" [pés marchando agressivos], e, numa estranha sincronia, o caminhão literalmente balançava sobre as rodas. "Havia tantas pessoas batendo com os pés no chão que ele estava tremendo como se houvesse um terremoto."

Stu achava que Mick era "um bando de caras interessantes em turnê... Ele ficava lá gritando a todo vapor, e depois entrava no camarim e se sentava e voltava a ser Mick, o vigário. Eu admirava isso nele." O velho amigo da grammar school de Jagger, Clive Robson, que se encontrava na cidade para um seminário de direito, acabou em uma festa dos Stones em Los Angeles, "onde vi Mike, ou Mick, pela primeira vez em dez anos. Lá estava ele, cercado por groupies, sentado em uma cadeira de veludo vermelho e usando um terno de cetim e maquiagem. Uma mudança e tanto desde o nosso último encontro. Lembro dele passando por três ou quatro sotaques diferentes antes de chegar ao seu sotaque normal, e a partir daí foi muito amável. Quando o encontrávamos

longe dos bobos da corte, ele era só um cara normal de Dartford com quem você podia beber uma cerveja e rir, mas você também sabia que havia uma grande organização esperando ao seu bel-prazer." Um dos hábitos de Mick era telefonar para o organizador da turnê Peter Rudge ou um dos outros 65 membros da equipe tarde da noite e perturbá-los com uma série infindável de perguntas técnicas, o que provavelmente os mantinha trabalhando até de madrugada.

Em Chicago, os Stones se hospedaram na mansão Playboy de Hugh Hefner às margens de um lago, misturando-se com as Coelhinhas no bar debaixo d'água de Hef. A certa altura ao longo de um fluxo contínuo de festas e bebedeiras, houve uma festa especial para receber a banda, com duas filhas de Range Rovers e Mercedes testemunhando a chegada de Roman Polanski, do herdeiro bilionário do petróleo John Paul Getty Jr. e Andy Warhol. É desse tipo de multidão que estamos falando. Keith e seu parceiro Bobby Keys causaram uma boa dose de diversão ao quebrarem um frasco de amil-nitrato no nariz de um garçom que passava. Os convidados o observaram girar sem parar, tentando, sem sucesso, manter o equilíbrio com uma bandeja cheia de champanhe e outras coisas. Mais tarde, eles incendiaram um dos banheiros de Hefner.

A estada de três dias da banda foi além da mera decadência. Vestindo o pijama e o robe clássicos, Hef, de 46 anos, passava as noites dançando valsa pela sala de estar lotada com uma série de Playmates, a maioria nuas com a exceção dos saltos altos e joias, e uma jovem convidada de corpo perfeito se apresentou a Mick Jagger com as palavras: "Devo colocar meu diafragma agora?" O acordo comum durante sua estada era que, depois de socializarem um pouco, cada Stone podia pegar duas ou três moças que lhe agradassem e se retirar para o seu próprio quarto à prova de som. Sem dúvida foi o apogeu da carreira musical de Bill Wyman. Uma digna exceção a essa regra era Charlie, que preferia jogar sinuca.

Contudo, se parte do dia era pura diversão, o resto era dedicado aos negócios — ou, ao menos, ao negócio no estilo dos Rolling Stones. "Não era divertido", Jo Bergman diria posteriormente sobre a turnê. "E não deveria ser.

Seja pontual, ganhe dinheiro, e não machuque ninguém; esse era o sistema." O ar recente de relativa civilidade de vez em quando se desvanecia com Keith Richards, que não pode ser descrito como um homem que gostava de dormir cedo depois de uma caneca de chocolate quente — e "marcado para morrer", nas palavras de Truman Capote. O autor de *A sangue frio* apareceu certa noite durante uma festa na suíte do hotel de Keith, que lhe lembrou um acampamento beduíno. Lenços e bandeiras sobre as lâmpadas, música árabe explodindo no sistema de som e um caldeirão com alguma coisa fervendo no chão. Depois de ter decidido não escrever sobre a turnê, Capote chamaria a banda de "completos idiotas... Aquela coisa unissex não tem nada a ver com sexo. Acredite em mim, Mick Jagger é tão sexy quanto um sapo mijando".

No dia 12 de julho, em Indianápolis, o velho amigo de Brian, Stash de Rola, foi espancado pelos leões de chácara que cuidavam da segurança dos Stones por causa de um mal-entendido relacionado a drogas. Keith, que também gostava de Stash, ficou muito chateado com o incidente. Os seguranças passaram por um rápido julgamento do tipo popular em Cuba ou Burma antes de serem conduzidos até o andar superior sob a mira de uma arma para se desculparem com a vítima, que teve várias costelas e o nariz quebrados. "Keith ficou tão chateado que até gritou dizendo o quão furioso [Jones] teria ficado", Stu disse. Por acaso, fazia exatamente dez anos que Brian deixara o Marquee com os Stones.

Uma semana depois, o Lapping Tongue foi desviado da rota com destino a Boston pela neblina e forçado a pousar a 80 quilômetros em Warwick, Rhode Island. A banda já estava atrasada, cansada e irritada quando o fotógrafo de uma agência chamado Andy Dyckerman estacionou e começou a tirar fotos "não autorizadas" diferentes das que eram publicadas nas revistas. Um debate acalorado entre Dyckerman e Peter Rudge sobre os direitos da imprensa de acordo com a Primeira Emenda terminou em um impasse que foi resolvido quando Keith Richards atacou o paparazzo no momento em que este passava pela pista. A polícia do aeroporto prendeu Keith, enquanto Jagger corria atrás deles gritando "Cara, o que você está fazendo? Temos um show esta noite." Depois do terceiro ou quarto "foda-se", Mick juntou-se a Keith no camburão.

Sob custódia, uma .38 foi encontrada escondida na bota do primeiro. Talvez por sorte, um assistente que não se envolvera na discussão carregava as drogas de Keith naquela noite, que ele se lembraria que consistiam em "três ou quatro pílulas, um pouco de amil, um saco de 250 gramas de cocaína e um cachimbo de haxixe". Os Stones foram finalmente soltos à meia-noite graças à união entre o governador de Long Island, o famoso advogado F. Lee Bailey e o prefeito de Boston, Kevin White, depois que um juiz concordou que seria do interesse da segurança pública que começassem o show o mais rápido possível, em particular considerando que as ruas ao redor do Boston Garden haviam acabado de ser tomadas por uma manifestação de natureza racial. Em um golpe repentino de sorte característico da carreira da banda, Jagger e Richards depois tiveram uma escolta da polícia para chegarem mais rápido ao local do show. Quando o carro se aproximava de Boston, eles puderam ver o brilho do fogo. "Nós causamos isso?", Mick perguntou indiferente. À 1 hora da manhã, os Stones estacionaram nos fundos do local, correram direto para o palco e fizeram um dos melhores shows da turnê. Kevin White depois sugeriu que a banda desse um show gratuito para sua família e aliados políticos em agradecimento por sua ajuda. Eles não deram.

Penúltima parada: Pensilvânia. Robert Frank queria uma cena de orgia para o seu filme, e duas jovens fãs aceitaram participar no avião. Tudo foi feito como num filme pornô, com câmeras tremendo, diálogos terríveis e groupies com peitos enormes. Todos saíram de suas cabines particulares para assistir, balançando maracas e gemendo com a ação. O filho de dez anos de Bill Wyman por acaso estava no avião, e Bill, perdendo a ação pela primeira vez, levou-o para a cabine do piloto para lhe mostrar Pittsburgh.

Nova York. O 29º aniversário de Mick Jagger e os últimos concertos se passaram numa correria, do Madison Square Garden a uma recepção na cobertura do hotel St. Regis. Os três concertos incríveis dos Stones "tocaram o senso isolado de harmonia que muitos jovens passaram a ter no final dos anos 1960", de acordo com o *New York Times*. "Seu apelo [foi] além da música, além do teatro, para se tornar uma expressão simbólica da independência da geração." Houve bons shows, Keith tocou seus riffs, o som e a luz eram

perfeitos e ninguém precisou de binóculos. A equipe jogou tortas de creme ao final do último show, deixando a Mick e aos rapazes a tarefa de entreter a multidão por vários minutos sem o benefício do acompanhamento musical. Cerca de uma hora mais tarde, a banda celebrava na elegante atmosfera do St. Regis com pessoas como Tennessee Williams, Woody Allen e Bob Dylan, enquanto Andy Warhol tirava fotos instantâneas. Mick recebeu congratulações quando Bianca brindou à sua saúde e uma stripper pulou de dentro de um bolo. Bill estava com sua câmera. Depois disso, todos foram para a varanda assistir a um eclipse total da lua.

Durante as oito semanas da turnê, a banda tocou para 462 mil fãs, cada um dos quais pagou 6,60 dólares, totalizando 3 milhões de mangos. Dessa quantia, o grupo (por meio da sua matriz, a Promo Tours) embolsou 2 milhões, menos 30% prudentemente retidos para os impostos. Tendo começado no início de junho e terminado na última semana de julho, cada membro da banda levou para casa o equivalente a 5.180 dólares por dia, mais ou menos duzentas vezes o que Joe Jagger ganhava como professor de educação física, e trezentas vezes o que Bert Richards recebia na fábrica da Osram, onde ainda trabalhava. Mas a vida no mundo do rock and roll não se resumia a gratificações materiais. Charlie Watts disse a amigos que detestou tudo na turnê, exceto pelos exatos 90 minutos que passava no palco, e anunciou que deixaria a banda pouco depois — desistindo apenas depois que Rupert Loewenstein aconselhou-o sobre a dificuldade de manter casas grandes nas zonas rurais inglesa e francesa como baterista de um ou outro grupo de jazz. Bill continuava financeiramente frustrado, e depois de três anos Mick Taylor estava se cansando, observando que estava "entediado" e que "não gostava de estar permanentemente cercado por parasitas nos dizendo como éramos maravilhosos".

Enquanto isso, havia outros problemas. Os Stones conseguiram um mandado de segurança para impedir Robert Frank de exibir seu documentário da turnê depois que Frank dissera ao *Montreal Star* que ele incluía algumas cenas que o público poderia achar "repulsivas". Marshall Chess, na prática o verdadeiro empresário da banda e presidente da Rolling Stones Records, passaria por um longo período de dependência de heroína; o já frágil Nicky

Hopkins perdeu 11 quilos durante a turnê, e segundo alguns nunca se recuperou completamente, mesmo depois de ter passado pelo ritual de purificação da cientologia cristã; Bobby Keys, por sua vez, se descreveria "100% fodido" pela experiência. Expulso da turnê seguinte dos Stones, ele voltou 16 anos depois, quando Keith Richards chamou-o ao palco para tocar *Brown Sugar*, o que levou Mick Jagger "a quase vomitar" de surpresa.

O contrato de aluguel de Nellcote por Keith Richards expirou formalmente em outubro de 1972. A casa ficaria desocupada por muitos anos, fechada por trás de muros altos complementados por uma cerca de arame no topo e uma placa que dizia "*Chiens bizarres*." De acordo com relatos que não eram inéditos, a imobiliária ficou chocada com a condição em que se encontrava a propriedade. A supervisão realizada ao fim do contrato encontrou as familiares marcas de cigarro e coisas quebradas, bem como várias lembranças deixadas pelo hábito de criar animais de estimação de Keith, nenhum adestrado: cachorros, coelhos e um papagaio. Nem Marlon havia esquecido de deixar sua marca na propriedade.

A partir de meados de setembro, Keith e sua família se instalaram primeiro em Gryon e depois em um chalé chamado Le Pec Varp em Villars, no sopé das montanhas entre Montreux e Lausanne. Eles tinham como vizinho Charlie Chaplin, com 83 anos. Durante esse período na Suíça com a família, Keith não apenas retornou à sua dependência de heroína como, o que é mais surpreendente, aprendeu a esquiar. Depois de assistir ao final da temporada de críquete na Inglaterra, Mick Jagger lhe fez uma visita para falar sobre o novo álbum. Mick depois contaria a Ian Stewart que fora uma experiência frustrante em que ele havia ficado "sentado sem fazer nada olhando para as montanhas" enquanto Keith dormia ou passava horas no telefone. Também havia vários amigos com pastas entrando e saindo o tempo todo. Mick e os outros Stones ficaram irritados, pois não tinham muito tempo livre e estavam sendo pressionados pelo chefe da Atlantic — o gentil, mas insistente, Ahmet Ertegun, que queria outro produto o mais rápido possível. Assim, uma tensão foi

crescendo entre Mick e Keith, da mesma forma que havia acontecido em Nellcote.

No dia 2 de dezembro, a polícia francesa expediu um mandado de prisão para Richards e Pallenberg sob acusações de "uso, fornecimento e tráfico de drogas". Artigos de primeira página publicados em Nice informaram corretamente que os cinco Stones estavam sendo convocados a depor, mas se equivocaram ao acrescentar que eles seriam presos assim que colocassem os pés em solo francês. Dois dias depois, ambos os Micks, Bill e Charlie voaram para a Riviera a fim de "negarmos categoricamente termos sidos acusados pela compra e uso de heroína" e prometerem entrar com processos caso alguém dissesse o contrário. Depois de afirmar sua inocência, alguns dos membros da banda e suas famílias aproveitaram a oportunidade para passar um dia navegando ao redor do porto no iate abandonado de Keith, o *Mandrax*. "Tudo saiu muito melhor do que todos nós esperávamos", Bill Wyman mais tarde diria da audiência preliminar, na qual tanto ele quanto Charlie disseram ao juiz que nunca haviam, sob nenhuma circunstância, usado drogas. "As testemunhas da polícia negaram tudo e insistiram terem sido forçadas a fazer falsas declarações. Embora isso tenha nos livrado das acusações, Keith continuava com um grande problema." Bill também se queixaria que, ainda que só um Stone tenha sido acusado, a conta de 58 mil dólares a ser paga aos advogados de Paris foi dividida em seis partes iguais — a sexta, paga por Anita.

Em 15 de outubro de 1973, uma corte de Nice considerou Richards e Pallenberg culpados, à sua revelia, do uso e fornecimento de narcóticos. Os dois receberam uma sentença suspensa e tiveram que pagar uma multa de 5 mil francos. O juiz acrescentou mais um detalhe. Deveria ser uma punição, mas pode ter vindo como um alívio para o casal, cuja vida de sonho na Riviera havia rapidamente se transformado em um pesadelo: tanto Keith quanto Anita seriam banidos da França por dois anos.

Notas

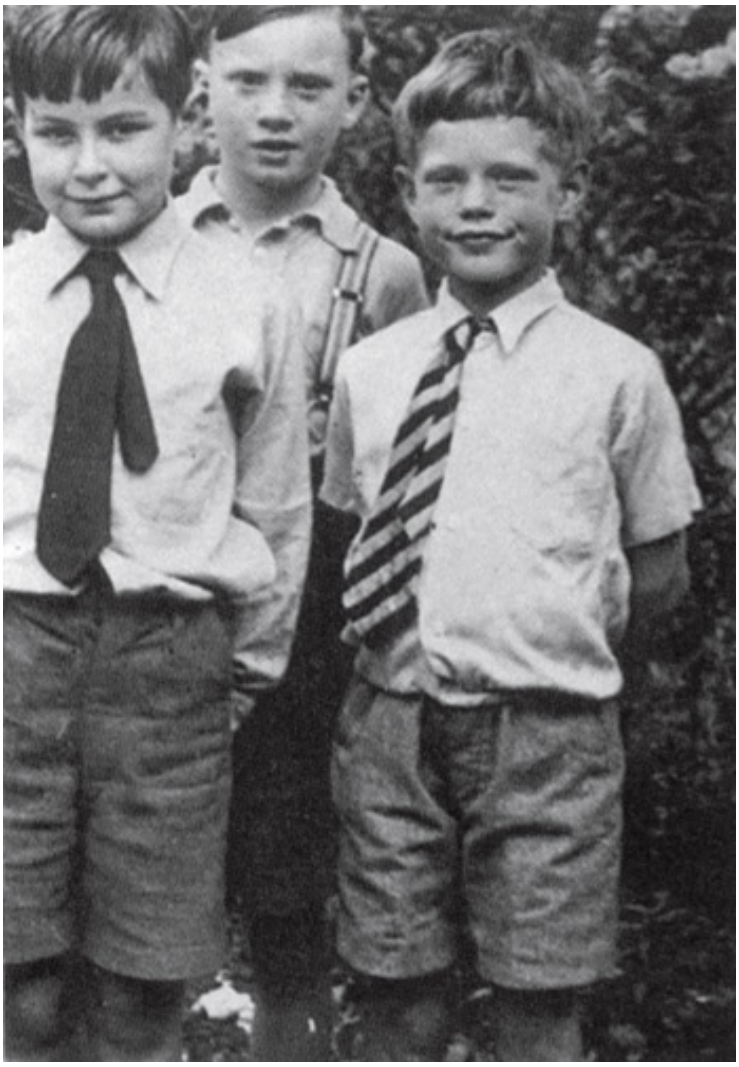
[1] Referência à evacuação de centenas de milhares de soldados aliados da cidade francesa de Dunquerque na Segunda Guerra Mundial. [*N. da T.*]

[2] Outro artista inglês promissor, Pete Webb, teve uma reunião na Maddox Street por volta dessa época, e explicou seus planos para fotografar a banda para a capa de *Sticky Fingers*. Ele disse que queria que eles usassem blazers listrados e chapéus de palha, e que os colocaria em uma montagem "surreal da Regata de Henley". Ninguém sabia exatamente o que pensar da ideia, e no final Webb teve que se contentar em fazer as fotos internas. A capa ficou a cargo de Andy Warhol.

[3] COC corresponde a uma abreviação de *cock*, enquanto CUN é uma abreviação de *cunt*, termos vulgares, respectivamente, para o órgão sexual masculino e para o feminino. [*N. da T.*]

[4] *Cocksucker*: Termo muito vulgar para quem pratica o sexo oral em homens. [*N. da T.*]

[5] *Bangers and mash* é um prato típico do Reino Unido composto por vários tipos de salsicha e purê de batatas. O molho escuro, ou *brown sauce*, é também originário da cultura britânica e muito popular entre os ingleses, contendo tomate, melaço, tamarindo, tâmara, vinagre, entre outros ingredientes. [*N. da T.*]



Mike Jagger (direita) aos 9 anos em casa com colegas da escola de Dartford, 1952.

Passeio da escola ao estádio de Wembley, maio de 1954. Jagger está no centro, segurando um gato; Keith Richards é o quarto da esquerda para a direita na fileira da frente. Eles retornariam ao local em grande estilo 28 anos mais tarde.

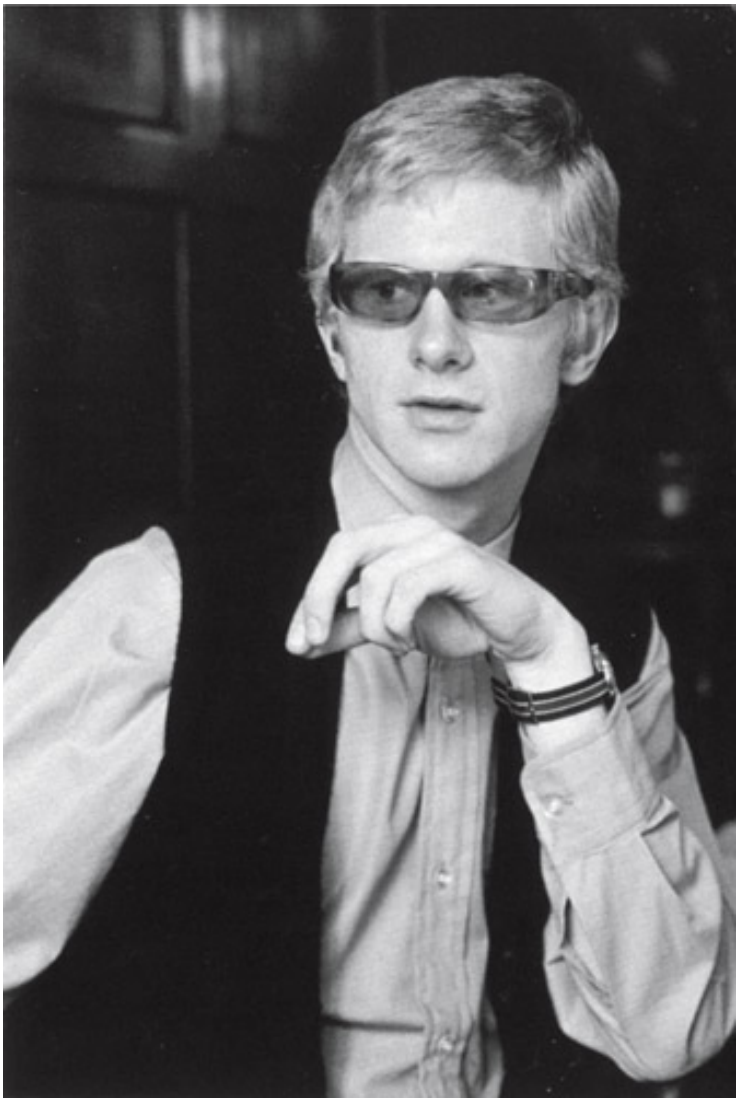
A formação clássica de 1963 dos Rolling Stones que Brian Jones disse que "mudaria a cara da música britânica". Atrás, da esquerda para a direita: Charlie Watts e Bill Wyman; na frente, da esquerda para a direita: Mick Jagger, BJ e Keith Richards.

Os Stones no *Ready Steady Go!* em abril de 1964, momentos antes de provocarem mais um tumulto.

Aterrissagem na América do Norte, junho de 1964. Embora os Stones tenham tido uma recepção semelhante à dos Beatles em Nova York, em outras cidades a história foi bem diferente.

Na noite de 25 de outubro de1964, 60 milhões de telespectadores americanos assistiram à apresentação dos Stones no *Ed Sullivan Show*. Nos dois dias seguintes, as linhas telefônicas de Sullivan ficaram congestionadas com reclamações de pais.

Allen Klein, que assumiu os negócios dos Stones em julho de 1965, tinha a reputação ao mesmo tempo de negociante agressivo e de litigante em série. Cinco anos depois, como era esperado, seu relacionamento com a banda acabou indo parar no tribunal.

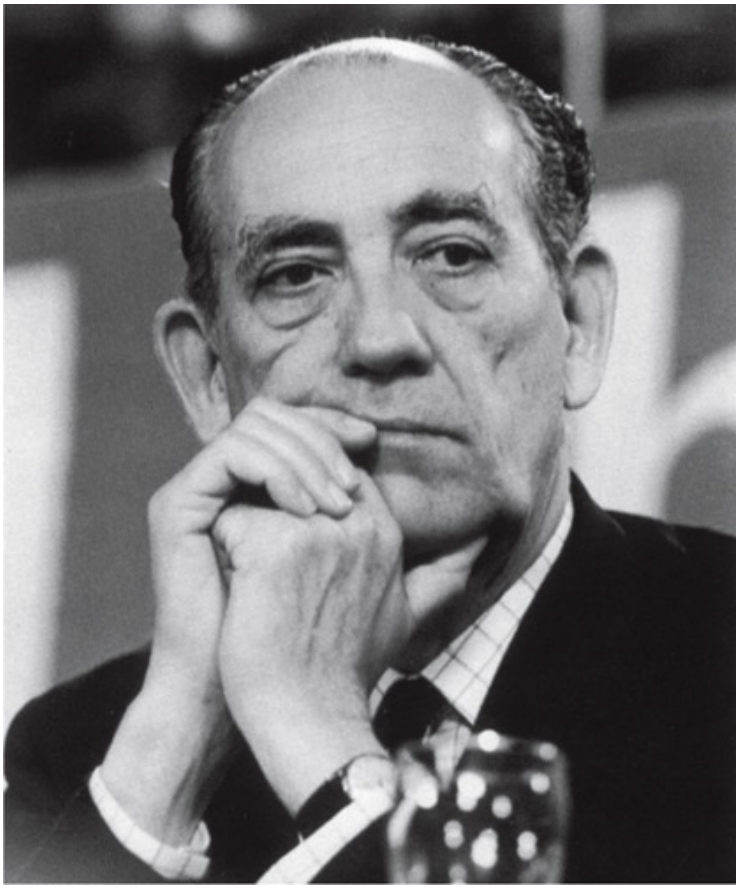


O lendário criador da imagem dos Rolling Stones, Andrew Loog Oldham, Londres, 1964.

Ian Stewart, o pianista dispensado pelos Stones por ser normal demais. Eles o contrataram como roadie.

Marianne Faithfull (esquerda) e Anita Pallenberg a caminho da fatídica viagem ao Marrocos, março de 1967.

Mick Jagger e Keith Richards rindo a caminho de casa depois de terem sido detidos por porte de drogas em maio de 1967. No julgamento, sete semanas depois, o juiz disse aos integrantes do júri que deixassem de lado qualquer preconceito que pudessem ter em relação à aparência, às roupas, aos hábitos, ao estilo de vida ou ao ponto de vista sobre "noções insignificantes de moral" dos Stones. Eles também deveriam ignorar tudo que tivessem lido e ouvido sobre haver uma garota nua deitada em frente à lareira quando a polícia chegou, e não deixar que o comportamento estranho dela influenciasse de forma alguma o veredito. O júri considerou Mick e Keith culpados.



Tom Driberg, o ex-escritor de colunas de fofoca, agente duplo fanfarrão da época da guerra e ocultista que tentou recrutar Mick para o Partido Trabalhista – mas fracassou.

Acima, Brian Jones e Tom Keylock a caminho do segundo e último julgamento de Brian por posse de drogas em Londres, em setembro de 1968. O juiz concedeu liberdade sob fiança a Brian. “Pelo amor de Deus, não se meta em problemas outra vez”, ele disse.

À direita, A piscina em Cotchford Farm em 3 de julho de 1969, horas após Brian Jones ter se afogado nela. Os cachorros de Brian ainda procuravam por ele.

Tom Keylock conversa com a imprensa no mesmo dia, assegurando que o ocorrido fora um acidente.

Os Stones apresentam sua nova formação: da esquerda para a direita, Charlie Watts, Mick Taylor, Mick Jagger, Keith Richards e Bill Wyman.

O concerto de Hyde Park, 5 de julho de 1969. Brian Jones havia morrido dois dias antes; Marianne Faithfull, vista aqui logo atrás dos fotógrafos, tenta suicídio na semana seguinte.

Controle da multidão em Altamont, 6 de dezembro de 1969.

Performance, que mostrou Mick Jagger no papel improvável de astro esgotado do rock com duas namoradas bissexuais (Michelle Breton, à esquerda, e Anita Pallenberg, à direita) e muitos cogumelos mágicos. Logo ficou claro para a diretoria da Warner Brothers que o filme não era exatamente a versão dos Stones de *Os reis do iê iê iê* prometida em um memorando do estúdio no início do projeto. A mulher de um executivo vomitou na estreia.

Les Perrin (esquerda) leva Mick e Bianca Jagger para a igreja em Saint-Tropez, 12 de maio de 1971. A noiva mais tarde diria que seu casamento terminou no dia da cerimônia.

A casa de Keith Richards em Cheyne Walk. Quando o ex-proprietário passou para pegar sua correspondência, precisou se sentar após dar uma olhada na decoração. Em junho de 1973, a polícia revistou a casa e Keith recebeu 26 acusações de posse de drogas e armas.

Mick e Keith em Redlands, pouco antes do incêndio.

The Wick, a mansão de Ron Wood no sul de Londres que se tornaria uma comuna dos Stones por volta de 1973-6.

Acima, Tom Keylock em Redlands com a filha Betty e Jack Dyer, que inspirou *Jumpin' Jack Flash*.

À direita, logo depois de levar o Madison Square Garden de Nova York à loucura no seu concerto de 29 anos, Mick relaxa em uma partida de críquete entre a Inglaterra e a Austrália no Oval.

Mick e Keith no palco em setembro de 1973, por volta da época do “show de Drácula”.

Mick Taylor, o maior guitarrista em termos de virtuosismo dos primeiros 50 anos dos Stones. Ele entrou na banda como um rosto novo abstêmio e saiu para dar entrada em uma clínica de tratamento de dependência química com metadona.

Woody e Mick divertem a Princesa Margaret e os fãs pagantes em Earls Court, maio de 1976.

Keith, Ronnie Wood, Mick, Charlie e Bill promovem a turnê europeia de 1976.

Margaret Trudeau em seu hábitat natural – o Studio 54.

Acima, Keith com a esposa Patti Hansen, a filha mais nova de uma família tradicional luterana de Nova York.

À direita, Shirley, Charlie e Serafina Watts em 1982. Quando não estava com os Stones, Charlie gostava de colecionar artigos da Guerra Civil Americana ou de se sentar ao volante do seu Lagonda Rapide 1937 usando óculos e chapéu de motorista. Como não aprendeu a dirigir, o carro nunca saiu da garagem.

Mick e Jerry Hall, juntos outra vez, celebram seu aniversário de 40 anos em 1983.

O dueto de Mick com Tina Turner no Live Aid, sua primeira apresentação oficial sem os Stones. “Eu quis matá-lo na época”, observou Keith.

Os Stones e suas mulheres no casamento de Bill Wyman com Mandy Smith, junho de 1989. O noivo tinha 52 anos; a noiva, 18.

A banda chega a Battery Park a bordo do velho iate presidencial dos Kennedy *Honey Fitz* para anunciar sua 12ª turnê americana, maio de 1994.

Sir Mick posa em frente ao Palácio de Buckingham com o pai de 92 anos, Joe, e as filhas Elizabeth (direita) e Karis, em dezembro de 2003. Keith ficou “puto da vida” quando Jagger aceitou a “honra ridícula”.

Os Stones fazem um show esgotado no Valley Stadium durante a temporada europeia da turnê de *A Bigger Bang*, em 2006. Após dois anos e 147 shows, a turnê arrecadou cerca de 560 milhões de dólares.

Os Stones e Martin Scorsese na estreia de *Shine a Light* em Nova York, março de 2008.

Ronnie Wood e a namorada Ekaterina Ivanova na prévia particular da exibição de arte de Ronnie em Los Angeles, março de 2009.

Em 2010, Charlie, Mick e Keith abriram uma exceção à sua política contra relançamentos para dar a *Exile on Main Street* uma segunda edição 38 anos depois do seu lançamento original. O álbum voltou direto para a primeira posição das paradas.

Johnny Depp e sua inspiração na estreia de *Piratas do Caribe, Navegando em águas misteriosas*, maio de 2011.

6

O show de Drácula

Para os Stones, 1973 foi um ano para viver perigosamente. Depois de uma década juntos, os membros da banda já não eram mais a unidade coesa de batalha de antigamente; todos tinham esposas — ou suas "velhas" — e filhos, e Jagger e Richards não apenas viviam em países diferentes, mas em "mundos diferentes", como Keith diria. "Fiquei cheio com aquela merda de jet-set dele e sua vaidade. Mas ele é um cara solitário também. Ele tem seus próprios problemas." Com o próprio Keith no auge da sua fase de "decadência elegante", pouco menos do que um esqueleto com uma cabeleira que mais lembrava o ninho de um corvo e um brinco de osso, Mick assumiu controle total. Quando o grupo se encontrava relutante para uma reunião, era "mais como uma aula, ou uma performance", recordar-se-ia Stu. De pé lendo uma lista de itens de uma agenda datilografada, Mick golpeava o ar para um efeito mais enfático, como "um condutor" liderando a maior banda de rock and roll do mundo — a banda que, por tanto tempo, se recusara a ser liderada.

O início do novo ano parecia vir com um panorama desolador para os Stones. No dia 4 de janeiro, tanto o governo australiano quanto o japonês baniram o grupo, seguidos pelo Ministério de Segurança Pública canadense e pelo Departamento de Imigração dos Estados Unidos. Isso eliminava uma parte considerável de qualquer itinerário para uma futura turnê. Ainda havia um mandado de prisão na França para Keith e Anita, e, por razões tributárias, todos continuavam exilados da Grã-Bretanha. Enquanto isso, um juiz de

Warwick, Rhode Island, decidiu que Mick e Keith teriam que ser julgados pela altercação com um fotógrafo local, embora as acusações tenham acabado por ser descartadas. Com a Atlantic exigindo um novo álbum, e a Inglaterra, a França e a América do Norte fora de cogitação, os Stones seguiram o exemplo de Paul Simon e foram para o Dynamic Studios, em Kingston, Jamaica. Foi uma escolha particularmente significativa para Keith, que logo descobriu não apenas a dança local, o skank, mas também o que chamou de "música da medula", o reggae. Ele investiu 152 mil dólares em dinheiro para comprar a vila de Tommy Steele, Point of View, com vista para a vila pesqueira de Ocho Rios, no litoral norte jamaicano. Fora o críquete, Mick não parece ter gostado muito do lugar, e passou a se deslocar sempre acompanhado por um guarda-costas rastafári chamado Winston Stagers depois que alguém lhe mandou um saco com entranhas de galinha e várias ameaças de morte no hotel Terra Nova. Veteranos testemunhariam uma demonstração estranha e comovente da rivalidade de irmãos entre os Glimmer Twins quando, certo dia em Kingston, Jagger desafiou Richards para um jogo de tênis. Embora Mick estivesse vestido para um jogo em Wimbledon, Keith ganhou o dia com um placar de 6-1. Mick se dava muito bem com seu irmão de verdade Chris (que na época alternava entre o paisagismo e uma carreira iniciante de cantor de R&B, facilmente reconhecido pelos densos cabelos que caíam até seus lábios), mas ele e Keith de vez em quando pareciam mais um velho casal. "Tenho a impressão de que Mick achava que eu lhe pertencia", Keith escreveu em 2010. "E eu não me sentia assim de jeito nenhum. Levou anos para que eu sequer pensasse nisso. Pois amo muito aquele cara; ainda sou seu camarada. Mas ele torna difícil ser seu amigo."

Em 23 de dezembro de 1972, um terremoto devastou a região oeste da Nicarágua, matando 9 mil pessoas e interrompendo as comunicações com o mundo externo. Mick e Bianca Jagger voaram para Manágua três dias depois com 7 mil dólares em soro anti-tifoide, que entregaram à operação local da Cruz Vermelha. É difícil pensar que qualquer outro astro do rock da época

teria reagido com tanta rapidez e evidência como Jagger, ainda que sua esposa tenha sido a motivação por trás do ato. Os próprios Stones foram a atração principal de um concerto beneficente realizado em Hollywood em 18 de janeiro, que arrecadou 310 mil dólares para as vítimas do terremoto. Foi mais algo pioneiro no rock, ao menos em termos de arrecadar dinheiro para onde era mais necessário em vez de dá-lo a pessoas desonestas, charlatães e proprietários de Mercedes que governavam o país. Mick recebeu um agradecimento formal do Senado dos Estados Unidos. Coincidentemente, os departamentos de imigração dos Estados Unidos e da Austrália logo depois suspenderam a proibição à entrada dos Stones no país, e as acusações por agressão de Rhode Island foram suspensas.

Em fevereiro, eles fizeram uma rápida turnê pelo Extremo Oriente. Keith Richards viajou com 16 guitarras, uma caixa de uísque Rebel Yell e um acompanhante de 51 anos chamado Fred Sessler, um sobrevivente do Holocausto polonês que tinha um negócio de aplique capilar em Nova York, e, o mais importante, uma cadeia de farmácias nos Estados Unidos. Assim, Keith nunca mais ficaria sem cocaína farmacêutica. A banda enfrentaria, contudo, uma situação desagradável com a Alfândega do Hawaii quando uma seringa caiu de um dos saxofones de Bobby Keys. Isso não foi o bastante para impedir que Sessler e os advogados dos Stones cuidassem para que o show prosseguisse. Na noite de abertura em Brisbane, Richards, Wyman, Watts e Taylor arrasaram. Mick, que parecia estar acompanhando David Bowie, dançou com meias-calças de balé enquanto segurava uma máscara com strass sobre o rosto. Só estando presente para visualizar a cena.

6 de abril de 1973. Os Stones suspenderam parcialmente seu exílio tributário, voltando para casa ao menos por noventa dias por ano com permissão da Inland Revenue. De acordo com "Spanish Tony" Sanchez, enquanto Anita Pallenberg permanecia na Jamaica, Keith Richards parece ter seguido o exemplo de Rod Stewart naquela primavera, indo a clubes londrinos como o Tramp com calças apertadas e um olhar malicioso. É evidente que Keith pensava que se daria bem com uma modelo loira que usava poucas roupas e que se apresentou como Krissy, esposa do guitarrista do Faces, Ronnie

Wood. Houve uma conversa encorajadora sobre irem para um lugar mais agradável. Keith parece ter presumido que Wood estava fora da cidade. Durante essa fase de cortejo, ele se ofereceu para levar Krissy para casa em sua bela nova Ferrari amarela. Ao chegar à sua mansão no sul de Londres, Keith descobriu que não estavam sozinhos. Ron Wood estava no estúdio do porão trabalhando em uma música nova com Mick Jagger.

Seguiu-se um momento de constrangimento quando Keith reconheceu Mick, mas tudo ficou bem depois que Ronnie serviu um copo generoso de uísque para todos. O que estava por trás dessa colaboração era que Bianca (recente vencedora do cobiçado prêmio de Chapéu do Ano) vinha reclamando que a música dos Stones não passava de pop da segunda geração, desprovido de "mensagem séria." A resposta de Mick foi compor a música em que ele e Woody trabalhavam naquela noite, *It's Only Rock 'n Roll (But I Like It)*. Ninguém se daria ao trabalho de acordar Charlie Watts àquela hora em sua casa no Sussex, então Wood chamou seu colega do Faces, Kenney Jones, para tocar bateria na faixa.

Anita Pallenberg voltou para Londres no final da primavera depois que a polícia jamaicana a arrastara de Point of View sob a mira de uma arma, na frente dos seus dois filhos pequenos, e a acusara de uma série de crimes que ia da prática de vudu à posse de ganja. Presa em condições medievais (embora, ao contrário do que dizem alguns autores, não tenha sido estuprada por vários homens), Anita no final das contas foi deportada para a Inglaterra. Ela insistiu em passar o voo de nove horas acordada, já que sempre que adormecia "via coisas rastejando à sua volta". Depois disso, a família dos Richards dividiria seu verão entre Redlands e Londres.

Logo no início da manhã de 26 de junho, Luigi, o caseiro, abriu a porta do no 3 da Cheyne Walk para encontrar dez policiais. Minutos depois de terem deixado o Chelsea Embankment, os oficiais se viram em um tipo de casbá. Eles encontraram quartos pintados de roxo, abajures dourados com joias incrustadas, garrafas e cinzeiros virados e comida apodrecendo no chão, enquanto uma fumaça densa de incenso e cigarro dominava a sordidez "Beggar's Banquet" [Banquete de um Mendigo] do lugar. Como se sofresse de

alguma doença dolorosa nos membros inferiores, Luigi guiou os policiais lentamente até o quarto de viajar do andar superior. Richards, Pallenberg e seu hóspede Stash de Rola não podiam ter ilusões em relação àquela visita tão cedo, e só obtiveram um sucesso parcial ao tentarem esconder as provas incriminatórias engolindo-as. Os policiais saíram carregando um bom peso em maconha, heroína, metadona, comprimidos de Mandrax, bongs e balanças, bem como o .38 Special de Keith, um bacamarte francês antigo, duas espingardas, oito caixas de balas, uma coleção de canivetes jamaicanos, várias garrafas de vinho com um rótulo que exibia uma caveira e ossos cruzados, e um busto de gesso de Jimi Hendrix que "parecia suspeito". No total, foram 26 acusações. Quatro meses depois, quando o caso foi para a corte da Marlborough Street, o advogado de Keith afirmou que todas as drogas haviam sido deixadas por um morador anterior — ou seja, por Sir Anthony Nutting, político conservador e ex-Ministro do Exterior. Os magistrados absolveram Pallenberg sob algumas condições a serem cumpridas durante um ano, e deram uma multa a Richards. Stash foi absolvido. Keith celebrou naquela noite no hotel Londonderry House incendiando seu quarto.

No dia 26 de julho, Richards vestiu um terno marrom de lapelas largas que havia sido comprado especialmente para aparições na corte, mas que desta vez seria usado para celebrar o aniversário de 30 anos de Mick Jagger. Depois de cinco dias de festa, Keith, Anita e seus filhos estavam em Redlands. Em algum momento da madrugada de 1º de agosto, Marlon, de 3 anos, foi correndo até o quarto dos pais, jogou uma garrafa de vinho que encontrou lá no rosto de Keith e gritou: "Fogo!"

Foi uma cena de desespero. Richards e Pallenberg conseguiram colocar as crianças e ao menos parte dos móveis antigos e guitarras vintage em segurança. Redlands, por outro lado, foi praticamente destruída. O fogo se espalhou rapidamente. Ele ardia, brilhava, e logo alcançou o telhado de palha, capturou as vigas e colocou os dentes sobre as árvores no jardim, que passaram o fogo para os carros. Foram ouvidas explosões. Todos assistiam sem poder fazer nada dos fundos, onde Anita expressou seu desgosto enquanto os serviços de emergência se aproximavam. "Maldito inferno, Keith. Maldito inferno! A

única razão para virmos para cá foi conseguir descansar um pouco, e veja só! Ande, olhe para isso."

"Não é muito bom", Keith foi forçado a admitir enquanto o teto caía, produzindo uma chuva de fagulhas no exato momento em que Spanish Tony conseguia arrastar a imensa mesa de jantar para fora. Todos passaram o resto da noite dando depoimentos — Keith especulou que um rato poderia ter roído os fios elétricos da casa — e depois tentando dormir na cabana para hóspedes. Um mês depois, foi lançado o novo álbum dos Stones, *Goats Head Soup*. Keith era visto na contracapa como se estivesse em combustão espontânea, um olhar "carbonizado" no rosto, como ele mesmo colocou, o que alguns críticos consideraram a coisa mais interessante do álbum inteiro.

Em 6 de setembro, os Stones reservaram o Palácio de Blenheim para a festa de lançamento. Em meio aos famosos que lotavam o salão de dança de mármore, Richards entrou caminhando vagarosamente horas atrasado, o rosto pálido, a barba por fazer e jogando as cinzas de um cigarro no chão. Parece que Anita preferiu esperar do lado de fora, mas logo se juntou a ele, gritando com Keith que fosse para a maldita limusine a fim de que pudessem ir embora. De acordo com Tony Sanchez, quando eles entraram no carro "as portas para o inferno se abriram".

"Keith socou o rosto dela. Anita agarrou-o pelo cabelo e puxou sua cabeça até o chão... Eles passaram a viagem de duas horas atacando um ao outro a cada dez minutos." Em seguida, os Stones fizeram uma turnê pela Europa. Três semanas depois, em um intervalo entre os concertos, Richards fez uma hemodiálise — uma remoção das substâncias tóxicas do sangue por meio de uma máquina que atua como um rim — administrada por um especialista chamado Strait, para o qual ele pagou um voo de Miami até uma vila em Berne alugada para o procedimento. Aí surgiu o mito do "show de Drácula", como Keith colocou, de acordo com o qual seu sangue foi completamente trocado por sangue limpo em uma clínica suíça. Spanish Tony teve que dissuadir o chofer que conduzia o grupo para o próximo concerto em Munique de tomar um atalho pela França, já que as autoridades francesas tinham

mandados de prisão para Keith e Anita. Houve outro incêndio naquela noite na suíte de hotel de Richards.

Quando a fumaça baixou, Keith não apenas foi banido por várias cadeias de hotéis, como também ficou sem uma casa na Inglaterra. Levaria três anos para reconstruir Redlands, e Cheyne Walk não podia ser usada devido a preocupações relacionadas à segurança e a uma paranoia geral. Assim, ele se mudou para uma cabana na casa de Ron Wood, Wick. A propriedade principal fica no topo de Richmond Hill, a menos de 1,5 quilômetro do Crawdaddy Club. Keith deu uma boa olhada no elegante bar de mármore preto e branco, na biblioteca com mobília confortável e no estúdio caseiro, declarando a casa uma "cena legal". Ele morou lá intermitentemente por três anos. Em pouco tempo, alguém de Wick disse ao cabeleireiro de outro alguém, que disse a um jornalista que Wood substituiria Keith nos Rolling Stones caso seus problemas com drogas piorassem. Esse rumor em particular foi o mais comentado no rock britânico no final de 1973. Muito bem familiarizado com a Seção 5(A) do Dangerous Drugs Act, que atribui a responsabilidade por substâncias ilegais encontradas em uma propriedade ao dono da casa, Keith teve a consideração de esconder seu estoque abundante de diacetilmorfina em um buraco profundo debaixo de um estábulo na propriedade de Wood. Dias depois, ele quase destruiria a construção à procura das drogas, mas é provável que elas continuem lá até hoje.

Enquanto Keith atravessava várias crises, Mick Jagger cuidava dos negócios. Além de dar entrevistas para promover *Goats Head Soup*, Mick convenceria Ahmet Ertegun a aceitar a escolha da banda da belamente orquestrada *Angie* como seu novo compacto em vez de outro hino no estilo *Exile.* A foto de Mick no álbum, em que ele aparecia de batom e usando um chapéu vitoriano, era outro fator que levava Ertegun a pensar que aquele poderia ser um álbum difícil de vender entre os roqueiros americanos.

Quando não estava ocupado na sala de reuniões da Atlantic, Mick ia para a Broadcasting House ajudar a BBC a compilar a série em seis partes que transmitiria sobre a banda. Jeff Griffin, produtor do programa, lembra de ter perguntado a Jagger sobre seu casamento, "e ele falou por dez minutos o

quanto estava comprometido e de como uma criança precisava de ambos os pais etc. — era como uma campanha publicitária para promover os valores da família vitoriana". Enquanto Mick falava, tinha uma famosa socialite deitada como se em total repouso em um sofá no estúdio ao seu lado — e não era Bianca. Em junho, Marsha Hunt entraria com um processo na corte de Marylebone pedindo apoio financeiro do suposto pai de sua filha de dois anos, Karis. Eles chegaram a um acordo em janeiro de 1979 depois que Hunt conseguira bloquear a receita de um concerto dos Stones em Los Angeles, e um juiz da Califórnia lhe concedeu 78 mil dólares por ano de pensão. Outra britânica que se tornaria uma famosa atriz começou um caso "muito estúpido" com Jagger no verão. Mick tinha baixa tolerância ao álcool — "bastavam uns copinhos e ele surtava", ela conta. Depois de um jantar com Gore Vidal e outras pessoas do seu círculo em um bistrô na orla de Positano, Vidal pediu a Jagger que se hospedasse em sua vila, localizada ali perto, em vez de enfrentar uma longa viagem até o seu hotel em Nápoles, acrescentando que ele poderia dar um mergulho na piscina — "Não precisamos usar roupa de banho quando estamos entre amigos, Mick." A jovem atriz também cedeu quando Vidal insistiu que ela ficasse.

Enquanto isso, Bill Wyman estudava fotografia na zona rural de Suffolk, e Charlie Watts, usando terno de tweed de três peças e com um corte à escovinha, tocava em uma série de bandas de jazz improvisadas nos arredores de Londres. O outrora abstêmio Mick Taylor estava ocupado exagerando nas doses de álcool e heroína. Não demorou muito para que ele rompesse o septo nasal, começasse a faltar às sessões e anunciasse que estava "entediado pra cacete" sempre esperando para não fazer mais do que acrescentar um pouco de tempero bluesy aos riffs icônicos de Keith. Taylor disse em particular a algumas pessoas que *Goats Head Soup* poderia ser seu último álbum.

Eles se reuniram para uma turnê de 42 shows pela Europa, caracterizada tanto pelo que tocaram quanto pelo que estavam consumindo. As drogas estavam no comando. Os críticos do pop os perdoaram, recorrendo a metáforas como "Riff Humano" para descrever Keith Richards, uma "figura agitada de preto", "cadáver pálido", "fazendo os vocais de fundo com um chiado" através

de dentes cariados. (Ele tivera uma péssima experiência com um dentista na infância.) Depois de deixar o palco em Innsbruck, Bobby Keys chamou Keith de lado e lhe disse que o amigo deles, Gram Parsons, morrera de overdose de tequila com morfina em um motel decadente da Califórnia; ele tinha 26 anos. Dez dias depois, o próprio Keys desmaiou e abandonou a turnê. Jimmy Miller e Marshall Chess também passavam por uma fase difícil da dependência, não conseguiam trabalhar, e se viram demitidos e deixados sem cerimônia, tomados por mortos, cada um no chão de um quarto de hotel em Londres. Spanish Tony se internou em uma clínica de reabilitação e escreveria a própria versão de *Elvis — What Happened?* [Elvis — O que Aconteceu?], intitulada *Up and Down with the Rolling Stones* [Altos e Baixos com os Rolling Stones]. Uma ou duas das frases mais complexas do livro talvez devessem ser creditadas a um escritor fantasma. Michael Cooper, fotógrafo e velho amigo de Keith Richards e Anita Pallenberg, se suicidou com uma overdose. "As pessoas estavam caindo como moscas", Keith refletiria. "Já havia se tornado normal acordarmos uma vez por semana e ouvirmos que fulano e sicrano haviam morrido — 'De quê? O de costume?' 'É, o de costume.' Naquela época, todo mundo parecia estar morrendo de overdose."

Enquanto todos os amigos dos Stones morriam à sua volta, a banda conseguiu fazer sete semanas de concertos com os ingressos esgotados em oito países. O show básico eram duas horas arrebatadoras de rock and roll. Além das danças costumeiras, a performance de Mick consistia em uma série de chutes, socos e golpes de caratê que, por mais estranho que isso pareça, lembravam Elvis em seus últimos anos. Keith arrasava em sucessos como *Honky Tonk Women*, mas a neblina de narcóticos estava sempre presente. Billy Preston juntou-se à banda nos teclados, acrescentando um tempero negro a várias das suas melhores músicas. Depois de um concerto em Glasgow, Keith Richards convenceu Preston a baixar o volume do seu piano balançando uma faca perto do seu rosto. No dia 2 de outubro, todos ficaram presos em Frankfurt por causa de uma greve dos controladores de tráfego aéreo alemães, expressando sua frustração coletiva destruindo as caras obras de arte que decoravam sua suíte no hotel. Keith, Bill, Charlie e Mick Taylor no final

pegaram um trem para o próximo show em Hamburgo, enquanto Mick Jagger foi na frente no jatinho da Atlantic. Na última noite da turnê, os Stones tiveram um show de cabaré no estilo Hugh Hefner no hotel Kempinski, em Berlim, onde o organizador local providenciou um espetáculo lésbico para a banda. "Garotas faziam demonstrações com garrafas de Beaujolais — e uma com a outra", conta Sanchez. Charlie Watts e a esposa preferiram jantar com os pais idosos dele, Charlie e Lil, que haviam pegado a barca especialmente para assistir ao concerto.

Agosto: *Goats Head Soup*, a primeira parada em um contínuo cheio de ritmo que acabaria com *Some Girls*. O álbum trazia metais eletrizantes e clavinets (Bobby Keys e Billy Preston, respectivamente) e mais pedais de distorção do que o tema de *Shaft*. A homenagem de Keith Richards à filha, *Angie*, que contava com um acompanhamento de cordas, alcançou o primeiro lugar das paradas em 18 países, abrandando os temores de Ahmet Ertegun: até hoje, ela é a música preferida dos Stones para muitos fãs da América Latina. O número romântico que ficava logo atrás dela era uma música nebulosa no estilo Van Morrison chamada *Winter*. *Star Star* (também conhecida como *Starfucker*), com acordes muito peculiares, era um rock consumado que deixou Ertegun e seus colegas mais do que nervosos. O problema não era só o refrão de uma palavra que era repetido umas cinquenta vezes, mas a letra fazia referências ao órgão sexual feminino ("Ruim", observava um memorando da Atlantic) e a Steve McQueen (pior ainda). No final, uma foi censurada com um bipe, enquanto a outra passou. Era uma clássica faixa lasciva dos Stones, tão a cara dos anos 1970 quanto a semana de três dias, além de conter um toque de paródia da própria banda.

Goats Head Soup foi direto para o primeiro lugar das paradas — dominadas por pessoas como Gilbert O'Sullivan, os Carpenters e Donny Osmond. Numa reação natural, ainda que contestável, Mick Taylor questionou particularmente a paternidade de certas músicas (todas creditadas a Jagger-Richards), e disse a amigos que se sentia traído. Os Stones ainda não sabiam que ele planejava deixá-los.

Quando os Stones voltaram a gravar no estúdio Musicland, de Giorgio Moroder, localizado no porão do hotel Arabella, em Munique — e chamado carinhosamente de Bunker —, trabalharam, essencialmente, como cinco grupos separados. Mick Jagger e seu cortejo passeavam pelo Englischer Garten, localizado não muito longe, e assistiam a um show antes de aparecerem no estúdio à meia-noite. Quando Mick partia três ou quatro horas depois, Keith aparecia com a namorada local Uschi Obermaier e sua equipe de rastaféris, cada um com seu baseado. Bill Wyman lembraria: "Eles provocavam um ao outro, Jagger chegava pontualmente uma noite e ficava chateado porque Keith não estava lá; depois, Keith se sentia culpado e chegava cedo na noite seguinte, [mas] Mick ficava tão puto que não aparecia." Os Glimmer Twins também não entravam em acordo com relação a quando fariam outra turnê. Keith temia que os Stones ficassem enferrujados, enquanto Mick queria fazer filmes e assistir a jogos de críquete. O hotel cinzento decorado no estilo stalinista também não ajudava a suavizar a atmosfera. O teto do Arabella era um ponto tradicional de suicídios, e Billy Preston lembraria que os Stones mais de uma vez haviam pisado em "manchas de sangue frescas e marcas de giz" em frente ao estúdio.

Quando Mick Taylor apareceu depois de um período "doente", Keith começou a brigar com ele também. As sessões de Munique por fim mataram quaisquer esperanças que Taylor pudesse nutrir de compor músicas para os Stones, em particular depois que pegou uma balada medíocre chamada *Time Waits for No One* e lhe deu um desfecho incrível com ritmo brasileiro, transformando-a instantaneamente em uma constante nas rádios FM americanas. Ele recebeu um "obrigado" resmungado, mas nada em direitos autorais. Havia noites em que Richards apagava a guitarra do colega das fitas e tocava ele mesmo sua parte. "Nem sempre era divertido gravar discos", Taylor declarou mais tarde. "Na verdade, era tão doloroso que eu detestava ouvi-los."

Bill Wyman começou a gravar seu primeiro álbum solo, *Monkey Grip*, que Keith apelidou de *Monkey Shit* [Merda de macaco], e até Charlie Watts, o símbolo do profissionalismo, comentou que ele não "só parecia entediado — ele *era* entediante", de acordo com Ian Stewart. Stu lembrava-se de uma ocasião

em que Charlie apareceu no estúdio às 2 horas da manhã, gravou uma tomada e saiu, dizendo: "Isso é tudo que vocês terão de mim." Como sempre, a logística ficava a cargo de Mick Jagger, que trouxe o artista de vanguarda alemão Guy Peellaert para Munique de avião a fim de que ele pintasse a capa do novo álbum, que mostrava a banda sendo adorada por 114 criadas usando delicados vestidos, como em um espetáculo da MGM. Segundo relatos, Mick não ficou feliz quando David Bowie pediu a Peellaert que desenhasse a capa do seu novo álbum, *Diamond Dogs*, lançado quatro meses antes do álbum dos Stones.[1] Richards disse a Jagger que "lançasse a maldita coisa em um saco de papelão" e não se preocupasse em ser moderno. Isso foi a conclusão da sua discussão criativa sobre o assunto. De vez em quando, Keith ficava desaparecido por dias até ser encontrado apagado em algum bar de Munique. Uschi mandava amigos procurá-lo quando suas saídas movidas a cocaína tornaram-se longas demais. Ele disse a ela e aos outros que poderia parar de se drogar quando quisesse — mas podemos dizer que ele não queria. Havia quem dissesse que Keith estava morrendo, e os rumores de que Woody seria o próximo guitarrista dos Stones recomeçaram.

A banda negava, e Les Perrin mantinha sua lealdade com a emissão de comunicados à imprensa com títulos como STONES APRECIANDO MUITO A BAVIERA e STONES CONCLUEM TRABALHO PARA O "MELHOR ÁLBUM DE TODOS OS TEMPOS". A atmosfera só não era mais agradável porque Mick e Keith não estavam se falando.

Jagger continuou se recusando a sair em turnê naquele verão. Quando Richards terminou o trabalho em Munique, ele voltou a Richmond, onde ajudou Ron Wood a gravar seu primeiro LP solo, *I've Got My Own Album to Do*. (O álbum era uma referência sarcástica a Rod Stewart, que na época estava gravando *Smiler* em vez de fazer uma turnê com os Faces.) Um amigo em comum chamado Bebe Buell chegou a Wick naquela manhã e encontrou Keith, Ron, Rod e Eric Clapton apagados aos pés de uma cama. Sobre ela, Angie Bowie repousava isolada. Richards era "o mais doce de todos" e um "homem muito

sábio", insiste Buell, "versado em filosofia — na verdade, brilhante. Ele estava aberto a todos os tipos de [crenças] espirituais. Podia passar horas falando sobre os maias e as pirâmides, e discutíamos o mistério de Stonehenge e o universo. Ele tinha uma teoria de que as baleias têm alma." O fato de que Keith também podia ser brusco só aumentava seu charme. O vizinho de Richards em Cheyne Walk lembra-se dele como um "bom rapaz", que, no entanto, às vezes entrava sem pedir licença em sua propriedade tarde da noite pelo jardim vizinho; quando o vizinho o questionou a respeito disso, a resposta de Keith não incluiu um pedido de desculpas, mas as palavras "cale" e "cuspe".

"Yes, star crossed in pleasure/The stream flows on by/Yes, as we are sated in leisure/We watch it fly" [Sim, estrela traída no prazer/O fluxo corre continuamente/Sim, enquanto nos saciamos no ócio/Assistimos enquanto ele voa], Mick Jagger cantava no novo álbum dos Stones, *It's Only Rock 'n Roll*. Uma questão muito discutida na mídia dos tabloides era exatamente quão saciado ele estava. Em 1974, Mick juntara-se à cadeia de junk food das celebridades, competindo com temas como Elizabeth Taylor, Jackie Onassis, curas para o câncer e fenômenos psíquicos soviéticos. "BARCO EM FESTA DOS STONES" E "JAGGER PAI DE CRIANÇA FORA DO CASAMENTO", eram dois exemplos de manchetes do *National Enquirer*. Por mais duvidosos que fossem os rumores em sua maioria, é justo dizer que depois de três anos Mick traía os votos do casamento com uma regularidade impudente. Bebe Buell, por exemplo, lembra-se de "um cara cheio de classe e elegância [que] não perdia tempo. Mick fazia tudo por uma garota... Eu recebia telefonemas sussurrados no meio da noite, cestas de presentes e conselhos detalhados sobre que xampus, sprays e loções usar. Mick era preciso assim. No meu aniversário de 21 anos, ele me levou a um belo restaurante japonês em Nova York, pediu champanhe e perguntou com quais figuras históricas eu gostaria de jantar além dele. Respondi: Oscar Wilde, Albert Einstein e John Lennon. Mick deu um telefonema. Depois do jantar, entramos em um táxi, percorremos a cidade, estacionamos em um prédio de apartamentos escuro, subimos um lance estreito de escadas, e no topo, com uma Polaroide, estava Lennon. "Feliz aniversário", Mick me disse.

Em julho, no 15º aniversário da morte de Brian Jones, o *New Musical Express* publicou uma carta aberta de um fã seu acusando os Stones de terem-no "esquecido completamente". "Acho que devo fazer esclarecimentos em relação à atitude de outros membros da banda em relação a Brian", Les Perrin respondeu. "Ele está sempre em seus corações, e houve o cuidado de enviarmos uma coroa de flores. Depois de muita reflexão, foi decidido que, em vez de uma saudação efêmera com flores, o que deveria ser feito era uma doação para a caridade. Como os rapazes conhecem a contribuição pessoal de Brian para os jovens, decidiu-se por uma doação financeira para o Fundo das Nações Unidas para a Infância." O que é mais pertinente, os Stones garantiram que a família Jones continuasse recebendo a fatia do seu filho do "Retorno da Decca", o equivalente a cerca de 3 mil libras anuais, parte de uma supervisão robusta das finanças do grupo como um todo. Quando uma reunião em Londres com Allen Klein para discutir os arranjos referentes aos direitos autorais não saiu como esperado, terminou com Klein fugindo por um corredor do Hotel Savoy perseguido por vários membros da banda. Pouco depois, Les Perrin deu outro comunicado à imprensa, anunciando: "As conversas recentes entre os Stones e seu antigo empresário foram conduzidas de forma profissional, amigável e produtiva."

Enquanto Perrin falava bobagens, Prince Rupert apresentou Mick Jagger a um jovem advogado de muito sucesso de Little Rock, Arkansas, chamado Bill Carter. Carter não apenas contava entre seus amigos um professor de Direito oportunista chamado Bill Clinton, como tinha contatos em Washington. Depois da renúncia de Richard Nixon em agosto, certas autoridades importantes da sua administração, como o procurador-geral linha-dura General Erwin N. Griswold (autor de um memorando de 1970 que denunciava um "britânico arrogante em nosso meio, apresentando-se para nossas crianças usando uma cartola com a bandeira americana"), também se aposentaram prematuramente. Carter de pronto fez com que Mick vestisse terno e gravata e o encaminhou ao Departamento de Justiça, onde Mick assinou autógrafos e posou para fotos com os funcionários. Pouco depois, os

Stones conseguiram suas permissões de trabalho. Em outubro, todos se encontraram em Londres e concordaram em fazer uma turnê no ano seguinte.

Keith Richards não estava falando com Mick Taylor, mas tocou no malfadado e regado a drogas "A Weekend of Rhythm & Booze" de Ron Wood, realizado em Kilburn Gaumont, no norte de Londres. Com olhos escuros e peles pastel idênticas, Keith e Ron trouxeram à mente de um jornalista da *NME* a imagem de "Everly Brothers" degenerados, ainda que não tão melódicos. Os Stones haviam passado um dia com Michael Lindsay-Hogg filmando um vídeo promocional caótico para *It's Only Rock 'n Roll*. Embora, por uma boa razão, o diretor quase tenha afogado Charlie em espuma, o clipe sobreviveu para tornar-se um dos mais tocados no *Top of the Pops* e um tipo de pioneiro entre os clipes de rock. Apesar da promoção e de uma campanha de grafite orquestrada em Londres por Jagger (um exemplo impressionante foi o que apareceu no muro do campo de críquete do Lord's, onde pode ser visto até hoje), as vendas do compacto foram modestas. Taylor o descreveria como "Mick e Keith tentando escrever algo no clássico estilo Stones", o que sugere que o grupo havia caído na autoparódia.

Talvez o álbum *It's Only Rock 'n Roll* tivesse um título bom demais para o seu próprio bem, e uma ou duas vezes os Stones imitavam seus imitadores. O resultado era uma mistura de ritmo agradável com inocuidade — sem Jimmy Miller, a banda perdeu parte da energia que caracterizou um período da sua carreira, e quase perdeu a identidade. Faixas como *If You Can't Rock Me* e *Fingerprint File* apresentam uma semelhança perturbadora com os Faces e Bowie na era *Aladdin Sane*. Na tentativa de um resgate dos velhos tempos, *If You Really Want to Be My Friend* ressuscitava o coro gospel de *Let it Loose* em *Exile*. Uma representação do novo amor pelo reggae era *Luxury*, que, como uma ou duas outras faixas com gosto de sol, conquistava com seu ritmo agradável, enquanto a gloriosamente excêntrica *Ain't Too Proud to Beg*, hit de meados dos anos 1960 dos Temptations, soldava as harmonias soul com um som que parecia Keith Richards batendo com a guitarra em uma parede. A faixa título, que bebe diretamente na fonte de Chuck Berry, foi a única música a ser regravada tanto pelo Twisted Sister quanto pelo combo de rock cristão

ApologetiX. *It's Only Rock 'n Roll* foi a primeira de uma série de produções creditadas aos Glimmer Twins — denominação que, no caso, se limitava basicamente a Mick Jagger. Por coincidência, também foi o primeiro em que os vocais são completamente audíveis.

It's Only Rock 'n Roll teve um sucesso decente de vendas, embora Ron Wood em breve tenha tomado conhecimento de que o crédito concedido a ele por "Inspiração" não necessariamente se converteria em direitos autorais. Passados 23 anos, ele disse melancolicamente a um repórter: "O lado financeiro dos Stones é uma noz difícil de ser quebrada." Mick Taylor foi muito além, tendo entrado "literalmente em coma", de acordo com uma fonte, depois que Nick Kent lhe mostrou uma prévia do álbum creditando apenas Jagger-Richards. De acordo com relatos, a ambiciosa companheira de Taylor, Rose, saiu de si e telefonou para Keith, que não estava disponível para atender.

Por maiores que essas reservas fossem, elas não eram as únicas. Até mesmo a audiência composta por amigos e familiares em uma festa realizada em Nova York para uma audição do novo álbum não pôde evitar expressões de desagrado ao ouvir a maior banda de rock and roll do mundo passar de um misto de *Shaft* e reggae para outro. Em uma crítica tipicamente direta, Stu achava que algumas das músicas eram "pura besteira". Vários críticos profissionais pareciam concordar, encontrando pouco mais que agradasse além do título de Mick, que se tornou um clichê do rock. Bill Wyman mais uma vez ameaçava deixar a banda, e poderia ter feito isso se *Monkey Grip* tivesse tido um desempenho melhor do que uma única semana na 56ª posição da *Billboard*. Muito menos Charlie Watts faria qualquer esforço para promover o último produto dos Stones. Ironicamente, foi Keith Richards, por mais fora de si que estivesse pelo efeito das drogas, que fez mais para a promoção do álbum na imprensa, concordando com uma rodada de um mês de entrevistas na Europa. Ele passou uma tarde encantando Bob Harris no programa de televisão da BBC *The Old Grey Whistle Test*. "Keith apareceu no estúdio balançando uma garrafa de Jack Daniel's nas pontas dos dedos", lembra Harris. "Apesar de ter bebido quantidades copiosas ao longo da noite, ele conseguiu fazer o show, depois do que todos fomos para o restaurante Mr Chow's, em Knightsbridge. Éramos

mais ou menos dez, e não tínhamos reservas. Depois de algum tempo, fomos conduzidos até uma mesa no meio do salão lotado, quando Keith de repente pega um saco de cocaína e dá um tapinha perto da moldura atrás do seu lugar. Digo 'saco' porque era do tamanho de um saco de farinha. E Keith passou as duas horas seguintes ali para todos verem, alternadamente cheirando e oferecendo com gentileza a todos da mesa. Cada prato acompanhava uma aplicação. Para ele, era apenas mais um condimento."

Todos voltaram a Montreux em novembro para conversar mais sobre uma turnê pela América no ano seguinte. Mick Taylor não falou nada, mas alguns dias depois telefonou para o escritório em Londres e disse que estava de saco cheio. Lutando contra a venerável empresa de composição Jagger-Richards e quase quebrado, Taylor queria ir para a estrada com o ex-baixista do Cream, Jack Bruce. Pelo menos parte da banda pensou que ele estivesse blefando, lembrando-lhe de que deveriam voltar ao estúdio em alguns dias. Mas Taylor chamaria Jagger em um canto durante uma festa para Eric Clapton na casa de Robert Stigwood, no norte de Londres, e lhe diria que não voltaria a Munique. Por sorte, nesse exato momento Ron Wood estava sentado entre os dois Micks, e aproveitou a oportunidade para dizer que estaria disponível caso necessário. No dia 12 de dezembro, Jagger publicou um comunicado educado à imprensa avisando que Taylor "quer a chance de ter experiências diferentes. Embora sintamos a sua partida, nós lhe desejamos muito sucesso e felicidade".

"Na verdade, não sei [por que ele partiu]", Mick diria à *Rolling Stone* anos depois. "Ele nunca explicou. Queria seguir carreira solo. Acho que ele achava difícil se relacionar com Keith Richards." O certo é que Keith não ficou feliz com a partida. "Dois dias antes de um maldito novo álbum", ele reclamou depois do telefonema. No momento em que os Stones haviam vencido sua guerra contra o governo, eles passavam a enfrentar um motim do seu próprio lado. "Ninguém deixa essa banda a não ser dentro de um caixão", Keith acrescentou, entre várias outras observações negativas.

"Mick era como Clapton — um instrumentista solitário, brilhante. Mas eles não são do tipo que fica numa banda porque não gostam de jogar em

equipe. Não gostam de chutes no traseiro... Para mim, é por isso que Mick Taylor será sempre um fracasso."

Taylor logo enfrentaria a dura realidade da sua decisão de deixar os Stones. "Quando eu disse ao escritório que sairia, eles imediatamente pediram o meu cartão gold da American Express", ele conta. "Depois disso, passei um ano sem receber nenhum dinheiro... Mick Jagger tentou me convencer a ficar, mas eu respondi que estava cheio e que meus problemas com drogas estavam começando a me preocupar. Mick sugeriu que eu tirasse seis meses de férias, mas nunca fui muito bom em aceitar conselhos. Talvez devesse tê-lo ouvido." Em pouco tempo, Taylor estaria internado em uma clínica de tratamento com metadona no Hollywood Boulevard depois de ter vendido seus discos de ouro e muitos outros suvenires para comprar drogas. "Em 1982, os Stones pararam de me pagar", ele acrescenta. "Haviam assinado com outra gravadora e tinham novos contratos e lhes disseram que eles não precisavam me incluir... Eu deveria ter arrumado um advogado, mas em vez disso os xinguei e perguntei como podiam simplesmente me cortar. Eles todos sabem que isso não é certo. Na verdade, é um ultraje. Eles recebem todo o dinheiro e eu recebo os aplausos e os elogios, até de Mick." Em 1974, Taylor se convencera de que "a banda estava desmoronando — era um caos; Mick e Keith não se falavam nem trabalhavam juntos, e levava cada vez mais tempo para fazerem os álbuns. Eles não pareciam ter um futuro juntos". Como muitas pessoas, ele não sabia que na época os Stones ainda se encontravam na sua infância relativa.[2]

Em janeiro de 1975, Mick e Keith aproveitaram as novas sessões na Alemanha para fazer testes com guitarristas, transformando o salão do Hilton de Munique em uma cena de *A Chorus Line*, com músicos de cabelos compridos sentados enquanto aguardavam ser chamados para tocar. Durante o inverno, Jeff Beck, Mick Ronson, Harvey Mandel, Rory Gallagher e até Geoff Bradford, que tivera uma breve amizade com Brian em 1962, vieram para uma jam. Alexis Korner na época gravava um álbum chamado *Get Off My Cloud* na sala vizinha, com a ajuda de Steve Marriott e Peter Frampton. Marriott passou grande parte

do tempo tentando provar a Mick e Keith que ele era o homem certo para o emprego, embora Bill e Charlie considerassem Frampton um grande músico. Nenhum deles deu certo. O versátil guitarrista de estúdio inglês Chris Spedding, que com o passar dos anos tocaria em músicas de bandas que vão dos Sex Pistols aos Wombles, lembra de "como todos os periódicos musicais publicavam artigos sobre quem substituiria Taylor. Foi meio como quando o papa morre, ou quando havia uma mudança na liderança da União Soviética. Jeff Beck estava no topo da lista (para os Stones, não para papa), mas meses depois recebi um telefonema de Mick Jagger me perguntando se eu estava disponível. Por mais estranho que pareça, eu não estava. Tinha muito trabalho pela frente, então respondi que não". Três meses depois, os Stones fizeram uma temporada no Madison Square Garden, enquanto Spedding se vestia de Womble para dublar *The Womble Shuffle* no *Top of the Pops*, algo de que não se arrepende "nem um pouco".[3] Em algum ponto durante o processo, a casa na Inglaterra de Mick Taylor foi destruída por um incêndio com a maior parte de seus bens materiais, gerando especulações de que, como Brian, ele poderia morrer depois de deixar os Stones.

Por fim, Keith Richards botou os olhos em um guitarrista de 23 anos e ascendência cherokee chamado Wayne Perkins. Ele era bem qualificado. Na época, a música favorita de Keith era o hino reggae de Jimmy Cliff *The Harder They Come*, que o tocara mais fundo do que qualquer coisa desde que ele ouvira *Heartbreak Hotel* 19 anos antes. Em março de 1975, os Stones estavam gravando em seu estúdio móvel em Roterdã quando Eric Clapton ("drogado demais" para ficar com o trabalho) telefonou para falar de um cara chamado Wayne, com quem estava relaxando à beira de uma piscina na Jamaica e que trabalhava com artistas que iam de Perry Como a Bob Marley. Além disso, ele havia *tocado* em *The Harder They Come*.

"Mande-o", disse Keith.

Ao chegar à Holanda, Perkins foi recebido por Stu, que o levou até um teatro pequeno e escuro onde os Stones estavam trabalhando.

> Entrei... Era uma cena esquisita; todos estavam sentados, Keith meio que abaixando as calças, a bunda aparecendo enquanto ele examinava algum ferimento. Acho que Bill e Charlie resmungaram alguma coisa. Essa foi a minha apresentação. Logo em seguida, estou tocando sozinho no palco diante deles. Jagger vem das coxias sem que eu perceba, pega um pandeiro e começa a tocar uma batida jitterbug-boogie bem atrás de mim. Balançando o maldito pandeiro no meu ouvido. Mick está me deixando louco enquanto Keith está esparramado logo em frente, ainda mexendo na bunda e olhando para mim de vez em quando... Esse foi meu teste. Em seguida, sou convidado a ir lá para fora, até o estúdio móvel. Toquei alguma coisa em *Cherry Oh Baby*, *Memory Motel*, *Fool to Cry*, só que elas ainda não tinham esses títulos. Keith e eu gravamos a música *Hand of Fate*. Eu obviamente estava indo bem, já que até então todos estavam na sua, e há drogas caindo dos amplificadores, e Keith está rindo. Sem problemas, pensei, estou dentro...

Mas Perkins logo descobriria que havia mais envolvido em entrar para os Stones do que simplesmente satisfazer Keith Richards em um teste. "O cara tinha que se encaixar", ele diz. "Não era apenas acompanhar o ritmo contínuo com drogas, bebidas e falta de sono, havia também pequenas armadilhas que eles colocavam no caminho." Um ou dois dias depois, Perkins estava em Wick, onde Anita andava para um lado e para outro com uma bandeja antiga cheia de cocaína como se estivesse servindo chá com biscoitos, e os outros convidados incluíam vários membros dos Stones e dos Faces, além de David Bowie, Gary Glitter e alguém lembrado como um "dançarino de balé jamaicano" que divertia Mick. Às 20 horas, certa noite, Keith e Wayne saíram para um drinque "rápido" que durou até as 5 horas da manhã. Perkins se viu no banco do passageiro da Ferrari amarela, descendo o Richmond Hill em alta velocidade, com o anfitrião "em seus costumeiros 145 km/h de óculos escuros e buzinando enquanto passávamos por uma série de sinais vermelhos". De alguma forma, na escuridão de uma noite londrina, Keith encontrou um fornecedor musical disposto a lhe vender um piano de meia cauda de 12 mil libras. Em seguida, outra viagem selvagem, passando por vários meios-fios ao longo do caminho até a casa de Jagger em Cheyne Walk, onde Anita mais uma vez fez as honras. Por volta da hora do café da manhã, Keith desapareceu na estrada com Marlon depois de mencionar algo sobre colocar o menino de 5 anos na cama. Depois, Mick telefonou convocando o dançarino de balé, e Perkins ficou observando os

dois dançando ao som de alguma "merda disco" no sistema de som. De repente, Rupert e Bryan Ferry, este último de paletó, aparecem à porta. Era tudo muito diferente da cena rural do Texas. Em pouco tempo, a sala se encheu de jovens bem vestidos em ternos de corte elegante. A um canto, Wayne, de camiseta e jeans, sentia-se deslocado enquanto os convidados de Mick olhavam através dele como se ele não existisse. Tudo era "muito estranho", ele conta. "Acho que era algum tipo de teste." No dia seguinte, de volta a Wick, Keith disse a ele que aprendesse a tocar o catálogo dos Stones. "Vamos sair em turnê."

Perkins começou a ensaiar "30 ou 40" dos velhos clássicos. Para os Stones, ensaiar significava plugar as guitarras por volta da hora em que outras pessoas iam dormir e sair tocando enquanto Keith gritava "Mais rápido!" ou "Mais devagar" e assistentes de pele escura substituíam as várias garrafas e latas que pulavam nos amplificadores. *Lady Jane* e *Satisfaction* foram as primeiras. No momento em que Keith e Wayne trocavam licks na cabana, a 13 metros de distância, na sala de estar oval de Wick, Ron Wood avaliava as opções de sua carreira para o agora provável caso de os Faces se separarem. Dois dias depois, sem ter uma lembrança clara de ter chegado lá, Perkins estava de volta a Munique. Enquanto os outros dormiam, Keith estava alerta e quis visitar Dachau. "Vai ser uma curtição." Houve mais alguns ensaios à base de cocaína. O garçom do bar do hotel tinha instruções escritas de Keith sobre como preparar o seu coquetel favorito da época, que envolvia basicamente um copo generoso de vodca Stolichnaya com a adição de umas gotas de suco de frutas — o início do longo e muitas vezes conturbado relacionamento de Keith com a Stoli. Não demorou muito para que o dançarino jamaicano de balé reaparecesse. Mais tarde na mesma noite, o processo de ensaios alcançou seu clímax quando Mick Jagger chamou Perkins para a sua suíte no andar de cima.

> Mick estava deitado na cama imensa. Ele meio que deu umas batidinhas nas cobertas, e me sentei ao seu lado... A atmosfera estava pesada; Mick me ofereceu uma cheirada e ficou lá deitado, meio que irritado. De repente, ele começou a falar alguma coisa sobre adolescência e garotas, e então se inclinou para mim e disse: "Como era a sua namorada na escola?" Bem,

> não sei. Talvez fossem as drogas, mas eu estava enjoado. Foi então que vomitei no banheiro todo de Mick. Ele teve que passar a noite em outra suíte. Logo depois disso, houve um telefonema entre Jagger e Richards, um tipo de briga de cachorros para decidir se eu ficava ou não na banda. Keith definitivamente estava me defendendo, mas era Mick quem tomava as decisões. Ele mencionou o fato de que eles estavam procurando um inglês. Não fiquei com o emprego.

No domingo, 30 de março, Ron Wood era um dos convidados na festa do 30º aniversário de Eric Clapton. Na tarde seguinte, ele acordou, descobriu que não tinha nada em particular para fazer e telefonou para Munique. Woody pegou um avião naquela noite. Mais tarde, no estúdio, ele perguntou a Keith como estava a procura.

— Estamos procurando um britânico com uma aparência maneira, com um senso de humor bem legal, um pouco mais baixo que você, que toque bem, que goste de beber e que não vá enlouquecer na estrada, abandonar o navio, e que se dê bem com Jagger.

— Onde vocês vão encontrar alguém assim até a próxima sexta-feira?

Então, Woody tocou em uma música chamada *Hey Negrita*, e logo foi contratado para a turnê. Keith comentou: "Depois de literalmente um número, pensamos: 'É isso. É óbvio.'" O acordo era que Wood, como acontecera a Taylor, se juntaria aos Stones para um período de experiência, e não como membro permanente. No final das contas, ele receberia o salário pelos próximos 19 anos. Os mais observadores não deixaram passar despercebido o fato de que Woody se juntara à banda a fim de servir de guitarrista de apoio para Keith, e não para substituí-lo. Na transformação dos Stones de astros cansados em músicos ativos, a habilidade de Woody de simplesmente ligar a guitarra e começar a tocar foi crucial — talvez ele não fosse um virtuoso, mas era prolífico. Em uma semana, a banda já havia gravado a maior parte do que se tornou *Black and Blue*, além de dúzias de tomadas iniciais para músicas como *Slave* e *Start Me Up*, além de outra (título de trabalho) chamada *Cunt*. Algumas delas seriam recicladas anos depois e venderiam milhões de cópias.

Na época, Ron Wood tinha 27 anos e já tocava guitarra profissionalmente havia dez anos. Terceiro filho de uma família de "ciganos aquáticos" que bebia um bocado e que deixara seu barco por um apartamento num conjunto habitacional perto do aeroporto de Heathrow, ele era genuinamente da classe trabalhadora. Seu pai, Arthur, ou "Archie", tocava em uma banda de gaitas com 24 membros que fazia turnês periódicas pelos hipódromos da Inglaterra. Sua mãe, Lizzie, levava para casa um salário semanal do trabalho como faxineira na fábrica de prensagem de discos HMV. Ron tinha dois irmãos mais velhos, Ted e Art, também envolvidos com música. Em casa, nos finais de semana havia cantorias tão barulhentas ao redor do piano que um buraco acabou se abrindo no meio da sala de estar. Quando os Woods se mudaram, os novos proprietários encontraram 1.700 garrafas de cerveja Guinness enterradas no quintal. Já com bem mais de 70 anos, as pessoas costumavam dizer que Archie Wood devia "ter um buraco na perna" para conseguir beber tanto — e ele realmente tinha, pois precisara amputar uma perna depois de uma trombose.

Depois de curtos períodos com os Birds, o Jeff Beck Group e os Faces, Ron ganhara fama de guitarrista confiável e experiente, cujo som em seu núcleo era tão pneumático e sólido quanto o de Mick Taylor era fluido. Com a aparência semelhante à de Keith e cabelos espetados, Wood foi descrito por um crítico presente em um concerto dos Faces como um "escovão musical" cuja principal contribuição para o show havia sido "correr de um lado para o outro esfregando a guitarra enquanto fumava um número incontável de cigarros". Ele também podia cantar com um ronco ofegante à moda de Dylan.

Como o próprio Wood reconhecia, havia músicos melhores. Mas o que lhe faltava em técnica era mais do que compensado em outros aspectos, ao contrário do que diziam os críticos que o chamavam de incompetente, mercenário e, o pior, uma piada. A imagem da dupla Keith-Ron ficava ótima nas fotos, e Wood estava disposto a se sujar de uma forma que Taylor não estivera. "Foi ele quem manteve o trem nos trilhos", disse Korner. "Categorizar [Wood] como um oportunista que se deu bem? Não. Não é verdade. Havia instrumentistas muito melhores, mas nenhum tinha a sua personalidade." Stu descreveu o novo recruta dos Stones carinhosamente como "um garotinho

correndo de um lado para outro para chamar atenção. Ele era capaz de se sentar em um prato quente se achasse que isso animaria as coisas". Felizmente, "isso era exatamente o que a banda queria naquela época — alguém para fazê-los rir".

Antes de 1975, Wood fizera uma dúzia de visitas de vários tipos à América, mas nunca voara em um jatinho particular. Nos Stones, o mundo das orgias no ar e outros bônus de ser um astro do rock de repente se abriu para ele. Agora, as turnês dos Faces pareciam "uma barraca de peixes", ele diria mais tarde.

Mick Jagger estava sempre pronto a se misturar com a alta sociedade, e mais de uma vez seus contatos mostraram-se úteis para os Stones. No início de abril, o amigo de Mick e embaixador americano da Corte de St James Walter Annenberg avisou que a banda era bem-vinda para uma turnê pela América, mas que cada um teria que passar por um exame médico completo antes de receber uma permissão de trabalho. Naquele momento, de acordo com Sanchez, o hematologista foi trazido outra vez de Miami. "Assim que a cura se fez, Keith foi para Londres e se apresentou na embaixada americana para o exame. O médico declarou que seu sangue estava tão puro quanto água mineral, seu passaporte foi carimbado e ele voltou para a estrada."

Enquanto isso, Mick estava ocupado encomendando o figurino para a turnê a Giorgio di Sant' Angelo e inspecionando o 707 personalizado dos Stones, que incluía dois quartos mobiliados com espelhos de Mylar e estofados num tom dourado extravagante, uma biblioteca, uma Jacuzzi, um bar bem abastecido, um piano, e até mesmo, como acrescenta Wood, "garotas nuas dançando pelos corredores". No dia 21 de abril, a banda começou a ensaiar na remota propriedade de Montauk, onde os roadies tiveram que cercar a praia com cercas de arame para evitar uma invasão pelo mar dos Hell's Angels. Bianca ficou em Londres, então Mick mandou um jatinho para buscar Bebe Buell. Prince Rupert e vários dos seus colegas estavam na vizinhança, hospedados em um lugar chamado Memory Motel, a cerca de 1,5 quilômetro dos Stones. "Belo nome", disse Mick, e o usou em uma música. Andy Warhol estava muito em evidência. Algumas das suas fotos dos Stones mordendo um ao outro acabaram na capa do álbum ao vivo seguinte da banda. Depois, o grupo teve

que ir de carro até um hangar de uma base militar em Newburgh, Nova York, para praticar no seu novo palco hidráulico em forma de lótus, já que ele era grande demais para caber até mesmo na sala de estar *deles*. Billy Preston estava nos teclados, e o baterista de Stevie Wonder, Ollie Brown, tocava uma variedade de pratos, sinos tubulares e gongos. Keith queria Bobby Keys de volta ao grupo, mas Mick vetou seu retorno; os Stones tocaram sem metais até 1981.

Ao meio-dia de 1º de maio, os sete integrantes da banda percorreram a Quinta Avenida em cima de um caminhão plataforma para anunciar a turnê. O grupo de rock mais ilustre do mundo faria sua primeira apresentação em três anos na América sobre uma plataforma de madeira tocando *Brown Sugar* e parando a parte baixa de Manhattan. Pela primeira vez, tocar de graça mostrou-se uma opção lucrativa. Meio milhão de ingressos foram vendidos na semana seguinte. O *Washington Star News* canonizou o grupo:

> Os Rolling Stones fizeram uma demonstração fantástica, de parar o trânsito... Em termos de espetáculo, ela pode ser comparada favoravelmente com os maiores eventos noticiados do ano — a prisão dos assessores presidenciais condenados por perjúrio, fraude e obstrução da justiça, a crise energética, ou a emocionante queda final de Saigon. Essas histórias podem ter sido importantes, mas nenhuma foi exatamente animadora. Os Stones fazem os mais enferrujados de nós voltarem alegremente à *adolescência*. Trata-se de um feito incrível.

A essa altura, os "cinco idiotas com guitarras" eram uma notícia tão importante quanto o fim da guerra do Vietnã.

Na noite de abertura, 1º de junho de 1975, os Stones fizeram todas as paradas possíveis. Mick Jagger entrou ao som de *Fanfare for the Common Man* — com os roadies disparando bombas de cereja para complementar o espetáculo — antes de dançar em seu pijama de seda, sentou-se sobre um balão de aparência sugestiva em *Star Star*, se balançou dependurado e se empertigou como sempre ao lado de Billy Preston. Do lado direito do palco, Woody demonstrava, se não perspicácia, uma alegria embriagada, muitas vezes preferindo deixar a guitarra

de lado para conduzir a plateia em um coro maciço. Os shows também contaram com os artifícios de Ollie Brown para animar o público — fora isso, ele não acrescentou muito à batida dos Stones. Como de costume, Bill Wyman mal se moveu durante o concerto, embora sua expressão, agora emoldurada por ondas generosas de cabelo no estilo rei Carlos, pudesse ser mais de concentração do que de completo tédio. De acordo com Wood, "Bill estava jogando um jogo chamado 'Olha as Tetas'. Ele vinha até mim no meio do set e falava: 'Belo par ali.'" Keith Richards passou o show na sua melhor forma, exibindo uma jaqueta branca suja, calças de couro apertadas e um chapéu largo de brim em cujas abas guardava seu suprimento de cocaína para a noite, correndo até o microfone para cantar *Happy* enquanto tocava seu riff sujo e fazendo movimentos como se os joelhos estivessem fracos, à la Elvis, em solos particularmente quentes. Como Keith mais tarde esclareceria, ele não gostava de toda a performance de palco: Mick estava se transformando no "maldito Danny La Rue" (que faz aniversário no mesmo dia que ele), enquanto alguns adereços de palco, em particular as bancadas de 3 mil lâmpadas coloridas, parecendo mais a fachada de um cassino de Vegas, "lembravam uma pantomima". Keith mal conseguia esconder seu desprezo enquanto Jagger e Brown inflavam mais balões durante o bis, uma versão estendida de *Sympathy*, desta vez um dragão cuspindo fogo e um boneco de neve. O show seguiu uma sequência análoga de momentos quentes e gelados, mas ninguém podia culpar a apresentação dos Stones: em duas horas e meia, os fãs tiveram tudo, de Aaron Copland até um ato burlesco e chato de menestrel. Parece justo dizer que os assentos de 8 e 10 dólares foram um investimento muito melhor do que o pago para ver John Denver, Donny & Marie e David Cassidy — os outros ídolos pop daquele verão na América.

O frenesi teve início alguns dias depois, quando a banda começou a tocar nas maiores arenas do Texas. Shows destruidores, sexo e drogas: logo vieram as manchetes do tipo STONED, incluindo fotos ampliadas do falo de borracha de Mick. Em San Antonio, movidos por um respeito profundo — mais 4 mil libras do *Daily Mirror* —, os Stones concordaram em fazer uma homenagem a Davy Crockett e aos heróis americanos que morreram no Álamo. O fotógrafo

do *Mirror* trouxe uma caixa de objetos cênicos para a sessão de fotos. Bill Wyman com um chapéu de guaxinim em vários lugares, enquanto Keith Richards, já quase côncavo em resultado do uso de drogas, enfiou várias bandeiras dentro da calça jeans. De volta a Londres, as fotos foram publicadas ocupando uma página inteira que exibia os cinco Stones olhando atravessado em sua indumentária punk, com Mick enrolado desafiadoramente em uma bandeira britânica. O resultado foi mais um ponto baixo nas relações anglo-americanas.

Um dos melhores indícios da reputação dos Stones em 1975 foi o fato de continuarem sendo banidos de vários países e cidades individuais. Além dos problemas que haviam tido na França, eles foram proibidos de tocar em Nova Orleans ou em qualquer outro lugar do estado do Alabama, ainda que o ministro de Segurança Pública do Canadá tenha voltado atrás e permitido que a banda entrasse com um visto de 72 horas. Em Toronto, Keith Richards ouviu falar de uma jovem fã cega, Rita Bedard, que os estava acompanhando de carona em todos os shows. Isso trouxe à tona seu lado humanitário. Ele tomou providências para que ela viajasse com os roadies, pagando anonimamente para que a moça tivesse uma refeição quente e uma cama à noite. Esse simples ato de generosidade de Keith teria um retorno incrível três anos depois.

Em 4 de julho, o conselho dos anciãos da cidade de Memphis ameaçou arrastar os Stones para fora do palco se eles inflassem seus "dirigíveis rudes e libertinos", como o comunicado escrito os chamava, ou cantassem a letra de *Starfucker*. Bill Carter interveio em favor da banda, e a multidão de 60 mil pessoas pôde celebrar o Dia da Independência com estilo, indo à loucura enquanto Mick cavalgava o pênis de borracha. Mais cedo, os Stones haviam se recusado a tocar a não ser que Furry Lewis, o incrível rei da guitarra slide de 82 anos que nunca havia ganhado o bastante para deixar o emprego de varredor de rua (trabalho que fazia mesmo com uma perna de madeira), tocasse antes deles. Stu acreditava que ele havia recebido "cerca de dez mil" pelos seus serviços, o que era quase o dobro do seu salário anual. Depois do seu set, ouvido com entusiasmo, um dos organizadores perguntou a Lewis se ele queria ficar para

assistir à apresentação dos Stones. "Não, não dou a mínima para isso", foi a resposta.

Seis shows lotados foram realizados em Nova York, com os bastidores visitados por figuras como Dylan e Raquel Welch. Em algum lugar no meio da multidão do Madison Square Garden estava uma bela jovem loira de 19 anos de uma família luterana tradicional chamada Patti Hansen. Ela também reapareceria na vida de Keith três anos depois. Mick ainda encontrou tempo para ir até o estúdio gravar com Eric Clapton, ao que se seguiu uma leve recreação para os astros do rock. O baixista de Clapton, Carl Radle, lembraria que eles estavam "meio cheirados e bêbados com brandy. E havia também as garotas... uma morena alta para Mick e uma loira para Eric, as duas usando saias curtas convidativas. Roupas de prostituta. Quando Clapton saiu, ele estava rindo porque a garota quis que ele a cobrisse de manteiga. 'Bem', ele disse, 'isso supera uma barra de Mars'". Bianca pegou um voo para se juntar à turnê alguns dias depois. Enquanto os Stones pulavam de palco em palco no seu próprio 707, seu velho mentor Alexis Korner os seguia pelo país em uma van pequena. Del Taylor, empresário de Korner, disse: "A ideia era que o álbum de Alexis, *Get Off My Cloud*, fosse lançado para coincidir com a turnê dos Stones. Alexis acompanharia os Stones e os entrevistaria em várias cidades, e o disco estaria disponível. A CBS conseguiu estragar tudo em todas as cidades desde o início."

Mick e Keith convidaram Howlin' Wolf para o seu concerto em Chicago. Eles lhe prestaram uma bela homenagem no palco, mas deram o bolo em Wolf, não tendo aparecido para um elaborado jantar caseiro feito especialmente para eles tarde da noite. Coube a Bill Wyman remediar a situação aparecendo com seu filho de 13 anos. Parte da imprensa de Chicago fez fortes críticas ao momento aparentemente improvisado em que Billy Preston se ajoelhou, agarrou as nádegas de Jagger e fez o que pode ter sido o primeiro ato simulado de felação na mesma arena onde, 31 anos antes, Franklin Roosevelt aceitara o lançamento da sua quarta e última candidatura à Presidência dos Estados Unidos. Os Stones tiveram dificuldades quando chegaram ao hotel naquela noite. Ao ver o grupo de músicos e groupies que apareceram no saguão às 3 da

manhã, o gerente do turno da noite entrou em pânico e pediu à banda que fizesse um generoso depósito adiantado antes de se acomodarem em seus quartos. Peter Rudge foi até seu quarto e retornou com uma pasta preta que esvaziou no balcão. Milhares de dólares caíram como uma chuva de confete verde.

Nem Mick nem Keith reagiram muito bem quando Bianca tirou uma foto com o filho do presidente, "Disco Jack" Ford, e começou a levar tanto ele quanto seus agentes do Serviço Secreto para os bastidores. Um ou dois anos depois, os Glimmer Twins compuseram uma música sobre "the rag trade girl/the queen of porn/the easiest lay on the White House lawn" [a garota do mercado da moda/a rainha do pornô/a transa mais fácil da Casa Branca]. Ao vivo, Mick às vezes concluía a homenagem gritando: "Get out of my life! Don't fuck my wife! Don't come back!" [Saia da minha vida! Não coma minha mulher! Não volte].

De Memphis, Richards, Wood, Freddie Sessler e um membro da equipe dos Stones chamado Jim Callaghan decidiram ir para o próximo show, que seria em Dallas, de carro. No fim da tarde de 5 de julho, pouco depois que os quatro deixaram uma lanchonete na zona rural do Arkansas, em Fordyce, eles foram parados na Rodovia 79 por um guarda montado da polícia estadual que mais tarde diria ter sentido cheiro de drogas e que havia "nuvens enormes de fumaça" saindo da limusine.

Depois de perguntar qual era o nome e a ocupação de todos, o policial abriu o baú do carro com um pé-de-cabra, tendo supostamente encontrado cocaína, propriedade de Fred Sessler. Keith também teve sua faca de caça favorita confiscada, embora tenha conseguido jogar a maioria de suas pílulas e da sua maconha nos arbustos tirando cortesmente seu chapéu diante do policial no que o relatório da prisão chamaria de um estilo "incomumente vigoroso". Os policiais levaram todos para o tribunal. Eles tiveram acusações diferentes — de posse, porte de arma e direção imprudente. Quando "Billy Bob" Wayne, o juiz que presidiu, foi encontrado por volta das 19 horas

daquela noite, observou-se que ele usava um par de shorts de tartan e portava uma garrafa de bourbon pela metade enfiada em sua bota. Ele parecia estar de bom humor, e afirmou várias vezes que jamais ouvira falar nos Rolling Stones. Na tentativa vã de evitar a publicidade, Keith e Ron a princípio foram referidos pelos magistrados pelos seus codinomes de turnê Ziggenpuss e Stockfish, o que só serviu para tornar a situação ainda mais parecida com um filme dos Irmãos Marx.

Bill Carter, natural do Arkansas que agora trabalhava para os Stones, chegou em um jatinho alugado dentro de uma hora. Equipes de jornais logo vieram de lugares remotos como Dallas e Atlanta. A BBC telefonou, pedindo às instalações de satélite locais uma entrevista ao vivo. Em pouco tempo, uma grande multidão favorável aos Stones havia se reunido na praça em frente ao pitoresco fórum pintado de branco. Um segundo jatinho chegou a Fordyce com um homem trazendo 50 mil dólares em dinheiro a serem usados para o pagamento da fiança, enquanto Carter e o chefe de polícia local continuavam debatendo a ética do caso. Foi o maior evento publicitário de Fordyce desde 1926, quando um adolescente local chamado Paul Bryant, futuro técnico de futebol que alcançaria certa notoriedade, enfrentou um urso na praça da cidade. Do lado de fora, a multidão que gritava "Libertem Keith" se tornava cada vez mais barulhenta. Carter fez um apelo apaixonado, argumentando que a busca e a captura haviam sido ilegais, e às 21 horas da noite de sábado, depois que a multidão começara a jogar pedras no fórum, o juiz decidiu que seria do interesse da ordem pública libertar a todos.

Richards e Sessler (descrito nos jornais como "alguém que pegava carona") pagaram fianças de 162 e 5 mil dólares, respectivamente. O grupo dos Stones depois correu para a limusine, que acelerou em direção ao aeroporto, um dos ocupantes acenando com uma garrafa de Rebel Yell fora da janela do carro. Todas as acusações por porte de drogas foram retiradas. Em 2006, o governador do Arkansas, Mike Huckabee, fez um pequeno intervalo em sua campanha presidencial malsucedida para conceder um perdão redundante a Richards e Fred Sessler; Sessler morreria cinco anos depois, aos 77 anos. A faca de Keith até hoje está pendurada em uma placa no fórum de Fordyce ao lado

de uma foto emoldurada do juiz e do chefe de polícia posando com o seu famoso prisioneiro.

Dez dias depois, Elton John "arruinou" um concerto dos Stones em Fort Collins, Colorado. A colaboração "nunca deu certo", Stu diria, ainda que mitigando a situação, ao se lembrar que Keith Richards tivera "uma discussão" com o convidado da banda mais tarde no camarim. John, que estava gravando no local, telefonara para Mick Jagger na noite anterior e insistira que queria tocar em apenas uma música, *Honky Tonk Women*. Mick não viu problemas nisso. Elton subiu ao palco, fez o número, e não queria mais sair. O resultado dessa jam de astros não foi um grande sucesso — de acordo com Wood, "Keith ficava gritando 'Cai fora'", e em pouco tempo Elton e Billy Preston brigavam pelo banco do piano. Isso levou o empresário de Preston a tentar desligar um interruptor responsável pela transmissão de 500 mil watts de potência para o palco, ao mesmo tempo que empurrava um membro da equipe de Elton; a certo ponto, ele desligou o interruptor por um segundo, levando o grito orgástico de Jagger a terminar com um zumbido: "Mas que merda é essa?", Mick perguntou no momento em que o fornecimento era restabelecido.

Em Greensboro, Richards e Wood relaxavam de madrugada tocando country blues na suíte de Keith, acompanhados por Faye Dunaway e outros cantando. Os policiais tentaram invadir o camarim antes do último show em Buffalo. Peter Rudge, Jim Callaghan e outros advogados os impediram. Jagger, Richards e Wood tomaram LSD, subiram ao palco e mal conseguiram fazer o set de 24 músicas, com Mick latindo as letras fora de sincronia com as melodias. "It's only rock 'n' roll", Keith gritou depois do segundo refrão, "but I like it." E assim, com ele curvando os joelhos, tudo acabou.

Pela turnê de 68 dias e 27 cidades, cada membro fundador dos Stones ganhou 400 mil dólares líquidos, ou pouco menos de 10 mil dólares por cada show de duas horas. Woody recebeu 225 mil dólares por seus serviços. Eles também venderam mais de um milhão de discos de *Made in the Shade*, sua última coletânea de hits, e, menos justificadamente, de *Metamorphosis*, uma

miscelânea de versões alternativas e restos de estúdio lançada por Allen Klein. Uma coletânea mais definitiva de raridades chamada *The Black Box* e 12 shows muito antecipados na América do Sul foram cancelados, respectivamente, por Klein e por conturbações políticas. Dois aviões de transporte C-130 Hercules, do tipo geralmente usado para levar tanques ao redor do mundo, levaram o palco hidráulico e o equipamento de iluminação dos Stones de volta para Londres. Keith Moon, do Who, mais tarde compraria o aparato inteiro a fim de instalá-lo no quintal como playground para a filha de 10 anos, Mandy.

Ao final da turnê, Mick voltou para Los Angeles, considerou a ideia de fazer um teste para estrelar o filme *Nasce uma Estrela*, e acabou no meio do "fim de semana perdido" de John Lennon. Lennon e sua equipe passavam as noites bebendo quantidades impressionantes de brandy e inspecionando os clubes da cidade. David Bowie, Ringo Starr e Harry Nilsson ocasionalmente se juntavam ao grupo. Por volta das 5 da manhã, Mick levou todos para a casa de Bowie em North Doheny, onde assistiram ao "Duque Magro e Branco" sair do carro e se arrastar até a porta da frente. "Estacionamos, e no final das contas não era a casa de Dave", Nilsson contaria. "Ele passou a manhã lá com algum gerente de banco e sua esposa." Após algum tempo, Mick voltou para Nova York e comprou uma casa na West 72nd Street.

Keith Richards estava em Montreux com Anita, grávida outra vez, e Marlon, de seis anos — um roqueiro em miniatura que passava a noite acordado, sentava-se em bancos de bar e xingava as babás. Richards também se permitia certos luxos: longos finais de semana na Jamaica, noites de agito em Hollywood, clubes da moda de Londres, frequentados por tipos como Peter Cook e Fred Sessler. Prince Rupert mais tarde declararia diante de um tribunal que os gastos casuais de Keith haviam totalizado 175 mil dólares em 1975 e 300 mil em 1976.

Mais tarde no outono, Jagger anunciou que o álbum seguinte, ainda "soltando fumaça" após 12 meses, seria chamado *Black and Blue*; e que, depois de os Faces finalmente terem implodido, Wood podia ser considerado um

membro oficial. Woody imediatamente se mudou para uma ampla vila, digna de um roqueiro, vizinha ao apartamento de Steve McQueen em Malibu. Como Keith, Ron logo se tornaria dependente de cocaína, e os dois fumavam "cigarros sujos" com adição de heroína no palco.

Agora com quase 40 anos, Bill Wyman gravava outro álbum solo, *Stone Alone*, que chegou à 166ª posição da *Billboard*, e falava em escrever suas memórias. Charlie Watts ficava em casa, na zona rural inglesa, com a família.

Mick Jagger nunca assinalou especificamente que não apreciava o consumo de drogas de seus dois guitarristas; esse não era o seu estilo. Entretanto, ele tinha sua própria forma de deixar as pessoas cientes de que sabia do problema, e observaria em um futuro julgamento por posse: "Keith é preso todo maldito ano." Um membro da equipe em Munique observou que os Stones "não conversavam de fato quando estavam juntos. Bill e Charlie trocavam impressões sobre o tempo por uns 20 segundos, e depois um se sentava a um canto e o segundo em outro. Mick e Keith nunca conversavam. O único momento em que demonstravam saber da presença um do outro era quando um resmungava 'Essa é em que tom?' ou alguma outra coisa técnica. Woody era o garoto de recado de todos". Wood também tinha os próprios problemas. Em um arranjo incomum de combate entre guitarristas, Ron estava tendo um caso tórrido com a esposa de George Harrison (e mais tarde de Eric Clapton), Pattie Boyd, enquanto sua mulher saía com Jimmy Page, do Led Zeppelin. Quando os Stones estavam em Munique, o esquadrão antidrogas finalmente fez uma busca na casa de Wood em Richmond. Eles arrombaram a porta, mas não conseguiram encontrar nenhum músico drogado deitado pelo estúdio. Por outro lado, ao subirem a escadaria com carpete vermelho real até o quarto, encontraram Krissy Wood dormindo com uma namorada. Quando a polícia saiu, uma multidão de repórteres e fotógrafos já havia se reunido à porta de Woody. No outro dia, as manchetes publicadas falavam de uma "busca com calcinhas cor-de-rosa" e sobre como as mulheres estavam desembaraçadamente "abraçadas" e "se acariciando". Depois disso, os Woods passariam a ficar a maior parte do tempo em Los Angeles. No outono, Krissy deu à luz um bebê que chamaram de Jesse James. Contudo, o período de harmonia não durou

muito. Ron começou a sair com uma ex-modelo loira chamada Jo Howard, com quem acabou se casando em 1985. Krissy Wood mais tarde diria que a entrada do marido nos Stones havia estimulado seu já prodigioso consumo de "álcool de boa qualidade e mulheres jovens".

Enquanto isso, no dia 26 de março de 1976, em Genebra, Anita também teve um filho. Ele nasceu semanas prematuro, mas, ao que parecia, saudável. Ela e Keith lhe deram o nome de Tara JoJo Gunne em homenagem a Tara Browne e a um personagem de uma velha música de Chuck Berry. No ano seguinte, Bebe Buell deu à luz uma filha, a futura atriz Liv Tyler, e Mick disse aos amigos que a bela menina de lábios grossos era dele. Nove anos depois, Liv soube que seu pai era o vocalista do Aerosmith, Steven Tyler.

Em 23 de abril de 1976, os Stones lançaram *Black and Blue*. Se você estava à procura da banda que havia gravado *Exile*, com suas guitarras sujas, teria que esperar pelo próximo lançamento, *Some Girls*, que foi um dos momentos definitivos da carreira dos Stones. Já *Black and Blue*, com todo o seu apelo à la Ohio Players, por pouco não poderia ser considerado uma paródia de *Soul Train*.[4] Além das faixas de reggae-and-roll como *Hot Stuff* (apesar do título, ela não era nada quente), havia a jazzy *Melody* e o compacto *Fool to Cry* — que, se comparado a *Angie*, fazia a última parecer um número de raiz. Jagger e Richards dividiram o vocal principal de *Memory Motel,* uma carta romântica a Hannah, "um amor de garota" ("Hannah honey"), com várias camadas de sintetizador das quais havia uma balada decente de três minutos gritando para se libertar; Keith adormeceria tocando essa música na Alemanha. Fora isso, Mick se ateve ao manual de James Brown. *Hot Stuff* nos garante "you're hot/you're hot/you're hot stuff" [você é quente, você é quente, coisa quente]; *Hey Negrita* nos pede para "shake your body/hey, do it up now" [balance seu corpo, yeah/hey, faça isso agora]; e assim por diante.

Mais tarde, Keith Richards descreveria *Black and Blue* como "guitarristas ensaiando", e até Mick achava que ele não era "muito bom — certamente não chega aos pés de *Let it Bleed*", gerado sob circunstâncias semelhantes. Os dois álbuns compartilhavam outra distinção. Não era a primeira vez que os músicos de apoio dos Stones se viam cortados da ação. Não havia créditos de autoria

para Ron Wood, Wayne Perkins ou Harvey Mandel, o ex-guitarrista do Canned Heat e de John Mayall que adornou *Hot Stuff* e *Memory Motel*. Billy Preston recebeu um agradecimento por "inspiração" em *Melody*, uma faixa que Bill Wyman afirma que foi Preston quem escreveu; mais uma vez, nada de direitos autorais. *Black and Blue*, contudo, foi lançado com anúncios publicitários de página inteira que exibiam uma loira com escoriações e poucas roupas, as mãos sobre a cabeça, as pernas abertas, fazendo beicinho. A legenda dizia: "Estou toda roxa por culpa dos Rolling Stones, e estou adorando."

Black and Blue chegou à primeira posição na *Billboard* e à segunda na Grã-Bretanha, vencido pela coletânea *Greatest Hits* do Abba.

No dia 28 de abril, os Stones fizeram a primeira de 37 apresentações agendadas para a Europa. Foi outra turnê regada a drogas. Keith Richards requisitava à equipe que colocasse heroína e cocaína em compartimentos especialmente designados na traseira dos amplificadores a fim de que ele e seu aluno de química Ron Wood pudessem se refrescar entre uma música e outra. Em alguns shows, os traficantes tinham sua própria sala nos bastidores. Enquanto isso, Charlie se recusava a conversar com a mídia, enquanto Keith dizia a todos que quisessem ouvir que o novo álbum de Bill Wyman era uma porcaria. Até velhos amigos perceberam o mau humor dos Stones. O crítico britânico Charles Shaar Murray teve a entrevista pré-arranjada com a banda suspensa por um som que era "exatamente como Mick Jagger dizendo em sua voz proletária 'Achamos que a sua crítica [de *Black and Blue*] foi estúpida.'" "Ponham esses idiotas para fora", Mick em seguida instruiu a equipe, referindo-se à imprensa inteira. Os Stones receberam tantas críticas em publicações renomadas como *Sunday Times* que era impossível confiná-las a uma única seção. Eles apareciam no editorial, sob a manchete "SOM DE FUNDO", nas páginas de Estilo, e na revista do jornal, que falava dos "22 caminhões bebendo combustível" e das "toneladas de luzes e equipamentos de amplificação" numa época em que os ingleses passavam por uma crise energética.

O casamento de Mick com Bianca parecia pouco mais estável do que suas relações com a imprensa, mas ainda exibia sinais de tensão. Além de Bebe

Buell, ele estava saindo com a cantora Linda Ronstadt e com a modelo Apollonia von Ravenstein, entre outras, e logo teria um único encontro com a aspirante a estrela da TV de 18 anos Mackenzie Phillips, que conhecera por volta da época de *Beggar's Banquet*. "Espero por isso desde que você tinha 10 anos", Mick disse antes de partir para o ataque.

Keith e Anita, por outro lado, passavam por um de seus períodos cíclicos de felicidade após o nascimento do filho, Tara. A certa altura, eles até mesmo consideraram a possibilidade de uma cerimônia de casamento ao estilo rock and roll no palco. Keith estava "começando a ficar animado com isso", como ele disse ao *Evening Standard* de Londres, mas logo em seguida Anita deixou a turnê e voltou para a Suíça. Marlon ficou na estrada com os Stones. Os seguranças sabiam que Keith mantinha uma arma embaixo do travesseiro e não gostavam de perturbá-lo, então mandavam Marlon ir ao quarto do pai antes de levantarem a cortina para que ele se preparasse para o show. Às vezes, a força criativa principal dos Stones ia direto da cama para o palco. Talvez em consequência disso os concertos parecessem um pouco desprovidos de energia. Muitos roqueiros punk, no seu próprio mergulho em queda livre, embora tenham feito um pacto de não agressão com Keith, agora afirmavam que os Stones eram "velhos entediantes", enquanto a palavra "paródia" dominava as críticas. De vez em quando, o *New Musical Express* fazia algum pronunciamento em relação à banda, pedindo sarcasticamente a algum fã insatisfeito para "nos livrar do nosso sofrimento". Na noite de abertura, Keith caiu durante *Jumpin' Jack Flash*, não conseguiu levantar e terminou a música deitado de costas. Com frequência, o problema parecia o oposto: Keith estava tão agitado que para Korner parecia um tigre enjaulado andando de um lado para outro. Críticos como Charles Shaar Murray começaram a falar da "música narcofracasso" dos Stones... "um desastre total"... "funk medíocre"... "exagero grosseiro"... "estilizado dos pés à cabeça". Mick passava grande parte do show voando em um trapézio, enquanto Keith se apresentava diante de dezenas de milhares de fãs usando um cordão prateado com uma colher e um tubo para cheirar cocaína.

No dia 19 de março, Keith saiu em uma de suas viagens aleatórias de longa distância de carro que, acompanhada por um jantar que consistia em peixe com batatas fritas e animada por um álbum de reggae no toca-fitas, constituía sua ideia de diversão de qualidade. Cerca de duas horas depois de deixar um concerto dos Stones em Stafford, Keith estava na direção do Pink Lena quando cochilou por um momento, perdeu o controle e saiu com o carro da estrada, batendo numa proteção lateral metálica e parando em um campo perto de Newport Pagnell. Eram 4 horas da manhã. Quando a polícia chegou, encontrou Keith usando óculos escuros e os bolsos supostamente cheios de ácido andando ao lado da rodovia M1 com Marlon, de 6 anos. Uma busca no Bentley revelou o tubo de cheirar cocaína embaixo do banco do motorista. Acusado de posse de cocaína e LSD, Richards se apresentaria no mesmo tribunal de Aylesbury onde os ladrões do Trem Pagador haviam sido julgados 13 anos antes. Ele disse ao júri que nunca usara drogas e tampouco vira o equipamento para cheirá-las que havia sido usado como prova contra ele. "Poderia pertencer a qualquer um. Não sei o que é." O promotor, então, mostrou uma foto da imprensa do acusado usando uma corrente e um tubo idêntico ao que havia sido pego pela polícia. "Não sei nada sobre isso", Keith continuou insistindo.

Seguiram-se seis shows lotados em Earls Court, Londres, que estão entre os piores já feitos pelos Stones. Mick reviveu um pouco do ultraje da década de 1960 ao se referir publicamente ao local das apresentações como "o banheiro mais sujo que já vi", mas o efeito produzido pela declaração foi reduzido na noite seguinte quando ele convidou a princesa Margaret a ir aos bastidores, com a banda se enfileirando para ser apresentada como um time na Final da Copa em Wembley. Pelo som produzido no início do concerto, era possível dizer que houvera um colapso catastrófico no processo criativo movido a substâncias químicas, e que, como consequência, o público seria submetido a um exemplar de poluição sonora metálica pelo resto do show. "Certas músicas", escreveu o crítico do *The Times* parecendo se referir a isso, "foram aceitas em vez de saboreadas". Charlie concluiu: "Foi uma porcaria." Depois do último show, Mick saiu para jantar com Bryan Ferry e a namorada do último,

Jerry Hall, uma modelo loira de 20 anos do Texas cuja boca vinha sendo vista em close-ups extremos adornando as laterais de ônibus e táxis de toda a Grã-Bretanha para promover uma marca de lip-gloss. Quando Mick começou a flertar com ela, Ferry saiu. Não se sabe até onde foram naquela noite; ainda no mesmo mês, porém, Ferry anunciou durante uma entrevista que pretendia socar o nariz de Jagger.

De acordo com Stu, quando os Stones tocaram na França, "Keith mal podia ficar de pé". Os críticos identificaram um padrão pelo qual "Richards entrava cambaleando, e de alguma forma conseguia concluir as duas horas", enquanto Jagger rodopiava como um dos Flying Tabares no fim da corda bamba. A imprensa francesa fez algumas das piores críticas da carreira da banda.

Tara Richards tinha apenas 72 dias em 6 de junho, um domingo, quando Anita o encontrou morto no berço. Aparentemente, ele havia sufocado. Keith, que foi informado por telefone, tocou solos furiosos em sua guitarra preta com as caveiras quando subiu ao palco em Paris poucas horas depois; muitas das faixas de *Love You Live* foram gravadas naquela noite. Os pequeninos restos mortais de Tara foram cremados em Genebra no dia 14 de julho. Depois disso, Richards e Pallenberg fecharam a casa da Suíça para nunca mais voltarem a colocar os pés nela. Passados 34 anos, Keith escreveu: "Preferi não fazer perguntas na época. Só Anita sabe... Não acho que tenha sido sua culpa; foi só uma morte de berço. Mas ter deixado um recém-nascido é algo pelo que não posso me perdoar... Anita e eu, até hoje, nunca conversamos sobre isso." Tony Gill, um repórter da Associated Press que entrevistou os Stones na semana de 7 de junho, teve a impressão de que "Keith não queria demonstrar o quanto estava sofrendo. Era só profissionalismo. A sensação que se tinha é que ele havia perdido o maior responsável pela conservação da sua vida doméstica".

Anita: "Keith se mostrou muito calmo, protetor, normal e carinhoso. Ele disse apenas 'Esqueça.' E todos me disseram a mesma coisa. Todos disseram 'Esqueça. Cuide dos seus outros filhos.' Tenho certeza de que as drogas tiveram alguma coisa a ver com isso. E sempre me senti muito, muito mal sobre a história toda."

Keith Richards provavelmente é o único astro do rock a ter cochilado no palco, diante de 20 mil fãs gritando, pouco depois de tocar o solo de *Memory Motel* em Munique. Depois disso, os Stones fizeram alguns shows assistemáticos na Europa Oriental antes de encerrarem Viena. Lá, Mick e Ron quebraram sua suíte de hotel. A gerência ameaçou chamar a polícia, levando à prisão de todos, mas se mostrou mais cordial quando Marshall Chess apresentou 5 mil libras em notas de 50 pelos danos.

Os Stones só voltariam a ser vistos no dia 21 de agosto, quando se apresentaram para 200 mil pessoas no Festival de Knebworth, o primeiro desde Altamont. Essa também foi a última aparição pública do velho representante de imprensa da banda, Les Perrin. Ao longo da última década, ainda que um pouco evasivo, o relações-públicas de uma capacidade suprema — e que costumava se referir aos famosos clientes como "meus meninos levados" — fora muito mais do que um inimigo da mídia, orquestrando com habilidade a cobertura do julgamento por posse de drogas de Jagger e Richards em 1967, e salvando praticamente sozinho o casamento caótico de Mick quatro anos depois. "Vocês podem me telefonar 24 horas por dia", Perrin sempre dissera tanto aos clientes quanto à imprensa, que muitas vezes haviam aceitado a oferta. Depois de ter contraído hepatite enquanto acompanhava os Stones na sua última turnê pelo Extremo Oriente, ele sofreu uma série de derrames e faleceu aos 59 anos, em agosto de 1978. Um dos últimos atos de Les Perrin em sua posição foi conduzir uma equipe inteira de televisão da BBC por Knebworth para filmar o concerto como parte de um documentário da banda que seria bem recebido. Horas depois, viajando de volta para Londres, a mesma equipe da BBC avistou Bianca Jagger sozinha ao lado da estrada onde havia tido problemas com o carro, tentando pegar uma carona para Chelsea. Embora tenham ficado felizes em servi-la, os homens da BBC acharam estranho que a consorte mais glamourosa do rock estivesse sozinha, abandonada nos arredores de Barnet, enquanto o marido seguia viagem de limusine e helicóptero. O show foi uma paródia vergonhosa.

John Phillips, ex-integrante dos Mamas and the Papas, morava perto de Jagger e Richards em Chelsea com a esposa, a atriz Genevieve Waite, e a filha adolescente Mackenzie, de quem Mick já se aproximara. No verão, Phillips começou um caso com Bianca. Mick, por sua vez, teve um relacionamento carinhoso com Genevieve, que pouco tempo atrás contracenara com David Bowie no filme de Nic Roeg *O Homem Que Caiu Na Terra*. A esposa de David, Angela, estaria se relacionando com os dois Jagger, possivelmente ao mesmo tempo — o que, se for verdade, significa que os Bowie, sexualmente onívoros, estavam dormindo com o mesmo homem, uma situação complicada para todos os envolvidos.

Depois de ter perdido tudo produzindo um filme sobre um rapaz cuja ambição era alçar voo dentro do Houston Astrodome, Phillips, o compositor de clássicos dos anos 1960 como *California Dreamin'* e *San Francisco (Be Sure to Wear Flowers in Your Hair)* estava ocupado gravando seu LP de retorno com a ajuda dos Stones. Ahmet Ertegun gostou da ideia e assinou um contrato para que o álbum fosse lançado pela Atlantic, com um generoso orçamento de produção. Keith Richards com frequência se hospedava com os Phillips na sua casa de Glebe Place quando precisava de um porto-seguro em Londres. Certo dia, Keith e John disseram à jovem Mackenzie que estavam saindo e voltariam mais tarde.

Por "mais tarde", eles queriam dizer três dias. "Não havia telefone nem comida", conta Mackenzie Phillips. "Havia apenas cereal no armário, e me lembro de ter me sentado em frente a um espelho com meu diário e escrito sobre ter sido abandonada. Eu era criança. Acho que estava sendo dramática, mas era assim que me sentia. Papai e Keith voltaram completamente pirados com heroína. Eles estavam rastejando pelo chão, procurando restos de drogas que haviam caído no carpete. Lembro-me de ter olhado para eles e pensado no quão ridículos eram."

Richards tinha 32 anos, e costumava apagar e ter episódios de amnésia. Ele fumava e bebia como se não quisesse chegar aos 33. No entanto, por mais perto da morte que parecesse, havia algo nele que dava a impressão de estar estranha e irrepreensivelmente vivo. No mesmo inverno, Keith gravou uma

versão estridente de *Run Rudolph Run*, de Chuck Berry, antes de se vestir como um animado, ainda que esquelético, Papai Noel para Marlon e Angela. Quando não estava em turnê, ele passava grande parte do tempo com Peter Cook e os membros da equipe do Monty Python.

Enquanto Keith relaxava, Mick Jagger assumiu o controle total dos Stones juntamente a Prince Rupert e a um exército de advogados especializados em direito tributário cujas orientações para os lugares onde gravar às vezes pareciam prevalecer sobre meras considerações artísticas. A estratégia funcionou. Apesar de todos os problemas com drogas e familiares, a situação financeira do grupo não podia ser melhor. Seu atual contrato de gravação na América estava chegando ao fim, e eles previam mais uma guerra pelos seus serviços. *Black and Blue* podia ter desapontado os críticos, mas foi um sucesso no mundo inteiro, e Mick e Keith já tinham boas músicas novas para a sequência, *Some Girls*. Com Ahmet Ertegun prometendo aos Stones a quantia divulgada de 20 milhões de dólares para que ficassem com a Atlantic na América, e grandes nomes fazendo fila para assinar com eles na Europa, parecia que o limite para a banda era o céu, tanto criativa quanto comercialmente.

Foi então que as coisas começaram a dar errado.

Notas

[1] A esposa de David Bowie na época, Angela, diz: "Sim, era uma competição. David achava que os Stones estavam no fim. Era sua vez. Na época, éramos vizinhos dos Jagger em Chelsea. Guy Peellaert foi apresentado a David por Mick. Mick mostrou a David a capa do novo álbum dos Stones. David gostou tanto que pediu a Peellaert que fizesse a capa de *Diamond Dogs*, e ela ficou maravilhosa. Era uma forma hábil de David ir removendo suas influências do caminho à medida que ia ocupando seu lugar. Ele não era apenas o cachorro de diamante. Ele era o cachorro principal."

[2] Em 2009, Taylor foi para o estúdio gravar overdubs de guitarra para *Plundered My Soul* e outras faixas não incluídas originalmente no álbum para a nova versão de *Exile*. Ele não gravava com sua antiga banda fazia 25 anos. Essa colaboração deu esperanças aos fãs dos Stones de que Taylor poderia ser convidado a voltar, pelo menos para participações ocasionais, ainda que as observações feitas por Keith Richards em *Life* pareçam eliminar qualquer possibilidade de uma reunião consumada. "Mick Taylor nos deixou sem chão", Keith diz. "A prova de que ele não se encaixava é o fato de ele ter saído. Ele não queria se encaixar, não acho que quisesse. Acho que ele acreditava que, pelas credenciais obtidas por ter feito parte dos Stones, conseguiria compor e produzir músicas. Mas ele não fez nada."

[3] Os Wombles eram personagens peludos criados pela autora de livros infantis Elisabeth Beresford, e que se tornaram muito famosos quando ganharam um programa na BBC na década de 1970. [*N. da T.*]

[4] Programa exibido nos anos 1970 nos Estados Unidos que exibia principalmente bandas e intérpretes de soul, R&B e hip hop. [*N. da T.*]

7

"Queremos tocar. Você quer tocar. Cadê você?"

No dia 3 de janeiro de 1977, a Força Administrativa de Narcóticos dos Estados Unidos enviou uma carta confidencial ao Ministério do Interior britânico. Eles queriam ser atualizados sobre o último julgamento de Keith Richards.

Uma semana depois, Keith se apresentou diante da corte real de Aylesbury para responder às acusações de posse de cocaína e LSD resultantes do acidente que ele tivera em Newport Pagnell em maio. Enquanto equipes de TV se reuniam na movimentada praça comercial, algo semelhante a uma orgia teve início entre a multidão postada nos degraus do fórum. Os consumidores daquela manhã de segunda-feira se acotovelavam entre uma enorme quantidade de fãs dos Stones, vindos em ônibus de Londres, muitos dos quais desfilavam pelas ruas demonstrando seu apoio ao acusado. Uma mulher de seios fartos gritou: "Eu o amo!" para Keith e o seguiu até lá dentro quando ele chegou, 40 minutos atrasado, em um carro preto com chofer.

Para aumentar o drama, Mick Jagger chegou inesperadamente de Los Angeles, onde tirara férias de inverno com Linda Ronstadt. Meia dúzia de profissionais da imprensa empoleiraram-se na biblioteca do outro lado da rua com seus holofotes para capturar a cena, atraindo multidões cada vez maiores e mais barulhentas. Na metade da manhã, entre 200 e 300 pessoas lutavam por espaço na porta do fórum para dar uma olhadinha em seus ídolos, e, sempre que ficavam irritadas, um assistente dos Stones vinha com algumas belas fotos. Enquanto isso, a opinião local fornecia o outro lado do apoio dos fãs. De

tempos em tempos, alguns consumidores mais insensíveis gritavam "Tranquem-no", e logo se ouviu o som de pancadas e gemidos vindo lá de fora. O julgamento e a confusão do lado de fora dominaram os boletins noturnos tanto da BBC quanto da ITV, precedendo a cobertura da última crise da moeda britânica e da renúncia na Casa dos Comuns do ex-ministro do Interior, Roy Jenkins.

Keith declarou-se inocente. Chamado para depor, ele apresentou um testemunho persuasivo em sua própria defesa. Vestia um terno escuro e falava com uma voz calma e agradável; mas não havia como esconder os olhos embriagados e o rosto seco. Ele já era magro antes de ter descoberto heroína, e desde então vinha perdendo peso. Para constar, Keith disse que não sabia nada sobre droga nenhuma e que dividia o volante naquela noite com Jim Callaghan — que, por acaso, era o nome do primeiro-ministro. O juiz teve que abafar o riso. "Posso continuar?", ele perguntou rispidamente.

Olhando para a frente, Keith insistiu na mesma mensagem enquanto falava da carreira e da agenda profissional apertada até que o conselheiro da Rainha Peter Rawlinson perguntou: "O que significa ser o guitarrista principal?" "Significa que sou eu quem faz mais barulho", Keith disse. Todos, inclusive Mick, caíram na gargalhada outra vez. Era uma resposta ensaiada.

Em 12 de janeiro, Richards foi condenado por posse de cocaína e absolvido da acusação de posse de LSD. O juiz decidiu não o mandar para a prisão, observando que o réu tivera a chance de se livrar das provas, caso soubesse que estavam em sua posse. "Sua história tem base", os magistrados disseram. "Mas, diante das circunstâncias, outra condenação certamente levará a uma sentença de prisão." O réu teve que pagar 750 libras de fiança e mais 250 libras pelas custas judiciais. Servindo-se de um copo generoso de vodca na coletiva de imprensa organizada às pressas no pub do outro lado da estrada, Keith comentou que o julgamento fora "uma boa amostra do velho teatro britânico" — um aquecimento para os eventos mais graves que o aguardavam seis semanas depois.

Keith voltou a Redlands na noite de 12 de fevereiro de 1977. Mick e Charlie também estavam lá conversando com executivos de terno e gravata de

uma gravadora enquanto *Brown Sugar* explodia no estéreo. Por acaso, fazia dez anos desde que eles haviam passado pela desagradável situação com o inspetor-chefe Dineley e seus homens. Keith se contorceu quando lhe lembrei disso. "A polícia continua sendo um pé no saco. Bem, não exatamente isso. Eles são mais um hábito."

Ele refletiu um pouco mais, e acrescentou com tristeza: "Um hábito caro."

Todos estavam sentados na sala de estar com galeria, onde duas espadas de duelo pareciam nos ameaçar sobre a lareira. *Brown Sugar* havia chegado ao fim, e Mick, usando um terno de veludo, brincava com um piano de cauda a um canto. Keith usava jeans, botas de camurça e uma camiseta havaiana, e Charlie vestia um terno de tweed de três peças. Um grande cachorro albino estava espalhado em um tapete persa, aqui e ali emitindo sons gástricos e odores suspeitos em contraponto à música. Usando uma túnica, Anita Pallenberg estava deitada ao seu lado, sorrindo alegremente e em nenhum momento dando nenhum sinal de irritação ou reprovação. No final, um dos executivos iniciou um discurso sobre "apresentar a banda a um grupo demográfico inteiramente novo", levando o proprietário da casa a olhar em sua direção, piscar e fazer um gesto discreto de fricção logo acima da virilha. Durou um segundo, mas dizia tanto sobre o ponto de vista de Keith em relação à vida quanto os acres de cobertura publicitária do seu julgamento recente.

Quatro dias depois, os Stones anunciaram um novo acordo de distribuição de 7 milhões de libras com a EMI para todos os territórios fora da América do Norte. Logo após, todos, com a exceção de Keith, pegaram um voo para Toronto, onde Mick tomou providências para que gravassem algumas apresentações em clubes a serem incluídas em *Love You Live*. A banda lhe deu um ou dois dias, e depois começou a mandar telegramas sarcásticos: "QUEREMOS TOCAR. VOCÊ QUER TOCAR. CADÊ VOCÊ?" Com o passar da semana, Mick pediu a Stu e sua equipe que montassem guarda 24 horas no aeroporto de Toronto. Em Redlands, Keith tirara o telefone do gancho.

Na quinta-feira, 24 de fevereiro, a família Richards finalmente fez suas 28 malas e subiu a bordo de um voo da British Airways para o Canadá. Enquanto

sobrevoavam o Atlântico, Keith pediu licença e desapareceu no banheiro da primeira classe. Ele passou três horas lá dentro.

Misteriosamente, não havia nenhum representante dos Stones esperando o avião quando ele pousou sob uma chuva pesada por volta das 18 horas. A Alfândega canadense, contudo, estava lá com força total: sua inspeção logo encontrou uma colher queimada e um tasco de haxixe "do tamanho de um tijolo" na mala de mão de Anita, mas não encontrou nenhum pó branco. Os Richards não sabiam, mas a polícia já interceptara um pacote de drogas variadas enviado com antecedência de Londres e endereçado aos cuidados de Keith no seu hotel local. Anita foi presa, mas solta logo em seguida com a promessa de comparecer. Um dos policiais da Alfândega mais tarde diria que o processo de registro fora concluído pela visão perturbadora de Marlon, então com sete anos, coçando a cabeça em frente à porta e perguntando se sua mãe já estava "pronta para ir".

Do aeroporto de Toronto, Stu levou Richards e a família para o centro da cidade, onde eles se registraram sob o nome de Redlands no 32º andar do hotel Harbour Castle. Tratava-se de uma imensa estrutura cinzenta com uma decoração no estilo da do Arabella, em Munique. Nos dias 25 e 26 de fevereiro, os Stones passaram o som no estúdio cinematográfico Cinevision, não muito longe dali. No sábado 27, Keith se retirou para a suíte 3224 para um de seus sonos profundos à la Rip van Winkle.

Por volta das 16 horas, cinco membros da Real Polícia Montada do Canadá bateram à porta, e, depois de algum esforço, tendo estapeado Keith até ele acordar, mostraram-lhe um mandado de busca. Em seu estupor, Richards pensou que os policiais — "de capas de borracha pretas com bigodes caídos e carecas" — fossem representantes da EMI — e, na verdade, eles não eram tão diferentes. A polícia rapidamente confiscou dois sacos plásticos de Keith contendo pó branco, uma gilete, um canivete automático, um isqueiro de metal, uma tigela de prata, colheres de chá, balanças e uma folha de papel alumínio, todos com vestígios parecidos, três pílulas púrpura, uma agulha hipodérmica e duas bolsas que "pareciam conter haxixe e heroína". (A visita não se limitou a uma busca; os policiais também aproveitaram a oportunidade

para plantar uma escuta debaixo da cama.) Keith, que passou o tempo todo calmo, disse à polícia que as drogas eram suas e que vinha sendo um "usuário frequente por anos" que "comprava em grandes quantidades para diminuir o risco de ser descoberto". O oficial que o prendeu, um nativo de Toronto de 25 anos chamado Bernie Barbe, descreveu seu prisioneiro como "um cavalheiro [que] não deu problema nenhum", embora Keith tenha pedido a Barbe e seus colegas que lhe devolvessem 1 ou 2 gramas do seu estoque para passar a noite. Em vez disso, ele foi levado para o outro lado da cidade, onde foi formalmente acusado por posse de drogas para o propósito de tráfico. A acusação tinha o potencial de levar a uma condenação de sete anos a prisão perpétua.

Quando Richards saiu sob fiança e retornou ao Harbour Castle naquela noite, dois membros da banda apareceram para lhe oferecer condolências: "Nunca esquecerei de quando fui ao quarto de Keith com Woody e o encontrei se retorcendo no chão, vomitando. Tentamos lhe dar pílulas, mas ele as vomitou. Ninguém parecia estar cuidando dele." Temendo que seu amigo morresse, Wyman e Wood conseguiram um pouco de heroína para ele.

A cobertura da imprensa após a prisão de Richards foi um desastre ainda maior que ninguém antecipara. Além das familiares manchetes de "STONE PRESO POR CAUSA DE DROGAS", havia motivos para se acreditar que Keith desta vez de fato poderia ir para a cadeia, e que "Mick Jagger e o restante", como revelava o *Toronto Star*, estavam "prestes a desistir" como consequência. Por vários dias, repórteres cercaram o hotel e voaram em helicópteros em frente à janela de Keith, enquanto fãs gritavam na rua. Mick trancou todos em seu quarto e lhes passou um sermão sobre não estragarem o novo acordo de gravação nos Estados Unidos. A 3 mil milhas de distância, Rupert Loewenstein estava instalado no Beverly Hills Hotel, onde presumira que teria a tarefa agradável de conduzir um leilão pelos serviços da banda. Um a um, os pleiteantes retiraram sua oferta. Na manhã seguinte à prisão de Richards, o selo RSO, de Robert Stigwood, anunciou publicamente a decisão de "retirar uma oferta de 7 milhões de dólares pelos direitos de gravação dos Rolling Stones nos Estados Unidos após demora nas negociações", enquanto a Força Administrativa de Narcóticos dos Estados Unidos mandou outra carta

registrada com um pedido formal de detalhes sobre as acusações contra Keith. Em pouco tempo, eles compartilhariam essas informações com seus colegas do Departamento de Imigração. Um ou dois dias depois, Loewenstein foi forçado a telefonar para Mick Jagger a fim de lhe avisar que seu poder de barganha havia sido consideravelmente comprometido pelos últimos eventos. Nesse momento, Mick bateu a porta da sua suíte e telefonou para Jerry Hall. Mais tarde naquela noite, ele começou a compor uma música que chamou de *Miss You*.

Para piorar as coisas, Margaret Trudeau estava em Toronto. A esposa de 28 anos do primeiro-ministro canadense — Madcap Maggie [Maggie Louca], para os amigos — recentemente havia sido hospitalizada por estresse, e passava cada vez mais tempo longe do marido de 57 anos, Pierre, e seus três filhos. Na sexta-feira, 4 de março, o casal completava 6 meses de casamento. Margaret celebrou a ocasião se hospedando em uma suíte no 32º andar do hotel Harbour Castle. Era uma forma estranha de alcançar a "paz e tranquilidade total longe da imprensa" que a senhora Trudeau insistira precisar depois da liberação do hospital. Na mesma noite, os Stones fizeram uma apresentação incrível em um clube local chamado El Mocambo, onde decidiram tocar alguns de seus velhos números do Crawdaddy Club pela primeira vez em 14 anos. Não demorou muito para que mulheres jovens estivessem tirando as blusas, e o bar vendeu 1.242 dólares em cerveja, uma média de seis cervejas por freguês; o clube pagou metade dos lucros à banda. Mick Jagger estava na sua melhor forma, pulando no palco em seu macacão justo, e enquanto cantava muitas vezes olhava diretamente para uma jovem fã, que cheirava cocaína sem nenhum pudor na primeira fileira. Na introdução de *Starfucker*, Mick gritou: "Aawrite, Margaret?" [Tudo bem, Margaret?]

A manchete do dia seguinte do *Toronto Sun* — "C'MON MAGGIE" [VAMOS LÁ, MAGGIE] — assinalou o início de uma tempestade política. A previsão de um desastre de Prince Rupert se concretizara. Três outras gravadoras retiraram suas ofertas pelos serviços dos Stones, e a imprensa chegou a Toronto em peso. Na semana de 7 de março, os títulos do governo caíram, seguidos pelo dólar canadense, o que levou à redução dos investimentos na indústria do petróleo, a

um pânico financeiro e a uma moção de censura parlamentar. Enquanto isso, as publicações do entretenimento veiculavam seus próprios artigos sobre Madcap Madge e suas várias escapadas tarde da noite em quartos de hotel. "Eu não queria que a *minha* esposa fosse vista com os Rolling Stones", brincou Charlie Watts. Bill Wyman conta que a senhora Trudeau e Ron Wood tiveram um "caso discreto". Talvez tenha sido mais do que isso. Perseguidos pela imprensa no corredor do hotel certa noite, o casal abriu uma porta e quase caiu num poço de elevador. Mick estava sozinho em seu quarto com Mia Farrow. A atriz de 32 anos estava em Toronto se preparando para o seu papel no filme de terror *Full Circle*, em que ela se vê presa em uma casa grande habitada por fantasmas. Também havia rumores, filtrados lentamente através da neblina como um boletim de saúde do Kremlin, de que Keith consumia cada vez mais cocaína. Ele estava em péssimo estado. Será que sequer haveria um julgamento?

Um ou dois dias depois, um Marlon Richards aterrorizado bateu à porta de Margaret Trudeau. Anita estava fazendo compras e Keith estava encolhido no banheiro vomitando. Margaret e sua equipe de proteção policial correram pelo corredor até a suíte 3224. Juntos, ergueram Keith e ficaram com ele até Anita voltar. "Ele é meu amigo. Ele é meu amigo. Tive de socorrê-lo!", a senhora Trudeau diria com uma voz baixa e hesitante quando indagada sobre Keith mais tarde. Mas não acabou por aí. Antes de deixar seu quarto naquele dia, Margaret se abaixou para abraçar o pequeno Marlon num gesto de consideração. "Cai fora", disse o menino de 7 anos à primeira-dama do Canadá.

Mais cedo naquela sexta-feira, 4 de março, Anita Pallenberg se apresentou à corte e se declarou culpada por posse de heroína e maconha. Ela pagou 200 dólares em fiança por cada acusação. Três dias depois, Keith Richards foi até o Old City Hall para uma audiência preliminar, e se viu preso em uma cela por 90 minutos enquanto o juiz realizava uma sessão particular com os advogados. No dia 8 de março, Keith voltou à corte e teve que pagar 25 mil dólares de fiança. No dia seguinte, Mick e os outros Stones foram tirados às escondidas do

hotel e levados em voos separados para Nova York. A primeira-dama os acompanhou. Keith mais tarde teria algumas palavras duras a dizer sobre essa quebra do código de honra de um grupo de nunca deixar um homem para trás. O enxame de repórteres na coletiva de imprensa realizada em seguida no Rockefeller Center tinha poucas perguntas sobre o novo contrato para a gravação de seis álbuns com a Atlantic (Ahmet Ertegun se mantivera leal à banda), que deveria ser a razão pela qual a banda estava lá. Tudo que eles queriam saber era o que Madcap Madge estava fazendo com o grupo. "Sem comentários", respondeu Mick.

De volta a Toronto, Keith entrou em um estúdio acompanhado por Stu e gravou uma série de baladas country tristes enquanto esperava pelo dia seguinte, quando saberia se iria ou não para a prisão. Eram canções muito comoventes — segundo Stu, "coisas que você iria querer ouvir, e não apenas escutar" — tocadas no estilo rural americano. Keith também usou a voz machucada, explorando resmungos, gemidos guturais e suspiros em tons mais baixos enquanto cantava suas músicas sobre mágoa e suicídio.

Richards cochilou na corte na manhã seguinte. Enquanto ele dormia, a Coroa argumentava que era um grande risco liberá-lo sob condicional (ele tinha residências em Londres, Paris e na Jamaica), mas os advogados dos Stones venceram. Bill Carter imediatamente fez uma petição ao recém-eleito presidente Jimmy Carter (nenhum parentesco) e ao seu czar das drogas nascido na Inglaterra Peter Bourne por vistos para tratamento médico para os Richards, citando o fato de que seu principal cliente era um "artista muito criativo e sensível que merece um tratamento de reabilitação, e não punição", e protestando contra "qualquer futuro encarceramento" além dos 90 minutos que Keith já passara na cadeia. Funcionou.

No mês seguinte, Keith ficou em uma fazenda alugada em Paoli, na Pensilvânia (a mesma casa onde em 1958 Steve McQueen desempenhara o papel principal ao lado de uma gelatina comedora de humanos no filme cult *A Bolha Assassina*), submetendo-se a um tratamento "caixa preta" que mandava choques controlados para o cérebro. Durante esse período, Marlon ficou com uma família de evangélicos do outro lado da rodovia estadual em Cherry Hill,

Nova Jersey. A experiência não foi um sucesso. Na época, Marlon nunca usava sapatos, raramente se incomodava em vestir roupas, e sua linguagem, mesmo para o padrão dos Stones, era rude. Suas principais interações sociais até então haviam sido com músicos do rock e com garçons do serviço de quarto. Certa manhã de domingo, Marlon entrou em seu quarto e encontrou um terno escuro formal, uma camisa branca e um crucifixo dourado para vestir, trajes que esse "filho de Satã" — como ele certa vez alegremente se autodenominou — não teria escolhido por opção.

Os Richards se reuniram em uma casa colonial de cerca branca em South Salem, Nova York, chamada Frog Hollow, onde Keith voltou a usar heroína. Não passou despercebido pelos tabloides o fato de que essa parte da América era tradicionalmente ligada à bruxaria. O *New York Post* publicaria uma série de histórias de primeira página sobre orgias "ritualísticas" envolvendo Anita e vários amigos adolescentes e vizinhos, acrescentando que um policial fora atacado por "um grupo de pessoas com capas e capuzes pretos" a 1,5 quilômetro da casa. Mick Jagger logo estaria viajando de um lado para outro em Nova York com fitas dos Stones e suas bandas de reggae favoritas para Keith. Isso não era apenas uma cortesia profissional; Stu ou um assistente poderia ter feito a viagem sem problemas. "Mick cuidou de mim com muito carinho, nunca se queixando. Ele cuidava das coisas... Mick cuidou de mim como um irmão", Keith escreveria mais tarde.

Dez anos depois do Verão do Amor, houve, em Nova York, o "verão de Sam" — com o psicopata assassino David Berkowitz à solta, a cena disco decolando como um foguete e uma epidemia de heroína na parte alta de Manhattan. Como o próprio Berkowitz diria, todos estavam "à procura de prazer e encontrando a morte". Em julho de 1977, o Fórum Econômico Mundial colocou Nova York na 93ª posição do Índice de Competitividade em Viagens e Turismo, sua lista dos principais destinos de férias, o que deixou a cidade 85 lugares abaixo de Londres, pouco à frente de Hanói. Assim, tratava-se de uma escolha estranha para as novas acomodações de Jagger e Richards. Mick ficou no Upper West Side, passando a maioria das noites no Studio 54, o teatro desativado transformado por pessoas como Andy Warhol e Truman

Capote na Oz das discotecas. Em 2 de maio, Bianca celebrou seu 32º aniversário na pista de dança da boate montando um garanhão árabe branco conduzido por um modelo negro alto e forte que usava apenas uma cueca dourada. Este parece ter sido um divisor de águas no casamento de Jagger, pois duas semanas depois Mick circulava abertamente pela cidade com Jerry Hall, a texana com luzes que gostava de se divertir e cujos supostos conhecimentos nas artes do *Kama Sutra* iam além de rumores superficiais. Alguns pensavam que Jerry estava mais de acordo com a natureza dos Stones, que ia de Taylor a Wood, um tipo de energia excessiva contagiante. Keith ainda estava em South Salem, enquanto fazia outro tratamento em Nova York na clínica psiquiátrica particular Stevens, e procurava um lugar para comprar em Manhattan. Preferindo passar o tempo livre em clubes de reggae no Bronx, ele provavelmente gostava menos do Studio 54 do que Mick, que descreveria como um lugar "cheio de veadinhos com shorts de boxe balançando garrafas de champanhe na sua cara".

Superar a dependência física de heroína acabou por ser o menor dos problemas de Keith. Havia uma sensação cada vez mais forte entre os Stones de que ele também teria que deixar Anita se realmente quisesse ficar limpo. "Eu consegui me recuperar, e ela não", ele diria mais tarde. Ron Wood logo assumiria em parte seu lugar ao desenvolver uma forte dependência de cocaína, depois do que começou a faltar às sessões de gravação, quase faliu e foi preso. Tudo isso pode parecer familiar, pois foi a estrada que Jones e Richards pegaram. Como um bom aprendiz, Woody estava aprendendo a ser mais Keith do que o próprio Keith. Enquanto isso, Bill Wyman prometia deixar a banda outra vez, atitude que Mick não se deu ao trabalho de contrariar. (Em uma correção posterior, Bill disse ter sido mal interpretado.) Sempre que podia, Charlie Watts gostava de ficar em casa e criar cachorros. Refletindo sobre o seu papel no final dos anos 1970 nos Stones, Charlie disse: "Eu só [sentava] lá atrás e tocava a maldita bateria." Stu achava que a banda que ajudara a formar havia saído completamente do trilhos, e que, particularmente em *Black and Blue*, que odiara, pareciam "um monte de velhos desastrados".

Setembro de 1977, *Love You Live*. Carregado de sintetizadores e referências a sexo, dinheiro, drogas e à discoteca, os três lados com apresentações em arenas do álbum constituíam uma versão superficial do passado dos Stones, com guitarras lamentáveis de broca de dentista e introduções com sessões intermináveis de "Como é que vocês estão, Paris?" Mick cantava como se gritasse a letra de um carro passando em alta velocidade. Na melhor das hipóteses, o que se podia dizer sobre *Live* era que todos estavam alterados demais quando o fizeram, e que ao menos o lado de El Mocambo soava como se fosse 1963 outra vez. Na pior das hipóteses, críticos importantes como Lester Bangs acharam que o álbum era "quadrado", "vazio" e "pouco mais que uma piada". Ainda assim, foi uma piada singular, um sucesso que passaria o resto do ano entre as dez mais dos dois lados do Atlântico.

Quando os Stones assinaram seu contrato de 7 milhões de libras com a EMI, um dos principais bônus era o uso liberado dos famosos estúdios Pathé-Marconi em Paris, o lar de sucessos melodramáticos de artistas como Edith Piaf e Charles Aznavour, e, com mais pertinência, da gravação de *Can't Buy Me Love*, dos Beatles. A banda ficou no estúdio de outubro de 1977 a abril de 1978, gravando o que começou como *More Fast Numbers* e que acabaria se tornando *Some Girls*. ("Porque não conseguíamos nos lembrar dos nomes delas", observou Keith.) Mick e Keith alugaram apartamentos com Jerry Hall e uma modelo local, respectivamente, e os outros se instalaram em um hotel perto da principal fábrica da Renault. Parte do renascimento criativo dos Stones pode ser atribuído a Chris Kimsey, um jovem engenheiro de som britânico que "tirava sons lindos para mim e Charlie", disse Bill Wyman em uma rara observação entusiástica. Pela primeira vez desde *Let it Bleed*, a banda também decidiu se separar de todos os "bastardos espertos" que vinham trabalhando com eles como músicos de estúdio, como Billy Preston. Mick preencheu algumas lacunas com uma guitarra rítmica estridente, contribuição que levou Ian Stewart a boicotar a maioria das sessões — "Parece o maldito Status Quo", Stu se queixou. Cerca de uma semana depois de iniciadas as gravações, os Stones contrataram o gaitista de 21 anos James Whiting, que se apresentava com o nome Sugar Blue, depois que Rupert Loewenstein o ouvira

tocar em um coquetel em Paris e lhe dera um papel com o que disse ser o telefone particular de Mick Jagger. Para a surpresa de Blue, realmente era, e ele participaria de vários projetos dos Stones nos cinco anos seguintes. Em dezembro, Woody recrutou o tecladista Ian McLagan, seu ex-colega dos Faces, que passou uma semana no estúdio tocando em músicas como *Miss You*, o oitavo compacto dos Stones a ter alcançado a 1ª posição nos Estados Unidos e que ficou entre as dez mais em 17 outros países. Ao final da sua estada, McLagan, que estava quebrado, perguntou educadamente a Mick sobre a remuneração por seu trabalho. Mick lhe pagou do próprio bolso: 120 francos, ou cerca de 15 libras.

Se, em particular, Mick Jagger enfatizava a importância do trabalho árduo, da economia e da disciplina, esse perfil não combinava muito com a sua persona pública — para muitos, um rebelde social degenerado, e para outros um falo cantante. No entanto, todos os mais próximos dele durante o período de *Some Girls* insistem que sob a casca exterior de astro do rock havia uma veia de tradicionalismo inglês, ou até mesmo romantismo. Mick passou a noite de 21 de outubro de 1977, sexto aniversário de sua filha Jade, na casa de Cheyne Walk — a última vez, de acordo com um testemunho sob juramento no tribunal, que ele fez amor com a esposa. No mês seguinte, ele comprou um bracelete e brincos Cartier para Jerry Hall (que ela perdeu no metrô de Paris) antes de pegar um voo com ela para um longo final de semana em Marrocos. "Percebi que estávamos realmente apaixonados. Eu sabia que ficaria com ele", ela disse antes de exaltar publicamente as incríveis proezas sexuais "estranhas e sujas" de Mick. (De acordo com relatos, alguns dos meios de gratificação mais elaborados do casal envolviam a interpretação de papéis, e se sabe que Jagger, como um grande número de homens ingleses, muitas vezes aproveitava a oportunidade para usar fantasias.) Mick agora investia o dinheiro onde estava sua boca, tendo colocado um pequenino diamante em um dente na parte superior frontal da boca. Como ele, vários outros Stones passavam por uma fase de transição em sua vida doméstica. Keith Richards deixara Anita Pallenberg para trás no subúrbio de Nova York enquanto passava o inverno em Paris, e o casamento de Ron Wood acabou de forma abrupta quando ele

engravidou a namorada Jo Howard. Embora comprometido, primeiro com a esposa Diane e depois com a parceira de muito tempo Astrid Lundstrom, isso não impedia as contribuições pioneiras de Bill Wyman para a indústria de groupies do rock, ainda que suas primeiras atividades tenham sido reduzidas por eufemismos. Mais tarde, em Paris, a terminologia passou a ser mais específica, adequando-se à especificidade sexual maior dos anos 1970. Ian Stewart observou que Bill, então com 41 anos, continuava gostando de um bom jogo chamado "Olha as Tetas" — "ele gostava muito, muito dele".

No dia 15 de fevereiro de 1978, o Oficial Bill Seward, principal investigador no caso de Keith Richards, foi morto em um acidente de carro. Pouco depois, o Ministério de Justiça canadense ordenou que a acusação de posse para o propósito de tráfico de Keith (que podia lhe render uma sentença de prisão perpétua) fosse reduzida a uma acusação de posse. Em uma audiência à parte, um juiz decidiu não permitir que a Coroa incluísse o histórico de prisões anteriores do acusado nos registros. A não ser que fossem fãs de rock, nenhum jurado saberia nada sobre os vários julgamentos em Chichester, Londres, Nice, Fordyce ou Aylesbury. Keith não se apresentou na corte para uma sessão agendada em 6 de março, embora escreva sobre uma visita a Toronto por volta dessa época, quando injetou heroína na cabine de um banheiro público enquanto um policial se aliviava do outro lado da porta. O juiz, por fim, marcou a data para 23 de outubro de 1978.

Keith teve outro encontro com os representantes da lei no estúdio de Paris. De acordo com sua autobiografia, depois de cinco dias de trabalho contínuo abastecido por drogas na sua cri de coeur *Before They Make Me Run*, "adormeci na cabine debaixo de todo o equipamento. Acordei... e lá estava a banda de policiais de Paris. Uma maldita banda de metais. Foi isso que me acordou. Eu meio que rolei para fora e disse 'Ah meu Deus! Sinto muito', e então, antes que se dessem conta, eu já tinha saído". "I'm gonna find my way to heaven, 'cause I did my time in hell/Wasn't looking too good, but I was feelin' real well" [Vou encontrar meu caminho para o céu, pois já cumpri meu tempo no inferno/Não estava com uma aparência boa, mas me sentia muito bem], Richards cantava na faixa, como se revisitasse os últimos sete anos. A música era comercial o

suficiente para ter considerada a possibilidade de ser lançada em compacto, o que a tornaria o segundo lançamento a trazer apenas Keith no vocal principal, mas a ideia foi engavetada quando Mick expressou seu ponto de vista sobre o assunto.

Agora, Keith queria fazer uma turnê. Mais uma vez, Mick objetou, dizendo à imprensa que jamais cairia na estrada "com um sujeito respondendo a uma acusação de posse de heroína". "Tudo que faço ele tem que contrariar", Richards revidou. Keith logo conseguiu o apoio de Charlie e Ron Wood à causa (ninguém consultou Bill, ou nem sequer se importava), com a Atlantic e a EMI também a bordo. Mick estava chateado, pois o outro da sua personalidade ansiava por uma vida familiar estável e uma carreira solo, objetivos que ele descobriu serem incompatíveis com viagens ao redor do mundo como vocalista dos Rolling Stones. Mas ele também era inteligente o bastante para ler os números passados por Rupert Loewenstein, prevendo lucros de cerca de 800 mil dólares para cada membro por seis semanas de trabalho. O dinheiro viria a calhar, pois Bianca estava prestes a processar Mick em 12,5 milhões de dólares, ou metade do total que ele supostamente teria acumulado durante seu casamento de oito anos. Nesse ínterim, ela exigiu 13.400 dólares para despesas mensais, que incluíam os salários de um chofer, uma babá e uma empregada que dormia na casa. A reação de Jagger foi instantaneamente cortar os cartões de crédito de Bianca. Depois disso, chegou uma equipe para pintar o interior de Cheyne Walk de vermelho vivo. "Mick Jagger gabou-se de nunca ter dado nada a nenhuma mulher e de que jamais dará, não importam as circunstâncias", Bianca observou em sua petição. No dia 22 de abril, Mick e Keith voaram para a Jamaica a fim de assistirem a uma apresentação do seu protegido Peter Tosh no concerto One Love Peace (interrompido pela polícia de choque), tendo tomado um tempo para anunciar que se apresentariam na América em junho seguinte.

Em primeiro lugar, *Some Girls*. Canalizando um misto de punk, Lou Reed da melhor qualidade e a tradição boogie sulista de Muddy Waters e Chuck Berry, os Stones retornaram ao melhor da era de *Exile*. A mera capa já despertava algumas emoções baratas — a colagem de um anúncio de

Frederick's of Hollywood,[1] inspirado por Jerry Hall, que levou a ameaças de processo de Raquel Welch e Lucille Ball. Uma ou duas semanas depois, seria a vez de Jesse Jackson, criticando a elaborada letra da ansiosa faixa-título. Na música, o sofrimento amoroso de Mick era detalhado minuciosamente, causando um efeito arrebatador. Ele admitia que as garotas francesas, italianas, americanas, inglesas e chinesas tinham todas seu mérito, embora as negras talvez fossem as melhores na cama. Elas "just want to get fucked all night" [só querem ser comidas a noite inteira], Mick cantava. ("Mas elas querem", ele protestaria mais tarde.) Embora *Beast of Burden*, de Keith, combinasse um riff de blues a uma balada no estilo Motown, e Mick tenha dado a *Far Away Eyes* um vocal afetado, na tradição Nashville, com mulheres de vida fácil que querem o estrelato, *Girls* parece um itinerário vulgar pelos becos de Nova York. Um tipo de álbum conceitual, ela acabava com o vocal gaguejado de *Shattered*, uma turnê do [guia de viagens] Baedeker pela parte baixa de Manhattan com novos níveis de alienação e desdém, tudo acompanhado por um ritmo dançante. O riff de Keith e o vocal "Looka me!" de Mick capturavam o final dos anos 1970, regado a cocaína no estilo Mumbai do lugar, um diário de viagem que a Câmara do Comércio local provavelmente não teria apoiado.

Some Girls ressuscitou os Stones da mesma forma que *Beggar's Banquet* fizera dez anos antes. O álbum vendeu 8 milhões de discos, e tirou a trilha sonora de *Embalos de Sábado à Noite* do 1º lugar das paradas. Com Dylan já distante da sua fase de sucessos, os Beatles mumificados e o Led Zep preso, estes eram os Stones procurando — e encontrando — uma nova voz.

Keith Richards dissera ao juiz em Toronto que era um espírito criativo com muita dor emocional, mas que estava "firmemente decidido" a deixar as drogas. A afirmação parecia otimista quando assistentes conduziram Keith do seu carro, subindo um lance de escadas, até seu apartamento na propriedade de Todd Rundgren em Woodstock, Nova York, onde os Stones se reuniram para ensaiar para a turnê. Segundo Ian Stewart, "a gerência" rapidamente avaliou a situação e telefonou para Jimmy Page a fim de perguntar se ele estaria disponível, caso necessário, para assumir o posto de guitarrista principal. Mais tarde naquela noite, Keith voltou para a caixa preta. De acordo com Jerry Hall:

> Ele estava lá deitado com umas coisas que pareciam fones de ouvido... Mick e eu o alimentávamos. E sempre que os ganchos caíam, voltávamos a colocá-los... Nós o cobríamos com um cobertor à noite. Mick se sentiu bem em poder ajudar Keith.

Hall, morando abertamente com Jagger pela primeira vez, lembrar-se-ia que Keith passou a maior parte de um mês sob os cuidados dos dois. "Sabe a sensação de quando você tem um filho e o vê crescer? Dizíamos coisas como 'Olha, ele está tomando banho!' e 'Olha, você viu o que ele estava fazendo?'" De acordo com Stu, Keith ficou um total de dois dias com Mick.

Uma semana depois, Anita Pallenberg pediu um carro e voltou para sua casa em South Salem. A namorada de Ron Wood, Jo, logo trouxe uma modelo sueca chamada Lil Wergilis em uma visita a Woodstock, onde ela passou a morar com Keith. Lil era outra loira sensual, confiante, da escola de Marilyn Monroe. "Foi aí que acabou de vez", Keith conta sobre seu relacionamento de 11 anos com Anita. No dia 29 de maio, Bianca Jagger pediu o divórcio sob o argumento de diferenças incorrigíveis. A parceira de Bill Wyman, Astrid Lundstrom, também discutia seus problemas com Bill, alguns dos quais não eram apenas expressos, mas gritados; posteriormente, ela contou à imprensa que estava cansada de dividir seu homem com milhares de outras mulheres.

Jagger corria 15 quilômetros por dia pela floresta de Nova York — "Tenho que ficar sóbrio, que me exercitar", ele disse à *Rolling Stone*. Keith, que não estava se exercitando, caiu de uma varanda certa manhã e torceu o tornozelo. Repórteres atentos não deixaram de observar as pilhas cada vez maiores de garrafas vazias de Stolichnaya no quintal da propriedade. O organizador de eventos Bill Graham ficou impressionado pela forma com que os Stones conseguiam funcionar, cada um à sua própria maneira. "Eu observava Keith fumar um cigarro após outro e beber vodca como se tivesse um encontro com um pelotão de fuzilamento... Wood consumia rios de fumaça e álcool, acenando as mãos e alongando o tronco de um lado para outro, o tempo todo tocando o riff de *Miss You* enquanto Charlie castigava a bateria."

Enquanto isso, Mick organizava a turnê da melhor forma possível, acrescentando e descartando cidades mais rápido do que a imprensa era capaz

de listá-las. Às vezes, só ele sabia onde os Stones tocariam no dia seguinte. Em 10 de junho, 12 mil fãs de Lakeland, Flórida, compraram ingressos para assistir ao que foi chamado de "The Great Stoned-Out Wrestling Champions". Houve uma batida policial no camarim antes do show, que terminou com a prisão de um dos assistentes dos Stones e de um traficante de cocaína. Na manhã seguinte, Keith comprou um .38 Special para o caso de querer passar a conduzir seu futuro negócio com as drogas pessoalmente. Em outros lugares do sul, a banda foi chamada de London Green Shoed Cowboys e Cockroaches, entre outros apelidos. Ian McLagan voltou aos teclados, e Mick Jagger conduziu as negociações pelos seus serviços no seu velho estilo LSE, barganhando com Mac para alcançar um preço favorável com a menção da experiência desagradável que todos haviam tido na última turnê, quando Billy Preston exigiu divulgados 12% dos lucros brutos com o álbum ao vivo. Sob certa pressão, McLagan assinou o contrato: ele recebeu uma quantia fixa que, de acordo com relatos, era de "menos de 3 mil dólares" por concerto, doando seus serviços sempre que a banda aparecia na TV ou no rádio.

De forma geral, a nona turnê dos Stones pela América do Norte foi um sucesso modesto. Graças à natureza de última hora do itinerário e à disposição para tocar em lugares menores, a turnê foi um novo misto de arenas, teatros mais intimistas e até clubes. Mick não abandonou a tradicional exuberância, usando calças de couro apertadas, um casaco de linho branco, e, mais de uma vez, uma boina de golfe anarquicamente inclinada. Keith gargalhou quando viu os trajes pela primeira vez. Tanto a performance quanto o set list da turnê de *Black and Blue* foram simplificados. Keith e Woody adotaram o estilo da guitarra punk, mais batendo do que tocando os acordes, e executavam alguns hinos clássicos dos Stones em menos de dois minutos. "Espontaneidade" era a ordem do dia, com ao menos alguns dos membros da banda pouco familiarizados com o repertório — "um bando de bêbados conduzindo um ensaio aberto ao público", como a *Time* colocou. Por outro lado, agora a frase "Esta é do novo álbum" era causa de celebração, e uma versão frenética de *Shattered* fazia até mesmo os críticos mais desanimados dançarem.

No Rupp Arena, em Lexington, um fã levou um tiro e outros atravessaram uma placa de vidro na disputa por ingressos. Em Chicago, Richards foi até o camarim do clube Quiet Knight ver Muddy Watters; quando ele apareceu, Keith imediatamente se ajoelhou e o beijou nos pés. Uma semana depois, em Fort Worth, a fã cega dos Stones Rita Bedard foi levada até os bastidores para conhecer a banda, e, mais significativamente, o advogado de Toronto de Keith, Austin Cooper. De volta ao hotel Fairmont, Mick Jagger ofereceu uma festa para comemorar o 40º aniversário de Ian Stewart. Durante as festividades, com reggae explodindo no sistema de som e uma modelo da *Playboy* usando apenas uma fita vermelha no pescoço enquanto dançava valsa, Mick calmamente se virou para um jornalista e anunciou: "Solzhenitsyn está certo em vários aspectos. Sobre a América. Quando estávamos na França, fomos cortados da mídia, e ninguém escrevia sobre nós... Solzhenitsyn disse que todos nos Estados Unidos são submetidos a programações terríveis de TV e rádio. Eu concordo." Bill Wyman caiu ao fundo do palco em St Paul e machucou o braço. No Arizona, uma marquise que dizia "Bem-vindos Mick Jagger... e Rolling Stones" deixou Keith furioso. Mick havia passado a compensar performances menos robustas da banda anunciando: "Se vocês tiverem a impressão de que estamos com pouca energia, é porque passamos a noite inteira trepando" — em Tucson, a deixa para que Linda Ronstadt subisse ao palco de shorts curtos para cantar *Tumbling Dice* com ele.

No Salão Maçônico de Detroit, os fãs viram uma banda relaxada o bastante para cometer erros, como começar uma música em dois tons diferentes, o que os levou a parar no meio, e concentrada o suficiente para fazer 4 mil pessoas socarem o ar em sincronia com os uuuus em falsete de *Miss You* antes de presenteá-las com os riffs inimitáveis de *Brown Sugar*, *Jumpin' Jack Flash* e *Satisfaction*, reintroduzida em seu posto. Mick deu à plateia exatamente o que esperavam, incluindo a linguagem obscena, as roupas gritantes (seis casacos consecutivos, com destaque para um terno cor-de-rosa com a palavra "Sexo" costurada nas costas) e os movimentos lascivos. John Lennon foi ao concerto de Nova York, que o levou a apelidar seu velho amigo da Swinging London de "Charlie Chaplin do rock". Steve McQueen apareceu em Anaheim exigindo

dúzias de ingressos de graça. (A resposta de Charlie? "Diga-lhe que suba na sua moto e se mande.") Como em 1972, o fim da turnê coincidiu com o aniversário de Mick. Ele e os Stones levaram, cada um, para casa cerca de 785 mil dólares por 47 dias de trabalho. Bill Graham deu uma festa depois do último show no Oakland Coliseum, onde Keith jogou sinuca, enquanto Mick e Charlie assistiam a um vídeo de uma partida da Inglaterra contra a Nova Zelândia no The Oval. Naquela noite, também estava nos bastidores um adolescente loiro com uma aparência familiar: o segundo filho de Brian Jones, Julian.

Depois disso, os Stones foram para o RCA Studios em Los Angeles (sua primeira visita à cidade desde 1966), onde gravaram algumas das músicas que acabariam em *Emotional Rescue*. Foi Keith Richards que os convenceu a fazer essas sessões, pois queria gravar a banda enquanto eles ainda estavam com a energia da turnê. Considerando que as recreações mais notórias de Keith na época eram drogas e armas de fogo, tudo correu com relativa tranquilidade. Depois, Mick e Charlie voaram de volta para Londres a fim de assistirem a outras partidas de críquete, e Bill foi para o sul da França com o objetivo de fotografar flores, entre outros temas. Ron Wood e a namorada Jo compraram uma casa em Hollywood Hills, onde travaram amizade com Kathy Smith, contato com o tráfico de drogas local e aspirante a cantora que passou um curto período na prisão pela morte relacionada à heroína de John Belushi. Keith Richards e a parceira Lil Wergilis alugaram uma casa para o verão em Laurel Canyon. Ao tentar acender uma tocha ao lado da piscina naquela noite, Keith conseguiu atear fogo às próprias calças e teve que pular na água. Uma semana depois, um vizinho por acaso viu uma fumaça escura saindo da casa às 8 horas da manhã e chamou a emergência. Enquanto a polícia e os bombeiros entravam na propriedade, Keith e Lil pulavam de uma janela no segundo andar. Uma hora depois, o lugar continuava em chamas. Keith andava de um lado para outro usando apenas um lençol, com o braço ao redor da cintura de Lil, que usava uma camiseta curta. Todos tomaram um susto quando primeiro as guitarras de Keith começaram a explodir e depois suas armas emitiram vários disparos dentro da casa. Uma multidão começou a se juntar na propriedade, e

os profissionais começaram a gritar para que todos os que não estivessem lá a trabalho saíssem da área; o próprio Keith parecia ansioso por sair enquanto um policial tentava tomar seu depoimento. Lil deitou-se na grama para tirar um cochilo. Nesse momento, um carro estacionou do lado de fora. Em uma das coincidências frequentes na história dos Rolling Stones, o motorista era um primo de Anita que passava por ali. Keith e Lil entraram no carro e deixaram os bombeiros para trás. Os três foram para o Sunset Boulevard.

No dia 7 de outubro, os Stones tocaram no *Saturday Night Live*, a primeira aparição em um programa americano importante desde a sua última participação no *Ed Sullivan Show* em 1969. No dia antes da filmagem do programa, todos pegaram laringite. Mick deu tudo de si em *Respectable* e em um quadro com o comediante Dan Akroyd ("Por que Jagger? Porque é meu nome... o nome do meu pai") antes de grasnar em *Beast of Burden*. Durante a música, 17 milhões de telespectadores viram Mick enfiar a língua na boca do seu guitarrista principal. "Tentei chutá-lo, mas ele foi rápido demais. Ele adora colocar as pessoas sob os holofotes", Woody lamentou. Em Hounslow, Archie Wood mais tarde entreteve os amigos exibindo repetidas vezes um clipe desse episódio. Os Stones tinham um contrato com a NBC que lhes permitia sair do estúdio se alguém os abordasse para pedir um autógrafo ou os incomodasse. Ninguém saiu.

Quatro noites depois, Keith Richards e Lil Wergilis chegaram a Toronto em um Learjet e foram para uma suíte no Four Seasons, onde se hospedaram como Mr e Mrs Thomas Crapper.[2] Na manhã de segunda-feira, 23 de outubro, teve início o julgamento de Keith no tribunal do Condado de York. Apesar de algumas palavras tipicamente joviais para a imprensa, seus comentários tanto para Ian Stewart quanto em uma carta para o pai, Bert (que morava no quarto dos fundos de um pub em Bexley) refletem a preocupação do réu. No geral, ele estava pessimista. Keith começara a usar heroína de novo no final da turnê americana. Suas últimas tentativas de se desintoxicar continuavam lentas e dolorosas. Desde o fim da turnê, ele havia perdido 7 quilos, e sua compleição diminuíra visivelmente, lembrando ao *Daily News* canadense um cigarro amassado. Enquanto isso, uma Anita debilitada vivia em isolamento com

Marlon, cuja frequência na escola era esporádica. Por outro lado, a atmosfera depois do dia de Ação de Graças em Toronto não poderia ter sido menos festiva, tampouco o estado de espírito mais negativo. Como Stu colocou: "Outubro de 1978 foi o ponto mais baixo da vida de Keith."

Como pano de fundo, o governo liberal de Pierre Trudeau estava com sérios problemas. Pesquisas publicadas mostravam que mais da metade do eleitorado canadense (76% entre os eleitores liberais) estava preocupada com a economia; a cobertura dos jornais e da TV refletia as preocupações generalizadas com os impostos, os custos cada vez mais elevados da energia e o aumento considerável das taxas de desemprego. Na metade de 1978, Trudeau encontrava-se no meio de uma disputa amarga, tentando harmonizar o Governo Federal com os direitos provinciais e étnicos. O Ato de Medidas de Guerra fora invocado. Separatistas radicais de Quebec ameaçavam a família de Trudeau, que estava sob fortes medidas de segurança com os três filhos. Assim, pode não ser coincidência o fato de o procurador-geral liberal Ron Basford, depois da aprovação do estatuto dos Direitos Humanos Universais e da abolição da pena de morte no Canadá, ter dito ao Gabinete em 21 de julho de 1978: "Este é um país compassivo, historicamente generoso até para com aqueles que abusam da nossa hospitalidade." Pouco depois, o ministério do senhor Basford traçou um plano para resolver o caso *A Coroa vs Keith Richards*. A acusação aceitaria a admissão de culpa da posse de uma pequena quantidade de heroína e depois descartaria as acusações de posse de cocaína e de tráfico. Todos os mandados de prisão dos magistrados pelo não comparecimento de Keith nas últimas audiências seriam recolhidos. De acordo com um memorando publicado só mais tarde do Departamento de Justiça, datado de 1º de agosto, "A admissão de culpa de Keith Richards, *sem uma sentença de prisão*, [é] uma solução satisfatória [e irá] constituir uma resolução justa do caso e promover o alívio público apropriado." O plano atendeu a vários propósitos. Por um lado, evitaria um longo e constrangedor julgamento, com testemunhos sobre a esposa do primeiro-ministro. Um furor internacional pela prisão de Keith e pela consequente dissolução dos Stones também poderia dificultar a recuperação da confiança no dólar canadense. Como o próprio réu comentaria

cerca de trinta anos depois: "Os policiais e seus aliados estavam pensando 'Ah, ótimo! Bom trabalho!', enquanto os Trudeau pensavam 'Não, camarada, essa é a última coisa que queremos.'"

Keith entrou no tribunal usando um terno bege, meias brancas e botas marrons gastas, além de um brinco. Houve um burburinho geral, silenciado pelo martelo do Juiz Lloyd Graburn, quando o promotor Paul Kennedy anunciou a redução das acusações. Depois, Kennedy fez um discurso vago no qual argumentou que Keith fora pego com uma grande quantidade de drogas e compusera algumas músicas que faziam referências a narcóticos. Apesar dos dois anos de preparação, o promotor não parecia inteiramente familiarizado com a *oeuvre* dos Stones, pois não conseguia se lembrar do nome dessas músicas. Não obstante, ele estava seguro de ter lido suas letras. Kennedy sugeriu que uma sentença de prisão de três meses ou menos podia ser apropriada.

Em defesa de Keith, Austin Cooper disse que seu cliente tinha baixa autoestima e problemas com outras pessoas. Cooper, de 49 anos, fez uma citação comovente de uma biografia de Baudelaire que dizia que a arte é criada de "pedaços de uma personalidade destruída. Vejam os grandes da era moderna. Van Gogh era esquizofrênico e cortou a orelha. Aldous Huxley era dependente de drogas". Cooper comparou Richards a Sylvia Plath e Judy Garland. Diversas testemunhas, incluindo o chefe do *Saturday Night Live,* Lorne Michaels, declararam que os Stones, e em particular Keith, eram os maiores roqueiros do mundo. Cooper leu relatórios da clínica Stevens, insistindo que Richards não tocava em heroína desde maio de 1977. Ele acrescentou que Keith levantaria pessoalmente 1 milhão de dólares para um programa de reabilitação não especificado; talvez ele ainda pretenda fazer isso.

Richards chegou pela primeira vez com pontualidade na manhã seguinte, ainda com o terno bege e puxando nervosamente o brinco enquanto o juiz Graburn lia o veredito de dez páginas. Ele concordou que o réu sofria de uma grave dependência de drogas. Contudo, acrescentou, Keith estava indo "maravilhosamente bem" na terapia, mais do que o necessário. "A Coroa quer uma sentença na prisão", ele concluiu, "mas não vou prendê-lo por sua

dependência e sua fortuna." Nesse momento, um sorriso quase imperceptível passou pelo rosto de Keith.

O juiz continuou: "Talvez os Rolling Stones tenham encorajado o uso de drogas em suas músicas. Entretanto, seus esforços têm sido na intenção de se afastar completamente da cultura das drogas, e só pode encorajar aqueles que buscam imitá-lo." Agora, era a vez de a imprensa sorrir.

A sentença completa foi: nem fiança, nem prisão; o réu deve conservar um bom comportamento durante um ano; continuar o tratamento na clínica Stevens; por último, fazer um concerto beneficente em seis meses para arrecadar fundos para o Instituto para os Cegos do Canadá. Por acaso — não poderia haver outra conclusão — a fã de Richards, Rita Bedard, havia convencido pessoalmente o juiz em relação a esse último ponto. Assim que o veredito saiu, Keith se levantou devagar, o punho fechado acima da cabeça, e deixou o tribunal ao som de aplausos ruidosos. A reação da imprensa mundial na manhã seguinte foi dividida, com questões para a Casa dos Comuns em Ottawa sobre a "sentença ridícula e mais do que indulgente imposta a um astro pop rico. Há canadenses presos hoje por crimes mais leves relacionados às drogas". Um mês depois, a Coroa entrou com uma apelação, mas ela não deu em nada. Repórteres cínicos do *Sun* de Toronto especulavam abertamente se houvera a "aplicação de uma solução cara e complexa". Pierre Trudeau sobreviveu em seu cargo até maio de 1979; ele e a esposa se separaram no ano seguinte.

Embora os Stones tivessem o hábito de dar apoio moral um ao outro em julgamentos desde a década de 1960, os companheiros de banda de Keith, talvez sob o conselho de seus advogados, ficaram longe de Toronto. Mick Jagger estava passando grande parte do seu tempo com o advogado que cuidava do seu divórcio ou com Peter Tosh, cujo álbum de reggae financiado pelos Stones, *Bush Doctor*, estava escalando as paradas de sucesso. Quando Tosh tocou no Bottom Line, em Nova York, Mick foi erguido pela multidão e levado de mãos em mãos até o palco para fazer um dueto na música *Don't Look Back*. Logo depois disso, numa participação no *Saturday Night Live*, Mick aproveitou a oportunidade de repetir sua rotina amorosa com Ron Wood

beijando Tosh na boca — "talvez uma demonstração de apoio exagerada demais", na opinião da *Time*. Já Wood estava em Los Angeles, onde sua namorada deu à luz sua filha Leah, futura modelo e cantora, no dia 22 de setembro. Ian Stewart fazia apresentações em pubs com sua banda de boogie-woogie, a Rocket 88. No primeiro dia de ensaio, Stu disse aos colegas de banda: "talvez eu conheça um baterista ótimo" para o trabalho — Charlie Watts. De volta à Riviera, Bill Wyman continuava combinando seus estudos em fotografia e sua energética vida social sem gerar mais do que os comentários inevitáveis feitos quando um homem de meia-idade demonstra uma queda pela companhia de moças jovens e liberais. Mick Taylor estava em Nova York, onde lançou um álbum solo sem sucesso, vendeu a maioria de seus bens e, no espírito de um verdadeiro guitarrista dos Rolling Stones, gastou o dinheiro em heroína.

Depois de férias pós-julgamento na Jamaica, Keith Richards e sua família voltaram a Londres para o Natal. Era o seu aniversário de 35 anos. Quando Keith atravessava o terminal em Heathrow, repórteres deram uma batidinha nas suas costas e o parabenizaram. Ninguém reconheceu a mulher de meia-idade, gorda, com dentes quebrados e cabelos grisalhos e oleosos mancando atrás dele. Era a outrora estonteante Anita.

Um mês depois, os Stones se reuniram nos estúdios Compass Point, em Nassau, para onde o chefe da Island Records, Chris Blackwell, transferira as operações depois que as instalações anteriores na Jamaica haviam sido bombardeadas. Apesar da paisagem idílica, as discussões entre Jagger e Richards continuaram, com o último tentando recuperar seu posto de parceiro criativo atuante. A disputa alcançou um ponto em que, de acordo com Stu, "eles não se falavam... Mick fazia comentários sarcásticos. Pequenas provocações. Rolando os olhos." A vodca substituiu a cocaína para Keith. Muito bêbado, ele irritou tanto Jagger que no dia 7 de fevereiro Mick se recusou a ir trabalhar, observando que Keith estava "tão fora de si que nada foi feito". Grande parte das músicas haviam sido recicladas de *Some Girls*, embora os Stones também

tenham gravado alguns números de reggae-and-roll como *Claudine* e um cover de uma velha canção dos Paragons chamada *The Tide Is High*, que o Blondie de alguma forma conseguiu transformar em um sucesso mundial em 1980. (As fitas de gravação das sessões de Nassau incluem Mick Jagger gritando furioso com um traficante muito persistente.) Porém, o som produzido no estúdio, como conta Stu, não era de um bom rock and roll, e sim de uma banda que, fora da sua melhor forma, tinha que se contentar com o que tinha à mão. Um dos engenheiros contou a Keith que Mick disse em voz alta que queria que ele voltasse a ser um viciado. Em pouco tempo, os Glimmer Twins chegaram a um pacto de neutralidade, raramente trabalhando no mesmo dia, e quando isso era necessário não dirigiam a palavra um ao outro. Enquanto isso, Wood assumia o lugar de Keith, e quase se matou pelo consumo de drogas. Bill Wyman falava em sair da banda outra vez. Charlie supostamente disse à imprensa que estava cansado, e que tudo que queria era criar cachorros na zona rural de Sussex.

Keith: "Nos anos 1970, quando eu era dependente de drogas e não fazia nada além de compor as músicas e aparecer, e não lidar com nada dos negócios dos Stones, todo esse trabalho recaiu sobre os ombros de Mick... Quando fiquei limpo — 'Ei, estou de volta, estou limpo, estou pronto; voltei para ajudar e ficar com parte do peso' — imediatamente tive uma sensação de ressentimento... Mick [viu] isso como uma tentativa de tomar o poder."

Estava claro que era hora de partir para carreiras solo. Em abril de 1979, Ron Wood lançou seu novo álbum, *Gimme Some Neck*, que, por um lado, parecia mais uma jam prolongada do que um trabalho concluído, mas que, no todo, era uma coleção de músicas na veia de *Exile* com um som de raiz, e merecia um público mais amplo. Animado com a recepção da crítica ao LP, Woody formou uma banda de turnê, os New Barbarians, para a qual ele e a Columbia Records convocaram vários nomes conhecidos, inclusive Keith Richards, Ian McLagan e Bobby Keys. Em 24 de abril, os Barbarians iniciaram uma turnê de um mês pelos Estados Unidos. O ponto alto foi o concerto lotado no Madison Square Garden. O ponto baixo foi uma noite chuvosa em Milwaukee, quando os fãs geraram tumulto ao protestarem devido à ausência dos "convidados especiais" anunciados de manhã pela imprensa, Mick Jagger e

Rod Stewart. A banda geralmente fazia uma grande entrada, um holofote destacando Woody e Keith como se fossem corvos gêmeos. Com a liberdade de não ter que seguirem um repertório fixo, eles combinavam clássicos de Sam Cooke e Elvis a alguns originais, acompanhados pelo grande Ziggy Modeliste na bateria. Richards tocava as partes que geralmente cabiam a uma seção de metais, contrabaixo e órgão, além de sequências extraordinárias que existiam apenas em sua cabeça. Aqueles 18 shows pela América do Norte incluíram alguns de seus melhores momentos. Os Barbarians concluíram a turnê no dia 21 de maio, com um especial de TV ao vivo transmitido do LA Forum. Infelizmente, o Learjet personalizado e as limusines individuais, para não mencionar as drogas e os serviços de quarto, levaram os lucros da turnê, supostamente deixando Ron Wood com uma dívida de 200 mil dólares com a gravadora. "As coisas ficaram tão ruins para mim", Woody refletiria sobre esse ano de férias dos Stones, "que convenci meu corretor de seguros a me dar um empréstimo de 70 mil dólares para reforma de imóvel residencial. Quando peguei o dinheiro, asfaltei a entrada do carro, pintei a cozinha de verde e gastei o resto em drogas em apenas seis semanas".

Em 22 de abril de 1979, os Barbarians haviam feito sua estreia para o mundo diante de um público de 5 mil pessoas no Civic Auditorium, em Oshawa, região metropolitana de Toronto, cumprindo os termos da sentença de Keith Richards 24 horas antes do prazo determinado pela corte. Nos dias anteriores ao concerto, a pequena cidade se encheu com todo o aparato de turnê dos Stones: frotas de limusines e caminhões com equipamentos, unidades policiais, tanto uniformizadas quanto em trajes de civis, se misturando aos seguranças corpulentos da banda; vários empresários, advogados, roadies e os importantes puxa-sacos; repórteres e fotógrafos vindos de Los Angeles e Londres; groupies drogadas usando camisetas folgadas de Keef e gritando que Mick era o pai de seus filhos; e, para a ocasião, cerca de 2 mil fãs deficientes visuais, cada um pagando entre 10 dólares e 500, para quem comprou com cambistas, para ouvir a justiça ser cumprida. Depois do set dos Barbarians, os Stones entraram no palco, tocando o seu set da turnê de 1978 de *Some Girls* em ritmo acelerado. Mick, usando também os trajes de turnê —

calças vermelhas e uma camiseta cor-de-rosa com FUNKY BUTT escrito na frente — estava na sua melhor forma, ainda que alguns de seus giros maníacos possam não ter sido observados com atenção. Os Stones, que pagaram as próprias despesas, perderam uma boa quantia em dinheiro ao acompanharem voluntariamente Keith, que aproveitou a oportunidade para visitar o oficial que acompanhava sua condicional e lhe assegurar que tinha um emprego com um salário. A banda arrecadou 52 mil dólares em fundos para os cegos do Canadá.

No dia 20 de julho, enquanto Richards estava de volta a Paris, tocando a 30ª tomada de uma música que na época ainda era um reggae chamado *Start Me Up*, Anita Pallenberg estava deitada na cama do casal a 3 mil milhas em South Salem, assistindo à TV com um amigo de 17 anos chamado Scott Cantrell. Marlon e o filho de Fred Sessler, Larry, estavam lá embaixo. No que pode ter sido um desastroso jogo de roleta russa inspirado pelo filme *O Franco Atirador*, Cantrell estourou os miolos com o .38 Special roubada de Keith enquanto Anita "arrumava" o quarto a metros de distância. "Ele estava deitado de costas, e eu o virei", ela contou. "Ouvi um som, como se algo estivesse borbulhando. Ele estava sufocando no próprio sangue. Peguei o revólver e o coloquei em cima da cômoda. Não gosto de armas."

O detetive Douglas Lamanna, que atendeu ao chamado de emergência de Marlon, disse que quando chegou Cantrell ainda respirava, mas estava inconsciente. Ele morreu 90 minutos depois num hospital perto dali. Lamanna escreveu em seu relatório que Cantrell estava deitado sobre os lençóis sujos, descalço, usando uma camiseta e uma calça jeans, "em uma sala cheia de fumaça e lixo". Em matéria de decoração, a prática de misturar o luxuoso ao esquálido de Anita era lendária, mas a cena que a polícia encontrou desta vez era realmente chocante. Pedaços da parede mofada haviam caído do teto do quarto sobre o tapete oriental em meio a inúmeras queimaduras de cigarro e outras marcas. Uma perna da imensa cama de carvalho estava quebrada e havia sido substituída com uma cadeira para manter a cama em pé. O *New York Post* noticiaria que a primeira equipe de socorros a chegar ficou chocada com a sujeira e o ar de decadência: "Havia um cheiro desagradável forte, como se houvesse um gato morto em algum lugar." Nos dias seguintes, as manchetes

fizeram várias das velhas associações tipicamente feitas aos Stones com sexo, drogas e práticas ritualísticas. O *Post* acrescentou que gatos e cachorros haviam sido encontrados "sacrificados" na floresta perto da casa, enquanto freiras de um convento local falaram sobre ter ouvido "cantos estranhos, tiros e música alta".

A polícia mais tarde declarou que Anita não tivera envolvimento na morte de Scott Cantrell, e concluiu ter sido suicídio, embora ela tenha sido acusada pela posse de uma arma roubada e tenha tido que pagar mil dólares em fiança. Os pais de Cantrell processaram Keith e Anita por corrupção de menor, mas a acusação acabou sendo retirada. A casa de South Salem foi imediatamente fechada. Perturbada, como seria de se compreender, Anita se entregou ao consumo de substâncias químicas, chegando a tomar tranquilizantes de cavalo. Em 1983, seu quarto no hotel Gosvenor House, em Londres, sofreu uma batida à procura de drogas. Por volta da mesma época, ela passou oito semanas internada para tratamento de alcoolismo. Certa noite, bêbada, Anita quebrou o quadril ao cair da cama. Ela parou de beber em 1987, mas voltou para o álcool em 2004, quando operou o quadril pela segunda vez. Apesar desse lapso momentâneo, ela conseguiu se desintoxicar e se mudar para uma casa em Notting Hill, na esquina do astro pop de *Performance*. Depois de deixar de ser a decadente concubina dos Stones, ela reemergiu como uma figura arrependida e muito querida depois dos 40 anos — "Fiz muitos serviços comunitários", conta — andando de bicicleta por Londres e cultivando um pequeno terreno na região metropolitana da cidade. Ela e Keith restabeleceram um relacionamento amigável, desde então quase sempre passando o Réveillon juntos e deixando Toronto e Salem e "toda aquela merda" para trás. Nenhum dos dois foi preso desde então.

Depois de uma longa batalha legal, em grande parte para decidir se ele deveria pagar a pensão californiana ou a britânica, mais modesta, Mick e Bianca também se separaram formalmente. Em novembro de 1980, o divórcio foi concluído no Tribunal Superior de Londres, com uma soma que, de acordo com uma fonte confiável, "não passou de 1 milhão de libras". Bianca disse ao amigo Ross Benson que o pagamento, feito em prestações, era "sempre

atrasado", e que tentar lidar com seu ex era um "maldito pesadelo". A custódia da filha de 9 anos dos dois, Jade, seria compartilhada. Durante esse período, Bianca era uma figura constante na cena disco de Nova York e Londres. Seus papéis em filmes como *Cocksucker Blues*, *Flesh Color* e *All You Need is Cash* são uma lembrança vívida da época. Depois de renunciar ao seu café society, ela voltaria a chamar a atenção do público anos depois como promotora dos direitos sociais e humanos, ocupando um assento tanto no Conselho de Liderança da Anistia Internacional quanto na comissão do Fundo Amazônia. Há sempre rumores de que ela será nomeada para o Prêmio Nobel da Paz, e Bianca continua se negando a falar qualquer coisa sobre o ex-marido além de fazer comentários sobre o seu tino para os negócios e para lidar com o dinheiro (qualidades também observadas pelo irmão mais novo de Mick, Chris, quando ele passou um período dirigindo um táxi no início da década de 1980 e disse a repórteres que lhe fizeram perguntas sobre isso: "Minha família não tem a obrigação de me sustentar").

Em 20 de maio de 1979, Eric Clapton deu uma festa na sua casa, em Surrey, para celebrar o casamento com Pattie Boyd. "Na época, já estava claro que Mick e Jerry eram um casal", diz a noiva, mas acrescenta que, quando Bryan Ferry chegou em sua Ferrari e ouviu seus nomes, "imediatamente deu meia-volta, levando metade da via da entrada consigo". Horas depois, Boyd foi até o quarto conjugal e encontrou "Mick, Jerry e a pequena Jade dormindo", deixando para ela e o marido "o chão do closet do quarto".

É provável que exista uma lei que define a proporção na qual um álbum piora à medida que seu orçamento aumenta. Tendo começado a ser gravado em Hollywood e nas Bahamas, *Emotional Rescue* foi concluído com sessões prolongadas em Paris e Londres antes de ter os overdubs e a mixagem feitos em Nova York e de finalmente ganhar uma capa com uma série de "imagens termográficas pioneiras como as usadas no processo de busca e resgate de vítimas de terremotos e outros desastres naturais", para citar os comentários feitos pela imprensa a partir do seu lançamento, em junho de 1980.

Nesse meio-tempo, os New Barbarians tocaram para um público de quase um quarto de milhão em Knebworth. Não passou despercebido o fato de Keith

estar tomando quantidades cada vez maiores de vodca com 96% de álcool. No mesmo ano, de volta ao estúdio em Paris, já fazia sete ou oito dias que Keith bebia quando caiu ao lado de uma caixa de som e quebrou o nariz. Um embelezamento físico mais controlado veio em 18 de dezembro de 1979, no seu aniversário de 36 anos, quando um amigo joalheiro presenteou-o com um brinco de prata em forma de caveira que acabaria se tornando sua marca registrada — um daqueles momentos pequenos, mas decisivos, que ajudaram a estabelecer a imagem moderna de Keith e dos Stones.

A banda continuava em um hiato. Wood gravava seu álbum solo seguinte e usava uma quantidade imensa de drogas; em janeiro de 1980, ele e a namorada foram presos por posse de cocaína na ilha caribenha de São Martinho. Depois de cinco dias presos em condições terríveis, o casal foi solto e deportado por ter dito publicamente que a polícia plantara as provas. Charlie e Stu faziam uma turnê com o Rocket 88, enquanto Bill Wyman compunha a trilha para o filme *Green Ice*, de Ryan O'Neal, que incluía o sucesso de Bill *Si, si (Je Suis un Rock Star)*, cuja letra era uma mistura de francês com inglês. Depois disso, os pensamentos do baixista se voltaram, como de costume, para outro álbum solo. *Bill Wyman* foi lançado em julho de 1981; o álbum alcançou o 69º lugar na *Billboard*. Mick assistia a mais partidas de críquete, aproveitando a oportunidade para apresentar o amigo Paul Getty ao jogo antes de sair de férias com Jerry Hall no Marrocos. Algum tempo depois, Richards receberia um telegrama de Marrakesh que começava com "Querido Keith", com planos para uma turnê dos Stones em 1980. Ele não gostou. "Mick espera até estar a 3 mil milhas de distância e me manda um bilhete", Keith disse à imprensa. ("Aquele velho idiota", ele acrescentava entre amigos.)

Enquanto isso, Allen Klein se rendia às autoridades a poucos metros do escritório de Nova York dos Stones, no Correction Center do centro de Manhattan. Um júri o considerara inocente de evasão de divisas, mas culpado por sonegação em acusações que vinham de 1969-70. O juiz distrital Vincent Broderick concluiu que Klein havia "mentido em todo" o julgamento, e lhe deu uma sentença de dois anos da qual 22 meses foram suspensos.

Emotional Rescue. Mesmo em *Black and Blue*, os Stones haviam evitado os riffs óbvios e a postura glam da maioria dos roqueiros da época. Só em 1980 eles se renderam ao elastano. Grande parte do álbum foi preenchida por sobras e material descartado das sessões de *Some Girls*. Como seu predecessor, o álbum apresentaria um rico ecletismo, uma mistura confusa — os velhos roqueiros combinam punk e disco com blues e jazz, e até mesmo um trompete mariachi foi incluído. Infelizmente, havia poucas músicas de verdade desta vez, apenas alguns ganchos vulgares de guitarra e a tentativa infeliz de fazer rap em *Dance*. *Where the Boys Go* e *Down in the Hole* eram tributos competentes a Chuck Berry e Muddy Waters, respectivamente. A faixa-título era um número dançante estilo Bee Gees, com um sincopado suave, em que Mick Jagger assumia um papel protetor, obcecado pela namorada, vestia a armadura reluzente, montava um belo cavalo árabe e partia em resgate de Jerry Hall. Podemos quase ouvir Brian Jones se revirando no túmulo.

Depois do pop descartável *She's So Cold*, Keith Richards encerrava o álbum com a sublime *All About You*, variação bem-vinda em relação ao padrão de *Rescue*. Era a mood music elevada a arte de primeira qualidade. Na época, todos presumiram que as referências da letra a cachorros, cadelas e a sexo eram um ataque a Anita, e poderiam ser facilmente interpretadas dessa forma. Mais tarde, Keith explicou: "Era sobre Jagger... Eu havia acabado de deixar as drogas e voltado a trabalhar; enquanto isso, Mick havia se acostumado a estar no comando. Acabei me sentindo um intruso."

A letra agridoce de Keith, ao mesmo tempo furiosa e conciliatória, termina com uma série de resmungos, sussurros e reflexões profundamente pessoais. No final, ele cola os lábios no microfone e murmura: "So how come/I'm still in *love* with you?" [Então como é que pode/Eu continuar *apaixonado* por você?]

Os críticos detestaram *Emotional Rescue*, usando termos como "estúpido", "sem energia", "uma paródia", "medíocre" e "terrível". Ele passou sete semanas na primeira posição das paradas.

Em 17 de março de 1979, durante uma rara visita ao Studio 54, Keith Richards encontrara uma loira alta chamada Patti Hansen, que celebrava seu aniversário de 23 anos. Ela era a mais nova de seis filhos de um motorista de ônibus de Staten Island, Nova York, e de uma dona de casa. Os Hansen eram trabalhadores, modestos e luteranos devotos; o papel de Julie Andrews em *A Noviça Rebelde* era a sua ideia de um grande astro do pop. Patti vinha de um mundo de hábitos higiênicos e em que se dormia cedo, com seus pais exigindo que ela fosse à igreja todo domingo, e de alguma forma conseguiu sobreviver a uma criação em que não se falava sobre nada. Em 1971, enquanto vendia cachorro-quente na praia, Patti havia sido descoberta por um empresário de férias da agência de modelos Wilhelmina. Três meses depois, Patti estava na capa da revista *Seventeen*. Além dos traços americanos clássicos, seu bom humor e senso sólido de decência a tornavam "autêntica", uma estrela que encantava não só agentes e fotógrafos, mas também magnatas do cinema como Peter Bogdanovich, com quem teve um rápido caso. Patti gostava de cerveja e pizza, e chegou à idade adulta como uma mulher alegre e equilibrada — uma anomalia na profissão. Na época em que conheceu Keith, ela havia acabado de ser capa da *Esquire*, que celebrava "The Year of the Lusty Woman" [O Ano da Mulher Voluptuosa].

Nove meses depois do seu primeiro encontro, Keith voltou a ver Patti em uma festa na pista de patinação Roxy, em Nova York. Devido a alguma confusão da organização, tanto Anita quanto Lil Wergilis estavam presentes. Para completar a cena, o evento também contava com várias prostitutas, strippers e famosas groupies do rock que pareciam dispostas a conseguir um encontro a sós com Keith no quarto dos fundos. Ao final de uma longa noite de assédio das rivais, Richards telefonou para Hansen e a convidou para um drinque em algum lugar tranquilo. Ela passaria os próximos cinco dias e noites passeando por Nova York em uma limusine tocando reggae num volume ensurdecedor e na companhia de Keith, um grupo de guarda-costas grandões e calados, Marlon, Fred Sessler e vários rastafáris. No sexto dia, Patti estava em uma festa de Natal no apartamento de Mick Jagger no Central Park West. Inevitavelmente, todos os olhos se voltavam para a loira esguia e seu

acompanhante de olhos escuros, que trazia uma garrafa de Stoli na mão. Eles formavam um casal impressionante. Quando Patti, exausta, decidiu deixar a festa, Keith se virou para Mick e disse: "Estou caindo fora. Vou acompanhar essa dama."

No início de 1980, Keith se mudou para o apartamento de Patti no Greenwich Village, arranjo logo suspenso pela reclamação dos vizinhos em relação ao sistema de som com qualidade de palco do novo morador. Pouco depois disso, Lil Wergilis aceitou o inevitável e voltou para a Suécia. Anita encontraria o casal por acaso certa noite naquele inverno no Ritz Club, em Nova York. Aproximando-se por baixo da mesa, ela cumprimentou Keith pulando no seu colo, colocando as pernas ao redor do seu pescoço e o apertando com força entre as coxas. Fotógrafos da imprensa sugerem que ela estava sem calcinha. "*Por favor*, me solte", disse Keith, sufocando. Um ou dois dias depois, Patti pegou a barca com o namorado para apresentá-lo à família. Um momento constrangedor se seguiu quando Keith chegou com sua garrafa de vodca e expressou seu desprazer diante de alguns comentários do irmão de Patti, Rodney, capelão naval, quebrando a guitarra na mesa de jantar, mas a tensão passou quando ele levou todos às gargalhadas com piadas sobre Dartford. Todos o adoraram em Staten Island.

Enquanto isso, Mick se fazia onipresente, tanto em termos físicos quanto pessoalmente. A complexidade da natureza de Jagger continuava fascinando seus parceiros. Eles sabiam que ele tinha um lado obscuro composto por vaidade, astúcia e ambição pessoal. Havia momentos em que ficavam ofendidos pelo seu estilo brusco na administração da banda: por exemplo, quando respondeu a uma sugestão durante a gravação de *Emotional Rescue* dizendo "Ah, cala a boca, Keith. Não seja estúpido", ou anunciou que não iria "arriscar a porra toda" com outra turnê. Mick também passava a impressão de leviano para quem não o conhecia bem, como aconteceu quando encontrou o disc jockey Andy Peebles em uma festa em Londres em dezembro de 1980. Peebles fora o último a entrevistar John Lennon antes de o ex-Beatle ser assassinado no início do mês.

"Quando Mick saiu da festa", conta Peebles, "ele me olhou e disse com aquele sotaque cockney absurdo: 'Ei, Andy, alguém vai atirar em mim, não vai?'". Entretanto, apesar de todas as suas transformações, Mick podia ser encantador com colegas, fãs e até críticos. Bob Harris, da BBC, lembra-se de ir "da zona rural até Londres para entrevistar Mick sobre *Emotional Rescue*. Ficamos presos em um engarrafamento terrível na M4, e na época não tínhamos como entrar em contato. Eu estava suando muito. Finalmente, chegamos à casa de Mick, três horas atrasados, e ele não poderia ter sido mais gentil. Eu esperava ser recebido aos gritos, no mínimo, mas em vez disso uma das pessoas mais famosas do mundo serviu chá para todos enquanto nos perguntava sobre a nossa viagem. Foi meio como conhecer a Rainha."

Em novembro de 1980, Mick e Jerry Hall pagaram juntos 2 milhões de francos (cerca de 220 mil libras) pelo Chateau de la Fourchette, no Vale do Loire ao norte de Amboise. Fourchette tem dez quartos, um jardim feito pelo paisagista Alvilde Lees-Milne e mesas de piquenique onde Jerry servia o chá da tarde. "Tudo parecia perfeito", disse Eva Jagger ao lembrar que ficara "tão emocionada" quando visitou o lugar pela primeira vez. Embora Eva tenha visto apenas a elegância inegável de Fourchette, outros se recordariam de uma atmosfera mais exótica. "Era um verdadeiro bordel", diz uma mulher da família real muito moderna que frequentou a casa nos anos 1980, acrescentando que despertou o interesse de Mick andando pela propriedade sem sutiã. "Mas o que era ótimo era que podíamos encontrar qualquer pessoa lá. O vigário local podia estar sentado ao lado de Lou Reed." Além de jantares à luz de vela oferecidos para convidados como a princesa Margaret, havia festas de inversão de papéis aos domingos, com todos os convidados travestidos. "Todos adoram", diria um convidado da indústria da moda à revista *Vanity Fair*. "Você está hospedado com Mick e Jerry na França, e todos vêm travestidos, e é muito divertido. Muitas pessoas meio que gritando, entrando e saindo dos quartos um do outro, usando maquiagem... Mick estava muito elegante certa noite em um vestido preto apertado e com uma pele de raposa cinza. Ele estava tão chique que parecia Coco Chanel."

No dia 27 de dezembro, Jagger deixou temporariamente essa vida de luxo e voou para Lima, de onde partiu para uma viagem de carro e canoa de dois dias até o interior peruano para estrelar *Fitzcarraldo*, a alegoria do diretor Werner Herzog de um homem que transpõe uma montanha com um barco fluvial. Além dos desafios da trama principal, a produção sofreu uma variedade de problemas, incluindo malária, um orçamento estourado e nativos hostis. Apesar do caos, Herzog era só elogios ao distinto membro do elenco. Enquanto os outros atores esmoreciam diante da chuva tropical incessante e das condições de vida primitivas, Jagger permanecia imperturbável, encontrando graça em tudo e todos, até mesmo no macaco que o mordeu. "De alguma forma, ele ria constantemente diante das adversidades", contou Herzog. Embora o diretor se lembre de ele ter atuado "maravilhosamente" diante da câmera, Mick no final das contas decidiu abandonar o projeto e voltar a Londres. A essa altura, ele já havia passado seis semanas vivendo em uma barraca na lama, e confessou que esse período mais pareceu uma vida inteira. No início de março, Jagger encontrou Richards em Barbados, e não demorou para que o organizador Bill Graham oferecesse seus serviços para promover uma turnê. Graham mencionou que, com o patrocínio de uma empresa e uma boa campanha publicitária, os quatro membros fundadores dos Stones podiam esperar cerca de 22 milhões para dividir entre si em um trabalho de 12 semanas. Pouco depois, os outros membros da banda e seus 72 funcionários ficaram sabendo que Mick estava pronto para "arriscar a porra toda" outra vez.

Notas

[1] Famosa cadeia de lojas de lingerie americana. [*N. da T.*]

[2] "Crapper" é um termo vulgar para "banheiro". [*N. da T.*]

8

A Terceira Guerra Mundial

"Não gosto do rock 'n' roll como estilo de vida. Acho-o terrível. A maioria das pessoas que vivem no rock 'n' roll habita um mundo de sonhos", comentou Ian Stewart sobre a indústria cujos lados criativo e administrativo ele passara a conhecer bem ao longo dos últimos vinte anos. "O dinheiro trouxe problemas para eles", Stu também disse em outra ocasião sobre os próprios Stones. "Eles não podem nem viver no próprio país. Têm que ficar indo de um hotel para outro." Em 1981, Mick Jagger e Keith Richards haviam cada um se acomodado com uma loira americana estonteante, embora Mick continuasse evitando a domesticidade em excesso. Em vez de uma mulher e filhos, ele sonhava com "um conceito extravagantemente belo chamado amor", como disse ao escritor Jeffrey Bernard no curso de uma longa tarde regada a álcool no clube Colony, em Londres. Mas algo sempre dava errado. Mick via as mulheres como uma fonte de energia vital, mas dizia: "você pode ter todas essas garotas, e ainda assim ser um cara solitário". Ele disse a Bernard que seus casos "eram ao mesmo tempo divertidos e essencialmente insatisfatórios", para não mencionar ocasionalmente perigosos. Mick admitia que já houvera certos episódios em sua vida em que uma transa ocasional ou um caso rápido ameaçaram se transformar em uma obsessão no estilo *Atração fatal*. Precauções tiveram de ser tomadas. Às vezes, uma amiga americana aparecia no hotel ocupado pelos Stones durante uma turnê e perguntava pelo "senhor Kent", digamos, e recebia a resposta de que ele havia acabado de deixar o hotel, enquanto na verdade

Mick continuava no mesmo quarto, agora registrado com o nome de "W. G. Grace", ou outro de suas dúzias de apelidos.

Ron Wood, que estava em uma situação tão deplorável que até Keith Richards estava preocupado com a sua dependência de drogas, claramente precisava fazer uma turnê, tanto por razões financeiras quanto por criativas. Ele imediatamente perderia a quantia de 500 mil dólares se, de acordo com rumores, os Stones o substituíssem pelo jovem virtuoso do blues George Thorogood ou Stevie Ray Vaughan. Keith assinou uma declaração para a turnê garantindo que o outro guitarrista não seria "encontrado em posse de narcóticos em nenhuma área, caso contrário seria instantaneamente suspenso do seu trabalho". Embora tenha havido várias ocasiões nos próximos meses em que Woody estava claramente fora de si, ele manteve o emprego, graças, em grande parte, à lealdade de Keith. O dinheiro também era um fator a ser levado em conta por Bill Wyman; apesar de estar colhendo os louros do melhor sucesso solo lançado até então por um Rolling Stone, Bill tinha mansões que precisavam de cuidados na Inglaterra e na França, além de uma ex-mulher, um filho na universidade e uma antiga namorada que em 1981 se internou em uma clínica particular de desintoxicação da Califórnia na tentativa de se livrar da dependência de cocaína. "Achei impossível lidar com o declínio dela", Bill conta. "Detestava o fato de, depois de ter passado toda a minha vida evitando as drogas, ter que conviver com uma parceira que estava nelas." A turnê dos Stones daquele outono foi tão bem-sucedida que cada concerto de duas horas rendeu entre 95 e 100 mil dólares para Bill, ou uma estimativa de 5 milhões de dólares para o itinerário completo de 51 apresentações — número a ser comparado favoravelmente com os cerca de 350 dólares que ele ganhara 17 anos antes na primeira visita da banda à América do Norte.

Quanto a Charlie Watts, a morte prematura de seu pai e certos outros problemas de família (um ou dois anos depois, a filha dos Watts, Serafina, seria convidada a deixar o colégio interno supostamente por fumar maconha) parecem ter desencadeado uma década de abusos discretos, mas quase heroicos. No início da década de 1980, Charlie estava constantemente consumindo álcool, anfetaminas e heroína. Stu não era o único a pensar outra vez que

aquele era o fim da estrada para a banda. Keith Richards, que passara a exibir uma enorme foto emoldurada de Charlie na sua casa de Nova York, repetidas vezes lhe diria que a melhor terapia era "subir ao palco... Você pode estar se sentindo como merda de cachorro, e em cinco minutos está curado." Keith parece ter sido tipicamente persuasivo.

"Devo mesmo sair em turnê?", Charlie perguntou a outro amigo em 1981. "Tantos aborrecimentos. Tanto trabalho. Todos aqueles puxa-sacos terríveis... A única razão que me fez continuar é que é melhor do que as alternativas."

Embora os Stones tenham gravado de forma intermitente em Paris durante o inverno de 1980-81, eles acabaram não fazendo um novo álbum depois de *Emotional Rescue*. Em vez disso, o engenheiro de som de *Some Girls*, Chris Kimsey, teve uma nova ideia para que todos lucrassem uma fortuna sem se darem ao trabalho de passar meses no estúdio. Eles tirariam faixas descartadas da gaveta, como *Slave*, de *Black and Blue*, e várias outras relíquias (*Tops*, *Waiting on a Friend*) de *Goats Head Soup*. Kimsey daria ao novo disco — chamado *Tattoo You* — a justificativa irrefutável para a sua fama ao desenterrar um riff de rock and roll esquecido no meio da segunda de 45 tomadas do que, de outra forma, seria apenas uma jam obscura de reggae chamada *Start Me Up*, e convencer Keith Richards a lhe dar o tratamento completo da sua afinação aberta em sol. Mick Jagger também gostou da ideia e sugeriu que colocassem um gás na música abrindo diretamente com o riff explosivo de Keith. Aquele raio de três notas, que transmite instantaneamente a melodia, e acompanhado por várias pausas dramáticas posicionadas de forma estratégica, ajudaria *Start Me Up* a se tornar um sucesso mundial — 2ª posição nas 100 Mais da *Billboard*, ela não chegou ao topo por causa de *Arthur's Theme (Best That You Can Do)*, de Christopher Cross — e foi a última dos Stones a chegar à primeira posição do Top 10 do Reino Unido.

Tattoo You se desenvolve a partir daí. *Slave*, antes indigna até mesmo de *Black and Blue*, reemergiu como uma canção embalada a vácuo com um solo de sax ascendente de Sonny Rollins, uma das várias faixas descartadas nos anos 1970 a serem adaptadas para os anos 1980. Os Stones trouxeram o passado à tona outra vez com *Black Limousine*, tomando um velho lick de blues de

Jimmy Reed para transformá-la em um hino clássico do rádio. Embora o eminente crítico Robert Palmer tenha elogiado a banda por "deixar de lado a decadência estudada para escrever músicas sobre questões adultas" em *Tattoo You*, talvez ele não tenha dado a devida atenção a uma música chamada *Little T & A*, uma ode exatamente à decadência. Mick Taylor tomou um susto quando ouviu a si mesmo tocando em *Tops*, faixa descartada de 1972 cujo refrão pop cantado em coro sobreviveu ao seu vocal em falsete. Jamais apenas uma fábrica de riffs, Keith tocou uma guitarra base suave em *Waiting on a Friend*, uma ótima balada com guitarra e sax que mostrava a melodia sob o caos e que sucederia *Start Me Up* nas paradas americanas.

Às 22 horas da noite quente de agosto em que *Tattoo You* foi lançado, os Stones, que na época ensaiavam em uma fazenda de Massachusetts, mandaram um roadie comprar 12 exemplares do *New York Times*, que continha uma resenha entusiástica do álbum. Quando ele voltou, parte da banda não pôde lê-la (Mick estava montando a cavalo), mas foi uma grande festa. *Tattoo You* vendeu mais de um milhão de discos na América naquela semana, e seria um sucesso maior que *Sticky Fingers*.

Os eventos do final de 1981 não foram dominados apenas pelo renascimento criativo dos Stones; também representaram a salvação financeira da banda. Aquele seria um novo tipo de turnê, com um acordo sem precedentes de 90% dos lucros para a banda feito com organizadores locais, além de uma coleção completa de camisetas, jaquetas, fivelas de cinto, calcinhas, sapatos, meias, isqueiros, copos de vodca, maletas, adesivos, bótons e bonecas com o logo da língua. Mick e os rapazes estavam em qualquer coisa que pudesse ser vestida ou carregada. O penúltimo show, realizado em Hampton, Virginia, lhes renderia 3,2 milhões de dólares graças ao acordo para a sua exibição em pay-per-view com a rede de TV a cabo HBO. Para um bônus, Prince Rupert rapidamente assinou um acordo lateral com a Jovan Perfumes, que deu 4 milhões de dólares apenas para que seu nome fosse impresso nos ingressos individuais: o primeiro patrocínio desse tipo para o rock. A noite de abertura estava agendada para o dia 25 de setembro, na Filadélfia.

Mick mudara desde a última turnê.

Em 1981, os astros do pop trabalhavam quase nus em palcos personalizados que explodiam no final. O amigo de Jagger, David Bowie, inseriu um toque teatral com um set saído diretamente da escola do drama de Albert Speer, iluminado por setecentas lâmpadas de neon. O Who tinha mais lasers do que o Governo Britânico. O rock and roll se tornara um espetáculo, e Mick queria fazer parte disso. Ele exigiu uma turnê pelas melhores arenas, e satisfez seu amor por equipamentos de palco com uma plataforma mecânica onde podia cantar flutuando sobre as primeiras fileiras — da mesma forma que Bowie fizera na turnê de *Diamond Dogs*, sete anos antes. Keith Richards observa que Mick também "queria pernas de pau. Por sorte, nos ensaios gerais estava chovendo, e todos os pernas-de-pau caíram". (Mick conseguiria colocar a ideia em prática 13 anos depois.) Certas outras decisões logísticas envolvendo o som e a iluminação dos Stones, além dos murais gritantes em roxo e dourado de 21 metros de altura que serviriam de pano de fundo do palco, foram tomadas de forma unilateral, e não envolvendo o voto da banda. Tanto Charlie quanto Bill observaram a Bill Graham que Mick encomendara um palco de um milhão de dólares, "e *nós* estamos pagando por ele". O contrato de turnê de 32 páginas que todos assinaram, contudo, não era inteiramente unilateral: a cláusula 9b) indicava que Mick estaria "completamente ausente da área da banda" enquanto Keith executasse seu solo de três minutos, geralmente uma *Little T&A* ofegante com tempero à la Chuck Berry.

As relações entre os Glimmer Twins eram formais, e não sociais, e eles tinham um acordo tácito de nunca entrar nos quartos um do outro em Long View, a janela nas montanhas a oeste de Boston onde os Stones estavam ensaiando. Um repórter de *Life* encontrou uma "vaga atmosfera de desconforto" quando foi entrevistar a banda no final de agosto. Não fossem as músicas, "Jagger e Richards tinham pouco a dizer um ao outro. Enquanto Mick andava de um lado para outro com uma calculadora, o equipamento favorito de Keith eram um baseado e um copo constantemente reabastecido de vodca com gelo... Percebi que quando ele não se encontrava no recinto, os

outros músicos regularmente se referiam ao vocalista principal como 'Sua Majestade'."

A mera tarefa de instalar todos na fazenda fora desafiadora. Primeiro, Keith Richards desapareceu, tendo ido para a casa do amigo Fred Sessler na Flórida, o que levou um irritado Bill Wyman a pegar um voo para casa na Inglaterra. Charlie Watts lhe telefonou dias depois bêbado e murmurando que a banda estava "acabada". Os dois estavam furiosos com os atrasos. A pontualidade de Keith sempre se limitara à sua guitarra. Ele sempre se atrasava em todas as outras coisas, e desta vez voava tardiamente para Roma a fim de pegar sua nova permissão de trabalho nos Estados Unidos. Os cinco Stones por fim voltaram à fazenda, onde Mick e Keith brigaram sobre quem contratar para tocar piano ao lado de Stu. No final das contas, Woody mais uma vez os convenceu a dar o trabalho ao seu velho companheiro do Faces, Ian McLagan. Por acaso, ele também era dependente de cocaína.

Embora estivessem desgastados, os Stones sobreviveram, enquanto seus poucos reais concorrentes haviam implodido, como os Beatles, ou sucumbido a caricaturas exageradas, como os Beach Boys e Bob Dylan. Aos 38 anos, Mick, em particular, era uma figura de nostalgia, um monumento apreciado não apenas em si mesmo, mas por ter durado tanto. Os fãs dos Stones estavam envelhecendo também, e à medida que amadureciam pareciam valorizar ainda mais seus heróis, ou certamente o bastante para pagar a quantia modesta de 16 dólares para vê-los. A banda entrou em cena no fim do mês, ao mesmo tempo lançando *Tattoo You* e anunciando a turnê. A Bill Graham Presents recebeu 2,5 milhões de pedidos de ingressos na semana seguinte, e o sistema de correios dos Estados Unidos foi forçado a contratar 245 funcionários extras para lidar com a chuva de pedidos. Era "hora de lucrar", Mick disse a Keith.

No dia 14 de setembro, os Stones fizeram sua primeira apresentação da década de 1980 em um lugar com capacidade para trezentas pessoas chamado Sir Morgan's Cove, a poucos quilômetros de distância de Long View. Foi uma confusão. Do lado de fora, pessoas sem ingressos enfrentavam a polícia montada, levando o prefeito de Boston (o velho amigo dos Stones Kevin White) a banir qualquer futuro ensaio público desse tipo. Apesar das notícias

encorajadoras sobre o número de ingressos vendidos, Mick e Keith temiam que a banda já não tivesse tanto a oferecer além da curiosidade óbvia dos que acreditavam que a morte os rondava. Com uma ou duas exceções notáveis, eles pareciam estar em queda livre já havia dez anos. Mas o paradoxo dos Stones era que, à medida que a música piorava, as mitologias pessoais cresciam e se aperfeiçoavam. Mick já era famoso o bastante, mas graças aos eventos de Toronto, Keith agora era um ícone global de libertinagem, sobrevivência e glamour — Lennon, Moon e Bonham haviam morrido, e ele era o peixe grande que de alguma forma escapara da rede. Aqueles 2,5 milhões de pedidos de ingressos se tornaram quatro milhões; Bill Graham adicionou doze shows extras ao itinerário.

Os Stones deram início à sua primeira turnê em três anos pela América do Norte 11 dias depois. Eles tocaram em um enorme palco inclinado em frente a cartazes reluzentes da arte pop de aviões cor-de-rosa e carros de corrida púrpura. Parte da decoração podia causar danos temporários à retina, e o projeto estava no limiar entre o gritante e o cafona. Mick cantou *Jumpin' Jack Flash* na plataforma enquanto jogava beijos e rosas vermelhas de caules compridos para os fãs lá embaixo. Os Stones ainda pareciam estar ensaiando nos primeiros shows, mas em cerca de uma semana eles haviam polido a apresentação de forma a torná-la uma amostra de primeira qualidade da história gravada do pop — de *Twenty Flight Rock* a *Start Me Up*. Também havia muitos recursos visuais, incluindo shows pirotécnicos de 20 mil dólares nas apresentações ao ar livre. Num equilíbrio cuidadoso entre o seu yin de rock cru estridente e seu yang mais delicado, a banda depois incluiria um mini-set emocionante de *Beast of Burden* e *Waiting on a Friend*, com Woody na guitarra principal e Keith fornecendo licks de blues, e o auditório se tornando um mar de isqueiros acesos. O *Wall Street Journal* falou por todos quando descreveu o show básico como "musicalmente espetacular e fisicamente irresistível", e até Bianca Jagger comentou com diplomacia sobre os dois shows dos Stones em Nova York: "Foi soberbo. Eles parecem melhorar com o passar do tempo."

Os shows tinham início com o swing de metais de *Take the "A" Train* de Duke Ellington no sistema de som antes de as cortinas se abrirem para revelar

Keith Richards tocando os acordes de *Under My Thumb*. Na Filadélfia, a participação do público no número de abertura se dividiu entre os que acompanharam a letra e os que erguiam cartazes dizendo que ela era injusta com as mulheres. Se a música parecesse não levantar os ânimos, Keith virava as costas para a multidão, colocava-se diante do bumbo de Charlie e se deixava levar pela batida. Não havia dúvida sobre quem ditava a direção da banda. Um dos principais prazeres envolvidos em se assistir a um show dos Stones com o passar dos anos era a antecipação do que Mick Jagger usaria no palco. Para suas primeiras aparições públicas dos anos 1980, Mick escolheu um uniforme de quarterback com um toque gay, em cores que, cruelmente, incluíam rosa e amarelo. Ele preparou um show requintado. Havia hidráulica, plataformas subindo e descendo, efeitos dramáticos de iluminação. Mick de tempos em tempos disparava correndo pelo palco até um dos dois passadiços que se estendiam sobre o público, como um labrador perseguindo uma bola de tênis. Ele concluiu o show vestindo leggings e uma capa dividida entre a bandeira americana e a britânica. Keith e Wood tocavam as guitarras como numa brincadeira que incluía erros, enquanto Charlie tocava a bateria sem esforço. À esquerda do palco, Bill Wyman permanecia o tempo todo estático, exceto quando precisava arrumar os punhos da camisa azul-clara, mas até ele parecia um astro do rock maníaco se comparado a Ian Stewart. Na Filadélfia, Stu entrou no palco, na frente de 90 mil fãs, usando calças velhas de veludo e uma camisa de golfe apertada em seu peito largo enquanto mastigava um sanduíche de queijo, cuidadosamente depositado sobre o piano. Depois, ele tocou com um estilo clássico de botequim, às vezes parecendo acompanhar uma música diferente do resto da banda, ou até estar em outra galáxia. No que acabou sendo sua última participação, ele finalmente pôde acompanhar a banda que fundara em uma turnê completa. Entre um número e outro, Stu bocejava, pegava o sanduíche e continuava comendo-o impassível.

Depois de fazer a Costa Oeste, os Stones seguiram para o notoriamente tranquilo Pacífico Noroeste. Sua passagem por Seattle, contudo, não foi desprovida de incidentes. No show da tarde de 15 de outubro, uma adolescente de 16 anos chamada Pamela Melville morreu de lesões na cabeça depois de cair

de uma sacada do estádio; Mick e Keith mandaram flores. Uma segunda mulher foi presa depois de declarar para a multidão que pretendia matar "aquele veado maligno do Jagger". Em Candlestick Park, São Francisco, as cenas de espectadores bêbados cobertos de lama, seguranças violentos e brigas periódicas entre o público lembraram Altamont. A banda também era acompanhada por uma atmosfera sombria. Mais tarde naquela noite, no hotel Fairmont, alguém disse a Keith Richards que Ron Wood havia voltado a usar cocaína, e Keith decidiu intervir descendo as escadas, atravessando o saguão e pegando o elevador para o quarto de Woody, localizado na outra ala do hotel.

"Tinha muita coisa acontecendo lá", Keith relembraria. "Ele estava com alguns elementos duvidosos."

"Ele se aproximou de mim com uma garrafa quebrada", diz Woody. Os dois gritaram um com o outro, Keith acusando Ron de estragar a turnê, e depois tiveram uma briga física rápida, mas intensa. Vários roadies tiveram que se juntar para apartá-los. Keith jogou a garrafa no chão, chamou Wood de idiota e expulsou os traficantes do quarto.

Passados 13 anos, perguntei a Wood se ele achava que Keith poderia tê-lo atacado com a garrafa: "Sim", ele respondeu.

"Estávamos nos drogando no camarim", Wood conta, lembrando-se de um momento *Spinal Tap*[1] na Califórnia. "De repente, Bill Graham colocou a cabeça na porta e disse: 'A polícia [The Police] está aqui!' Todos entramos em pânico e jogamos as drogas no pântano. Em seguida, entram Sting, Andy Summers e Stewart Copeland."

Enquanto Keith e Ron brigavam no hotel de São Francisco, Mick foi até o centro da cidade para juntar-se à prefeita Dianne Feinstein em um apelo televisionado para a campanha "Salvem os Teleféricos" antes de jantar com Jackie Onassis. Charlie foi sozinho a um clube de jazz e Bill preferiu admirar a paisagem local da privacidade do seu quarto. Fazia exatamente 23 anos que Jagger e Richards haviam se encontrado na plataforma enevoada de Dartford.

Em Los Angeles, Prince, de 23 anos, abriu o show dos Stones apenas com a parte de baixo de um biquíni. Foi demais para uma plateia de roqueiros ainda não familiarizados com álbuns inovadores como *1999* e *Lovesexy*, a serem

lançados para aclamação geral ainda na década de 1980. Assistindo das coxias, Ian Stewart lembraria que a apresentação de Prince em LA fora interrompida por vaias, "seguidas por uma galinha torrada inteira que bateu na boca dele. Ele voltou para o camarim chorando, e, por mais talentoso que fosse, foi a última vez que o vimos na turnê". Para o Sul, e logo depois para três apresentações em Meadowlands, Nova Jersey, acompanhados por Tina Turner. Nos bastidores, Keith Richards tocou uma versão interminável de *Proud Mary* para Vitas Gerulaitis e John McEnroe. Os astros do tênis supostamente ficaram impressionados ao ver como o anfitrião "podia estar todo fodido e ainda assim tocar". Principais tópicos discutidos: os melhores analgésicos e o lesbianismo no esporte. Duas semanas depois, em Pontiac, o cantor local Iggy Pop abriu o show com meia-calça e uma minissaia de couro. "Dessa vez, funcionou", disse Stu. A mágica da empatia requer tato, cuidado e sutileza de um artista — "e pelo menos esse cara entendia a piada".

Domingo, 22 de novembro, Chicago. A primeira tarefa de Mick e Keith era uma visita ao Checkerboard Lounge, com duzentos assentos, onde tocaram com Muddy Watters até de madrugada. Como costumava acontecer a qualquer coisa que envolvesse os Stones, houve um pequeno tumulto do lado de fora. Também seria o último concerto gravado de Waters: ele morreu em abril de 1983, entre 67 e 70 anos. Uma cordialidade tensa e convidados suspeitos dominaram as duas apresentações seguintes. O diretor Hal Ashby (*Shampoo, Muito Além do Jardim*) juntou-se à turnê para fazer um filme da banda ao vivo, que concluiu apesar de ter sido levado do camarim dos Stones em uma maca depois de uma overdose de heroína. Com uma aparência que traía o abuso das drogas, Mick Taylor juntou-se à sua velha banda em Kansas City. A reunião o deixou superexcitado. De acordo com Wood: "Ficamos chocados com o quão alto ele estava tocando... passando como um trator por partes das músicas que deveriam ter sido sutis, ignorando pausas e fazendo solos não solicitados" — algo como uma inversão de papéis. Tempe foi um sonho realizado para Jerry Hall, que finalmente pôde se apresentar com os Stones. "Dancei e Mick bateu no meu traseiro. Foi incrível." Na mesma época, Keith Richards teve uma briga em um quarto de hotel com o amigo Fred Sessler, pegou a arma, apertou o

gatilho e atirou no chão. “Havia uns aposentados lá embaixo, e a bala de Keith interrompeu a festa deles”, conta Woody.

A maioria dos críticos gostou da turnê, e alguns perderam completamente a pose de reserva. De acordo com o jornal diário *Seattle Post-Intelligencer*, “Mick Jagger foi maravilhoso... dançando no centro do palco e nos longos passadiços com sua graça erótica de anão andrógino”... “Ele foi cru, rude e suculento”... “uma nota ornamental ambulante, serpentiforme”... “adorável”. Alguns jornalistas americanos cultuavam Mick como um herói, um sábio, e tratavam o que ele dizia entre as músicas — “Tudo maneiro, é isso aí, nada para se preocupar” — como verdades oraculares. Ele continuava sendo um grande showman. Mesmo agora, com quase 40 anos, a imagem pública provocativa de Mick continuava sustentando a indústria do ultraje à moral americana. Os cerca de cem manifestantes de Lexington, Kentucky, muitos pertencentes à Maioria Moral Cristã evangélica do reverendo Jerry Falwell, finalmente desistiram quando perceberam que seus protestos só serviam para fazer propaganda do show.

Enquanto Mick fazia seu número, Keith Richards se mostrava tranquilo, permitindo que as músicas se desenvolvessem naturalmente, parando para dar destaque a Charlie e Bill por um momento. Uma ou duas vezes, não era o concerto que era analisado, mas o próprio Keith, caricaturado como Riff Humano, usando calças jeans velhas, botas de camurça gastas, uma camiseta rasgada e o anel de caveira, uma ponta de cigarro sempre na boca quando não estava cantando — e às vezes mesmo assim. Keith não era um garoto-propaganda da Revolução Reagan. Felizmente, parecia que Keith se concentrava mais na música do que na imagem. Poucas pessoas executavam os elementos básicos do rock and roll de forma tão excitante quanto ele e Jagger, não importa quais fossem as diferenças entre eles. Depois de vetar a contratação de Bobby Keys para a turnê, Mick contratara Ernie Watts, um saxofonista de jazz de 36 anos e veterano da orquestra do *Tonight Show* de Johnny Carson. “Com base no período de tempo em que trabalhei com Jagger e Richards, eles pareciam se dar bem”, Watts diz. “Todos íamos juntos para o show na mesma van, voávamos no mesmo avião, e seu relacionamento parecia

ser bom. A música sempre vinha em primeiro lugar. Havia muitas coisas nos bastidores, mas eu não estava a par." A alcunha de Watts era "o cara mais legal". As plateias costumavam assistir admiradas à equipe dos Stones desmontando a imensidão que era o kit de bateria e sinos usado pela banda de abertura e substituindo-o pelo kit minimalista dos anos 1960 de Charlie. "Ele é genuinamente excêntrico", Keith mais tarde observaria com admiração. "No final do show, todos deixamos o palco, e as sirenes estão soando, limusines esperando, e Charlie retorna à sua zona e muda a posição das baquetas em dois milímetros. Depois, dá uma olhada. Se tudo parecer bem, ele sai."

18 de dezembro, Hampton Roads Coliseum, Virginia. Aniversário de 38 anos de Keith Richards e um show transmitido em cadeia nacional. Os pais e mães de todos eles haviam vindo da Inglaterra. Mick celebrou fazendo a multidão de 14 mil pessoas cantar "Happy Birthday" para Keith, que retribuiu tirando a guitarra do pescoço para bater com ela na cabeça de um homem que invadiu o palco e correu em direção a Mick durante *Satisfaction*. "Derrubo qualquer um que invadir a minha área", ele esclareceu depois sobre suas condições de trabalho. Tudo acabou na noite seguinte com um set incrível de 27 músicas, milhares de balões e fogos de artifício. Mick Jagger foi um ótimo anfitrião para a plateia enlouquecida. Ao final das últimas notas, a voz amplificada de Mick — "*Yeahhh! Aaawrite!*" — ecoou pela arena, indicando não seu desejo de retornar, mas o contrário; os sentimentos foram expressos por um microfone de rádio no momento em que ele se sentou numa van entre os pais de setenta anos.

Quando as contas foram feitas, os Stones haviam tocado para aproximadamente 2,9 milhões de fãs, quase o número totalizado pelas suas oito primeiras turnês pela América. A banda podia ter eletrizado os roqueiros mais anárquicos, mas também negociou o contrato mais vantajoso para uma turnê da história do rock, tornando a banda uma mina de ouro. Eles estavam no topo do mundo.

Nos últimos sete anos, uma belíssima morena insolente de Nova York de nome Jane Rose (afetuosamente chamada pela banda de "Jugs") vinha sendo o contato intermediário entre os Stones e o mundo, viajando com eles e levando em sua bolsa passaportes, vistos e quantias em dinheiro separadas especialmente para o caso de ter que pagar fianças. Entre outras tarefas, ela fora a primeira funcionária da banda a chegar ao local da morte de Scott Cantrell, e acompanhou uma Anita Pallenberg com roupas manchadas de sangue até a delegacia naquela noite. Quando Jagger demitiu Rose no final de 1981, Richards imediatamente a contratou como assistente pessoal, e, no final, como sua empresária. Mick não ficou feliz com o que viu como uma demonstração de desprezo. Os Glimmer Twins em 1982 fariam 35 shows pela Europa sem se falar.

Reinserindo simbolicamente o "s" em seu sobrenome, Keith aproveitou a oportunidade na primavera para encontrar o pai, Bert, pela primeira vez em 20 anos, a maior parte dos quais o Richards mais velho passara morando em um pub. Aos 68 anos, o velho "Adolf" amolecera para se tornar um velho alegre barbudo com um cachimbo feito da raiz de uma árvore. Bert tinha uma barriga de glutão que caía por sobre a calça jeans, um cachecol velho amarrado no pescoço, uma boina cobrindo uma massa de cabelos despenteados e uma barba branca encaracolada que não era nem cheia nem bem aparada. Pai e filho se deram bem instantaneamente. A única nota de reprovação veio quando o senhor Richards olhou o filho de cima abaixo e disse, cheio de boas intenções: "Você tem sido um filho da mãe, não é?" Nos meses e anos seguintes, Keith e Bert desenvolveram um elo fortalecido por copos de vodca e partidas de dominó; Bert era uma presença frequente na turnê de verão dos Stones.

No dia 1º de junho, a banda lançou seu álbum ao vivo *Still Life*. Era um título apropriado para um álbum maçante como uma amostra de frutas de cera.[2] O som geral traz à mente cúpulas sombrias do Meio-Oeste onde riffs ecoam através dos placares das arenas e de camisetas empapadas. A certo ponto, Mick tenta animar as coisas exortando a plateia: "Bebam algumas cervejas [e] fumem uns baseados"; depois disso, *Still Life* segue um caminho descendente. O álbum chegou à 3ª posição das paradas de sucesso.

Além de promoverem o álbum sem grande entusiasmo, os Stones passaram parte da primavera ensaiando num palco nos estúdios Shepperton, na região metropolitana de Londres. A atmosfera continuava sombria. Keith ainda viajava com um cortejo de rastafáris que fumavam um baseado após outro, muito para o descontentamento de Mick. Stevie Ray Vaughan e George Thorogood estavam na cidade, mais uma vez de prontidão para substituir Ron Wood. Bill e Charlie pareciam deslocados com suas bandanas e trainings. Em seu eterno sofrimento, Stu achava que eles estavam todos "enrolando, tentando fazer algo interessante a partir de uma repetição interminável", uma boa descrição do regime de ensaios noturnos dos Stones. Gered Mankowitz, que viajara com a banda nos anos 1960, foi convidado a fotografá-los pela primeira vez desde *Satanic Majesties*. Após vários telefonemas do escritório da banda ("Mick acabou de acordar e está no banho — ligaremos em seguida"... "Mick ainda está no banho, mas Keith está acordado agora, e diz que está ansioso por vê-lo"... "Mick saiu do banho agora, definitivamente vai ser hoje à noite") — ele chegou e encontrou Jagger e Richards "muito simpáticos". Os dois sugeriram uma segunda sessão dali a duas noites. Mankowitz voltou para ter uma recepção muito mais fria.

"Eles me disseram para cair fora", ele conta. "Aparentemente, todos passavam por um momento difícil. Bill estava doente e nem sequer iria participar. Depois de uma negociação, por fim fiz um rolo de fotos em preto e branco, entreguei o filme a eles e saí."

Noite de abertura, 26 de maio, Aberdeen. Esses novos shows foram cheios de riffs de blues-rock e de comentários de Mick Jagger sobre as preocupações típicas da juventude britânica: sexo, a Guerra das Malvinas e ficar doidão. Em um show na França, Keith sequestrou a plataforma de Mick, fazendo um longo solo alado e deixando Jagger furioso: "Faça-o descer!", Mick gritava para Wood. Já na Suécia, Keith fez o contrário, tocando o solo de *Beast of Burden* deitado no palco. Charlie estava viajando com a esposa e a mãe, a última das quais comentaria em uma sala cheia de jornalistas que a banda do filho tocava "muito alto". O desejo por tranquilidade da senhora Watts em meio a uma

turnê pela Europa com os Rolling Stones não ficou imediatamente óbvio, mas ela continuava muito orgulhosa do filho.

Parte da imprensa, como o crítico musical de *La Stampa*, começara a dar mais atenção a Bill Wyman depois do seu recente sucesso solo. O rosto de Bill era "moreno, da cor da azeitona que amadurece na antiga costa da Ligúria", escreveu o jornalista depois de vê-lo tocar com os Stones em Turim. O mesmo crítico ficou impressionado pelo fato de que "o baixinho pode tocar o baixo de forma ao mesmo tempo impassível e excitante". Como de costume, Mick tinha tudo sob controle, e com frequência se disfarçava vestindo um moletom com capuz e andando entre o público para assistir à banda de abertura. Depois de sua inspeção em Turim, a equipe de segurança não o reconheceu e se recusou a deixá-lo voltar aos bastidores. Bill Graham teve que resolver "o drama" que se seguiu. Fora as duas horas que passavam a cada dia no palco, os Stones quase não viam um ao outro. "Socialmente, era cada um por si", lembraria Stu. Depois de um concerto em Nice, Mick foi jantar com o diretor fugitivo Roman Polanski na sua vila em Ramatuelle, uma estranha vila de pescadores sobre uma rocha que dava para a baía perto de Saint Tropez. A visão de uma frota de limusines e batedores de motos aparentemente necessários para o encontro passou a ser o assunto mais comentado entre os vizinhos de Polanski, embora quase tenha sido superada pela visão de Mick entrando casualmente na tabacaria local, vestindo leggings de futebol americano e uma jaqueta cor-de-rosa.

Ainda que muito mais tranquilo e cordial do que a figura conhecida na última década, Keith Richards de vez em quando ainda conseguia ser assustador. Depois de um concerto em Berlim Oriental, Keith viu-se em um clube onde o DJ insistia em tocar música disco ininterruptamente no sistema de som. Richards não era de se curvar à vontade dos outros com facilidade. Isso já fora dito pelos seus próprios pais, pelos seus professores em Dartford e pelos colegas dos Stones. E não importa qual fosse o local, o comportamento apresentado por Keith diante de qualquer conflito sempre fora o mesmo. Um dos presentes no clube de Berlim lembra que o Riff Humano pedira "educadamente ao DJ que tocasse alguma coisa da Motown no sistema de som,

e depois de ter seus pedidos continuamente ignorados, Keith por fim resolveu o assunto colocando uma faca na garganta do cara e repetindo o pedido. Parece que funcionou". Em um show no estádio Wembley, quando esqueceu o riff de *She's So Cold*, Keith ficou tão furioso por Wood não lhe ter dado cobertura que o atacou com um soco. Isso rendeu um aplauso entusiasmado da multidão, digno de uma final da Copa. O pai de Woody, Archie, estava nos bastidores em sua cadeira de rodas bebendo grandes quantidades de cerveja Guiness e contando piadas de marinheiro. "Você não viveu se não teve um homem de uma perna", ele declarou, extraindo gargalhadas da equipe. Algumas noites depois, Keith pulou sobre Charlie na pista de decolagem de Nápoles. Os dois estavam brigando para decidir quem ficaria com que assento no voo fretado para Londres. Keith mais uma vez se mostrou um homem duro em discussões. No final, Charlie resmungou "Foda-se" e saiu andando noite adentro. Em Madri, Keith de alguma forma bateu a cabeça em um pesado cinzeiro de metal no quarto do hotel, levando Patti a fazer uma chamada de emergência para Bill Graham. Ao chegar, Graham encontrou sangue por todos os lugares, Patti histérica e Keith calmamente aplicando uma compressa de gelo ao ferimento. "As piores coisas acontecem no mar", ele disse.

A turnê terminou em Leeds no dia 25 de julho. Mick Jagger fez 39 anos no dia seguinte. Mais uma vez, como acontecera em todas as noites de encerramento das turnês desde 1966, a imprensa publicou manchetes que diziam "TUDO ACABOU" ou "PODE TER SIDO A ÚLTIMA VEZ". A diferença era que agora eles estavam quase certos.

A turnê profissional e lucrativa dos Stones estava em contraste com suas turbulentas vidas domésticas. Embora estivesse claro que Keith havia encontrado sua alma gêmea em Patti Hansen, seus colegas pareciam sofrer uma crise de meia-idade. Bill Wyman e Astrid Lundstrom compraram uma casa em Mulberry Walk, Chelsea, mas se separaram quase imediatamente depois. Com isso, Bill ficou livre para sair com várias jovens, incluindo Mandy Smith, que na época tinha 13 anos, o que foi um verdadeiro presente a ser usado pela

imprensa nos próximos anos. Charlie Watts tinha seus próprios problemas pessoais, e mais tarde refletiria: "Na metade dos anos 1980, cheguei ao fundo do poço... Eu estava bebendo muito. Quase perdi minha mulher, minha família, tudo. Eu usava mais anfetaminas do que heroína. Passei dois anos dormindo um dia a cada quatro. Eu gostava de anfetaminas porque sou naturalmente letárgico." Enquanto isso, Ron Wood saiu por um curto período da casa que dividia com a namorada Jo Howard e se hospedou em um hotel com a estrela de *A Dama de Vermelho* Kelly Le Brock, embora pareça ter mudado de ideia apenas uma ou duas semanas depois. Ele e Jo se casaram em janeiro de 1985.

Mick Jagger não parava, estivesse assistindo a um jogo de críquete em Londres, cuidando do jardim do seu castelo na França ou fazendo uma viagem de helicóptero para assistir à abertura do que supostamente seria a última turnê do Who na Filadélfia.[3] No outono de 1982, Jerry Hall frequentemente chegava em casa depois de trabalhos como modelo para "encontrar coisas ao lado da cama como brincos ou um anel... [tornou-se] impossível atender ao telefone e não ouvir uma garota na linha". Jerry estava chateada o bastante para mostrar a Keith Richards "um bilhete de alguma garota que havia sido escrito de trás para frente — 'sempre para amante sua serei eu'", uma fórmula fácil de ser quebrada pelos decodificadores de Bletchley Park que Mick homenageou no filme *Enigma*. Em outubro, os Stones começaram a gravar outra vez em Paris. Jagger estava lendo *Cidades da Noite Vermelha*, de William Burroughs, e escrevendo letras sobre estupro e canibalismo enquanto andava pela cidade na companhia de mulheres como a atriz texana Valerie Perrine (a primeira a aparecer voluntariamente nua na televisão americana) e a modelo venezuelana Victoria Vicuna. Não pela última vez, os tabloides começaram a perseguir Mick e suas amigas pelo Champs-Élysées e a publicar histórias sobre seus casos extraconjugais. "Estou ótimo. Estou ótimo. O amanhã não existe", Mick teria dito aos repórteres no dia 16 de novembro antes de "entrar em um bloco de apartamentos com duas damas morenas". Contudo, logo haveria uma reconciliação. "Ele voltou para mim", Jerry anunciou seis dias depois, "e vamos ter bebês".

Enquanto isso, Stu compartilhava os sentimentos de Keith Richards em relação à reorganização do arcaico processo de gravação e do sistema de composição sem pressa dos Stones por Mick, bem como suas propostas para a adoção de novas técnicas de produção, como sampling e phasing. "Você pode exagerar nessa merda de otimização", Keith lhe disse. Sua ideia do processo criativo ideal era tocar "30 ou 40 músicas ótimas de outros caras e esperar que uma desse certo no final". De volta a Paris, Keith agora havia adotado o hábito de ir trabalhar usando capa e chapéu. Em épocas de estresse profissional, ele começou a balançar uma bengala com espada embutida para efeito de ênfase. A tendência de Mick de colocar letras violentas e riffs tribais em tudo era completamente contrária à filosofia de Keith de nunca se render à moda. O objetivo de um era se manter atual, enquanto o outro queria a atemporalidade. Em Paris, Jagger não parava de dizer a Richards e Wood que queria mais "guitarras modernas" em *Undercover*, como o álbum foi chamado, "algo como Andy Summers". O roadie de Keith, Jim Barber, atendeu ao pedido de Jagger com riffs africanos em *Too Much Blood*, a ode de Mick a Issei Sagawa, um estudante japonês da Sorbonne que havia assassinado e comido a namorada.

No dia 10 de fevereiro de 1983, Keith vestira terno e gravata para carregar o caixão de Alfred Hansen em seu funeral em Nova York. O pai de Patti gostava muito do namorado da filha, tendo dito aos amigos da igreja que "o cara [não era] nada do que a imprensa nos faz pensar". Na mesma noite, ainda usando o mesmo terno, Keith se juntou a Mick, Charlie e Woody para a estreia do filme da banda ao vivo de Hal Ashby, *Let's Spend the Night Together*: música alta e produção moderna, mas não capturou a energia dos shows.

No mesmo mês, Mick decidiu aceitar um adiantamento da quantia divulgada de 2 milhões de dólares da editora britânica Weidenfeld and Nicolson para escrever suas memórias. Um "assistente técnico", John Ryle, editor literário do *Sunday Times* (e uma autoridade em Molière) foi contratado por 50 mil dólares. Infelizmente, a natureza incansável de Mick acabou sendo inadequada para a rotina árida do autor. John Ryle mais tarde comentaria com desprezo sobre as "substâncias exóticas" fumadas em seus poucos encontros significativos, todos arranjados com grande dificuldade. Ao menos para um

diretor da Weidenfeld, que falou — talvez prudentemente — com a condição de ser mantido no anonimato, o manuscrito resultante provou-se uma decepção. "Era uma merda", ele diz. "Nada de sexo. Nada de rock 'n' roll. Só coisas maçantes sobre seus pais comuns, sua criação comum. Fiquei surpreso com a baixa qualidade." O *Daily Mirror* divulgou que, como último recurso, Jagger pedira ajuda a Bill Wyman — um dos primeiros aficionados pelo Macintosh, onde guardava os arquivos da banda — para lembrar de certos eventos. "Vá se danar", Bill respondera. Ele estava escrevendo o próprio livro. Mick acabou abandonando o projeto em 1985, depois de devolver o adiantamento à Weidenfeld. "Desisti", ele disse à imprensa. "Cansei de falar do passado, e achei melhor deixar toda aquela coisa de noite de autógrafos para mais tarde."

Mick estava tendo mais sorte em casa. Depois de embolsar o dinheiro da turnê de *Tattoo You*, ele investiria 1,5 milhão em uma casa de arenito vermelho de cinco quartos na West 81st Street, Nova York, e cerca de metade disso em uma propriedade muito menor que descreveu como "literalmente uma cabana na praia" na ilha particular caribenha de Mustique. Talvez isso fosse ampliar um pouco a definição da palavra "cabana." O retiro tropical de Mick consistia em uma vila de seis quartos cercada por vários pavilhões japoneses para hóspedes, uma casa de banho com uma banheira quente, uma cabana destinada à diversão das crianças com uma sala de jogos adjacente, e, de acordo com um visitante, "pinturas de Gauguin, artefatos do kabuki e chaises longues com sushis de lagostim". A única coisa que faltava era um iate particular, mas Mick muitas vezes alugava um. Como havia anunciado, Jerry Hall ficara grávida naquele verão. A amiga de Mick, Bebe Buell, continuou visitando-o em Nova York, e se lembra de um dia ensolarado em que fez "uma cavalgada com Jerry e ele pelo Central Park. 'Oh, não, estou com duas garotas de câncer para me criticar', ele anunciou. Mick tinha um grande interesse por astrologia. E sexo". Os apetites de Jagger nesse quesito são dignos de mais uma menção, na melhor das hipóteses pelo mero fato de que o definiam quando ele não estava ocupado trabalhando com os Stones, e uma ou duas vezes mesmo então. "De vez em quando", lembra outra amiga, "Mick ficava intoleravelmente entediado

e chato. Como qualquer astro do rock inteligente, ele achava ao menos parte do que fazia ridículo, e precisava desesperadamente de renovação". Uma forma de encontrar renovação era com uma nova mulher. "Mais cedo ou mais tarde, ele embarcava em outro caso — não faltavam candidatas — embora geralmente voltasse para casa no fim do dia." No dia 2 de julho de 1983, Jagger mobiliou o restaurante de Mr. Chow em Nova York com buquês de rosas para celebrar o 27º aniversário de Jerry Hall. O casal passou o resto do verão em uma propriedade alugada em Vermont, próxima às casas da amiga dos dois Jackie Onassis e do autor John Irving. No dia 26 de julho, Mick também fez 43 anos na propriedade.

No mesmo mês, Keith Richards encontrou-se com o ídolo da infância Chuck Berry no terminal do aeroporto de Los Angeles. A última vez que haviam se encontrado fora em um clube de Nova York, quando Berry deu um soco na boca do guitarrista mais jovem por não o ter reconhecido. Depois disso, ele se desculpou do fundo do coração com Ron Wood (que, para piorar o erro, chamou de "Jack" várias vezes). Desta vez, Berry cumprimentou Richards pelo nome, mas em seguida derrubou um cigarro aceso na camisa de Keith. Mais tarde, Keith diria com tristeza: "Sempre que eu e ele nos encontramos acabo ferido."

Em agosto, Keith foi para a festa de 14 anos que Anita deu para Marlon na casa que alugara em Sands Point, Long Island. Uma das companhias dos Stones assumira o leasing da propriedade de Mick Taylor, que havia sido transferido para acomodações mais modestas. No dia seguinte, Keith estava de volta a Paris, onde os Stones assinaram um acordo de distribuição na América com a CBS. O contrato dava 6 milhões de dólares para cada membro por quatro álbuns novos, o mais lucrativo da história do rock, enquanto a CBS ficaria com os direitos sobre o catálogo precedente da banda desde *Sticky Fingers*. Mick Taylor não foi incluído no acordo. Na ocasião, o selo foi representado pelo seu presidente de 50 anos, Walter Yetnikoff, que falava rápido com um cigarro entre os dentes e que lembrava um Allen Klein mais agressivo, se é que isso é possível. Yetnikoff era o homem que nove meses antes apresentara *Thriller*, de Michael Jackson, à posteridade. Ele confessou que

todos na CBS estavam convencidos de que Mick, pessoalmente, podia fazer tanto sucesso quanto Jacko. Mick juntou-se ao consenso.

Um debate furioso viria à tona nos anos seguintes a respeito de Keith ter compreendido ou não que Mick se comprometera a desenvolver sua carreira solo dessa forma. Se ele não entendeu, deve ter perdido o anúncio em negrito pela *Rolling Stone* em 24 de novembro de 1983:

> O núcleo do novo acordo é que a CBS lançará os quatro próximos álbuns dos Stones. Além disso, também lançará, pela primeira vez, um álbum solo de Mick Jagger. Talvez dois ou três. Será um rompimento inesperado com a longa tradição sem trabalhos solo de Jagger e Richards, e Mick parece animado com isso.

Em setembro de 1983, Bill Wyman e Charlie Watts acompanharam Eric Clapton, Jeff Beck e Jimmy Page em um grupo de astros reunido para levantar fundos para a pesquisa em esclerose múltipla. Depois de dois shows lotados em Londres, a banda fez nove apresentações na América, onde Ron Wood tocou guitarra. Bill (que diria sobre a turnê: "A maior parte do milhão de dólares que fizemos desapareceu misteriosamente") também estava trabalhando duro no seu filme autobiográfico, *Digital Dreams*, uma confusão de sequências surrealistas de desenho animado e breves participações desconcertadas de pessoas como James Coburn. O filme não foi bem recebido pelos críticos. Não se deixando desanimar, Bill começou a escrever suas memórias com a ajuda do computador onde arquivava material sobre os seus vinte anos de rock e sexo descomplicado. Charlie Watts e a família haviam se mudado para uma fazenda no norte de Devon que compartilhavam com um estábulo com 23 cavalos árabes e dúzias de vacas, ovelhas e cachorros. "O proprietário", como ele era conhecido localmente, às vezes era visto andando de galochas na vila vizinha de Dolton, imperturbado pelos poucos residentes que o associavam aos Rolling Stones. Charlie também continuava tocando no anonimato por opção do Rocket 88 e de várias outras bandas de jazz. Em Nova York, Ron Wood e Jo tiveram um menino, Tyrone.

Todos se reuniram mais uma vez em Paris para entrevistar Julien Temple, *enfant terrible* de 29 anos da National Film School, que Mick queria que dirigisse os clipes promocionais de *Undercover*. Keith cumprimentou Temple colocando a ponta da bengala/espada na sua garganta e dizendo que ele não fizesse merda. Depois, os dois finalizaram o cumprimento com um aperto de mãos e saíram para explorar possíveis locações, "Keith descendo a Quai de Bercy em uma Ferrari vermelha a 190 km/h". Temple sobreviveu ao teste de iniciação e gravou os vídeos para três músicas do álbum, filmando os interiores no clube Bains Douches, em Paris, e os exteriores na Cidade do México. Em um roteiro sugestivo, Mick seria visto arrastado do seu hotel por três homens armados com máscaras. O líder da gangue, que estourou os miolos de Jagger, era interpretado por Keith. Como o álbum, os vídeos de Temple para *Undercover* não inspiraram um consenso entre os críticos. De volta a Londres, o processo de filmagens foi interrompido quando uma das editoras que trabalharam na "sequência do assassinato" passou mal, embora para o crítico anônimo do *Sunday Times* o resultado final "sugere pela primeira vez que um filme de rock pode ter um verdadeiro potencial artístico".

O início da carreira solo de Mick foi adiantado em novembro com o próprio *Undercover*. Ele readaptou os Stones para a Década do Eu[4] com uma série de números dançantes e letras agressivas. Entre as principais referências: Wall Street, dinheiro, assassinato, *O Massacre da Serra Elétrica*, flagelação, facas, giletes e bebês espancados. A guitarra ressoante de Keith é a fonte de energia para faixas como *Pretty Beat Up*, mas em sua maior parte o álbum se limitou a números fáceis para casas noturnas — *Too Much Blood*, em que Mick era acompanhado por jovens dançando ao som do seu rap canibal —, que chamavam mais atenção pela produção do que pelas músicas em si. *Undercover* nunca foi além de um profissionalismo frio. Ele era impecável, superficial e completamente esquecível.

A faixa-título, um misto funky de bateria rápida e guitarras que soam como um enxame de vespas furiosas, é o lamento de Mick pelos desaparecidos políticos na Argentina (onde a música foi banida perpetuamente), finalmente apresentando o tipo da "mensagem séria" que Bianca defendera dez anos antes.

O riff marcante de Keith segue o ritmo do piano rápido de Stu em *She Was Hot*; a melodia canta, o ritmo é dançante, e até a voz é cheia de personalidade. *Wanna Hold You* é uma releitura direta de *Happy*, e um raro momento de abandono no álbum. Keith invadiria o manual de estratégia dos Stones outra vez com *Too Tough* e *It Must Be Hell*, que canalizavam *I'm Going Down*, engavetada em *Let it Bleed*, e *Soul Survivor*, de *Exile*, respectivamente. O álbum tem algumas boas linhas de baixo sólidas. Charlie arrasa. O consenso geral, porém, foi que *Undercover* era pobre e sua capa, pretensiosa (exibindo um fundo azul amarfanhado e parte do corpo nu de uma mulher). Ele ficou com o 11º lugar na Grã-Bretanha e com o 5º nos Estados Unidos; o primeiro fracasso comercial relativo em 15 anos.

Quando as críticas saíram, as famílias Richards e Hansen haviam se reunido para o casamento de Keith e Patti, em Cabo San Lucas, resort frequentado por boas-vidas americanos como Hugh Hefner, localizado na ponta da península mexicana de Baja California. No fim de semana de 16-17 de dezembro, eles receberam amigos como Jane Rose, Gregorio Azar, o magnata da Azar Nuts, e Mick Jagger. Nenhum dos outros três Stones foi convidado. Mick e Keith entretiveram os convidados da festa de despedida de solteiro sentados em banquinhos e tocando com violões uma seleção de sucessos de Elvis e Buddy Holly, exatamente como haviam feito no pub de Devon 22 anos antes. Por cerca de uma hora, tudo pareceu voltar ao momento daquela apresentação improvisada do início dos anos 1960, deixando para trás todas as discussões amarguradas dos anos mais recentes. A cerimônia foi realizada na tarde de 18 de dezembro a aproximadamente 1,5 km da vila de Keith e Patti, no luxuoso Hotel Finisterra. Todos se reuniram na varanda que dava para a praia sob as sombras das palmeiras. Doris e Bert Richards se encontraram pela primeira vez em vinte anos. Aquele teria sido o dia do 45º aniversário do seu próprio casamento. Patti usou renda e Keith usou seu terno preto formal, camisa branca e sapatos de camurça azul. Para o choque de muitos, a cerimônia transcorreu com normalidade. Keith não tinha muito interesse pela religião, em particular pelo cristianismo, com um "logotipo com um cara pregado em um pedaço de madeira". Entretanto, por respeito aos pais da noiva, ele aceitou

fazer “o show luterano completo”, conduzido em espanhol. Keith acrescentou seu próprio toque ecumênico com o ritual judaico de quebrar uma taça de vinho sob a sola do sapato. No mesmo dia, ele fez 40 anos.

A assinatura do contrato pioneiro dos Stones com a CBS havia sido justamente celebrada com muita alegria no Paris Ritz. Mick Jagger fizera um discurso eloquente, que depois datilografou e distribuiu entre os mais de quatrocentos funcionários do selo em Black Rock, sua sede em Nova York. “Estamos claramente passando por um dos ciclos mais difíceis dos últimos tempos no negócio”, Mick dizia. “Alguns dizem que a indústria fonográfica sairá da recessão; outros acreditam que ela é permanente. Mas eu acredito que a CBS e os Stones farão um pouco de boa música juntos. Estamos prontos para começar.” O otimismo de Mick era sincero, mas não podia ser garantido, pois 1984 provou-se um ano difícil. Ele começou com um acontecimento triste quando o velho amigo e mentor dos Stones, Alexis Korner, morreu de câncer em um hospital de Londres no dia 1º de janeiro. Ele tinha 55 anos. Os membros da banda embarcavam num conflito que só pioraria até o final dos anos 1980. Mick tratava Keith constantemente com um desprezo que se tornara quase automático, enquanto Keith começara a chamar Mick de “Brenda” depois de ter esbarrado com um livro de Brenda Jagger, uma autora britânica de obras de ficção histórica como *The Barforth Women*; não era um elogio. Os Stones lançaram apenas 40 minutos de músicas novas entre novembro de 1983 e agosto de 1989, deixando uma lacuna para ser preenchida por intérpretes como Madonna, com seu talento pobre e apelativo, um Bruce Springsteen renascido e Prince, que já havia aberto uma apresentação dos Stones.

Em abril, Walter Yetnikoff reuniu Mick e Michael Jackson para gravarem uma música chamada *State of Shock* a ser incluída no álbum dos irmãos Jackson *Victory*. Os dois principais ativos da empresa de Yetnikoff “se deram muito bem”, como ele anunciou, embora Jacko tenha demonstrado preocupações o bastante com a voz de Mick para insistir que ele passasse duas horas cantando

as escalas antes do início das gravações. Parte do cortejo adolescente presente no estúdio parece ter expressado surpresa ao ver que o líder dos Stones, para eles saído de uma ordem social jurássica, parecia tão jovem. Por outro lado, a presença de Jagger era como um retorno à era dourada do pop, quando os sucessos destinados aos jovens como público-alvo eram feitos por adultos inteligentes.

Pouco depois, Mick deu início às gravações do seu próprio álbum solo em Compass Point, nas Bahamas, com a ajuda de amigos como Herbie Hancock, Chuck Leavell, Jan Hammer e outros 22 músicos. O resultado foi um som mais denso do que o dos Stones, tanto anos 1980 quanto *Miami Vice*, com um sintetizador dançante no centro de tudo. Um músico de estúdio de Nova York (e futuro membro da orquestra de David Letterman) chamado Anton Fig tocou bateria em algumas músicas. "Mick era muito detalhista", ele conta. "Lembro que ele se aproximava e ficava atrás de mim, olhando por sobre o meu ombro para ver exatamente o que eu estava fazendo." Às vezes, Jagger mudava a rotina se balançando em frente ao baterista em ascensão para que Fig pudesse pegar a batida lendo sua linguagem corporal. Mick "estava no controle de tudo", muitas vezes conseguindo cantar, conduzir e dançar ao mesmo tempo, parecendo em êxtase com a liberdade de fazer sua própria música. De forma geral, haveria muitas melodias fortes e alusões líricas a amor, sexo e casamento, exatamente o que a CBS teria prescrito para um dos maiores ícones românticos da história do pop.

Mick definitivamente não mostrava nenhum sinal de estar reduzindo o ritmo aos 40 anos. Uma de suas assistentes de Londres lembra-se de ele tê-la pego certa manhã naquela primavera e a levado para o trabalho. "Ele dirigia costurando entre os carros, gritando com os motoristas, misturando xingamentos a críticas", ela diz afetuosamente. No verão, Mick passou os dias mixando seu álbum no Power Station, em Nova York, e as noites no Kamikaze Klub, não muito longe dali, cujo bartender era Bruce Willis. Muitas pessoas achavam que ele havia sofrido uma mudança significativa, ou até amadurecido, desde o divórcio. Apesar da agenda lotada, Mick encontrou tempo para estar presente e dar "muito apoio" quando Jerry Hall deu à luz a filha do casal,

Elizabeth, em março, no hospital Lenox Hill de Manhattan. Três meses depois, eles batizaram a menina na igreja de St Mary Abbot, em Londres. Eva Jagger me contou que foi um "dia maravilhoso em família" (Karis, de 13 anos, e Jade, de 12, também estavam presentes), "embora eu tenha colocado os pés pelas mãos quando disse algo sobre 'o casamento de Mick e Jerry... quero dizer, batismo' no meu discurso". Em 26 de junho, os Stones se encontraram no seu novo escritório em Munro Terrace, Chelsea, onde Mick disse aos outros três presentes — Woody não foi convidado — que tinha planos para o resto do ano. Não haveria álbum nem turnê em 1984. Bill Wyman (que na época saía com uma adolescente americana chamada Kathy e outra inglesa chamada Kelly) não gostou da notícia. E não era só com dinheiro que Bill, de 47 anos, se preocupava. Era com respeito mútuo e com um relacionamento de trabalho estável. "Perdi contato com o que quer que Mick seja agora", ele disse ao *Sun*. "Tenho certeza que ele também. Sete ou oito anos atrás, eu ainda podia conversar com ele sobre livros, filmes e coisas inteligentes, mas agora só converso com ele por indiretas. Mick é uma pessoa muito difícil com quem se conviver."

Enquanto Jagger estava ocupado gravando seu álbum solo em Nassau, Keith Richards e Patti Hansen faziam um voo de uma hora atravessando o Caribe até sua casa na Jamaica, em Point of View, onde Patti logo anunciou que estava grávida. Os recém-casados haviam se mudado para lá depois que a polícia do Cabo supostamente abordou Keith de modo discreto, mostrou-lhe fotos de homens em ternos brancos de péssimo corte e óculos escuros chegando à sua vila no meio da noite e chamou sua atenção para a dificuldade de seguir sua carreira de uma prisão no México. Com isso, os Richards foram passar o verão em Ocho Rios. Quando pousaram no aeroporto de Kingston, contudo, eles descobriram que o inquilino de Keith, Peter Tosh, ignorara todos os avisos anteriores da sua chegada e se recusava a deixar a propriedade. Como ele avisou por telefone: "Se você se aproximar daqui, atiro em você."

Keith: "Então é melhor carregar a porra da arma, Peter, porque estarei aí em uma hora."

Embora Tosh tenha tido a prudência de se mudar antes que o carro de Keith e Patti chegasse à casa, eles ainda encontraram evidências da estada de Peter. Point of View parecia mais uma fazenda dilapidada do que uma vila de luxo. Um porco enorme amarrado pela pata à varanda da frente estava deitado na entrada. Várias ovelhas e bodes andavam pelo outrora elegante jardim. Também havia um cachorro de três patas que rosnou furioso quando Keith e Patti passaram por ele. Outros animais e amigos de Tosh estavam espalhados pela casa em vários níveis de estupor. A sala de estar, a biblioteca e o estúdio de Keith haviam sido completamente destruídos.

Tosh deixou a Rolling Stones Records pouco depois por um acordo mútuo. Três anos depois, no dia 11 de setembro de 1987, ele morreu com um tiro durante um assalto à sua casa, localizada na base do monte onde ficava a de Keith.

Em agosto de 1984, os quatro Rolling Stones originais se encontraram para outra conferência em Paris. Como ainda se repetiria, Ron Wood estava em uma clínica de desintoxicação em Londres, por isso não pôde comparecer. Mick finalmente abriu o jogo com os outros sobre suas intenções de fazer uma turnê para divulgar o álbum solo, que agora já tinha o título de *She's the Boss*. "Minha atitude", Keith contou à imprensa com a elegância de uma expressão lacônica que as pessoas admiravam, "foi tranquila, já que eu não teria que me envolver. Não quero meu nome relacionado a isso. Como não vou me envolver, talvez não goste. Eu disse a ele: 'Não faça um álbum de merda.'" Enquanto isso, os Stones trabalhavam numa coletânea de sucessos chamada de *Rewind* e em um vídeo de mesmo nome com dois apresentadores de entusiasmo incansável pelo preço de um. Jagger e Wyman passaram 60 minutos balbuciando coisas desconexas, piadas sem graça e recorrendo ao humor no estilo da série de comédia *Fawlty Towers*. O único momento que vale a pena é quando, indagados sobre o motivo da longevidade da banda, Mick e Bill responderam ao mesmo tempo: "Charlie Watts."

À medida que a vida criativa dos Stones passava a rastejar de tão lenta, sua agenda só acelerava. Em outubro, Jagger, Richards e Wyman se encontraram em Nova York com Rupert Loewenstein e vários outros banqueiros de ternos sóbrios e advogados tributários para discutir os investimentos da banda. Infelizmente, o que deveria ter sido um debate tranquilo sofreu uma reviravolta quando Richards chegou à sala de reunião empunhando uma faca de caça. De acordo com Bill, "Keith ainda estava chateado com Mick por ele estar trabalhando em material solo. Quase houve agressões físicas".

O encontro seguinte da banda, em Amsterdã, foi além do "quase". Depois da apresentação de Prince Rupert, Keith, parecendo mais calmo, saiu com Jagger e o embebedou. A habitual transição desse último de sociabilidade para arrogância leviana foi incomumente rápida. Bêbado, Jagger telefonou às 5 da manhã para o quarto do hotel onde Charlie Watts estava hospedado e teve a imprudência de se referir a ele como "meu baterista". Charlie se levantou, tomou um banho, fez a barba, vestiu uma camisa da alfaiataria de luxo Turnbull and Asser, gravata de seda e um terno de três peças, desceu as escadas, agarrou Mick e deu um soco que o derrubou. "Foi como uma cena de filme", Keith Richards diria mais tarde, referindo-se também ao quarto, onde estavam mais de quarenta músicos e outros amigos, todos sob influência alcoólica. Qualquer um que conheça *A Ilha do Dr. Moreau*, com seus macacos e cachorros cirurgicamente transformados em formas semi-humanas, só precisa pensar na mesma fauna usando os tons pastéis típicos dos anos 1980 para ter uma ideia da cena. A sempre presente equipe de segurança da banda congelou — ninguém parecia saber qual era o protocolo quando se tinha que separar um Rolling Stone do outro —, deixando para Keith a tarefa de segurar Mick quando ele "caiu em uma bandeja de salmão defumado e escorregou pela mesa em direção à janela". Mais tarde, Keith comentaria que não havia sido movido por humanitarismo, mas pelo fato de que Jagger estava usando seu casaco de seda favorito. Talvez sua intervenção tenha salvado Mick de ter sido jogado no canal lá embaixo, mas sua verdadeira motivação foi "impedir que minha roupa fosse arruinada".

"Nunca mais me chame de seu baterista", disse Charlie ao sair. "Você é a porra do *meu* cantor."

No dia 2 de janeiro de 1985, Ron Wood finalmente se casou com a namorada Jo Howard na igreja St. Mary, em Denham. Keith foi o padrinho. Charlie, Bill e vários outros astros do rock britânico estavam presentes. Mick estava de férias em Mustique, instalando uma nova bomba de esgoto na casa que tinha lá, portanto não pôde comparecer. Sobreviveram apenas lembranças fragmentárias do que foi dito. O vigário passou um sermão nos Stones, observando, entre outras coisas, que "esse tipo de cerimônia é a antítese da riqueza e da decadência". O comediante Peter Cook tentou seduzir a noiva e depois subiu em cima de uma limusine no estacionamento onde se lia "Músicos". Um momento delicado veio quando Keith Richards avistou o jornalista John Blake, que ajudou Spanish Tony a escrever *Up and Down with the Rolling Stones*, e aproveitou a oportunidade para fazer observações negativas sobre o livro. Depois que Keith concluiu sua resenha sobre o livro, Blake de repente se lembrou que tinha um compromisso com a imprensa e deixou o recinto às pressas.

De volta a Paris. O velho estúdio Pathé-Marconi havia sido demolido, mas os Stones se estabeleceram em seu sucessor na Rue de Sevres. Mick não tinha material novo, tendo acabado de concluir *She's the Boss*. Já Keith chegou com 27 músicas novas, com títulos como *Fight* [Briga], *Had It with You* [Estou de saco cheio de você] e *Knock Yer Teeth Out* [Quebrar seus dentes]. O próprio álbum ganhou o título provisório de *19 Stitches* [19 pontos] depois que um dos engenheiros de som exagerou na sala de descanso e caiu sobre uma mesinha de café de vidro laminado. Logo, Keith traria seus amigos rastafáris e um estudante do Talmude e farmacêutico licenciado de Nova York chamado Svi para assistir às gravações. Mick trouxe o jogador de críquete Ian Botham. Na maior parte do tempo, Stu organizava as sessões de forma que os Glimmer Twins não estivessem no estúdio ao mesmo tempo. Quando todos se encontravam, era apenas para proferir um "sim" ou "não" abafado para a última audição. Na maioria das vezes, era "não". Mick agora queria gravar com os Stones da mesma forma que havia gravado *She's the Boss*. Tudo tinha que ser

escrito, tanto em termos de letras quanto de música, antes de uma única nota ser tocada. Ele permitia alguns embelezamentos por parte da banda, mas na maioria das vezes usava de uma disciplina de aço — o contrário do sistema preferido pelos Stones. Certa noite em Paris, Mick finalmente perdeu a paciência com Keith e disse que estava cansado da desorganização das sessões. Ele passou vários minutos dando outros exemplos dos defeitos do processo criativo dos Stones, e depois disse não ver "nenhum propósito válido em continuar dessa forma". Passando para uma linguagem diferente, ele acrescentou: "Estamos apenas fazendo merda aqui." Em pouco tempo, Keith se referia abertamente a Mick como "Brenda", mesmo quando ele estava fisicamente presente no recinto. Só que Mick não sabia que "Brenda" era ele. Keith se virava para Woody e dizia algo como "aquela cadela da Brenda" com Mick ao seu lado, aparentemente presumindo que se tratava de alguma nova conhecida de seus guitarristas. De acordo com Stu, a prática costumeira era que "Mick chegava ao estúdio por volta das 8 da noite e saía à meia-noite, no momento em que Keith e companhia entravam pela porta. Ninguém se falava". Outro presente na Rue de Sevres comparou a atmosfera a "passar seis meses em uma cela acolchoada bem decorada".

No dia 4 de março, Jagger lançou *She's the Boss*. Era um álbum muito bom à sua própria maneira, não tendo economizado na produção funk. Em um mês, foi vendida a quantidade respeitável de mais de um milhão de discos, com dois compactos de sucesso. "Ao contrário de um bom álbum dos Stones, que só apresenta mais ideias e ironias com o passar do tempo, *She's the Boss* só se torna mais dançante", escreveu a *Rolling Stone* no curso de uma resenha muito positiva. Keith Richards disse aos jornalistas que não gostara do álbum. "Músicas fracas, performance fraca, gravação ruim", ele resumiu. O humor de Keith não melhorou quando Mick começou a sair das sessões de gravação dos Stones para promover *She's the Boss* em entrevistas realizadas em cafés do outro lado da rua. "Eu quis matá-lo na época", Richards contou. "Mas não há diversão em socar um fracote. Jagger passava tanto tempo sem aparecer... éramos apenas Charlie, Ronnie, Bill e eu tentando fazer um álbum. Ele não foi nada profissional, muito estúpido." Embora Mick depois tenha decidido adiar

sua turnê solo, ele também não estava disposto a ir para a estrada com os Stones, descrevendo-os para os repórteres como um "bando de velhos" que não estavam familiarizados com a cena musical atual.

Dias depois, Keith decidiu deixar o estúdio e voltar para Nova York. Em 17 de março, Patti Richards fez 29 anos. Na manhã do dia seguinte, logo cedo, ela deu à luz a filha do casal, Theodora Dupree. Pela primeira vez, Keith, o homem que a morte esqueceu, estava presente para ver seu bebê nascer. Uma segunda menina, Alexandra Nicole, veio 16 meses depois. Nesse meio-tempo, os Richards deixaram Nova York por uma casa colonial de dois andares na cidade de habitantes abastados de Weston, Connecticut, a 95 quilômetros de Manhattan. A distância lhes daria mais privacidade, além de vistas para lagos e rios, mas ao mesmo tempo o local ficava perto o bastante para permitir as viagens noturnas de Keith pela I-95 até a cidade. Em pouco tempo, ele estava trabalhando com amigos como Bobby Womack, Tom Waits e Patti Scialfa (a futura senhora Bruce Springsteen) para preencher o vazio deixado pelos Stones. Weston, uma cidade de 6 mil habitantes e um só sinal de trânsito, parecia diretamente saída de uma pintura de Norman Rockwell. Cheia de casas com hera e bebês com bochechas rosadas, sem blocos de apartamentos, escritórios nem transporte público. Havia um mercado pequeno que vendia apenas barbante, maçãs carameladas e exemplares do *Farmer's Almanac* [Almanaque do fazendeiro]. Keith agora passaria a maior parte do seu tempo ali ou em West Wittering.

Richards voltou para Paris na metade de abril, gravando *Dirty Work*, como *19 Stitches* passara a ser chamado, enquanto Jagger promovia *She's the Boss*. Estava óbvio que os Stones só causavam sofrimento um ao outro, e é fácil dizer que Mick tomou uma decisão ética quando se afastou. Mais tarde, ele insistiria que nunca pretendera acabar com a banda, e sim apenas dar um tempo de descanso a todos. Também é fácil ver como suas boas intenções podem ter sido mal interpretadas. Depois de se recusar a fazer uma turnê com os Stones, Mick concordou em se apresentar no Live Aid em 13 de julho acompanhado pela banda de soul dos cabeludos Hall and Oates e Tina Turner. Ainda na primavera, enquanto Richards transferia as operações para o RPM Studios, em

Nova York, Jagger voltou para Londres e fez um vídeo de *Dancing in the Street* com David Bowie. Aqui, entrou em cena a habilidade genuína, ainda que não apreciada por todos, de Mick de interpretar. O baterista que tocou na gravação, Neil Conti, me revelou: "Jagger parecia o cara mais legal do mundo, perguntando a todos sobre suas famílias etc., fazendo aquela coisa de reconhecimento das tropas. Quando o encontrei duas semanas depois, foi como se ele nunca tivesse me conhecido. 'Oi Mick', eu disse. Ele nem piscou. Literalmente virou as costas e saiu." Bill Graham ofereceu a Jagger o horário nobre, 9 da noite, do fim do Live Aid, na Filadélfia, imediatamente antes da principal atração, Bob Dylan — a única figura que estava acima dele no panteão do rock. Os telespectadores da cobertura mundial de TV naquela hora totalizariam 1,5 bilhão de pessoas. Era o tipo de exposição com que Walter Yetnikoff geralmente podia apenas sonhar para um de seus clientes. Dois dias antes do show, Dylan apareceu na casa de Ron Wood, no Upper West Side, Nova York, e resmungou algo sobre "fazer um show aí no sábado", acrescentando que estava precisando de uma boa banda, especialmente uma com dois guitarristas, já que se apresentaria depois de Mick e Tina... Quando levantou a cabeça, Bob descobriu que, pela primeira vez, estava falando sozinho. Woody já dirigia a toda velocidade para o RPM a fim de contar a Keith.

Mick Jagger fez uma apresentação incrível na Filadélfia. Apesar de terem sido ensaiadas inúmeras vezes, músicas como *Honky Tonk Women* soaram ao mesmo tempo renovadas e cruas. Um total de 90 mil fãs queimados de sol — dos que haviam bebido cerveja demais para saberem do que se tratava o concerto aos que estavam genuinamente preocupados com a fome na Etiópia — dançaram em meio a uma tempestade de som e luzes estroboscópicas. Era sua primeira apresentação oficial fora dos Stones. O pop extravagante e bem coreografado de Mick era perfeito para a ocasião. De alguma forma, ele conseguiu até mesmo arrancar a saia de Tina.

Dylan e sua banda reunida às pressas, somos obrigados a admitir, foram uma decepção. Os três haviam passado a longa e úmida tarde bebendo e tocando em um trailer pequeno. Receberam apenas alguns minutos no palco.

Keith e Woody não podiam ouvir nada pelos seus monitores, uma corda do violão de Dylan se partiu, e o ensaio curto os deixara pouco familiarizados com o número de abertura de *The Ballad of Hollis Brown*. Sorrindo timidamente, a consciência de uma geração e seus companheiros com maquiagens pesadas foram reduzidos a uma apresentação improvisada, enquanto Lionel Richie podia ser ouvido, e às vezes visto, ensaiando vigorosamente com seu time de estrelas para o grande final, *We Are the World*, do outro lado da cortina logo atrás. Se fechasse os olhos, você poderia pensar estar ouvindo uma gravação de efeitos sonoros da BBC de um acidente de carro. Era exatamente o tipo de performance do rock and roll que caiu nas graças do Spinal Tap. Quando o show acabou, Jagger havia claramente marcado muitos pontos em sua carreira solo, e logo em seguida voltou a fazer planos para uma turnê sozinho.

Ron Wood ajudaria Jagger e Richards a se reconciliarem no fim do verão, quando "Keith e eu estávamos conversando ao telefone certa noite [e] a outra linha tocou — era Mick dizendo que Keith não atendia seus telefonemas. Depois que terminei de conversar com ele, eu disse a Keith: 'Mick quer muito falar com você. Ele vai telefonar agora.' Meia hora depois, Mick ligou outra vez e disse: 'Estamos nos falando outra vez.'" Talvez o estado de espírito de Jagger se devesse ao nascimento do seu primeiro filho, James Leroy Augustin, em agosto. Mick estava exultante por ter um menino — "Vou ensiná-lo a jogar críquete" — e falava sobre ele sem parar, como qualquer pai orgulhoso. Jerry Hall diz que ele se levantava à noite, trocava fraldas e às vezes cantava *Jumpin' Jack Flash* para fazer o bebê dormir. Entretanto, os Stones estavam fadados a ter sempre um membro com problemas domésticos. No momento em que Mick e Keith finalmente alcançaram uma trégua, Bill Wyman, com 48 anos e oficialmente solteiro pela primeira vez desde 1966, começou a sair com uma namorada tão mais nova que durante algum tempo correu risco de enfrentar uma acusação de estupro pelas autoridades. A primeira sirene para Bill foi Nicola Smith, de 15 anos, uma escolar de olhos vidrados do norte de Londres com luzes nos cabelos e uma minissaia xadrez, a primeira candidata ao posto de "Criança Selvagem" dos anos 1980. O caso deles, que a banda acompanhou com a mesma avidez que *Dallas*, foi motivo de verdadeiro desespero para Mick.

Na verdade, aquilo era apenas um prenúncio do que estava por vir. A aspirante a atriz e modelo Mandy Smith parecia inteligente e precoce, e não teve dificuldade para se ajustar à vida entre os Rolling Stones. O porém é que ela tinha apenas 13 anos.

Enquanto isso, Charlie Watts começou a sair com uma mulher chamada Silvie, que, aos 20 anos, era pouco mais velha que a filha dele. Embora eles não tenham ido além de um jantar, foi o bastante para que a esposa de Charlie, Shirley, invadisse o estúdio certa noite, gritasse com o marido e se jogasse da varanda mais próxima. Na época, os dois Watts estavam bebendo o que talvez fosse mais do que o recomendado, e as circunstâncias caóticas da vida profissional de Charlie também haviam cobrado seu preço. Felizmente, a varanda ficava no primeiro andar do estúdio, e Shirley teve apenas ferimentos leves. No mesmo ano, o próprio Charlie rolaria um lance de escadas na sua adega em Devon e quebraria uma perna.

Assim, uma banda que já enfrentava diversos problemas pessoais e profissionais no final de 1985 recebeu a notícia devastadora de que seu amigo e guia Ian Stewart havia morrido. Stewart, que reclamara de problemas respiratórios na última sessão de *Dirty Work*, havia consultado um especialista em Londres na tarde de 12 de dezembro. O médico estava atrasado, e sua enfermeira, para quem Stu parecia bastante descontraído, pediu-lhe que sentasse e esperasse. Enquanto esperava, ele sofreu uma parada cardíaca e morreu em segundos. Ele tinha 47 anos.

Um ano que havia começado com um casamento terminava com um funeral. Todos os Stones estavam presentes na cerimônia em homenagem a Stu no dia 20 de dezembro. Vários choraram quando seu disco favorito, *Boogie-Woogie Dream*, foi tocado na capela do crematório. Keith se aproximou e abraçou Mick, e depois se virou para Woody: "*Agora* quem é que vai dizer quando fizemos merda?"

Tendo passado mais de um ano mexendo no álbum em três cidades diferentes, Keith estava "eufórico" com o 18º álbum de estúdio da banda, *Dirty Work*. No

início de 1986, ele começou a convocar seus jornalistas para discutir o disco, provocando "Mr Jogger", como o chamava: "Se Mick saísse em turnê sem os Stones", Keith disse à *Musician*, "eu cortaria sua garganta... É assim que são as coisas. Este é o primeiro álbum de um novo contrato. Seríamos *idiotas*; seria a coisa mais burra do mundo não o promover. Temos uma coisa boa aqui! Ele sabe disso. Por que jogá-la fora?"

Jagger, na verdade, ficou curioso ao ler sobre a sua possível traqueostomia, e não demonstrava muito entusiasmo quando o assunto era *Dirty Work*, que mais tarde descreveria como "nada especial". Ele entrou em contato com Charlie e Bill para pedir que estivessem ao lado dos telefones a uma determinada hora. Quando Mick telefonou, conversou com eles sobre Keith e que achava que ele era seu problema. "Todos nós temos projetos laterais — menos ele", Mick se queixou. Ele não queria sair em turnê, e, como comentaria com certa imodéstia com a *Rolling Stone*, "Eu estava 100% certo. Teria sido o pior. Provavelmente, teria sido o fim da banda."

No dia 23 de fevereiro, contudo, todos se reuniram no 100 Club de Londres para homenagear Ian Stewart. Durante uma hora, os Stones tocaram os clássicos do R&B que Stu amava e com os quais haviam começado sua carreira. Era a primeira apresentação da banda reunida em quase quatro anos. Duas noites depois, eles ganharam um Grammy pelo conjunto da obra em uma cerimônia televisionada no Kensington Roof Gardens. As sementes da dissolução plantadas nos últimos anos estavam se tornando visíveis no grupo; enquanto Mick fazia as honras, Charlie abraçou o apresentador, Eric Clapton, desastradamente. É possível que a presença da banda na cerimônia se devesse menos ao orgulho pela obra de 24 anos do que à promessa dos produtores de que seu último vídeo seria exibido em rede nacional caso aparecessem. Assim que as câmeras foram desligadas, Keith e Ron Wood pegaram uma limusine para a casa de Clapton, e, de acordo com Woody, "destruímos a porra do lugar". Os dois Stones saíram às 7 da manhã seguinte, depois de uma das noites de mais bebedeira com as quais eles já tinham sido associados.

Dirty Work foi lançado em 24 de março de 1986. Mesmo com a maior boa vontade do mundo, é difícil não concordar com o veredito de Mick sobre o

álbum. Em vez de excelentes composições, os Stones emprestaram ao álbum um tipo de embotamento vidrado, com uma bateria atipicamente pesada no estilo Led Zep. Na foto da capa de péssimo gosto saída do pesadelo de um taxidermista, os outros membros da banda encaram o ouvinte sem expressão, enquanto o grisalho Charlie é o único que olha os pés. O joelho esquerdo de Richards parece encostar no pênis de Jagger, enquanto o de Mick está nas costas de Keith.

As faixas de abertura são *One Hit* e *Fight*. Assim, a banda só retorna ao material sórdido de *Undercover*: ouvimos letras sobre carne, sangue, briga, lesões, buracos e chutes. Da batida suja, passando por covers de soul e reggae, e pela vigorosa *Winning Ugly*, *Dirty Work* atira para todos os lados, ruidoso e exagerado. *Back to Zero*, de Mick, é a voz da razão da Guerra Fria — "I worry about my great-grandchildren... livin' ten miles beneath the ground" [Me preocupo com meus netos... vivendo enterrados a 50 pés] — com um riff de uma semelhança constrangedora com *Fashion*, de David Bowie. *Harlem Shuffle* é uma atualização do clássico do R&B arranjado por Barry White, e se tornaria o primeiro compacto de estúdio dos Stones com um cover desde 1964. Jagger canta *Had It with You*, de Richards, e seu refrão, "You dirty fucker... Singin' for your supper... I had it, had it with you" [Seu maldito filho da puta... Ganhando a vida... Estou de saco cheio, de saco cheio de você] com uma tranquilidade surpreendente. O próprio Richards canta a última faixa do álbum, um country rock gutural acompanhado por um piano baixinho muito agradável. Não encontramos muita melodia, mas *Sleep Tonight* até hoje é a melhor balada dos Stones desde *Wild Horses*. É o tipo de coisa que Johnny Cash ou até Furry Lewis cantaria, e a voz ofegante com o toque de anos de tabagismo se encaixa perfeitamente.

O velho e o novo. O novo e o velho. Foi essa combinação que garantiu o sucesso de *Dirty Work*, um casamento entre os números dançantes de Mick e o blues de Keith. O álbum chegou à 3ª posição da Grã-Bretanha e à 4ª nos Estados Unidos. Ele foi dedicado a Ian Stewart.

Enquanto Richards defendia bravamente seu trabalho, dizendo a entrevistadores como Chris Spedding (um dos candidatos à substituição de Mick Taylor 11 anos antes) que os Stones haviam feito um álbum "bom pra cacete" e que "definitivamente [fariam uma] turnê", a intenção de Mick era outra — ganhar um processo por plágio, supervisionar as obras em sua casa em Mustique e assistir a jogos de críquete em Barbados. Em 24 de abril, Jagger enviou um telegrama a Richards dizendo que gravaria um segundo álbum solo, *Primitive Cool.* Não haveria shows dos Stones no verão. Pela maior parte do resto da primavera, Mick e Keith estariam ocupados não trocando grandes ideias para músicas, mas brigando por telex e fax. Não é de surpreender que a banda não estivesse em sua melhor forma quando, no dia 1º de maio, se reuniu no estúdio Elstree para gravar um vídeo para *One Hit (To the Body)*, de *Dirty Work*. Ninguém se falava. Jagger e Richards passaram a maior parte da gravação tentando acertar um ao outro com chutes. Wood de alguma forma bateu na cabeça de Mick com sua guitarra. Keith mais tarde chamaria a ocasião de "um bom retrato de como estavam as coisas na época".

Depois disso, Richards voltou para Nova York, chegando a tempo de estar presente no nascimento de sua terceira filha, Alexandra. Em uma temporada de homenagens, Keith tocou em um festival de R&B em Chicago e acompanhou a diva do blues Etta James em apresentações em Los Angeles antes de voar para Detroit a fim de ajudar Aretha Franklin a gravar um cover de *Jumpin' Jack Flash*. Mick forneceu a música-título para a comédia de Danny De Vito *Ruthless People* (no Brasil, *Por Favor, Matem Minha Mulher*) e foi a primeira atração de um concerto para o Prince's Trust em Londres, fazendo um dueto com David Bowie antes de jantar com o herdeiro do trono. (Eva Jagger me disse que ninguém da sua família estava interessado em riqueza ou nobreza, a não ser que fossem acompanhadas por "muito humor e charme".) No final do verão, Mick começou a trabalhar em *Primitive Cool*, contratando músicos como Jeff Beck, o baterista Simon Phillips e o baixista Doug Wimbish em uma série de reuniões de um sigilo teatral em um hotel de Los Angeles. "É estranho trabalhar sem os outros [Stones]", admitiu Mick. "Como ter uma esposa e uma amante." Charlie Watts, que estava literalmente no fundo do poço, havia se

internado discretamente em uma clínica de desintoxicação em Londres. "Fiquei sóbrio depois que caí das escadas ao descer até o porão para pegar uma garrafa de vinho", conta Charlie. "Foi aí que percebi o quão longe havia ido. Simplesmente parei com tudo — álcool, fumo, drogas, tudo de uma vez. Pensei: já chega." Em novembro, Charlie saiu em turnê pelos Estados Unidos com sua orquestra de jazz de 22 integrantes, o que culminou em dois shows lotados no Ritz Art-Deco de Nova York, onde Andrew Oldham estava entre o público pagante.

Financeiramente, os Stones continuavam sendo uma gangue de quatro integrantes, com Ron Wood ainda recebendo um salário em vez de uma porcentagem dos lucros. Na maior parte dos anos 1980, o membro mais jovem da banda recorreria à intermitente carreira solo, às suas pinturas e ao seu clube noturno em Miami, Woody's on the Beach, que teve um breve período de popularidade, para aumentar a renda.

No final de julho, Keith Richards foi visitar Chuck Berry em Berry Park, seu centro de entretenimento agora em dificuldades em Wentzville, Missouri. Localizado cerca de 32 quilômetros a oeste de St. Louis, ele já recebera mais de mil visitantes por semana, cada um dos quais pagava 2 dólares para nadar na piscina em forma de guitarra e dançar no pavilhão local, mas desde então entrara em decadência. Em 1990, oficiais armados da SWAT invadiriam o complexo e encontrariam 61 fitas de vídeo que supostamente continham close-ups anatômicos de clientes gravadas no banheiro feminino e descritas como "vívidas" em seu conteúdo.[5]

Richards estava lá para conversar com seu herói de infância sobre o plano de reunir uma banda para filmar alguns concertos no outono. Por uma série de razões, a experiência não seria a "folga tranquila [dos] detestáveis Stones" que Keith a princípio tinha em mente. O primeiro sinal de problema foi quando Berry cumprimentou o ilustre visitante chamando-o repetidas vezes de "Jack", o nome genérico que usava para com qualquer inferior. Depois de três temporadas na prisão federal, Berry era, em suas próprias palavras, "mal humorado e muito psicótico", mais preocupado com o lado financeiro do rock 'n' roll do que com a gratificação artística. Mesmo quando Keith fazia as

contas, ele provavelmente já sabia que não estava lá para "dar um tempo de toda a merda", como disse à *Rolling Stone*, mas para aguentar um pouco mais. As suas lendas da guitarra e seus assistentes finalmente foram para uma sala de projeção, onde Berry exibiu alguns filmes adultos com garotas esfregando os pés uma na outra. Não demorou para que ele se cansasse daquilo e colocasse um filme sobre si mesmo. Havia mais do que uma leve atmosfera de irrealidade em Berry Park, com seu parque de diversões enferrujado, seu restaurante familiar próximo a um espetáculo de lésbicas, tudo supervisionado pelo pai de 90 anos de Chuck. Um Keith um tanto confuso voltou para sua casa na Jamaica, preocupado ao perceber que Berry "controlaria e manipularia tudo... Era muito quase como trabalhar com Mick".

Depois de alguns encontros em Kingston, Londres e Nova York, e um processo de ensaios cheio de discussões filmado pelo diretor Taylor Hackford (*A Força do Destino*), Richards conseguiu levar Berry para o palco no teatro Fox, em St. Louis, para dois concertos realizados perto do aniversário de 60 anos de Chuck. Keith recrutou uma banda de astros para a ocasião, inclusive o pianista original de Berry, Johnnie Johnson, de 62 anos, que interrompeu uma longa aposentadoria para o show. (Aparentemente estimulado por Keith, Johnson processaria Berry, sem sucesso, pela coautoria de 57 de suas músicas.) Richards se referia a si mesmo "não exatamente um diretor musical, mas um diretor de sadomasoquismo — um diretor social da banda de sadomasoquismo. Quando você está tocando com Chuck, tem que estar preparado para tudo". Assim que chegou ao local do show, Keith pediu aos roadies que colocassem um amplificador escravo três andares abaixo do palco e que ligassem a guitarra de Berry a um substituto desligado. Dessa forma, Chuck — que também estava com a voz comprometida depois de ter feito concertos durante os ensaios — podia tocar o que quisesse sem estragar a trilha sonora do filme. Keith não pretendia deixá-lo arruinar a própria festa.

Os shows seguidos de 16 de outubro correram muito bem, abastecidos por Johnson e Chuck Leavell nos teclados e Bobby Keys no sax. Um momento constrangedor ocorreu quando Berry iniciou o primeiro número e disse, brincando, que queria mudar o tom para si. Keith mandou ele se ferrar. O

resultado provavelmente foi a melhor performance ao vivo da longa carreira de Berry. O documentário de Taylor Hackford, *Hail! Hail! Rock 'n' Roll*, que inclui filmagens de várias discussões durante os ensaios, foi um sucesso tanto de público quanto de crítica ao ser lançado em 1987. Mais tarde, Berry sofreria a indignidade de ver oito fotos suas e de várias namoradas em nus frontais publicadas pela revista *High Society*, e em seguida a descoberta de câmeras, de acordo com os relatos, instaladas "literalmente dentro" dos banheiros de suas clientes. Ele até hoje continua sendo um músico popular e esforçado. Exausto, Keith voltou para Connecticut e disse a amigos que havia pagado uma dívida iniciada 26 anos atrás, quando entrara na fila do Odeon de Dartford 14 vezes para ver Berry tocar no filme *Jazz on a Summer's Day*.

Enquanto isso, o *News of the World* publicou um furo jornalístico sobre o relacionamento de Bill Wyman com Mandy Smith, e histórias acusando-o de ser um mulherengo compulsivo (ou, como o *Sun* colocou, de ser um "velho pervertido") começaram a aparecer nos tabloides britânicos. Em outubro de 1986, a ex-mulher de Wyman, Diane, deu uma entrevista confirmando os rumores sobre ele, e os repórteres logo passariam a montar guarda em Gedding Hall e na sede da banda em Londres disfarçados de entregadores. Bill acabou por achar melhor se refugiar em sua propriedade no sul da França para prolongadas celebrações do seu 55º aniversário, enquanto a imprensa entrava em um de seus surtos cíclicos de indignação com manchetes como "CORAÇÕES DE PEDRA" e "PRENDAM O VERME DO WYMAN".

No dia 1º de janeiro de 1987, Jagger, que estava em Mustique, telefonou para Richards, na Jamaica, para lhe desejar um feliz ano-novo. Keith mais tarde descreveria a conversa como "muito educada — muito formal. Ele disse que deveríamos tomar um drinque quando estivéssemos de volta a Nova York".

Porta-vozes dos dois lados insistiam que os Stones continuavam sendo uma unidade — "inspirados pelo exemplo de um cara como Muddy Waters para seguir em frente com maturidade e graça", como Richards colocou para Chris Spedding. Todas as referências à suposta separação da banda eram rebatidas com golpes da mão de um advogado. Até Keith ameaçava processar qualquer um que escrevesse criticando-os, ainda que naquela primavera tenha admitido

que a "Terceira Guerra Mundial" havia começado. A desavença se tornou pública no dia 2 de março, com um ataque de Jagger no *Daily Mirror*. Queixando-se de que Richards queria controlar a banda "sozinho", Mick disse: "Eu amo Keith, eu o admiro... mas acho que não podemos mais trabalhar juntos."

Keith respondeu 24 horas depois no *Sun*. Ele disse que Jagger "deveria parar de tentar ser como Peter Pan e crescer... não vejo o propósito de fingir ter 25 anos quando você não tem". Indagado sobre a possibilidade de a banda chegar ao fim por causa "[das] merdas rolando" entre ele e Mick, Keith respondeu: "É melhor você perguntar isso à cadela."

Furioso porque Jagger iria trabalhar com "alguma bandinha de punheteiros" em vez dos Stones, Richards não ia mais a reuniões do grupo, desligava sempre que "Brenda" telefonava, e, o pior golpe, aparentemente tentou substituí-lo por Roger Daltrey. Ele continuava dizendo à imprensa que Mick era um caso perdido. "Você não pode sentar com ele com uma garrafa de uísque e conversar. Ele simplesmente muda de assunto." Para alguns, parecia que o relacionamento entre os Stones começava a ruir da mesma forma espetacular que sucedera aos Beatles 15 anos antes. Na época, foi atribuída a Bill Wyman uma citação em que ele dizia que Jagger era "o culpado. Ele decidiu que quer fazer seu próprio lance... ser famoso por si só". Isso desencadeou mais uma rodada de recriminações e ameaças de processo. O advogado de Wyman em Londres mandou para os editores da Fleet Street uma carta descrevendo a entrevista como uma série de "citações falsas, comentários tirados do contexto e exagerados". (Bill em 1990 aproveitaria a oportunidade do lançamento de suas memórias para esclarecer sua posição. "Mick quebrou o elo", ele escreveu. "Ele cometeu o pecado capital de colocar outro projeto acima do trabalho da banda.") Na mesma primavera, Jagger compôs uma música sobre Richards chamada *Shoot Off Your Mouth* [Falar sem pensar]. Keith chamou Mick de covarde traiçoeiro.

Permanecia sólida a crença geral de que, depois de 25 anos, os Stones estavam acabados como uma unidade produtiva — na verdade, essa crença aumentou quando os músicos da cozinha rítmica passaram a se dedicar aos

seus próprios projetos. Quando não exilado por trás dos muros da sua casa na França, Bill Wyman estava gravando ou em turnê com um grupo de R&B. Ele deu o nome de Willie and the Poor Boys ao combo. O banco da bateria era ocupado por Charlie Watts ou Ringo Starr. Bill também publicara algumas fotos do seu vizinho, o pintor modernista Marc Chagall, e trabalhava duro para organizar todos os arquivos dos Stones no computador, um trabalho feito por amor que logo o levaria a escrever seu próprio livro.

De acordo com Nick Cowan, empresário de Ron Wood de 1979 até 2002, embora fiel aos Stones, Woody não poderia dizer o mesmo dos seus votos matrimoniais com Jo Howard. Por volta de 1987, os dois homens começaram a ampliar seus negócios com viagens à Irlanda, onde Wood comprou uma casa no subúrbio de Dublin Sandymount "em busca de um abrigo para a minha arte e a minha música", disse Ron, mas também do Tesouro Britânico. "Nossa agenda era sempre a mesma", conta Cowan. "Depois de passar o dia no pub local, dirigíamos até Dublin. A primeira parada era no Horseshoe Bar, do hotel Shelbourne. Depois, seguíamos para Renards, onde encontrávamos nossas belas garotas irlandesas, e depois para o quarto VIP do clube Lillie's Bordello, terminando em um bar de madrugada antes de voltar à casa de Ron para dormir." "Raramente voltávamos sozinhos", acrescenta Cowan, embora não fosse necessário. No final, Wood transformou os estábulos da sua propriedade de 60 acres em um pub particular chamado Yer Father's Yacht e assinou um contrato de licenciamento com a Guinness para um fornecimento ilimitado de cerveja. Havia mais 21 pubs dentro de uma área de 2,5 km2 ao redor da sua casa.

Em Connecticut, Keith Richards finalmente parecia pronto para deixar para trás uma vida de viagens ao redor do globo com vinho, mulheres e todo tipo de drogas, ainda que não fosse abandonar o mundo do rock por completo. Em 17 de julho de 1987, Keith assinou um contrato com a Virgin Records para o lançamento de dois álbuns solo. Enquanto ele fazia testes com músicos no Hit Factory, em Nova York, Mick Jagger estava no estúdio Right Track, na Broadway, mixando *Primitive Cool* e experimentando o figurino para a turnê adiada. Mick queria levar Jeff Beck na turnê, mas não foi o que aconteceu.

“Desisti porque ele me ofereceu uma mixaria”, Beck disse à imprensa. “Era uma piada... um insulto. Eu adoraria tocar com o velho, mas não consigo acreditar no quão pão-duro ele é.”

Primitive Cool foi lançado em setembro. “No meu primeiro álbum, eu basicamente compunha o que me vinha à cabeça e depois gravava”, Mick admitiu. “Coloquei um pouco mais nesse. Queria músicas com um estado de espírito variado, para que não fossem variações do mesmo estilo.” O resultado foi não apenas um álbum, mas um marco que romperia fronteiras e o projeto solo mais satisfatório dos Stones até hoje. Em vez do ataque cru integrado de Richards-Wood, faixas como *Throwaway* e *Kow Tow* contam com a guitarra principal precisa e em espiral de Beck. A letra de *Kow Tow*, expressando mais tristeza do que raiva, parece direcionada a Keith. “I’ll be leaving soon, I’m off at high noon/I’ve got a heavy heart... /The future looms, so damn the past” [Vou partir logo, Sairei ao meio-dia/Meu coração está pesado... /O futuro se aproxima, então que se dane o passado], canta Jagger. A melodia passa brevemente pelo território de Steely Dan, e parece consistir em Mick transmitindo seus pontos de vista dos anos 1960 para os filhos, como se estivesse dando uma aula de história. Ele interrompe a batida pesada, canta diretamente, insere um piano angular, e é isso. Em seguida, de volta ao trabalho com o baixo no estilo Motown e a bateria vigorosa de *Let’s Work*, cuja principal mensagem — “Let’s work, be proud, stand tall... Be free, kill poverty” [Vamos trabalhar, ser orgulhosos, erguer a cabeça... Ser livres, acabar com a pobreza] — poderia ter sido um hino de batalha do Partido Conservador. *War Baby*, por outro lado, foi o mais perto que Mick já chegou de um protesto direto, combinando reflexões sobre a Blitz e o Dia D com divagações sobre o futuro dos seus filhos. De alguma forma, funcionou. No mais, o álbum contém uma seção rítmica em camadas, violinos no estilo irlandês, vários Eurhythmics (o membro do grupo Dave Stewart coproduziu o álbum), teclados que mais parecem direcionados à aeróbica e os riffs incendiários de Beck — todo combinado para criar o melhor álbum envolvendo Mick Jagger desde *Exile on Main Street*.

Primitive Cool chegou à 41ª posição nos Estados Unidos e à 19ª na Grã-Bretanha. Perversamente, ele vendeu menos que *She's the Boss*, que lhe é inferior. *Let's Work* nem entrou nas paradas de sucesso. Cinco semanas depois do lançamento do álbum, no dia 19 de outubro de 1987 — a Segunda-Feira Negra —, a Dow-Jones Industrial Average perdeu 508 pontos, quase um quarto do seu valor total. Enquanto as ações despencavam sem ninguém comprando e os negociantes não conseguiam atender aos pedidos de cobertura, multidões se reuniram na Broad Street em frente à Bolsa de Valores de Nova York, e ao final do dia até mesmo alguns dos investidores mais bem orientados — incluindo vários astros proeminentes do rock — haviam perdido milhões.

Três dias depois, *Primitive Cool* desapareceu das paradas. Um dos Rolling Stones começou a telefonar para os outros a fim de propor uma reunião da banda. Era Mick Jagger.

A turnê Suntory Dry Beer Live Mick Jagger Experience In Japan, como ela foi oficialmente chamada, estreou em Osaka no dia 15 de março de 1988. Um set minuciosamente coreografado de duas horas foi prestigiado por 11 mil fãs, incluindo cantores com poucas roupas nos vocais de fundo, telas gigantescas e efeitos de iluminação sulfurosos. Jagger tocava 26 números a cada noite. Destes, 21 eram músicas dos Stones, enquanto cinco eram músicas solo. Ele foi assistido por uma plateia impassível, mas aparentemente satisfeita. Em Tóquio, Mick recebeu Tina Turner no palco. Como haviam feito no Live Aid, eles cantaram *It's Only Rock 'n Roll*. Mais uma vez, ele também retirou a saia dela. Por acaso, Ron Wood também estava na cidade se apresentando em clubes com Bo Diddley, e na noite de 20 de março os dois Stones tomaram um saquê juntos. Várias horas depois, concordaram que Ron passaria uma mensagem amigável para Keith.

Primeiro, contudo, havia a questão desagradável do processo de 7 milhões de dólares aberto pelo músico aspirante de reggae Patrick Alley, que acusava Mick de ter roubado dele a música *Just Another Night*. No dia 18 de abril, as partes se encontraram na corte em White Plains, Nova York, para ouvir Sly

Dunbar, o principal baterista de *She's the Boss*, sentar-se diante de seu kit e, nas palavras do juiz, "fazer esses recintos sagrados balançarem". Em uma reviravolta bizarra, Alley, então, afirmou que Dunbar também havia tocado em vários dos *seus* álbuns recentes. Mais tarde, o próprio Mick foi chamado ao banco das testemunhas e, a pedido do juiz, cantou a música várias vezes. Um jurado chamado Benny Spangler me disse ter tido a impressão de que os outros membros do júri estavam "totalmente confusos e entediados" pelos detalhes complexos de claves e ritmos cruzados, mas ficaram fascinados ao ver Mick Jagger inclinar-se para frente e cantar *Brown Sugar* para eles. "Sentado ali, com o maior astro de rock do mundo ligando aquele sorriso de um milhão de watts, eu temi por [Alley] e pelo resultado do caso." No dia 26 de abril, Mick foi inocentado de todas as acusações de violação de direitos autorais. "Um dos lados negativos de ser conhecido é que as pessoas tentam se dar bem à sua custa", ele comentou antes de entrar na limusine que o esperava. O impenitente Alley convocou uma coletiva de imprensa à qual poucos jornalistas compareceram. Para estes, ele se queixou de vários indivíduos "mentirosos e coniventes". Os noticiários das três redes de TV americanas começaram com a cobertura do julgamento.

No início de 1988, os Rolling Stones haviam vendido centenas de milhões de álbuns e compactos, e não sozinhos. Inúmeros grupos inspirados na banda haviam surgido para preencher a lacuna deixada por ela, entre os quais o Black Crowes, o Guns N' Roses e um revigorado Aerosmith, beneficiando-se da adoção do mesmo misto de blues tradicional com rock. Os membros da banda já estavam todos com mais de 40 anos, exceto por Bill Wyman, que tinha 51. As filhas adolescentes de Mick e de Charlie recentemente haviam sido expulsas de escolas internas, desencadeando uma segunda geração de manchetes do tipo "Caso Chocante Envolvendo Stone e Sexo." Os cinco músicos haviam encontrado suas próprias válvulas de escape criativas, e Bill também planejava abrir uma lanchonete. Não fosse a quebra de Wall Street, é possível que a

banda tivesse seguido o suposto conselho de Rupert Loewenstein e se separado depois de 26 anos juntos.

Na quarta-feira, 18 de maio, os Stones se reuniram no mesmo recinto pela primeira vez em dois anos. A atmosfera naquela manhã ensolarada de primavera no hotel Savoy, em Londres, era a de um encontro decisivo, uma versão do rock 'n' roll do encontro entre os líderes dos Aliados em Yalta. Mick disse que queria que a banda se reunisse no outono. Entretanto, numa reviravolta total, Keith se recusou. Ele não tinha nenhuma intenção de interromper a gravação do seu álbum solo, *Talk Is Cheap*, nem de romper o compromisso de sair em turnê com a sua banda, o X-Pensive Winos. Porém, depois de "um dia inteiro briga[ndo] como loucos" (durante o qual Keith passou a chamar Mick abertamente de "Brenda"), todas as partes concordaram com um retorno completo em 1989. Jagger concluiu dizendo que estava confiante de que a turnê seria um sucesso.

Então, veio a conclusão de Keith.

"Ouça, benzinho", ele riu. "Esse lance é mais importante do que nós dois. *Capisce*?"

Depois disso, Richards voltou para Nova York, terminou seu álbum e fez planos para uma turnê por 13 cidades da América. (Os concertos planejados por Jagger para os Estados Unidos haviam sido cancelados quando *Primitive Cool* deixou as paradas prematuramente.) Bill Graham fez vários voos transcontinentais com Mick no ano seguinte, e se lembraria de ele ter viajado "com uma pasta no colo, procurando papéis dentro dela, usando-a como mesa para escrever quando estava fechada. Ele passava longos períodos sentado, parecendo em coma, olhando para fora da janela. Depois, ele se virava de repente e começava a falar. Tive a impressão de que ele não culpava tanto Keith [pela briga] quanto culpava outras pessoas ao seu redor". A reconciliação entre Jagger e Richards teve mais um progresso quando eles tiveram outro encontro em Manhattan, desta vez com as respectivas famílias. Jerry Hall estivera nas manchetes 18 meses antes depois de ter sido presa no aeroporto de Barbados,

supostamente por estar levando 10 quilos de marijuana na bagagem. O julgamento — com seu desfile de permissividades tropicais — causou um escândalo nos tabloides ingleses, mergulhados ao mesmo tempo em uma recessão e no pior inverno em 25 anos. Patti Richards estivera entre os "amigo[s] que mais apoiaram" Hall na época.

Já Keith ainda não estava pronto para gravar com Mick, mas pouco a pouco começava a ver a parceria de trinta anos de outros ângulos. "90% da população masculina dariam um membro para ser como ele", ele disse à *Rolling Stone*. "Para ser como *Mick Jagger*. E ele não está feliz... Estou tentando deixar tudo para trás, e digo que não precisamos de leggings verde-limão nem da plataforma para fazer um bom show dos Stones. Há uma forma mais madura de fazer isso."

Aquela reunião em Nova York agora desencadeava uma atuação muito jaggeresca. Enquanto estavam no Hit Factory, Keith aproveitou a oportunidade para tocar uma fita de *Talk is Cheap* no volume máximo para seus convidados. Ao retornar do banheiro, ele por acaso olhou para Mick, que estava de costas dançando ao som da faixa de abertura. Keith deu alguns passos atrás, tossiu, e entrou outra vez para achar Jagger sentado no sofá lendo o *New York Times*. Essa história é o exemplo perfeito da base do relacionamento entre os dois Stones, que para muitos apresenta as peculiaridades de um casal idoso.

Talk is Cheap foi lançado em 4 de outubro de 1988, 22 anos depois da extravagante estreia solo de Keith, *Today's Pop Symphony*. Ele passou seis meses nas paradas de sucesso. Embora houvesse alguns números clássicos de rock, o álbum era um híbrido agradável de reggae e soul, com um padrão de qualidade de produção quase comparável ao de um bootleg. No geral tão sujo quanto uma estrada incompleta, o som — para não mencionar os vocais cheios de nicotina — parece uma reprovação direta à produção polida do álbum solo mais recente de Mick. Acusando Mick de ambição e egoísmo, a letra de *You Don't Move Me* tocava especificamente no saldo de *She's the Boss* e *Primitive Cool*: "Now you want to throw the dice/You already crapped out twice" [Agora você quer jogar os dados/Você já fez merda duas vezes], Keith rosnava, e a partir daí as letras só ficavam mais pessoais. Pelo lado negativo, *Talk is Cheap*

soava como uma coleção de demos que Jagger poderia ter aperfeiçoado (um ponto de vista que o próprio Mick compartilha). Pelo lado positivo, o clima de improvisação do álbum remete a predecessores ilustres como *Beggar's Banquet* e *Exile on Main Street*.

No outono, Mick Jagger fez mais 18 concertos na Austrália e na Indonésia. Os shows se arrastaram dentro dos padrões de qualidade que eram de se esperar, com melodias débeis, mas urgentes, executadas por homens com cabelos bufantes em sintetizadores e um guitarrista que gostava de puxar as mangas da jaqueta, mas que em nenhum momento sequer se aproximava do nível de abandono dos Stones. Richards aproveitou a oportunidade oferecida por várias entrevistas para fazer comentários sarcásticos sobre a banda de Jagger, que ele achava ter tanta audácia quanto um conjunto de corujas empalhadas em redomas. Mick respondeu que Keith só o estava criticando "para obter publicidade para o seu álbum. Era a única forma de conseguir alguma. Ele leva as coisas para o lado pessoal. Teve uma vida mais problemática." Já Mick permanecia o exemplo máximo do astro do rock cujas emoções eram comandadas por ações e eventos que ele não conseguia controlar. Um "jogador do mal", como alguém que acompanhou a turnê de dentro o descreveria, ele também era capaz de pegar o telefone e ligar para o velho amigo de escola de Dartford Paul Ovenden, que havia emigrado para a Austrália e agora dirigia um táxi em Melbourne enquanto Mick dava um show lotado em uma arena local. "Ele era muito diferente da imagem que as pessoas tinham dele", diz Ovenden, "e falou muito sobre seus pais e sobre críquete, e coisas das quais ambos sentíamos falta na Inglaterra". As palavras seguintes foram churchillianas: "Minha esposa estava doente e eu passava por um período difícil. Mick me deu alguns conselhos para lidar com aquilo, dos quais nunca esquecerei. A essência era 'integridade e perseverança'. Ele disse que o estranho era que, de certa forma, desprezava a vida de astro do rock que tinha."

Em 24 de novembro, Keith Richards e sua banda embarcaram em uma turnê de três semanas pela América no teatro Fox, Atlanta. Para abrir o show, "Nós nos sentávamos em frente à bateria e fumávamos um baseado", Keith revelaria mais tarde. "Tudo que a plateia podia ver era essa luz passando.

Sentíamos o astral do lugar, e sentíamos quando era a hora certa — 'Ok, vamos começar' — e podíamos abrir com uma música diferente a cada show. Foi muito mais interessante do que fogos de artifício explodindo." Havia noites em que Keith, vestindo um casaco preto e uma camisa com babados, parecia mais um comediante de stand-up do que um músico, fazendo piadas sobre sua "outra banda" — os Stones — enquanto batia com a ponta de um longo cigarro em um cinzeiro soldado ao pedestal do seu microfone. Havia muitos brindes em homenagem a um ou outro membro da banda. A improvisação era a regra, e o repertório a exceção para a maioria dos 15 shows lotados. Dependendo do humor de Keith e dos Winos, eles podiam tocar um folk rock comovente ou um punk de estourar os tímpanos. Tudo acabou em um estádio esportivo de Nova Jersey em 18 de dezembro de 1988, que por acaso era o dia do aniversário de 45 anos de Keith. Patti estava lá com as meninas, além de Marlon, Bert Richards, Anita Pallenberg e mais duzentos amigos. Mick Jagger estava em Mustique e enviou as devidas desculpas pela sua ausência.

Em Londres, Prince Rupert Loewenstein fechava um acordo de 70 milhões de dólares para colocar a "outra banda" de Keith mais uma vez na estrada.

Notas

[1] Referência à banda fictícia do filme *This Is Spinal Tap*, paródia dos documentários feitos de grupos de rock que retrata uma banda de heavy metal em turnê e vários clichês do rock. [*N. da T.*]

[2] *Still Life,* em inglês, quer dizer "vida estática". [*N. da T.*]

[3] Em 1961, o tutor de Jagger na faculdade, Walter Stern, achara-o "tímido e educado" um dia e um "vagabundo arrogante" no outro. Stern não seria o único a fazer essa distinção com o passar dos anos. Em agosto de 1982, Mick passou um dia no camarote da imprensa no Lord's, onde esbarrou com Peter Smith. O velho correspondente de críquete do *Daily Mail* o achou "muito engraçado, simples e encantador até o momento ao final do dia quando, educadamente, pedi seu autógrafo e ele disse que eu fosse 'me foder'". Smith ficou impressionado com a "facilidade incrível [de Mick] de ligar e desligar sua imagem pública".

[4] "Me Decade", termo cunhado por Tom Wolfe no artigo publicado pela revista *New York* em agosto de 1976 *The 'Me' Decade and the Third Great Awakening*, que apontava para o fato de que na década de 1970 o senso de coletivismo observado nos anos 1960 havia sido substituído pelo individualismo. [*N. da T.*]

[5] Berry no final entrou em um acordo com 59 mulheres que haviam prestado queixa fora do tribunal, e a corte também revogou uma sentença de seis meses na cadeia pela posse de "plantas de maconha" encontradas na propriedade.

9

Os velhos demônios

Em fevereiro de 1981, Mick, Keith e seus respectivos cortejos haviam se encontrado em Barbados para resolver as diferenças, planejar a turnê que fariam em breve, compor algumas músicas e socializar. Oito anos depois, eles escolheram o mesmo lugar para dar um fim à "Terceira Guerra Mundial". Se o Gênesis, capítulo 1, versículo 1 dos Rolling Stones conta a história dos adolescentes Jagger e Richards se esbarrando numa manhã cinzenta de 1961 na estação de Dartford, o que acontecia agora, quando cada um chegava ao aeroporto Grantley Adams, Bridgetown, em seus jatinhos particulares, ofuscaria até mesmo esse encontro histórico pelo drama da ocasião. Naquele dia, encontrava-se no aeroporto um jornalista francês chamado Charles Vann, que trabalhava para a *Paris Match*. Foi Mick Jagger que acabou de chegar? Sim, respondeu um oficial da Imigração; Mick estava lá para férias "estritamente particulares" no Caribe. Duas horas depois, Vann pensava nisso no bar do aeroporto quando a figura inconfundível de Keith Richards, acompanhado por vários amigos rastafáris vestindo roupas coloridas, passou por ele em direção à limusine que o esperava. Vann telefonou quase sem fôlego no que teria sido o furo do show business do ano para o seu escritório em Paris, onde o editor, presumindo que Vann estava bêbado, ouviu educadamente e depois esqueceu a história.

Richards disse que estava "completamente excitado" por estar lá, mas também preocupado com a perspectiva de voltar a trabalhar com "Brenda" e

relançar os Stones na era do Guns N' Roses e do Nirvana. Ele disse à sua família que estaria de volta "em duas semanas ou em dois dias". Ao se encontrarem, ele e Mick não desperdiçaram tempo com recriminações. Os dois tinham músicas que eram sobras de seus álbuns solo, e a criatividade começou a fluir sob o sol tropical. No curso do final de semana de 14-15 de janeiro, eles concluíram três faixas, incluindo o refrão a plenos pulmões de *Mixed Emotions*, deixada para a banda. Depois, Prince Rupert se juntou a eles para uma conversa sobre negócios. Ele trouxe consigo o notório advogado da indústria musical de Nova York, John Branca, que em pouco tempo convenceu os dois Stones dos méritos de centralizar as vendas dos seus ingressos, filmagens e outras logísticas nas mãos de um único encarregado, sistema que funcionara muito bem para o outro cliente de renome de Branca, Michael Jackson. Mick: "Estávamos em um hotel com o mar quebrando lá fora e o sol brilhando e drinques, falando sobre todo o dinheiro que iríamos receber e como seria ótimo." Ao dispensar Bill Graham e ficar com o organizador de Toronto Michael Cohl, que conseguiu um acordo de patrocínio com a Budweiser, além de vários arranjos com a TV e outros direitos de merchandising, Prince Rupert garantiu o cachê magnífico de 18 milhões para cada membro fundador dos Stones por uma turnê de 15 semanas.

Quando Keith voltou para Connecticut, foi apenas para fazer as malas. Em 18 de janeiro, Mick e Keith fizeram sua primeira aparição pública juntos em três anos quando Pete Townshend entronizou os Stones no Hall da Fama do Rock and Roll em uma cerimônia com toda pompa no Waldorf Astoria, Nova York. Eles foram acompanhados por Ron Wood e Mick Taylor, que havia ganhado peso. Townshend fez todos rirem ao se referir à vida amorosa de Jagger e ao fato de Richards ter trocado o sangue, além de chamar Woody de o único membro da banda que "ainda tem seus dentes originais". Depois que a plateia parou de rir, Mick fez um discurso no qual agradeceu a todos, de Brian Jones a Jean Cocteau (mas não Andrew Oldham) enquanto Keith estudava propositalmente as unhas. "Ainda não estamos prontos para encerrar o número", Mick concluiu. Com isso, os três Stones e seu ex-membro afrouxaram os cintos e pularam no palco, onde se juntaram a eles Townshend,

Bruce Springsteen e Stevie Wonder para tocar *Satisfaction*. De repente, os velhos dessa banda disfuncional se transformaram novamente na maior banda do mundo. Charlie e Bill chegaram a Nova York no dia seguinte.

No início de fevereiro, todos voltaram a Barbados para a primeira sessão propriamente dita dos Stones em quatro anos. A música produzida foi perfeitamente competente, e às vezes muito mais que isso, mas eles passariam as próximas seis semanas gravando um álbum para promover uma turnê em vez do contrário. A banda levou algumas das músicas finais para o Air Studios de George Martin em Montserrat, expulsando Bill da ilha depois que sua amante em idade escolar lhe propôs casamento pelo telefone e ele aceitou. Mick e Keith não tinham intenção de interromper as sessões mais produtivas desde *Aftermath* com jornalistas de revistas de fofoca vindos de Londres.

Em maio, os Stones voltaram ao Olympic, a primeira vez que usavam o velho estúdio de *Beggar's Banquet* em vinte anos. Jagger chamou o novo álbum de *Steel Wheels* [Rodas de aço], ao que parece uma piada em virtude de a imprensa só falar dele como "uma amostra ambulante de antiguidades, com velhos lábios carnudos". Além de estar concluindo o álbum e preparando a turnê, Mick também reservou tempo para vários encontros com Michael Cohl, o promotor de eventos barbado e desgrenhado de 42 anos cuja semelhança com um roadie da década de 1960 escondia habilidades empresariais de alto nível. Amplamente creditado com o conceito de turnê em "pacote",[1] Cohl também logo enfrentaria a publicação de alegações, ainda que não comprovadas, de fixação de preços e evasão de divisas, bem como rumores de certas excentricidades pessoais. A revista *Fortune* mais tarde o chamaria, com um toque de admiração, de "Howard Hughes do rock and roll". Uma das primeiras atitudes de Cohl a beneficiar os Stones foi a assinatura de um acordo com a Event Transportation Systems (ETS), firma canadense que revendia ingressos para concertos a preços até cinco vezes maiores como parte de uma experiência "VIP" — tudo por vias legais. A ETS garantiu que Cohl e a banda recebessem 625 mil dólares, e Mick e Keith receberam uma quantia extra. Bill Graham tinha uma história de vinte anos com os Stones, promovera sua turnê de grande sucesso *Tattoo You* e havia gerenciado pessoalmente os concertos solo

de Mick na Austrália. Mas isso não era o bastante. Como ele disse em sua autobiografia, "O que aconteceu [em 1989] foi como ver minha amante favorita se tornar uma prostituta." No final, Graham conseguiu fazer uma contraoferta à de Cohl, o que teria dado um lucro direto um pouco maior para os Stones, mas lucros muito maiores em direitos sobre os filmes dos concertos e merchandising. Depois de ter feito a oferta a Jagger durante um voo de Concorde para Nova York, Graham concluiu perguntando: "Depois de todo esse tempo, qual é *de fato* a diferença para vocês entre 16 milhões e 18 milhões de dólares?" "Dois milhões de mangos, Bill", respondeu Mick.

O dinheiro ao longo dos anos obtivera sucesso onde cada outra estratégia falhara. Pela primeira vez, os cinco Stones todos os dias chegavam pontualmente ao estúdio. Foi "muito mais trabalhoso" do que antes, Mick confessou. Ele, Bill e Charlie apareciam para o trabalho com ternos leves de corte perfeito, enquanto Ron preferia as cores primárias e Keith ainda exibia uma mistura de estilos do rock and roll com acessórios complementares. Tudo na sua aparência, do rímel às botas gastas de cano curto, indicava um estilo de vida baseado na transgressão das normas associadas ao detestado *ancien régime* anterior aos anos 1960. Ele continuava um verdadeiro personagem do rock. Em Montserrat, um dos advogados trazidos para discutir as providências para a turnê aproveitou a oportunidade de dizer a Keith que havia gostado muito do que ouvira do novo álbum, mas cometeu a imprudência de acrescentar que com alguns retoques ele poderia ter sido "muito melhor". Ao longo dos anos, Keith reagira a críticas com armas carregadas, atiçadores de lareira e tacos de críquete. Sua resposta desta vez foi sacar uma faca de caça e jogá-la do outro lado da sala. Ela aterrissou aos pés do advogado. Entre os homens que administravam os negócios dos Stones, Richards muito tempo atrás já era conhecido como o "gênio temperamental" da banda. Na época em que organizavam a nova turnê, até esse eufemismo era pouco: nas discussões entre eles, ele era conhecido afetuosamente como "o louco".

No início de junho, a equipe dos Stones — agora com 370 funcionários — estava ocupada construindo acessórios que transformariam grandes palcos em cenas de *Blade Runner*. O cenário era tão extravagante que alguns ginásios

esportivos dos Estados Unidos eram pequenos demais para acomodá-lo. Nos shows ao ar livre, a torre da qual Mick cantava *Sympathy* precisava de luzes vermelhas brilhando no topo para alertar aviões.

O sucesso financeiro dos Stones, contudo, não se aplicava a Ron Wood. Após 14 anos de aprendizado, Woody continuava sendo um funcionário assalariado cujo dinheiro acabou uma ou duas vezes na década de 1980 — resultado de uma vida no estilo das levadas por Mick e Keith, mas com uma fração da renda deles. De forma geral, Jagger continuava gastando o dinheiro dos Stones com tanto cuidado como se fosse seu próprio dinheiro — e, de fato, grande parte dele era: Mick agora tinha um patrimônio estimado em 60 milhões de libras. Como Bill Graham podia atestar, o fato de alguém acompanhar a banda havia muito tempo não significava poder contar com a garantia de uma segurança financeira contínua. Em 1986, o velho amigo dos Stones Robert Fraser morreu só e praticamente falido aos 49 anos de uma doença relacionada à AIDS, enquanto, depois de ter sido demitido aos 66 anos em favor do candidato de Michael Cohl, seu velho assessor de imprensa Paul Wasserman tentou suicídio e passou um ano em uma prisão de Los Angeles por fraude. Por volta da mesma época, Mick Jagger foi contatado por Ossie Clark, o velho guru do estilo de 47 anos responsável pelo figurino brilhante de seda e veludo inspirado em Bali que definiria a aparência das turnês dos Stones de 1972-73. Ele perguntou a Mick se este podia lhe emprestar 50 libras: designers da moda de meia-idade também passam por dificuldades. No final da vida, Clark comentou que, "da velha gangue, somente George Harrison" havia se lembrado dele; em agosto de 1996, ele morreu em Londres esfaqueado pelo amante italiano em seu apartamento da habitação social.

Como vários amigos dos Stones observariam ao longo dos anos, qualquer um que esperasse deles qualquer apoio moral ou financeiro que fosse além da sua obrigação moral estaria cometendo um erro. Mesmo que não fossem uma banda compassiva, contudo, seus membros com frequência faziam demonstrações individuais de generosidade. Mick doou 20 mil libras para o hospital do câncer do jogador de críquete Imran Khan, e Ron Wood dava aulas de arte para crianças doentes. Por trás da imagem de aventureiro noturno de

Keith estava alguém que contribuía com projetos que iam do fundo mundial Furacão Andrew ao apelo por uma nova cabana de escoteiros em West Wittering. As pessoas passavam a pensar cada vez mais que a figura permanentemente embriagada, muito semelhante à de Dean Martin, que Keith agora adotava não passava de um disfarce cômico. O autor William Burroughs estava presente na primeira cerimônia International Rock Awards, realizada em Nova York em 31 de maio de 1989. Burroughs me contou que Richards passara a noite sendo "a sobriedade em pessoa", mas assim que subiu ao palco para ser homenageado como Lenda Viva "imediatamente iniciou seu número de comédia pastelão, engolindo as palavras." "Estamos tocando num padrão incrível", Keith disse à multidão, aparentemente se referindo às piadas sobre a idade dos Stones. "Por que não deveríamos competir com os garotos? Se qualquer um pode, também podemos."

Dois dias depois, Bill Wyman casou-se com Mandy Smith em uma cerimônia civil em Bury St Edmunds. Os Stones ficaram furiosos com Bill pelos ataques dos tabloides e por ter aberto um restaurante de fast-food chamado Sticky Fingers sem consultar ninguém. Porém, todos apareceram na recepção do casamento no Grosvenor House, em Londres. Mick Jagger deu ao noivo uma gravura de Picasso no valor de 70 mil libras e fez vários brindes encantadores e engraçados aos recém-casados e seus convidados distintos. Mais tarde na festa, alguns membros da jovem família da noiva pediram autógrafos a Mick. Ele os mandou se ferrar.

Em junho de 1989, os Rolling Stones reativaram a banda como uma placa de neon. Mick e Keith concluíram *Steel Wheels*, fazendo uma viagem ao Marrocos para gravar flautas e tambores de última hora para a faixa *Continental Drift*. (Os músicos jajouka ainda esperavam ser pagos por seu trabalho no álbum de Brian Jones, gravado 21 anos antes.) Julgando pelos anúncios comerciais e cartazes que de repente apareceram nos outdoors e muros de Londres, a CBS cumpriu seu compromisso para promover o novo álbum em um estilo à altura do retorno da maior banda de rock and roll do mundo. No início de julho,

todos foram acomodados em uma escola feminina desativada em Washington, Connecticut, a uma hora de carro da casa de Keith e cercada por tranquilos vilarejos da Nova Inglaterra com nomes como Dartford e Kent. No dia 11 de junho, os Stones apareceram no terminal 42 da estação Grand Central de Nova York para anunciar sua 11ª e última turnê pela América do Norte. Uma entre os quatrocentos repórteres presentes perguntou se eles estavam fazendo a turnê pelo dinheiro. Mick lhe garantiu que aquilo nem havia passado pela sua cabeça. "O que você diz, amor?", ele perguntou. Keith pegou o microfone e respondeu, sorrindo: "É pela glória, querida. Pela *glória*."

Desde o início, tudo transcorreu com rapidez: quatro concertos com ingressos esgotados da noite para o dia no Shea Stadium, dois em Toronto em seis horas. Um bloco de 200 mil assentos foi vendido à velocidade espantosa de 2 mil por minuto. Embora prevalecesse uma atmosfera de final de semana em Connecticut, a ressaca da "Terceira Guerra Mundial" emergia de vez em quando durante as preparações para as turnês. "Estávamos nos aproximando do ensaio geral, e eu não estava muito feliz com os metais, então telefonei para Bobby [Keys] e disse 'pegue um avião e se esconda quando chegar aqui'", Keith Richards escreve em suas memórias. "Então, vamos tocar *Brown Sugar*, e Bobby estava dentro, mas Mick não sabia que ele estava lá. Eu só disse a Bob 'quando tocarmos *Brown Sugar*, entre no solo. Então, era a hora do solo, e Mick olhou para mim e disse 'Mas que merda...?' E eu respondi 'Viu o que quero dizer?'" (Keith acrescenta que Mick passou o ano seguinte sem falar com Bobby Keys.) Depois disso, Jagger anunciou que não sairia em turnê se Jane Rose estivesse envolvida, e Richards respondeu que não havia problemas. Rose participou da turnê. Houve mais discussões em torno de acessórios de show, como pernas de pau, plataformas flutuantes e grupos de dançarinas. Quando o fim dos ensaios se aproximava, Jagger apresentou seu pupilo Matt Clifford, ex-corista de catedral que se tornara tecladista e fora chamado para operar os botões do sintetizador Korg e dar uma roupagem moderna a todo o repertório. Mick estava particularmente impressionado com Clifford, que, como ele disse a todos, daria "um gás" ao velho som dos Stones. Mais uma vez, os pontos de vista de Keith e Mick colidiram. Jagger argumentou que desta vez os Stones

não podiam se permitir fazer um concerto ruim. "Tudo tem que ser perfeito." Em seguida, Mick anunciou que estava "preocupado com a possibilidade de a bateria sair do tempo", e disse a Keith que eles precisavam de um metrônomo para assegurar que o ritmo fosse mantido.

Keith: "Deixe o tempo comigo, companheiro."

Mick logo corria 10 quilômetros por dia com um treinador profissional, enquanto Keith se preparava com vodca e cigarros. Todos os Stones passaram nos exames físicos pré-turnê. No dia 12 de agosto, a banda fez o primeiro concerto em oito anos nos Estados Unidos, no Toad's Place, de duzentos assentos, na orla de Connecticut. O primeiro sinal do concerto foi quando uma equipe de vinte homens estacionou com uma frota de vans e começou a entrar com amplificadores Fender Twin em carrinhos na porta dos fundos. Qualquer dúvida que a banda pudesse ter acerca de sua capacidade de satisfazer uma multidão no final da década de 1980 ficou para trás no momento em que Keith tocou os acordes de abertura *Start Me Up*. É tentador *querer* que a melhor banda de rock and roll do mundo ainda seja boa; outra coisa é ver os Stones de fato satisfazerem esse desejo, como fizeram.

Steel Wheels foi lançado uma semana depois. Mais uma vez, as consequências da Terceira Guerra Mundial podiam ser encontradas em todo o álbum, estabelecendo uma cisão: de um lado, as músicas de Mick, rápidas e com um toque de modernidade; do outro, as de Keith, quentes e preguiçosas; o fator constante era um rejuvenescido Charlie. *Sad Sad Sad* não era *Rocks Off*, mas ainda assim remetia a *Exile*, avançando a toda velocidade como um trem saindo de Memphis. *Mixed Emotions* e *Break the Spell* de alguma forma foram caracterizadas, respectivamente, como "comercial" e "bluesy". *Blinded by Love*, de Mick, além de conter uma letra ousada sobre o Duque de Windsor, era um retorno a *Blue Turns to Grey*, de *December's Children*. Keith, por sua vez, fez uma releitura dos riffs de *Bitch* e *Beast of Burden* que rendeu bons frutos, respectivamente, para *Terrifying* e *Almost Hear You Sigh*. Embora a maior parte de *Steel Wheels* tenha sido feita sob encomenda para se enquadrar nos formatos do rock clássico que agradavam as rádios americanas, os Stones também inseriram uma curiosidade: *Continental Drift*. Ela abria com o som de Keith

Richards passando sua faca na roda de uma bicicleta, passando para um padrão serpenteante de flautas marroquinas, cantos tribais e ritmos vudu, um tributo apropriadamente peculiar, ainda que tardio, ao pioneirismo de Brian Jones na world music.

Tanto Mick quanto Keith falam que *Steel Wheels* foi feito com muita rapidez. Está claro que não houve tempo para um trabalho de arte apropriado. Na época, sua capa lembrava a vitrine de uma loja de departamentos soviética. De forma geral, ele foi o álbum mais perverso — e contagiante — da carreira da banda. Ele chegou à 2ª posição na Grã-Bretanha e à 1ª nos Estados Unidos, tornando-se seu maior sucesso desde *Tattoo You*.

31 de agosto de 1989. As manchetes que anunciavam o retorno dos Stones como "A Triunfante Reafirmação de Individualidade e Autoexpressão do Ano" (*Spin*) adquiriram certa ironia diante da decisão do governo húngaro de abrir suas fronteiras com o Ocidente e, assim, precipitar o fim da Guerra Civil. Contudo, ainda assim aquela foi uma celebração oportuna da veracidade econômica do rock clássico. A banda teve uma condução digna da realeza até o Veterans Stadium da Filadélfia, com luzes piscando e uma escolta de sessenta policiais motorizados. Era o seu primeiro concerto pago em pouco mais de sete anos. Enquanto fogos de artifício explodiam e torretas disparavam chamas, Keith Richards entrou, por um segundo sendo o único no palco, e mais uma vez acendeu o fusível para *Start Me Up*. Fora alguns momentos confusos durante *Sympathy*, a banda fez um show impecável, com interpretações básicas e ferozes de *Midnight Rambler*, *Gimme Shelter* e *Satisfaction*. O som era mais cru e tinha menos aparas; Mick, com sua compleição serpentiforme em seu fraque e calças de montaria, rebolava e corria incansavelmente de um lado para o outro do grande palco, decorado como um parque industrial decadente que incluía caldeiras, vigas, calhas, mangueiras e canos expelindo fumaça. Para os que se encontravam no alto das arquibancadas, a banda parecia um show de marionetes distante, com Mick e Keith dando voltas ao redor um do outro e pulando pelo palco.

Durante 25 anos, as turnês dos Stones haviam sido famosas pelos seus excessos, por choques de egos em noitadas acompanhadas de quartos

destruídos, drogas, rostos estranhos em salões lotados, sexo e bajulação o bastante para todos. Com *Steel Wheels*, a atmosfera de sexo e barulho deu lugar à de profissionalismo gelado, com as groupies substituídas por esposas e filhos, e a operação conduzida como uma companhia móvel. Agora, Mick usava uma área para relaxar antes do show decorada com ícones do budismo e tocando música ambiente calma, e Keith e Ron se davam ao trabalho de afinar suas guitarras antes de subirem ao palco. Os únicos excessos eram na escala do show. Embora os Stones tenham retornado triunfantemente em agosto de 1989, eles não eram mais o grupo da turnê de julho de 1982. Em primeiro lugar, não havia menos de 15 músicos no palco em cada concerto: a banda, a seção de metais de cinco integrantes, três cantores para os vocais de fundo e dois tecladistas. Parte do charme presente no velho toque de decadência havia se perdido para sempre. O que emergiu foi uma banda bem ensaiada, que ocasionalmente tinha que se esforçar para lidar com todos os lança-chamas, máquinas de gelo seco e outros acessórios de palco. Até as músicas mais humanas e evocativas, como *2000 Light Years From Home*, às vezes pareciam vazias, ofuscadas pelo espetáculo e pela vulgaridade do neon. Havia pouco para lembrar a emoção original dos shows dos Stones. A música havia sido composta em uma cela de prisão de Brixton. Onde estava a sensação claustrofóbica de confinamento e desesperança em um set do tamanho do Lord's? Algumas músicas precisam de guitarras acústicas executadas à meia-luz. Aqui, tudo era alto e cafona e banhado por uma luz alaranjada abrasiva. Era tudo "imenso pra cacete", nas palavras de Charlie Watts. Quando os Stones iam para os bastidores, encontravam um verdadeiro vilarejo de suítes individuais, berçários, buffets, bares, salas de jogos e uma sala comum equipada com tapetes persas, sofás e uma lareira. "Não muito parecido com o pub de Manor, em Haringey", disse Charlie.

Da Filadélfia — onde uma Anita Pallenberg em recuperação e bonita outra vez apareceu nos bastidores — a banda seguiu para Toronto. De forma um tanto apropriada, a alfândega canadense esperava pelo ex de Anita no aeroporto. Após uma busca intensiva, eles confiscaram uma faca pequena. Keith não ficou feliz em descobrir depois que vários roadies famintos haviam

comido a torta de batata que ele sempre comia antes de cada concerto. Tanto os Stones quanto 53 mil fãs tiveram que esperar enquanto outra torta era preparada e servida. De acordo com o velho assistente da banda Tony King, "Tive que dizer a Mick: 'o show vai atrasar porque Keith não quer ir para o palco até comer uma torta de batata.' Mick disse: 'Você não pode estar falando sério.' E eu respondi: 'Desta vez, acho que sim.'" O prato finalmente foi servido nos bastidores em meio a cenas que lembravam uma corrida para o transplante de um órgão, com uma escolta policial completa e seguranças gritando em walkie-talkies "A torta está no prédio!" Como vários observadores disseram, nenhum dos Stones estava livre dos caprichos advindos de 25 anos de mimos. Keith naquela noite estava na sua melhor forma, correndo pelo grande palco, rodopiando ou fazendo um giro teatral, como se houvesse sido reanimado com um desfibrilador longe das câmeras. O momento de Jagger na plataforma flutuante veio com *Sympathy*, quando ele se apresentou do topo de um andaime de 30 metros de altura. Mick fez um intervalo fora do palco, quando Keith conduziu a banda em um mini-set de *Before They Make Me Run* e *Happy*, contando rapidamente sua longa história pública de dificuldades e triunfos na voz áspera já tão conhecida. Em uma operação integrada por pelo menos 12 contadores, parte de um centro de inteligência ambulante composto por trezentos integrantes, este era o clímax íntimo do show. Em algumas noites, Keith o substituía por *Little T & A*, manifestando toda a autoconfiança de um homem que, de acordo com relatos, tinha um par de calcinhas da mulher no bolso.

Por coincidência, Paul McCartney também fazia uma turnê pela América naquele inverno com um show cheio de sucessos (15 músicas dos Beatles e um bis tirado de *Abbey Road*), balançando a juba energeticamente e empunhando o baixo Hofner que o acompanhara na década de 1960. "Foi um estouro", ele confirmou para mim. Apesar dos assentos molhados e ondas de calor, seus concertos de alguma forma não conseguiram gerar o tipo de espontaneidade ou frenesi coletivo observado nos dos Stones. Era difícil imaginar McCartney começando uma música no tom errado ou gritando "Deixa comigo!" quando um solo se aproximava. Enquanto um show se assemelhava a uma grama

cuidadosamente aparada, o outro era uma selva. Keith entrou no palco certa noite com a mão direita visivelmente queimada depois de ter sido atingida por uma fagulha dos efeitos pirotécnicos, mas continuou tocando enquanto seu dedo queimava. Dali em diante, ele tocaria meia dúzia de vigorosos números de rock clássicos até parar tudo e iniciar uma balada country, sempre sob a densa fumaça de seu cigarro Marlboro. Já Ron Wood às vezes parecia perder a energia. Em um momento, ele ocupava o centro do palco, tocando o solo agudo de *Tumbling Dice* com gestos eletrizantes e sua alegria de costume enquanto fumava um cigarro. Em seguida, ele se encostava nos amplificadores com a mente perdida em devaneios, e um número inteiro passava despercebido, talvez enquanto Mick trocava a roupa pelo casaco de lamê que usava durante *Ruby Tuesday*. Bill mantinha a atitude de sempre, o rosto petrificado, como um pedaço de presunto velho retirado do congelador, satisfeito em passar duas horas parado no mesmo lugar tocando sem esforço as linhas de baixo consistentes — e brilhantes — de sempre. E, como era de costume, Charlie raramente chamava atenção, mas sua batida tinha uma energia sólida, baseada em ideias rítmicas. Por longos intervalos, Keith se postava em frente à bateria e tocava preso à pegada de Watts.

Como a banda, a caótica cena das turnês de rock and roll americanas em que os Stones haviam se divertido por tanto tempo também havia mudado dramaticamente em 1989; mas ainda tinha seus momentos. Durante um voo de helicóptero noturno para Washington DC, o piloto da banda reclamou que a fumaça dos cigarros caseiros de Keith e Ron estava tão densa que ele não conseguia enxergar o painel de instrumentos. Na época, isso foi motivo de gargalhadas; o mesmo não pode ser dito do que aconteceu dois anos depois, quando Bill Graham morreu em circunstâncias similares. Seguiram-se quatro shows com ingressos esgotados no LA Coliseum, com abertura dos Guns ‘N Roses depois que o Aerosmith recusou a honra. Eric Clapton visitou os bastidores no Shea Stadium, em Nova York, com a namorada Carla Bruni. Morena esbelta estonteante, aos 22 anos ela tinha exatamente a metade da idade dele, e recentemente deixara uma escola de arte na Suíça a fim de se tornar uma modelo. Clapton disse a Jagger: “Por favor, essa não — acho que

estou apaixonado." O grande e devasso guitarrista de blues atribuía o sucesso dos Stones mais à técnica e à publicidade do que a convicções musicais, mas sabia muito bem que Jagger já saíra com sua antiga companheira e mais tarde esposa Pattie Boyd. Mick garantiu-lhe que nada aconteceria. No entanto, quando Clapton tocou com os Stones no centro de convenções de Atlantic City seis semanas depois, ele tocou sabendo que sua última paixão e a futura primeira-dama da França estava assistindo ao show do conforto do refúgio particular de Mick nos bastidores. Os Stones a princípio haviam se recusado a tocar no resort decadente do litoral, mas mudaram de ideia quando Donald Trump lhes ofereceu 6 milhões de dólares. Trump, por sua vez, cobriu 250 dólares para cada assento, o que era aproximadamente nove vezes mais do que eles recebiam em outros shows. O público americano, contudo, estava feliz em dar as boas-vindas ao retorno da banda após um período bíblico de sete anos de ausência. Mas há mais detalhes. "Para resumir, os Stones me passaram a impressão de um bando de idiotas", Trump escreveria mais tarde entre outras observações pouco lisonjeiras, ao que parece resultantes do fato de que a banda ameaçara deixar o prédio caso ele se aproximasse deles.

Após quatro meses de musicalidade impecável e um cenário de parque de diversões, tudo terminou ali. Um público de 3,5 milhões assistiu aos Stones ao longo de sessenta shows, com um lucro de 98 milhões de dólares em ingressos e 40 milhões em merchandising. Foi a turnê de rock and roll mais lucrativa até então. A mera escala do empreendimento garantiu não apenas dinheiro, mas também reclamações. Keith, que não estava acostumado com a ideia de ser patrocinado, ficou furioso por ter que entrar em uma fila todas as noites para apertos de mão com executivos da indústria cervejeira, chamando Mick, com seu talento para negociar, de "filho da puta espertinho". Algumas diferenças em seus pontos de vista econômicos não eram apenas expressas, mas gritadas. As facções de costume se formaram. "A obsessão de Mick e Keith um pelo outro passou de todos os limites", conta um empresário dos Stones. "Mick tinha que saber o que quer que Keith dissesse a Wood. E Keith tinha que saber o que quer que Mick dissesse a Charlie." Outra pessoa que acompanhou a turnê de dentro disse que a atmosfera se resumia a "estar na gangue de Mick ou na

gangue de Keith em uma escola interna disfuncional". Enquanto isso, Jagger tocava guitarra com cada vez mais frequência no palco. Richards disse a amigos que Mick se saía bem no violão, mas que não era nem sequer confiável perto de eletricidade. O quartinho particular de afinação de Jagger rapidamente passou a ser chamado de "a casa de Deus". Pouco antes de sua morte, Bill Graham observou que o "cantor empresário" havia dado o tom e evocava as atitudes que haviam tornado sua própria partida da organização dos Stones inevitável. "Mas havia outro lado em Mick que o tornava uma figura e tanto, e que é o responsável pela sobrevivência dos Stones a todas as dificuldades. Eu admirava a disciplina que lhe permitira tirar um senso de direção dos drogados anos 1970. Ele cuidou da banda em todas as crises." Na última vez que se encontraram, em um simples e eloquente tributo, Graham sorriu para Mick, inclinou a cabeça para frente e tirou seu chapéu para ele.

No dia 5 de fevereiro de 1990, os Stones chegaram a Tóquio, assistiram à luta pelo título de Mike Tyson vs Buster Douglas seis dias depois, e então fizeram dez shows lotados de *Steel Wheels*. As multidões — uma mistura entre homens assalariados circunspectos, mães e crianças — aplaudiram antes de entrar, como se a um sinal combinado de antemão, em silêncio total. Até Mick, que já havia feito shows solo no Japão, parecia pouco à vontade com o silêncio reverente entre as músicas. Para Keith, o maior choque deve ter sido o horário de início do concerto, 18 horas, quando ele costumava tomar café da manhã. Depois de um intervalo no Caribe seguido por uma semana de ensaios em um castelo normando, a banda fez 45 shows pela Europa no verão. Mick conversava com a imprensa sobre manter a forma, enquanto Keith recebia manchetes sobre como ele parecia acabado desde os últimos concertos em sua terra natal. Ele vivera muito mais do que oito anos desde 1982. Um rabugento Bill Wyman estava com razão preocupado com sua jovem esposa. Mandy Smith se encontrava em uma clínica de Londres, sofrendo de "problemas advindos de múltiplas alergias [que] causaram estresse para o nosso casamento", como Bill escreveu em suas memórias, diminuindo bastante a gravidade da situação. Para piorar seu

sofrimento, depois de três anos na Real Força Aérea Britânica e trinta na estrada, Bill desenvolvera fobia de voar. O arquiteto britânico premiado Mark Fisher criou um cenário mais enxuto para os shows, que Jagger chamou de turnê *Urban Jungle*. Ele ainda tinha vários brinquedos com os quais trabalhar: uma escadaria que subia e descia correndo, vigas ao redor das quais rodopiar e grandes balões para furar com uma vara. A única coisa que Mick não fez foi bungee-jump. Apesar do padrão elevado do espetáculo, contudo, Mick garantiu que os acessórios só servissem como adição à música, e não o contrário. A noite de abertura em Roterdã foi incrível. Os Stones milagrosamente transformaram o Olympic Stadium em um clube de rock escuro e cheio de suor, com a fila do gargarejo frenética e garotos com camisa de flanela subindo ao palco para mergulhar sobre a multidão.

Em Berlim, Jagger disse a Richards que a multidão daquela noite era a maior que já fora assistir a um show dos Stones. Keith aumentou o volume dos amplificadores para o nível de uma bazuca, e Mick logo passaria a trabalhar com um protetor no ouvido esquerdo. Em Londres, o velho amigo de Dartford dos Stones, Dick Taylor, perguntou se sua banda, os Pretty Things, poderia abrir o show para eles no estádio Wembley. Enquanto Taylor esperava por uma resposta, Mick dava uma série de entrevistas sobre o que ele chamava de "merda constante" — ou seja, reviver o passado (ele era contra isso). Pouco depois, uma banda jovem chamada Gun, que na época tinha um sucesso disco entre as quarenta mais, foi anunciada para a abertura em Londres dos Stones. Na noite de 4 de julho, Mick cantava *Ruby Tuesday* quando a multidão de 70 mil pessoas no Wembley reagiu com um grito potente à notícia de um gol marcado pela Inglaterra para desempatar a semifinal da Copa Mundial contra a Alemanha Oriental em Turim. Quando chegou a hora de *Satisfaction*, até as arquibancadas mais elevadas erguiam os punhos para cima, e a participação do público quase afogou a banda. A Inglaterra perdeu a partida nos pênaltis.

Os Stones passaram por um período difícil naquele verão. Uma recessão e uma monção se combinaram para causar um declínio nos negócios. Em Roma, Mick celebrou seu aniversário de 47 anos diante de um público de três ou quatro mil pessoas, pontinhos espalhados pelo Stadio Flamino. Havia notícias

conflitantes sobre a taxa de câmbio da Espanha e da França. Entretanto, a banda se apresentou para 110 mil fãs famintos por rock and roll em Praga, sob o convite pessoal de Vaclav Havel. Cada ingresso para o show de 19 de agosto também servia como visto de um dia para as multidões que viajavam da Polônia para a Hungria. Havel mandou seu jato particular pegar os Stones, e operários ergueram uma língua gigantesca perto dos montes de Brevnov, em um ponto pouco tempo atrás ocupado por uma estátua de Stalin. Havia uma multidão muito entusiasmada no estádio naquela noite. Havel apresentou uma banda de calças de couro e camisetas onde se lia Urban Jungle, um grupo que dificilmente poderia ser associado aos líderes políticos do governo tcheco. Um Keith Richards efusivo mais tarde diria: "Fomos nós — rock and roll e blue jeans — que derrubamos o muro de Berlim" (que, mesmo entendendo o que ele queria dizer, já caíra nove meses antes).

A turnê terminou no fim do mês com dois shows remarcados depois que Keith machucou um dedo em circunstâncias misteriosas, exatamente um ano depois da noite de abertura na Filadélfia. Julien Temple interrompeu as filmagens de *Meu Amante é do Outro Mundo* para filmar os últimos concertos de Londres com câmeras Imax "rodopiantes". Ninguém além do próprio Bill sabia que seria o seu último show. Fazia 28 anos que ele havia colocado seu equipamento em um ônibus para fazer sua estreia em um salão metodista da juventude em Putney, que pagara 3 libras pelos serviços da banda (afanadas por Brian). Agora, Bill partia em sua limusine com a imprensa ainda publicando histórias sobre Mandy e suas alergias.

Os Stones deram uma festa para marcar o fim da turnê no Kensington Roof Gardens, onde todos beberam champanhe e comeram quilos de caviar. Eles podiam pagar: de agosto de 1989 a agosto de 1990, Mick, Keith, Bill e Charlie ganharam uma estimativa de no mínimo 11 milhões de libras. Quando eles chamavam o serviço de quarto na estrada, geralmente pediam algo de outro país: em Roma, salsichas de porco do Fortnum and Mason, em Londres, foram transportadas de avião; na Basileia, engradados de cerveja Guinness vieram da Irlanda. Fora a casual equipe de carpinteiros e motoristas, a banda estava sustentando 32 pessoas em tempo integral, o que incluía financiamentos

imobiliários e seus fundos de pensão. Ainda no verão, foi publicado que os Stones iriam para a Austrália, mas os shows foram cancelados devido a discussões durante a viagem e ao esgotamento físico da banda. Em outubro, todos finalmente se reuniram para planejar o que viria em seguida. Quem falou por mais tempo foi Bill Wyman sobre o dia em que estaria "velho demais para tocar *Satisfaction*" — dia que ele achava que chegaria quando tivesse 54, o que se aproximava rapidamente. De acordo com Ron Wood, Wyman aproveitou a oportunidade para expressar alguns velhos ressentimentos artísticos. "Bill disse 'Fodam-se vocês todos, vocês não usaram nenhuma das minhas músicas', e Keith respondeu 'Você ainda não percebeu que elas são inúteis?'"

Muito antes de a imprensa despertar para o fato na metade dos anos 1960, estava óbvio que todos os Stones, em particular Mick Jagger, haviam desenvolvido um forte desprezo pela "casa incestuosa de permuta de direitos adquiridos", como John Osborne chamara a elite dominante britânica. Mick achava que eles eram os filhos arrogantes do privilégio, como a garota rica sem nome pulverizada tão soberbamente em *Play with Fire*, de 1965.

Assim, a imprensa se divertiu ao descobrir que, à medida que seus gostos amadureciam, Mick começou a encontrar prazer na aristocracia, e que aqueles que antes haviam sido alvo das suas sátiras agora estavam entre seus amigos mais íntimos. Em um longo artigo no *Evening Standard* de Londres, o jornalista caçador Rory Knight Bruce agora explicava com detalhes como "Jagger Entrou Para a Aristocracia". Havia rumores de uma "amizade" (palavra resumida em uma biografia sensacional de 1993) de Mick com a princesa Margaret, de que ele inquiria a diretora da escola de sua filha mais nova sobre educação religiosa, servia cachimbos de vinho do porto em vez de se deitar com groupies, e passava a maior parte do seu tempo livre contando dinheiro ou ocupado fazendo retoques na propriedade do seu castelo francês. Mick negava. "Não tenho o mínimo interesse por jardinagem", ele disse à *Vanity Fair*. "Acho vinho tão sem graça... e também não jogo no mercado de ações." A verdade é que nenhum dos outros Stones, e muito menos a imprensa, conhecia o seu

interior. Cada pessoa que o conhecia estava familiarizada com um Jagger ligeiramente diferente, com ajustes sutis de acordo com a avaliação que Mick fazia do indivíduo ou das suas origens. Se havia uma característica constante na sua personalidade provavelmente era o senso de humor sarcástico, na maioria das vezes pouco apreciado, parte integrante da sua imagem de símbolo sexual do rock. Ao anunciar os shows da turnê *Urban Jungle* a serem realizados na Inglaterra em março de 1990, Mick pegou o microfone para se deparar com mais piadas relacionadas a sexo. "Talvez as gatinhas não gostem mais de mim", ele disse, e com isso colocou a imprensa no bolso. Quando ele subia ao palco na época, as pessoas gritavam de alegria, e ele dava o que queriam — movimentos sugestivos da pélvis com o microfone enfiado nas calças — para mostrar que, embora fosse só rock 'n' roll, o velho lascivo se esgueirava por trás da performance. O sexo continuava presente enquanto as demais imagens começavam a se desvanecer. Quando Mick decidiu selecionar uma nova secretária particular no verão de 1990, ele acabou com uma lista de três candidatas igualmente capazes chamadas Smith, Snow e Crotch. A última conseguiu o emprego.

Os Stones voltaram aos jornais no outono: em 21 de novembro, Mick e Jerry Hall (ao que parece tendo ignorado o episódio Carla Bruni, que ela imitaria em um comercial de shampoo) passaram por um ritual de casamento em uma praia balinesa. No curso de uma cerimônia de seis horas, um homem considerado santo chamado Ida Banjar entoou cantos, queimou incenso e aconselhou o casal a aceitar seu carma. Não há registros que confirmem se, como a tradição pede, o noivo também bateu na esposa com uma banana. Após 11 anos de solteiro, Mick estava casado outra vez. Contudo, a languidez aristocrática "não era sua área", de acordo com o que ele disse ao *The Times*, e em breve ele estaria de volta a Londres trabalhando nas fitas de um novo álbum ao vivo. Keith, por sua vez, passou a maior parte do verão com a família na Jamaica. As tarefas incluíam ficar deitado em sua rede com vista para o Caribe, ler, fumar maconha, ouvir o som da música rasta e tocar "Guts", seu violão Velasquez. Charlie Watts começou a gravar outro álbum de jazz, este dedicado a Charlie Parker, e Bill Wyman publicou suas memórias, que deixavam claro

que Bill era o Stone que havia recebido menos dinheiro, mas também o que havia feito mais sexo. “Nunca entendi esse lance dele de contar as mulheres”, Keith diria. “Pelo amor de Deus, o que você faz com uma garota em dez minutos? Isso é o que leva pra elas tirarem a roupa.” Bill e Mandy, que agora pesava apenas 31 quilos, separaram-se logo depois. De acordo com a imprensa, ela recebeu 4 milhões de libras.

No dia 12 de novembro, Ron Wood dirigia de volta para Londres na M4 depois do funeral de seu pai em Devon. Em algum ponto próximo ao Cruzamento 15, perto de Swindon, seu Mercedes derrapou no asfalto molhado pela chuva e bateu em outro carro. Woody saiu para inspecionar os danos, e estava de pé na faixa de alta velocidade conversando com o outro motorista quando um terceiro veículo o atingiu e quebrou suas pernas. Duas semanas depois, ele recebeu alta do hospital, mas saiu de cadeira de rodas, cumprimentando com o polegar os fotógrafos que o esperavam do lado de fora e acenando-lhes com uma garrafa de Guinness.

De modo geral, os Stones tiveram apenas três dias de trabalho em 1991. No dia 16 de janeiro, no momento em que os bombardeios dos Aliados iniciaram a Guerra do Golfo, a banda gravava seu 73º compacto, intitulado *Highwire*. O compacto pelo menos causou um impacto no autor do editorial do *Sun*. A dura crítica de Jagger ao sistema militar (que lhe permitiu rimar a palavra “tank” [tanque] com “bank” [banco]) recebeu o tratamento da afinação aberta em sol de Richards e de Wood, que ainda se recuperava, e chegou à 29ª posição nas paradas do Reino Unido. Bill se recusou a aparecer no vídeo. Mick e Keith empregaram um riff à la James Brown no lado B, que chamaram de *Sex Drive*.

Em abril, os Stones aceitaram 5 milhões de dólares para permitir que *Satisfaction* virasse um jingle do chocolate Snickers e lançaram um álbum ao vivo insípido, *Flashpoint*. Era o seu último lançamento sob o último contrato. Walter Yetnikoff tivera um grande desentendimento com a Anistia Internacional, ao que parece convencido de que eles eram antissemitas, agravado pelo consumo “montanhoso” de cocaína admitido pelo próprio Yetnikoff, e deixou a CBS abruptamente. O próprio selo logo seria colocado à venda e comprado pela Sony. Richard Branson imediatamente começou a

cortejar os Stones para a Virgin Music, de acordo com a imprensa tendo oferecido 45 milhões de dólares. Enquanto pesava a proposta, Mick contratou algumas modelos de lingerie para a produção rápida de um vídeo para *Sex Drive*. O vídeo era parte Freud, parte Benny Hill, com um tema central concentrado em mulheres seminuas que o fez ser banido na América.

Joe e Eva Jagger celebraram seus cinquenta anos de casamento naquele inverno, e seu filho mais velho ofereceu uma grande festa para comemorar no hotel no litoral perto da casa do casal em Margate. Eva me contou que ela e o marido ficaram impressionados com a "espécie de taça de ouro sólido" que Mick deu aos pais de presente, mas que usá-la havia sido "um pesadelo." Todo astro do rock chega a um ponto — que veio muito rápido para Jagger — em que a perseguição da mídia se torna insuportável. Assim, uma muralha de segurança foi implementada na noite da festa, com o assistente dos Stones Jim Callaghan pondo em prática todo o aparato das turnês, com seguranças de cara feia, choferes uniformizados e o que a senhora Jagger chamou de outros funcionários "parecidos com mafiosos" alinhados à frente de uma fileira de limusines pretas estacionadas na rua principal de Margate. Apesar das precauções, Eva se lembraria de "vários indivíduos em capas de chuva surradas" andando nas extremidades da sala. Um pequeno tumulto teve início quando um jornalista se apresentou como "o irmão de Mick" para Chris Jagger, mas logo foi resolvido com a intervenção de Callaghan.

Mick e Jerry passaram o resto do inverno em Atlanta, aparecendo ao lado de Emilio Estevez e Rene Russo no filme de orçamento generoso de Geoff Murphy *Freejack* — Os Imortais. O filme teve atuações impecáveis, mas o roteiro não convencia, com muitos diálogos que pareciam ter sido tirados de Harold Pinter e ao menos uma cena saída diretamente da série *Carry On.* Anthony Hopkins, que interpreta um milionário manipulador desprezível, parece ter saído de um pastiche cômico de outro planeta. Para o seu primeiro papel em Hollywood em 22 anos, Mick escolheu um suspense futurista em que humanos saudáveis são catapultados no tempo e submetidos a transplantes cerebrais. Interpretando um mercenário vestido de preto para encorajar doadores hesitantes, comentários sobre a sua atuação incluem "ele é o homem

mais improvável do mundo para interpretar um cara durão", "um travesti afetado" e "terrível, um pé no saco". Já o crítico Barry Norman disse que o filme precisava "urgentemente" do seu próprio transplante cerebral. Para vários jornais, restou especular se Jagger havia aceitado o papel só pelo dinheiro. Em maio de 1991, Mick pagou 2,2 milhões de dólares por Downe House, uma imponente mansão georgiana em frente a Wick, erguendo-se sobre Richmond Hill como uma Berghof do pop. Ela tinha dez quartos, seis salões de recepção, tetos originais estilo Adam, uma sala de ginástica e um berçário. Na metade do verão, Jerry estava grávida outra vez. Jagger trabalhava em seu terceiro álbum solo, que seria chamado *Wandering Spirit*. Um membro da equipe de produção da Capitol de Los Angeles lembra-se com admiração que "Jagger estava gritando na cabine dos vocais. No final, ele fazia uma pausa, olhava ao redor, e começava a discutir calmamente seus impostos com Prince Rupert antes de atender a um telefonema de Vaclav Havel. Certo dia, ele trocou telegramas com Boris Yeltsin. Você quer saber como ele parece com um homem renascentista? Lembro dele dançando ao som da música enquanto alguém de uma galeria entrava com umas pinturas a óleo para que ele inspecionasse, acho que para [Downe House]. Lá estava Mick Jagger rebolando, e ao mesmo tempo avaliando as obras de arte. 'Sim, aquela ali...'" Jagger também iniciara uma conversa com Tim Renton, o ministro das Artes do Governo Conservador, que conhecera durante um jantar de um legatário na Sala Núbia do Museu Britânico. O resultado foi um discurso inaugural no Dia Nacional da Música, que Mick anunciou durante uma coletiva de imprensa com o parlamento em 12 de fevereiro de 1992. A primeira pergunta que lhe fizeram foi: "Você se juntou ao Establishment?" Fazia exatamente 25 anos desde que a batida policial mais famosa da década de 1960 ocorrera em Redlands, com Jagger e Richards conduzidos algemados em público. Quatro meses depois, Mick promoveu o clímax das festividades do Dia da Música com um concerto rápido, mas muito bom, acompanhado por Charlie Watts e Ron Wood no Hammersmith Odeon.

Enquanto isso, Richard Branson assinava um contrato de 30 milhões de libras com os Stones, que garantia o adiantamento de 4,5 milhões de libras

para cada membro da banda pelos próximos três álbuns. A Virgin ficava com os direitos de distribuição do catálogo da banda a partir de *Sticky Fingers*. Era um compromisso financeiro notável para uma companhia cujas prestações de conta anuais mais recentes registravam lucros líquidos de apenas 500 mil libras e ativos avaliados em cerca de 3 milhões de libras. Certa noite, o contrato foi consumado quando Branson levou Mick, Keith e Woody para um jantar em uma sala particular do Mosimann's, em Londres. O jantar foi até as seis da manhã. Uma leve chuva havia começado a cair quando os astros do rock anões e de cabelos escuros saíram acompanhados por suas mulheres loiras e altas. Na estrada, através da chuva, era possível ver pessoas indo trabalhar a pé, de bicicleta ou de carro. Foi então que Branson saiu com um sorriso largo. "Como você se sente?", perguntaram-lhe. "Cansado", ele respondeu, "mas feliz". Histórias celebrando esse aparente triunfo do empreendedorismo britânico estavam em todos os jornais matutinos. Os que questionavam as finanças da Virgin ou o compromisso de longo prazo da companhia com seus artistas foram silenciados pela ameaça de um processo.

Três meses depois, a Virgin Music foi vendida para a Thorn EMI por 1 bilhão de dólares (620 milhões de libras), a maior quantia já paga por uma companhia independente da Inglaterra. Richard Branson usou a parte que lhe coube para abrir uma linha aérea. O contrato dos Stones (não assinado por Bill Wyman) rapidamente renderia dividendos com *Jump Back*, a última de uma série de seleções com os maiores sucessos da banda que começara ainda em 1966 com *Big Hits (High Tide & Green Grass)*.

Enquanto Mick trabalhava com o jovem produtor de hip-hop Rick Rubin (Run-DMC, Beastie Boys), Keith estava em Sevilha para participar de um show de Lendas da Guitarra cujo objetivo era promover a Expo 92. Talvez um tanto impulsivamente, ele e alguns dos Winos concordaram em se apresentar outra vez com Bob Dylan. O rápido set teve uma variedade de reações (a maioria de choque) com um ponto em comum: Dylan era um gênio louco. Famoso por tocar sucessos em releituras irreconhecíveis, ele escolheu Sevilha para ensaiar arranjos completamente novos — durante o concerto. Mais tarde

naquela noite, um repórter perguntou a Richards por que Dylan havia feito aquilo. "Porque ele é um filho da puta", Keith respondeu com afabilidade.

Os vários outros projetos paralelos dos Stones atraíam diferentes reações. Depois de ter concluído seu último álbum de jazz, Charlie Watts voltou para sua fazenda e tirou o telefone do gancho. Nas poucas entrevistas que dava, Charlie reafirmava que sua família e seus animais eram o que realmente importava na sua vida — o resto era só "besteira de astro do rock", ele disse ao *Today*. Bill Wyman agora tinha sua lanchonete e uma nova namorada modelo dos Estados Unidos, Suzanne Accosta, que, com 32 anos, para alguns observadores era velha demais para ele. Bill aproveitou a oportunidade para leiloar sua cama de casal (que pertencera a Mick Jagger nos anos 1960) por 24.740 dólares. "Gostei da aparência", disse o novo proprietário, um executivo publicitário chamado Ray Gaffney. "E ela com certeza tem uma história interessante." Bill continuou afirmando ter feito sua última aparição pública com os Stones. Keith Richards teorizou no papel que, aos 56 anos, seu velho colega havia enlouquecido — "Acho que ele está na terceira menopausa", observou Keith.

Em dezembro de 1991, a Virgin lançou *Keith Richards & The X-Pensive Winos at the Hollywood Palladium*, uma filmagem de 67 minutos da turnê de *Talk is Cheap*. Depois de *Flashpoint*, ele recuperou o respeito pelos álbuns ao vivo. Em janeiro, Keith estava no Hall da Fama do Rock and Roll, no Waldorf Astoria de Nova York, quando esbarrou em Andrew Loog Oldham no saguão. Com as mortes de Brian Jones e Ian Stewart, não restavam mais ressentimentos em relação a Oldham entre os Stones, mesmo que Allen Klein ainda fosse ouvido comentando sobre o "merdinha" que travara uma das batalhas legais mais duras com ele no final da década de 1960. Quando Keith viu seu antigo empresário entrando pela porta naquela noite, ele se aproximou, estendeu a mão e lhe deu as boas-vindas. Oldham se juntou a Anita Pallenberg, Marlon Richards e Chuck Berry na mesa de honra da cerimônia.

Em fevereiro, Mick Jagger foi abordado no aeroporto de Narita, em Tóquio, em uma viagem com o propósito de promover *Freejack*. Ele foi detido, um prato cheio para os tabloides, como um "dissidente social" e um "criminoso

condenado por drogas". Da última vez que Jagger tivera problemas por causa de drogas, *Let it Bleed* estava na parada de sucessos e a Inglaterra ainda era campeã mundial de futebol. Ainda assim, ele ficou detido por cinco horas. Enquanto os investigadores questionavam Mick sobre cada passo de sua vida inteira, autoridades começaram a debater sua condenação por porte de maconha de 22 anos atrás, quando ele tivera de pagar 200 libras em fiança. (Ele deve ter passado despercebido quando fez concertos lotados em 1988 e 1990.) Após dois dias, o Japão finalmente declarou que Mick não era uma ameaça para a moral pública e permitiu que ele entrasse no país. *Freejack* foi um fracasso de vendas.

O quinto bebê de Mick, Georgia May, nasceu naquele mês. Embora Georgia tenha nascido no Portland Hospital, em Londres, e passado a maior parte da infância em Downe House, sua certidão de nascimento apresenta como "domicílio padrão" de seus pais Mustique. Seis meses depois, Mick tornou-se avô quando Jade Jagger, de 20 anos, e seu namorado, o estudante de Artes Piers Jackson, tiveram uma filha a quem deram o nome de Assisi. Apesar da idade avançada, Mick ainda voava pelo mundo perseguindo moças da idade de suas filhas mais velhas. Em março, ele foi visto com uma "misteriosa beleza adolescente" no hotel Amanpuri, em Phuket, levando Jerry Hall a dizer à imprensa: "Confrontei-o sobre isso... Espera-se que um homem casado esteja com sua esposa quando ela acabou de dar à luz um bebê." A política de Mick em relação à santidade dos votos matrimoniais é cercada de dúvidas, mas, de forma geral, ele parece encará-los com uma atitude relaxada. Ainda na primavera, ele estava de volta a Paris para um jantar à luz de velas em um bistrô com Carla Bruni em meio a uma aglomeração de paparazzi e fãs dos Stones gritando, que privaram a ocasião da intimidade romântica pretendida. Jerry disse ao *Daily Mail* que estava "arrasada" por causa da humilhação. Depois disso, um tabloide britânico menos comedido imprimiu o conteúdo de um bilhete que a senhora Jagger teria escrito para o marido. "Quero que você tenha sua liberdade, e não vou ficar com raiva se você trepar com outras garotas; Eu o respeito, admiro, confio em você, preciso de você, e o amo", ele dizia, entre outras efusões. De acordo com as notícias, Mick e Jerry se reconciliaram

naquele verão no seu castelo francês, onde ele montou um estúdio caseiro para gravar algumas das faixas de *Wandering Spirit*. ("I'm as hard as a brick/Hope I never go limp" [Sou duro como um tijolo/Espero nunca ficar mole], Mick insistia na faixa de abertura do álbum.) "Espero que o homem recupere os sentidos", Keith Richards disse à *Vanity Fair* quando lhe pediram para comentar sobre a vida amorosa do velho amigo. "Ele deveria parar agora, o velho devasso. À beira dos 50, é um pouco demais, um pouco maníaco."

Keith, por sua vez, ensaiava para o seu novo álbum, *Main Offender*. Para dar início ao processo criativo, ele e os Winos se sentavam em Connecticut com suas guitarras, baterias e uma caixa de Stoli, e deixavam a inspiração chegar. Certa noite, o telefone na sala de música tocou três ou quatro vezes, e em todas era engano. Quando alguém atendeu, uma voz masculina balbuciou a palavra: "Eileen?". Keith começou a cantar o nome, e em breve tinha uma canção tensa, no estilo dos Stones, provando seu ponto de vista de que as melhores canções na maioria das vezes são acidentais. Ele interrompeu as gravações apenas por tempo o bastante para uma entrevista com Hunter S. Thompson (*Medo e Delírio em Las Vegas*), uma versão de ex-viciados da conferência Thatcher-Reagan de acordo com testemunhas, durante a qual os dois participantes principais se comunicaram com uma série de cliques, resmungos e gritos — "como a linguagem secreta dos golfinhos", a *Rolling Stone* disse. Em 20 de outubro de 1992, a Virgin lançou *Main Offender*, recebido com críticas positivas, mas pouco entusiásticas, e vendas igualmente mornas. Um mês depois, Keith deu início a uma turnê mundial solo.[2]

Enquanto o outro guitarrista dos Stones seguia tocando, Ron Wood realizava exibições de arte em Londres, Dublin e Tóquio. Um crítico britânico descreveu seu trabalho como "pós-A Levels, pré-escola de arte". Outro foi mais sucinto: "Constrangedor." Wood teve menos sorte ainda com o novo álbum solo, *Slide on This*. Nenhum selo importante o queria, então o guitarrista principal dos Rolling Stones teve que andar com as fitas de um selo para outro. No final, lançado pela Continuum Records, com sede em Nova Jersey, no final de 1992, *Slide on This* não entrou nem nas paradas inglesas nem nas dos Estados Unidos, embora tenha alcançado posições modestas entre as 50 mais

do Japão. Woody, contudo, riria por último, pois vendeu um retrato dos Stones em um ambiente Rei Jaime, *Beggar's Banquet*, para um colecionador particular pela quantia divulgada de 1,2 milhões de dólares. Charlie Watts, por sua vez, saiu da reclusão em sua fazenda de Devon para lançar mais um álbum de big band, que promoveu com uma rápida turnê cruzando os Estados Unidos de costa a costa. Sentado atrás de seu kit para um show no Blue Note de Nova York vestindo um zoot suit[3] de três peças, sem tirar o paletó nem afrouxar a gravata, era difícil lembrar que esse cavalheiro de cabelos grisalhos era o baterista da banda de rock and roll mais famosa do mundo. Em julho de 1992, o "Stone calado", como ele havia sido apelidado, deveria ter aparecido no programa da NBC *Late Night with David Letterman*. O assento tão cobiçado do programa teria exposto Charlie e seu álbum para uma audiência de quase 6 milhões de compradores em potencial, mas vinha com uma condição importante. Mantendo a política da NBC, ele seria acompanhado pela banda do programa. A discussão que se seguiu não foi muito longe, pois logo ficou claro que Charlie não estava aberto a acordos. Minutos antes do momento em que o programa deveria entrar no ar, ele deixou o prédio resmungando um "Foda-se", e saiu só, na noite quente de Nova York.

Os shows em teatros de 1992-93 de Keith Richards estavam muito distantes do rock em toda a sua glória dos estádios da turnê de *Steel Wheels*. Tocando principalmente o material de seus dois álbuns solo, Keith inseria alguns covers de Eddie Cochran e Elvis, além de um rápido medley incluindo *Happy* e passagens de *Brown Sugar*. As fórmulas familiares foram renovadas pelos arranjos enxutos, desprovidos de coros gospel — sem contar os balões de 2 metros e as torres com lança-chamas. Velhos clássicos como *Gimme Shelter* soavam fortes como sempre, e ainda melhores por receberem o tratamento básico em vez do esplendor do estádio. Embora Keith e a banda tivessem reações arrebatadas, não havia como escapar da sua "outra banda". Ao menos uma vez por noite, um grito de "Mick!" ou "Satisfaction!" vinha da plateia.

Em Seattle, Keith entrou com uma jaqueta vermelha, calça social preta de cano fino e botas gastas, os cabelos grisalhos coroados por uma bandana vermelha. Ele andava de um lado para outro enquanto tocava, às vezes se

agachando, rodando, e depois andando de lado como um caranguejo louco. Piadas cuidadosamente polidas preenchiam os intervalos entre as músicas. "Onde está meu cinzeiro?", Keith rosnou em certo ponto. Um roadie entrou no palco correndo com o item pedido. Isso foi o bastante para levar Keith a decidir que também precisava de um grande copo de vodca, que bebeu de um gole só para o delírio da multidão. Ele finalizou o concerto com um sorriso torto para a plateia enquanto abraçava sua guitarra. Richards e os Winos tocaram em Londres no dia 18 de dezembro para marcar seu 49º aniversário. Mick Jagger foi, mas, importunado pela imprensa, saiu cedo. Bill Wyman não pôde comparecer.

Embora Jagger e Richards estivessem tão ocupados com projetos extracurriculares em 1992-93 quanto haviam estado cinco anos antes, desta vez havia uma diferença importante. Ao longo de todas as suas atividades solo recentes, nem Mick nem Keith havia ameaçado deixar os Stones. E continuava assim. Keith disse ao *New York Times* que depois de trinta anos os "velhos veados" ainda eram um testamento vivo do poder da harmonia criativa e das desavenças típicas de irmãos que parecem ter surgido quase no momento em que se encontraram na estação de Dartford. "Amo meus filhos e minha mulher na maior parte do tempo", Keith comentou em outro lugar. "A música, eu amo o tempo todo. É a única alegria constante da minha vida. Nunca se está sozinho quando se tem uma guitarra. É a única coisa com a qual você pode contar."

No dia 9 de fevereiro de 1993, Mick Jagger lançou seu álbum *Wandering Spirit*. Keith disse a amigos que este, com seus três covers de soul e uma música do mar da Irlanda, não era tão ruim. Embora *Wandering Spirit* tivesse sua cota de rock vigoroso, grande parte do material original de Jagger tinha um ritmo lento, com letras reflexivas que exploravam temas de traição e conflitos domésticos. "It was love in a minute, it was love in a flash/It brings me no pleasure, just a stab in the back" [Foi amor num minuto, foi amor num flash/Não me dá prazer, só uma punhalada nas costas], ele canta em *Don't Tear*

Me Up, onde sugere ter sido cruelmente usado por uma mulher. "Love is fragile" [O amor é frágil], ele observa em outra parte do álbum antes de se queixar em uma terceira música: "I was your ever-present fool/You turned the heat off and left me standing/Freezing by your swimming pool" [Fui um idiota sempre ao seu lado/Você desligou o aquecimento e me deixou aqui/Congelado ao lado da sua piscina]. Sejam quais forem as conclusões tiradas da noção de Jagger como um tolo apaixonado, essas foram as canções mais fortes já lançadas em um álbum solo dos Stones. Entretanto, à medida que os álbuns se tornavam melhores, as vendas caíam. *Wandering Spirit* passou apenas uma semana nas paradas britânicas, e seu primeiro compacto, *Sweet Thing*, empacou na 84ª posição da *Billboard Hot 100*. Keith se mostrou solidário. Liderar os Winos ao redor do mundo lhe dera uma nova ideia do que "Brenda" passava com os Stones. Os Glimmer Twins se reuniram na casa da West 81 em Nova York naquele mês. Fazia quase quatro anos desde *Steel Wheels*.

"Nós nos sentamos", Keith recordar-se-ia. "Eu digo 'Tenho umas coisas'. Ele diz 'Beleza, também tenho'. Eu tinha uma palavra — foco. Estamos olhando para o mesmo escopo desta vez, temos todos os outros ingredientes, precisamos apenas de *foco*."

Àquela altura, Bill Wyman deixou os Stones publicamente com um anúncio ao vivo no programa de televisão *London Tonight*. Acredita-se que Jagger tenha recebido a notícia com calma, mas Richards não ficou feliz. Keith telefonou para Bill e disse que ele estava cometendo um grande erro. "Você está deixando milhões em grana para trás", ele disse. Não adiantou. Bill anunciou que se casaria outra vez, pensava em formar uma banda de blues e talvez escrever outro livro de revelações. Para piorar as consequências do seu recente divórcio, o filho de Wyman, Stephen, na época com 31 anos, anunciara seu noivado com Patsy Smith, de 47, ninguém mais que a mãe de Mandy Smith. (Caso os dois envolvimentos românticos houvessem dado certo, Bill teria se tornado genro do filho, Mandy teria se tornado ao mesmo tempo madrasta e enteada de Stephen, e Patsy, além de mãe de Mandy, seria sua nora — situação claramente delicada para todos os envolvidos.) Não houve mais telefonemas. Os Stones teriam que lidar com a terceira mudança na sua formação em 31 anos.

Enquanto Wyman abandonava a batalha, Keith voltou para a estrada com os Winos por mais cinco semanas, e depois encontrou Mick em Barbados para trabalhar em algumas músicas e fazer testes com baixistas. Muitos fãs dos Stones achavam que a partida de Bill representava uma chance para que Mick e Keith corrigissem um erro de 31 anos atrás e trouxessem Mick Taylor de volta a bordo, deixando o baixo para Ron Wood, já que ele originalmente tocara esse instrumento no Jeff Beck Group. Tendo recentemente concluído um tratamento com metadona em uma clínica do Hollywood Boulevard e voltado para a Inglaterra à procura de trabalho, Taylor, agora com 44 anos, pode ter parecido a opção lógica. Entretanto, como Tom Keylock disse certa vez: "Os Stones não estão nem aí. São como uma máfia. Eles não perdoam quem quer que os confronte, e se você fizer isso, não há volta." Após várias audições em massa em Nova York e Londres, Darryl Jones, de 30 anos, finalmente entrou pela porta. Ele havia sido baixista de Miles Davis e trabalhara com Sting em sua fase bebop antes de sair em turnê com músicos como Eric Clapton, Peter Gabriel e Madonna. Animado com a conexão com o jazz, Charlie imediatamente lhe deu seu voto. Jones era um perito, negro e americano. Ele nunca havia assistido a um show dos Stones. Quando o primeiro compacto da banda foi lançado, ele ainda não havia nascido. Entretanto, Mick e Keith lhe deram um salário (de acordo com relatos, de 200 mil dólares por turnê), da mesma forma que haviam feito com Taylor e Wood. Após 19 anos, e supostamente com a objeção de Mick, Woody finalmente deixou de ser um músico de apoio para ter uma participação nos lucros da banda em vez de apenas um salário. Ele celebrou a promoção esvaziando duas garrafas de vodca. Pouco depois, o empresário de Wood, Nick Cowan, levou-o para o seu exame anual obrigatório com um médico em Harley Street. "Quando o médico perguntou a Ron quanto álcool ele consumia regularmente, ele começou a fazer as contas, iniciando com uns goles de Guinness e terminando com as vodcas da madrugada. O médico analisou os números e comentou: 'Nada mau. No que diz respeito à companhia de seguros, está dentro da quantidade aceitável por semana.' 'Por semana?', Ronnie respondeu. 'Esse é o meu consumo *diário*.'"

No dia 9 de julho de 1993, os Stones começaram a trabalhar a sério, gravando no estúdio Windmill Lane, próximo às docas de Dublin, e muitas vezes fazendo intervalos para relaxar no pub de Wood, não muito longe do estúdio. Havia rocks de arrasar no estilo *Exile*, os originais substituídos por melodias que tentavam conjurar o espírito — ainda que não o conteúdo — de clássicos como *Rocks Off*, com algumas incursões (*Blinded by Rainbows*) em comentários sociais. E, para os inclinados para o lado romântico, havia Mick cantando *Sparks Will Fly* (Letra: "Gonna fuck your sweet ass!" [Vou foder sua bunda deliciosa]). A banda trabalhou a toda velocidade. Keith estava morando, como havia morado vinte anos antes, em Richmond, na cabana para empregados de Woody. No final de julho, todos tiraram um dia de volta para celebrar o aniversário de 50 anos de Mick em um baile com a Revolução Francesa como tema, incluindo uma guilhotina — "para a imprensa", explicou Jerry Hall (vestida de Maria Antonieta).

Depois disso, de volta a Nova York, e depois para o velho estúdio de Charlie Chaplin em Hollywood para concluir *Voodoo Lounge*, como o novo álbum havia sido batizado. A convite de Mick, o compositor-produtor americano de 40 anos e cabelos revoltos Don Was (*Walk the Dinosaur*) veio para participar das últimas sessões. Keith ficou furioso, explicando com um longo discurso a Was por que ele não era necessário. Was deixou o estúdio pensando: "Pelo menos tenho algo para contar aos meus netos."

Dois dias depois, Keith telefonou para ele como se nada tivesse acontecido. Was coproduziu *Voodoo Lounge.*

Was admitiu que trabalhar com os Stones foi muito legal. Também foi um pouco estranho. Quando Mick e Keith chegavam ao estúdio, "eles trocavam observações sobre uma partida de futebol talvez por 30 segundos, e depois iam para cantos opostos da sala". Restou a Was dar forma ao que mais pareciam vagas e intermináveis jams, o que constituía uma típica sessão dos Stones, e servir como mediador entre as instruções crípticas dos vários membros da banda para encontrar um som que fosse aceito por todos. A certo ponto, Mick anunciou que queria um álbum moderno impecável com "músicas dançantes, licks e outras coisas africanas". Keith tinha mais uma "vibração Elvis" em

mente. Charlie não tinha preferência em particular, mas me pediu para aumentar a bateria. Was presumia que os Stones deveriam estar planejando as sessões quando ele não estava presente, mas depois descobriu que não era assim. "A única vez que um deles ligou para outro foi quando Keith apertou o botão de rediscagem no Sunset Marquis e ligou para o número errado. Mick estava em uma casa alugada nas montanhas, e Keith ligou para ele e pediu mais gelo. Ele achou que estivesse falando com o serviço de quarto."

Quando o álbum foi finalmente concluído, Keith e Woody comemoraram dando o ar de sua graça na festa de lançamento do último vídeo de Peter Cook e Dudley Moore, realizada na cobertura do Cobden Working Men's Club, região oeste de Londres. A Kensal Road não via nada parecido desde a Coroação. Os dois Stones chegaram em uma carruagem da década de 1920, cercados por cinco guarda-costas enormes. Depois de ter subido as escadas, Richards bebeu um bocado de cerveja, e depois passou para a Stoli, impressionando até mesmo os anfitriões, bons adeptos do álcool. Peter Cook sugeriu acrescentar um pouco de água tônica, mas Keith rejeitou a oferta, aparentemente escandalizado pela possibilidade. "Não quero enferrujar", ele disse.

No dia 3 de maio de 1994, os Stones anunciaram sua 12ª turnê americana em Nova York. Foi um dos eventos para a imprensa mais brilhantes desde os dias do Coronel Parker, para não citar P. T. Barnum. No passado, a banda gerara tumultos no aeroporto e engarrafamentos no centro da cidade, e em 1989 parara a estação Grand Central. Sam Cutler vinte anos antes lhes dava o título de peso-pesado mundial do rock and roll todas as noites antes de subirem ao palco. Desta vez, os Stones chegaram no velho iate dos Kennedys *Honey Fitz* e avançaram sobre a Battery Park como se comandassem uma Invasão Britânica tardia. A coletiva de imprensa que se seguiu revelou que a idade não havia diminuído sua lendária autoconfiança. Mick disse "Ainda somos uma banda boa pra cacete", e em seguida fez um comentário desdenhoso sobre o falecido Kurt Cobain. O príncipe do grunge e porta-voz de uma geração cometera suicídio um mês antes. De acordo com amigos, Cobain demonstrara desânimo nos dias que antecederam à sua morte diante da notícia

de que tanto os Stones quanto os Eagles seriam campeões de vendas nos Estados Unidos naquele mês, tendo comentado acidamente "Poderíamos muito bem não ter dado certo", embora ele tenha sofrido outras pressões no final. A reação de astros mais velhos havia sido quase unânime. Paul McCartney, Eric Clapton e Bono se solidarizaram, e Neil Young escreveu um tributo comovente. David Bowie chamou a perda de Kurt de "um [dos] golpes realmente terríveis da minha vida". Mick não ficou impressionado. Para ele, "O cara queria morrer."

"Foda-se a imprensa e toda a merda sobre a turnê Geritol",[4] Keith logo acrescentou na mesma veia agressiva. "Seus imbecis. Esperem até terem nossa idade, e verão como ficarão. Tenho uma notícia pra vocês, ainda somos um bando de putos durões. Nos amarrem de cabeça pra baixo, e nem assim morreremos."

Entre todos os lugares, Keith e sua banda passaram o verão em Toronto. Foi lá que os ensaios começaram em um ginásio convertido a apenas 8 quilômetros do local do crime de 1977. Os Stones escolheram o Canadá porque o país tinha uma "vibração maneira", de acordo com Mick, mas também porque tinham permissões de trabalho para apenas seis meses nos Estados Unidos, e não desejavam lidar com a receita americana a não ser que fosse estritamente necessário.

"Não precisa copiar Wyman", Keith disse imediatamente a Darryl Jones. Jones encarou isso como um voto de confiança, e logo acrescentou um toque de jazz com licks ágeis e originais de baixo. Richards depois colocou os novos Stones para ensaiar durante seis semanas. A rotina básica era: um roadie escrevia o título de uma música em um quadro negro enquanto um colega buscava a faixa em questão em uma pilha de CDs — digamos *Rocks Off*, de *Exile*. Quando o riff clássico de porão ressoava no sistema de som, Keith e Woody começavam a acompanhar, copiando cada detalhe da gravação original. Charlie, por sua vez, pegava a batida, e Mick cantava o verso sobre os orgasmos da sua amiga dançarina, lendo a letra de um livrete. Em um ou dois minutos,

os velhos Stones estavam fazendo barulho como os jovens Stones. Eles tinham o som completo de uma banda em turnê, com Chuck Leavell, Bobby Keys, duas cantoras e uma seção de metais. Matt Clifford não foi convidado a voltar. Assistir a um grupo de taciturnos milionários de meia-idade tocando em um ginásio canadense pode não parecer uma experiência instigante, mas teve seus momentos. Nenhuma aparição semipública de Mick Jagger era feita sem uma aglomeração de jornalistas e fotógrafos para acompanhá-lo, e Charlie acrescentou um toque interessante aos procedimentos marcando o início e o fim dos ensaios com uma placa antiquada de "Aberto" ou "Fechado", do tipo usado em lojas, na frente de sua bateria. Bateristas, como goleiros, são um pouco diferentes.

Em outro lugar de Toronto, em um hangar de aviões, Mark Fisher e sua equipe trabalhavam em um palco com tecnologia de ponta que incluía dois computadores mainframe responsáveis pelo armazenamento e pela execução de todas as instruções de iluminação. De acordo com Mick, o design básico desta vez dizia algo sobre o século XXI, "com um futuro limpo, legal e muito, muito pra cima". (A previsão devia ter mudado desde a decadência generalizada do set de *Urban Jungle*.) Além do sistema de som de 90 toneladas e das telas de vídeo de 90 metros, havia um arco de ferro projetando-se para cuspir fogo por sobre os músicos conhecido como "Cobra". Esse conceito deliciosamente estranho era parte de uma companhia que operaria por 13 meses em 25 países, vendendo oito milhões de assentos. Em 1989, Michael Cohl havia feito um contrato para um pacote completo que garantia aos Stones cerca de 70 milhões de dólares. Desta vez, ele prometia mais.

Como um gesto de compromisso com o espetáculo, Keith Richards concordou em pintar o cabelo de preto.

Voodoo Lounge é lançado em julho. O que uma banda pode fazer quando uma de suas músicas é usada em um comercial do Snickers? Ao que parece, voltar ao cru e ao sujo. O 20º álbum de estúdio dos Stones finalmente lhes rendeu um cobiçado adesivo da Parental Advisory para conteúdo explícito,

especificamente para letras sobre sangue, entranhas e "bocetas alcoólatras", além de logo, um brinquedo sexual de borracha em uma arte pavorosa. A música é surpreendentemente exímia. Depois de trinta anos, a maioria das familiares progressões de acordes não soam derivativas, mas esperadas com prazer — de forma mais óbvia em rocks abrasivos como *Sparks Will Fly* ou a prima de *Lady Jane*, *New Faces*. *Voodoo Lounge* também busca variedade. O álbum abre com *Love is Strong*, um rock com uma bateria forte, breaks de gaita e entradas estratégicas das guitarras, e termina com *Thru And Thru*, de Keith, um blues lento que cambaleia, mal conseguindo subir a escada para se tornar uma canção consumada, mas no final alcançando um som extremamente musical, poético e triste. Jagger, Richards e Don Was deram ao álbum uma atmosfera úmida, subterrânea, como se finalmente houvessem pulado os passos intermediários e gravado no cofre de um banco. (Mick mais tarde reclamaria que seus coprodutores haviam sido muito retrógrados, e especificamente *Exile* demais, para o seu gosto.) *Voodoo Lounge* alcançou o 1º lugar na Grã-Bretanha e o 3º nos Estados Unidos, vendendo 5 milhões de discos, números que deixariam os deuses do pop atuais em êxtase. Keith ficou feliz com o álbum, e foi especialmente generoso em relação à performance de Mick na gaita. "Aquele foi um dos nossos instrumentos originais", ele disse à *Rolling Stone*. "E seu fraseado é tão diferente. Se ele pudesse passar para os vocais... No final", Keith resmungou, "é só colocar ar pra fora e pra dentro da boca."

A turnê teve início no dia 1º de agosto, com 55 mil espectadores pagando uma média de 60 e 35 dólares cada em ingressos e merchandising, respectivamente, o que significa que o palco de 3 milhões de dólares se pagou na primeira noite. Uma hora antes de cada concerto, havia uma reunião com representantes da Budweiser e poucos convidados VIP de sorte — um Bill Clinton, digamos, ou um Brad Pitt. Geralmente, tudo acabava em 60 segundos. Depois, vinha a meia hora sagrada em que Keith e Woody se trancavam na sala de afinação. Havia muitas atividades paralelas nos bastidores à medida que os seguranças retiravam "pessoal dispensável" da área, tarefa concluída com a mesma movimentação geralmente presente na mudança de governo de um país pequeno. Então, eles estavam prontos. Três Stones

entravam vestindo casacos de caça exagerados que iam até o chão, calças apertadas e botas, ocupando o palco cheios de confiança. Charlie, vestido como se estivesse indo à igreja, senta-se no banco da bateria. Como sempre, a multidão ainda não faz ideia de que o show está prestes a começar: eles estão ocupados demais gritando para o Cobra soltador de fogo. As luzes diminuem, provocando um urro forte. "Vou dizer a vocês", vocifera Mick, "como é que vai ser" ["I'm gonna tell you how it's gonna be/You're gonna give your love to me", letra de *Not Fade Away*].

É o velho feitiço fazendo sua mágica. Essa única frase acende a noite. Meu Deus! Eles estão *bem ali!* Jagger avança sobre o palco e se sacode um pouco. A banca toca os acordes distorcidos de *Not Fade Away*. A música é acompanhada por luzes incandescentes, telas e várias explosões. Tudo é amplificado ao limiar da dor. Os Rolling Stones estão de volta ao trabalho.

Depois do número de abertura, Keith vem com tudo em *Shattered* e *Rocks Off*. A primeira meia hora é irresistível. Parece haver vários Mick Jaggers, cada um em uma parte diferente do palco, gritando cheio de otimismo "*Yeahh!*" e "*It's a gas*" [É uma curtição]. Vestindo vermelho-cereja, ele grita e mia em *Tumbling Dice* e *Live With Me* antes de, talvez inevitavelmente, as coisas esfriarem na metade do set. Os Stones se sentem obrigados a tocar certos números com o intuito de venderem o novo álbum. Jagger grita, roda, faz o passinho do mashed potato — mas *Sparks Will Fly* não causa a sensação desejada. Lâmpadas coloridas piscam atrás dele como as de uma grande exibição de Natal. A música acaba com um aplauso educado. "Tudo ok?", pergunta Mick, ainda se apegando aos vestígios do seu otimismo. Antes excelente nas suas improvisações de palco, agora ele tinha um assistente profissional para escrever piadas, emprestado do amigo Lorne Michael, o produtor de *Saturday Night Live*. Mick finalmente ganhou de Keith no que diz respeito às pernas de pau, pois na noite de abertura um homem e uma mulher cambalearam sobre as suas durante *Monkey Man*. Os dois pareciam fantasiados de demônios, com uma variedade de chifres e caudas, e, no caso da mulher, um par de seios pontudos que bateram com força na cabeça de Mick quando ela se inclinou para beijá-lo. Os pernas de pau não apareceram mais na turnê. Para

números rápidos como *Start Me Up*, tudo era banhado em branco; para baladas como *Angie*, a luz usada era de um roxo-escuro. Depois que Mick, Keith e Ron fazem seu número Status Quo, com riffs em uníssono durante *I Go Wild*, a banda parte para o grande final, com rocks bazuca. *Honky Tonk Women* gera uma tempestade. No final, Keith desliza para trás de Chuck Leavell, e, dando-lhe um empurrãozinho gentil para que continue tocando as notas mais agudas do teclado, inicia um solo funky furioso. *Sympathy* explode contra um fundo de bonecas gigantes, entre as quais Elvis e a deusa Kali. São feitas mudanças rápidas, com muita fumaça e espelhos, e então vem *Brown Sugar*, com seu formato pergunta e resposta. A noite termina com o público acompanhando a banda em peso em *Jumpin' Jack Flash*.

Alcançando um equilíbrio entre o lado técnico e o emocional, foi um concerto com os ingredientes certos e uma turnê de grande sucesso. De acordo com os que ajudavam a administrar as finanças da banda, além das vendas de ingressos e do merchandising, as outras fontes de renda dos Stones no período de agosto de 1994 a agosto de 1995 incluíram um especial pay-per-view para a TV, duas noites com orçamento gordo no MGM Grand Casino, Las Vegas — seu primeiro concerto na cidade — e uma campanha robusta de "penetração de mercado", como Michael Cohl a chamou, o que significava que você podia comprar jaquetas do *Voodoo Lounge* não apenas em frente ao estádio, mas também no shopping-center local, por 525 dólares. E se, por acaso, você tivesse a sorte de ter acesso aos Stones com um passe "VIP`" para os bastidores, isso não significava exatamente que você estaria lá como convidado da banda. Mesmo que seu nome fosse Jerry Hall ou Patti Richards, você ainda tinha que pagar pelo seu assento. Literalmente tudo era ajustado para maximizar os lucros da turnê, fosse pela cobrança de uma taxa da família e dos amigos pelo privilégio de lidar com a vendedora particular de ingressos dos Stones em vez de recorrer aos pontos de venda públicos, ou pelo talento de negociação que Mick teve que pôr em prática para convencer Keith a aparecer ao seu lado em um programa adolescente popular da TV americana, *Beverly Hills 90210*, provavelmente uma tentativa de familiarizar a "Geração X" com uma banda que já era famosa antes de muitos deles nascerem. O memorando de Michael

Cohl para as tropas de 5 de outubro de 1994 em parte captura o espírito básico do empreendimento. "As principais mensagens benignas que precisamos disseminar", ele escreveu, "são: 1) vender os ingressos restantes, 2) divulgar o pay-per-view, 3) gerar consciência em relação ao que estamos vendendo... Todas [as outras] considerações devem ser vinculadas a esses três pontos". "Benignas" era uma palavra estranha a ser aplicada a uma campanha publicitária que tinha o mesmo senso de oportunidade que um tanque Sherman. Agora, os Stones não estavam mais dispostos a passar seu tempo nos bastidores na companhia de traficantes de drogas e groupies, mas sim com seus empresários e assessores. No dia 19 de outubro, Richard Branson ofereceu uma festa para a banda no American Legion Hall, em Hollywood, que fez a festa do Cobden parecer modesta. De acordo com Bill German, um jornalista que viajava com os Stones, "Branson estava sentado em um travesseiro gigante tocando cítara enquanto criados que pareciam egípcios o alimentavam e ventilavam com plumas imensas."

Cerca de 3 milhões de fãs compraram ingressos para a turnê pela América do Norte, que terminou em 18 de dezembro em Vancouver, onde a multidão cantou *Happy Birthday* para Keith. Cada Stone levou para casa por volta de 19 milhões de dólares pelos últimos quatro meses e meio de trabalho. Enquanto estavam na estrada naquele outono, o velho pianista da banda Nicky Hopkins (*Beggar's Banquet*, *Exile*) morreu de complicações após uma cirurgia de estômago aos 50 anos. Nos últimos anos, Hopkins queixara-se publicamente de que não havia recebido nada pelos seus serviços no estúdio, embora não haja provas de que ele tivesse alguma sessão em particular em mente. Um mês depois, Jimmy Miller, produtor da banda do mesmo período, sucumbiu por falência hepática. Ele tinha 52 anos.

Em 14 de janeiro de 1995, tumultos tiveram início ao redor do estádio Rodriguez, na Cidade do México. Cerca de 15 mil fãs sem ingresso queriam entrar e ver os Stones tocar. O mesmo aconteceu no Brasil, na Argentina, no Chile e na África do Sul. Todos os ingressos haviam sido esgotados. Março foi

igualmente produtivo para a banda no Japão, da mesma forma que abril foi na Austrália. No Dia do Trabalho, um show foi cancelado em Pequim por causa de problemas com os vistos dos Stones.

"Me disseram umas merdas no governo chinês sobre o porquê de eu não poder ir", disse Keith Richards, que nunca foi muito bom em dar detalhes. "Em primeiro lugar na lista estava 'Poluição Cultural', e lá pelo número trinta estava 'Causará engarrafamentos'. E entre uma coisa e outra havia mais um monte de merda."

Em maio, os Stones, usando o nome de Toe-Tappers & Wheel Shunters Band, gravaram e filmaram dois shows acústicos no relativamente pequeno clube Paradiso, em Amsterdã. Depois de Las Vegas, o café de cânabis de 550 assentos, parcialmente ajustado, deve ter parecido um quarto dos fundos. Com o acréscimo de algumas músicas que também receberam o tratamento *Unplugged* nos estúdios da EMI de Tóquio, o repertório apresentado naquela noite integraria o melhor álbum ao vivo dos Stones desde *Get Yer Ya-Yas Out*. Depois, o expresso *Voodoo Lounge* completo voltou a toda em Estocolmo. A Volkswagen pagou a quantia divulgada de 10 milhões de dólares para patrocinar os 39 shows lotados do verão. A companhia favorita de carros de Hitler aproveitou a oportunidade para lançar o "Fabuloso Golf da VW Rolling Stones Móvel", uma edição limitada com o logotipo da língua nos assentos e tapetes com uma cor púrpura psicodélica. Era mais uma adição medonha ao que, de outra forma, teria sido uma turnê perfeita.

De forma geral, os Stones se ativeram ao set bem ensaiado, agradando a maioria dos fãs, ofendendo outros com o palco da MGM, mas com algumas novidades. Do arquivo: *Connection*, *I'm Free*, *Let It Bleed*. Um medley acústico deixou o estádio completamente em silêncio. Para brincar com uma referência a si próprios, eles começaram a tocar *Like a Rolling Stone*, de Dylan. (O próprio Dylan abriu o show no sul da França.) Houve um show em Sheffield — o primeiro dos Stones em casa em cinco anos — e depois mais três em Wembley, onde Keith Richards deu uma pequena festa nos bastidores uma hora antes do início do show. Todos, de John Major a Jimmy Phelge (colega de quarto de Edith Grove em 1962 que serviu de inspiração para o nome da companhia

“Nanker Phelge”), aguardaram em uma tenda ricamente decorada esperando Keith trocar suas roupas comuns por um figurino quase igual ao que usaria no palco. O anfitrião chegou de bom humor. Alguém fez uma menção inocente de Marianne Faithfull, em que ela elogiava as técnicas sexuais de Keith, e outra pessoa observou que Marlon Richards e a esposa esperavam o primeiro filho. “Vou me juntar à turma”, brincou Keith. “Mandar fazer um terninho estilo vovô. Vou enfiar um saco de doces no bolso e deixar a barba crescer ou algo do tipo.”

Depois da turnê, Mick Jagger tirou longas férias para se dedicar ao críquete com a família. Depois das tardes de autógrafos, Marianne Faithfull apareceu certa tarde em Wormsley, o campo particular de Paul Getty, onde, talvez revigorada no intervalo para o chá, ela garantiu à mãe de 82 anos de Mick que seu filho também era “ótimo na cama”. Keith voltou para a Jamaica e começou a gravar alguns ritmos tropicais e vocais de reggae, o que no final se tornaria um álbum chamado *Wingless Angels*, a ser lançado pelo seu próprio selo, Mindless Records. Ron Wood teve um susto com uma suspeita de câncer, mas deu uma festa de Natal em sua casa, na Irlanda, com 1.600 garrafas de Guinness. A mãe de Charlie Watts morreu. Charlie lidou discretamente com a perda, não disse nada à imprensa, e depois viajou com a mulher para um safári na África. Aparentemente chateado por Mick ter dito ao público em Wembley “Sei que vocês estão preocupados com o nosso novo baixista, mas esse dança e sorri”, Bill Wyman começou a comentar que sua antiga banda era um bando de idiotas que as pessoas viam olhando com binóculos para uma tela gigante.

O álbum da turnê, *Stripped*, foi lançado em novembro. Como numa homenagem à força imorredoura do rock clássico, ele ganhou disco de ouro na mesma semana que o último lançamento de Elvis e *Anthology*, dos Beatles. Em dezembro, a edição semanal alemã *Der Spiegel* fez a declaração leviana de que os guitarristas dos Stones haviam dublado com gravações em certos shows de *Voodoo Lounge*. Keith ficou furioso, ameaçou processá-los, e a revista não tardou a admitir que havia cometido um erro terrível. Mais tarde no inverno, o governo canadense dera início a uma investigação criminal das alegações de que Michael Cohl havia cobrado 3 dólares a mais por ingresso vendido nos dois

concertos realizados pelos Stones em Toronto — o que, caso verdade, significaria que ele havia embolsado uma quantia ao redor de 340 mil dólares em um único final de semana. Nada nunca foi provado, mas ele foi obrigado a vender parte de suas ações de volta para a Labatt's. Depois disso, a companhia de produção de Cohl mudou de nome para The Next Adventure, Inc, e imediatamente começou a preparar uma nova turnê dos Stones. Enquanto isso, a Microsoft pagou 5 milhões de dólares à banda para usar *Start Me Up* em uma campanha publicitária. Mick e Keith recusaram uma oferta de "um ou dois milhões" para compor o tema para o próximo filme de Bond.

Quando Allen Klein finalmente lançou o álbum e o vídeo de *The Rolling Stones Rock 'n' Roll Circus* em outubro de 1996, 28 anos depois do evento, pôs fim a uma longa espera dos detentores dos direitos sobre o projeto e dos fãs. Já os Stones não demonstraram grande animação pelo que Mick chamara de "merda constante" de reviver o passado. Embora Klein tenha organizado uma pré-estreia em grande estilo para o filme no Public Theater de Nova York, com vários domadores de leões, engolidores de fogo e outros artistas com propósitos menos óbvios no saguão de entrada, nenhum membro da banda compareceu.

Uma semana depois, Mick Jagger inaugurou sua própria produtora de cinema — a Jagged Films — e comprou o romance de Robert Harris *Enigma*, que Tom Stoppard adaptaria para as telas. Mick logo visitava a atriz Uma Thurman em Los Angeles, produzindo manchetes como HEART OF STONE[5] e levando Jerry Hall a consultar um advogado. Em janeiro de 1997, o astro do rock de uma libido hercúlea se sentia seguro o suficiente em relação à sua masculinidade para vestir um vestido e aparecer como uma drag queen decadente no filme de Sean Mathias *Bent*, sobre um campo de concentração para gays. Muitos críticos ficaram impressionados com a performance contraintuitiva de Mick, e havia até rumores de uma indicação para o Oscar. Keith Richards, por sua vez, achou-a uma "maldita piada".

Enquanto isso, o Charlie Watts Quintet terminava uma turnê no Japão. Woody descansava entre um projeto e outro. Keith aproveitou a oportunidade

para convocar uma reunião da banda em Nova York.

A situação ficou tensa. Mick queria produzir filmes e gravar o quarto álbum solo em vez de passar o resto da vida "se transformando em uma merda de jukebox de velharias", como ele colocou certa vez ao falar sobre os Stones. Além disso, havia passado muito pouco tempo depois de *Voodoo Lounge*. Os representantes da Virgin discordavam, falando de cota de mercado e de renovar a fórmula de sucesso álbum-turnê-vídeo. Pela primeira vez, Keith e os caras de gravata estavam no mesmo time. Com Michael Cohl falando de um lucro em potencial de 300 milhões de dólares por dia, o que renderia a cada Stone cerca de 35 milhões de dólares, Mick logo conseguiu encontrar espaço na agenda e se juntar aos outros membros da banda para ensaios no estúdio Greenwich Village. Em março de 1997, todos estavam de volta a Barbados, o início do velho ciclo. Keith mostrava que valera a pena voltar a trabalhar, enquanto Mick, em sua vila, escrevia a duras penas sobre sua vida amorosa. Mais uma vez, ele queria que um som digital preciso prevalecesse, e contratou gente nova como Danny Saber (Busta Rhymes, Black Grape) e os Dust Brothers para coproduzir o álbum. Isso deu a Keith a oportunidade de compartilhar algumas ideias sobre o que ele chamava de "geeks techno" e "giradores de botões" — os quais, de preferência, nunca deveriam se aproximar dos Stones. "Você diz Dust Brothers", ele rosnou, "eu digo das cinzas às cinzas". De volta ao estúdio Ocean Way, em Hollywood, Keith esbarrou em Kenny "Babyface" Edmonds quando estava a caminho da sala de controle certa noite. Jagger convidara o prodígio de 37 anos por trás de Paula Abdul e Toni Braxton para emprestar outro ouvido às gravações. "Se gravar com Mick", Keith disse, "seu rosto vai parecer o meu. Você pode ser Babyface [rostinho de bebê] agora, mas vai ser *Fuckface* [rosto fodido] depois que terminar com aquele cara".

Enquanto os Stones trabalhavam em Los Angeles, a inconstante banda do norte inglês Verve fazia mais uma tentativa com o compacto *Bitter Sweet Symphony*, que alcançou as paradas de sucesso em junho de 1997. A batalha legal que se seguiu rendeu aos Stones e seus ex-empresários semanas de manchetes indesejáveis, além de 4 milhões de dólares, de acordo com o que foi publicado. Embora o Verve tenha tido um sucesso transatlântico com a música,

eles pagaram caro por terem usado um pequeno trecho da obra de arte de 1996 de Andrew Oldham *Today's Pop Symphony*. Klein entrou em cena, alegando em juízo que o Verve "explorara deliberadamente" a criação de Oldham a fim de "maximizar consideravelmente receita e lucros". Isso, aparentemente, ia contra a "integridade artística original" da obra em questão. *Bitter Sweet Symphony* foi legalmente tirada do Verve e creditada a Jagger-Richards. Klein licenciaria a música para um comercial de TV da Nike.

No final de junho, Mick e Keith haviam começado a gravar as contribuições para o novo álbum em salas diferentes — e, com frequência, cidades diferentes — um do outro. Cada um tinha sua própria equipe irregular dos Stones: Jagger trabalhava em um estúdio com Danny Saber e Matt Clifford, enquanto Richards trabalhava em outro com Blondie Chaplin (ex-Beach Boys) e Waddy Wachtel, dos Winos. Keith poliu as duas últimas faixas sem a ajuda de Mick. Uma delas, intitulada *Thief in the Night*, de acordo com relatos se referia a problemas em casa com Patti. No último momento, Richards contratou Jeff Sarli (Bluesiana, Marshall Crenshaw) para acrescentar um baixo vigoroso no estilo rockabilly de Bill Plummer em *Exile*. A essa altura, Jagger estava de volta a Londres com Jerry Hall, que estava grávida. Depois de discutirem o assunto por telefone, ele e Keith mudaram o título do álbum de *Blessed Poison* para *Bridges to Babylon*, com uma Torre de Babel apropriadamente incluída na arte da capa. Don Was foi chamado para finalizar o trabalho na noite de 30 de junho. Na manhã seguinte, Mick voltou a ligar queixando-se de que Keith recebera três músicas para cantar no álbum, o que ele considerava "inédito" e "inaceitável". De acordo com Was, "Havia um impasse entre esses dois caras, e nenhum cedia, e íamos perder a data de lançamento, e a turnê começaria sem um novo álbum para acompanhá-la." No último momento, um engenheiro conseguiu editar o espaço entre as duas últimas músicas de Keith para que elas se tornassem um medley, o que foi suficiente para Jagger, que também estava ocupado lendo as notas do encarte com aquela mistura de profissionalismo e ocasional pedantismo que enlouquecera o diretor de arte de mais de um selo importante até que ele aceitasse suas exigências. O fato de que o álbum estava nas lojas seis semanas

depois demonstra a eficiência do sistema de negócio de Mick. A última contribuição de Keith para o álbum foi dar uma fita a um motorista, que a levou para uma lancha, a qual disparou à luz da lua, atravessando o Estuário de Long Island até um estúdio de masterização em Nova York.

Um mês depois, Richards ouvia as fitas concluídas de *Babylon* em Redlands quando, num momento Verve, sua filha Angela disse que havia "algo engraçado" em uma das faixas. Jagger havia usado inconscientemente a melodia de *Constant Craving*, de k.d. lang, em uma música chamada *Anybody Seen My Baby?*. Keith telefonou imediatamente para Mick. Depois, vários advogados juntaram-se ao debate, e negociaram uma solução que deu a lang e seu parceiro créditos pela composição e direitos de autoria. Keith garantiu que o dinheiro saísse da cota de Mick.

18 de agosto de 1997. Os Stones entraram em Manhattan numa manhã de segunda-feira, piorando o engarrafamento da hora do rush na Ponte do Brooklyn ao atravessá-la num Cadillac 55 vermelho-cereja. Se a felicidade realmente é a satisfação de um sonho de infância, como diz Freud, aquele foi um momento importante para os meninos de Dartford e Neasden. Também era uma cena inspirada nos dramas de rua. Mick Jagger estava no volante, enquanto os outros três viajavam como passageiros. Na South Street, Mick e Keith saltaram e falaram com os jornalistas que os esperavam sobre o álbum e a turnê. Quaisquer dúvidas sobre a maré ainda estar a seu favor foram solucionadas em 27 de agosto, quando um milhão de fãs tentaram comprar ingressos para os shows de estreia em Chicago. Nesse momento, os Stones estavam de volta ao seu familiar local de ensaio em Toronto. Lá, os membros mais velhos da banda pareciam passar por uma de suas periódicas inversões de papel. Enquanto Mick agora dizia a todos que estava animado para a turnê, um Keith mal-humorado quase estrangulou Woody quando este saiu sem permissão certa noite para assistir a uma partida de boxe na televisão, e depois compartilhou alguns pontos de vista com o *Entertainment Weekly* sobre a performance de Elton John no funeral da princesa Di. O talento de Elton, de acordo com Keith, era "compor músicas para loiras mortas... Eu acharia difícil fazer isso, mas Reg é tão showbiz." (Quando lhe perguntaram se ele gostaria de

tocar em um concerto em memória da princesa, Keith respondeu: "Desculpe, eu não conhecia a garota.") Elton retorquiu que Richards era "como um macaco com artrite, tentando subir ao palco e parecer jovem. Ele deveria ter sido expulso dos Stones há anos." Keith Richards não estava interessado em parecer jovem, mas a parte do macaco teve um impacto. Provando que era capaz de levar uma piada na brincadeira, ele chamou sua suíte nos bastidores da nova turnê de Gaiola do Babuíno.

No final de setembro, *Babylon*: a força destruidora dos Stones avança, abraçando o rock and roll básico, o funk cru, o reggae lento, o pop sentimental e até um spiritual tradicional. Há momentos, como na batida de trem-bala de *Flip the Switch*, em que a banda de jovens arrogantes de trinta anos atrás reaparece, e há outros em que os músicos de 50 e poucos anos reduzem o nível de testosterona: um sabor mariachi/jazzy permeia *You Don't Have to Mean It*, e parece que é o próprio Mick que precisa de socorro emocional em *Already Over Me*, onde ele diz: "I'm so hurt, so confused/I've been burned/ I've been bruised" [Estou tão magoado, tão confuso/Tive queimaduras/Fui machucado]. Entre vários outros tesouros, *Saint of Me*, com sua atmosfera de igreja, traz Billy Preston de volta após vinte anos, e *Always Suffering* é um tributo a Gram Parsons. O álbum fecha com *How Can I Stop*, que apresenta Keith Richards numa veia sentimental de gângster, cantando suas várias obsessões no familiar zumbido rouco, uma voz que soa cada vez mais como se Keith a deixasse marinando em um barril de vinho do Porto entre um álbum e outro. Entretanto, nem tudo funciona de forma impecável. Alguns dos números mais agitados do álbum contêm não apenas os vocais básicos, guitarra e bateria, mas dúzias de camadas de linhas de teclado, percussão, efeitos de som estridentes, pequenas melodias adicionais imprensadas por trás de todos os riffs sob o riff principal — o tipo de técnica de superprodução usada pelos Dust Brothers, os homens responsáveis pelos Beastie Boys e por Beck. Mas a maioria das músicas "têm um som selvagem sem soar forçadas, contemporâneo sem sucumbir excessivamente às tendências modernas do rock", nas palavras comedidas da *Rolling Stone*. "É a banda que amávamos, que fez álbuns que não eram nem conscientemente modernos, nem nostálgicos demais."

Bridges to Babylon foi o melhor álbum dos Stones desde *Exile*. Ele vendeu por volta de seis milhões de discos durante os dois anos que a banda passou em turnê.

No dia 23 de setembro, a turnê de *Babylon* teve um início explosivo em Chicago. Os fãs gritaram quando os Stones começaram *Satisfaction*, tocando o riff ao mesmo tempo que uma luz branca atravessou a tela JumboTron como um quasar. Keith Richards entrou de óculos e com um casaco de pele de tigre amarfanhado, plantando-se do lado esquerdo do palco. Ele era o olho calmo do furacão. Cada personagem tinha sua própria missão urgente. Mick acenou quando entrou correndo em sua calça de montaria preta, sua casaca azul com pontos brilhantes e uma echarpe branca de ópera. Woody entrou de saltos altos, nariz trêmulo, girando a guitarra. Darryl Jones entrou, procurando seu lugar entre os membros da banda, até parar em frente ao trompetista, que girou com o trompete como um mata-moscas. A seção de vocais de fundo entrou dançando pé ante pé. É uma sensação curiosa assistir a tanta atividade frenética sem se impressionar com nada. As únicas figuras serenas eram Keith e Charlie, que soavam melhores do que nunca.

O show teve várias trocas rápidas. Mick (que usou nove jaquetas consecutivas, com destaque para uma vermelha coberta por lantejoulas e uma echarpe de plumas saindo no topo) tinha muito a agradecer ao designer do palco e ao departamento de acessórios. Estes, por sua vez, contavam com uma equipe eclética, que incluía Andy Warhol, Liberace, Siegfried e Roy, *Pop Mart*, do U2, *Arabian Nights*, Cecil B. DeMille, e especialmente Albert Speer. O palco era uma maravilha da alta tecnologia que lembrava uma cena bíblica filmada em Las Vegas. Microfones em aglomerados em forma de abacaxi no topo de colunas gigantescas. Figuras nuas infláveis agachadas, acorrentadas, perto da maior tela de vídeo do mundo. Na metade do show, uma ponte se erguia no palco principal, e, projetando-se como uma escada de bombeiro, arqueava-se para se tornar uma plataforma. Os Stones percorreram um set rápido de clássicos do R&B como *Little Queenie*. Ainda que uma atmosfera estimulante do Crawdaddy Club prevalecesse sobre o palco B, não se pode dizer que ela era tão espontânea como fora no passado: quando Keith Richards

embarcou certa noite numa versão aparentemente improvisada de *I Just Wanna Make Love to You* diante de 70 mil fãs delirantes no Texas Motor Speedway, uma equipe de técnicos nos bastidores teve que adaptar o esquema de iluminação da melhor forma que pôde para acompanhar a música. Depois, de volta às Grandes Três — *Honky Tonk Women*, *Start Me Up* e *Jumpin' Jack Flash* — ecoando entre os pilares romanos dourados. (Você de alguma forma lembrava que a banda havia passado semanas ensaiando em um templo maçônico.) Mais erupções, confetes, fogos de artifício. Os aplausos duraram tanto tempo que os Stones voltaram e decidiram tocar *Brown Sugar* como bis.

À medida que o inverno se aproximava, os Stones migraram para o sul e para o oeste. Keith Richards se preparava para os shows ao vivo com Stoli e suco de amora. Woody se limitava a canecas de Guinness, das quais ele tomava um número impressionante antes e durante o show. A abertura era feita por Sheryl Crow, que às vezes se juntava à banda para um dueto cheio de tensão sexual, com Mick lambendo o suor do seu busto em uma arena úmida do Texas. A Sprint da Telecom havia substituído a Budweiser, injetando milhões na turnê. Keith atrapalhou um pouco o merchandising informando à imprensa que raramente usava um celular, e que "os malditos dão câncer". Em outubro, os Stones fizeram dois shows no Veterans Stadium, Filadélfia, que renderam 7 milhões de dólares. Mick ficou gripado. Ele e Keith, aproveitando mais um retorno, apareceram na capa da *Rolling Stone*, sua 24ª capa na revista, juntos ou separados. No final de novembro, a banda tocou outra vez em Vegas, em uma noite reluzente no MGM Grande. Grande parte da plateia veio do outro lado da cidade de uma convenção da Avon e passou o concerto com os dedos nos ouvidos. Richards disse à imprensa que ainda subia ao palco com o que quer que estivesse usando, o que muitas vezes por acaso era uma camisa com estampa de zebra, aberta até a cintura, e vários medalhões. Para relaxar, ele estava lendo os poetas Beat, *Erotica Universalis* e um livro chamado *Hashish* — "excelente, uma educação completa sobre química e folclore". Um membro da equipe ficou chocado ao descobrir que Keith às vezes entrava no clima para o show ouvindo Mozart.

A primeira fase da turnê *Babylon* terminou com um concerto filmado em St Louis; a banda ganhou cerca de 89 milhões de dólares ao longo das 12 semanas anteriores, com 200 milhões ainda por vir. Em janeiro de 1998, os Stones aumentaram o preço de um bom assento para 300 dólares. Em 15 de fevereiro, eles tocaram no Hard Rock Casino, em Vegas, onde os ingressos foram vendidos por 500 dólares. "É só dinheiro", observou Mick. "Tenho certeza de que as pessoas que estão dispostas a pagar 500 dólares não se preocupam com isso. Não mais do que eu me preocuparia." Prince Rupert depois negociou um contrato entre os Stones e a Pepsi-Cola. Em uma carreira de 35 anos de apresentações que já tivera momentos de bizarrice, o concerto particular da banda no resort de uma praia em Honolulu para 3 mil sortudos engarrafadores de refrigerantes seria páreo duro para eventos do tipo Altamont. A Pepsi também comprou os direitos sobre *Brown Sugar* (título de trabalho original: *Black Pussy*) para vender seu produto. Eles pagaram 4 milhões de dólares pelo show e 2 milhões pela música.

Pouco depois disso, as coisas começaram a dar errado. A turnê sofreu uma série de adiamentos e outros transtornos devido a uma variedade de problemas. Houve nevascas e enchentes, costelas quebradas para Keith quando ele caiu da escada em sua biblioteca, laringite para Mick e problemas com a Inland Revenue. Um iate com Charlie e Woody a bordo misteriosamente pegou fogo em um dia de folga no Brasil. Pela primeira vez, foi bom ter paparazzi por perto, pois eles resgataram os dois Stones. Mick teve um momento de tranquilidade doméstica com Jerry Hall, que deu à luz seu quarto filho, Gabriel Luke Beauregard, até que uma modelo carioca chamada Luciana Gimenez Morad anunciou que também estava grávida de Mick; no final, ele entrou num acordo de 4 milhões de dólares com ela.

De volta para um show lucrativo em Nova York, os Stones certa noite conversavam animadamente nos bastidores quando seu velho amigo Marshall Chess entrou para vê-los. Fazia 21 anos desde que Chess repentinamente se demitira da presidência do selo da banda, resultado em grande parte da sua dependência de heroína da época, e ele não sabia o que o esperava. Na ocasião, ele recebeu abraços apertados de Keith, Charlie e Ron Wood. Momentos

depois, Mick Jagger apareceu. “Quando Mick me viu”, Chess conta, “ele ficou muito nervoso. Passei o braço em volta dele, e ele se transformou em uma rocha. Estava chocado... Sei que Keith deve ter adorado fazer isso com ele”. Mas Mick era consistentemente encantador, tanto com a imprensa quanto com os patrocinadores mais recentes da banda, todos os quais o achavam espirituoso e despretensioso. Na maioria das noites, Michael Cohl organizava uma sessão com os executivos da Sprint, e ali ficava clara a razão por trás das histórias sobre como Mick se conduzia como um prodígio treinado pela LSE, conversando com os executivos sobre as questões financeiras mais variadas antes de entrar no palco e cantar *Shattered*. Em março de 1998, Bill Clinton disse, cheio de modéstia, a um repórter que havia apenas dois indivíduos no mundo cujo mero anúncio de chegada era garantia de pandemônio nas ruas: o papa e Mick Jagger.

Em abril, os Stones tocaram na América do Sul. Cinco noites no Brasil renderam mais 15 milhões de dólares, por coincidência a quantia divulgada estipulada pelo acordo firmado entre Jagger e Jerry Hall depois que Luciana Gimenez — que a mídia dizia ter 18 anos, mas que na verdade tinha 29 — teve seu filho. Em janeiro de 1999, Luciana disse à imprensa que o relacionamento fora “muito mais do que físico”, e que Mick “realmente [a] respeitava”. Depois disso, ainda de acordo com os jornais, ela entrou com um pedido de pensão de 10 mil libras mensais. Em agosto, os Stones finalmente tocaram em Moscou, onde o público mais uma vez gritou *Icantgetno! Icantgetno!* pedindo *Satisfaction*, e Keith falou: “É ótimo estar aqui. É ótimo estar em *qualquer* lugar.” A vibração positiva, contudo, não se estendia ao país dos Stones. Quatro shows lotados na Grã-Bretanha foram cancelados por problemas financeiros. Sob as disposições do novo governo trabalhista, ingleses que vivessem no exterior perdiam sua isenção fiscal caso fizessem qualquer tipo de trabalho fisicamente presentes no Reino Unido. Assim, a organização dos Stones teria que pagar cerca de 3,3 milhões de libras ao Tesouro sobre os lucros brutos de 8-9 milhões por concerto. Mick disse que estava pensando na equipe

da turnê, e não em si, ao adiar os shows. "Eu estava disposto a encarar as consequências, mas não sou o único afetado", ele afirmou, chamando a tarifa de 40% de "roubo". Após trinta anos, a banda conservava o mesmo receio em relação ao regime fiscal britânico. No dia 19 de setembro de 1998, a turnê *Babylon* terminaria com um concerto para 35 mil fãs extasiados em um estádio de futebol de Istambul. Mick Jagger ficou para uma folga com a família na Riviera Turca. Fazia 21 anos que ele escolhera o mesmo local para tentar salvar o casamento com a primeira esposa, Bianca. De acordo com Luciana Gimenez, Mick logo deixou Jerry e as crianças para se juntar a ela em um hotel tranquilo de Paris.

Enquanto isso, Keith Richards levava a filha Angela, de 26 anos, ao altar em uma igreja de Londres. Uma mulher atraente que adora cavalos, ela casou-se com um carpinteiro. Keith mandou a equipe inteira responsável pelo palco e pela iluminação da turnê dos Stones de avião para Redlands a fim de preparar a recepção no final do ano. Anita, Marlon, as duas filhas mais novas de Richards e até o biógrafo de Keith estavam presentes. Todos foram muito educados. As crianças tinham um aperto de mão firme. Ninguém parecia filho do demônio. Mais tarde na cerimônia, Woody, Bobby Keys e Chuck Leavell tocaram *Angie* para a noiva. Em 17 de dezembro, Keith subiu ao palco no Life Club, em Nova York, e tocou uma hora de clássicos do rock and roll com o amigo Ronnie Spector. Depois da turnê com os Stones, ele havia pintado o que restara do seu cabelo de azul, e vestira o que parecia um traje casual cheio de fitas e outras quinquilharias. Foi como um efeito para as festas de fim de ano, uma grande árvore de Natal que estava ficando careca. Contudo, Keith nunca tocara melhor, tendo dito aos repórteres que desejava morrer tocando, e deixando qualquer outro guitarrista invejoso. "Eles não entendem como consigo fazer o que faço 'na minha idade'", ele disse. "O que há com esses caras? É porque eles não conseguem? É porque as garotas ainda jogam as calcinhas pra mim? Fodam-se." No dia seguinte ao show de Nova York, Keith fez 55 anos.

Os Stones lançaram outro álbum ao vivo no final do ano. Com seus efeitos cafonas e introduções com tomadas selecionadas de "Como vocês estão,

América?", *No Security* optou pelo turismo musical em lugar de um senso de localização. O álbum morreu comercialmente.

Em 25 de janeiro de 1999, os Stones estavam de volta à estrada. Tommy Hilfiger investiu no patrocínio da fase chamada *No Security* da interminável turnê. Desta vez, os assentos melhores custaram 300 dólares, e em Vegas entre 450 e 600. Para quem queria economizar, havia assentos com "visão limitada" a 5 dólares. A banda fez o show em locais fechados, tirou o cenário do palco e tirou alguns sucessos do repertório. Lá se foram *Satisfaction* e *Miss You*, substituídas pelo comentário pungente de Mick sobre o fim do seu casamento. *Some Girls* tornou-se um resmungo furioso, enquanto críticos observaram a improvisação "Get outta my life/go fuck my wife/don't look back" [Saia da minha vida/vá foder minha mulher/não olhe para trás] em *Respectable*. Pela primeira vez desde 1969, Keith tocou a atemporal *You Got the Silver*, sua ode de amor a Anita Pallenberg.

Também voltaria, depois de trinta anos, Byron Berline, o violinista cujo incrível solo ao ar livre agraciou *Country Honk*. Ele visitou os Stones nos bastidores do Myriad Arena, em Oklahoma City. "Seria mais fácil conhecer a rainha", ele conta. Quando Berline chegou ao primeiro dos vários pontos de checagem da segurança, recebeu uma série de passes e cartões que lhe permitiriam chegar ao próximo nível. Para entrar no santuário interior, cercado por uma verdadeira fortaleza, onde os Stones relaxavam antes do concerto, todos os convidados VIP, como Bill Clinton (fazendo um intervalo da direção do bombardeio da Otan à Iugoslávia para curtir o show), tinham que ter uma carta especial, que só valia uma visita, e passar pela inspeção pessoal de Jim Callaghan, o velho chefe da equipe de turnê da banda (ainda veremos mais sobre ele). Depois que dois guardas de Callaghan escoltaram Berline pela quinta e última barreira de segurança, ele se viu em uma sala mobiliada como o palácio de algum estado do Oriente Médio. Havia jarros de palmeiras, tapetes persas, uma fonte ornamental, belos arranjos florais, esposas, crianças, criados, músicos árabes, e, parecendo um tanto deslocado, um chef robusto chamado Reg, trazido de avião de Londres para abastecer a banda com tortas de batata e uma versão gourmet de peixe com batatas fritas. Em meio a tudo isso, Keith

Richards estava sentado a uma mesa de jogo no meio de uma partida de dominó com o pai, Bert, de 84 anos, enquanto sua esposa, Patti, estava sentada num sofá lendo a Bíblia. Berline admite que não sabia como seria recebido pelos velhos colegas da época de *Let it Bleed*. Mas "Keith foi muito gentil", ele diz. "Perguntei se ele lembrava de mim. 'Ah sim', ele respondeu. 'Tenho uma foto sua lá em casa tocando o violino com um pé de maconha entre as pernas.' Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas não tinha importância. Ele é Keith Richards. Ele também brincou sobre ser um músico profissional, apesar de ter tentado ser carpinteiro e encanador — 'Estou condenado', ele riu. Cara incrível, muito pé no chão. Os outros Stones me cumprimentaram com um resmungo."

Enquanto Keith passava tempo com a família, Jerry Hall estava se divorciando de Mick. "Jerry esperou até o marido chegar à América antes de entrar com o processo", um amigo não identificado contou ao *Daily Mail*. "Ela o queria a milhas de distância para evitar cenas desagradáveis na frente das crianças. Assim, ele podia gritar pelo telefone." Hall aparentemente só soubera do caso do marido com Luciana Gimenez por meio de um artigo publicado na primeira página de um jornal britânico. Já Luciana não perdeu a oportunidade de exibir sua barriga de biquíni em um carro alegórico no carnaval do Rio. Mick disse ao *The Times* que sua vida era "como estar preso em uma novela".

Charlie Watts e sua esposa Shirley, ao contrário, tinham 35 anos de um casamento feliz. Embora não lhe tenham faltado oportunidades, Charlie nunca traiu os votos de matrimônio feitos em um cartório de Bradford em outubro de 1964. Os Watts desde então já haviam passado por problemas com álcool, mas haviam se reequilibrado e se acomodado em uma rotina doméstica confortável concentrada em seus quase duzentos cavalos e quarenta cachorros, embora sem deixar de se permitir as excentricidades ligadas à vida rural inglesa. Quando Charlie estava na fazenda, ele às vezes gostava de se sentar ao volante de um Lagonda Rapide vinho de 1937, vestindo um terno xadrez vinho, chapéu e óculos de motorista para combinar. A fim de se comunicar com a família e os animais, ele instalou uma buzina enorme na janela do Lagonda, e a usava com frequência. (Como Charlie nunca aprendeu a dirigir, o carro nunca deixou o

pátio.) Ron Wood também mantinha um estábulo cheio de puros-sangues em sua propriedade na Irlanda. Woody, que notoriamente ainda gostava bastante de cerveja, lançaria um álbum solo em 2000, *Live and Eclectic*, gravado oito anos antes. Bill Wyman estava casado outra vez, fazendo concertos de blues em lugares pequenos pela Europa e viajando de um para outro de ônibus. Bill contou a repórteres que não podia contar apenas com sua parcela nos direitos autorais dos Stones para pagar as contas. "Ainda não era essa fortuna", ele disse. "Tenho um pequeno ninho, e posso viver com conforto, mas a renda dos Stones não me sustenta. Tenho que trabalhar, e não estou na mesma liga que os rapazes que continuaram." Em outras entrevistas, Bill deixava claro seu alívio por ter deixado os rapazes no momento que escolhera. Cinco anos depois, alguém da equipe dos Stones decidiu cobrir a imagem do baixista na foto usada para a capa da compilação *Rarities*. "Muito bonito", disse Bill.

Os outros Stones também podiam ter tido seus problemas em casa, mas suas vidas familiares pareciam apenas curiosas de uma forma positiva se comparadas à de Mick Jagger. Quando Jerry Hall entrou com o pedido de divórcio em janeiro de 1999, ela teria pedido um acordo de 30 milhões de libras. Mick contestou a ação com o argumento de que eles nunca haviam tido um casamento formal — o que, do ponto de vista dos tabloides, era o mesmo que fazer de seus dois filhos mais novos bastardos. A caravana de repórteres que em seguida partiu do inverno de Londres com destino a Bali confirmou a natureza "puramente simbólica", de acordo com Mick, da cerimônia de novembro de 1990. "É muito estranho", observou Parisada Hindu Dharma, membro do ministério da Indonésia. "O 'Niskala' do casal — o lado imaterial da união — foi realizado. Mas há outro lado no casamento — o 'Skala', ou lado material — que está causando problemas. Isso envolve a administração, o preenchimento de documentos... Isso nunca aconteceu." Assim, com especialistas dos dois lados do Atlântico debatendo a obtusa lei hindu e a *People* anunciando "IT'S ALL OVER NOW" [AGORA ESTÁ TUDO ACABADO, também o título de uma música dos Stones] — uma das dúzias de títulos continuamente reutilizados —, Jagger deixou a estrada e foi para Nova York. Em uma troca de papéis em termos de nacionalidade, Hall ficou em Londres. No final, Mick

concordou com um montante que teria ficado entre 4 e 12 milhões de libras ("9,27 milhões de libras", de acordo com uma fonte muito segura, com quem falei pessoalmente) para o acordo com a namorada de 22 anos, após exames de DNA terem confirmado a paternidade de Lucas Maurice Morad Jagger, nascido em 18 de maio de 1999 em um hospital particular de Nova York.

Talvez fosse muito otimismo esperar que uma união tão cheia de acontecimentos quanto a de Mick e Jerry Hall pudesse durar. Ele várias vezes disse "A domesticidade é a morte", enquanto ela tinha ambições não alcançadas para o teatro e estrelou um reality show centrado na ideia de que ela buscava um rapaz de 33 anos "para se divertir". Talvez a verdade cruel fosse que mesmo uma grande paixão raramente compensa uma diferença de 12 centímetros de altura. De qualquer forma, Mick — que todas as partes confirmam adorar seus sete filhos — saiu à caça outra vez em 1999, primeiro tendo sido visto com a garota da capa do *Cosmopolitan*¸ Sophie Dahl, de 19 anos, antes de, segundo relatos, namorar a cantora-atriz irlandesa Andrea Corr, e finalmente sair com a antiga beleza da TV britânica e aspirante a fotógrafa Amanda de Cadenet. Se alguém ficou impressionado com a notícia, foi apenas porque, com 29 anos, Cadenet parecia velha demais para ele. Jerry Hall disse a repórteres que Mick era "o melhor pai do mundo", mas "um péssimo marido".

A turnê *Babylon/No Security* terminou oficialmente no dia 20 de abril de 1999 em San Jose. Uma breve temporada pela Europa teve início no final de maio e foi até a metade de junho. Além de concertos na Espanha, na Itália e na Alemanha, os Stones finalmente se lembraram dos fãs britânicos e remarcaram dois shows no estádio de Wembley. Da noite para o dia, Londres ficou lotada com outdoors gigantescos promovendo *Bridges to Babylon* como O ÁLBUM NOVO E CLÁSSICO. Um slogan mais realista era: "Primeira apresentação no Reino Unido em quatro anos." Cabeludos e desgrenhados, sorrisos atravessavam os rostos pregueados das imagens de Mick, Keith, Charlie e Ron, espalhadas por todos os lugares. Os shows foram uma celebração da resistência extraordinária dos Stones. Depois de chegarem aos bastidores usando uma

variedade de jeans de grife, camisetas e ternos da Savile Row, os membros da banda saíram dos camarins com casacos que iam até o chão, maquiagem e óculos idênticos. Esse espetáculo perturbador apareceu primeiro na tela gigante, fazendo-os parecerem prisioneiros acorrentados de um filme de Sam Peckinpah. O que se seguiu foram duas horas de rock clássico da melhor qualidade. Os Stones transformaram o estádio em um clube noturno enfumaçado para as baladas, enquanto Mick reanimava o público em músicas como *Brown Sugar*. Jerry Hall, Anita Pallenberg e Shirley Watts estavam nos bastidores com Bert Richards, confinado a uma cadeira de rodas depois de ter sofrido um derrame. Dez dias depois, a turnê foi encerrada em Colônia. As duas filhas mais novas de Keith se juntaram a Leah Wood, de 20 anos, e a Elizabeth Jagger, de 15, para os vocais de fundo. Patti Richards surpreendeu o marido subindo ao palco para lhe entregar sua guitarra.

O fim da década pertencia aos Stones. Em duas maratonas, ao longo de cinco anos, a banda fizera 282 shows para cerca de 8,5 milhões de pessoas no mundo inteiro, lucrando 665 milhões de dólares no processo. Eles também haviam produzido um dos seus melhores álbuns em 25 anos, ainda que, com a exceção notável de *Stripped*, a maior parte do fluxo aparentemente infindável de suvenires e outros produtos da turnê não tenha sido muito positiva para a integridade da marca dos Stones. (Ou, como observou Allen Klein ao se deparar com as fitas máster de um show feito na América do Norte, "Nem eu posso polir essa merda.") Por mais impressionante que pudesse parecer, Mick Jagger, de 56 anos, continuava convencido de que o pico criativo e comercial da banda ainda estava por vir. "Ou você continua se movimentando, ou você morre", Mick observou.

Ele estava certo. O ponto mais alto dos Stones ainda estava por vir, quando eles conseguiram canalizar a atitude, a sexualidade e a liberdade da sua era dourada — a década de 1960 — em meio à confusão de quarenta anos depois. A maioria das outras bandas de rock havia se saído muito pior.

Notas

[1] Método de organização de turnê em que todos os intermediários são eliminados e o organizador trabalha diretamente com a banda na estratégia da turnê, na divulgação dos shows e na produção e exploração de outras fontes de lucros — livros, suvenires, transmissão via TV etc. [*N. da T.*]

[2] Embora não fosse um bandleader autoritário, Keith certa vez teve uma justificativa para passar um sermão nos Winos, que pareciam querer fazer jus ao seu nome [*wino* quer dizer bêbado ou alcoólatra] durante as sessões de *Main Offender*. "Comecei a me dar conta", ele diz, "de que eles estavam indo longe demais". Um dos músicos confirma o diagnóstico. "Aquilo chamou minha atenção. Pensei 'Porra!' Você pode imaginar Keith Richards lhe dizendo que você está exagerando?"

[3] Terno com calça de cintura alta, folgada nas pernas e apertada nos tornozelos, com um paletó longo de lapelas largas e com ombreiras, apertado nos pulsos, que se tornou popular na década de 1940. [*N. da T.*]

[4] Geritol é uma marca de complementos vitamínicos para idosos do Reino Unido. [*N. da T.*]

[5] Coração de pedra, referência à música de mesmo nome da banda [*N. da T.*]

10

Performance

No dia 20 de outubro de 2001, Mick Jagger e Keith Richards subiram juntos ao palco do Madison Square Garden para participar do Concerto para Nova York, realizado depois dos ataques terroristas de 11 de Setembro. Houve cenas cheias de emoção tanto no auditório quanto entre os cerca de 80 milhões de telespectadores norte-americanos que acompanharam o evento por completo ou só em parte, 10 milhões a mais em relação à audiência da primeira aparição histórica dos Beatles no *Ed Sullivan Show* 37 anos antes. A combinação entre discursos patrióticos, vídeos com temas especialmente voltados para a ocasião, comédia stand-up e terapia musical fornecida por artistas como David Bowie, Bon Jovi, Billy Joel, The Who, Elton John e Eric Clapton fez até os eventos de gala do rock para a caridade parecerem modestos. Em meio às reações ao mesmo tempo efusivas e emocionadas naquela noite, três pessoas foram vaiadas: Susan Sarandon, por ter aproveitado a oportunidade para promover a campanha do seu candidato para a prefeitura de Nova York; Richard Gere, por ter exposto a necessidade de uma reação pacífica ao terrorismo; e Hillary Clinton, simplesmente por ter aparecido no palco. (Na versão em DVD do concerto, decidiu-se ser mais prudente remover as vaias e substituí-las por aplausos.) De forma geral, contudo, o concerto foi tudo que seus produtores esperavam: um grande evento comunitário para reconhecer as cenas horrendas de morte e destruição transmitidas para o mundo inteiro apenas cinco semanas

antes. A principal atração da noite, Paul McCartney, não segurou a emoção ao reconhecer familiares das vítimas olhando para ele da primeira fileira e chorou.

Keith e Mick estavam passando por mais um de seus longos períodos de não comunicação nos meses que antecederam o concerto. No início do ano, Richards entronizara o guitarrista de Elvis Presley, James Burton, e o pianista de Chuck Berry, Johnnie Johnson, no Hall da Fama do Rock and Roll. Depois da cerimônia, na sala da imprensa, perguntaram aos três se, olhando em retrospecto, eles teriam feito algo diferente em suas carreiras. "Teríamos atirado no vocalista", respondeu Keith. Olhando diretamente para a plateia com o rosto sério e abrindo e fechando a mão, ele só causara risos abafados. Ninguém sabia se haveria outra turnê dos Stones. Keith estava pronto para cair na estrada, mas Mick e sua Jagged Films estavam ocupados com outras coisas. *Enigma* estava na etapa de pós-produção, e havia mais pela frente: críquete pela internet, *Confissões de um Sedutor* e *Map of Love*. Em meio a conversas sobre um novo álbum solo, a exasperação de Keith com Mick estava saindo de controle no verão de 2001. Ele começou a depreciar seu velho amigo com frequência, de uma forma que parecia quase automática. Quando Mick voltou à Dartford Grammar School para abrir uma nova ala e um centro de música que ajudara a patrocinar, Keith deixou claro seu desprezo por toda aquela "merda de cortar fitas". Jagger depois gravou seu quarto álbum solo, *Goddess in the Doorway*, que celebrou com um documentário cheio de vaidade para a TV chamado *Being Mick* e uma campanha publicitária mundial para o lançamento do álbum, que foi para as lojas no Dia de Ação de Graças. Keith ouviu uma prensagem inicial em setembro de 2001. Muitos críticos consideraram *Goddess*, o primeiro lançamento solo de Jagger em oito anos, o seu melhor até então, e a BBC o chamou de "uma declaração ousada, mostra[ndo] as habilidades cada vez maiores de Mick como intérprete e o uso de técnicas sutis de formulação de frases que ampliam o escopo até mesmo das letras mais simples".

Keith disse que o álbum era uma droga.

"Ouvi três faixas", revelou, "e desisti". Um repórter depois lhe perguntou o que, de forma geral, não havia lhe agradado nos álbuns solo que Mick lançara até então. "Músicas fracas, performance fraca, gravação ruim", respondeu

Keith. “É isso.” Quando os empresários dos Stones ou outros assessores iam a Connecticut encontrar Keith, eles às vezes voltavam pensando que ele era um homem obcecado, incapaz de refrear seu fluxo contínuo de observações depreciativas sobre como Mick era vaidoso, incapaz e afetado sempre que estava longe dos Stones — e ao mesmo tempo, sobre como ele era “fascinante pra cacete” para quem assistia ou trabalhava ao seu lado quando ele estava em um palco pequeno com apenas Keith, Charlie, Woody e alguns colegas.

Assim, havia algum significado implícito no fato de Jagger e Richards terem concordado em se apresentar juntos mais uma vez depois de mais de dois anos no Concerto para Nova York. Era o seu primeiro encontro cara a cara desde que Keith comparecera ao funeral da mãe de Mick, Eva, 16 meses antes. Sua comunicação desde o fim da turnê *No Security* havia, em sua maior parte, sido conduzida por meio da mídia. Eles chegaram ao Madison Square Garden em carros separados, cada um com sua própria equipe de assessores, e se trocaram em quartos localizados nas extremidades opostas das instalações. Mick passou a maior parte do seu tempo restante no camarim trocando gentilezas com seus amigos Bill e Hillary Clinton, enquanto Keith se satisfez em ir até a festa de Adam Sandler e socializar com uma garrafa de vodca. Em nenhum momento os dois Stones reconheceram a presença um do outro. Eles haviam apenas ensaiado rapidamente seu set naquela tarde, e mesmo então haviam agido como se não se conhecessem. Para aumentar o desafio, Jagger e Richards deveriam entrar na metade do concerto, logo depois do Who. Pete Townshend, Roger Daltrey e John Entwistle (em sua última aparição em um concerto na América) colocaram a casa abaixo com uma execução de clássicos que terminou com uma versão furiosa de *Won’t Get Fooled Again*. As últimas palavras de Daltrey para a multidão de primeiros socorristas e suas famílias foram: “Seria impossível dar sequência ao que vocês fizeram.” Era uma declaração que se aplicava a Mick e Keith, que se posicionaram nervosamente por trás da cortina do palco, agindo como se nem sequer houvessem se visto, para aguardar sua apresentação.

Quando os Stones entraram, a casa foi à loucura. Houve uma breve pausa para relembrar os mortos; logo em seguida, os gritos recomeçaram. Keith,

então, cantou a primeira estrofe de *Salt of the Earth*, de *Beggar's Banquet*, enquanto Mick observava calado, com as mãos nos bolsos, logo atrás. Sob outras circunstâncias, a música poderia ter parecido uma simples balada de boas intenções, e covers como os de Judy Collins e Joan Baez a haviam tratado exatamente como tal ao longo dos anos. Contudo, quando Keith cantou "Raise your glass to the good, not the evil" [Ergam os copos para o bem, não para o mal], ele acrescentou um gemido ao final do verso e dois golpes na guitarra, como se quisesse avisar a Osama bin Laden que estava cantando diretamente para ele. Então, Mick juntou-se ao refrão, olhando para a plateia, como se desafiasse alguém a dizer alguma coisa sobre a cidade que havia adotado como sua. "And when I look into this faceless crowd/A swirling mass of greys, and black and white" [E quando olho para uma multidão sem rosto/Uma massa serpeante de cinza, e preto e branco], ele continuou, e a letra parecia mais pungente diante das equipes de emergência uniformizadas, e todas as viúvas e órfãos que olhavam para ele. Ao final do número, Mick disse a todos que era uma honra e um privilégio estar lá. A multidão, parte da qual jogou peças de roupa no palco, o aplaudiu de pé. "É ótimo voltar a essa cidade maravilhosa, com o povo maravilhoso que vocês são", ele continuou. Mais um grito de aprovação eclodiu. "Se há algo a se aprender com essa experiência", concluiu Mick, acenando com o dedo para o público como se quisesse dar ênfase, "é que *não se brinca com Nova York*". O grito dessa vez foi ensurdecedor: ele havia claramente tocado no ponto mais forte. Com as notas de abertura do baixo de *Miss You*, Jagger e Richards pouco a pouco se transformaram em algo mais do que o velho casal rabugento que haviam sido no ensaio horas antes. Mick tirou a jaqueta para ficar só de jeans e uma camiseta cor-de-rosa apertada, e começou a bater palmas andando de um lado para outro, colocando tudo no vocal. Desta vez, ele não descansou durante os solos, tocando maracas ou gaita enquanto mexia o corpo todo. Keith pegou um gancho durante o refrão da música, e então a transformação se completou — lá estava a *maior banda de rock and roll do mundo!* E a multidão enlouqueceu.

Embora o relacionamento de Mick com Jerry Hall tenha chegado formalmente ao fim em julho de 1999 e ele ainda não tenha se casado outra vez, sua vida não tem sido nada celibatária. Depois que as coisas esfriaram com Amanda de Cadenet, Mick foi visto com a herdeira venezuelana de 26 anos Vanessa Neumann, a chamada Gata de Caracas. "Mas seus estilos de vida diferentes levaram a desavenças", disse o tabloide americano *Globe*. A senhorita Neumann era de uma família "fabulosamente rica" do agronegócio. Os jornalistas indagavam qual poderia ter sido o problema. Mick não era requintado o bastante para ela, ou era o contrário? Em junho de 2002, o antigo chofer de Jagger, Keith Badgery, quase publicou um livro de memórias chamado *Baby You Can Drive My Car*[1] talvez sugerindo que seu ex-patrão não era do tipo tranquilo, que passa seu tempo livre fumando cachimbo de pantufas. Mick saiu vitorioso com uma ação na justiça para proibir o lançamento do livro, e descreveu os relatos mais chocantes sobre sua vida sexual como "conversa fiada". Enquanto isso, Jerry Hall interpretou Mrs. Robinson em uma produção muito bem recebida da Broadway de *A Primeira Noite de Um Homem*, que incluía uma cena de nudez no palco. Ela também estrelou a peça *Picasso's Women* e produções em vários lugares de *Os Monólogos da Vagina*. O interesse mais recente de Hall pela cabala, uma seita concentrada no aspecto místico do Judaísmo, a levou a apresentar Mick e Ron Wood à sede da cabala em Londres — chegaram a especular que Woody com certeza havia confundido o nome do grupo com o de uma nova cerveja dinamarquesa — embora se acredite que os três devotos tenham posto um fim em seu envolvimento com a fé.

À medida que o fenômeno Keith Richards envelhecia, sua psicologia e suas complexidades pareciam cada vez mais diferentes das de Mick Jagger. Keith era o mais impetuoso, e também vulnerável, dos dois: ele não suprimia por completo, como Mick fazia na maior parte do tempo, o lado afável e confiante da natureza, embora estivesse mais inclinado a explosões súbitas e muitas vezes vulcânicas. Ele podia viajar com tranquilidade, ainda que não com satisfação, ao lado de uma grande variedade de seguidores do rock and roll, como Fred Sessler; Mick estava sempre em território inimigo. Keith também era infinitamente mais sagaz e focado do que sugeria a imagem de alguém

permanentemente sob a influência do álcool. As pessoas que o conheciam costumavam achar que a sua persona "Em que ano estamos mesmo, cara?" era, em parte, atuação. Durante três décadas, Keith raramente aparecera em público sem um copo (às vezes, dois ou três) de um líquido marrom na mão. Presumia-se que era alguma bebida satânica destilada nas montanhas de Kentucky. No entanto, uma fonte muito bem posicionada certa vez aproveitou a oportunidade durante uma entrevista em que Keith teve que se afastar para atender ao telefone para tomar um gole da caneca "do tamanho de uma jarra". Ela continha chá gelado. Em 1989, William Burroughs observara que o amigo parecia "ligar e desligar a imagem como uma lâmpada" durante um evento para a imprensa em Nova York. Passados 12 anos, quando Keith subiu ao palco durante a cerimônia de premiação de uma revista em Londres, "uma transformação extraordinária ocorreu", diz o jornalista Nigel Williamson. "Ele coçou a cabeça, murmurou 'Yeah, man' várias vezes e errou o nome do prêmio. Todos aplaudiram e piscaram com aprovação. O bom e velho Keef. Estamos apenas na hora do almoço e ele já está fora de si. Quando ele retornou à mesa, estava perfeitamente sóbrio outra vez."

Entretanto, repitamos: Keith, certa vez, de fato foi o pirata do rock and roll, papel que ilustraria tardiamente com seu anel de caveira e com os ganchos de pesca e amuletos pendurados bizarramente em seus cabelos azuis. Além de ter composto algumas joias da coroa da música pop, ele já viveu à base de LSD, maconha, Mandrax, heroína e cocaína (muitas vezes inaladas da lâmina de um canivete), se desintoxicou "dez ou 12 vezes", gostava de uma boa briga, e certa vez consumiu caviar (se não uma barra de chocolate Mars) de um receptáculo muito incomum. Ele era o coração e a alma dos Stones. Uma mulher chamada Bethany Staelens começou a trabalhar no escritório de Keith em Nova York em 1995 e foi imediatamente conquistada pelo seu charme natural e sua humildade. "Fui entregar algo a ele no hotel Plaza", ela conta. "Bati, a porta se abriu, e dei o pacote a Jane Rose. Ela o pegou e disse 'Ok, pode ir.' Quando a porta estava se fechando, uma figura pulou para a frente, agarrou minha mão com carinho, e disse: 'Oi. Temos que nos conhecer. Sou Keith Richards.'" Outro velho membro da equipe acrescenta que Keith "era o primeiro a

perguntar sobre sua família, emprestava dinheiro, pagava as contas do hospital se seu filho ficasse doente. Todo ano, quando o Natal se aproximava, ganhávamos uma toalha de banho de 10 dólares ou uma vela aromática de Mick. Keith ou esquecia completamente de comprar alguma coisa, ou lhe dava um aparelho de DVD top de linha".

Se Keith era um pirata fanfarrão, mas afável, nem todos os membros da sua equipe eram tão bem intencionados. Na noite de julho de 2001, a família Richards saboreou um jantar em Nova York seguido de um concerto no Carnegie Hall. Quando eles estavam saindo pela porta do palco, um fã saiu do meio da multidão, deu a Keith uma Fender e lhe pediu que a autografasse. Está claro que o barulho vindo da rua não deixou Keith ouvir direito, pois ele apenas resmungou algo, aparentemente presumindo que a guitarra fosse um presente, pegou-a e foi para o seu Cadillac. O carro desviou de alguns pedestres e partiu em direção ao centro da cidade.

Estupefato, o fã pensou por um momento, e depois saiu perseguindo o carro pela Sexta Avenida. Ele parou ao lado da limusine de Keith em um semáforo e bateu na porta da frente. "Cai fora", disse o motorista.

Houve uma breve pausa, e os olhos do fã buscaram a janela traseira, tentando enxergar através da fumaça, e depois retornaram para o motorista. Uma multidão se reunira para assistir.

"Só quero minha guitarra de volta."

"Foda-se", respondeu o motorista. "Compre outra."

Em maio de 2000, Charlie Watts lançou o *The Charlie Watts/Jim Keltner Project*, um álbum que se originara quando os dois bateristas haviam colaborado nas sessões de *Bridges to Babylon*. "É uma coisa bem aleatória", Charlie comentou se referindo à mistura incomum de swing jazz e eletrônica. "Sei que as pessoas gostam de se divertir", admitiu Charlie. "Mas este é um tipo de música diferente." O resultado final evocava igualmente Miles Davis e Dixieland, com um toque de Kraftwerk. Embora tenha sido bem recebido pela crítica, o álbum não teve nenhum sucesso comercial. A modéstia natural de Charlie também transparecia em seus poucos comentários públicos sobre os Stones, que ele aparentemente qualificava mais pelo seu tempo juntos do que

pela qualidade da sua música. "Na verdade, somos uma banda terrível, mas somos a mais antiga", disse Charlie. "Isso é algum tipo de distinção, não é? — especialmente neste país. É por isso que somos famosos, entende? Continuem, rapazes, não importa o quê." Ele ainda acrescentaria em outra ocasião: "A única diferença entre nós e a abadia de Westminster é que nós não fazemos casamentos nem coroações."

Enquanto isso, Ron Wood estava se tornando um tipo de retratista oficial dos ricos e famosos depois que Andrew Lloyd Webber lhe encomendara uma pintura das celebridades presentes em um restaurante de Londres. Woody também criava cavalos de corrida em sua fazenda na Irlanda, onde continuava gozando de um contrato de licenciamento com a Guinness para suprir seu pub particular. Em junho de 2000, ele deu entrada na clínica de reabilitação Priory para tratar o alcoolismo. Tendo saído dez dias depois, ele jurou que mudaria, e até começou a beber água mineral. Infelizmente, ele estava de volta à Priory em abril de 2001, e no ano seguinte passou três semanas na clínica Cottonwood, no Arizona, ao que parece por ordem de Mick Jagger. Em maio de 2004, Wood voltou outra vez à Priory depois de ter sido encontrado bêbado embaixo da mesa de um restaurante. Nove meses depois, ele se internou em uma clínica de desintoxicação irlandesa depois de ter se embebedado na festa de 50 anos da esposa. Entrementes, Woody conseguiu gravar e lançar seu sexto álbum solo, *Not for Beginners*, que contava com seu filho Jesse e sua filha Leah entre os vocalistas de fundo. Embora tenha tido boas críticas, o álbum foi um fracasso em vendas.

Bert Richards morreu em setembro de 2000 (data que Keith menciona em suas memórias como 2002). Ele tinha 85 anos. As últimas palavras que ele falou para o filho foram: "Pelo menos, as coisas estão indo na sua ordem natural." "Guarde uma cadeira para mim no bar, companheiro", Keith respondeu. A reunião tardia dos dois durara 18 anos. Mais tarde no outono, Keith levou as duas filhas adolescentes de Connecticut a Nova York para assistirem ao 'N Sync. Alguns dias depois, ele conseguiu voltar a si e tocou em uma jam com a lenda Hubert Sumlin; quando Sumlin morreu em 2011, os Stones pagaram as despesas do seu funeral. Em 18 de dezembro, 57º

aniversário de Keith, seu amigo e companheiro de viagens Fred Sessler morreu com 77. Ele foi enterrado com sua jaqueta de couro dos Stones, a cabeça repousando em um travesseiro contendo seus passes para os bastidores.

Quando o assunto eram as celebridades polímatas e o desafio às expectativas daqueles que acham que astros do rock devem ser viciados em drogas, Mick Jagger estava no topo. Para muitos, ele parecia cada vez mais seguir a tradição dos grandes diretores-atores do teatro inglês, um profissional completamente dedicado com uma vida pessoal movimentada. Em março de 2000, Mick foi ao resgate de Jade Jagger, 28 anos, e suas duas filhas pequenas depois que elas se envolveram em um acidente de carro em Ibiza, e em seguida acompanhou Elizabeth, 16 anos e aspirante a modelo, nas passarelas de Nova York. Entretanto, talvez o sinal mais notável do seu status de celebridade tenha se dado quando, no mesmo mês, ele levou Jerry Hall e os três filhos mais velhos do casal a Dartford para a inauguração do centro de artes com seu nome; dos 2,1 milhões de libras investidos na construção, 1,7 milhão viera da Loteria Nacional, enquanto Mick ajudou a pagar o resto. Observá-lo de um lado para outro em Dartford naquele dia foi como assistir ao *Queen Mary*, com uma frota de rebocadores servindo à figura majestosa vestindo púrpura no meio deles. Quando Mick se levantou para um discurso em sua velha escola após algumas observações introdutórias do Duque de Kent, de repente ficou claro que o tema do seu discurso era como havia sido tudo acidental. Não havia moral da história, a não ser como teria sido fácil nada ter acontecido: "Eu não estava tentando mudar nada. Nunca me coloquei como um líder na sociedade", Mick disse, repetindo as observações que fizera para o editor do *The Times* 33 anos atrás. Infelizmente, Eva Jagger não viveria para ver seu filho honrado pelo Establishment. Ela morreu de insuficiência cardíaca em maio de 2000, aos 87 anos. Joe, Chris, Bianca Jagger e Jerry Hall, cinco filhos e todos os três membros fundadores dos Stones compareceram ao funeral, no qual Mick cantou *Will the Circle Be Unbroken*. Amigos insistem que Eva, com sua combinação de autodisciplina, charme e ambição social, foi a mulher da vida de Mick.

Anos depois, Jagger começaria a se relacionar com outra modelo americana alta — L'Wren Scott, de 1,93 m, que começou a namorar em 2002. Nascida Luann Bambrough em abril de 1967 em Roy, Utah, onde foi criada como filha adotiva de uma família de mórmons, ela começara a carreira trabalhando como estilista para o fotógrafo erótico Helmut Newton. Newton certa vez disse à *Vogue* que ela era o "animal mais exótico" que ele conhecia. Com seu rosto comprido e pálido e sua juba de cabelos negros até a cintura, Scott exsudava um glamour sinistro que para alguns lembrava a Mortícia da *Família Adams*. Seus primeiros atos na caravana dos Stones teriam sido dizer a Keith e a Ron Wood que eles precisavam "modernizar" sua imagem e sugerir que parassem de fumar. Keith, por sua vez, já se referiu a Scott como uma "garota durona". Os mais cínicos a chamaram de controladora, vaidosa, suscetível, segura de si e — como se pudesse haver alguma coisa pior — de "a Yoko Ono dos Stones". Embora nem todos tenham se deixado conquistar por Scott, está claro que ela fez bem a Mick, que é o que conta. Em 2005, o casal gastou 6 milhões de libras em uma casa nova na região central de Londres, aparentemente tendo abandonado os planos de morar logo ao lado de Downe House, ainda habitada por Jerry Hall. Antes disso, Mick passara quase quatro anos acampando em um apartamento do último andar de Claridge's, em Mayfair, período ao final do qual o hotel lhe apresentou uma conta de 1,52 milhão de libras. Em maio de 2007, Hall fez alguns comentários duros sobre Mick, que ela afirmou que "me fez sustentar as crianças" ao longo do relacionamento de 22 anos. "Ele sempre quis que eu cuidasse de tudo relacionado à casa e às crianças, com o que nunca me importei, talvez por ter dinheiro", ela contou. "Mick é generoso com presentes, mas é muito econômico com as coisas do dia a dia."

Goddess in the Doorway desapontou as expectativas que Mick tinha para ele. No dia do lançamento, vendeu menos de mil discos no Reino Unido, enquanto o último álbum de Robbie Williams vendera 95 mil. Outras realidades do mercado também começavam a se tornar mais claras naquele outono. Quando a bolsa de valores de Nova York reabriu após os ataques de 11 de Setembro, perdera 684 pontos em um dia, e 1.370 pontos, ou 15%, no decorrer de uma semana, revivendo as lembranças que muitos investidores

tinham da quebra da bolsa de outubro de 1987. Pouco tempo depois, um porta-voz dos Stones anunciou que a banda faria outra turnê em 2002.

No novo ano, Keith Richards escreveu o prólogo da biografia de Muddy Waters, por Robert Gordon, com um texto breve, mas inteligente. A prosa de Richards não apenas era lúcida; era rica, engraçada e concisa. Ele já pensava em escrever sua autobiografia. Alguns críticos agora se perguntavam em voz alta se, no final das contas, nunca o haviam entendido. Richards passou a primavera recebendo grande atenção da imprensa, e ele e Jagger seriam homenageados com uma aparição nos *Simpsons*. Keith só ficou irritado quando a revista *Fortune* chamou Mick de "a única mente voltada para os negócios" por trás dos Stones. "Somos uma operação papai e mamãe", ele os corrigiu. "Ele é mamãe, eu sou papai."

Ainda na primavera, a conversa voltou a girar em torno de projetos solo.

"Acho que todos", disse Keith, "com a possível exceção de Mick, aprenderam que ele é muito bom quando está com os Stones. Mas quando não está, não acho que ninguém esteja nem aí pra ele".

Em 7 de maio de 2002, os Stones anunciaram sua 14ª turnê pela América do Norte sobrevoando a Cidade de Nova York em um pequeno dirigível com o logotipo da banda. Foi uma forma extravagante de chamar a atenção da imprensa, até mesmo para os padrões da banda. Em seguida, a aeronave pousou em Van Cortlandt Park, no Bronx, onde seus famosos passageiros desceram e responderam às perguntas de costume. Sim, eles estavam de volta. E não, ninguém imaginava que isso fosse acontecer — não quarenta anos depois de tudo ter começado. De pé com óculos escuros e bandanas, com Charlie parecendo enjoado depois do voo, até seus rostos enrugados pareciam cativantes: eles eram como os heróis dos desenhos animados das Merrie Melodies — não importa quantos tiros levem, quantas vezes sejam explodidos ou jogados de precipícios, eles sempre voltam para continuar o show. Eles continuavam fazendo o que faziam porque, como Keith colocou tão sucintamente, "é divertido".

Todos depois foram para um estúdio em Paris para gravar quatro novas faixas para a sua última coletânea de sucessos. Don Was produziu. Mick

reclamou que sua voz havia sido afetada pelo hábito de Woody de fumar constantemente soprando fumaça em seu rosto, e que Keith o deixava louco tocando a banda de heavy-metal AC/DC no seu estéreo — "ele toca isso toda maldita noite". Keith, por sua vez, observou algo que parecia ter escapado à atenção de todos — que a proposta de um vídeo dos Stones tocando em frente a uma pilha de milho era "suicida", e que a imprensa logo faria a associação óbvia.

De alguma forma, eles conseguiram concluir as gravações, e voaram para seis semanas de ensaios em Toronto. Prince Rupert, Michael Cohl e vários advogados, contadores e publicitários entravam e saíam. Havia histórias de capa em todas as publicações, do *The Economist* à *Vogue*. Além de L'Wren Scott, Mick agora viajava com a sua própria guru, uma certa Maryam Malakpour. Ele passava duas horas toda noite se vestindo e se maquiando. Até Keith, tomamos conhecimento, permitia ter seu cabelo arrumado com "Tônico, Creme para Pentear e Loção da Bumble & Bumble, disponibilizados por salões selecionados." *Personal trainers* e *vocal coaches* haviam substituído o antigo cortejo de mulheres fáceis e traficantes de drogas. Agora, quando Keith se aventurava fora do seu hotel, não era para comprar heroína, e sim livros religiosos para a mulher. O contrato de turnê de Mick Jagger especificava que um "lírio branco Casablanca de tamanho médio com eucalipto chorão" deveria ser colocado em seu quarto particular de exercícios, e que, onde quer que eles estivessem no mundo, a banda deveria ter acesso a uma televisão de tela plana que pudesse exibir partidas de críquete. "Este é o canal mais necessário", afirmava o contrato. Talvez em referência às suas atividades recentes em Hollywood, uma das coisas que Mick fazia primeiro ao entrar em um hotel ou em uma área dos bastidores era emoldurar o ar com as mãos, como se avaliasse o local para o cenário de um filme. A antiga associação dos Stones à morte e ao escândalo só veio à tona uma vez, embora com as devidas medidas para evitar maiores repercussões, quando seu velho roadie "Chuch" Magee morreu de ataque cardíaco numa noite de verão em Toronto enquanto os Stones ensaiavam a poucos metros de distância. Ele tinha 54 anos e passara metade da vida trabalhando para a banda.

A organização inteira dos Stones quase foi completamente suspensa no dia 14 de junho de 2002, quando Mick ligou para dar uma notícia a Keith. O velho Prisioneiro 7856 da Prisão de Brixton seria condecorado cavaleiro. Keith, que achava esse tipo de noção de hierarquia hipócrita, ficou furioso. Ele jurou que cancelaria a turnê — o que deixaria trezentas pessoas sem empregos e milhões chocados — enquanto Mick repetia: "Mas Tony Blair *insiste* que eu aceite." Um mês depois, Richards continuava chateado. "Fiquei louco de raiva", ele contou à *Mojo*, "pela estupidez cega [de Jagger]". Keith reclamou principalmente do fato de sempre receber esse tipo de notícia por telefone, e não "diretamente, tomando uma garrafa de Scotch", seu modo preferido de comunicação. Ele negou que estivesse apenas com inveja do título de cavaleiro. "Duvido que tenham pensado em me oferecer um, porque sabem o que eu teria dito... Eles sabiam que eu teria dito onde eles poderiam enfiá-lo."

O bom humor de Keith foi gradualmente voltando, assim como as piadas inteligentes. Em agosto, ele ria do caso como "uma honra ridícula. Eu disse a ele 'Espere até ser chamado de Vossa Senhoria, companheiro'." Em particular, Keith às vezes se referia a Mick com o título um pouco mais longo de "Sua Alteza Real de Merda".

Em setembro de 2002, os Stones revisitaram o passado com sua nova antologia, *Forty Licks*. Era o primeiro álbum a incluir tanto músicas do auge da banda quanto das três décadas que se seguiram. O primeiro dos dois CDs era sublime. Fazia o ouvinte se perguntar como eles podiam se estender ou manter o som curto e cru como um bilhete de resgate. O segundo não era tão bom, e as quatro faixas de Paris não passavam de uma mistura de antigas glórias. Fazia cinco anos desde o lançamento de *Bridges to Babylon*. O *Guardian* perguntou a Keith Richards se os Stones agora eram mais uma banda de turnê do que um grupo criativo. Outros sobreviventes da década de 1960 poderiam ter respondido à pergunta com uma negativa indignada. "Sim", disse Keith. "Acho que podemos ser vistos assim. Do nosso ponto de vista, é claro que temos toda essa obra, e não nos sentimos pressionados a fazer coisas novas. Temos uma bagagem boa pra cacete." *Forty Licks* chegou ao primeiro lugar das paradas no

Reino Unido, e ao segundo nos Estados Unidos, e ficou entre as dez mais em 29 outros mercados.

No dia 3 de setembro, em Boston, os Stones fizeram o primeiro dos 117 concertos da turnê *Licks*, que os levaria a 23 países, em 5 temporadas, e renderia 301.550.000 dólares no processo. Eles foram financiados pelo serviço de vendas de ações online E-Trade. Reunida atrás da cortina do palco na noite de estreia, a banda era formada por quatro figuras agitadas de preto. Ignorando a regulamentação de segurança e saúde locais, Keith Richards acendeu um cigarro de aparência incomum, e um abstêmio Ron Wood se acalmava fazendo paródias, que poderiam ter sido melhores, da série *Fawlty Towers*. Mick Jagger expressou para Charlie Watts preocupação por suas jaquetas não combinarem, entre outros detalhes. "Estou vendo seu cabelo branco saindo do chapéu", Mick disse a um funcionário idoso. "Por favor, coloque-o para dentro. É uma distração." Enquanto isso, do outro lado da cortina, havia um som contínuo, parecendo um matadouro. Tambores tribais tocavam alto no sistema de som. Acenando a cabeça um para o outro, Keith deu um passo para frente, com Mick atrás, e os dois literalmente pularam para frente, entrando no palco com o riff de abertura de *Street Fighting Man*. A plateia foi à loucura.

As duas horas seguintes seriam uma rebelião gloriosa contra a marcha do tempo. Eles tocaram uma parte generosa de *Beggar's Banquet* e *Exile*, uma versão sexy transcendental de *Gimme Shelter* e a versão divertida de Mick de *Love Train*. *Midnight Rambler* estava entre as originais. Trabalhando no menor palco em trinta anos, o grupo voltou a se concentrar na música e não no espetáculo. (Os únicos acessórios eram uma tela de 5 milhões de dólares e um palco B.) A perspectiva de assistir a uma banda liderada por um cavaleiro do reino e composta de quatro lordes latifundiários ingleses amantes de críquete cantando *Sympathy for the Devil* podia ser absurda, se não fossem os Stones. Eles colocaram a casa abaixo. A guitarra de Keith era ao mesmo tempo constante, mas simples; até nos números de rock mais vigorosos, ele nunca parecia apressado. Charlie e Ron Wood conseguiram colocar ritmo até mesmo nos novos números de Paris, como a apropriadamente intitulada *Don't Stop*. Mick Jagger cantava melhor do que nunca. Ele cantava *Angie* com uma voz

cansada, mas apaixonada, enquanto sua formulação dos versos nas melodias mais rápidas foi uma revelação. *Satisfaction* se tornou um misto convincente e esquizofrênico de vulnerabilidade e hostilidade, que Mick ilustrava com golpes de caratê. Em certos outros números, ele se contentava em agitar os dedos de um lado para outro, como se tentasse secá-los em um banheiro público sem uma toalha. Ele também manteve um regime constante de pulos e chutes, rodopiando e rebolando. Aos 59 anos, Jagger havia embarcado no crepúsculo da sua vida, e sua performance foi fascinante. Ele podia ser o Albert Steptoe[2] do rock and roll, como diziam alguns críticos, um velho encarquilhado esquisito, correndo atrás de moças com metade da sua idade, mas no palco ao lado dos Stones ele parecia eletricidade pura. Os passos ansiosos de galo jovem de Mick foram gloriosos em *Brown Sugar*. Ele trocou de roupa oito vezes durante o set. O grande final: seu "casaco fantástico". Esse item surgira apenas com o logotipo da língua costurado no ombro, mas se desenvolvera para ultrapassar todos os limites do bom senso: retalhos de brim e couro, quadrados de seda com motivos de turnês anteriores, um redemoinho de Jeff Koons, manchas vermelhas e azuis, vários bolsos e zíperes e bótons brilhantes de metal. O casaco fazia a plateia emitir um pequeno suspiro.

Nos três meses seguintes, os Stones se apresentaram em diversos estádios, arenas e clubes, às vezes todos na mesma cidade. Em consequência, venderam menos ingressos, mas a um preço maior — em alguns casos, 900 dólares por um ponto privilegiado. No dia 16 de novembro, eles voltaram a tocar em Vegas, e a apresentação foi chamada de festa de aniversário de 60 anos mais cara do mundo. O ex-hippie que acabou se tornando advogado David Bonderman pagou 7 milhões de dólares à banda para uma apresentação particular com 1.500 convidados. Depois de tantos anos, os Stones continuavam tocando o velho e honesto rock and roll, sem solos de baterista gratuitos ou longos discursos sobre salvar as baleias. Na era do pop sob encomenda produzido por computador, eles tocavam melodias cruas e sublimes como *Rocks Off*. O rosto enrugado de Keith Richards já era uma afronta às figuras de corpo perfeito que dançavam na MTV. Os Stones quebravam recordes de costa a costa, e foram a principal atração de um festival

para 550 mil fãs extasiados em Toronto. Foi como se o rock tivesse cansado de toda a besteira sobre vida saudável e voltado ao básico.

Assisti a vários shows dos Stones naquele inverno, e identifiquei certos aspectos familiares reconfortantes no ritual como um todo. Os fãs mais fiéis — os chamados Shidoobees — estavam sempre na frente, não importava o preço, competindo para serem os primeiros a oferecerem um gesto de aprovação no início de cada música. Muitos faziam anotações à medida que o concerto avançava. Como estávamos nos Estados Unidos no ano de 2002, o público também passava por vários pontos de checagem do sistema de segurança e estava sujeito a várias requisições, escritas ou faladas. Sente aqui. Não se levante. Entregue suas câmeras, dispositivos de gravação e lasers. Não fume. Nenhum alimento ou bebida de fora. Não desrespeite a equipe. Seja cortês. Agradecemos a paciência. Não será admitida a entrada de pessoas atrasadas. Todos devem se levantar para o hino nacional. Tenha um bom concerto. Era uma transição extraordinária quando Keith Richards passava pela cortina para atacar com *Street Fighting Man*. Era quase como se o público também tivesse saído da escuridão para a luz. Depois de 35 anos contente apenas em gritá-las, Mick agora eternizava a ironia e a frustração da letra da música, tornando-a um comentário indelével da década de 1960, uma verdade desagradável com uma batida irresistível.

Os Stones também haviam acumulado um cortejo considerável ao longo da década, muitos membros do qual patrulhavam a área imediata ao redor dos bastidores durante o concerto. Além das equipes de segurança e técnica, cada integrante da banda tinha um assessor pessoal a postos durante as duas horas de show. Havia um código de chamado e resposta bem afinado entre as figuras diminutas que eram os músicos e os homens corpulentos atrás dos amplificadores: a banda se comunicava com sua corte através de acenos da cabeça e resmungos, e o menor toque nos lábios significava "Traga um drinque." "Começar uma música no tom errado — eu faço isso", Keith comentou sobre um típico show dos Stones da época. "Andamos de um lado para outro, tomamos algumas cervejas, fumamos alguma coisa. Somos uma banda de clube. Mesmo apesar de termos tocado nos maiores palcos de todos

os tempos, agimos do modo oposto." Os membros mais antigos da equipe já trabalhavam para Mick (Alan Dunn, Tony King) ou Keith (Jim Callaghan, Jane Rose) desde o início dos anos 1970. De forma geral, os membros da equipe eram de uma competência suprema, leais, defendiam os chefes com unhas e dentes, e absolutamente detestavam uns aos outros. O único funcionário que tinha o apoio coletivo e sincero dos Stones, e sabia disso, era Rupert Loewenstein, que controlava o dinheiro.

No dia 6 de fevereiro de 2003, pela primeira vez desde Altamont, os Stones fizeram um show gratuito no sentido de terem aberto mão do seu cachê. Realizado em Los Angeles em parte como um favor ao amigo de Mick, Steve Bing (pai do filho de Liz Hurley), o evento arrecadaria fundos para o Conselho de Defesa dos Recursos Naturais, um grupo de pressão politicamente ativo. Bill Clinton fez as apresentações. Keith Richards e Ron Wood passaram o show fumando, e quando indagado após o show o último não conseguiu explicar a decisão da banda de não participar de eventos como o Live Aid, mas apoiar um grupo que defendia a energia renovável e combatia o aquecimento global. Depois, os Stones tocaram na Austrália, onde encontraram seu velho mestre de cerimônias Sam Cutler pela primeira vez em 33 anos. Ele diz que a reunião "de forma geral foi positiva". Mick e Charlie foram simpáticos, enquanto Keith olhou para ele de cima a baixo e disse: "Puta que me pariu, Sam Cutler! Ou devo dizer puta que *o* pariu?" Ainda em março, o governo chinês anunciou que os Stones finalmente teriam permissão para tocar em Pequim, mas os proibiu de tocar *Brown Sugar*, *Honky Tonk Women*, *Beast of Burden* e *Let's Spend the Night Together*, músicas consideradas "poluição espiritual". (Aparentemente, não havia problemas com *Sympathy for the Devil*.) Keith depois teria escrito uma carta para Tony Blair apoiando-o em sua decisão de invadir o Iraque. "Use suas armas, Tone", declarou o guitarrista. No dia 4 de abril, na semana em que Bagdá caiu, os Stones fizeram seu primeiro concerto no subcontinente, tocando em um palco especialmente construído tendo o Palácio de Bangalore ao fundo. Foi um show de rock and roll incomum, já que o público estava

sentado em um pátio aberto, em bancos de granito cobertos com azulejos azul-claros, e uma escadaria de mármore decorada com vitrais percorria a lateral do auditório. Havia 33 mil pessoas no salão, e uma estimativa de mais 20 mil ouvindo o show no portão da frente. Outra diferença em relação às práticas mais recentes era que os ingressos custaram entre 6 e 25 dólares. "Estamos felizes por estar aqui. Desculpem-nos por estarmos uns quarenta anos atrasados", anunciou Mick Jagger, quando uma chuva de monção começou a cair. Até nas coletivas de imprensa da Índia as perguntas eram sempre as mesmas: sexo para Mick, drogas para Keith, idade para ambos.

Seis semanas se passaram sem que se ouvisse uma palavra dos Stones. Keith Richards acordou um dia em Connecticut sem conseguir mexer o braço e achou que estivesse sofrendo um ataque cardíaco; no final, era só câimbra. Mick foi a uma festa ao ar livre na propriedade de um amigo em Kent, onde preferiu se isolar acompanhado na cabana do jardim. Os tão esperados concertos de Pequim foram cancelados por causa do pânico gerado pela SARS. Em junho, eles fizeram o primeiro show na Europa: Viena (onde o governo lançou um selo em homenagem aos Stones), Paris, Londres. Mais à frente naquele mês, o chefe de segurança da banda e o velho amigo de Keith, Jim Callaghan, foram pegos pela polícia alemã por supostamente estarem vendendo passes VIP por quantias exorbitantes. "Os Stones não deram a mínima, mas eles também não se preocuparam com os problemas relacionados à não declaração de renda, que foi o motivo pelo qual [Allen Klein] foi para a prisão", me disse uma fonte confiável. Depois de 31 anos de serviço, Callaghan foi demitido subitamente, ou "tirou licença por tempo indeterminado até o final do inquérito", como dizia um comunicado à imprensa. Mick fez 60 anos em julho. Alguém deveria checar se ele tinha um quadro com a sua imagem numa versão envelhecida grotesca no sótão,[3] já que Mick continuava pulando incansável no palco, cantando no tom e parando apenas para olhar maliciosamente para a figura que aparecia com poucas roupas durante *Honky Tonk Women*. A figura em questão aparecia em cima de uma enorme versão do logotipo da banda, e no final da música os lábios a engoliam por completo, cuspindo seus saltos pretos.

Em 20 de setembro, a banda finalmente tocou no Estádio de Twickenham, depois de ter cancelado o show na noite anterior porque Mick havia perdido a voz, quarenta anos depois de um show com uma plateia esparsa ali perto no Eel Pie Island. Nesse ínterim, seu cachê havia aumentado de 15 libras para, de acordo com a divulgação, 6 milhões de libras. Eles também haviam passado por sete primeiros-ministros britânicos e oito presidentes americanos. Charlie deu uma entrevista nos bastidores ao apresentador de rádio inglês Charlie Gillett, e depois lhe mandou um bilhete de agradecimento escrito à mão e com a sua assinatura, complementada por "Baterista dos Rolling Stones", como se seu título não fosse imediatamente reconhecido. Os aplausos ao final do show duraram tanto tempo que Keith Richards acabou voltando de roupão enquanto os fãs gritavam por outro bis. A chance de serem atendidos era tão grande quanto a de Mick e Keith voltarem juntos para casa no metrô da District Line. A turnê *Licks* foi formalmente encerrada no dia 2 de outubro em Zurique, embora os Stones tenham se reunido um mês depois para serem os últimos a se apresentarem em um festival de Hong Kong, sua estreia em solo chinês. A primeira música que tocaram foi *Brown Sugar*.

No final, eles foram até a extremidade do palco para se curvarem num último agradecimento à multidão de 13 mil pessoas. Os quatro levantaram os pulsos e gritaram algo.

Mas ninguém ouviu. Suas palavras foram abafadas pelos gritos e aplausos.

No início de junho de 2004, Mick e Keith estavam sentados no castelo de Mick na França para compor algumas músicas para um novo álbum — o primeiro em oito anos — quando a mulher de Charlie Watts, Shirley, telefonou da fazenda da família em Devon. Charlie estava com câncer na garganta. "Houve uma longa pausa, tipo 'o que fazemos?'", conta Keith. Michael Cohl logo estava na linha, e eles consideraram a possibilidade de cancelar tanto as sessões de gravação planejadas quanto a turnê que viria em seguida. Mas a banda, que ainda estava superando a concorrência nas vendas, não havia alcançado aquela posição por meio de uma mera combinação de

nostalgia e publicidade agressiva. Mesmo na casa dos 60 anos, eles eram profissionais extremamente dedicados. Jagger e Richards muitas vezes haviam trabalhado durante crises pessoais, fosse transformando uma noite na cadeia em uma prolífica sessão de composição, ou subindo ao palco horas depois de tomar conhecimento da morte de um filho. E foi essa atitude que eles conservaram. "Pensei por um minuto e disse 'não, vamos começar'", acrescenta Keith. "Charlie ficaria muito puto se parássemos só porque ele estava incapacitado no momento. Não seria bom para Charlie, e, que merda, tínhamos algumas músicas para compor. Foi assim que fizemos."

Enquanto isso, o desprezo expresso de Mick pela "merda constante" de ensaiar o passado e suas observações sarcásticas sobre quem "explorava os anos 1960 só por dinheiro" não o impediram de aceitar compor a trilha sonora para uma refilmagem do filme seminal de 1966 *Alfie*. Mick relaxou a proibição autoimposta de revisitar a cena da sua juventude com a contribuição de um total de 11 músicas, uma das quais — *Old Habits Die Hard* — lhe rendeu vários prêmios, incluindo o Globo de Ouro. O filme foi um fracasso de bilheteria ao ser lançado em outubro de 2004. Enquanto isso, Charlie fazia radioterapia em Londres, e Ron Wood alternava entre períodos de abstinência e retorno ao álcool. Um amigo viu Woody celebrar o Natal na Irlanda enchendo uma caneca de cerveja cheia com vodca, acrescentando algumas gotas de suco de frutas ("pelas vitaminas") e depois o tomando a uma velocidade impressionante. Ele estava outra vez em uma clínica de reabilitação em 2005. Restou a Mick e Keith trabalharem juntos no estúdio caseiro de Mick, recriando parte da vibração de porão de *Exile*, ainda que com um orçamento notavelmente maior. Keith anunciou que estava se dando melhor do que nunca com "Brenda", embora tenha observado que Mick preferia uma "parede de vidro e uma sala de controle com todos esses malditos computadores" para gravar.

No início de 2005, Jagger e Richards levaram as fitas do novo álbum — que havia recebido o título de *A Bigger Bang* — para polimento no estúdio Ocean Way, em Hollywood. Don Was trabalhava com Mick em uma sala, enquanto Keith trabalhava em outra. Michael Cohl trouxe representantes da companhia

de hipotecas Ameriquest para uma reunião com os Stones no hotel Bel Air para discutirem a subscrição da próxima turnê. Os assentos agora custariam entre 75 e 450 dólares (mais ainda em alguns mercados), e foram vendidos quase instantaneamente. Quem comprou os ingressos logo leria sobre as atividades do novo patrocinador. Em junho de 2005, a Ameriquest teve que desembolsar 325 milhões de dólares em um acordo depois de ter sido acusada de empréstimo predatório, com trinta procuradores federais e estaduais processando a empresa pela cobrança de "taxas ocultas e radicalmente mais elevadas do que os juros acertados". Seria justo dizer que a cobertura da imprensa, que descreveu a companhia como "eticamente falida", "vorazmente agressiva" e "predadores absolutos", não parecia apropriada ao espírito da geração de Woodstock. No mesmo dia, o presidente Bush nomeou o presidente e diretor executivo da Ameriquest, Roland Arnall — um homem sem experiência diplomática anterior — embaixador dos Estados Unidos na Holanda. Arnall e a esposa, Dawn, haviam contribuído com 5,5 milhões de dólares para a bem-sucedida campanha de reeleição de Bush. Nos comerciais de televisão exibidos ao longo da turnê, um executivo de meia-idade da Ameriquest aparecia na tela de terno e gravata para anunciar como ele e seus colegas estavam "muito, muito orgulhosos" por estarem envolvidos com os Stones, enquanto a própria banda fazia mímica atrás dele. Um repórter da *Maxim* perguntaria a Mick Jagger por que ele havia decidido fazer negócios com uma patrocinadora tão controversa. "Foram eles que ofereceram mais dinheiro", Mick disse. Em uma associação ainda mais curiosa, os Stones estrearam o clipe de *Streets of Love*, o primeiro compacto do novo álbum, na novela americana *Days of Our Lives*, muito popular entre as donas de casa do país. "É o veículo perfeito para promover a banda", o comunicado à imprensa comentava orgulhosamente.

Em abril de 2005, Mick Jagger estava em Londres tomando providências para a turnê e trabalhando com sua produtora para uma refilmagem de *As Mulheres*, filme de 1939. Keith Richards estava em Parrot Cay, um resort exclusivo das Ilhas Turks e Caicos com um hotel e oito residentes particulares: Keith, Paul McCartney, Bruce Willis, a ex-modelo Christie Brinkley, um

magnata russo da telefonia celular e três banqueiros do mercado de investimentos. Charlie Watts havia concluído seu tratamento contra o câncer com sucesso em Londres, muitas vezes percorrendo a pé os 8 quilômetros entre o hotel e o hospital na ida e na volta e parando para conversar com qualquer um que o cumprimentasse. Poucas pessoas de fora da banda souberam quão sério havia sido o problema de saúde de Charlie antes de ele ter sido resolvido. Ron Wood saiu da clínica de reabilitação na Irlanda e lançou uma compilação de todo o seu trabalho em dois CDs que chamou de *The Essential Crossexion*; das 37 faixas, apenas duas pertenciam a seu período com os Rolling Stones. No dia 3 de maio, todos os membros da banda passaram pelos exames de saúde obrigatórios para a turnê. Uma semana depois, subiram ao palco da Juilliard School of Music, Nova York, e tocaram três músicas, ocasião que serviu de anúncio oficial da turnê. Depois do set dos Stones, um gerente de marketing da Ameriquest disse à plateia convidada que o simples fato de eles estarem ali de alguma forma "tornava o sonho americano realidade", e garantiu que a "estratégia principal de vendas" da companhia (um pragmatismo sem sentido com um verniz populista) era perfeita para os Stones. Os membros da banda não podiam confirmar nem negar isso, pois já haviam partido em quatro limusines separadas.

Para um grupo de críticos musicais, o lançamento de um novo álbum dos Rolling Stones não representa apenas um evento artístico, mas um tipo de visão de um santo. Talvez fosse daí que viessem algumas das resenhas mais efusivas publicadas depois do lançamento de *A Bigger Bang* em setembro de 2005. A *Rolling Stone* o chamou de "não um bom álbum considerando a idade da banda, [mas] um clássico consumado, sem atributos nem apologias necessárias pela primeira vez em décadas". Houve comentários excitados no *New York Times* e em outros lugares sobre uma música chamada *Sweet Neo Con*, que, de acordo com os rumores, "ofendia pessoalmente" o presidente Bush com suas alusões pouco lisonjeiras à Guerra do Iraque. O debate gerado era apenas mais uma tentativa de um grupo de interessados de reclamar para si o apoio de uma banda com um registro gravado quase perfeito de 43 anos de apatia política. Como acontecera a *Highwire*, de 1991, *Sweet Neo Con* continha

uma letra quase completamente vazia, sendo seus maiores destaques os acordes de blues tocados na guitarra explosiva de Keith, o choro da gaita de Mick e uma grande dose de boa vontade por parte dos críticos. (Talvez sua distinção seja o uso da palavra "Halliburton" em uma música de rock.) Mais uma vez, seu principal compositor demonstrou seu olho clínico para as avenidas que seu público podia estar inclinado a percorrer, sem mostrar nenhum interesse por explorá-las ele próprio. Nos 147 concertos que se seguiram ao longo de dois anos, *Sweet Neo Con* não apareceu nem uma vez. O presidente Bush mais tarde diria nunca ter ouvido falar na música.

Se os Stones alguma vez haviam demonstrado revolta em relação à alta sociedade decadente de nariz em pé que satirizaram em *Play with Fire*, não foi do ponto de vista da democracia social, tampouco em defesa dos oprimidos. Mesmo na década de 1960, salvar o mundo, pôr fim à Guerra do Vietnã e à corrida armamentista eram causas que tinham que ser encaixadas pela banda no tempo que sobrava entre as exigências de seus poderosos empresários e os carinhos das groupies. "Everybody's talking, showing off their wit/The moon is yellow, I'm like jello/Staring down your tits" [Todo mundo está falando, mostrando sua inteligência/A lua é amarela, sou como gelatina/Olhando para as suas tetas], Mick cantava em um momento mais representativo de *A Bigger Bang*, entre outras referências similares à sua célebre vida social — as mulheres dessas músicas "assaltaram minha alma", "me usam para limpar o chão" e são uma "beleza perigosa/espancando dolorosamente sua presa". ("I was awful bad" [Eu fui muito mau], Mick admite em certo momento sem nos dar detalhes.) Há um ou dois números de rock que remetem a *Exile*; *Back of My Hand* resgatava os acordes de blues mais antigos com um ótimo resultado, e os vocais cativantemente indistinguíveis de Keith encerravam a produção (com 60 minutos, talvez longa demais) com *Infamy*. *A Bigger Bang* ficou com a segunda posição nas paradas britânicas, a terceira nos Estados Unidos, e vendeu um total de 3 milhões de discos no mundo inteiro.

Os Stones abriram sua turnê no dia 21 de agosto de 2005 com dois shows no venerável Fenway Park, em Boston. Um jogo de beisebol agendado para três dias depois no local teve que ser adiado devido aos danos causados ao campo

pela estrutura de 200 toneladas do palco, uma verdadeira cidade nos fundos da qual se erguiam duas torres de aço e vidro que pareciam faixas prateadas enroladas em pilhas cilíndricas, ao lado de uma tela de 2,5 metros de altura. O pano de fundo era tão grande que quatrocentos fãs puderam ser acomodados nas varandas discretamente construídas nas torretas gêmeas, acrescentando 250 mil dólares à receita noturna da banda. Dois conjuntos de painéis de efeitos especiais exibiam uma variedade de gráficos gerados por computador ao lado de uma filmagem ao vivo dos músicos, predominantemente Mick. Havia explosões pirotécnicas, enormes sistemas de alto-falantes, centenas de luzes. O primeiro número foi *Start Me Up*. Os Stones fizeram uma boa escolha para o nome da sua nova turnê: no dia 5 de dezembro de 2005, quando todos foram para casa para férias de um mês, Michael Cohl anunciou que os 42 concertos feitos até então haviam rendido 162 milhões de dólares, quebrando o recorde estabelecido por *Bridges to Babylon*. Embora a banda raramente tenha se incomodado com quaisquer críticas recentes à comercialização exagerada da sua marca, talvez só agora eles tenham se aproveitado das oportunidades de lucros a olhos vistos. Entre várias outras novidades do marketing no ano seguinte, a Ameriquest e Michael Cohl venderam para Arnold Schwarzenegger um camarote de luxo para vários concertos, permitindo-lhe oferecer assentos a amigos e aliados em troca de 100 mil dólares em contribuição para a sua campanha de reeleição. Embora Mick Jagger tenha concordado com o acordo, isso não impediu que ele fizesse piadas contínuas com o "governator", gritando em um show que ele havia sido pego "vendendo camisetas e negociando ingressos" do lado de fora. Ao longo da turnê, se por um lado Mick parecia querer maximizar os lucros, por outro ele também queria insistir que tudo se resumia a "quatro caras se divertindo" e "não da[ndo] a mínima para o lado dos negócios". Ninguém disse que o homem não tinha suas contradições.

No dia 5 de fevereiro de 2006, os Stones forneceram o acompanhamento musical para o Super Bowl XL, em Detroit, executando clássicos recebidos por uma audiência americana extasiada (e uma faixa do novo álbum) de 142

milhões. Os organizadores tentavam apagar a memória da infame "falha do guarda-roupa" de Janet Jackson de dois anos antes ao contratarem artistas que dificilmente fariam o mesmo tipo de exposição. Sua confiança foi bem depositada. Durante uma coletiva de imprensa que antecedeu o show, Mick Jagger garantiu aos seiscentos representantes da mídia que a banda exibiria o seu melhor comportamento durante o show. Sendo Mick, ele também observou que havia quem se preocupasse com a possibilidade de ele dizer "foda" no palco. Não havia possibilidade de ele proferir "foda" ou "foder" em público, como Mick enfatizou, várias vezes. Ele cumpriu a promessa. Os Stones usariam a ocasião para tocar uma versão crua de *Start Me Up* e dois outros números. A única exposição física veio quando Mick tirou seu fraque para cantar *Satisfaction*. Havia momentos em que sua camisa prateada subia, abrindo uma brecha a partir das calças e exibindo sua cintura feminina de 70 centímetros. Fora isso, nada saiu diferente do esperado. Se, como Jackson, ele usava alguma joia nos mamilos, Mick felizmente manteve isso para si. A única controvérsia foi que a rede de TV desligou seu microfone quando ele cantou as palavras "cocks" [cacetes] e "cum" [porra] (não em sequência, devemos observar) a fim de que elas não chocassem os telespectadores. Por coincidência, na noite do primeiro Super Bowl de todos os tempos, em janeiro de 1967, os Stones haviam sido censurados durante a execução de *Let's Spend the Night Together* no *Ed Sullivan Show*. Apesar de cada vez mais velhos e mais ricos, Mick e os rapazes continuavam ofendendo alegremente o que sobrara do Establishment. Passados 13 dias, os Stones se apresentaram diante de uma audiência estimada em 1,6 milhão de fãs imprensados em uma praia do Rio de Janeiro. Muitas jovens na multidão usavam camisetas ou outros itens com slogans que ressaltavam quão felizes ficariam se, como acontecera a Luciana Gimenez, Mick também quisesse engravidá-las. Outras dispensaram completamente o pudor e escreveram a mensagem nos seios nus. No dia 8 de abril, os Stones finalmente conseguiram tocar na China continental, com um concerto no relativamente pequeno Shanghai Grand Stage, com 8 mil assentos. A censura entrou em cena outra vez: o governo chinês aparentemente não tinha problemas com trocadilhos sexuais, mas temia que Mick contribuísse para o

debate sobre a miscigenação com *Brown Sugar*. Após uma discussão acalorada, a banda substituiu o número por uma versão bluesy e insolente de *Bitch*.

No dia 18 de abril, os Stones fizeram um concerto raro em Wellington, Nova Zelândia — o país que 41 anos antes Mick estigmatizara como "um lixo". Antes dos shows pela Europa, os membros da banda e a equipe ocuparam dez bangalôs do exclusivo Wakaya Club, em Fiji, cada um custando entre 5 mil e 7 mil dólares por noite, incluindo consumo liberado de frutas frescas e álcool. Por volta do pôr do sol de 26 de abril, Keith Richards relaxava com uma bebida tropical sobre um galho de 1,8 m de altura de uma figueira-de-bengala enquanto sua esposa e a família Wood preparavam um almoço a alguns metros na praia. Keith pulou do galho, mas atingiu a areia com mais força do que esperava, caiu para trás e bateu no tronco da árvore com a cabeça. Três dias depois, ele estava com muita dor de cabeça. Keith teve uma convulsão na cama naquela noite, e na madrugada do dia 30 uma ambulância aérea o levou para o Hospital Ascot, Auckland, uma viagem de quatro horas. Uma fonte familiarizada com os fatos diz que o paciente chegou à sala de emergência "amarrado a uma maca, com muitas bandagens e com um olhar selvagem". Quando perguntaram a Keith se ele sabia qual era o seu problema, ele respondeu: "Minha cabeça está doendo pra caralho."

Três dias depois, Keith foi considerado estabilizado. Depois, os médicos fizeram uma operação de duas horas e meia para drenar o sangue do seu cérebro. Depois desse procedimento, que salvou sua vida, eles costuraram o escalpo de Keith com seis parafusos de titânio e o colocaram sob um rígido regime de morfina, o que não foi uma experiência tão desagradável para ele. Depois, os cirurgiões encorajaram Keith a abandonar seus quarenta anos de consumo de cocaína e a tirar um mínimo de seis meses de descanso. Ele concordou com a primeira condição, mas estava na estrada outra vez com os Stones no dia 11 de julho, apenas nove semanas depois. Os comediantes fizeram uma festa com piadas sobre o acidente de Keith na primavera, sugerindo que ele havia caído de um "coqueiro de 15 metros de altura" e sofrido "danos cerebrais permanentes — mas como é que podemos identificar a diferença?" A companhia de seguros da banda desembolsou cerca de 14

milhões de dólares em receitas perdidas em consequência das mudanças no itinerário da turnê. Quando eles deram continuidade em Milão, Keith parecia feliz, mas frágil, e usou um banquinho em vários números mais lentos. O neurocirurgião de Auckland e sua equipe foram ao show e das coxias observaram o paciente com orgulho, ainda que talvez com um pouco de preocupação. Em uma possível referência à sua desventura, Keith acrescentou *Slipping Away* [Escorregando] ao repertório. Mick cantou *As Tears Go By* em italiano. Mais tarde, ele trouxe ao palco Marco Materazzi, que havia sido derrubado em um jogo recente na Copa Mundial, e disse: "Materazzi e Richards têm algo em comum hoje à noite — os dois tiveram problemas relacionados à cabeça." Todos os tipos de ideias sensacionais para acessórios de palco, inclusive muitas projeções e luzes brilhantes, foram estrategicamente posicionados para suscitar expressões de admiração da multidão, mas a maior emoção com certeza era o alívio de ver a banda de volta ao seu lugar.

Após esse retorno, Keith fez o papel de pai de Johnny Depp em *Piratas do Caribe: No Fim do Mundo*. Era um papel para o qual ele parecia ter estado em teste permanente nos últimos vinte anos. Enquanto isso, Mick interpretou a si mesmo na série de comédia americana *The Knights of Prosperity*.

Os Stones fizeram outros quarenta shows na Europa e na América do Norte durante 2006. Seu contrato de turnê especificava que cada um dos quatro membros da banda deveria ter seu próprio camarim personalizado, e que uma "placa com uma designação clara seja afixada" a cada um: "Área de Exercícios" (Mick), "Acampamento Raio-X (Keith)", "Cotton Club" (Charlie) e "Sala de Recuperação" (Ron). Jagger deveria estar "fisicamente ausente da área do show e arredores" durante o mini-set de duas músicas de Richards. Mick com frequência aproveitava essa oportunidade para ir até os bastidores e colocar uma máscara de oxigênio antes de voltar para a segunda metade do show.

A experiência de quase-morte de Keith aparentemente também havia levado todos os membros da banda a pensarem em seus herdeiros. Em agosto de 2006, Jagger, Richards e Watts sentaram-se com Prince Rupert e seu recluso contador holandês, Johannes Favie, para criar duas fundações particulares sediadas em Amsterdã que lhes permitiria passar seus bens com isenção de

impostos quando morressem. O fato de os Stones estarem preocupados com seu dinheiro provavelmente não seria uma surpresa para qualquer um que tivesse comprado um ingresso de 400 dólares para um concerto da banda ou um dos seus produtos oficiais, de bonecos de Mick Jagger de "resina de qualidade" com cabeça articulada e lâmpadas lava "It's only Rock 'n Roll" a uma linha de lingerie "pessoalmente aprovada", entre outras coisas exóticas. Não que a percepção da sua mortalidade significasse que Keith Richards não se divertiria mais, como o cantor-empreendedor Jimmy Buffett descobriu certo dia ao erguer a cabeça e olhar para o céu azul do Caribe, tendo visto Keith voando alegremente no assento do passageiro de um bombardeiro Heinkel da Segunda Guerra Mundial restaurado.

Os Stones fizeram cinco concertos com ingressos esgotados na Inglaterra em agosto de 2006. Em geral, eles eram um exercício perfeito de administração do envelhecimento. Aos 63 anos, Mick parecia ter mudado a cor natural do seu cabelo de prateado para castanho, mas conservava sua musculatura extraordinária, um emaranhado de músculos flexíveis em um abdômen tanquinho, dançando com o seu gingado inconfundível. Keith, por sua vez, ainda tocava a guitarra com golpes curtos e certeiros, muitas vezes acompanhados com um movimento da mão esquerda que socava o ar. Grande parte da energia da banda ao vivo ainda se devia às batidas moderadas mas precisas de Charlie, como os riffs de Keith cheios de intervalos de silêncio estratégicos. Após trinta anos, as opiniões em relação à qualidade da técnica de Ron Wood ainda eram divididas, mas seus movimentos no palco tornavam o visual do show mais excitante.

Talvez o pior que pudesse ser dito a respeito de um concerto dos Stones era que eles tendiam a simplificar seus números clássicos em vez de lhes dar seu tratamento em camadas original. A versão de estúdio de *Brown Sugar* era um mix dinâmico entre guitarra acústica e elétrica, com o que Mick chamava apropriadamente de ritmo "furtivo" e deixando a maior parte do trabalho pesado para o bumbo de Charlie. Agora, o público ouvia o riff superexcitado e

algumas variantes gritadas do refrão, mas não muito além disso. Analogamente, *Honky Tonk Women* precisava de uma guitarra propulsora elegante, mas não recebia um tratamento formidável, e sim uma versão desajeitada. A música havia sido um Maserati; agora era um caminhão Mack batendo em retirada. O ritmo alegre de *Start Me Up* muitas vezes começava como um rolo compressor. Ouça os primeiros 15 segundos cineticamente excitantes de *Jumpin' Jack Flash* em seu essencial, desenvolvendo-se de forma constante até alcançar um estopim, e depois ouça a introdução agressiva da mesma música. Era, basicamente, uma série estranha de arranjos, mas uma versão da qual muitas pessoas gostavam.

Em 29 de outubro, os Stones venderam facilmente os 2.800 assentos do Beacon Theatre, em Nova York. Mais uma vez, Bill Clinton foi o mestre de cerimônias, e Martin Scorsese filmou o concerto para um documentário chamado *Shine a Light*. Minutos antes do show, Ahmet Ertegun, de 83 anos, o homem que resgatara a carreira dos Stones quando eles estavam em baixa, tanto em 1971 quanto em 1977, tropeçou na suíte para convidados — apelidada de Cascavel Inn — e bateu com a cabeça no chão. Enquanto a banda fazia o show, Ertegun foi levado às pressas para o Hospital Presbiteriano de Manhattan; embora tenha sido originalmente considerado estável, ele entrou em coma e morreu no hospital seis semanas depois. Após um segundo show no Beacon, Mick Jagger passou 24 horas em Londres na cabeceira do pai, Joe. Ele também havia sofrido uma queda recentemente, e em seguida desenvolvera pneumonia. Mick voltou a se reunir com a banda em Las Vegas, no dia 11 de novembro, quando soube que o pai havia morrido. Ele tinha 93 anos. Os Stones tocaram seu set completo de duas horas conforme marcado para aquela noite. Mais tarde, foi revelado que o senhor Jagger deixara todo o seu patrimônio de 380 mil libras para o filho mais novo, Chris, cuja carreira como músico empacara na década de 1970, e nem um centavo para Mick — que, porém, foi nomeado o executor do testamento do pai. (Em maio de 2007, os irmãos surpreenderam os cerca de quarenta fregueses do pub Bull's Head, em

Barnes, sul de Londres, subindo no palco improvisado e fazendo um dueto em *Dead Flowers*, do *Sticky Fingers*.) As providências para o funeral de Joe Jagger foram adiadas para que os Stones pudessem fazer os cinco últimos concertos da turnê *Bigger Bang* na América do Norte. Em 25 de novembro, houve uma festa para marcar o fim da turnê em Vancouver, onde Mick falou sobre não ter havido "incidentes sérios" no último ano. Keith o corrigiu apontando para a cabeça, o que provocou algumas gargalhadas. Três dias depois, de terno preto, Mick presidiu o funeral do pai na Igreja St. Mary, em Teddington, Surrey, com o comparecimento de L'Wren Scott, Jerry Hall, Bianca e Marsha Hunt. Seis dos filhos de Mick e duas netas também estavam presentes. Charlie Watts representou a banda. James Brown, o "pai do soul", morreu no Dia de Natal do mesmo ano. Em 2006, Mick perdera três daqueles que podem ter sido os quatro homens que mais influenciaram sua vida, e quase perdeu o quarto.

Em 21 de abril de 2007, Doris Richards morreu de câncer aos 91 anos. "Sabíamos que mamãe estava partindo", Keith lembraria, "e então minha filha Angela diz 'Papai, pegue o violão. Toque para ela. Vá até seu quarto.' Então, fui até lá e sentei na cama do hospital, e toquei da melhor forma que pude. Toquei músicas antigas, as velhas músicas de dance-hall. Na manhã seguinte, ela acordou por um momento, e minha filha estava lá e perguntou: 'Você ouviu papai tocar para você na noite passada?' E minha mãe responde: 'Sim, ele estava desafinado.'" No mesmo mês, Keith disse a uma revista de música britânica que havia inalado as cinzas do pai misturadas com cocaína. "Não pude resistir, então o misturei com um pouco de coca. Meu pai não teria se importado", ele disse, acrescentando: "Desceu bem." No furor gerado, Keith protestou indignado que havia feito "uma piada", ou havia sido "tirado de contexto", antes de acabar revelando que talvez realmente houvesse cheirado um pouco das cinzas de Bert quando elas caíram na mesa do jardim no momento em que ele estava prestes a espalhá-las ao redor de um carvalho.

Enquanto isso, os Stones davam início à oitava e última etapa da turnê, já tendo se apresentado em 32 países ao longo de um período de 21 meses. No

dia 10 de junho, eles foram a atração principal do festival da Ilha de Wight, mas declinaram do mesmo convite para Glastonbury depois que os organizadores não puderam pagar o cachê "reduzido" de 1 milhão de libras da banda. Seguiram-se vários shows por estádios na Espanha, na França e na Itália. Na mesma semana, enquanto a *Forbes* colocava os Stones no topo da lista dos artistas que ganhavam mais dinheiro, Mick Taylor foi fotografado por um tabloide britânico andando com dificuldade enquanto voltava à sua casa "dilapidada" depois de ter feito compras no Asda. P.J. Crittenden, proprietário do clube Dirty Water, em Tufnell Park, onde a banda de Taylor se apresentava de vez em quando, disse: "Mick é um cara adorável. As pessoas que se interessam por ele estão entre 30 e 45 anos. Embora entusiasmadas, elas não são exatamente uma legião."

A banda que Taylor deixara 33 anos antes havia se especializado de tal forma no fornecimento do rock tradicional que agora conseguia dar a impressão de pertencer a outra era e de, portanto, ter todo o encanto do auge da década de 1960, ao mesmo tempo que exibia o seu domínio da tecnologia de ponta, ainda que nem sempre estilos musicais contemporâneos. A banda também era muito versátil. No dia 21 de junho, os Stones lotaram 62 mil assentos do Estadi Olimpic Lluis Companys, em Barcelona; Mick ziguezagueava pelo palco, acenando sem parar com os braços magros e elegantes, enquanto Keith permanecia parado como uma rocha, criando muralhas de som com espanadas sutis nas cordas da guitarra. Na mesma semana, a banda também tocou para um público mais selecionado de 480 pessoas em uma festa particular para funcionários do Deutsche Bank no Museu de Arte Catalão. A quantia divulgada do cachê foi de 5,6 milhões de dólares. Mick disse à pequena, mas entusiasmada multidão: "Obrigado por nos receber. A melhor parte é que isso está saindo dos bônus de vocês." No mês seguinte, os Stones fariam shows em Montenegro, na Sérvia e na Romênia, lugares distantes e antes proibidos para o rock and roll, causando tumultos comemorativos aonde iam. A única nota de censura veio em Gotemburgo, Suécia, onde Markus Larsson, o crítico de

música do jornal *Aftonbladet*, avaliou o concerto negativamente. Entre outras coisas, o senhor Larsson sugeriu que Keith Richards parecia "um pouco confuso" no palco. Keith respondeu em uma carta aberta, dizendo que o crítico deveria retirar suas observações e "admitir que foi um bom show." Larsson, por sua vez, escreveu: "É Richards quem deveria se desculpar", já que cada fã pagara por volta de 150 dólares "para assistir a um astro do rock que hoje em dia mal consegue tocar o riff de *Brown Sugar*".

Após dois anos, 147 shows e um lucro total de 560 milhões de dólares, a turnê *Bigger Bang* finalmente foi concluída com três concertos lotados na Arena O2 de Londres, a poucos quilômetros de onde a banda tocara pela primeira vez 45 anos antes. Em geral, os críticos britânicos foram mais complacentes do que suas contrapartes estrangeiras. "A música ainda é ousada, tensa, um organismo vivo", Andrew Perry escreveu sobre o último show no *Daily Telegraph*. "Durante *Tumbling Dice*, Keith Richards — o favorito dos fãs, que recebeu uma ovação de pé por acender um cigarro — fez um solo que talvez pertença a outra música, ou talvez a outra galáxia. Foi incrível. Ele continua arrasando." Keith e Woody produziram algumas ondas de som bruscas naquela noite. O dia era 26 de agosto de 2007. Nos dias seguintes, a imprensa mais uma vez publicou manchetes do tipo "This Could Be the Last Time" [Esta poderia ser a última vez, trecho da música *The Last Time*].

Cada Stone teria ganhado 45 milhões de dólares, ou 30 milhões de libras, pelos seus serviços desde agosto de 2005 — embora documentos legais mais tarde tenham avaliado os lucros líquidos de Ron Wood em 36 milhões de libras, uma redução considerável em relação ao montante do início da década, 75 milhões de libras, o que se devia em grande parte a maus investimentos, hábitos pessoais e um subsequente divórcio custoso. Também se acreditava que Woody havia gastado cerca de 1,5 milhão de libras em sua terapia intermitente de desintoxicação durante o período. Além do dinheiro, uma das razões que possivelmente levaram a banda a durar tanto tempo era que, fora dos palcos, eles se viam muito pouco. Mick imediatamente voltou para a sua companhia de produção de filmes, suas festas e seu críquete. Keith ficava feliz em passar a maior parte do tempo deitado em uma rede em uma de suas propriedades no

Caribe, embora tenha gravado alguns licks inimitáveis no álbum de um amigo e depois começado a escrever suas memórias. Charlie gostava de se isolar por trás das paredes de marfim da sua fazenda em Devon, onde preferia relaxar com seus cavalos e cachorros em vez de frequentar festas com o que certa vez chamara de "aquelas pessoas horríveis do rock and roll". Só Woody, o eterno garoto novo da banda, parecia ainda passar os dias e as noites perseguindo o estilo de vida do rock caracterizado por um consumo heroico de álcool, cigarros e mulheres inapropriadamente jovens. E, por mais incrível que pudesse parecer, até mesmo ele anunciou agora estar consumindo "alimentos orgânicos".

Em outubro de 2007, Wood publicou sua autobiografia, *Ronnie*, um relato alegre, embora ocasionalmente exagerado, do seu tempo com Jeff Beck, os Faces e os Stones. Era uma viagem relaxada e encantadora através dos últimos quarenta anos. Para ter uma ideia do livro, basta imaginar um homem magricela de 60 anos, digamos em um pub no sul de Londres, contando histórias sobre sua vida às pessoas. Ele relata histórias um tanto improváveis sobre ter viajado pelo mundo com vários amigos músicos, ter bebido quantidades impressionantes de álcool e às vezes passar o tempo brincando de médico com as mulheres locais. No palco com os colegas, havia mais bebidas, muitas vezes servidas por um bartender uniformizado, bem como uma série de incidentes como consequência em locais exóticos. O álcool e as mulheres sempre têm um efeito benéfico. No final, ele é reconhecido como um artista criativo que tem jatinhos particulares e um cortejo à sua disposição. O ex-presidente dos Estados Unidos o contrata para pintar seu retrato. Fama e fortuna o esperam, mas também uma série de desastres internacionais complicados nos negócios. Esbanja a maior parte do seu dinheiro. A única diferença entre esse homem e Woody é que enquanto o primeiro de vez em quando pode ser um tédio, o outro é um sobrevivente travesso e adorável de uma época em que os astros do pop andavam de saltos e em que as mulheres eram "garotas" ou "a velha". Seu livro é muito divertido de ler.

Enquanto isso, Keith Richards deixou o bigode crescer e ajudou a esposa, Patti, agora com 52 anos, a derrotar um câncer de bexiga. Mais tarde, Keith

contou a uma revista inglesa: "Não tenho preferência por nenhuma dessas bandas novas de merda." A cota de excrementos na linguagem de Keith havia sido reduzida a um mínimo, e ainda assim ele parecia querer quebrar o recorde mundial. Seu veredito definitivo sobre a música atual: "Todo mundo é um monte de merda. Estão todos tentando ser outras pessoas, e não estão sendo eles mesmos. Os Libertines, Arctic Monkeys, Bloc Party? Um monte de merda. Posers, lixo. Não tem nada que valha merda nenhuma. Ouço a merda de verdade, não ouço qualquer merda. Ouço minha merda, querida, Motorhead, reggae, música marroquina. Todo tipo de merda." Keith ainda comentaria sobre os Stones: "Eles são os únicos com quem me importo. Não consigo esperar para estar de volta à estrada com aqueles filhos da mãe, que, milagrosamente, por acaso são uma das melhores bandas do mundo. Não sei como diabos isso aconteceu."

Em fevereiro de 2008, os Stones se reuniram para um raro evento fora de turnê com o objetivo de celebrar a estreia do documentário de Martin Scorsese, *Shine a Light*, no Festival de Cinema de Berlim. Mick aproveitou a oportunidade para comentar a dependência de drogas e, em particular, sobre a cantora Amy Winehouse. "Quando experimentávamos drogas, pouco se sabia sobre os efeitos. Na nossa época, não havia centros de reabilitação. Bom, pelo menos eu não ouvia falar deles." Mick disse não entender como a geração mais jovem, mesmo apesar de conhecer os perigos das drogas, podia continuar contendo usuários. Keith Richards também aconselhou Winehouse a "se recompor". Ele expressou preocupação com o declínio gerado pela dependência da cantora, avisando que ela poderia acabar com uma aparência "desgrenhada e decadente", como acontecera a ele. Entretanto, Keith disse não ser um abstêmio total. "Fumo pra cacete", ele admitiu. "Mas isso é minha erva inofensiva. É só o que uso, só isso. Mas eu fumo mesmo, e tenho umas merdas muito boas."

A turnê mundial dos Stones para promover o filme de Scorsese foi grandiosa, majestosa, cheia de orgulho e lenta. Em uma inversão de sua técnica

de palco, Mick passava longos períodos sentado, com frequência usava um terno e óculos, não fazia nenhum esforço em particular para divertir ninguém e passava um bom tempo falando sobre a família e sua vida espiritual. De acordo com relatos publicados, Mick agora "pratica[va] budismo e meditação todos os dias. Ele diz que é a primeira coisa que faz ao se levantar de manhã". Keith Richards atribuiu sua boa saúde a "não comer muito, beber bastante [e] uma boa erva". Seu hábito de cinquenta anos de fumar Marlboro havia tornado suas papilas gustativas descartáveis. Assim, doses regulares de comida de bar com muito molho HP continuam sendo sua dieta favorita. Por volta dessa época, Richards apareceu em uma série de anúncios comerciais da luxuosa marca Louis Vuitton. Era difícil dizer o que era mais chocante: a escolha original do garoto-propaganda ou a decisão de Keith de doar seu cachê para o Climate Project, um grupo de ação ambiental fundado por Al Gore. Em Devon, Charlie Watts negava rumores de que havia deixado a banda, que caracterizou de "asneiras". "Por que eu deveria sair?", perguntou Charlie. "Parece que sempre que paro fico doente. Da última vez que tirei umas férias tive câncer na garganta. Me exercito, não fumo e não bebo... Acho que devemos continuar."

Mick também parecia estar disposto a continuar: ele podia refletir diante de plateias de festivais de cinema que os Stones haviam alcançado seu auge criativo no final da década de 1960, mas não tinha intenção de se tornar o que chamava de "um velho enchendo o saco das pessoas no pub". Não fazia parte da sua natureza nem da dos empresários da banda passar muito tempo se dedicando à nostalgia; ambas as partes dependiam de um dinamismo contínuo para sobreviver. Embora Mick tenha feito 65 anos em julho de 2008, ele conseguiu complementar a aposentadoria paga pelo estado com a assinatura de um novo contrato com a Universal Music Group, da Vivendi, que pagou 15 milhões de dólares em adiantamento para os Stones e garantiu-lhes o montante divulgado de 120 milhões para os quatro anos seguintes. Estimativas diziam que o patrimônio de Mick na época era de 225 milhões de libras, ou 340 milhões de dólares, e acreditava-se que ele não teria mais herdeiros — "Herdei muitos filhos fantásticos, o que já é o bastante", L'Wren Scott disse.

Negando-se a deitar sobre seus louros, Mick se dedicava a vários outros projetos artísticos, incluindo a adaptação por tanto tempo adiada pela sua companhia de produção de *As Mulheres,* de Clare Boothe. Seguindo a veia de *Sex and the City* (embora, ao contrário da série, não contasse com um único homem no elenco), o filme foi lançado em setembro de 2008. Os críticos não ficaram impressionados. A.O. Scott, do *New York Times*, falou por muitos ao falar do filme de "uma besteira sem graça e entediante", enquanto para a *Rolling Stone* ele era uma "refilmagem malfeita" e "um grande fracasso". Apesar ou por causa das críticas negativas, *As Mulheres* teve um desempenho respeitável nas bilheterias, lucrando 48 milhões de dólares no mundo inteiro — duas vezes o orçamento da sua produção. Mick também promovia incansavelmente a primeira coletânea da sua carreira solo. Talvez com um título pouco modesto, ainda que inconfundível, *The Very Best of Mick Jagger* — uma contradição, de acordo com Keith — alcançou a 79ª posição da *Billboard*, 76 lugares abaixo de *A Bigger Bang*.

Enquanto Mick geralmente evitava a introspecção, Keith estava ocupado buscando peças perdidas para o quebra-cabeça de sua vida — como os anos 1970 — para a autobiografia que estava escrevendo. Tendo quase abandonado as drogas por completo, ele se fortalecia para a tarefa com grandes doses de vodca e, de vez em quando, uma pílula para dar energia pela manhã. Para ajudar também no processo criativo, ele contratou o escritor fantasma James Fox. Dono de um temperamento pouco adequado para a existência isolada de um autor profissional, Keith também se permitia certos intervalos para diversão durante esse período, incluindo uma noite feroz no palco do Hall da Fama dos Músicos, em Nashville, onde se juntou a uma reunião dos Crickets para performances vigorosas de *Peggy Sue*, *Not Fade Away* e *That'll Be the Day*. Charlie Watts e Bill Wyman se reuniram em um jantar de gala em Londres para o ex-jogador de críquete inglês Ian Botham. Bill agora era um velho cavalheiro de óculos de 72 anos que dividia o tempo entre a administração de suas lanchonetes, pequenas turnês com uma banda de blues que chamou de The Rhythm Kings e a venda de detectores de metal "top de linha" por 120 libras. Ele continuava expressando alívio por ter deixado os Stones no

momento certo, embora observasse que, ao contrário do restante da banda, tinha que trabalhar para se sustentar.

Se dinheiro não era problema para os membros fundadores dos Stones, Ron Wood parecia passar de uma crise financeira ou pessoal para outra em 2008-9. Woody havia sofrido a perda de vários familiares nos anos recentes, culminando com a morte por câncer em novembro de 2006 de seu irmão mais velho, Art, um dos vocalistas convidados regulares no velho Ealing Jazz Club e uma das principais influências da carreira musical de Ron. Art tinha 69 anos. Desde 2003, Wood também perdera os pais, o irmão Ted e a ex-mulher, Krissy (que morreu de overdose acidental em 2005), enquanto aparentemente também tinha problemas com a filha, Leah, uma modelo que, de acordo com relatos, havia se mudado para a Austrália sem avisar aos pais. É possível que Wood estivesse sofrendo uma crise tardia de meia-idade depois de ter deixado a estrada em 2008. Em junho, ele se separou de Jo, sua esposa havia 23 anos, para viver com Ekaterina Ivanova, uma garçonete russa loira de 19 anos que havia conhecido fazendo "lap dance" em um bar do Soho. Em julho, ele estava outra vez em uma clínica de reabilitação. Em agosto, Woody pegou o que restava de suas guitarras na sua mansão de 10 milhões de libras em Kingston-upon-Thames, colocou a propriedade da Irlanda à venda e foi morar com Ivanova no que a CNN chamou de um "ninho de amor de luxo de 8 milhões de dólares no centro de Londres", mas que na verdade era um apartamento pequeno em Belsize Park, sucedido por um castelo imitando o estilo gótico que Woody alugou da família Lacoste em Cobham, Surrey.

A guitarra base dos Stones já havia sido a condenação de Brian Jones e de Mick Taylor, e agora Wood também parecia ter mergulhado em um declínio rápido, interrompido periodicamente por internações em centros de desintoxicação. A imprensa britânica descobriu que podia lucrar com as velhas extravagâncias do rock. Entre julho de 2008 e dezembro de 2009, houve histórias frequentes sobre a "tempestuosa" vida sexual de Wood, e especificamente sobre como ele gostava de desenhar sua "desinibida" jovem

amante. Vários jornais publicaram fotos antigas de Ivanova nua. Um popular tabloide dominical acabaria por subornar uma arrumadeira de hotel em troca de uma calcinha sua. Não se sabe o que o jornal pretendia fazer com a peça, mas o pagamento foi feito. Ivanova disse ao *News of the World* que estava "apaixonada de verdade" tanto por Ron quanto por sua música, embora não tenha conseguido dizer de pronto qual era a sua música favorita dos Stones. Os dois bebiam muito, e em pouco tempo surgiriam relatos de brigas perturbando a paz de Belsize Park e Cobham tarde da noite. Jo Wood, que participou do programa de dança com celebridades *Strictly Come Dancing*, parecia encarar a saga com um misto de bom humor estoico e um pouco de alívio. "Aquela garota me fez um favor", Jo comentou em 2009. "Ela ocupou meu lugar, e agora tem que cuidar de Ronnie em tempo integral." Wood, contudo, conseguiu fazer um pouco de música durante esse período, tocando com o Pearl Jam em agosto de 2009 e depois em uma reunião do Faces no Royal Albert Hall, com Mick Hucknall substituindo Rod Stewart nos vocais, e Bill Wyman no baixo.

Mick Jagger algumas vezes depreciara *Exile on Main Street* com o passar dos anos, mas no início de 2009 decidiu que chegara a hora de relançar o álbum com dez faixas inéditas e um documentário. Don Was concordou em produzir o projeto, e um dia olhou pela janela para ver "dois caminhões Mack cheios de fitas na porta". Mick Taylor saiu de sua semi-aposentadoria para ajudar a polir material de arquivo, como *Plundered My Soul*, um número cheio de arrogância que se tornou o melhor compacto que os Stones haviam lançado em décadas. Tanto Keith quanto Bill estavam a bordo, enquanto Charlie anunciou que seus únicos destinos favoritos fora da sua fazenda eram o alfaiate e o sapateiro, e que ele não tinha nem telefone nem "aquela tal máquina", se referindo a um computador. Fazer compras era o único vício conhecido de Charlie, e ele continuava no caminho para se tornar o primeiro grande astro do rock a celebrar bodas de ouro.

Depois de ter feito o possível ao longo dos anos para retratar o afogamento de Brian Jones como assassinato, o lendário faz-tudo dos Stones, Tom Keylock, morreu em 2 de julho — por acaso, também o dia do aniversário de 40 anos

da morte de Brian. E as coincidências não pararam por aí: dois dias depois, o chefe e ocasional inimigo de Keylock, Allen Klein, também faleceu. Ele tinha 77 anos e estava sofrendo de demência. O amigo de Mick, Michael Jackson, também morreu naquele verão. Como de costume, nenhuma dessas perdas pareceu incomodar os Stones. A maior parte da velha equipe dos Stones já havia deixado o negócio da música, embora Andrew Oldham ainda tivesse um programa de rádio diário que transmitia de sua casa, na Colômbia, e com frequência colaborasse com o cantor/compositor argentino Charly Garcia, mais conhecido como El Bigote Bicolor. Oldham também escreveu um livro sobre o Abba.

Em setembro de 2009, a vida doméstica de Ron Wood passou por um episódio desagradável, quando Ekaterina Ivanova teria ameaçado se suicidar depois de uma briga tarde da noite no ninho gótico do casal, em Cobham. De acordo com um relato publicado no *Daily Mirror*, Ekaterina foi ouvida gritando: "Vou me matar. Você vai me encontrar morta." Ron respondeu: "Saia da minha casa, sua vagabunda." Um porta-voz da polícia de Surrey disse: "Policiais foram até o endereço, mas não foram registradas agressões nem houve prisões." Em mais um incidente, Woody, um senhor de 62 anos com seis netos, supostamente apareceu na rua certa noite com "o rosto inchado, gritando palavrões a plenos pulmões, acenando com os braços e socando a própria cabeça". Se Mick e Keith haviam amolecido, Ron ainda dava à imprensa o que eles queriam, aparentemente ainda vivendo como um clichê do rock and roll dos anos 1970. No dia 11 de novembro, Jo Wood deu entrada em um pedido de divórcio, alegando que o casamento de 24 anos havia acabado e que ela não toleraria voltar a viver com o marido. O divórcio teria custado 6,5 milhões de libras a Ron.

Nas primeiras horas de 2 de dezembro de 2009, a polícia prendeu Wood depois de ele supostamente ter agredido Ivanova perto do restaurante Bengal Lancer, em Claygate High Street, perto da casa alugada do casal. As alegações eram de que ele havia ameaçado apagar o cigarro no rosto da namorada, tendo-a insultado e em seguida arrastado, enquanto ela parecia "sufocar", em direção a um carro estacionado. Wood passou o resto da noite na delegacia de Staines.

No final, ele foi liberado com um aviso para que o incidente não se repetisse. Ivanova confirmou que havia se "separado com relutância" do homem que agora caracterizava como um "duende maligno [com] bafo de álcool." "No início, era tudo muito excitante", ela anunciou sobre seu relacionamento de 16 meses. "O corpo dele é muito bonito apesar da idade, e ele era muito vigoroso na cama. Mas no final, caiu na rotina, especialmente porque ele estava sempre bêbado. Ele tentava conseguir alguma coisa comigo, mas fedia sempre a rum, o que detesto. Às vezes, eu me deixava levar, mas outras eu o empurrava. Não gostava mais dele." Parece razoável sugerir que, em termos gerais, o caso de Ron e Ekaterina não havia sido um modelo sustentável para uma parceria de longo prazo gratificante para as duas partes.

No inverno de 2009-10, coletiva ou individualmente, os Stones receberam uma série de prêmios pela obra, prêmios que iam de uma condecoração cultural do governo chinês a um gongo da "rodada da honra" em uma rádio britânica, e, o clímax dessa fase em sua carreira, um novo bairro habitacional em Dartford cujas ruas ganharam os nomes de clássicos da banda — Ruby Tuesday Drive, Little Red Walk e Sympathy Street, entre outras. Mick estava no estúdio polindo as fitas de *Exile* enquanto Keith falava em voltar para a estrada. "Talvez busquemos uma forma diferente", ele disse. "Talvez não toquemos mais em estádios. Não podemos usar leggings verde-limão para sempre." Quando um jornal britânico publicou a notícia de que Keith abandonara o consumo de álcool, o guitarrista imediatamente deu um telefonema para esclarecer as coisas. "Os rumores sobre a minha sobriedade foram muito exagerados", ele disse indignado. Já Charlie fez uma série de concertos despretensiosos pela Europa com seu grupo de blues-jazz, The ABC&D of Boogie-Woogie, batizado com as iniciais dos quatro músicos da banda. "Isso é o que realmente quero fazer", Charlie insistia agora. "Honestamente, eu não daria a mínima se os Stones acabassem." Ron Wood não perdeu tempo, e começou a namorar outra russa — Hannah Kamelmacher, de 26 anos — antes de trocá-la pela treinadora de polo

brasileira e aspirante a atriz Ana Araújo, de 30. “Nós dois somos de Gêmeos, e nos damos bem”, comentou Woody. No Rio, o pai da sua namorada, Manuel Pinto, disse aos repórteres que era um grande fã dos Stones e que esperava que os dois se casassem. Aos 57 anos, o senhor Pinto era seis anos mais novo que seu genro em potencial. Em junho de 2010, quando já havia deixado Ana Araújo pela cabeleireira de 24 anos Nicola Sargent, Woody começou a apresentar um programa nas noites de sábado na rádio independente Absolute que foi muito bem recebido. A vida dupla de Ron como uma autoridade idosa do rock e eterno adolescente gerou mais notícias em setembro daquele ano, quando os jornais britânicos publicaram fotos dele, bebida e cigarro na mão, se divertindo com uma moça de biquíni na Espanha. No mesmo mês, ele lançou seu sétimo álbum solo de estúdio, *I Feel Like Playing*, com convidados como Bobby Womack, Billy Gibbons e Slash se divertindo em uma agradável coleção de números de rock, reggae e blues. Embora tenha recebido boas críticas, o álbum nem sequer tocou as paradas de sucesso.

O relançamento de *Exile*, em maio de 2010, se saiu bem melhor, tendo entrado nas paradas do Reino Unido na primeira posição exatamente 38 anos depois de tê-la ocupado pela primeira vez. Algumas das faixas inéditas, como *Plundered My Soul*, foram tratadas pela imprensa especializada e em outras publicações como a descoberta do 11º Mandamento, talvez porque os Stones até então, ao contrário de outras bandas, haviam preferido deixar gravações descartadas e rejeições intrigantes na gaveta. Jagger e Richards promoveram o álbum na mídia e compareceram à pré-estreia do documentário *Stones in Exile* no Museu de Arte Moderna de Nova York. O projeto teve tanto sucesso que os Stones acabaram seguindo o mesmo protocolo com a obra-prima de 1978, *Some Girls*. Keith também revelou que estava só esperando uma resposta de Mick para começar a trabalhar em material novo. “Geralmente, recebo uma ligação dele dizendo ‘Vamos produzir alguma coisa, vamos fazer alguma coisa’, porque se ele realmente não quer, não adianta.”

Em seguida, Jagger participou do Festival de Cinema de Cannes, onde encantou a plateia falando em um francês passável. (Ele sabia dizer “Estão curtindo?” em 17 idiomas.) Mick gostava de estar na mídia, e não precisava

fazer muito esforço para isso. Quando um relações-públicas lhe pediu durante a preparação para uma coletiva de imprensa em Cannes que fosse "monótono, Sir Mick", ele respondeu com honestidade: "Ser monótono é muito difícil para mim." Além de refletir tanto sobre o álbum quanto sobre a música contemporânea, Mick pediu ao governo britânico que legalizasse a cânabis na Ilha de Man, pedindo uma experiência social para ver se isso promoveria a redução da incidência de crimes relacionados às drogas. "Na Inglaterra, eles sempre experimentam novos celulares na Ilha de Man", disse Mick. "Eles têm um público cativo. Assim, acho que vocês deveriam experimentar a legalização das drogas lá e ver o que acontece." As autoridades ainda não decidiram adotar essa proposta tão criativa. No fim do verão, Ron Wood estava presente para receber um prêmio de "Relançamento do Ano" do Rock Clássico por *Exile*, um álbum no qual não tocou. Na época, Keith estava ocupado lendo sua autobiografia e Mick levava o filho de 11 anos, Lucas, aos jogos da Copa Mundial de futebol na África do Sul, onde eles foram acompanhados em várias partidas por Bill Clinton. Ampliando as apostas, Mick variava entre a camisa inglesa, a americana e a brasileira, o que lhe rendeu o título brincalhão de "Anjo da Morte" quando os três países foram eliminados. Havia também quem dissesse na mídia que Clinton era uma "puta dos Stones", e que ele havia "se vendido" por parecer seguir os membros da banda pelo mundo inteiro, "bajulando-os como se fosse uma groupie".

Em maio de 1979, no curso do que se tornara uma longa audiência de divórcio, o juiz da corte superior de Los Angeles Harry Shafer havia dito que Mick era alguém que gozava de um estilo de vida "quintessencialmente peripatético". Era um veredito que continuava acompanhando-o 31 anos depois. Essencialmente, Mick dividia o tempo entre as casas de Londres, do Vale do Loire e de Mustique, embora fizesse excursões frequentes a outros lugares. Além de viagens a lugares como a Mongólia e o Tibete, ele também apreciava as atrações menos exóticas da propriedade da filha Jade, em Ibiza, o retiro do Mediterrâneo onde o mantra era "*No pasa nada*" (Sem problemas), e o adjetivo usado para tudo era "fantástico". O espírito contagiante de liberdade, preguiça e decadência da ilha a tornara o destino escolhido por

hippies dos anos 1960, embora em 2010 ela também fosse o lar do rei deposto da Espanha, de vários sheiks árabes e da modelo Kate Moss, entre outros. Não era obrigatório usar roupa de banho nas praias do resort. Mick às vezes se juntava a Jane na festa de verão que ela dava anualmente para quinhentos convidados na sua luxuosa vila, embora ela depois tenha transferido tanto a família quanto o negócio de design de joias para Nova York, onde podia ser vista em anúncios publicitários de um bloco de "condomínios calmos" chamado "Jade", com preços entre 600 mil e 1,9 milhão de dólares cada. O lar ocasional de Mick em Nova York era a Suíte Real do hotel Carlyle. Ele havia conhecido a suíte quando namorava Jerry Hall no final da década de 1970. Após ter devolvido o filho Lucas em segurança à mãe depois da Copa Mundial, ele passou por Los Angeles, Paris, Dublin — e Luang Prabang, Laos, onde teria passado três semanas em "uma viagem espiritual... Ele jantava na biblioteca do hotel, longe dos hóspedes, e foi apenas para visitar templos e meditar com os monges".

Um ano de introspecção para os Stones, que viu o relançamento tanto de *Exile* quanto do filme clássico de 1974 da banda no palco americano, terminou com a publicação da autobiografia de Keith, *Life*. No final das contas, foi um projeto encantador e de grande sucesso, confirmando que seu autor estava mais preocupado com o quadro geral do que com as minúcias de sua vida e de sua carreira. Entre outros deslizes factuais, Keith errou a data do seu encontro com Mick na estação de Dartford e a data da morte de Bert Richards, confundiu o momento e as circunstâncias da batida policial de 1967 em Redlands, apresentou uma descrição apenas em parte convincente do lar da sua infância e disse ter nascido em Londres. Em certo ponto, Keith relata uma longa e complexa história sobre ter conhecido Tommy James, dos Shondells, na Sunset Strip, em Los Angeles. Ele disse que James estava "tentando distribuir coisas sobre o recrutamento... Obviamente, ele achava que estava prestes a ser convocado. Era a época da Guerra do Vietnã". Keith atribui a esse e a outros encontros o motivo para uma maior conscientização política. Perguntei sobre o incidente a Tommy James. "Nunca aconteceu", ele disse. Embora o livro de Keith tenha dado munição para aqueles que achavam que ele havia perdido a

memória no início da década de 1970, ele é um relato vívido e de uma inocência forjada da sua vida e do que ele viu, tendo merecido vender mais de um milhão de exemplares. Um dos poucos a discordar disso foi Markus Larsson, o crítico musical que havia trocado pontos de vista publicamente com Keith depois de um concerto na Suécia três anos antes. No dia 9 de novembro, Larsson entrevistou o autor no hotel Le Meurice, em Paris. Os detalhes do que se seguiu não são claros devido às versões conflituosas, mas parece quase certo que Larsson se identificou para Keith, e que Keith concluiu a entrevista com "um tapinha de brincadeira" na cabeça do jornalista. A gravação em áudio do incidente captura apenas o som de uma batida, seguido pelo som da porta se fechando com força. O ano chegou ao fim com um debate acalorado sobre a suposta agressão e sobre Mick Jagger ser ou não maldotado, como Keith afirmara.

No dia 13 de fevereiro de 2011, Mick fez uma estreia triunfante no palco da cerimônia do Grammy, no Staples Center, em Los Angeles, em uma homenagem ao falecido Solomon Burke, com *Everybody Needs Somebody to Love*. Os Stones haviam gravado o número no seu segundo álbum, 46 anos antes. Uma banda de apoio com roupas extravagantes se alinhou de uma extremidade à outra do palco, e um coro nos vocais de fundo podia ser visto dançando atrás dele. Antes de começar a cantar a música, Mick ficou de costas para a plateia usando uma capa de veludo que ia até o chão. Depois, ele se virou, abriu a capa e gritou: "Estou tão feliz por estar aqui esta noite! E estou tão feliz por estar na sua cidade maravilhosa!" Era o clássico Jagger. Em um momento no qual os astros de rock modernos em sua maioria se vestem como se trabalhassem no estoque de uma loja de departamentos, vimos Mick mantendo vivo o espírito de James Brown com uma série de saltos dramáticos, rodopiando e deslizando pelo palco, o que para qualquer outro homem de 67 anos teria acabado com uma viagem ao ortopedista.

No mesmo ano, Mick anunciou a formação de um grupo chamado SuperHeavy, composto por mais três vocalistas além dele. A banda, que

também incluía Dave Stewart, Joss Stone e A.R. Rahman, o compositor de trilhas sonoras mais conhecido por *Quem Quer Ser Um Milionário*, fez sua primeira pré-estreia no dia 30 de junho de 2011 no velho Muppet Studio, em Hollywood. Stewart informou à imprensa que fora inspirado pelos "sons místicos da baía" perto da sua casa na Jamaica, e que todos haviam se mostrado entusiasmados pela ideia de fundir esses sons com uma orquestração indiana. Depois, Mick apareceu para a sessão de gravação do compacto da banda, *Satyameva Jayate* (Só a verdade triunfa) com uma guirlanda de flores ao redor do pescoço. Ele cantou a letra da música em sânscrito.

Havia motivos para que ninguém temesse que Keith Richards seguisse o mesmo caminho quando em março de 2011 ele ressuscitou sua banda X-Pensive Winos. O "rock and roll sujo" continuava sendo seu forte, de acordo com o próprio Keith. Ele também voltou a contracenar com Johnny Depp no último filme da saga *Piratas do Caribe*, *Navegando em Águas Misteriosas*. Havia quem dissesse que seu personagem era a coisa mais extravagante do filme, que estreou em maio e recebeu muitas críticas negativas. O trailer de Keith no set do Pinewood Studios seguia o mesmo estilo de mantos tibetanos, caixas de vodca, botas de motociclista gastas, livros, fitas cassete e fumaça de cigarro em que consistira seu hábitat favorito nos últimos quarenta anos. Entre uma tomada e outra, ele de vez em quando cochilava por uma hora, muitas vezes com o violão no colo. Keith estava de bom humor na pré-estreia do filme em Los Angeles. "Nem todos que gostam de filmes de piratas necessariamente gostam de rock 'n' roll, então isso me dá outra chance de me comunicar com as pessoas", ele disse. "Agora, sempre encontro crianças que me chamam de Capitão Teague, e não de Keith Richards. 'Olha o pai de Jack Sparrow!' E isso é demais, cara."

Durante esse período, Mick, Keith e seus colegas colaboraram em uma versão da música de Bob Dylan *Watching the River Flow* como parte de um álbum para a caridade em homenagem a Ian Stewart. Entretanto, a sessão não significou uma reunião dos Stones. De acordo com uma fonte que acompanhou o projeto de perto, "Primeiro, Keith Richards gravou sua parte na guitarra em Nova York. Depois, a fita foi enviada a Mick, que estava na França,

e ele a enviou de volta com uma faixa de vocal e gaita. Charlie e Bill depois acrescentaram suas contribuições em estúdios separados em Londres, e tudo foi mixado por cortesia da FedEx. A banda não se encontrou em nenhum momento."

Como o próprio Stu havia observado: "A maioria das sensações do rock que acontecem da noite para o dia consegue fazer uma cagada majestosa em um dia." Uma semana, eles estão tocando para milhares, ganham um longo artigo na *People* e aparecem na TV cercados por ajudantes e puxa-sacos, são bajulados e tratados como governantes, e na semana seguinte estão fazendo um teste para uma pantomima. Embora os Stones claramente houvessem fugido a esse destino, parece seguro dizer que em 2011-12 até os fãs mais fiéis à banda foram forçados a dizer que sua fase mais criativa havia ficado para trás. Não era apenas que Mick e companhia já estivessem em idade avançada; até mesmo seus filhos já eram adultos de meia-idade. Marlon Richards já tinha 42 anos, um casamento feliz, com o rosto anguloso e o olhar duro do pai, além de uma fazenda perto da de Keith em West Wittering. Embora Marlon não tivesse tido o sucesso que alguns esperavam na década de 1990 como fotógrafo profissional, ele havia se saído muito bem considerando o caos que fora a sua criação. "O que Keith e Anita fizeram de errado?", observou um amigo da família no *Daily Mail*. "Marlon deveria ter acabado completamente perdido, e ele é um cara fabuloso, educado, cavalheiro e inteligente."

Em agosto de 2004, a filha de 19 anos de Keith, Theodora, apareceu com pouca roupa na capa da revista *Nylon* e com o braço ao redor de Elizabeth, a filha de 20 anos de Mick. A pose recriava a mesma que seus pais haviam adotado anos antes para publicações como a *Rolling Stone*. Lizzy Jagger depois agraciaria a edição de junho de 2011 da *Playboy*, um ato de "realização artística" para o qual ela aparentemente usou apenas um par de botas de cano longo e orelhas de coelhinha. A irmã mais nova de Lizzy, Georgia, já havia posado de topless para uma propaganda da companhia de jeans americana Hudson. Ron Wood, por sua vez, anunciou em 2011 que seu filho de 35 anos,

Jesse, baixista de uma banda chamada The Black Swan Effect, havia se internado em uma clínica de reabilitação. Em um exemplo incomum de ligação familiar, eles teriam concluído ao menos um programa de desintoxicação juntos. "Estamos ajudando um ao outro", disse Woody, que já buscara tratamento para a dependência de álcool e drogas sete vezes. Como era de se esperar, Serafina Watts, de 44 anos, era uma mãe irreprochável, enquanto o filho de Bill Wyman, Stephen, agora com 50 anos, havia voltado às boas com o pai após um período de afastamento durante a saga de Patsy e Mandy Smith. Em relação a Mick Taylor, acreditava-se que ele tinha um relacionamento "distante" com as duas filhas. Sabia-se que Brian Jones tinha, no mínimo, seis filhos, todos agora com uma idade que girava em torno dos 50 anos, três dos quais chamados Julian. Entre estes, ao menos um continuava determinado a provar que o pai morrera nas mãos de um pedreiro homicida, e não meramente sucumbira a uma combinação de álcool, soníferos e água quente naquela fatídica noite de verão de 1969.

Outros membros do círculo íntimo e seguidores dos Stones tiveram destinos diferentes ao longo dos anos. Bianca Jagger saiu de um longo período na alta sociedade de Nova York para tornar-se porta-voz em defesa dos direitos humanos cujas causas atuais, de acordo com fontes publicadas, incluem "genocídio, a Guerra do Iraque, a Guerra do Afeganistão, a guerra contra o terror, crimes de guerra contra a humanidade, crimes contra futuras gerações, a antiga Iugoslávia, o Sri Lanka, a América Central, o Irã, o Iraque, a Índia, os direitos da criança e da mulher, os direitos dos povos indígenas, as mudanças climáticas, a floresta atlântica, energia renovável, responsabilidade social corporativa, a erosão das liberdades civis e os direitos humanos, a dívida global e a pena de morte". Quanta diferença em relação aos dias que ela passava dançando no Studio 54. Anita Pallenberg sobreviveu aos anos 1970 e acabou fazendo uma paródia de si mesma como o diabo na série britânica *Absolutely Fabulous*, enquanto Marianne Faithfull interpretou Deus. O amigo de Mick, Donald Cammell, que escreveu e codirigiu *Performance*, se suicidou em abril de 1996, tendo supostamente dado um tiro na cabeça e depois pedido um espelho para poder ver a si mesmo sangrar até morrer. Seu filme contém um

incidente semelhante. Ele tinha 62 anos. O velho colaborador dos Stones Billy Preston morreu em 2006, aos 59 anos, depois de passar anos lutando tanto com a saúde quanto com a homossexualidade reprimida. Um amigo de Keith, o luthier Ted Newman Jones, atualmente cumpre uma sentença de vinte anos em uma prisão do Texas por uma série de acusações relacionadas a drogas e à violação da fiança. Vários membros dos Hell's Angels ocasionalmente ainda aparecem na televisão ou na mídia impressa para ameaçar os Stones com uma dura retribuição por Altamont.

Os pais de todos os membros da banda faleceram. Bill Wyman fez 75 anos em outubro de 2011, e refletiu com satisfação que pelo menos havia saído da banda antes de terem-no expulsado. Mick Taylor, agora com 63 anos, de vez em quando podia ser visto tocando em clubes pequenos, e juntou-se a Bill e Charlie para uma única apresentação dedicada a Ian Stewart em março de 2011. Mick Jagger e Keith Richards não apareceram. Os Glimmer Twins continuavam trocando fitas e ideias para músicas mesmo quando não tinham mais nada em comum. Tom Keylock lembrava-se de Keith certa vez ter dito a Mick ainda nos anos 1960: "Devemos conversar o máximo possível. Quando um de nós morrer, haverá coisas que o outro nunca conseguirá dizer a ninguém mais." A imprensa os comparava cada vez mais a um casal de idosos. Brian Jones estava em Cheltenham, em um monte verdejante com vista para a igreja onde cantara no coro. O velho apartamento de Edith Grove se tornara um refúgio para mulheres espancadas.

Quando Mick Jagger se sentou com Prince Rupert Loewenstein em julho de 1981 para analisar as finanças dos Stones, eles presumiram que a quantia que a banda ganharia com turnês diminuiria gradativamente. Afinal de contas, "algum dia eles não estarão interessados", Mick disse sobre seu público. Mas o declínio esperado nunca veio. Como se houvessem tomado um elevador mágico, a fama e a fortuna de Mick só cresceram, com uma renda anual em direitos autorais e um portfólio saudável composto por propriedades e investimentos em 2012 avaliado em 240 milhões de libras. Alguns

observadores ficavam impressionados; outros, indignados. Mas até os críticos costumavam concordar que Mick era muito mais do que um contador/vocalista que de alguma forma tivera sorte ao longo dos anos. Depois de ter completado 70 anos, ele continuava extremamente criativo — fosse desenvolvendo e produzindo filmes, lendo muito, escrevendo o roteiro de um projeto chamado *Tabloid*, que conta a história de um magnata da mídia semelhante que lembra Rupert Murdoch, falando sobre qualquer tema, desde terrorismo a questões geológicas esotéricas relacionadas à formação das ondas, e aparecendo em vídeos com um terno cor-de-rosa para cantar e dançar seu último compacto. Para alguns, o espírito renascentista da prática de atividades tão variadas foi o que o tornou o indivíduo determinado e incansável que ele é. Como foi escrito em um perfil publicado por uma revista americana: "Quando [Jagger] começa a se sentir agradavelmente relaxado ou satisfeito, um sinal de perigo se acende, vozes internas dizem não, e ele se sente reconvocado à conquista de novos mundos." Ou, como Charlie Watts colocou mais claramente: "As pessoas imaginam que Mick é o cara mais feliz do mundo, e na maior parte do tempo ele não é. Como alguém que convive com ele, eu sei disso."

Que Mick nem sempre esteve tão entusiasmado com o estilo de vida do rock and roll quanto Keith as últimas páginas já mostraram; e a partir da década de 1980 o "Riff Humano" passou a ser retratado como um patife permanentemente bêbado e adorável, enquanto seu velho parceiro desenvolveu uma imagem de impostor inquieto. É claro que esse quadro não é adequado. Embora parecesse tão decaído a ponto de lembrar um cacique dos Índios Pele-vermelha, Keith recusava-se terminantemente a se conformar com os estereótipos do rock and roll. "Sou um personagem muito mais complexo do que as pessoas acham", ele disse no auge da fase de "decadência elegante". "Nem tudo é *ah-har!* e cortar gargantas em becos escuros. Posso preparar uma ótima xícara de chá." Em 2012, o patrimônio de Keith foi estimado em 190 milhões de libras, ou 290 milhões de dólares, dos quais 12 milhões vieram das vendas do seu livro na América do Norte, tornando-o um dos autores vivos mais comercialmente bem-sucedidos. Ele às vezes diz a entrevistadores que, se

tivesse que fazer tudo de novo, abriria mão da guitarra para se tornar um bibliotecário.

Em dezembro de 2011, os Rolling Stones lançaram *Live in Texas*, um filme da banda ao vivo extraído da turnê *Some Girls*, realizada 33 anos antes. À medida que o álbum subia nas paradas, os fãs mais leais do mundo inteiro tornaram-se como os velhos kremlinologistas, usando a internet para analisar minúcias como a organização das fotos no livro de Keith Richards, as postagens online de Mick Jagger e o que Charlie Watts podia ou não ter dito ao entrevistador de um jornal austríaco, entre outros detalhes crípticos, na tentativa de entender o mecanismo interno de uma organização opaca como os Stones — e, mais especificamente, se e quando a banda voltaria a tocar. Uma pista mais substancial veio em um processo aberto em 2011 por Michael Cohl contra a Live Nation, produção que havia deixado em meio a conflitos três anos antes. Em documentos legais, Cohl afirmou que seus ex-chefes haviam tentado "interferir" no relacionamento entre ele e seus amigos Mick, Keith, Charlie e Ron, e roubar "a joia da coroa" de um acordo que ele havia fechado para promover a turnê do aniversário de 50 anos dos Stones. Isso sugeria com muita clareza que haveria uma turnê a ser promovida — embora, para diminuir as expectativas dos fãs, Cohl também dissesse que o conflito com a Live Nation (que o demitiu com uma indenização de 9,8 milhões de dólares) havia "destruído" certas negociações entre ele e os Stones. As esperanças pareciam ter aumentado apenas para serem frustradas logo em seguida. Mas isso não duraria muito tempo. No dia 7 de setembro, os quatro membros da banda apareceram para uma reunião há muito aguardada no escritório da sua companhia Marathon Music, em Londres. Uma multidão de repórteres e paparazzi excitados se acotovelando na porta do prédio perturbou a paz de um saguão de recepção geralmente calmo, com suas mesinhas de centro ornamentadas, cobertas cuidadosamente com exemplares da revista especializada em críquete *The Wisden Cricketer* e da publicação que cobre os prazeres da vida no campo *Country Life*. Assim, os Stones seguem sua vida como pedras rolantes, com alguns de seus membros gozando do seu status e

outros pagando o preço por terem feito parte da maior banda de rock and roll do mundo.

Notas

[1] "Benzinho, você pode dirigir meu carro", provavelmente uma referência à música de 1965 dos Beatles, *Drive My Car*, que usa a expressão como uma forma implícita de se referir a relações sexuais. [*N. da T.*]

[2] Referência à série britânica *Steptoe and Son*, transmitida primeiro de 1962 a 1965, e depois de 1970 a 1974. O tema era o choque entre gerações. Albert Steptoe é o velho pai, rabugento de mente estreita, enquanto o filho, Harold Steptoe, é cheio de aspirações sociais que nunca consegue alcançar. [*N. da T.*]

[3] Alusão ao protagonista do romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde [*N. da T.*]

BIBLIOGRAFIA

Berry, Chuck, *Chuck Berry: The Autobiography* [A autobiografia], Nova York: Harmony, 1987.

Bockris, Victor, *Keith Richards*, Nova York: Poseidon, 1992.

Bonanno, Massimo, *The Rolling Stones Chronicle* [As crônicas dos Rolling Stones], Londres: Plexus, 1990.

Booth, Stanley, *Keith*, Nova York: St Martin's Press, 1995.

—, *The True Adventures of the Rolling Stones* [As verdadeiras aventuras dos Rolling Stones], Nova York: Random House, 1984.

Carr, Roy, *The Rolling Stones, An Illustrated Record* [Os Rolling Stones, um registro ilustrado], Londres: New English Library, 1976.

Charone, Barbara, *Keith Richards*, Londres: Futura Publications, 1979.

Clayson, Alan, *Charlie Watts*, Londres: Sanctuary Publishing, 2004.

Cooper, Michael, com Terry Southern e Keith Richards, *The Early Stones* [Stones: o início], Nova York: Hyperion, 1992.

Dalton, David, *The Rolling Stones*, Nova York: Knopf, 1981.

Davis, Stephen, *Old Gods Almost Dead* [Velhos deuses quase mortos], Nova York: Broadway Books, 2001.

Elliott, Martin, *The Rolling Stones: Complete Recording Sessions 1963—1989* [The Rolling Stones*:* Sessões de gravação completas 1963—1989]*,* Londres: Blandford, 1990.

Faithfull, Marianne, e David Dalton, *Faithfull,* Boston: Little, Brown, 1994.

Flippo, Chet, *On the Road with the Rolling Stones* [Na estrada com os Rolling Stones], Nova York: Doubleday, 1985.

German, Bill, *Under Their Thumb* [Under Their Thumb: Como um Bom Garoto se Misturou aos Rolling Stones, edição brasileira da Nova Fronteira], Nova York: Villard Books, 2009.

Greenfield, Robert, *A Journey Through America with the Rolling Stones* [Uma viagem pela América com os Rolling Stones], Nova York: Dutton, 1974.

—, *Exile on Main Street: A Season in Hell with the Rolling Stones* [Exile on Main Street: Uma Temporada no Inferno com os Rolling Stones, edição brasileira da Zahar], Filadélfia: Da Capo, 2006.

Hall, Jerry com Christopher Hemphill, *Tall Tales* [Contos exagerados], Londres: Elm Tree Books, 1981.

Hector, James, *The Complete Guide to the Music of the Rolling Stones* [O guia completo para a obra musical dos Rolling Stones], Londres: Omnibus Press, 1995.

Hotchner, A.E., *Blown Away: The Rolling Stones and the Death of the Sixties* [Surpreendente: os Rolling Stones e a morte dos anos 1960], Nova York: Simon & Schuster, 1990.

Jackson, Laura, *Brian Jones: Golden Stone* [Brian Jones: Stone dourado], Londres: Smith Gryphon, 1992.

Jasper, Tony, *The Rolling Stones*, Londres: Octopus Books, 1976.
McLagan, Ian, *All the Rage* [Toda a ira], Londres: Sidgwick & Jackson, 1998.
Mankowitz, Gered, *Satisfaction: The Rolling Stones Photographs* [Satisfaction: os Rolling Stones em fotos], Londres: Sidgwick & Jackson, 1984.
Norman, Philip, *The Stones*, Londres: Elm Tree Books, 1984.
Rawlings, Terry, Keith Badman e Andrew Neill, *Good Times Bad Times*, Londres: Complete Music Publications, 1997.
Richards, Keith, *Life* [Vida, edição brasileira da Globo], Nova York: Little, Brown, 2010.
Rolling Stones, The, *A Life on the Road* [Uma vida na estrada], Nova York: The Penguin Group, 1998.
Sanchez, Tony, *Up and Down with the Rolling Stones* [Altos e Baixos com os Rolling Stones], Nova York: William Morrow, 1979.
Sandford, Christopher, *Mick Jagger: Primitive Cool*, Londres: Gollancz, 1993.
—, *Keith Richards: Satisfaction*, Londres: Headline, 2003.
Scaduto, Anthony, *Mick Jagger*, Londres: W.H. Allen, 1974.
Trudeau, Margaret, *Beyond Reason* [Além da razão], Nova York: Paddington Press, 1979.
Warhol, Andy, *The Andy Warhol Diaries* [Diários de Andy Warhol, edição brasileira da L&PM], Nova York: Warner Books, 1989.
Wood, Ron, com Bill German, *The Works* [Obras], Londres: Fontana, 1988.
Wyman, Bill, com Ray Coleman, *Stone Alone* [Um Stone só], Londres: Viking, 1990.

REFERÊNCIAS E NOTAS SOBRE OS CAPÍTULOS

A principal fonte para a vida e a época dos Rolling Stones são as quase quatrocentas músicas compostas e interpretadas ao longo de cinquenta anos. O primeiro objetivo do livro é homenagear a música e os homens responsáveis por elas. Embora não tenha contado com o envolvimento direto dos membros da banda, talvez isso não comprometa a sua fidelidade aos fatos. Quando lemos as reminiscências de 2011 de Mick Jagger sobre a estreia profissional dos Stones — "Éramos apenas eu, Keith, Brian [Jones] e uma banda de apoio. Lembro-me com exatidão. Eu tinha 19 anos. Ricky Fenson no baixo. Carlo Little na bateria e Nicky Hopkins no piano... O show foi incrível. O baterista estava louco e Nicky arrasava no seu piano elétrico, e eu me lembro da multidão enlouquecendo" — percebemos que ele provavelmente está sendo tão influenciado pelos mitos a respeito da banda quanto qualquer outra pessoa.

As notas que se seguem mostram ao menos as entrevistas formais, conversas e/ou outros materiais explorados durante os dois anos de pesquisa para o livro. Agradeço em particular ao agora falecido Tom Keylock e ao também falecido Frank Thorogood, ambos os quais lançaram luz sobre a rotina dos Stones na década de 1960. Além dos listados, também conversei com uma série de pessoas que preferiram não ser citadas. Foram feitos todos os esforços possíveis para convencer do contrário todas as fontes que pediram anonimato — a maioria usou como argumento seu respeito pelos advogados dos Rolling Stones. Sempre que não foi possível citar nomes, usei as palavras "um amigo" ou "um colega". Uma ou duas vezes, também recorri ao recurso do pseudônimo. (O leitor deve ter a certeza de que todo fato citado neste livro foi comprovado com uma fonte, e por razões óbvias corroborados de todas as formas possíveis antes da publicação.) Assim, não pude agradecer à ajuda, ao encorajamento nem à gentileza de várias pessoas — algumas das quais, como elas mesmas dizem, nomes conhecidos.

CAPÍTULO 1

Entre os periódicos consultados estão a *Billboard,* o *Daily Mail, Details,* o *Guardian, Jazz News, Melody Maker, Q,* o *Seattle Times, The Times, The Weekly*, o *Wall Street Journal*. Algumas fontes específicas para as infâncias de Mick Jagger e Keith Richards — como o amigo mútuo Dick Taylor, por exemplo — conversaram comigo na época em que escrevi as biografias de Jagger e Richards, que tiveram sua primeira publicação, respectivamente, em 1993 e em 2003. Entrevistei os falecidos Joe e Eva Jagger em outubro de 1991. Agradeço a Pytor Sachin pelas informações sobre a visita dos Rolling Stones a Moscou em 1998, e a Ron Simms pelas lembranças da Dartford dos anos 1950. Visitei os locais onde cresceram todos os

membros originais dos Stones. Tony Smith, ex-diretor da Dartford Grammar School, que teve a gentileza de colocar os registros da frequência do jovem Mike Jagger à minha disposição. Lembro-me de uma longa conversa com o falecido John Peel, quando ele me falou sobre Brian Jones e o que Brian lhe dissera a respeito de sua infância e educação musical. Tanto a Companies House quanto o UK Family Records Centre forneceram arquivos. As memórias de Keith Richards, *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo], citadas na bibliografia, ainda que ocasionalmente fujam à cronologia correta, são um bom relato do período de 1943-62, tendo tido como base os diários de Keith da época. O falecido Carlo Little não tocou bateria para os Stones na sua estreia no Marquee Club. Por outro lado, forneceu várias histórias divertidas e cheias de carinho da época sobre a banda. Charlie Watts não conversou comigo; certa vez, ele me descreveu como "muito macabro", elogio que não sairia da minha cabeça por anos.

CAPÍTULO 2

No que diz respeito aos eventos de 1943 até o advento da fama, exatamente vinte anos depois, meus agradecimentos aos falecidos Joe e Eva Jagger, bem como à ex-assistente de Mick Jagger, Janice Crotch; a um parente da família Dupree; a uma velha fonte do Livingstone Hospital, Dartford; a ex-integrantes da equipe da Cheltenham Grammar School; e às dúzias daqueles que conversaram comigo entre 2010-11, ou na época que escrevi as biografias de Jagger e Richards, em especial a Bob Beckwith, Alan Deane, Alan Etherington, Alex Gibb, Eileen Giles, aos falecidos Charlie Gillett e Dick Heckstall-Smith, Peter Holland, Paul Jones, Matthew Kite, ao saudoso Carlo Little, Robin Medley, ao também saudoso Yehudi Menuhin, Cecilia Nixon, David Pracy, Chris Rea, Mike Richards, Clive Robson, Walter Stern, Dick Taylor. Conversei com a ex-namorada de Mick Jagger, Chrissie Shrimpton, na época em que escrevi a biografia de Jagger. O *Dartford Chronicle* foi uma mina de informações; uma visita ao UK Family Records Centre representou um ponto final para questões essenciais, como a data de nascimento correta de Bill Wyman. O nº 102 da Edith Grove sofreu grandes melhorias desde seu estado miserável de 1962, mas ainda pode ser reconhecido como o pardieiro outrora alugado pelos Rolling Stones. A banda fez seus primeiros ensaios organizados no no 34 da Alexander Road, Bexleyheath, um local que certamente mereceria uma placa cinquenta anos depois. O velho Crawdaddy Club foi absorvido por um bar. Fontes secundárias incluíram: *Life* [*Vida*], de Keith Richards; *Old Gods Almost Dead* [Velhos deuses quase mortos], de Stephen Davis; *The Stones*, de Philip Norman; *Charlie Watts*, de Alan Clayson; *Stone Alone* [Um Stone só], de Bill Wyman; e minha própria biografia de Jagger, *Mick Jagger: Primitive Cool*.[1] Todas essas obras foram citadas na bibliografia. *Up and Down with the Rolling Stones* [Altos e Baixos com os Rolling Stones], do falecido Tony Sanchez, embora sofra sob o ultraje moral simulado pelo autor, é um bom relato dos primeiros dias da banda. Várias citações de Mick Jagger, tanto do capítulo 2 quanto de outros lugares do livro, vêm da entrevista que ele concedeu à *Rolling Stone* em 14 de dezembro de 1995. Embora Rober Fraser tenha se sentido mais próximo de Paul McCartney no final da vida do que de Mick Jagger ou de Keith Richards, os dois Stones o apoiaram ao longo dos anos.

Outras fontes secundárias incluem o *Chicago Tribune*, o *Daily Mail*, o *Daily Mirror*, *Haagsche Courant, Portsmouth Evening News, Rolling Stone*, *The Times, Wall Street Journal*, o *West London Advertiser*. A Companies House disponibilizou registros da companhia dos Stones, a Nanker Phelge Limited. Mary

Wilson teve a extrema gentileza de disponibilizar suas memórias muito pessoais da importante apresentação dos Stones no TAMI, em outubro de 1964. Devo também agradecer particularmente a Robert Stigwood e à Decca Records pela sua ajuda.

Andrew Loog Oldham respondeu ao meu e-mail.

CAPÍTULO 3

Entrevistas e/ou conversas gravadas, algumas conduzidas na época em que escrevi as biografias de Jagger e Richards, incluem Allan Clarke, Lol Creme, o falecido Adam Faith, Chris Farlowe, Alex Gibb, Nick Gough, Ryan Grice, Jeff Griffin, Debbie Guest, Alan Hazen, o falecido Al Hendrix, David Jacobs, Edith Keep, o falecido Tom Keylock, Cecilia Lewis, o falecido Carlo Little, Gered Mankowitz, Ted Neely, Mike Oldfield, Andy Peebles, Anthony Phillips, o falecido Wilson Pickett, Terry Reid, Mike Richards, Ronnie Schneider, Don Short, Chrissie Shrimpton, Eric Stewart, Robert Stigwood, Carol Ward, Walton Wilkinson. O UK National Archives esclareceu parte do pano de fundo e das consequências imediatas tanto da famosa batida à casa de Keith Richards, Redlands, de fevereiro de 1967, quanto da prisão de Mick Jagger no nº 48 da Cheyne Walk, em maio de 1969. Mais uma vez, agradeço tanto à Companies House quanto ao UK Family Records Centre.

Keith Richards várias vezes já falou, e mais recentemente escreveu, sobre vários episódios dos primeiros anos dos Stones. Talvez pareça presunção apontar que algumas das histórias diferem — por vezes em tom, e mais vezes ainda por completo — dos fatos mais aceitos e das lembranças de outras testemunhas. Para dar um exemplo, Keith fala de modo efusivo do seu primeiro encontro com Muddy Waters, ocorrido no Chess Studios em Chicago em junho de 1964. É justo dizer que várias pessoas muito próximas de Waters, incluindo Marshall Chess, não estão certas em relação aos detalhes da história. Deve-se levar em conta que Chess se lembra de Keith ter bebido uma boa quantidade de uísque no dia histórico em questão.

Entre as fontes escritas estão a *Billboard*, o *Daily Express, Havering Post, Neus Deutschland*, o *News of the World, Nova, Queen*, o *Sydney Morning Herald*, *Time, The Times*, *Variety, Vogue*. Agradeço pela ajuda do Gulf Beach Hotel, de Clearwater, Flórida, onde Keith Richards sonhou com *Satisfaction*, ao Royal Navy Officers Club, de Portsmouth, Reino Unido, e pela disponibilização dos arquivos do *Ed Sullivan Show*, em Nova York. Visitei Redlands.

A citação de Keith Altham, "O Loog estava no meio de uma mudança...", com poucos ajustes para fins de um melhor entendimento, apareceu pela primeira vez no *New Musical Express* de 5 de agosto de 1966; a de Steve Leber's '"Eu trabalhava [para eles] nas turnês..." aparece no livro magistral de Fred Goodwin *The Mansion on the Hill* [A mansão no topo do monte] (Times Books, 1997); a incomparável frase "uma declinação Rimbaudesca do mundo obscuro da sexualidade ilícita" aparece no livro de Stephen Davis, *Old Gods Almost Dead* [Velhos deuses quase mortos]; a citação em que Marianne Faithfull diz que Jagger era "a última pessoa no mundo..." é do livro de A.E. Hotchner *Blown Away: The Rolling Stones and the Death of the Sixties* [Surpreendente: os Rolling Stones e a morte dos anos 1960]; o início da citação "Havia umas vinte pessoas lá..." aparece em *Stone Alone* [Um Stone só], de Bill Wyman.

Não há nenhuma sugestão de que o interesse de Keith Richards por artigos militares da Segunda Guerra Mundial jamais tenha ido além de mera apreciação por um estilo visual — compartilhada por muitas pessoas do mundo inteiro.

Stupid Girl (Jagger-Richards)
© ABKCO Music, Inc

Let's Spend the Night Together (Jagger-Richards)
© ABKCO Music, Inc

CAPÍTULO 4

O período de sorte dos Stones foi lembrado, entre outros, por Dick Allen, Paul Bibire, John Birt, pelos falecidos William Burroughs, Albert Clinton e James Coburn, Terry Clymes, Alan Deane, Judy Flanders, Nick Gough, Jeff Griffin, Tommy James, Joan Keylock, pelos saudosos Tom Keylock e Alexis Korner, Dave Mason, Terry Reid, Don Short, Don Taylor, pelo falecido Frank Thorogood, Johnny Winter, Tony Yeo. Meu agradecimento ao Arquivo Nacional do Reino Unido, ao HM Prison Service e ao FBI — Freedom of Information Division. Devo também agradecer a Noel Chelberg pelas engenhosas desconstruções das músicas dos Rolling Stones, e a David Waldman, ex-legista oficial de East Sussex. Visitei Cotchford Farm.

Fontes secundárias incluem o *Daily Express*, o *Daily Mirror, Life, Melody Maker, Metro*, o *News of the World, Rolling Stone, Sounds*, o *Sunday Telegraph, The Times, Vogue* e, em particular, tanto *The True Adventures of the Rolling Stones* [As verdadeiras aventuras dos Rolling Stones], de Stanley Booth, e *Gimme Shelter* (Home Vision Cinema), de Albert & David Maysles. Minha gratidão a Stanley Booth por ter conversado comigo sobre os Stones.

A citação de Peter Swales que começa com "Brian Jones estava destruído...", aquela em que George Chkiantz diz "Ele espancou Suki logo em seguida..." e a de Christopher Gibbs, "Ela quase morreu lá..." aparecem no livro de Stephen Davis *Old Gods Almost Dead* [Velhos deuses quase mortos]. A citação de Christopher Gibbs "parando em vários albergues ao longo do caminho..." aparece no livro *According to the Rolling Stones* [De acordo com os Rolling Stones]; a citação de Keith Richards que começa com "Eu tomava um barbitúrico para acordar..." foi tirada de seu livro *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo]. A citação de Mick Taylor que começa com "Eu não conseguia acreditar..." foi tirada da entrevista que ele concedeu à *Mojo* em novembro de 1997.

Como dito no texto, não há sugestões de que o falecido Allen Klein ou qualquer representante trabalhando em seu nome tenha agido de forma ilegal ou inapropriada em seu trabalho como empresário dos Stones. A maior reclamação da banda era que os fundos não eram transferidos de Nova York com a rapidez que teriam esperado.

Tampouco há sugestões no livro de que Mick Jagger ou Keith Richards jamais tenham explorado o trabalho de qualquer outro músico, nem mesmo de forma esporádica, e seguindo práticas comuns do trabalho da composição eles aceitavam qualquer ajuda que lhes fosse oferecida sem custos. Os músicos convidados sempre tiveram as devidas taxas pagas integralmente.

Parachute Woman (Jagger-Richards)
© ABKCO Music, Inc

CAPÍTULO 5

Os comentários sobre o exílio dos Stones e sobre *Exile* vêm de, entre outros: Dick Allen, Ross Benson, Paul Bibire, Stanley Booth, Angie Bowie, Vanetta Fields, Judy Flanders, Alex Gibb, Eileen Giles, Jeff Griffin, dos falecidos Al Hendrix, Joe e Eva Jagger, Tom Keylock, Steve Mariott, Phil Kaufman, Dave Mason, Bill Plummer, Terry Reid, Ronnie Schneider, Don Short, Winston Stagers, do saudoso Frank Thorogood, Peter Tork, Bill Truscott, Lisbeth Vogl, Alan Weyer. Também conversei com uma fonte que preferiu não ser mencionada, familiarizada com os arranjos domésticos do refúgio da Riviera de Keith Richards, Nellcote. Agradeço à ajuda do Hotel Byblos e do FBI — Freedom of Information Division, que esclareceram certos aspectos dos problemas que os Stones tiveram com o Departamento de Imigração dos Estados Unidos por volta de 1970-74. Minha gratidão também ao Edgewater Inn, Seattle, e a uma fonte que conheceu o falecido Bill Graham.

A citação que diz que Bill Wyman "simplesmente pedia às mulheres mais atraentes que estivessem jantando..." encontra-se no livro de Robert Greenfield *Exile on Main Street*; as citações de Keith Richards que começam com "No início, pensei que Bianca..." e "Eu era um pouco imprevisível naquela época..." são da sua autobiografia, *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo]; a citação de Tony Sanchez que começa com "Keith e eu levávamos as crianças..." está no livro de Sanchez *Up and Down with the Rolling Stones* [Altos e Baixos com os Rolling Stones]; todos os livros são citados na bibliografia.

Entre as fontes secundárias estão a *Billboard,* o *Daily Mail*, o *Daily Mirror*, *Life, Rolling Stone*, o *Seattle Times, The Times* e o *Toronto Star*. Algumas das citações curtas aqui atribuídas a Keith Richards apareceram pela primeira vez na biografia de Keith por Victor Bockris; os pontos de vista de Keith sobre Mick Taylor encontram-se resumidos no livro dos Rolling Stones *A Life on the Road* [Uma vida na estrada] (Nova York: The Penguin Group, 1998). Também devo dar o devido crédito a *The Early Stones* [Stones: o início], do falecido Michael Cooper, com texto por Terry Southern e comentários de Keith Richards (Nova York: Hyperion, 1992).

Midnight Rambler (Jagger-Richards)
© ABKCO Music, Inc

Casino Boogie (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

Sweet Black Angel (Jagger-Richards)
© EMI Publishing Ltd.

CAPÍTULO 6

Os auges pessoais e criativos dos Stones — e o nadir of *Black and Blue* — foram vividamente esclarecidos por Ross Benson, Stanley Booth, Geoff Bradford, Bebe Buell, pelos falecidos Peter Cook, John Diefenbaker, Alan Deane, Alex Gibb, Nick Gough, Jeff Griffin, Bob Harris, pelo saudoso Furry Lewis, Chris Page, Graham Parker, Don Peltz, Wayne Perkins. Sou particularmente grato ao último. Uma fonte muito familiarizada com as opiniões do falecido Steve McQueen foi quem disponibilizou os pontos de vista de McQueen sobre os Rolling Stones e o furor despertado por *Star Star*.

Fontes secundárias incluem *Billboard, Life, Melody Maker*, o *New York Times, Q, Rolling Stone*, *Variety*, *Vogue*, e praticamente todos os tabloides do Reino Unido e do Canadá que cobrem o período imediatamente anterior e o que se seguiu a 27 de fevereiro de 1977. Por acaso, eu mesmo encontrei Keith Richards na semana anterior à malfadada viagem a Toronto.

Outras fontes publicadas incluem Bebe Buell com Victor Bockris, *Rebel Heart* [Coração rebelde] (Nova York: St Martin's Press, 2001), *Old Gods Almost Dead* [Velhos deuses quase mortos], de Stephen Davis, e *On the Road with the Rolling Stones* [Na estrada com os Rolling Stones], de Chet Flippo.

As citações de Keith Richards que começam com '"Mick Taylor nos deixou sem chão..." e "Preferi não fazer perguntas..." estão em *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo]; a citação de Tony Sanchez que começa com "Assim que a cura se fez..." foi tirada do seu livro *Up and Down with the Rolling Stones* [Altos e Baixos com os Rolling Stones]; a citação de Del Taylor que começa com "A ideia era que o álbum de Alexis..." está em *Alexis Korner: The Biography* [Alexis Korner: A Biografia] (Londres: Bloomsbury, 1996), de Harry Shapiro; a de Anita Pallenberg que diz "Keith se mostrou muito calmo..." aparece no livro de Victor Bockris *Keith Richards*. A citação de Mick Taylor que começa com "Quando eu disse ao escritório que sairia..." foi tirada de uma entrevista para o *Daily Mail* de 13 de setembro de 2009; a de Mackenzie Phillips ("Não havia telefone...") é da edição de *Night and Day* de 7 de outubro de 2001.

Mais uma vez, sou grato ao UK National Archives pelo material sobre as prisões e os julgamentos de Keith Richards durante o período de fevereiro de 1977 a outubro de 1978; ao Gabinete de Relações Públicas do governo canadense; ao FBI — Freedom of Information Division; e ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Time Waits for No One (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

Hot Stuff (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

Hey Negrita (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

Respectable (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

CAPÍTULO 7

Os julgamentos e tribulações dos Rolling Stones, e seu primeiro grande retorno, foram descritos com base nas memórias vívidas de, entre outros: Dick Allen, Tom Andrews, os falecidos Hal Ashby, Peter Cook e Andy Warhol, Paul Bibire, Pete Brown, Alex Gibb, Jeff Griffin, Bob Harris, Roger Hayes, Alan Hazen, Tommy James, Baird Jones, Lenny Kaye, Chris Page, Andy Peebles, Terry Reid, Tim Rice, Don Short. Sou muito grato à fonte do velho hotel Harbour Castle, em Toronto, e ao Departamento de Polícia de Lewisboro, Nova York. O advogado de Keith Richards, Austin Cooper, respondeu com toda a gentileza às perguntas que lhe fiz no intuito de checar alguns fatos.

As fontes escritas incluem a *Billboard, Esquire*, *The Facts*, *Life*, o *Los Angeles Times,* o *New York Post World*, *Q, Seattle Times*, o *Toronto Star*, *The Times*, *Variety, Wall Street Journal*. Mais uma vez, não posso deixar de mencionar o livro de Chet Flippo *On the Road with the Rolling Stones* [Na estrada com os Rolling Stones].

As citações que começam, respectivamente, com "Mick cuidou de mim.." e "adormeci na cabine..." são do livro de Keith Richards *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo]; a citação que começa com "Ele estava lá deitado com umas coisas..." aparece em *Tall Tales* [Contos exagerados], de Jerry Hall com Christopher Hemphill (Londres: Elm Tree Books, 1981).

Assisti a *Green Ice*.

Before They Make Me Run (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

All About You (Jagger-Richards)
© EMI Music Publishing Ltd.

CAPÍTULO 8

As fontes primárias incluem Dick Allen, os falecidos Hal Ashby, Jeffrey Bernard e William Burroughs (16 de fevereiro de 1995), Don Bates, Alex Bennett, Tony Bill, Pete Brown, Jack Bruce, Neil Conti, Alan Deane, Anton Fig, Ryan Grice, Jeff Griffin, Johnny Johnson, Edith Keep, David Kelly, Gered Mankowitz, Nick Miles, Andy Peebles, Terry Reid, Tim Rice, David Sinclair, o falecido Peter Smith, Tony Smith, Don Taylor, Carol Ward, Adele Warlow. Ernie Watts foi um dos que descreveram sua experiência tocando e fazendo turnê com os Stones em 1981-82. O conflito Jagger-Richards de c. 1984-89 foi bem detalhado na *Rolling Stone* e no *USA Today*, entre outros. Também li o *Daily Mirror*, o *New York Times*, o *Seattle Times*, o *Sun, The Times*, o *Toronto Star* e o *Washington Post*. Meus agradecimentos à Força Administrativa de Narcóticos dos Estados Unidos e ao UK Family Records Centre, o último dos quais forneceu detalhes do papel prolífico de Mick Jagger como pai.

As fontes publicadas incluem, particularmente, o livro de Ian McLagan *All the Rage* [Toda a ira], o de Bill German *Under Their Thumb* [Under Their Thumb: Como um Bom Garoto se Misturou aos Rolling Stones, edição brasileira da Nova Fronteira] e o livro dos próprios Rolling Stones *According to the Rolling Stones* [De acordo com os Rolling Stones], todos citados na bibliografia.

A citação de Bill Wyman que começa "Achei impossível..." é do seu livro *Stone Alone* [Um Stone só]; a narrativa de Gered Mankowitz sobre suas conversas com o escritório dos Rolling Stones ("Mick acabou de acordar e está no banho...") foi tirada do seu livro *Satisfaction* [Satisfaction: os Rolling Stones em fotos]; Também tive uma longa conversa com Gered Mankowitz em 1993, para a minha biografia de Jagger.

Sou particularmente grato ao saudoso Cat Sinclair.

CAPÍTULO 9

A ajuda para relembrar os anos de retorno dos Rolling Stones veio de Don Bates, Byron Berline, Alex Bennett, Allan Clarke, Jan Even, Alex Gibb, Nick Gough, Jeff Griffin, Roger Hayes, Lenny Kaye, Edith Keep, Chuck Leavell, Chris Page, Bill Plummer, Terry Reid, Tim Rice, David Sinclair, Dick Taylor, Don Taylor, Charles Vann, Carol Ward, Alan Weyer e dos falecidos William Burroughs, Peter Cook, Joe e Eva

Jagger, Carlo Little, Harold Pinter. Tive um passe "VIP" para shows que os Stones fizeram em Seattle e Vancouver em dezembro de 1994. Minha gratidão à então secretária de Mick Jagger, Janice Crotch, bem como ao A&M Studios, à Companies House e ao hotel Hollywood Roosevelt hotel.

As fontes secundárias incluem a *Billboard, Fortune, Guitar Player, Musician, People, Q, Rolling Stone, Seattle Times*, o *Seattle Weekly*, o *Sunday Times*, *Vanity Fair*, *Variety*, o *Wall Street Journal*.

Os comentários do ex-empresário de Ron Wood apareceram pela primeira vez na edição de 25 de outubro de 2008 do *Daily Mail*. A citação de Keith Richards que começa com "Estávamos nos aproximando do ensaio geral..." e as citações de Don Was que começam com "Havia um impasse..." e "A única vez que um deles..." (a última com um pequeno ajuste tendo em vista maior clareza para o leitor) foram tiradas do livro de Keith Richards *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo]. A citação de Ron Wood que começa com '"Bill disse 'Fodam-se vocês todos...'" foi tirada de *According to the Rolling Stones* [De acordo com os Rolling Stones]. A citação de Bill Wyman que começa com "Ainda não era essa fortuna..." foi tirada de sua entrevista para o *Daily Telegraph* de 10 de janeiro de 2008.

Back to Zero (Jagger-Richards-Leavell)
© Promopub B.V. (PRS)

Had It with You (Jagger-Richards-Wood)
© Promopub B.V. (PRS)

Kow Tow (Jagger-D. Stewart)
© Promopub B.V. (PRS) & BMG Music Ltd/Arista Music, Inc

Let's Work (Jagger-D. Stewart)
© Promopub B.V. (PRS) & BMG Music Ltd/Arista Music, Inc

You Don't Move Me (Richards-S. Jordan)
© Promopub B.V. (PRS)

Wired All Night (Jagger)
© Promotone B.V.

Sweet Thing (Jagger)
© Promotone B.V.

CAPÍTULO 10

Comentários de Byron Berline, Neil Conti, do falecido John Entwistle, Alan Hazen, Tommy James, Edith Keep, do falecido Tom Keylock, Imran Khan, Chris Page, Wayne Perkins, Bill Plummer, Terry Reid, David Sinclair, Carol Ward. Também sou grato a Terry Lambert, Vince Lorimer e aos Villars. Agradeço, particularmente, ao tipo de ajuda concedido pelo ex-funcionário de Keith Richards, Bethany Staelens. O falecido e insubstituível Charlie Gillett relembrou a história sobre sua entrevista com Charlie Watts. Sam Cutler teve a gentileza de responder ao meu e-mail.

As fontes publicadas incluem *Under their Thumb* [Under Their Thumb: Como um Bom Garoto se Misturou aos Rolling Stones, edição brasileira da Nova Fronteira], de Bill German, *Exile on Main Street*, de Robert Greenfield, e *According to the Rolling Stones* [De acordo com os Rolling Stones], dos Rolling Stones; o último é um relato arrebatador em primeira mão da carreira da banda, embora seja prejudicado pelo excesso de incerteza dos autores. As fontes publicadas secundárias incluem a *Billboard, Chicago Tribune*, o *Daily Mail*, o *Independent*, o *Los Angeles Times*, *Sunday Express, The Times, Wall Street Journal, The Weekly*.

A citação que começa com "Houve uma longa pausa..." foi tirada de *Life* [*Vida*, edição brasileira da Globo], de Keith Richards. A citação que começa com '[Keith Richards] coçou a cabeça...", que sofreu um pequeno ajuste tendo em vista maior clareza para o leitor, foi tirada do artigo de Nigel Williamson, "Alive and Kicking" publicado na edição do *Guardian* de 5 de dezembro de 2003; a citação que começa com "Mick é um cara adorável..." é da edição do *Daily Mail* de 28 de janeiro de 2007; a citação sobre Keith Richards "Começar uma música no tom errado..." é da edição da *Rolling Stone* de 17 de outubro de 2002; a citação de Keith Richards que começa com "Não tenho preferência por nenhuma dessas bandas novas de merda..." foi tirada da *New Musical Express*, abril de 2007; a citação de Charlie Watts em que ele insiste em não ter "aquela tal máquina" é da edição da *Details* de março de 2010.

Salt of the Earth (Jagger-Richards)
© ABKCO Music, Inc

You Don't Have to Mean It (Jagger-Richards)
© Promotone B.V.

Nota

[1] *Primitive Cool*, ou algo como “Descolado Primitivo”, foi o segundo álbum solo de Mick Jagger, lançado em 1987. [*N. da T.*]

ÍNDICE REMISSIVO

MJ faz referência a Mick Jagger; BJ, a Brian Jones; KR, a Keith Richards; MT, a Mick Taylor; CW, a Charlie Watts; RW, a Ron Wood; e BW, a Bill Wyman.

"19th Nervous Breakdown"
"2000 Light Years from Home"
9 de Setembro
Accosta, Suzanne
Adderley, Julian
Aerosmith
Aftermath
"Ain't Too Proud to Beg"
Akroyd, Dan
Alemanha
Alfie (filme)
"All About You"
"All Down the Line"
Allen, Woody
Alley, Patrick
"Almost Hear You Sigh"
"Already Over Me"
Altamont Festival
Altham, Keith
"Always Suffering"
Ameriquest
Andrews, Pat
Anger, Kenneth
"Angie"
Annenberg, Walter
"Anyone Seen My Baby"

ApologetiX
Araújo, Ana
Arnold, Pat
“Around and Around”
“As Tears Go By”
Ashby, Hal
Atlantic
Austrália, turnês
Avory, Mick
Azar, Gregorio

“Back of My Hand”
“Back Street Girl”
“Back to Zero”
Badgery, Keith
Bailey, David
Bangs, Lester
Barbados
Barbarella (filme)
Barber, Jim
Bardot, Brigitte
Beach Boys
Bean, George
“Beast of Burden”
Beatles
Beaton, Cecil
Beck, Jeff
Beckwith, Bob
Bedard, Rita
“Before They Make Me Run”
Beggar’s Banquet
Being Mick (documentário para a televisão)
Belushi, John
Bent (filme)
Bergman, Jo
Berime, Byron
Berkowitz, David
Bernard, Jeffrey
Berry, Chuck
Between the Buttons

Bigger Bang, A
Bigger Bang, turnê
Bindon, John
Bing, Steve
"Bitch"
"Bitter Sweet Symphony"
Black and Blue
Black Box, The
Black Crowes
"Black Limousine"
Blackboard Jungle [*Sementes de Violência*] (filme)
Blackbourn, Stan
Blackwell, Chris
Blaine, Hal
Blake, George
Blake, John
Blenheim, Palácio de
Blind Faith
"Blinded by Love"
"Blinded by Rainbows"
Block, Leslie Kenneth
Blondie
"Blue Turns to Grey"
Blues by Six
Bluesbreakers
Bogdanovich, Peter
Bonderman, David
Booth, Stanley
Botham, Ian
Bowie, Angie
Bowie, David
Boyd, Pattie
Bradford, Geoff
Branca, John
Branson, Richard
"Break the Spell"
Breton, Michelle
Bridges to Babylon
"Brown Sugar"
Brown, James
Brown, Mick

Brown, Ollie
Browne, Tara
Brownjohn, Robert
Bruce, Jack
Bruce, Rory Knight
Bruni, Carla
Buell, Bebe
Buffett, Jimmy
Bulgakov, Mikhail
Burke, Solomon
Burroughs, William
Burton, James
Bush, George
Byrds

Cabala
Caine, Michael
Callaghan, Jim
Cammell, Donald
"Can't You Hear Me Knocking"
Cantrell, Scott
Capote, Truman
Carter, Bill
Cashin, Fergus
"Casino Boogie"
CBS
Chandler, Chas
Chaplin, Blondie
Chaplin, Charlie
Chapman, Tony
Charles, Príncipe de Gales
Charlie Watts/Jim Keltner Project, The
Chateau de la Fourchette
Chess, Marshall
China
Chkiantz, George
Churchill, Winston
"Citadel"
Clapton, Eric
Clark, Ossie

Clarke, Allan
"Claudine"
Cliff, Jimmy
Clifford, Matt
Cliftons
Clinton, Albert
Clinton, Bill
Clinton, Hillary
Cobain, Kurt
Coburn, James
Cocksucker Blues (documentário)
"Cocksucker Blues"
Cohl, Michael
Coleman, Syd
Columbia Records
"Come On"
Concerto para Nova York
concertos beneficentes
Conran, Terence
Conti, Neil
"Continental Drift"
Cooder, Ry
Cook, Peter
Cooke, Sam
"Cool, Calm and Collected"
Cooper, Austin
Cooper, Michael
Copeland, Stewart
Corr, Andrea
Cotchford Farm
"Country Honk"
Cowan, Nick
Crawdaddy Club
Crickets
Crosby, David
Crosby, Stills and Nash
Crow, Sheryl
Cutler, Sam

Dahl, Sophie

Daltrey, Roger
“Dance”
“Dandelion”
Darin, Bobby
Dartford
Dartford Grammar School
Dartford Tech
Davies, Cyril
Davis, Sammy, Jr.
DC-7 (Lapping Tongue)
de Cadenet, Amanda
de Rola, Stanislas Klossowski (Stash)
Decca
December’s Children
Delon, Nathalie
Depp, Johnny
Dia Nacional da Música
Diamond Dogs
Dickinson, Jim
Diddley, Bo
Dirty Work
Dixon, Deborah
“Don’t Stop”
“Don’t Tear Me Up”
Donegan, Lonnie
Dorsey, Mike
Douglas-Home, Alec
“Down in the Hole”
Downe House
Driberg, Tom
Dunaway, Faye
Dunbar, John
Dunbar, Nicholas
Dunbar, Sly
Dunn, Alan
Dunn, Olivia
Dupree, Champion Jack
Dupree, Gus
Dust Brothers
Dyckerman, Andy
Dyer, Jack

Dylan, Bob

Easton, Eric
Edith Grove, World's End
Edmonds, Kenny
EMI
Emotional Rescue
End, The
Enigma (filme)
Epstein, Brian
Ertegun, Ahmet
Estados Unidos, turnês (1964) (1965) (1966) (1969) (1972) (1975) (1978) (1981) (1989) (1994) (1997) (1999) (2002) (2005 2006)
Estevez, Emilio
estúdio de gravação móvel
Eurythmics
Event Transportation Systems (ETS)
Everly Brothers
"Everybody Needs Somebody to Love"
Exile on Main Street

Faces
"Factory Girl"
Faithfull, Marianne
  aborto
  anos turbulentos
  atriz
  autobiografia
  câncer
  cantora
  drogas
  KR, relacionamento com
  MJ, relacionamento
  overdose de drogas
  Redlands, batida em busca de drogas
"Far Away Eyes"
Farrow, Mia
Favie, Johannes
Ferry, Brian

Fields, Vanetta
Fig, Anton
“Fight”
“Fingerprint File”
Finlândia
Fisher, Mark
Fitzcarraldo (filme)
Flamingo Club
Flashpoint
“Flight 505”
“Flip the Switch”
Flood, Anthony
Flowers
“Fool to Cry”
Forty Licks
Fox, James
Frampton, Peter
Frank, Robert
Franklin, Aretha
Fraser, Robert
Freejack (filme)

Gabor, Zsa Zsa
Gabriel, Peter
Gallagher, Rory
Gaye, Marvin
Gedding Hall
Gere, Richard
Gerulaitis, Vitas
“Get Off of My Cloud”
Get Yet Ya-Ya’s Out!
Getty, John Paul, Jr.
Gibbons, Billy
Gibbs, Christopher
Giles, Eileen
Gill, Tony
Gimme Shelter (filme)
“Gimme Shelter”
Gimme Some Neck
Glimmer Twins

Glitter, Gary
Goats Head Soup
Godard, Jean-Luc
Goddess in the Doorway
“Goin’ Home”
Gomelsky, Giorgio
“Gomper”
“Good Time Woman”
Got Live If You Want It
“Gotta Get Away”
Gough, Nick
Grã-Bretanha do pós-guerra
Grã-Bretanha no início dos anos 1960
Grã-Bretanha, turnês (1963) (1964) (1965) (1966) (1971) (2006)
Graham, Bill
Grateful Dead
Grech, Ric
Grécia
Greenfield, Robert
Griffin, Jeff
Griswold, Erwin N.
“Grown Up Wrong”
Gruber, Mike
Guerra do Vietnã
Guinness, Jonathan
Gun
Guns N’ Roses
Gysin, Brion

Hackford, Taylor
“Had It with You”
Hail! Hail! Rock ’n’ Roll (filme)
Haley, Bill
Haley, Ted
Hall, Jerry
Hammer, Jan
Hancock, Herbie
Hansen, Alfred
Hansen, Patti *vide* Richards, Patti
“Happy”

"Harlem Shuffle"
Harris, Bob
Harrison, George
Harrison, Pattie
Harrow, Escola de Arte de
Hattrell, Dick
"Have You Seen Your Mother Baby?"
Havel, Václav
Havers, Michael
Hawkins, Coleman
"Heart of Stone"
Heckstall-Smith, Dick
Hefner, Hugh
Hell's Angels
Hendrix, Jimi
Henry, doutor Lenny
Herman's Hermits
Herzog, Werner
"Hey Negrita"
"High and Dry"
High Tide and Green Grass
"Highwire"
Hilfiger, Tommy
Hoffman, Abbie
Hoffman, Albert
Holanda
Holland, Peter
Holly, Buddy
"Honky Tonk Women"
Hopkins, Anthony
Hopkins, Nicky
"Hot Stuff"
"How Can I Stop"
Howlin' Wolf
Huckabee, Mike
Hucknall, Mick
Hunt, Marsha
Hunter, Meredith
Hyde Park, concerto

"I am Waiting"
"I Can't Be Satisfied"
I Feel Like Playing
"I Got You Babe"
"I Just Wanna Make Love to You"
"I Wanna Be Your Man"
"I'm Going Down"
"I'm Movin' On"
I've Got My Own Album to Do
"If You Can't Rock Me"
"If You Really Want to Be My Friend"
Ilha de Wight, festival
"In Another Land"
Índia
"Infamy"
inspiração
Instituto para os Cegos do Canadá
Island Records
"It Must be Hell"
"It's All Over Now"
"It's Only Rock 'n Roll (But I Like It)"
It's Only Rock 'n Roll
Ivanova, Ekaterina

Jackson Brothers
Jackson, Jesse
Jackson, Michael
Jagged Films
Jagger, Bianca
Jagger, Chris
Jagger, Elizabeth
Jagger, Eva
Jagger, Gabriel
Jagger, Georgia
Jagger, Jade
Jagger, James
Jagger, Joe
Jagger, Lucas
Jagger, Mick,
  administração dos Rolling Stones

álbuns solo e projetos paralelos
ator
botão fálico de Jagger
“Brenda”
Budismo
carros
casamentos *vide* Hall, Jerry; Jagger, Bianca
Chateau de la Fourchette
Cheyne Walk, casa
cilindro de oxigênio, uso de
círculo social
complexidade da personalidade
condecorado cavaleiro
conhece BJ
conquistador
criação
divórcios
drogas
drogas, casos relacionados a
e a morte de BJ
e Altamont
e Bebe Buell
e Bianca Jagger *vide* Jagger, Bianca
e Carla Bruni
e Chrissie Shrimpton
e Jerry Hall *vide* Hall, Jerry
e L’Wren Scott
e Linda Ronstadt
e Luciana Gimenez
e Marianne Faithfull *vide* Faithfull, Marianne
e Marsha Hunt
e o terremoto da Nicarágua
Edith Grove, estilo de vida
exílio fiscal
fã de críquete
filhos
fortuna particular
imagem pública
infância e juventude
Jagger-Richards, parceria de composição
Jagger-Richards, relacionamento

Live Aid
memórias
multa por danos morais
no LSE
parcimônia
Performance
performance
política
ponto de vista negativo sobre Klein
primeira apresentação
prisão
processo por plágio
propriedades
Redlands, prisão por posse de drogas
rivalidade com BJ
sobre a morte de Cobain
sobre BJ
sobre MT
sotaque cockney falso
Stargroves
tino para os negócios
Jajouka
Jamaica
James, Elmore
James, Etta
James, Tommy
Jamming with Edward
Japão
Jefferson Airplane
Jethro Tull
"Jiving Sister Fanny"
John, Elton
Johns, Glyn
Johnson, Johnnie
Johnson, Robert
Jones, Brian
acordo financeiro
administração dos Rolling Stones
afastamento da banda
aparência
asmático

autoconfiança
carros
complexidade da personalidade
composição
conquistador
Cotchford Farm
Courtfield Road
criação
demitido dos Stones
deterioração física
drogas
drogas, casos relacionados a
e Anita Pallenberg *vide* Pallenberg, Anita
e dinheiro
e Linda Keith
e Suki Potier
e World Music
Edith Grove, estilo de vida
filhos
formação dos Rolling Stones
hospitalizado
infância e juventude
Marrocos, viagem ao
morte e funeral
multa por danos morais
neuroses
prevê morte
primeira apresentação
processos de reconhecimento de paternidade
projetos paralelos
reabilitação
rivalidade com MJ
sadismo e violência
sobre Oldham
talento musical
tratamento psiquiátrico
travestido
última apresentação ao vivo
Jones, Darryl
Jones, Glyn
Jones, Julian

Jones, Julian Mark
Jones, Kenney
Jones, Lewis
Jones, Louisa
Jones, Paul
Jones, Ted Newman
Jones, Tom
Juke Box Jury
Jump Back
"Jumpin' Jack Flash"
"Just Another Night"
"Just Wanna See His Face"

Kamelmacher, Hannah
Katchen, Julius
Kaufman, Murray
Kaufman, Phil
Kaye, Lenny
Keeley, Charles
Keith, Linda
Kent, Nick
Keylock, Tom
  deixa a equipe
  morte
  sobre BJ
  sobre BW
  sobre KR
  sobre MJ
  sobre MT
  sobre Oldham
Keys, Bobby
Kimsey, Chris
King, B. B.
King, Tony
Kinney Group
Klein, Allen
Knebworth, Festival de
Korner, Alexis
"Kow Tow"
Kramer, Nicky

Ku Klux Klan

"Lady Jane"
Lane, Ronnie
lang, k.d.
"Lantern, The"
Larsson, Markus
"Last Time, The"
Lawrence, Linda
Lawson, Janet
Le Pec Varp
Leavell, Chuck
Leber, Steve
LeBrock, Kelly
Lecuona, Ernesto
Led Zeppelin
Lennon, John
Let It Bleed
"Let It Bleed"
"Let It Loose"
Let's Spend the Night Together (filme da banda ao vivo)
"Let's Spend the Night Together"
"Let's Work"
Lewis, Furry
Lewis, Sir Edward
Lichfield, Lord
Lindsay-Hogg, Michael
Linnear, Claudia
"Little Red Rooster"
Little Richard
"Little T&A"
Little, Carlo
Litvinoff, David
Live Aid
Live and Eclectic
Live in Texas
Live Nation
"Live with Me"
Lloyd Webber, Andrew
Locke, Albert

Loewenstein, Prince Rupert
logotipo da língua
London Records
Loss, Joe
“Love in Vain”
“Love Is Strong”
Love You Live
Lucas, George
Luigi (caseiro de KR)
Lundstrom, Astrid
“Luxury”

Macmillan, Harold
Made in the Shade
Madonna
Magee, “Chuch”
Main Offender
Malakpour, Maryam
Mandel, Harvey
Mankowitz, Gered
Mansfield, John
Margaret, princesa
Marks, Emeretta
Marquee Club
Marriott, Steve
Martin, Dean
Martin, George
Mason, Dave
Materazzi, Marco
Mayall, John
McCartney, Linda
McCartney, Paul
McEnroe, John
McLagan, Ian
McQueen, Steve
“Melody”
“Memory Hotel”
merchandising
Metamorphosis
Michaels, Lorne

Mick Jagger Centre, Dartford
Microsoft
“Midnight Rambler”
Miller, Jimmy
Mindless Records
“Miss You”
Mitchell, Mitch
“Mixed Emotions”
Modeliste, Ziggy
Molloy, Dawn
Monkey Grip
“Monkey Man”
Moon, Keith
“Moonlight Mile”
Morad, Luciana
Moroder, Giorgio
Morris, Michael
“Mother’s Little Helper”
Mulheres, As (filme)
Murray, Charles Shaar
Murray, Pete
Mustique

Nabokov, Vladimir
Nanker Phelge
Nanker Phelge Music USA
NBC
Ned Kelly
Neumann, Vanessa
New Barbarians
Newton, Helmut
Nicarágua, terremoto
Nilsson, Harry
Nitzsche, Jack
Nixon, Cecilia
Nixon, Richard
“No Expectations”
No Security
Noone, Peter
Norman, Philip

Noruega
"Not Fade Away"
Not for Beginners
Nutting, Sir Anthony

Obermaier, Uschi
"Off the Hook"
"Old Habits Die Hard"
Oldham, Andrew Loog
Onassis, Jackie
"One Hit"
Ono, Yoko
Orbison, Roy
Osborne, John
Out Of Our Heads
"Out of Time"
Ovenden, Paul

Page, Jimmy
"Pain in My Heart"
"Paint It, Black"
Pallenberg, Anita
  alcoolismo
  atriz
  Bianca, hostilidade
  BJ, relacionamento com
  drogas
  e a morte de Scott Cantrell
  e a morte do filho
  filhos
  KR, relacionamento com
  Performance
Palmer, Robert
Palmer, Sir Mark
"Parachute Woman"
Parker, Charlie
Parker, Juiz Hubert Lister
Parsons, Gram
Pasche, John

Pathé-Marconi, estúdios, Paris
Peebles, Andy
Peellaert, Guy
Pendleton, Harold
People Band
Pepsi-Cola
Performance
Perkins, Wayne
Perrin, Les
Perrine, Valerie
Phelge, Jimmy
Phillips, John
Phillips, Mackenzie
Phillips, Simon
"Play with Fire"
"Please Go Home"
Plummer, Bill
"Plundered My Soul"
"Poison Ivy"
Polanski, Roman
Police
Polônia
Ponti, Carlo
Pop, Iggy
Posta, Adrienne
Potier, Suki
Presley, Elvis
Preston, Billy
"Pretty Beat Up"
Pretty Things
Price, Jim
Primitive Cool
Prince
Prince's Trust, concerto
Proby, PJ.
"Prodigal Son"

Quant, Mary

Radle, Carl
Radziwill, princesa Lee
Rahman, A.R.
Ramrods
Rarities
Ravenstein, Apollonia von
Rawlinson, Peter
Ready Steady Go!
Rebennack, Mac
Redding, Noel
Redding, Otis
Redgrave, Vanessa
Redlands
  batida em busca de drogas
  incêndio
Reed, Jimmy
Rees-Mogg, William
Reg the Butcher
Reid, Terry
Renton, Tim
"Respectable"
Rewind
Rhythm Kings
Rice Krispies, jingle
Richard, Cliff
Richards, Alexandra
Richards, Angela (Dandelion)
Richards, Bert
Richards, Doris
Richards, Keith
  acidentes de carro
  álbuns solo e projetos paralelos
  alcoolismo
  apartamento de Paris
  apartamento de St. John's Wood flat
  armas de fogo e facas
  autobiografia
  banido de companhia aérea
  carros
  casamento
  casamento de MJ

charme
Cheyne Walk, casa
conhece BJ
Connecticut, casa
conquistador
criação
Dean Martin, persona
drogas
drogas, casos relacionados a
e a morte de BJ
e a morte do filho
e Altamont
e Anita Pallenberg *vide* Pallenberg, Anita
e Lil Wergilis
e Linda Keith
e Marianne Faithfull
e Uschi Obermaier
Edith Grove, estilo de vida
eletrocutado
exílio fiscal
filhos
fortuna particular
hemodiálise
infância e juventude
Jagger-Richards parceria de composição
Jagger-Richards, relacionamento
Jamaica, casa
Live Aid
Marrocos, viagem ao
mudança de nome
Piratas do Caribe
piromania
primeira apresentação
prisão
queda de árvore
reabilitação
Redlands
Redlands, batida em busca de drogas
Riff Humano
Riviera
rumor sobre ter cheirado as cinzas de Bert

sobre as turnês
sobre Bianca
sobre BJ
sobre BW
sobre CW
sobre Jimmy Miller
sobre MJ ter sido condecorado cavaleiro
sobre MT
sobre o cenário musical atual
sobre primeiro encontro com Muddy Waters
técnica de guitarra
uniformes nazistas
vide também Richards, Patti
Richards, Marlon
Richards, Patti
Richards, Tara
Richards, Theodora
Richardson, Gina
Richardson, Tony
Ricky Tick Club
"Rip this Joint"
Robinson, Smokey
Robson, Clive
Rock Around the Clock [*Ao Balanço das Horas*] (filme)
Rocket
"Rocks Off"
Roeg, Nic
Rolling Stone Monthly
Rolling Stone, revista
Rolling Stones No. 2, The
Rolling Stones Records
Rolling Stones Rock and Roll Circus
Rolling Stones, Now!, The
Rolling Stones,
Altamont Festival
apatia política
arquivos do FBI
assinam com a Decca
assinam com Branson
banidos de companhias aéreas
círculo

conflito legal com Klein
desintegração
duração
e os Beatles
entrada proibida em determinados países
estreia na televisão
exílio fiscal
formação
foto travestidos
logotipo da língua
nome
primeira apresentação
primeira demo
primeiras apresentações
primeiro álbum
primeiro compacto
problemas fiscais
renda e finanças
reunião
Rock and Roll Hall of Fame
Rollins, Sonny
Ronson, Mick
Ronstadt, Linda
Rose, Jane
Ross, Michael
"Route 66"
Rowe, Dick
RSO
Rubin, Rick
"Ruby Tuesday"
Rudge, Peter
Russo, Rene
Ryle, John

Saber, Danny
"Sad Sad Sad"
"Saint of Me"
"Salt of the Earth"
Sanchez, Tony
Santana, Carlos

Sarandon, Susan
Sargent, Nicola
Sarli, Jeff
“Satisfaction”
“Satisfaction”, versão jingle
Schatzberg, Jerry
Schifano, Mario
Schlöndorff, Volker
Schneider, Ronnie
Schneidermann, David
Schulman, Mo
Schwarzenegger, Arnold
Scialfa, Patti
Scorsese, Martin
Scott, L’Wren
Seeff, Norman
Segunda Guerra Mundial
Sergeant Pepper
Sessler, Fred
“Sex Drive”
Shadows
“Shattered”
Shawcross, Hartley
“She Smiled Sweetly”
“She Was Hot”
“She’s a Rainbow”
“She’s So Cold”
She’s the Boss
Shidoobees
Shine a Light (documentário com concerto)
“Shine a Light”
Shrimpton, Chrissie
Sidcup Trio
Simms, Ron
Simon, Paul
Simpsons, The
Sinatra, Frank
“Sister Morphine”
skiffle
Skrimshire, Neville
Slash

“Slave”
“Sleep Tonight”
Slide on This
Small Faces
Smith, Delia
Smith, Elsa
Smith, Kathy
Smith, Mandy
Smith, Nicola
Smith, Patsy
Smith, Peter
sobre a batida em busca de drogas de Redlands
Some Girls
“Something Happened to Me Yesterday”
“Soul Survivor”
“Sparks Will Fly”
Spector, Ronnie
Spedding, Chris
Spencer Davis Group
Spittal, Helen
Springsteen, Bruce
Staelens, Bethany
“Star Star”
Stargroves
Starr, Ringo
“Start Me Up”
Steel Wheels
Stephen, John
Stern, Walter
Stewart, Dave
Stewart, Ian
    demitido
    e Altamont
    entra para os Stones
    homenagens da banda a
    morte
    primeira apresentação
    roadie
    Rocket 88
    sobre “Satisfaction”
    sobre as tensões nos Stones

sobre BJ
sobre BW
sobre CW
sobre KR
sobre MJ
sobre o estilo de vida do rock 'n' roll
sobre Oldham
sobre Prince
sobre RW
volta a tocar com os Stones
Stewart, Rod
Sticky Fingers
Stigwood, Robert
Still Life
Stills, Stephen
Sting
Stone Alone
Stone, Joss
Stones in Exile, documentário
Stoppard, Tom
"Stray Cat Blues"
"Street Fighting Man"
"Streets of Love"
Stripped
Studio
Sullivan, Ed
Sumlin, Hubert
Summers, Andy
Sunday Night at the London Palladium
SuperHeavy
Supremes
Swales, Peter
"Sway"
"Sweet Neo Con"
"Sweet Thing"
"Sweet Virginia"
Swinging London
Sylvester, Cleo
"Sympathy for the Devil"

Taj Mahal
Talk Is Cheap
"Talkin' 'Bout You"
Tate, Sharon
Tattoo You
Taylor, Del
Taylor, Dick
Taylor, Mick
  composições
  deixa os Stones
  desilusão
  drogas
  entra para os Stones
  exílio fiscal
  membro assalariado da banda
  pós-Stones
  primeira apresentação ao vivo com os Stones
  reuniões com a banda
"Tell Me"
Temple, Julien
Temptations
"Terrifying"
Thank Your Lucky Stars
The Essential Crossexion
The Rolling Stones (álbum)
Their Satanic Majesties Request
"Thief in the Night"
Thompson, Hunter S.
Thomson, Dave
Thorn EMI
Thorogood, Frank
Thorogood, George
Through the Past, Darkly
"Throwaway"
"Thru And Thru"
Thurman, Uma
"Tide Is High, The"
"Time Is on My Side"
"Time Waits for No One"
Today's Pop Symphony
"Too Much Blood"

"Too Tough"
Top of the Pops,
"Tops"
Tork, Peter
Tosh, Peter
Townshend, Pete
Traffic
Trowbridge, Fred
Trudeau, Margaret
Trudeau, Pierre
Trump, Donald
"Tumbling Dice"
"Turd on the Run"
Turner, Ike
Turner, Tina
Twisted Sister
Tyler, Liv
Tyler, Steven

"Under My Thumb"
Undercover
União Soviética
Urban Jungle

Vann, Charles
Vaughan, Stevie Ray
"Ventilator Blues"
Verão do Amor
Verve
Vicuna, Victoria
Vidal, Gore
vide também Faces
vide também Jagger, Mick; Richards, Keith
Villa Nellcote
Vinton, Bobby
Virgin Music
Voodoo Lounge

Wachtel, Waddy
Waite, Genevieve
“Waiting on a Friend”
Waits, Tom
Walker Brothers
Wandering Spirit
“Wanna Hold You”
“War Baby”
Warhol, Andy
Was, Don
Wasserman, Paul
“Watching the River Flow”
Waters, Muddy
Watts, Charlie pai
Watts, Charlie,
álbuns solo e projetos paralelos
álcool e drogas
ameaça deixar a banda
brigas com Jagger
casamento
e a morte de BJ
e Altamont
entra para os Stones
exílio fiscal
fazenda de criação de cavalos
infância e juventude
jazz
mansão de Sussex
processo de reconhecimento de paternidade
sobre MJ
tratamento de câncer
vê os Stones pela primeira vez
vida familiar
Watts, Ernie
Watts, Lilian
Watts, Serafina
Watts, Shirley
“We Love You”
Webb, Pete
Weber, Puss
Weber, Tommy

Weinstock, Samuel
Wergilis, Lil
"Where the Boys Go"
White, Kevin
Whitehouse, Mary
Whiting, James
"Who Breaks a Butterfly" [Aquele que Destrói Uma Borboleta], editorial do *Times*
Who, The
Wick
"Wild Horses"
Wilkinson, Walton
Williams, Tennessee
Williamson, Nigel
Williamson, Sonny Boy
Willie and the Poor Boys
Willis, Bruce
Wilson, Devon
Wilson, Mary
Wimbish, Doug
Winehouse, Amy
Wingless Angels
"Winning Ugly"
Winter, Johnny
"Winter"
Winwood, Steve
Wohlin, Anna
Wolfe, Tom
Womack, Bobby
Wonder, Stevie
Wood, Archie
Wood, Art
Wood, Jesse
Wood, Jo
Wood, Krissy
Wood, Leah
Wood, Ron
  acidente de carro
  álbuns solo e projetos paralelos
  alcoolismo
  arte
  autobiografia

casamentos *vide* Wood, Jo; Wood, Krissy
desintoxicação
divórcio
drogas
e Ekaterina Ivanova
e Margaret Trudeau
entra para os Stones
filhos
infância e juventude
Live Aid
membro assalariado da banda
propriedade na Irlanda
suspeita de câncer
torna-se membro com participação nos lucros da banda
Wood, Tyrone
Woodstock
Wyman, Bill
álbuns solo e projetos paralelos
ameaça deixar a banda
carreira pós-Stones
casamentos *vide* Accosta, Suzanne; Smith, Mandy; Wyman, Diane
conquistador
deixa os Stones
divórcios
e "Jumpin' Jack Flash"
e Altamont
e Astrid Lundstrom
entra para os Stones
exílio fiscal
frustrações financeiras
Gedding Hall
hobby como fotógrafo
infância e juventude
memórias
multa por danos morais
relacionamento com MJ
Rhythm Kings
sobre BJ
sobre drogas
sobre Klein
sobre tensões entre MJ e KR

Sticky Fingers, restaurante
última apresentação com os Stones
vídeo autobiográfico
Wyman, Diane
Wyman, Stephen

X-Pensive Winos

Yardbirds
Yeltsin, Boris
Yetnikoff, Walter
“You Can’t Always Get What You Want”
“You Don’t Have to Mean It”
“You Don’t Move Me”
“You Got the Silver”
“You Gotta Move”
Young, Neil

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Rolling Stones

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/402875-the-rolling-stones